

DOSSIÊ HISTÓRIA DO ESPORTE



CADERNOS DE HISTÓRIA



CADERNOS DE HISTÓRIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler:	Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor:	Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Assessor Especial da Reitoria:	José Tarcísio Amorim
Chefe de Gabinete do Reitor:	Paulo Roberto de Souza
Pró-Reitores:	Extensão – Wanderley Chieppe Felipe; Gestão Financeira – Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; Graduação – Maria Inês Martins; Logística e Infraestrutura – Rômulo Albertini Rigueira; Pesquisa e Pós-Graduação – Sérgio de Moraes Hanriot; Recursos Humanos – Sérgio Silveira Martins; Arcos – Jorge Sundermann; Barreiro – Renato Moreira Hadad; Betim – Eugenio Batista Leite; Contagem – Robson dos Santos Marques; Poços de Caldas – Iran Calixto Abrão; São Gabriel – Miguel Alonso de Gouvêa Valle; Guanhães e Serro – Ronaldo Rajão Santiago
Secretário de Comunicação:	Mozahir Salomão Bruck
Secretário-Geral:	Ronaldo Rajão Santiago
Secretária de Cultura e Assuntos Comunitários:	Maria Beatriz Rocha Cardoso
Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Institucional:	Carlos Barreto Ribas
Diretora do Instituto de Ciências Humanas:	Carla Ferretti Santiago
Chefe do Departamento de História:	Jacyra Antunes Parreira
Diretor do Centro de Memória e de Pesquisa Histórica:	Caio César Boschi

EDITORA PUC MINAS

Conselho Editorial:	Edil Carvalho Guedes Filho; Eliane Scheid Gazire; Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros; Flávio de Jesus Resende; Javier Alberto Vadell; Jean Richard Lopes; Leonardo César Souza Ramos; Lucas de Alvarenga Gontijo; Luciana Lemos de Azevedo; Márcia Stengel; Mariana Teixeira de Carvalho Moura Meire Chucre Tannure Martins; Mozahir Salomão Bruck; Pedro Paiva Brito; Sérgio de Moraes Hanriot
Núcleo de apoio aos periódicos (NAP):	Alda Verônica G. de Miranda; Javier Alberto Vadell; Raquel Beatriz Junqueira Guimarães, Rodrigo Baroni de Carvalho; Terezinha Taborda Moreira
Diretora:	Mariana Teixeira de Carvalho Moura
Capa e diagramação:	Anderson Luiz Barbosa Araújo
Imagem da capa:	Composição autoral.

CMPH – CENTRO DE MEMÓRIA E DE PESQUISA HISTÓRICA DA PUC MINAS • Av. Dom José Gaspar, 500, Prédio 26, subsolo da Biblioteca Pe. Alberto Antoniazzi • 30535-901 Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil • Tel.: (31) 3319-4383 • E-mail: centrodememoria@pucminas.br ou cpesquisahist@pucminas.br.

EDITORA PUC MINAS – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais • Rua Dom Lúcio Antunes, 180, Coração Eucarístico • 30535-490 • Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil • Tel.: (31) 3319-9904 Fax: (31) 3319-9907 • E-mail: editora@pucminas.br.

ISSN-e: 2237-8871 (OJS)

CADERNOS DE HISTÓRIA

Revista do Departamento de História da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Dossiê História do Esporte

Sílvia Maria Amâncio Rachi Vartuli
Editora Chefe

Euclides de Freitas Couto
Organizador do Dossiê



II ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIADORES DO ESPORTE



Cadernos de História é uma publicação semestral do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Centro de Memória e de Pesquisa História da PUC Minas.

Conselho Editorial

Editora gerente: Sílvia Maria Amâncio Rachi Vartuli
Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Marcelo de Araújo Rehfeld Cedro
Júlia Calvo

Revisão

Raul Pereira Pinto Neto

Estagiário Editor

Anderson Luiz Barbosa Araújo

Conselho Consultivo Nacional

Dr. Afonso Alencastro Graça Filho (UFSJ)
Dr. Alexandre Mansur Barata (UFJF)
Dr. Amaury Carlos Ferreira (PUC Minas)
Dr.^a Ana Sílvia Volpi Scott (UNISINOS)
Dr.^a Andréa Casa Nova Maia (UFRJ)
Dr. Ângelo Alves Carrara (UFJF)
Dr. Antônio Carlos de Jucá Sampaio (UFRJ)
Dr. Antônio Torres Montenegro (UFPE)
Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Dr. Caio César Boschi (PUC Minas/U.Porto)
Dr.^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)
Dr. Carlos de Almeida Prado Bacellar (USP)
Dr.^a Claudia Wasserman (UFRGS)
Dr. Christian Edward Cyril Lynch (UERJ/FCRB)
Dr. Douglas Cole Libby (UFMG)
Dr. Ilmar Rohloff de Mattos (PUC Rio)
Dr. João Adolfo Hansen (USP)
Dr. João Antônio de Paula (UFMG)
Dr. João Feres Júnior (UERJ)
Dr.^a Liana Maria Reis (PUC Minas)
Dr.^a Luciana Teixeira de Andrade, (PUC Minas)
Dr.^a Lucília de Almeida Neves Delgado (UNB)
Dr. Luiz Claudio Duarte (UFF)
Dr. Marco Antônio da Silveira (USCS)

Dr.^a Maria Angelica Zubaran (ULBRA)
Dr.^a Maria Celina Soares D'Araújo (PUC Rio)
Dr.^a Maria Sílvia Casagrande Bassanezi (UNICAMP)
Dr. Tarcísio Rodrigues Botelho, (UFMG)
Dr.^a Marluza Marques Harres (UNISINOS)
Dr. Olavo Pereira Soares (UNIFAL)
Dr.^a Renata Rodrigues Vereza (UFF)
Dr. Roberto Luís de Melo Monte-Mór (UFMG)
Dr. Rodrigo Patto Sá Motta, (UFMG)
Dr. Sérgio Odilon Nadalin, (UFPR)
Dr.^a Solange Pereira da Rocha, (UFPB)
Dr.^a Magda Maria Bello Almeida Neves (PUC Minas)

Conselho Consultivo Internacional

Dr. Filipe Themudo Barata, Universidade de Évora
Dr.^a Florbela Cristina Veiga Frade, Universidade Nova de Lisboa
Dr. José Manuel Santos, Universidad de Salamanca
Dr.^a Maria Marta Lobo de Araújo, Universidade do Minho
Dr.^a Teresa Maria e Sousa Nunes, Universidade de Lisboa
Dr. Zephyr Frank, Stanford University
Dr. José Maria Amado Mendes, Universidade de Coimbra / Universidade Autónoma de Lisboa
Dr.^a Claudia Damasceno Fonseca, Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales

Indexadores: Periódicos CAPES, E-Revist@s, Latindex, DOAJ, PKP, Diadorim, Icap, Sumários.org, LivRe!, REDIB, SEER, IBICT, JournalTOCs, EZB.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

C122 Cadernos de História. - v.1, n.1 (1995-). Belo Horizonte:

PUC Minas, 1995- .

Semestral

ISSN 1679-5636 (Impresso)

ISSN 2237-8871 (Eletrônico)

1. História - Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

CDU: 93(05)

Sumário

ARTIGOS

Diagnosticando as torcidas antifascistas: como a classe, a raça e o gênero redimensionam as relações de poder no futebol a partir das Ultras Resistência Coral..... 11

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO

Da mais vibrante à mais temida – cooperação, respeito, virilidade e violência na história da torcida uniformizada do Palmeiras e da Mancha Verde (1971- 1995)..... 33

VICTOR CANALE

Memórias de uma vida dedicada ao estudo das mulheres no esporte: entrevista com Silvana Vilodre Goellner..... 53

NIVALDA PEREIRA COELHO

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA

Turnen e suas configurações: uma abordagem sobre o componente organizacional das Sociedades de Ginástica no sul do Brasil (1870-1920)..... 68

ALICE BEATRIZ ASSMANN

ESTER LIBERATO PEREIRA

JANICE ZARPELLON MAZO

Uma cultura corporal anárquica: a influência do punk na prática do skate 89

LEONARDO BRANDÃO

GIANCARLO MACHADO

O capital no futebol: uma análise da mercadoria jogador..... 109

LUCAS GIACHETTO DE ARAUJO SÉRGIO SETTANI GIGLIO

Ajustando estratégias: a experiência com o basquetebol no Sport Club Mackenzie (Rio de Janeiro, 1924-1941)..... 127

VICTOR MEL

BRUNO ADRIANO

RODRIGUES SILVA

Memórias de “dois capoeiras aos pés do berimbau”: ocupando espaços e superando os desafios em Vitória da Conquista-BA (1980-2000)..... 144

JONATAN DOS SANTOS SILVA

MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ

ISABELE PIRES SANTOS SOLER

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA

Ser técnico da seleção é ser político? O conceito de treinador nos jornais nacionais nas primeiras nove Copas do Mundo..... 165

FILIPE MOSTARO

O futebol de domingo: a prática do esporte em União do Oeste e Irati – Santa Catarina, entre as décadas de 1960 a 1980 184

SAMIRA MORETTO

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO

Entre o amadorismo e o profissionalismo: a várzea e as transformações do futebol na capital mineira nas décadas de 1940 e 1950 200

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO

“Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930) 222

CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ

LUIZ CARLOS RIGO

Os anos iniciais do futebol feminino em SC: silenciamentos e resistências 240

FELIPE MATOS

Processo de esportivização da natação: tempo, espaço e burocratização em competições no litoral de Fortaleza (décadas de 1920-1940) 263

NARA ROMERO MONTENEGRO

Futebol sim, mas não só: a presença das lutas em periódicos da cidade de Salvador (1912 – 1935) 280

JONATAN DOS SANTOS

LUCAS OLIVEIRA

ISABELE PIRES SANTOS SOLER

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA

Na ponta da chuteira havia um fuzil: Adriano Imperador, o percalço da euforia à criminalização 296

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA]

A Nova Rota Econômica do Futebol: megaeventos esportivos e "o sonho chinês das três Copas" 314

RAUL DE PAIVA OLIVEIRA CASTRO

O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência 334

LUIZ OTÁVIO CORREA

Editorial

É com satisfação que publicamos o Dossiê História do Esporte, a mais recente edição da revista Cadernos de História.

Nas últimas décadas, o interesse e as pesquisas acadêmicas sobre a história do esporte ganharam considerável fôlego. O que antes era produzido, exclusivamente, sobre normas, táticas, estatísticas e relatos memorialísticos, ampliou o olhar para outras dimensões. Os estudos sobre o futebol muito bem ilustram todo esse direcionamento temático. Antes negligenciado pelos historiadores, salvo por discussões provenientes de outras áreas do saber como a antropologia, a educação física, o jornalismo e a sociologia. Limitado a ser considerado “ópio do povo”, o universo do futebol rompeu essa amarra analítica e novas abordagens se destacaram: rede de sociabilidades, pertencimento clubístico, códigos de conduta, construção de identidades, dentre outros elementos constituintes do futebol como expressão sociocultural, sem deixar de lado seus vínculos políticos e econômicos.

Este dossiê é uma iniciativa que vai ao encontro das inúmeras publicações, simpósios temáticos e grupos de estudo que vem sendo desenvolvidos no cenário acadêmico em torno da história do esporte. Neste número, apresentamos pesquisas sobre a temática do futebol, mas também outros ótimos trabalhos que abordam distintas modalidades esportivas como objetos de investigação, a exemplo do skate, da ginástica, do basquetebol, da capoeira e da natação.

Os dois primeiros artigos que abrem esse dossiê, “Diagnosticando as torcidas antifascistas: como a classe, a raça e o gênero redimensionam as relações de poder no futebol a partir das Ultras Resistências Coral” e “Da mais vibrante à mais temida – cooperação, respeito, virilidade e violência na história da torcida uniformizada do Palmeiras e da Mancha Verde (1971-1995)”, escritos, respectivamente por Caio Lucas Morais Pinheiro e por Victor Canale, entrecruzam elementos presentes nos estudos voltados ao comportamento das torcidas organizadas de futebol como disputas territoriais, códigos de conduta, sociabilidades, ritos simbólicos, violência, além do protagonismo de gênero, classe e etnia.

O artigo seguinte “Memórias de uma vida dedicada ao estudo das mulheres no esporte: entrevista com Silvana Vilodre Gollner”, de autoria da dupla Nivalga Pereira Coelho e Felipe Eduardo Ferreira Marta, utiliza-se da oralidade para dar voz à trajetória docente de Silvana Gollner e seu ingresso no cenário feminino da educação física e pelo seu envolvimento em dedicar-se sobre as mulheres no esporte.

O próximo artigo “Turnen e suas configurações: uma abordagem sobre o componente organizacional das Sociedades de Ginástica no sul do Brasil (1870-1920)”, de autoria tripla de Alice Beatriz Assman, Ester Liberato Pereira e Janice Zarpellon Mazo, lança mão de conceitos ‘figuração’ e ‘redes de interdependência’ do sociólogo Norbert Elias para analisar as relações existentes no campo da ginástica na virada do século XIX para o século XX no Rio Grande do Sul.

Alinhado ao debute e ao sucesso do skate nos jogos olímpicos de Tóquio (2021), o artigo de Leonardo Brandão e Giancarlo Machado – intitulado “Uma cultura corporal anárquica: a influência do punk na prática do skate” –, destaca um período em que este esporte não havia ainda conquistado o reconhecimento do grande público e da profissionalização. A pesquisa

relaciona o comportamento transgressor juvenil dos skatistas ao punk como forte marca de expressão cultural e corporal.

Dando sequência às publicações, o artigo “O capital no futebol: uma análise da mercadoria jogador”, dos autores Leonardo Brandão e Giancarlo Machado, utiliza-se de categorias marxianas, a exemplo do materialismo histórico dialético para compreender a relação do jogador de futebol profissional como produtor de mercadoria e, sobretudo, como a própria mercadoria. Já a pesquisa de Victor Melo, Bruno Adriano e Rodrigues Silva, cujo título é “Ajustando estratégias: a experiência com o basquetebol no Sport Club Mackenzie (Rio de Janeiro, 1924-41)”, apresenta um clube de futebol da periferia fluminense que, gradativamente foi adotando outras práticas esportivas como o basquetebol no propósito de manter vínculos com as elites cariocas e contribuir para a valorização local.

Os pesquisadores Jonatan dos Santos Silva, Marlon Messias Santana Cruz, Isabele Pires Santos Soler e Felipe Eduardo Ferreira Marta analisam – no artigo “Memórias de dois capoeiristas aos pés do berimbau: ocupando espaços e superando desafios em Vitória da Conquista-BA (1980-2000)” –, conflitos e tensões vivenciados por praticantes da capoeira no cenário urbano.

Os artigos seguintes priorizam diversas possibilidades em pesquisar o futebol. Felipe Mostaro analisa o perfil ideal do treinador brasileiro em sintonia com a perspectiva de liderança esperada pelas elites nacionais, cuja pesquisa é intitulada “Ser técnico da seleção é ser político? O conceito de treinador nos jornais nacionais nas primeiras nove Copas do mundo”. Samira Moretto – no artigo “O futebol de domingo: a prática do esporte em União do Oeste e Irati, Santa Catarina, entre as décadas de 1960 a 1980” – estuda as práticas futebolísticas do interior do estado catarinense no propósito de delimitar como o esporte colaborou para manutenção de vínculos comunitários. Raphael Rajão Ribeiro, através de periódicos, destaca os arranjos envolvidos e as redes de apoio e de influência para a sustentação do futebol profissional belo-horizontino no artigo “Entre amadorismo e o profissionalismo: a várzea e as transformações do futebol na capital mineira nas décadas de 1940 e 1950”. Já os coautores Christian Ferreira Mackedanz e Luiz Carlos Rigo trazem o tão atual preconceito racional no futebol, porém, discutido em outra temporalidade no artigo “Racismo à brasileira no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930)”.

O artigo de Felipe Matos dá visibilidade ao futebol feminino, uma oportuna temática que necessita de maior exploração no campo acadêmico. Em sua pesquisa intitulada “Os anos iniciais do futebol feminino em SC: silenciamentos e resistências”, o autor destaca o protagonismo feminino no futebol catarinense e todas as dificuldades encontradas para seu avanço.

Pesquisas sobre a natação também integram este dossiê. O artigo de Nara Romero Montenegro, intitulado “Processo de esportivização da natação: tempo, espaço e burocratização em competições no litoral de Fortaleza (décadas de 1920-1940)”, analisa o avanço deste esporte especializado na capital cearense.

O artigo “Futebol sim, mas não só: a presença das lutas em periódicos da cidade de Salvador (1912-1935)”, dos autores Jonatan dos Santos, Lucas Oliveira, Isabele Pires Santos Soler e Felipe Eduardo Ferreira Marta, destaca a importância dos periódicos para se perceber como o futebol era representado na capital baiana no período indicado no título da pesquisa.

Já o artigo de Jefferson Aleff Oliveira discute a contraditória trajetória de renomado jogador brasileiro, cujo título é “Na ponta da chuteira havia um fuzil: Adriano Imperador, percalço da euforia à criminalização”. E, por fim, apresentamos o artigo do historiador Luiz Otávio Correia, intitulado “O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência”, que analisa a íntima relação do futebol com o rádio brasileiro, tendo como foco de estudo, emblemática emissora de rádio belo-horizontina.

Desse modo, através dos colaboradores desse dossiê temático, Cadernos de História ratifica ser um amplo espaço de discussão acadêmica que contribui com o diálogo transdisciplinar ao reunir neste número instigantes pesquisas sobre História do Esporte.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Marcelo Cedro - Membro do Conselho Editorial

DIAGNOSTICANDO AS TORCIDAS
ANTIFASCISTAS: COMO A CLASSE, A
RAÇA E O GÊNERO REDIMENSIONAM
AS RELAÇÕES DE PODER NO
FUTEBOL A PARTIR DA *ULTRAS*
RESISTÊNCIA CORAL

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO
Universidade Estadual do Ceará
caiolucasmorais@gmail.com

RESUMO

Este artigo avalia a emergência de torcidas antifascistas na história dos modelos coletivos do torcer e os tensionamentos provocados nas dimensões de gênero, de raça e de classe. A partir da projeção e do alcance que o futebol produziu desde o século XX, mobilizando milhares de pessoas de diferentes formas, questões como machismo, homofobia e racismo conformaram a experiência desse esporte na sociedade. Paralelamente, devido à profusão de torcidas antifascistas no século XXI, por meio da trajetória da Ultras Resistência Coral - torcida do Ferroviário Atlético Clube, criada em 2005- delineamos um quadro histórico das torcidas organizadas através do esboço da terminologia de primeira, segunda, terceira e quarta ondas do torcer. Utilizamos como fontes históricas depoimentos, periódicos e imagens, ressaltando suas condições sociais de produção e de circulação. Portanto, este artigo se propõe a salientar os desdobramentos, os significados e o potencial político do antifascismo nas torcidas de futebol, ao trazer à tona manifestações sociais de torcedores/as organizados/as. Dessa forma, há neste texto um diagnóstico do movimento contemporâneo de politização, sob o ponto de vista político de esquerda, dos espaços futebolísticos.

Palavras-chave: Torcidas antifascistas. Torcidas Organizadas. Sociabilidade Militante.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2021.

DIAGNOSING ANTI-FASCISTS
SUPPORTERS: HOW CLASS, RACE
AND GENDER REFRAME THE POWER
RELATIONS IN SOCCER FROM THE
ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO
Universidade Estadual do Ceará
caiolucasmorais@gmail.com

ABSTRACT

This article evaluates the emergence of anti-fascist supporters in the history of collective models of cheering and the tension caused in the dimensions of gender, race and class. From the projection and reach that football has produced since the 20th century, mobilizing thousands of people in different ways, issues such as machismo, homophobia and racism have shaped the experience of this sport in society. In view of the profusion of anti-fascist supporters in the 21st century, through the Ultras Resistência Coral path - supporters from Ferroviário Atlético Clube founded in 2005 - we consider to outline a historical picture of the supporter's club through the sketch of the terminology of first, second, third and fourth waves of the sheering. We use testimonies, periodicals and images as historical sources, highlighting their social conditions of production and circulation. Therefore, this article focuses on the unfolding, meanings and political potential of anti-fascism in football fans by manifestations of the supporter's club surfaced. Then, in this text there is a diagnosis of the contemporary politicization movement, from the political point of view of the left, of football spaces.

Keywords: Antifascists supporters. Supporter's Club. Militant sociability.

INTRODUÇÃO

Entre os meses de maio e junho de 2020, diante da pandemia do novo coronavírus, o espaço urbano das principais cidades no Brasil presenciou a ocupação de ruas e praças públicas por manifestações sociais. Integradas e reivindicadas, sobretudo, pelas torcidas organizadas¹; esses atos – autodenominados antifascistas e pró-democracia – procuraram disputar os espaços apropriados por manifestantes a favor do Governo Bolsonaro, que, em meio ao isolamento social na pandemia, estiveram presentes em ocupações e carreatas durante várias semanas², particularmente no caso evidenciado pelo movimento liderado por Sara Winter, os 300 do Brasil³, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

À vista disso, o recrudescimento de manifestações antifascistas, lideradas por torcidas organizadas, lança luz às contradições e desigualdades sociais agravadas ainda mais com a pandemia. Trabalhadores e trabalhadoras, desempregados e desempregadas, os/as informais da juventude periférica acompanharam esses atos antifascistas, quando não, como membros das torcidas organizadas: lugar-tempo de sociabilidade de milhares de jovens no Brasil.

Em contrapartida, sob o signo dos desdobramentos sintomáticos dessa conjuntura, este artigo busca oferecer caminhos para a compreensão das seguintes indagações: até que ponto esse encontro entre torcida organizada e antifascismo consiste em algo novo? Há agrupamentos de torcedores politizados – e de que modo se expressam – do ponto de vista de esquerda? Caso a resposta seja afirmativa, quem são esses atores sociais, como e há quanto tempo se articulam?

Ao historicizarmos os modos de expressão, comportamento e sociabilidade das torcidas organizadas, depreende-se que, em cada contexto, essas instituições ressignificaram suas práticas ao atribuir novos valores e sentidos⁴. Na segunda década do século XXI, conformou-se uma profusão de torcidas/coletivos/movimentos intitulados antifascistas, que buscam combater o machismo, a homofobia, o racismo, a violência e a elitização do futebol⁵.

Diante disso, este artigo traz à tona os tensionamentos, os significados e os efeitos desse

1 A miríade de atos e manifestações sociais em junho de 2020, cujos contornos e características são complexos, permanece ainda desafios para avaliar seus impactos e consequências. Associado também aos atos por igualdade racial e justiça, em decorrência do assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, os meses de maio e de junho foram efervescidos com as pautas antifascistas em debates. Em várias capitais do Brasil, torcedores participaram das manifestações sociais, ao trajar camisas e adereços de torcidas organizadas, mesmo que institucionalmente muitas torcidas, oficialmente, não tenham deliberado seu posicionamento.

2 (1) COVID – 19: Bolsonaro incentivou carreata contra isolamento social em Manaus; (2) GRUPO faz carreata e aglomeração contra isolamento em fortaleza, mas é dispersado pela polícia.

3 SARA Winter não tinha nem 30 em protesto contra STF.

4 Há análises que desenvolveram uma história social dos modelos coletivos do torcer e uma memória histórica do antifascismo nas torcidas, da primeira metade do século XX ao século XXI. A metáfora dos movimentos de ondas na história do mar das torcidas, nuançada na próxima seção, funciona como um guia que sumariza as partes do texto arregimentadas em outro trabalho. Ao invés da percepção a priori da sucessão de modelos de torcidas organizadas em primeira, segunda, terceira e quarta ondas, a metáfora chama a atenção para o mosaico da história do fenômeno, as reminiscências e as residualidades presentes entre os modelos. Para maiores informações, conferir Pinheiro (2020), Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IFCH/UFRGS), sob o título “As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)”.

5 Em função do espaço e do limite para a análise proposta neste artigo, reforçamos que a relação entre o antifascismo e as torcidas tem sua gênese na Europa, cujo contexto internacional não será intenção para essas páginas. Contudo, desenvolvemos este debate em outro trabalho, conferir Pinheiro (2020).

encontro entre torcidas organizadas e antifascismo, posicionando-o no tempo e avaliando o potencial político envolvido nessa manifestação. Argumenta-se que a atuação da juventude enquanto torcedores extrapola os domínios do futebol, particularmente se considerarmos que muitos deles são homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras que evidenciam novos e necessários questionamentos para serem investigados com lentes mais precisas e à luz do refinamento teórico. Para isso, as fontes históricas garimpadas perpassam os depoimentos colhidos pela metodologia da História Oral⁶; as imagens como forma de narrativas e de ação, seu agenciamento e artefatos de sua visualidade; e periódico, que, das fontes consultadas, consiste naquela que menos noticiou e informou a respeito das torcidas antifascistas, o que é significativo e expressivo para esta escrita.

Nesse sentido, há três partes neste texto que não devem ser compreendidas separadamente, uma vez que a divisão, apenas para fins de inteligibilidade, consiste em um recurso em que invariavelmente avança e retoma elementos outrora refletidos. Na primeira seção, analisamos a emergência das torcidas antifascistas no Brasil e sua multiplicação após a Copa do Mundo de 2014, especialmente com a implementação de uma agenda ultraconservadora e neoliberal no país.

Ainda neste momento inicial do artigo, demarcamos a singularidade da trajetória da Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube (FAC)⁷, torcida criada em 2005, que propõe um engajamento emocional com o clube a partir de um viés político de esquerda, provocando rachaduras nas relações historicamente constituídas nos espaços futebolísticos.

Assim, o título da primeira seção – “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”: a emergência das torcidas antifascistas no Brasil – delinea o projeto de atuação do grupo nos estádios de futebol. Nesse seguimento, é por meio da trajetória da Ultras Resistência Coral que examinaremos a emergência das torcidas antifascistas e seus desdobramentos, tendo em vista que outras associações/coletivos de torcedoras recuperam e acionam a experiência da Ultras como papel importante na história do antifascismo no futebol brasileiro⁸.

A segunda parte lança luz para as dimensões de classe, raça e gênero pautadas pelas torcidas antifascistas, problematizando os sentidos atribuídos pelas narrativas desses sujeitos. Dessa forma, buscamos avaliar o potencial e o impacto político protagonizados pelos agrupamentos antifascistas no futebol ao disputar e ao questionar a cisheteronormatividade

6 Tributário de sucessivos debates envolvendo historiografia e história oral, tal como indica Gomes (2020), este texto esboça os tensionamentos construídos por sujeitos através de seus depoimentos. Vale lembrar que, por estarem vinculados a organizações políticas de esquerda em um contexto de avanço do conservadorismo, eles solicitaram a não identificação de seus nomes. Assim, utilizamos letras aleatórias para citá-los. É necessário enfatizar ainda que as narrativas foram transcritas tal como desenvolvidas por esses sujeitos, o que sugere que eventuais erros gramaticais e vícios de linguagem não desqualificam as subjetividades e as informações dos depoimentos.

7 O Ferroviário Atlético Clube (FAC), fundado em maio de 1933, é um clube com sede na cidade de Fortaleza (CE), reconhecido popularmente como clube dos trabalhadores em alusão à atuação de funcionários da Rede Ferroviária Federal (REFFSA) na fundação do clube.

8 Este artigo não tem o objetivo de pontuar o pioneirismo da torcida Ultras Resistência Coral e considerá-la uma espécie de vanguarda do antifascismo no Brasil. Em que pese a presença recorrente de depoimentos dos membros da URC que afirmam o pioneirismo, bem como de outras torcidas e coletivos antifascistas, pretende-se esboçar as motivações, estratégias e escolhas desses sujeitos na experiência da torcida. Da sua fundação a segunda década do século XXI, especialmente após as Jornadas de Junho de 2013, há uma dinâmica singular em sua trajetória até a profusão de outras torcidas antifascistas.

tradicionalmente construída no esporte.

Ao fim e ao cabo, a última seção deste artigo tem como escopo não encerrar a discussão, mas instigar novas investigações para ensejar problemáticas acerca da experiência das torcidas organizadas e suas sociabilidades que envolvem milhares de sujeitos, trabalhadores(as), desempregados(as) e informais.

“NEM GUERRA ENTRE TORCIDAS, NEM PAZ ENTRE CLASSES”: A EMERGÊNCIA DAS TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO BRASIL

A recente profusão das torcidas antifascistas se insere em um quadro histórico em que diferentes modelos coletivos do torcer se articularam e se expressaram em cada contexto desde a primeira metade do século XX. A politização do torcer, sob o ponto de vista de esquerda, consiste em um fio condutor da trajetória da torcida Ultras Resistência Coral, embora outros agrupamentos tenham pautado anteriormente alguns dos elementos arrematados por esse coletivo¹⁰.

A despeito das (con)fusões em torno do trabalho sobre a memória desses sujeitos e agrupamentos desenvolvidas por diferentes pesquisas em vasta literatura, procuramos pontuar algumas ressalvas neste artigo. Ao prospectarmos mapear a multiplicação das torcidas antifascistas, relevantes questões, particularmente os debates sobre o discurso, sua construção e seus efeitos, não serão objeto central da investigação nessas páginas.

Criada em 2005, os componentes da URC propuseram instituir um modelo de torcida diferente das instituições de torcidas organizadas hegemônicas, que se caracterizavam tanto pela sólida estrutura e profissionalização de suas atividades como pela sociabilidade conflitiva com torcedores rivais. Desse modo, o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 representou um colapso parcial das tradicionais torcidas organizadas, tendo em vista a explosão das rivalidades, dos conflitos e da violência, cujas marcas podiam ser apreendidas no cotidiano urbano e bairros de diferentes cidades.

Em contrapartida, ao partilhar, de um lado, uma subcultura que envolvia, dentre outros aspectos, estética, performance e música – *skinhead*¹¹ – e, por outro lado, procurando resgatar a consciência de classe tributária da criação do Ferroviário Atlético Clube por trabalhadores nos anos 1930, os fundadores da URC deram início a uma nova forma de torcer que apresentava determinada concepção política no futebol.

Inúmeras torcidas antifascistas, que atualmente estão espalhadas em várias cidades do Brasil, dialogam e reconhecem o pioneirismo da Ultras Resistência Coral, embora levamos em consideração o problema associado aos mitos fundadores e aos protagonismos sobre o pioneirismo, indo muito além da questão etária. Para problematizar tais aspectos, é fundamental

9 A expressão “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes” remete à frase cunhada em uma faixa da torcida Ultras Resistência Coral, apropriada por várias outras torcidas em seguida. A segunda imagem deste artigo apresenta a faixa supracitada.

10 Existiram outras importantes torcidas que dialogam direta e indiretamente com a atuação da Ultras Resistência Coral. A Coligay, na cidade de Porto Alegre, foi uma torcida do Grêmio nos anos 1970 que questionou os padrões cisheteronormativo no esporte. Para maiores informações, conferir Anjos (2018); Bandeira e Seffner (2020).

11 O pertencimento à subcultura *skinhead* desses sujeitos advém do movimento denominado Red and Anarchist Skinheads (RASH), que consiste em agrupamentos transnacionais de *skinheads* socialistas e anarquistas, com sede em várias cidades, subdivisões denominadas como Seção. Trata-se, portanto, de uma subcultura que evidencia certa globalização das experiências partilhadas pela cultura juvenil.

entender as condições sociais de produção das fontes históricas, desmonumentalizando e dessacralizando a memória, tendo em vista a centralidade dos depoimentos na pesquisa histórica.

Assim, a interdependência entre teoria, prática e metodologia impossibilita classificar a História Oral apenas como uma prática e uma técnica, que a compreende enquanto experiências relacionadas apenas à gravação de depoimentos, transcrição de entrevistas, aparelhagem de sons a fim de constituição de acervos orais. Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira:

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA, 2012, p. 171).

Ao adquirir centralidade nesta pesquisa, a fonte oral nos desloca para a reflexão em torno da instância da memória, que acarreta desdobramentos teórico-metodológicos sobre a narrativa e a forma de construção do discurso, pois, de acordo com Alessandro Portelli (2013), fontes orais são fontes narrativas. Nesse seguimento, a análise das visões de mundo de determinados grupos sociais, por meio das memórias que espelham representações, não se torna inviável e desqualificada por possíveis distorções dos depoimentos, falta de veracidade, esquecimentos e silenciamentos, mas uma fonte adicional que possibilita o trabalho sobre a memória, relevante para historiadores e historiadoras.

Nessa perspectiva, utilizamos uma taxonomia para periodizar a história dos modelos de torcidas através da terminologia da primeira, segunda, terceira e quarta ondas. Designação originalmente levada a cabo para demarcar as dinâmicas do torcer no Estado do Ceará, os movimentos de primeira, segunda, terceira e quarta ondas podem ser estendidos para compreender a estruturação das torcidas em outras regiões e espaços, ressaltando as rupturas, permanências, sutilezas e residualidades que conformam tais transformações.

Resumidamente, a primeira onda se refere à constituição das torcidas comandadas pelo *chefe de torcida* desde a primeira metade do século XX. Por meio da centralização e do princípio unitário, a primeira onda lança luz sobre o papel do chefe de torcida e dos integrantes uniformizados da charanga, e a festividade elaborada com os instrumentos de sopro e de percussão. Dessa forma, ao funcionar como um dispositivo de controle das torcidas que se popularizavam, os chefes de torcida mobilizavam e promoviam o clube, constituindo uma referência, um torcedor autêntico e símbolo.

No Estado do Ceará, a charanga do Gumercindo, o Pedrão da Bananada e o Zé Limeira centralizaram a organização coletiva dos torcedores entre as décadas de 1950 e 1970 ocupando espaços da imprensa nos jornais e nas emissoras de rádio. Assim, esses chefes de torcida atuavam em paralelo com as demandas sociais do período, colaborando direta e indiretamente com o aumento do público nos estádios no momento de maior intensificação

de jogos interestaduais.

O comando dos chefes de torcida foi questionado direta e indiretamente por uma juventude que, a partir do final dos anos 1970, passaram a ocupar os espaços que anteriormente estavam centralizados pelo chefe de torcida. O movimento da segunda onda é resultado desse processo, consolidando-se nos anos 1980 com a multiplicação de torcidas organizadas jovens, que se estruturavam a partir das estratégias coletivas de uma diretoria com cargos e funções específicas na torcida, além de patrocínios. Essas instituições mobilizaram centenas de torcedores nos estádios e promoveram espetáculos na arquibancada que envolviam uma preparação e articulações muito além do espaço-tempo do jogo de futebol, simultaneamente atribuindo o valor de família e de amizade aos agrupamentos. Nessa perspectiva, os componentes das torcidas organizadas, por meio de rituais formais e informais, teceram relações sociais, atribuíram um sentido particular para as experiências e construíram um vínculo de pertencimento clubístico que possibilitou a reprodução das torcidas organizadas até a atualidade.

A terceira e a quarta onda são movimentos na história das associações coletivas do torcer que ocorrem no limiar do século XXI, no momento de formulação de *torcidas alternativas* às torcidas organizadas, mas que nesse reordenamento, há uma diversidade considerável de expressões do torcer.

Argumentamos que, no século XXI, houve um certo colapsamento da forma coletiva do torcer instituída pelas torcidas organizadas. Esse colapso foi parcial, uma vez que as torcidas organizadas não deixaram de existir em sua totalidade; esse fenômeno é evidenciado por dois caminhos: a terceira e a quarta ondas. 1) o primeiro consiste na renovação protagonizada por sucessivos agrupamentos que irromperam enquanto dissidências das torcidas organizadas tradicionais e que conseguem considerável penetração no espaço futebolístico. Para esse fenômeno, que abrange uma pluralidade de torcidas (dentre elas, as *barras bravas*) designamos como o movimento de terceira onda da história das torcidas. 2) a segunda implicação do colapsamento se trata de uma crítica, sob o ponto de vista político de esquerda, que institui um contraponto aos modelos coletivos do torcer existentes a partir das torcidas antifascistas. A presença das torcidas *antifas* nos estádios procura combater aspectos historicamente constituídos no espaço futebolístico, dentre eles a violência, o machismo, a homofobia, o racismo e a xenofobia.

IMAGEM 01 - URC NO ESTÁDIO PRESIDENTE VARGAS EM 2019



Fonte: página do Facebook, Ultras Resistência Coral.

A visualidade da imagem acima externa alguns aspectos relevantes, especialmente os símbolos comunista e anarquista na bandeira do clube; integrantes com punho cerrado e erguido; a considerável presença de mulheres e os rostos borrados a fim de não identificar os(as) membros(as). Nesse sentido, a Ultras Resistência Coral precipitou o movimento da quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer. Contudo, buscamos analisá-la não somente como um acontecimento, mas também pelo projeto proposto, pelas permanências e os efeitos da sua inserção nos estádios a curto, médio e longo prazo.

Vale ressaltar também que o movimento de quarta onda, inaugurado pela URC, existe concomitantemente com a segunda e terceira ondas anteriormente analisados, ora se distanciando, ora se aproximando na fluidez do mar das torcidas. Assim, desde 2005, a Ultras Resistência Coral incorporou outros componentes, tomou diferentes formas e, por esses motivos, propomos uma categorização temporal para facilitar o entendimento da trajetória do grupo.

Utilizamos o mecanismo geracional, o qual a classificamos em três gerações para interpretar a experiência da URC. Na primeira geração, seus integrantes consistiam basicamente no núcleo fundador, a saber, aqueles que partilhavam a subcultura *skinhead* e a militância no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). A segunda geração se caracteriza pela abertura a integrantes que simpatizaram com as ideias e as bandeiras defendidas pela URC. Dessa forma, vários membros tornaram-se integrantes orgânicos da torcida, especialmente sujeitos que militavam em partidos de esquerda para além do PSTU; a URC se consolidou enquanto uma Frente Ampla de Esquerda nos estádios, agregando socialistas, anarquistas e simpatizantes. Diante disso, a terceira geração se estruturou recentemente, após Jornadas de Junho de 2013, cuja multiplicação das torcidas antifascistas no Brasil possibilitou estender o diálogo entre a rede de associações torcedoras *antifas*, não só no Brasil, mas em uma dimensão transnacional.

Oficialmente, a URC começou a atuar no Estádio Presidente Vargas em 31 de julho

de 2005, na estreia da Série C do Campeonato Brasileiro contra o Serrano de Pernambuco. Vejamos como um dos fundadores, B¹², retratou esse episódio:

Então nós fomos e levamos a nossa primeira faixa, que trazia o lema da torcida: *nem guerra entre torcidas nem paz entre classe*. Foi a primeira faixa, pintada à mão, e ganhou uma repercussão dentro da torcida do FAC. Nessa época, nós tínhamos um panfleto chamado de manifesto de apresentação da resistência, nós distribuimos amplamente para a torcida, apresentando nosso ponto de vista que tinha o antimachismo, o antirracismo, anti-homofobia e contrapor a violência gratuita. Dizia que nós “enxergávamos” as outras torcidas pelo aspecto de classe, não víamos eles como inimigos e nós tínhamos mais era que nos unirmos mesmo. Foi aí que a torcida foi ganhando adeptos, por exemplo A [13], que era frequentador de estádio há mais tempo e que tinha uma concepção de esquerda. E assim foram se aproximando várias pessoas que também tinham essa concepção¹⁴.

Estar em permanente atividade se trata de um elemento que singularizou a URC na medida em que alguns agrupamentos, que estão imersos na quarta onda da história do torcer, atuam, sobretudo, por meio das redes sociais. Por conseguinte, de acordo com a narrativa de B, a apresentação da torcida nos estádios era central para a ação de disputa política pretendida pelo coletivo, o que nos sugere considerar a URC como um tipo híbrido ao se apropriar de diferentes matizes tanto quanto pioneira no antifascismo como pela partilha de aspectos das torcidas organizadas tradicionais.

IMAGEM 02 – PRIMEIRA FAIXA COM O LEMA DA ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL



Fonte: Acervo Pessoal.

Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes, frase pintada à mão na faixa, impactou desde a primeira vez que foi levada aos estádios. A tradição que estava sendo inventada rompia com o que normalmente se deparava nos estádios, pois o modelo de torcer coletivo instituído pelas torcidas organizadas alcançou uma dimensão simbólica e significativa no imaginário do torcedor.

Embora a URC, de imediato, não tenha adquirido muitos integrantes no que se refere à projeção quantitativa, atribuímos o impacto causado pela faixa especificamente à inovação do teor político e à maneira de como conceber o rival: sem guerra e sem violência. Isto é,

combater a violência entre torcedores rivais – mas sob o prisma da consciência de classe - era algo inovador para um ambiente historicamente masculino e machista, hegemônico pelo modelo coletivo do torcer das torcidas organizadas.

O trecho *Nem paz entre classes* refletia a trajetória da militância política dos fundadores no PSTU, exteriorizando a posição política, a consciência de classe e a leitura de mundo que aquele grupo elaborava. De acordo com B, o manifesto que eles entregaram no primeiro jogo da Ultras Resistência Coral afirmava a posição antimachista, anti-homofobia e antirracista do grupo, ocultando, por exemplo, o debate anticapitalista que defendiam, pensando estrategicamente na forma como seriam vistos pelos outros torcedores em geral.

A experiência da URC raramente foi registrada pelos grandes empreendimentos de comunicação da cidade de Fortaleza. Em uma das vezes em que foi mencionada, na reportagem intitulada “Boleiros Companheiros”, do jornal *O Povo*, seu caráter político de esquerda foi destacado pela imprensa:

A Ultras Resistência Coral, torcida organizada do Ferroviário, é a facção que representa o segmento mais político dos corais atualmente. A página da torcida na internet (<http://www.geocities.ws/resistenciacoral/textos.htm>) tem artigos repudiando o racismo, o fascismo e machismo. Também há um manifesto contra o capitalismo e pregando a união entre os rivais. “Nem guerra entre as torcidas. Nem paz entre as classes” é um dos lemas da Ultras (O POVO, 2007, p. 18).

O modo como a imprensa esportiva retrata a URC, enquanto *facção* mais política da torcida coral, sugere uma generalização das formas coletivas do torcer por meio das torcidas organizadas, narrativa reveladora das problemáticas concernentes ao movimento da segunda onda na história do torcer coletivo.

Além disso, a reportagem refletiu acerca da relação entre política e futebol na história do campeonato cearense, apontando para a existência de vários clubes que representaram a luta de classes no futebol. Em contraposição a ideia de que o futebol é “ópio do povo” e alienação política, o redator, Ciro Câmara, recorreu à história para mostrar que vários exemplos dão conta da *tabelinha do futebol com as questões sociais*:

Além do Ferroviário, outros times de futebol cearenses também nasceram a partir da iniciativa das classes trabalhadoras. Uma das equipes com maior êxito desse grupo foi o Usina Ceará. Conhecido como “O Time Fabril”, o Usina surgiu por obra de funcionários e operários da Fábrica Siqueira Gurgel, que ficava no bairro Otavio Bonfim, em 1949¹⁵.

O Usina Ceará¹⁶ integrava o *corpus* de trabalhadores que utilizavam a bola em prol de lutas políticas. Os operários-jogadores construíam uma relação de resistência e de dominação com o patrão, redefinindo as relações sociais dentro da fábrica. Se durante esse período os clubes ou jogadores já mobilizavam determinadas insatisfações nas relações de dominação e de resistência, nos anos 2000, a Ultras Resistência Coral instituiu, através de uma sociabilidade torcedora-militante, uma forma coletiva do torcer que também não tardaria a ser alvo de outras estratégias de dominação. Contudo, assim como o FAC e o Usina, outros clubes evidenciam essa relação:

Quem também mantinha equipe disputando o Estadual eram os trabalhadores dos Correios,

15 Ibidem.

16 Sobre a criação e a trajetória do Usina Ceará, conferir a dissertação de mestrado em história: MARTINS, Pedro Paulo da Silva. Máquinas paradas e pés à obra: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017, 159f.

através do Nacional, fundado em 1942. O time participou de 15 edições da competição entre os anos de 1950 e 1966, mas nunca passou de figurante. Entre 54 e 59 ostentou o indigesto jejum de 47 jogos sem vitórias (não disputou o campeonato de 57). Outros times de classes proletárias são o Icasa (Indústria Caririense de Algodão), de Juazeiro do Norte; o Volante, dos motoristas e taxistas; e o Tramways, da empresa elétrica Ceará Light, campeão estadual em 1940 (O POVO, 2007, p. 18).

A dimensão simbólica do Ferroviário Atlético Clube enquanto time operário singularizava a experiência do torcer para esse time, uma vez que representava a identificação com o clube forjada direta e indiretamente pela consciência de classe. Esse mecanismo é essencial, de acordo com os membros da Ultras Resistência Coral, no repertório constituinte do engajamento emocional e pertencimento dos torcedores vinculados ao clube. Entretanto, entre a fundação do Ferroviário em 1933 e a criação da Ultras em 2005, há uma dinâmica de (re)criações, apropriação, esquecimentos, silenciamentos que não possibilitam uma linearidade e continuidade homogênea desses aspectos.

Na esteira desse processo de escolhas e de invenção de uma tradição, – um novo modelo coletivo do torcer – as tradições inventadas indicam sintomas fundamentais do processo histórico, pois “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição”. (Hobsbawm; Ranger, 1997 p. 12).

Assim, a URC se insere na tradição dos modelos coletivos do torcer, porém não se refere apenas ao passado, uma vez que provoca no tempo presente rachaduras nas torcidas organizadas anteriores e, simultaneamente, redimensiona o torcer no horizonte de expectativa. Dessa forma, ao buscar referência nas torcidas ultras de esquerda da Europa, a URC acrescentou ao nome o termo Resistência, tendo em vista o fato do Ferroviário ter sido um clube criado eminentemente por operários e, além disso, nos anos 2000 somava-se à crise financeira que o time atravessava diante do crescimento dos seus adversários da cidade de Fortaleza.

Por isso que a gente pensou bem o nome Resistência Coral, porque tinha a ver primeiro com a fase que o time vivia, porque era uma forma de resistência ao futebol moderno e tinha a ver mesmo pelo aspecto de classe. Outro aspecto fundamental que também nos moveu para a criação da torcida foi justamente resgatar a origem de classe do ferroviário, porque desde os anos 1990 o ferroviário vinha perdendo aquela identidade de classe, inclusive dentro da torcida. E, a partir do manifesto que nós lançamos, tentamos resgatar as origens de classe do clube¹⁷.

Resistir ao futebol moderno, à elitização e à opressão da classe trabalhadora. Estes eram os entendimentos narrados pelo grupo em meados da primeira década do século XXI, cujas escolhas possuíam desdobramentos ao trazer à tona peculiaridades que, certamente, não estavam no repertório de atuação das principais torcidas organizadas.

A *origem de classe* do Ferroviário lança luz sobre uma memória coletiva transmitida de geração para geração, que exerce a função de uma comunidade imaginada para os torcedores do clube, apesar de que essa circulação da memória é tensionada e apropriada de diversas

17 B é torcedor do Ferroviário Atlético Clube e um dos fundadores da Ultras Resistência Coral em 2005. De família oriunda do município de Uruburetama, no Vale do Curu, B tinha, no momento da entrevista em 2018, 34 anos. Viveu parte da sua vida no Bairro Mucuripe. Atualmente cursa Música e trabalha no Barbarians Pub.

formas, tendo em vista os diferentes usos do passado¹⁸.

No entanto, para a URC, partilhar essa memória constitui uma dimensão simbólica que potencializa a disputa por um outro futebol. Nesse caso, a torcida enfatizou a origem de classe ao se contrapor aos rumos tomados pelas torcidas organizadas tradicionais, que se tornaram empreendimentos e empresas no século XXI; Dessa forma, foram secundarizados, direta e indiretamente, os valores tradicionais creditados a uma torcida na vida associativa do clube, embora os sentidos, expectativas e desejos dos torcedores organizados constituam – e são constituídos – ao longo do tempo, em cada época, ao passo das tensões específicas do contexto.

POR UM FUTEBOL QUE DEFORME¹⁹: NARRATIVAS DE COMBATE AO MACHISMO, À HOMOFOBIA E AO RACISMO

Em relação ao debate acerca da definição e da atuação nos estádios, a primeira geração da Ultras Resistência Coral edificou a base sobre a qual o coletivo permanentemente se ressignifica até a atualidade. Esses sujeitos atuaram diante da tradição das formas coletivas do torcer e instauraram um novo padrão nessa tradição:

(...) Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 13-14)

De acordo com a reflexão de Hobsbawm e Ranger, as novas tradições – como o movimento de quarta onda da URC – só são possíveis na medida em que transformações amplas e rápidas possibilitam suas emergências. Nessa perspectiva, o quadro histórico do limiar do século XXI trazia à tona o desgaste das torcidas organizadas ao evidenciar a problemática da violência, das rivalidades entre torcidas e dos conflitos entre bairros, que ocasionavam uma espécie de criatura se voltando contra o criador. Outro elemento que corrobora esse cenário, mas que também é um desdobramento dele, consiste na criminalização das torcidas organizadas, discurso reproduzido pela imprensa, sociedade e poder público que superficializa a complexidade das relações sociais dessas instituições.

18 Não pretendemos, entretanto, construir automaticamente uma ponte que liga a fundação, em 1933, do Ferroviário Atlético Clube à experiência da Ultras Resistência Coral, em 2005, como causa e efeito. Seria ingenuidade pensar em uma linearidade e continuidade em um lapso temporal tão extenso. Ressalta-se, nessa perspectiva, a circulação de uma memória, denominada de Erfahrung por Walter Benjamin, compartilhada, sob forma diversa, entre gerações de torcedores, ao mesmo tempo em que há silenciamentos e esquecimentos por outros, a memória Erlebnis.

19 Este título dialoga e reposiciona algumas ideias trabalhadas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2010) sobre o lugar que o professor ocupa na pós-modernidade. Para Albuquerque Júnior, dentre as instituições sociais criadas na modernidade, a escola é um exemplo significativo na produção de subjetividades e na disciplinarização social. Contudo, diante das crises no tempo presente, questiona: qual lugar ocupado pela escola? Se a escola moderna é um fracasso, este não seria funcional para a sociedade que vivemos? Nessa perspectiva, transpondo parte das questões enunciadas pelo autor para este estudo, o futebol enquanto criação da modernidade, estruturado pela elite, constitui também um fracasso funcional produtor de desigualdades e de exclusões? Busca-se pensar o futebol e as formas de torcer através de um futebol/torcida que deforme - e não aquelas formadas em torno de uma lógica excludente - torcedores que interroguem acerca dos códigos sociais em que foram formados.

Para divulgar e se apresentar nos estádios, a URC elaborou o Manifesto de Lançamento, terminologia do documento que contém as razões do surgimento, as diretrizes políticas e também elenca as principais ideias defendidas pelo grupo. Em alusão ao Manifesto Comunista, o Manifesto de Lançamento da torcida tem, em sua introdução, uma crítica ao capitalismo pelos ataques e golpes cada vez mais constantes em momentos de crises, guerras e revoluções, o que evidencia uma narrativa que extrapola os domínios do futebol. Ainda chama a atenção para a apropriação que o capital faz das produções da humanidade – o esporte e a ciência – para extrair lucro. Portanto, nota-se a importância creditada ao futebol enquanto espaço de resistência.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL nasce da fundição da luta da classe operária com sua paixão pelo futebol, precisamente pelo FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE, um clube surgido genuinamente da classe operária, de dois times de final de expediente de trabalho, em que operários ferroviários reuniam-se para jogar após a dura e alienante jornada de trabalho. Desde então [sic] nossa classe passou a ter porquê sentir orgulho no futebol, pelos títulos, pelos gols e pelas jogadas inesquecíveis. Mas a isso seguiram-se derrotas no campo, na luta de classes. O FERRÃO foi sendo escanteado, depreciado por adversários, por cronistas futebolísticos da mídia burguesa que, implicitamente, tentaram destruir a consciência de classe “forjada na refrega e no fogo” do férreo torcedor coral. O “TUBARÃO DA BARRA” passou pelo risco de fechar as portas, de perder sua estrutura no bairro operário da Barra do Ceará. Mas sua torcida fez do sacrifício o suporte para manter erguida nossa sede, a Vila Olímpica Elzir Cabral. As barras de linha de trem, que literalmente sustentam a estrutura de concreto, e os vigorosos punhos operários, que mantêm erguida a bandeira coral, jamais hão de ruir²⁰.

O primeiro aspecto que chama atenção é a explicitação das razões que motivaram a criação da URC, a fusão entre a luta da classe operária e a paixão pelo futebol, notadamente por ser um clube criado por trabalhadores. Nesse caso, é interessante confrontar com os depoimentos concedidos, percebendo que esses dois elementos são frequentemente destacados pelos entrevistados. Outro ponto a ser destacado se refere à condição e ao estigma do “torcedor coral” enquanto grupo escanteado, marginalizado pela imprensa *burguesa*. É a cultura de uma memória de resistência acionada pela URC e que atravessa gerações desde a fundação do clube nos anos 1930.

No lugar do caráter espontâneo e natural, ressaltam-se os empreendimentos deliberados de reconstrução empreendidos pela memória, que responde por via de regra a demandas e interesses políticos precisos. Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. O que é aqui colocado em primeiríssimo plano é, portanto, a relação entre *memória e (contra) poder*, memória e política (SEIXAS, 2004, p. 41-42)

A “reconstrução engajada do passado” se expressa fortemente na narrativa elaborada pelos integrantes da URC, evidenciando a relação entre memória, contrapoder e subversão, refletida por Jacy Seixas. No momento da fundação do grupo, sua primeira geração reivindicou, por meio do empreendimento memorialístico, a consciência de classe do Ferroviário para constituir um contrapoder nos espaços do futebol.

Na narrativa do Manifesto de Lançamento, apreendemos dois diferentes momentos

²⁰ Manifesto de Fundação da URC, 2005.

do texto. O primeiro momento trata da defesa do futebol enquanto campo que revela a luta de classes e dos porquês da criação da torcida, buscando se contrapor aos modelos coletivos do torcer já existentes. O segundo momento do texto retrata as críticas da URC a diversos elementos que caracterizam os espaços do futebol, como a homofobia, o racismo e o machismo. A estrutura narrativa utiliza o recurso de uma linguagem direta e objetiva:

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL combate intransigentemente a homofobia, pois cremos que cada um tem o direito a fazer a opção sexual que quiser. Incentivamos este segmento de oprimido(a)s a organizarem-se; nossa claque disponibiliza todo espaço para a discussão sem quaisquer constrangimentos.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL combate implacavelmente o racismo, dentro e fora das arquibancadas. O capitalismo utiliza o racismo de forma sistemática, inclusive nos estádios. Lutamos intrepidamente contra grupos nazi-fascistas que usam as torcidas para espalhar o ódio racial. Racismo se combate com raça e classe.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL não admite machismo em suas fileiras, dando a batalha para que as mulheres operárias se organizem para encampar a luta anti-machista. É inegável que a classe operária está impregnada de preconceitos, conseqüentemente, a luta contra o machismo também deve se dar no interior de nossa classe. E queremos não apenas que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens, aspiramos também a [sic] própria superação desses conceitos da sociedade de gênero²¹.

A homofobia, o racismo e o machismo são as principais temáticas a serem combatidas pela URC dentro e fora dos estádios. Contudo, o documento elaborado pela torcida faz emergir um aspecto central para nossa análise, especialmente quando afirma: “Lutamos intrepidamente contra grupos nazi-fascistas que usam as torcidas para espalhar o ódio racial”²². Ao passar o “pente fino” na decomposição do documento nesse trecho, há um movimento relevante em relação à constituição de si, realizado pelos integrantes, que, ainda que não se denominem como antifascistas no momento de sua fundação, consagram práticas antifascistas em sua atuação.

O Manifesto de Lançamento nesse momento funcionou também como um convite para que tod@s e qualquer sujeito oprimido, seja pela orientação sexual, negro(a) ou mulher, integrasse a torcida. O grupo reconheceu, portanto, a necessidade da luta interseccional entre raça, classe e gênero, buscando desconstruir a cultura machista arraigada no futebol, bem como dentro do próprio coletivo torcedor.

Dito isso, consideremos as especificidades a partir da experiência de mulheres que integram a Ultras Resistência Coral, ocupam um espaço tradicionalmente masculino e constroem politicamente a torcida, a fim de compreender de que maneira as mulheres tensionam os modelos coletivos da história do torcer. Sabe-se, em contrapartida, que inúmeras mulheres historicamente frequentaram os estádios, embora, às vezes, sem organizarem-se coletivamente e, em outros casos, compondo uma torcida organizada, particularmente através de Núcleos Femininos²³.

23 Existem relevantes pesquisas que tratam sobre a relação entre esporte, mulheres e gênero. Para maiores informações, conferir Goellner; Kessler (2018); Pereira; Mazo (2014); Almeida (2019).

IMAGEM 03 – FAIXA DA RESISTÊNCIA ANTIMACHISTA DA URC CENSURADA



Fonte: Página Facebook, Ultras Resistência Coral

Na imagem acima, que retrata uma faixa da URC com a frase *Resistencia Antimachista* no Estádio Presidentes Vargas, na cidade de Fortaleza, o grupo refuta e questiona os espaços de poder ocupados por homens no futebol, marginalizando a atuação das mulheres por meio de uma cultura machista. A publicação, da página oficial do grupo no Facebook²⁴, explicita o episódio ocorrido em 2016 de censura à exposição da faixa, em que foi ordenada sua retirada pela Polícia Militar do Estado do Ceará.

Nesse sentido, seja bandeiras com símbolo do comunismo, seja faixa com teor político de esquerda, as práticas – políticas – de censura, enquanto dispositivos de controle, foram estabelecidas de modo a impedir a publicidade e o projeto político da torcida. As páginas de redes sociais desses grupos produzem narrativas e memórias, constituindo arquivos digitais que levantam problemáticas a serem exploradas, conforme constataram as pesquisadoras Maia e Silva (2017):

[...] em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de práticas transformadoras. (CASTELLS *apud* MAIA; SILVA, 2017, p. 89).

Uma das mulheres que compõe a URC, D²⁵, identifica-se como anarquista e, além da torcida, constrói outro coletivo que prefere não informar o nome, tendo em vista a conjuntura política atual do país e diversas formas de repressão. Acerca das razões que a levaram a ingressar na torcida, ela narrou:

Nessa trajetória de militância ainda na graduação foi que conheci as pessoas da Resistência, que eu era mais pro lado do anarquismo, porque a Resistencia tem comunista, anarquista

24 Consideramos a imersão no ambiente digital uma necessidade para a pesquisa em Ciências Humanas, principalmente na investigação sobre as redes sociais e o papel que estas exercem na mediação dos debates nesse universo. Há controvérsias sobre como definir o trabalho de campo nas humanidades digitais: ciberantropologia, netnografia ou etnografia virtual.

25 D, no momento da entrevista, tinha 27 anos de idade; é formada em Serviço Social e mestra em Sociologia, ambos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente cursa o doutorado. Torcedora do Ferroviário Atlético Clube e anarquista, D integrou a torcida a partir das Jornadas de Junho de 2013.

ou pessoas que não se declaram nenhuma das coisas. Mas que tenha um posicionamento político mais à esquerda. Nessa organização tinham [sic] 3 ou 4 pessoas que faziam parte da Resistência e eu, até então, nunca tinha escutado falar da Resistência. Então me deparei com várias coisas que eu já via de machismo, dos xingamentos ou mesmo com as mulheres que trabalhavam como árbitra, como bandeirinha, dentro do carro de ambulância. E o posicionamento da resistência frente a esses momentos foi o que me chamou a atenção (D, 2018).

O depoimento revela a identificação, a partilha e a simbiose entre a trajetória de militância de uma mulher anarquista com a atuação da URC, que estende o projeto político de esquerda para os estádios e questiona as relações de poder instituídas no futebol; dois exemplos disso, a saber: o machismo e os xingamentos “com as mulheres que trabalhavam como árbitra, como bandeira...”. Assim, a narrativa se distancia da experiência de uma mera torcedora coadjuvante. Quando interrogada sobre a sua percepção sobre a mulher nos espaços futebolísticos, afirmou:

Vamo lá, por partes. Porque tem a mulher que joga, a mulher que torce e a mulher que trabalha. Tudo isso dentro do futebol. Sobre a mulher que torce, primeiro tem a questão de você subestimar a torcedora, da não compreensão do futebol, do que tá acontecendo ou mesmo como coadjuvantes dos seus companheiros dentro do estádio. Foi uma das coisas que eu passei e que acho complicado, você acaba sofrendo com o time, às vezes mais, tem toda aquela coisa do choro, da emoção, de sofrer pelo time ou mesmo você ficar feliz, e ainda assim você ficar assim secundária, como se você tivesse de acompanhante, é bem complicado. Existe essa questão de gênero²⁶.

De acordo com D, as experiências da mulher no futebol são apreendidas a partir de três espaços: 1) a mulher que joga; 2) a mulher que torce; 3) a mulher que trabalha. Acerca da mulher que torce, ela lamentou a secundarização sofrida pela questão de gênero, uma vez que as mulheres são subestimadas como torcedoras, pois não estariam a par do jogo e do time, ou seu grau de interesse é menor simplesmente por ser mulher, sugerindo que elas estão presentes apenas para acompanhar seus companheiros. Dessa maneira, a depoente discorda radicalmente dessa percepção ao enfatizar o grau de interesse pelo time e o significado que o envolvimento emocional adquire em sua vida.

Tem a questão das mulheres que trabalham, geralmente como bandeirinha. E chamar os palavrões [sic] xingamentos de “rapariga”, “prostituta”. E a gente enquanto torcida intervém, diz que não é pra falar assim e que pode chamar de outras coisas, porque a gente fica com raiva e a reação natural é xingar. Só que existem as formas de chamar a atenção, não necessariamente precisa ser com palavras depreciativas que carregam as opressões históricas que as mulheres sofreram²⁷.

Nesse sentido, ao destacar as depreciações elaboradas pelas ofensas às mulheres que trabalham no futebol, D enfatiza que há alternativas para demonstrar sua insatisfação sem que deliberadamente despreze a trabalhadora, questionamento que a URC busca realizar nos estádios intervindo e conscientizando a torcida. Outro depoimento, da mulher de codinome R²⁸, revela como o debate de gênero não está dissociado das questões raciais, recordando o agir decolonial da URC ao apoiar o goleiro do time adversário, que havia sofrido ofensas

26 Ibidem.

27 Ibidem.

28 R é professora, nasceu no dia 07 de março de 1982 e é filiada ao Partido Socialismo e Liberdades (PSOL) desde 2015.

racistas²⁹:

A atitude da URC no jogo do FAC contra o Barbalha, no Campeonato Cearense de 2020. Na ocasião, a URC entoou gritos de apoio ao goleiro Serjão do Barbalha, que recentemente tinha sido alvo de ofensas racistas pelo torcida do Caucaia³⁰.

IMAGEM 04 – FAIXA ALIANÇA OPERÁRIA ANTIRRACISTA NO ESTÁDIO PRESIDENTE VARGAS.



Fonte: Acervo Pessoal.

A partir da imagem acima, pode-se inferir alguns elementos fomentados pelo coletivo para discutir o racismo. A visualidade da bandeira faz alusão à luta operária antirracista através de dois sujeitos de mãos dadas, um preto e um branco, supostamente afirmando uma aliança em prol dos trabalhadores. Por meio do aporte visual, a URC publiciza o combate não só ao racismo, mas também ao machismo e aos discursos de ódio no futebol. Nota-se ainda que, pelo desenho da faixa acima, o homem branco, do lado direito, usa uma barba conforme a estética dos membros da subcultura *skinhead*, evidenciando a exteriorização da primeira geração da URC.

Devido a essas problemáticas, uma das alternativas que contribui para a desconstrução do modo como tradicionalmente a mulher foi vista no futebol se refere à valorização do futebol feminino. Segundo D, a mulher que joga, que compõe a terceira modalidade de experiência de mulheres, precisa ser reconhecida e ter o apoio para popularizar cada vez o futebol feminino.

Portanto, as narrativas consideradas neste artigo entrecruzam as dimensões de classe, gênero e raça no futebol ao tensionar e a disputar espaços historicamente construídos em torno dos padrões do machismo, da homofobia e do enfrentamento. Um dos efeitos provocados pela experiência da Ultras Resistência Coral consiste na multiplicação de torcidas antifascistas, principalmente após as Jornadas de Junho de 2013, que passaram a tecer redes de aliança em diversas localidades do Brasil e de outros países.

O eco político de esquerda nos estádios de futebol, ao fim e ao cabo, carece de investigações

29 O jogo entre os times Caucaia e Barbalha foi paralisado em razão dos atos racistas provocados pela torcida, que imitaram sons de macaco para o Goleiro Serjão.

30 R é professora, nasceu no dia 07 de março de 1982 e é filiada ao Partido Socialismo e Liberdades (PSOL) desde 2015.

nas diversas localidades a fim de se compreender as nuances de cada agrupamento. Na proposta deste artigo, a Ultras Resistência Coral, mesmo que seus integrantes tenham um contingente expressivo de profissões voltadas à educação ou cursos na área de Ciências Humanas, há trabalhadores informais, a torcida teve sua origem associada à militância partidária de alguns dos seus membros.

Não à toa, a expressão utilizada para intitular esta seção - “Por um futebol que deforme” – remonta à estratégia, intenções, escolhas e atuação do que denominamos como movimento de quarta onda das torcidas antifascistas. Ao redimensionar as tradicionais relações de poder, a Ultras Resistência Coral procura deformar alguns aspectos constituintes do esporte e instituir um novo futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de esmiuçar a emergência das torcidas antifascistas e de entender quem são os homens e as mulheres desses agrupamentos, bem como o agenciamento construído por esses atores sociais trata-se de um esforço analítico arraigado nas demandas do tempo presente. Conforme afirma Oliver Dumoulin (2017), os(as) historiadores – e suas narrativas – do século XXI são atravessados(as) pelos aspectos ético e político das formas de expressão do conhecimento, inseparáveis, portanto, da legitimação diante do(s) público(s) na contemporaneidade.

É nesse sentido que analisamos como a experiência e a narrativa da URC lançam mão dos sintomas das consequências do capitalismo nos espaços do futebol, diagnosticando as relações sociais estruturadas pelo machismo, homofobia e racismo e propondo uma desconstrução radical do padrão majoritário das torcidas, como a heteronormatividade, a virilidade e a violência. Logo, todos esses elementos refletidos até aqui nos conduzem ao entendimento de que a atuação e o projeto da URC podem ser compreendidos à luz do que designamos como *sociabilidade militante*.

A multiplicação das torcidas/coletivos antifascistas na segunda década do século XXI, apesar de ser um fenômeno recente e que se encontra em aberto, consiste em uma das possibilidades de redimensionamento sobre o modo como foram elaboradas as relações de poder no futebol. Assim, a resignificação de classe, gênero e raça no futebol, por meio das torcidas *antifa*, projeta novas maneiras de engajamento dos torcedores.

A partir da trajetória da Ultras Resistência Coral, buscamos examinar a emergência das torcidas antifascistas e seus desdobramentos. A experiência do grupo revelou não só os tensionamentos produzidos pela ocupação dos estádios por esses agrupamentos mas também articulações de dispositivos de controle que censuram suas práticas. Apesar de também coibir de modo geral as práticas das torcidas organizadas, a justificativa policial em rasgar símbolo comunista ou impedir manifestação de cunho político de esquerda resvala especificidade do controle pelas autoridades.

Compreendemos como a atuação da URC é alimentada, de um lado, pelo acionamento de uma memória coletiva da fundação do clube por trabalhadores (Ferroviário Atlético Clube) e, de outro lado, pela politização sob o ponto de vista de esquerda dos integrantes. Nesse sentido, argumentamos que, na proporção em que a URC aciona uma *memória operária subversiva*

associada à criação do clube nos anos 1930, alicerça essa memória para projetar no tempo presente um novo futuro, pautado sobretudo na história da consciência de classe do time. Em contrapartida, salientamos a circulação da memória, que, por sua vez, não é simplesmente um processo homogêneo, uma vez que diversos usos do passado são apropriados pelos sujeitos históricos.

Por conseguinte, a profusão de torcidas antifascistas esquadrinhou um emaranhamento e uma rede de coletivos antifascistas transnacionais, articulados em torno de um projeto que procura repensar o futebol ao direcionar o combate ao futebol moderno, ao machismo, ao racismo, à homofobia e à violência.

Entretanto, é relevante ressaltar que essas identidades forjadas em torno do que definimos como quarta onda dos modelos coletivos do torcer não asseguram que os significados atribuídos pela torcida se restrinjam apenas à politização dos estádios. Argumentamos que a trajetória dos integrantes é multifacetada, variando desde aqueles que já eram envolvidos sentimentalmente com o time até os(as) que integraram a torcida pelas afinidades políticas. Esse diagnóstico sugere ainda uma especificidade, pois muitos desse último grupo afirmaram nos depoimentos que a paixão pelo Ferroviário passou a ser tão importante quanto a militância política.

Por fim, no quadro geral da história das torcidas, a multiplicidade de identidades vinculadas ao clube reitera as diversas experiências no tempo de organizações de torcedores, expressadas pela terminologia designada neste estudo como primeira, segunda, terceira e quarta ondas. Os sentidos e valores atribuídos às dimensões de classe, gênero e raça, conseqüentemente, foram redimensionados historicamente e, com as torcidas antifascistas – o movimento de quarta onda –, (re)centralizados nos estádios e no debate público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA / UFMG**, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019 – FUTEBOL E MULHERES.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo. História e oralidade nos estudos comunicacionais. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 47-58, 30 maio 2016.
- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay / Luiza Aguiar dos Anjos. -- 2018. 388 f.
- ATOS de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>. Acesso em: jun. 2020.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo, Politeia, 2019.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.
- COVID – 19: Bolsonaro incentivou carreatas contra isolamento social em Manaus. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/30/covid-19-bolsonaro-incentivou-carreata-contr-isolamento-social-em-manaus.htm>. Acessado em junho de 2020.
- DAMO, Arlei Sander. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, v. 3, p. 37-66, 2019.
- DUMOULIN, Oliver. **O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal** / tradução Fernando Scheibe. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. -- (Coleção História & Historiografia)
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In. **Novos domínios da história** / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.
- FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP** • São Paulo • n. 117 • p. 31-38 • abril/maio/junho 2018.

GOMES, Angela de Castro (orgs). **História oral e historiografia: questões sensíveis**. São Paulo: Letra e voz, 2020, 208p .

GRUPO faz carreata e aglomeração contra isolamento em fortaleza, mas é dispersado pela polícia. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/grupo-faz-carreata-e-aglomeracao-contrainisolamento-em-fortaleza-mas-e-dispersado-pela-policia-1.2235713/> . Acessado em junho de 2020.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarge; MELO, V. A. (Org.). **A torcida brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v. 1. 160p.

JOGO no Ceará é parado após goleiro relatar sons de macaco; time rival nega. In: UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/01/21/jogo-no-ce-e-parado-apos-goleiro-relatar-insultos-racistas-time-rival-nega.htm>. Acessado em maio de 2020.

LOPES, Felipe; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **REVISTA DE ESTUDIOS BRASILEÑOS**, v. 5, p. 159-175, 2018.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57.

MAIA, Andréa Casa Nova; SILVA, Regina Helena Alves da. Memória pública e ativismo: histórias de luta do Ocupe Estelita (Recife, Brasil) e do Renovar a Mouraria (Lisboa, Portugal). **HISTÓRIA ORAL**, v. 20, p. 81-103, 2017.

MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017**, 159f.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: **Novos domínios da história** / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista (1950-2020)**. Tese de Doutorado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice. As Mulheres nas Práticas Equestres em Porto Alegre/RS. **Revista Homium**, v. 3, p. 6-25, 2014.

PORTELLI, Alessandro - **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral** - introdução Miguel Carina ; seleção e tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. [S.l.] : Edições Unipop, 2013.

SARA Winter não tinha nem 30 em protesto contra STF. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/marcha-dos-300-de-sara-winter-nao-tinha-nem-30-em-protesto-contrastf-24455292>. Acesso em: jun. 2020.

SEFFNER, Fernando; BANDEIRA, A Coligay e as memórias dos torcedores do Grêmio. **REVES – Revista Relações Sociais**. V.03, n.01., 2020.

SEIXAS, 2004. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCINI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado de torcer. In: COSTA, Márcia Regina da. **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editorial, 1999.

DA MAIS VIBRANTE À MAIS
TEMIDA – COOPERAÇÃO, RESPEITO,
VIRILIDADE E VIOLÊNCIA
NA HISTÓRIA DA TORCIDA
UNIFORMIZADA DO PALMEIRAS E DA
MANCHA VERDE (1971- 1995)

VITOR CANALE
Fundação Getúlio Vargas
vitorcanale@gmail.com

RESUMO

O movimento das torcidas organizadas, institucionalizado em São Paulo a partir de 1969, tornou-se uma marca nos estádios ao alterar muitos elementos da cultura torcedora. O objetivo deste estudo é apresentar a trajetória das duas principais entidades de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras: a TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras), criada em 1970, e que congregou a maioria dos torcedores organizados alviverdes até metade da década seguinte, e a Mancha Verde, que concentrou a maioria dos torcedores palmeirenses a partir dos anos 1990. A análise baseada em entrevistas de líderes das torcidas, nos jornais o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e na revista Placar, busca refletir quais as imagens que as entidades cultivaram de si mesmas; as relações de cooperação recorrentes ao universo torcedor da década de 1970 e os enfrentamentos entre torcidas durante a década de 1980 e início dos anos 1990. As mudanças ocorridas ao longo de todo o período nos permitiram fazer uma análise das concepções de virilidade e do conceito nativo de respeito, bem como visualizar a relação entre o número de homicídios e crimes violentos em São Paulo e as relações violentas entre os torcedores na cidade.

Palavras-chave: Futebol; Torcida Organizada; Torcedores; Palmeiras; Mancha Verde.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aprovado em 1 março de 2021.

FROM THE MOST VIBRANT TO THE
MOST FEARSOME – COOPERATION,
RESPECT, VIRILITY AND VIOLENCE
IN THE HISTORY OF *TORCIDA*
UNIFORMIZADA O PALMEIRAS AND
OF *MANCHA VERDE* (1971 – 1995)

VITOR CANALE
Fundação Getúlio Vargas
vitorcanale@gmail.com

ABSTRACT

The movement of supporters' Club, institutionalized in São Paulo since 1969, has become a recurrent aspect in stadiums by changing many elements of the local supporters' club. This study aims to present the path of the two main supporters' entities in the history of Palmeiras: TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras), founded in 1970, which gathered most of Palmeiras supporters until the middle of the following decade, and Mancha Verde, which united most Palmeiras supporters from the 1990s. The analysis, based on interviews with leaders of supporters' club, in the newspapers O Estado de S. Paulo and Folha de S. Paulo, and in Placar magazine, aims to reflect what self-images the entities have developed; the recurring relationship of cooperation in the supporters' clubs universe of the 1970s, and the growing confrontations between them during the 1980s and beginning of the 1990s. The changes that occurred during the whole period allow us to analyze the virility conceptions and the native concept of respect, as well as visualize the connection between the growing number of homicides and violent crimes in São Paulo and the increasingly violent relationships between supporters in the city.

Keywords: Football; Supporters' Club; Supporters; Palmeiras; Mancha Verde.

INTRODUÇÃO

A Sociedade Esportiva Palmeiras, clube criado em 1914, primeiramente, com o nome de Palestra Itália, surgiu com o intuito de reunir italianos e seus descendentes na cidade de São Paulo. A forte ligação entre o clube e a colônia italiana se mantém até os dias atuais e é parte marcante da identidade palestrina/palmeirense. Durante a década de 1940, quando o clube assumiu seu nome atual, houve uma gradual abertura para jogadores de perfis étnicos e nacionais diferentes, o que contribuiu para uma diversificação no quadro de associados, simpatizantes e torcedores da equipe. (STREAPCO, 2018, p.148)

A torcida do Palmeiras, descrita em seu hino como aquela que “canta e vibra”, teve, entre seus célebres torcedores, Giovanni Capalbo, mais conhecido por João Gaveta. Nascido na década de 1920, acompanhou o clube mesmo após um acidente que afetou sua mobilidade e comunicação. Sua resignação ao torcer e a forma destemperada com que culpava os juízes pelas derrotas eram mostra de uma passionalidade reconhecida como parte de um modo de ser italiano. O clube contava ainda com a charanga do Gino, banda musical que acompanhava a equipe. Tanto o torcedor-símbolo como a banda pertencem à mitologia alviverde e representam os antepassados dos grupos que surgiram nas décadas posteriores.

As torcidas uniformizadas dos principais times da capital paulista representaram a primeira experiência de organização de torcedores de longa duração, criadas entre o fim da década de 1930 e o início da década seguinte; possuíam um estreito vínculo com a diretoria dos clubes e eram voltadas a todo o tipo de torcedores, associados ou não aos clubes (SILVA, 1996; TOLEDO, 2002). O ocaso desses coletivos de torcedores, durante a década de 1950, permanece pouco explorado pela historiografia e suas causas pouco conhecidas.

Somente nos anos finais da década de 1960, novos agrupamentos de torcedores passaram a ser ressaltados na cobertura jornalística do futebol, com o surgimento das primeiras torcidas organizadas em São Paulo. O caráter informal da reunião de torcedores, em sua maioria jovens, e o desejo de demonstrar seu apoio e influenciar a dinâmica dos clubes marcaram os grupos que surgiam pela capital paulista.

O presente artigo se debruça sobre a experiência das duas entidades que congregaram mais palmeirenses, o caso da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP), criada em 1970, e a Mancha Verde, constituída da fusão da Império Verde, a Inferno Verde e o Grêmio Alviverde, em 1983.

Os treze anos entre a fundação da TUP e a criação da Mancha Verde, bem como a trajetória de ambas são sintomáticas em relação às mudanças ocorridas no futebol paulista e na sociedade paulistana entre o início dos anos 1970 até fins da década de 1980. As relações entre os torcedores organizados de diferentes entidades, a ideologia das torcidas e as representações sobre o que era “honra” e “respeito” - categorias nativas das mais importantes no universo dos torcedores - foram gradualmente se transformando com o aparecimento de novos atores sociais a cada geração de jovens que chegava às torcidas. Para além das questões internas ao universo torcedor, é lícito abordar a dinâmica cidadina em que esses torcedores estavam imersos, visto que a cidade de São Paulo passava por um momento de crescimento significativo da violência, vitimizandando marcadamente jovens periféricos, contingente representativo no movimento de torcidas organizadas.

O objetivo deste artigo é pensar como a passagem do tempo, marcado pelas experiências externas e internas ao futebol, reforçou signos de tradição e, dialeticamente, a busca de novas formas de interação e pensamento. Para tanto, a Torcida Uniformizada do Palmeiras e a Mancha Verde não serão consideradas como grupos de ideias homogêneas, tampouco como produtos de seu tempo, mas como entidades em que as disputas entre os projetos de torcer tomam as mais variadas formas e significados.

A metodologia empregada foi a análise qualitativa das notícias dos periódicos *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Placar* que fizessem menção às torcidas organizadas em questão, aos seus líderes e a outras figuras representativas das entidades; foram analisadas, também, entrevistas de história oral de longa duração realizadas pelo projeto Territórios do Torcer com lideranças da TUP e da Mancha Verde¹. A variedade de fontes analisadas buscou contemplar a diversidade de concepções de jornalistas e torcedores sobre a história dos grêmios². Por sua vez, a baliza temporal, entre 1970 e 1995, abarca o início da TUP, torcida organizada palmeirense mais longeva, até o confronto entre torcedores alviverdes e são-paulinos conhecido por “Batalha campal do Pacaembu”. Este foi um evento de grande exposição midiática que trouxe consigo políticas públicas visando o fechamento das torcidas e é considerado pela historiografia sobre torcedores como um marco transformador de relações no ambiente futebolístico paulista (TOLEDO, 1996).

TUP, A MAIS VIBRANTE

Surgida um ano após as primeiras torcidas organizadas paulistas³, a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) era formada maciçamente por estudantes do colégio do Dante Alighieri, por moradores do bairro da Pompéia, região próxima ao estádio alviverde, e pelos italianos e seus descendentes do bairro do Brás. Para Wanderley “Matheus” Rodak (2014), ex-presidente que acompanhou a fundação, a torcida tinha a capacidade de reunir velhos palestrinos e os jovens palmeirenses, que juntaram suas bandeiras e seus instrumentos para criarem os primeiros patrimônios da TUP.

O uniforme era adereço obrigatório para juntar-se à torcida no estádio e era constituído da camisa verde bordada com os dizeres “torcida uniformizada”, calças e sapatos brancos. A cobrança pela padronização era uma iniciativa recorrente em diversas torcidas organizadas, interessadas em marcar seu espaço nas arquibancadas, no imaginário dos outros torcedores e nas relações institucionais do clube.

A torcida rapidamente granjeou apoios dentro do seu estádio, o Parque Antártica,

1 Projeto desenvolvido pela parceria entre o Museu do Futebol e a Fundação Getúlio Vargas entre 2014 e 2015.

2 O presente artigo é parte das investigações da tese “Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)”, desenvolvida pelo autor sob orientação do professor Bernardo Buarque no PPHBC-FGV e defendida em dezembro de 2020.

3 As primeiras torcidas organizadas paulistas surgiram em 1969, com a fundação da Torcida Jovem Ponte, em Campinas, dos Gaviões da Fiel e da Torcida Jovem do Santos, em São Paulo. No início da década de 1970 surgiram a palmeirense TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras) e a Torcida Jovem do Guarani, futuramente rebatizada de Guerreiros da Tribo. Em 1971 foi fundada a corintiana Camisa 12 e no ano seguinte a Torcida Tricolor Independente. Em 1972, foi também a vez da Leões da Fabulosa, representante da Portuguesa. Ausenta-se desta lista a TUSP (Torcida Uniformizada do São Paulo) por ter sido fundada em 1939, porém a partir de 1969 adotou uma postura e organização semelhante às torcidas organizadas.

como de Mário Travaglini, na época, funcionário e depois técnico da equipe de futebol, e do diretor social Mário Genovese. A cessão de uma bilheteria desativada na Avenida Francisco Matarazzo para guardar parte do patrimônio e a liberação de ingressos gratuitos pela diretoria palmeirense garantiram condições de existência e a possibilidade de expansão para o grupo. A relação de proximidade entre o grêmio e a Diretoria do clube era percebida como uma troca de apoios e fazia parte do cotidiano de diversas torcidas organizadas. Nos primeiros anos do movimento de torcedores, a autonomia institucional e financeira em relação aos clubes não eram as principais demandas, algo que mudaria substancialmente ao longo da década de 1970, quando se difundiu uma concepção de que torcidas dependentes das benesses dos clubes não teriam autonomia para cobrarem melhorias em momentos de crise. Dessa forma, o que era um apoio recíproco passou a ser visto, gradualmente, como submissão por conta de interesses financeiros e a reafirmação de laços clientelistas.

O crescimento da TUP podia ser aferido pelas constantes viagens dos torcedores para acompanharem o Palmeiras no interior paulista e em outros estados; havia um anúncio veiculado na capa do jornal *Folha de S. Paulo* que convidava os torcedores palmeirenses a aderirem à caravana ao estádio do Maracanã, para a partida contra o Botafogo, na Copa Libertadores da América, em março de 1973⁴.

Durante sua primeira década de existência, a TUP tentou propagar por seus atos e narrativas duas identidades marcantes, via-se como uma torcida que pretendia levar a paz e fazer a festa nos estádios. O caráter de civilidade e a marca da cooperação entre torcidas eram frequentemente ressaltados no discurso midiático e na forma como Rodak caracterizou sua entidade. Um exemplo marcante disso é o título da reportagem da *Folha de S. Paulo*: “Essa torcida não briga, não vaia e não quer ser tratada como selvagem”⁵. Retratada como bem-comportada, alegre e divertida, a entidade contava em 1975 com 249 sócios, sendo 35 mulheres. O grêmio de torcedores contava ainda com uma Torcida Infantil, para crianças até 15 anos, e mantinha relações frequentes com outros agrupamentos de palmeirenses como a Torcida Acadêmica do Palmeiras, formada por estudantes do colégio Objetivo da Avenida Paulista e, na época, com 200 sócios.

Segundo Roberto Gonçalves Fontes, vice-presidente da TUP, entrevistado por Narciso James, o principal motivo das brigas que envolviam a torcida era seu contingente feminino, visto que as mulheres não eram respeitadas nos estádios:

Isso sempre foi um sério problema. Pensam que mulher que vai ao futebol não presta, sei lá por quê. (...) O dia que a mulher puder frequentar um jogo de futebol sem problemas, vai haver muito mais gente⁶.

Para o torcedor, as principais desavenças nos estádios ficavam a cargo de adeptos avulsos e a torcida organizada tinha por mérito forjar um maior respeito ao adversário, por isso deveriam ser estimuladas pelos clubes, pelo poder público e pela Federação Paulista de Futebol (FPF). Fontes reconhecia ainda que um dos responsáveis pela violência em São Paulo era o poder público, pela ausência de divisão entre torcidas de clubes adversários e a falta

4 TORCIDA prepara caravana para ver o Palmeiras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06/03/1973, p.1.

5 JAMES, Narciso. Essa torcida não briga, não vaia e não quer ser tratada como selvagem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31/07/1975, p.34.

6 Ibid.

de entradas separadas, o que afetava diretamente a segurança e a paz nos jogos. A atuação truculenta e desrespeitosa da Polícia Militar era outro problema citado pelo torcedor, que se solidarizava com os adversários agredidos, apesar de sua torcida não ter sofrido nenhum ataque.

O contato com torcidas organizadas de clubes adversários era frequente desde o surgimento da TUP, que se inspirou na criação dos Gaviões da Fiel e da Torcida Jovem do Santos e, por outro lado, serviu de influência na fundação da torcida Ju-Jovem. Segundo Rodak (2014), os palmeirenses teriam ajudado os juveninos na constituição de seu primeiro estatuto, na época, requisito obrigatório para que as torcidas organizadas pudessem frequentar os estádios em São Paulo.

A cordialidade da TUP estava expressa em seu lema: “levamos mais paz aos estádios” e em seu regulamento, que previa:

serão punidos rigorosamente aqueles que provocarem torcidas adversárias e por consequência brigas; vaia o próprio Palmeiras; desacatar diretores da TUP ou funcionários do clube, criar alvoroço junto aos jogadores⁷.

Contudo, tanto nos depoimentos dos torcedores da TUP como nas ponderações feitas pela Polícia Militar na matéria jornalística de 1975, o confronto entre integrantes da entidade e torcedores dos Gaviões da Fiel, ocorrido em abril de 1973, não fora citado. O embate que deixou mais de cinquenta feridos e contou ainda com dois torcedores sequestrados e torturados pelos órgãos de segurança da Ditadura Militar demonstrava que nem tudo era conagração e respeito mútuo. Para Antônio Carlos, representante da TUP, sua torcida contava com gente honesta, estudantes, pessoas de boa estirpe social, enquanto os Gaviões da Fiel representavam o oposto da sociedade, demonstrando assim, a quem interessava a violência. (FLORENZANO, 2019, p.24-25).

Como lembra o antropólogo José Paulo Florenzano (2019), as relações que se desenvolvem a partir do surgimento das torcidas organizadas não podem ser analisadas na dicotomia simplificadora entre violência e construção democrática. Pensar os vínculos entre torcidas organizadas é refletir sobre os mais variados espectros de interações.

A prática torcedora inaugurada pelas organizadas ensejava tanto a criação do espaço público quanto a instauração do campo de batalha, desvelando uma trajetória cambiante que explorava o imenso leque de alternativas e combinações possíveis situadas entre o combate democrático e o confronto físico. (FLORENZANO, 2019, p.29)

A TUP foi uma das filiadas da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo), entidade criada pelas torcidas organizadas em 1976. A associação tinha o intuito de aproximar as lideranças dos grupos de torcedores paulistas, afinar procedimentos de segurança e hospitalidade e estabelecer a união para reivindicações junto ao poder público e à Federação Paulista de Futebol. A organização era capitaneada por Flávio La Selva, fundador e presidente dos Gaviões da Fiel; Hélio Silva, presidente histórico da Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP); e Cosme Freitas, fundador e presidente da Torcida Jovem do Santos (TJS). Essas pessoas se revezaram na presidência da associação de torcedores durante seu primeiro

⁷ Ibid.

momento de existência⁸. A TUP participou da ATOESP em seus primeiros momentos, quando a entidade organizou um torneio de futebol entre suas filiadas. Porém, a relação entre torcida e entidade foi instável dali em diante.

Uma amostra dessa relação conflituosa ocorreu em 1978 quando representantes das torcidas paulistas se encontraram com Alfredo Mitidieri, presidente da F.P.F., para alertar sobre os perigos do uso de entorpecentes nos estádios paulistas e a TUP já não constava como participante do evento. Em nota, a torcida palmeirense manifestou os motivos de sua ausência na reunião: não via sentido em encontros coletivos entre torcidas organizadas e Federal Paulista de Futebol, mas estava aberta a reuniões individuais com o mandatário. As motivações do rompimento não foram esclarecidas pela nota pública nem pelo depoimento de Rodak (2014), liderança no período.

Contudo, a ausência da ATOESP não transformava a TUP em uma entidade isolada nas relações entre torcidas, pois no mesmo ano, a entidade buscou a parceria de outras nove torcidas palmeirenses para a organização de um boicote o contra time do Parque Antártica⁹. Após a derrota contra o Botafogo, a equipe precisaria vencer o Noroeste para manter chances de classificação na Copa Brasil. Para os torcedores, a crise do clube era um misto de desorganização da diretoria, falta de ambição do técnico Jorge Vieira e da má vontade de determinados atletas, com destaque para o artilheiro Jorge Mendonça que, ao ser criticado por um torcedor no treino anterior ao jogo, revidou com uma série de socos e pontapés¹⁰.

Cada torcida palmeirense buscava uma forma de expressar seu descontentamento, a estratégia da Torcida Uniformizada do Palmeiras era concentrar-se nas entradas do estádio do Pacaembu e tentar convencer o máximo de torcedores a permanecerem do lado de fora. O Grêmio Alviverde entraria no estádio, mas sem bandeiras e sem batucada, fazendo uma greve de silêncio que só seria interrompida pelas vaias ao time.

O estado de caos no campeonato era reflexo do desgoverno da diretoria. O presidente alviverde, Jordão Bruno Saccomani, era indiciado criminalmente por uma dívida de mais de 100 milhões de cruzeiros, que incluíam empréstimos tomados em instituições bancárias em nome do clube, dinheiro de atletas que seria investido pelo mandatário, além de débitos de ordem pessoal. A fuga do dirigente para Miami obrigou o conselheiro Brício Pompeu de Toledo a assumir emergencialmente a presidência do clube¹¹.

A equipe palmeirense foi capaz de encontrar novas forças, mesmo com o ambiente conturbado, se reabilitou na Copa Brasil, chegando à final do torneio, sendo derrotada pelo Guarani. Menos perceptível que os resultados alviverdes, a campanha de 1978 introduziria a prática dos boicotes às partidas como arma de reivindicação dos torcedores palmeirenses e de outras equipes.

Pouco mais de um ano depois, por iniciativa da ATOESP, as principais torcidas organizadas da capital debatiam a viabilidade de um boicote ao campeonato estadual. A

8 A primeira fase da ATOESP compreende sua fundação em 1976 até aproximadamente 1983, quando desaparece dos noticiários. Em 1985, as torcidas organizam-se na ATUESP, (Associação das Torcidas Uniformizadas do Estado de São Paulo), entidade de curta existência e em 1995 a ATOESP é reativada como instrumento contra a políticas de banimento de torcidas e proibições após a Batalha Campal do Pacaembu.

9 TORCIDA promete hoje boicote e vaia no Palmeiras. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19/07/1978, p. 34.

10 Ibid.

11 Ibid.

bandeira que unia as torcidas paulistanas era a reformulação do calendário futebolístico.

Apesar de não fazer mais parte da associação de torcidas, a TUP se mostrava a favor da iniciativa, afirmando que muitos já praticavam o boicote por convicções próprias. Seu presidente, Luis Pereira Pinho, e a torcedora-símbolo e tesoureira, Edi Pascutti, repercutiam as mesmas críticas feitas por outras torcidas organizadas, leia-se: a fórmula confusa do campeonato; a grande quantidade de partidas; a longa fase de classificação; a desvalorização dos clássicos e os altos custos envolvidos em acompanhar equipes com calendários tão vastos. Para os torcedores, o campeonato refletia a insensibilidade da F.P.F. e dos dirigentes dos clubes, que em sua sanha pelos lucros de bilheteria, se esqueciam daqueles que sustentavam o futebol¹².

O movimento iniciado pelas torcidas organizadas em outubro de 1979 estreitou as relações entre TUP e ATOESP. Duas semanas após o debate sobre o boicote às partidas do Campeonato Paulista, foi apresentado à mídia e à Federação Paulista de Futebol um documento assinado por 25 torcidas organizadas da região metropolitana de São Paulo. O apoio das torcidas alviverdes veio da Torcida Acadêmica do Palmeiras, Força Independente do Palmeiras, Paz no Verdão, Periquitos de Poá, Inferno Verde, Mancha Verde¹³ e Torcida Uniformizada do Palmeiras.

O manifesto, criado a partir de uma assembleia geral dos representantes das torcidas paulistas, repetia muitas das críticas elaboradas desde 1976, além de acrescentar novas observações e sugestões. Os primeiros pontos versavam sobre a fórmula de disputa do Campeonato Paulista: a importância dos clássicos e da rivalidade que era menosprezada pela quantidade de partidas entre os clubes grandes; a necessária implementação de um calendário mais racional para diminuir as partidas de baixo interesse e acabar com a divisão em grupos, mais passível de manipulação e acordos entre os times. A sugestão dos torcedores era um campeonato disputado em turno e retorno, com duas partidas entre todas as equipes e finais entre os vencedores de cada turno, com a diminuição de participantes de 20 para 14 ou 16 clubes.

O aumento da inflação em 1979¹⁴ obrigava as torcidas a reivindicarem o congelamento dos valores dos ingressos das gerais e das arquibancadas, setores mais populares do estádio. A proposta previa o reajuste somente para as cadeiras numeradas e outros setores mais caros. O manifesto questionava: “Não seria uma forma de melhor distribuir a renda nacional?”¹⁵

Por fim, o manifesto abordava o retorno dos jogos de aspirantes antes das partidas profissionais, como forma de lazer para a população. O documento advertia a Federação e os clubes de que não seriam os descontos ocasionais e promoções que levariam o torcedor ao estádio, mas condições estruturais melhores, além de segurança, conforto e tabelas organizadas.¹⁶

A maioria dos pedidos levados à Federação Paulista de Futebol surtiram pouco ou nenhum efeito. Os reajustes aos ingressos continuaram a acontecer, a tabela do Campeonato

12 TUP começou sua campanha. Folha de S. Paulo, São Paulo, 04/10/1979, p.34

13 A torcida Mancha Verde citada no manifesto era um pequeno grupo de torcedores palmeirenses que não tinha ligação direta com a fundação da homônima Mancha Verde em 1983.

14 A inflação anual, segundo o IGP-DI, de 40,72% , em 1978, subiu para 77,29% no ano seguinte.

15 No documento o grito da torcida. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18/10/1979, p. 38.

16 Ibid.

Paulista se mantinha de difícil compreensão e com vários jogos de pouca relevância. Em uma análise comparativa, o Corinthians teve que disputar 47 partidas para sagrar-se campeão paulista em 1979 e o São Paulo disputou 43 jogos para conquistar o título no ano seguinte, em que final foi disputada em partida única, ou seja, pouca coisa havia mudado.

Apesar do pouco sucesso nas tratativas com a Federação Paulista de Futebol, os protestos, cartas, vaias e outros meios de reivindicação teriam uma vida longa. O desejo de transformação das estruturas palmeirenses era o motivador de outras duas cartas abertas da TUP, publicadas em 1980.

No dia 22 de junho, a entidade se posicionava contra a agressão sofrida pelo torcedor Francisco Azevedo. O palmeirense fora atacado pelos atletas César, Gilmar, Baroninho, Carlos Alberto e Ivan quando cobrava maior empenho dos jogadores durante um treino¹⁷. Pouco tempo depois, em 27 de outubro, a TUP fazia uma avaliação do ano vivido pelo Palmeiras e criticava novamente a falta de profissionalismo dos atletas alviverdes, eximindo de culpa apenas o técnico Diede Lameiro. O momento de crise exigia união de forças dentro do Palmeiras e quem fazia o chamado era José Carlos Rodak, diretor e presidente da TUP:

- a) apelamos aos verdadeiros palmeirenses para que se unam... b) repudiamos aqueles que pretendem se aproveitar deste momento de imensos desgostos para tirar proveito pessoal... c) achamos que todos têm o direito à crítica, à oposição, mas tudo dentro da honestidade e princípios... d) se o pensamento da TUP vale alguma coisa para os palmeirenses, conclamamos todos a pôr fim às pequenas rivalidade¹⁸.

Ao longo de sua história, a TUP se notabilizou pelas reivindicações, mas seu principal trunfo era a organização da festa nos estádios. Durante a década de 1980, os alviverdes foram tricampeões do troféu Gandula¹⁹, que era oferecido a atletas, jornalistas e torcidas que se destacavam nos mais variados esportes. Tais títulos, a cura nos detalhes e a performance desses torcedores acabou por sedimentar a alcunha de “a mais vibrante”, como até hoje é conhecida.

A torcida organizada teve papel ativo e influência dentro do Palmeiras em diversos momentos decisivos na história do clube, como na adoção do termo “porco” como apelido para os palmeirenses. A palavra começou a ser usada em São Paulo, após a Segunda Guerra Mundial, para referir-se aos italianos apoiadores do fascismo, mas também designava indivíduos de modos sujos e grosseiros. Em 1969, o apelido adormecido voltou a ser insistentemente utilizado pelos corintianos, após o Palmeiras ser o único clube contra a inscrição de dois novos jogadores alvinegros para o lugar dos falecidos Lidu e Eduardo, criando celeumas em uma rivalidade já histórica.

A rivalidade entre Palmeiras e Corinthians teve na disputa simbólica pelo porco outro episódio em 1978, quando torcedores corintianos jogaram um porco pintado de verde no gramado do Morumbi, antes do início do clássico. Segundo Hélio Silva, presidente da Torcida Uniformizada do São Paulo e um dos participantes da peripécia, o porco lhe foi dado por um integrante dos Gaviões da Fiel para que ficasse escondido no estádio do Morumbi. A ajuda do são-paulino para burlar a segurança deu certo e o animal foi entregue aos corintianos que o mantiveram escondido na arquibancada e o lançaram ao gramado quando as equipes

17 ROMEU, esperança do Palmeiras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22/06/1980, p. 15.

18 A POSIÇÃO da TUP. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27/10/1980, p.14.

19 Premiação criada pelo jornalista Wilson Brasil.

se aqueciam. Durante 17 anos, o termo porco foi tratado com xingamento pelos alviverdes. (HOLLANDA; FLORENZANO, 2019 p.118)

O ressurgimento do porco se tornou um projeto desde 1983, quando o diretor de marketing João Roberto Gobatto sugeriu a adoção do símbolo. A novidade foi extremamente mal recebida no Palmeiras, causando a Gobatto a perda do cargo, problemas com as velhas lideranças do clube e o apelido de Porcatto. Em 1984, o esforço em prol do porco partiu da Torcida Uniformizada do Palmeiras, que confeccionou casais de porquinhos de porcelana e os vendeu a 5 cruzeiros. As boas vendas surpreenderam a diretoria e mostraram o potencial do novo mascote. Frente ao sucesso do porco junto à torcida, Cléo, presidente da Mancha Verde, assumia “Agora é porco na cabeça deles (...) os conservadores terão de engolir.”²⁰

A mascote e o grito caíram no gosto da torcida que entoou ainda timidamente “E dá-lhe porco, e dá-lhe porco, olê, olê, olê”²¹ na vitória contra o Santos em 29 de outubro de 1986 e a plenos pulmões no clássico contra o São Paulo, no 02 de novembro seguinte. Marcelo Lima, da Torcida Uniformizada do Palmeiras e apoiador do porco, aproveitou a oportunidade para provocar os rivais: “Quero ver se os outros vão ter peito de assumir o Gambá ou o Bambi”²².

Contudo, a “mais vibrante” não acumularia apenas essa alcunha ao longo de sua existência. Ao longo da década de 1980, a mídia apresentava uma gradual transformação nos modos da torcida palmeirense. O semanário *Placar*, por meio do repórter Roberto Salim, se propunha a acompanhar a preparação das torcidas organizadas do Palmeiras para o clássico contra o Santos, no dia 29 de outubro de 1985²³.

Segundo Salim, o clima de hostilidade começava antes mesmo do clássico. Durante a semana do jogo, várias torcidas alviverdes receberam ligações com ameaças santistas, por isso, junto das bandeiras e instrumentos, os jovens da TUP mantinham pedaços de pau. Segundo a publicação, aquele era um momento de mudança da torcida alviverde: “A torcida do Palmeiras agora é assim: não some dos estádios nas más fases, grita pelo time, sofre desde 1976 com o jejum de títulos e não enjeita uma boa briga.”²⁴

O presidente da incipiente Brigada Verde fazia coro aos novos tempos: “A torcida do Palmeiras cansou de ser boazinha”²⁵. A torcida organizada, fundada em 1983 e presidida pelo estudante José Bernardo Cambler Navas, de 22 anos, contava com 500 componentes que, segundo *Placar*, estavam dispostos a tudo. O nome foi inspirado na torcida da Sampdoria, a Brigate Azzurri, e foi escolhido por ser um nome de guerra.

A ideia dessas torcidas era desatrelar as representações sobre a coletividade palmeirense dos slogans da TUP da década de 1970. Para Navas, a TUP pregava o amor no estádio, mas os torcedores palmeirenses eram sempre os feridos nos confrontos, chegava a hora de um basta. As novas torcidas organizadas do Parque Antártica tinham em comum os nomes belicosos: Boínas Verdes, Falange Verde, Comando Alviverde, a Brigada Verde e a Máfia Verde. Para Matheus Rodak, era o sinal dos tempos:

20 “E DÁ-LHE porco. *Placar*, São Paulo, 10/11/1986, p. 22.

21 *Ibid.*

22 *Ibid.*

23 A GUERRILHA dos verdes. *Placar*, São Paulo, 15/03/1985 p.32 – 33.

24 *Ibid.*

25 *Ibid.*

Hoje, uma torcida precisa de nome de guerra. Não fica bem criar um grupo e botar o nome de Passarinho Verde ou Flor Verde (...) Os tempos mudaram. Nós criamos a TUP, tínhamos todo um procedimento: todos tinham de usar calças e sapatos brancos e a camisa verde. Hoje não dá mais para se pedir isso. (...) Durante muito tempo, ela foi educada e bem-comportada. Mas as outras torcidas achavam que era covardia. Então mudamos – tivemos de acompanhá-las. São sinais dos tempos²⁶.

A TUP encontrava outras torcidas organizadas do Palmeiras no vale do Anhangabaú, ponto de reunião dos ônibus fretados e de saída dos veículos da CMTCC²⁷, que iam diretamente para o Morumbi. O ponto de encontro no centro de São Paulo colocava juntos palmeirenses e santistas, que embarcavam lado a lado. O receio de confrontos no Anhangabaú e de emboscadas no caminho eram frequentes, tanto que o presidente tupista, José Carlos Burti, ia à frente do comboio com seu carro para prevenir possíveis enrascadas. Segundo Burti, as emboscadas diminuíram após uma tentativa malfadada de alguns corintianos em agredir palmeirenses no retorno do Morumbi para o Parque Antártica, dizia ainda, “a união entre todas as torcidas é nossa grande arma. Agora sabemos aproveitá-la.”²⁸

Os enfrentamentos entre torcidas dos grandes clubes paulistas se tornavam mais recorrentes e, no caso palmeirense, estavam relacionados à ausência de títulos, que incomodava desde 1976, e as arbitragens ruins²⁹. Essa concepção era presente nos juízos das editorias esportivas da *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, entre os profissionais da revista *Placar* e uma parte significativa do depoimento de torcedores alviverdes.

Ricardo Barbosa, um dos criadores da TUP, citava a partida entre Palmeiras e Vasco em que o árbitro Édson Alcântara de Amorim foi criticado por ambos os times pelas expulsões de Mário Sérgio e Jorginho. As falhas de arbitragem atizaram os ânimos dos palmeirenses, que tentaram agredir a torcida carioca. A situação só foi contornada pela amizade entre as torcidas vascaínas e as torcidas palmeirenses, que organizaram um cordão de isolamento para a segurança dos aliados cariocas.

Segundo Roberto Salim³⁰, a violência palmeirense superava a torcida santista e a os corintianos, até então as mais agressivas na capital paulista. Longe de negar os momentos violentos da TUP, Burti reafirmava que a violência não era o objetivo da entidade. O mandatário justificava que o patrimônio de 5 milhões de cruzeiros, investidos em caderneta de poupança, e as mensalidades de 15 mil cruzeiros alimentavam a festa com fogos de artifício, papel higiênico e outros materiais usados nos estádios; além disso, disponibilizavam ingressos e condução aos jogos para os integrantes da torcida. A motivação principal da torcida organizada era a festa na arquibancada e as brigas eram uma das realidades que tinham que enfrentar.

Após a partida contra o Santos, a maioria dos 28.000 torcedores do Morumbi saíram tristes com a derrota palmeirense por dois a um. No entanto, o dia ainda não terminara e chegara ao ônibus da Brigada Verde a notícia de que santistas estavam agredindo crianças e

26 A GUERRILHA dos verdes. *Placar*, São Paulo, 10/11/1986 p.33

27 Companhia Municipal de Transportes Coletivos

28 Ibid.

29 A narrativa apresentada pelos veículos midiáticos e pelos depoimentos dos torcedores palmeirenses carrega diversas semelhanças com o período de abstinência de títulos do seu principal rival, o Corinthians, entre os campeonatos de 1954 e 1977. Tais narrativas que buscam na passionalidade e frustração dos torcedores a raízes de eventos violentos.

30 Ibid.

mulheres alviverdes. O ônibus de torcedores se deslocou rumo ao confronto, que terminou sem feridos graves. Ao término do embate, a tônica dessa nova geração de torcedores foi proferida pela diretora de divulgação da TUP, “um pouquinho só de violência não faz mal a ninguém³¹”.

DA VIOLÊNCIA EM SÃO PAULO

As mudanças geracionais nas torcidas organizadas, com a constante chegada de jovens vindos de diversas partes da capital, traziam consigo novidades nas práticas, pensamentos e prioridades. Como relatamos anteriormente, a violência, os vínculos de solidariedade e o conagração eram faces de uma mesma dinâmica torcedora em constante alternância. No entanto, é explícito nas entrevistas de torcedores, nas notícias jornalísticas e na bibliografia sobre torcidas organizadas o consenso de que as relações violentas aumentaram significativamente ao longo da década de 1980. Muitos são os fatores imputados ao aumento da violência relacionada ao futebol no período, como: os problemas estruturais dos estádios; os encontros ocasionais das caravanas de torcedores pela cidade; o roubo de faixas, bandeiras e outros adereços e o aumento da circulação de armas no país. (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997).

Ao analisar os dados da violência na cidade de São Paulo, observamos que as décadas de 1980 e 1990 tiveram um aumento acentuado de homicídios e crimes contra o patrimônio, principalmente nos bairros com elevada concentração de trabalhadores de baixa renda (ADORNO, 2019). As taxas de mortalidade por homicídios mostraram um crescimento acelerado entre os anos de 1979 e 1984, um crescimento mais lento entre 1984 e 1986 e uma estabilidade em valores altos até 1994. As maiores taxas de homicídios são relativas a homens, dentre eles os adolescentes e jovens adultos. Em 1984, um adolescente do sexo masculino tinha doze vezes mais chances de morrer por homicídio do que uma adolescente do sexo feminino. (BARATA; RIBEIRO; MORAIS, 1999, p.712-713). Em relação a isso, Cordeiro e Donalisio (2001) asseveram:

Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), um dos quatro maiores aglomerados urbanos do mundo, os homicídios estendidos foram responsáveis por 2410 óbitos no ano de 1979. A análise dos dados aqui apresentados permite identificar que nos vinte anos subsequentes foram assassinados 130.761 moradores da RMSP, em sua maioria adolescentes e adultos jovens, sendo 92% deles do sexo masculino. (CORDEIRO; DONALISIO, 2001, p. 670).

Os dados apontam estatisticamente os perigos de ser um adolescente ou um jovem adulto na cidade de São Paulo. O risco se apresentava ainda maior para aqueles egressos da classe trabalhadora e integrantes dos bairros da periferia. Os anos entre 1979 e 1984 foram especialmente violentos e coincidem com o aumento de notícias de violência relacionada ao futebol e à belicosidade dos atos. A existência de uma sociedade altamente violenta forja consigo uma cultura de excessos mais recorrentes.

A violência do futebol não surgiu nos anos finais da década de 1970, é uma realidade histórica desde os primeiros momentos do esporte no Brasil (STREAPCO, 2018; SILVA, 1996). No entanto, cada época determinou à sua maneira e sob influências internas e externas

31 Ibid.

ao campo futebolístico suas práticas de transgressão.

A geração dos fundadores das torcidas organizadas defendia que a violência da época era feita de enfrentamentos esporádicos e não agendados; não utilizavam-se armas de fogo, pois o intuito não era matar; mais do que uma diversão ou provocação, era necessária à defesa da torcida, são raros os casos em que se assumia desejo de provocar dolo (RODAK, 2014; LIMA, 2015).

O surgimento de uma nova geração de torcedores que atingia a adolescência ou a maioridade no final da década de 1970 reformulou muitos dos paradigmas até então sedimentados nas torcidas organizadas, pois estavam providos de outro repertório social em detrimento daquele proposto pelos fundadores das torcidas organizadas paulistanas, significativamente egressos das classes médias.

A forma como cada geração atribuía significado e sentido à violência tinha raízes em suas vivências sociais mais amplas, nos ciclos, caminhos e relações desenvolvidas na metrópole e, no caso do futebol, nas aflições, amarguras, frustrações e humilhações nas relações entre torcedores.

DA DISPUTA GERACIONAL PELO SENTIDO MORAL DO "RESPEITO" OU QUANDO NOVOS ATORES TOMAM AS ARQUIBANCAS DE ASSALTO

As torcidas organizadas são compostas majoritariamente por homens desde seu surgimento. Locais privilegiados para a expressão da virilidade, ou seja, oportunos para que os jovens possam cumprir a passagem para a vida adulta. A torcida é formadora de uma identidade social, de valores de mundo e de uma subjetividade. Para muitos jovens, se apresenta com a antítese do lar, espaço dos cuidados femininos e da infantilização (BAUBÉROT, 2013). A torcida organizada se constitui como espaço de provar uma masculinidade assentada em valores como a dureza, a resiliência, a coragem e a autoafirmação.

A hegemonia da virilidade nas torcidas organizadas se dá por um discurso que mescla a força física e a firmeza moral, duas características que unem os discursos tanto dos fundadores quanto dos novos grupos de torcedores do final da década de 1970. As diferenças geracionais que tomam corpo na década seguinte trouxeram consigo novos juízos do que seria a firmeza moral dentro de uma torcida organizada.

Para Wanderlei “Matheus” Rodak, a palavra respeito se solidificava nas relações de cooperação entre as torcidas, criando um ambiente de trocas, mesmo que, por vezes, houvesse confrontos, prevaleciam-se alguns valores a serem respeitados. Exemplo disso foi a reação do presidente dos Gaviões da Fiel, citado por Rodak (2014, p.9): “Uma vez a torcida do Corinthians pegou a faixa da nossa torcida infantil, o Flávio La Selva pegou a faixa e foi lá devolver. Então tinha um mínimo de respeito.”

Na entrevista de Rodak (2014) e nos juízos midiáticos que foram apresentados sobre a TUP, a categoria nativa “respeito” é assemelhada à civilidade e assumida como o principal valor moral da entidade, exemplo disso eram as festas de fim de ano da TUP, em que eram homenageados atletas de outros clubes que se destacaram ao longo do ano. As confraternizações no clube Circolo Italiano contaram com a presença de jogadores como Wladimir e Casagrande, do Corinthians; Muricy Ramalho, do São Paulo; e Rodolfo

Rodrigues, do Santos, entre os homenageados. Nesse ambiente a virilidade estava atrelada às características que fazem um homem ou grupamento ser visto como adulto, ou seja, a primazia do autocontrole e a capacidade de gerir relações possivelmente conflituosas.

Contudo, o respeito atendia também a outras concepções de mundo concernentes ao prisma da virilidade. Atribuir essa mudança do panorama das torcidas, ocorrido na década de 1980 ao surgimento da Mancha Verde, seria confundir a causa e a consequência, dado que as relações de violência e enfrentamento entre torcidas já eram uma constante na cidade de São Paulo. A adoção de uma concepção de respeito baseada na ideia de ser temido, na capacidade de submeter o adversário ou se fazer respeitar pela violência era uma questão recorrente desde a década de 1970.

Paulo Serdan (2014), fundador e presidente de honra da Mancha Verde, defendeu em depoimento ao projeto Territórios do Torcer que o surgimento de uma nova torcida era resultado de humilhações sofridas pela torcida do Palmeiras frente à violência perpetrada por Gaviões da Fiel e pela Torcida Jovem do Santos. A perda de materiais, como faixas e bandeiras, a impossibilidade das torcidas organizadas do Palmeiras frequentarem eventos, como os jogos da seleção brasileira, foram geradores da revolta e do desejo de suplantar seus algozes.

E aí essa molecada que se juntou na Inferno, que era eu, o Moacir, o Cléo, essa rapaziada, a gente já começou meio que a criar uma família, a gente já estava bem amigos. Aí já tinha outra rapaziada na TUP, também, que estava surgindo: o Marcelo, o Nivaldo, Beto, Cabeção, uns outros caras que também já eram meio contra essa coisa de ficar só levando amor ao estádio e ficar apanhando. Então a gente já estava meio que todo mundo meio se conhecendo, e aí a coisa foi encorpando. E foi quando surgiu a Mancha. E a intenção era essa, era fazer as pessoas nos respeitarem (AQUINO, 2014, p.10).

Uma juventude proveniente das pequenas torcidas palmeirenses e novos torcedores da TUP faziam uma interpretação dos valores torcedores em voga na década de 1980 e prometia devolver o respeito tomado da coletividade alviverde. O ambiente violento da cidade, as humilhações sofridas e a imposição do valor moral do respeito fomentaram essa dinâmica torcedora.

MANCHA VERDE, A MAIS TEMIDA

A torcida organizada Mancha Verde surgiu em 11 de janeiro de 1983, herdando o nome de outra torcida palmeirense, criada no final da década anterior e de vida efêmera. Fruto da união de três pequenas entidades, a Império Verde, a Inferno Verde e o Grêmio Alviverde, a nova torcida nasceu sob o princípio de resgatar o respeito perdido.

A Mancha Verde, homenagem ao personagem da Disney Mancha Negra, se sustentava com a venda de adesivos durante as partidas e com o financiamento de seu primeiro presidente, Dorival Menezes, em seus momentos iniciais. A destituição de seu primeiro mandatário foi sintomática dos princípios que se encontravam em conflito dentro do grupo.

Na verdade, o Dorival caiu numa briga que teve, Mancha e Gaviões, no Morumbi. Foi a primeira vez que a gente realmente enfrentou os Gaviões e acabou levando a melhor, dentro do Morumbi. (...) E a gente estava indo embora, os ônibus subindo, e eu estava até no último ônibus, e eu vi uma camionete na frente e uns ônibus atrás, apagados. Eu falei: “São os caras”. Aí pulei a catraca, fui para o motorista, falei: “Vai passando os ônibus, para a gente

ir avisando”. Aí foi avisando, avisando, avisando; a gente parou os ônibus... Porque estavam todas as torcidas juntas. (...) Eu sei que o Cléo tomou uma paulada, caiu no chão logo no começo da briga, e aí a briga acabou. Porque o alvo era o Cléo. Então a gente pegou o Cléo... E aí os ônibus começaram a andar. E a gente correndo, carregando ele. Aí conseguimos jogar ele para dentro do ônibus, mas ficou um monte de gente para trás. Inclusive eu e uma outra rapaziada. (...) Aí um monte de gente acabou ficando machucada. Nesse dia, a gente acabou resolvendo que aí o Dorival tinha que sair, pela atitude de ter mandado os ônibus andarem e o caramba, sem saber o que estava acontecendo. Porque o Dorival era um cara de paz (AQUINO, 2014, p.12-13).

As palavras de Paulo Serdan, figura histórica da Mancha Verde, demonstram as divergências entre duas formas de gerir uma torcida organizada que não cabiam dentro da mesma agremiação.

As torcidas do Palmeiras, em especial a Mancha Verde, seguiram sua marcha em busca de respeito e despertavam o alerta das autoridades. No clássico contra o Corinthians, em 18 de agosto de 1985, torcedores palmeirenses foram surpreendidos pela polícia portando várias bombas caseiras. O episódio suscitou um evento organizado pela Federação Paulista de Futebol, que reuniu representantes da Polícia Militar, da Federação e das torcidas em busca de soluções de comum acordo para a violência³².

Para Nelson Novaes Mardini, diretor da Torcida Tricolor Independente³³, a cor da violência era verde e branca. O caminho que a Mancha Verde trilhava em busca de respeito atraía críticos e fomentava divisões entre as torcidas, ocasionando diversos confrontos com a Independente durante os anos 1980 e 1990. A necessidade de prevalecer sobre todos os adversários, ideal comum às duas torcidas, alimentou uma rivalidade exacerbada:

Desta vez foram bombas, mas já vêm acontecendo casos de agressões sempre envolvendo as torcidas do Palmeiras, sobre as quais, repetidas vezes alertamos os responsáveis pela segurança. A VIOLÊNCIA no futebol é tema da reunião na FPF (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 32).

Segundo torcedores da TUP, a sacola pertencia a Bernardo, membro da Brigada Verde. O torcedor, por sua vez, afirmou ter levado a sacola em seu carro do Parque Antártica ao Pacaembu a mando de Burti e Cléo, respectivamente presidentes da TUP e da Falange Verde, mas acreditava tratar-se apenas de rojões. Mais do que a tentativa de todos os envolvidos de se desatrelarem das implicações do porte de bombas, cabe ressaltar como as lideranças de diversas torcidas palmeirenses tinham um canal frequente de comunicação e atuação conjunta.

Uma semana após a apreensão das bombas caseiras, José Maria Marin, Nabi Abi Chedid e Eduardo José Farah, respectivamente, presidente, vice e assessor da Federação Paulista de Futebol, assistiram à vitória palmeirense contra o São Bento no meio da torcida alviverde. Marin argumentava que sua atitude era uma forma de demonstrar que a torcida não tinha relação alguma com os irresponsáveis que portavam as bombas. Antônio Carlos Romano, torcedor da Mancha Verde, fazia questão de tomar distância do mandatário e denunciar a demagogia envolvida na atitude, visto que na reunião entre torcidas organizadas e a Federação, a Mancha Verde fora duramente desqualificada³⁴.

32 A VIOLÊNCIA no futebol é tema da reunião na FPF. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22/08/1985, p. 32.

33 Torcida organizada do São Paulo Futebol Clube

34 A TORCIDA geral pela paz. *Placar*, São Paulo, 30/08/1985, p. 4 – 5. MARIN e Nabi assistem a partida nas arquibancadas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26/08/1985, p. 20.

Os enfrentamentos envolvendo as torcidas palmeirenses, com destaque para a Mancha Verde, se repetiram ao longo da década de 1980. No Maracanã, em partida válida pela Copa União, torcedores palmeirenses, apoiados por vascaínos, e flamenguistas, apoiados por corintianos, entraram em confronto em 1987³⁵.

O dia a dia da torcida envolvia amplas relações com todo o espectro do campo esportivo passando por dirigentes, órgãos de segurança, burocratas do futebol, mídia esportiva e atletas. Ainda em 1987, a Mancha Verde promoveu a festa do troféu Dá-lhe Porco, em que premiou a Revista *Placar* e o caderno esportivo do jornal *Popular da Tarde* como melhores veículos da mídia, além de Edu e Júnior, como os destaques palmeirenses do ano³⁶.

Os conflitos persistiram no ano seguinte e colocaram novamente em lados opostos torcedores da Mancha Verde e da Independente. O plano dos são-paulinos era atirar rojões nos palmeirenses após uma reunião na sede da Federação Paulista de Futebol, porém, após os disparos e a dispersão, restou apenas o presidente da Independente, Adamastor, que fugiu sozinho para esconder-se em uma farmácia e acabou saindo de lá diretamente para o camburão da Polícia Militar. A reunião, que visava a indicação de cinco torcedores de cada clube para ameaharem as críticas e sugestões da torcida, ficou em segundo plano diante do ocorrido. Devido a isso, houve críticas do são-paulino Hélio Silva da TUSP, lembrando que expedientes, como os empregados pela Independente, geravam uma imagem social das mais negativas para o movimento das torcidas organizadas³⁷.

Poucos meses depois, aconteceria o episódio mais marcante da história da Mancha Verde. Existem diversas versões sobre a execução do torcedor Cleófas Sóstenes Dantas da Silva, o guerreiro Cléo. O torcedor que foi presidente e símbolo da Mancha Verde era considerado a representação máxima dos valores da entidade.

Conhecido no universo das torcidas organizadas por palmeirenses e pelos adversários, Cléo era um apaixonado pelo clube e exímio brigador³⁸, sempre pronto a restaurar e proteger a honra de sua instituição. Executado a tiros na porta da Mancha Verde, foi aventada a possibilidade de revanche de alguma torcida adversário, com as maiores suspeitas voltadas aos Gaviões da Fiel. O sepultamento no cemitério do Araçá, em jazigo pertencente a S.E. Palmeiras, foi acompanhado pelos jogadores Lino, Zetti, Ivan e Marcos, causando comoção na torcida e no clube³⁹. Cléo era o presidente em exercício da Mancha Verde e foi substituído pelo colega de muitos anos Moacir Bianchi, o MOA, que também morreu executado a tiros em 2017, na capital paulista⁴⁰.

No domingo, após a morte de Cléo, a Mancha Verde retornou aos estádios em partida contra o Cruzeiro. As homenagens ao torcedor incluíram faixas da campanha do 2º Batalhão de Choque da PM contra a violência, balões e rojões. Após as homenagens, o que se viu foram mais de quinze minutos de brigas entre cruzeirenses e palmeirenses, a polícia teve dificuldade

35 PALMEIRAS perde outra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 08/11/1987, p. 40.

36 A Mancha Verde não possuía o mesmo costume da Torcida Uniformizada do Palmeiras de premiar os destaques dos clubes adversários. PLACAR recebe prêmio. *Placar*, São Paulo, 09/11/1987, p.65.

37 REUNIÃO de torcidas uniformizadas na FPF acaba em “bombardeio”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21/06/1988, p. A22.

38 Alcinha nativa dada àqueles que se destacam nos confrontos físicos.

39 CHEFE da ‘Mancha Verde’ é morto a tiros na sede. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19/10/1988, p. D2; PAULINHO combate as críticas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19/10/1988, p. 18; MANCHA de sangue. *Placar*, São Paulo, n. 960, 28 out. 1988, p. 35.

40 Cf. El País (2017).

em controlar a situação e fez o uso de disparos para o alto como tentativa de dispersar os torcedores. Os ônibus da torcida visitante foram depredados e os cruzeirenses tiveram que ser escoltados⁴¹. Um dos motivos citados para o início das hostilidades teriam sido os gritos da torcida mineira: “– Cléo morreu, a Mancha se fudeu!”⁴²

No dia seguinte, foi celebrada a missa de sétimo dia do presidente manchista que levou torcedores, atletas e dirigentes ao ginásio da Sociedade Esportiva Palmeiras. O clima de revolta e a sensação de impunidade eram a tônica dos torcedores que buscavam vingança⁴³.

A descrença de que as investigações da 23ª Delegacia de Polícia da capital paulista levassem aos autores do assassinato e a fama de torcida organizada mais violenta de São Paulo fazia daqueles torcedores, na noite de 24 de outubro de 1989 no Parque Antártica, o centro do furacão das contradições do *ethos* da masculinidade viril, em que a violência, a dor, a impotência se mesclavam no adeus ao guerreiro Cléo.

Segundo *O Estado de S. Paulo*, “um momento de religiosidade que está longe de significar o fim da brutal e indesejável violência nos estádios, uma das principais causas de afastamento do público.”⁴⁴. A morte de Cléo funcionava assim como elo entre o passado recente de enfrentamentos e o prenúncio de um futuro pouco auspicioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fardo de sustentar o “respeito” e a “honra” dentro de uma torcida organizada e na relação com seus rivais atendeu a diversos sentidos dentro da experiência dos torcedores palmeirenses. A recorrência de termos como abnegação, vontade e luta denotam um universo de tensões e valores morais que regem a vida das organizações e de seus adeptos. Nesse sentido, a vida dos primeiros anos da Torcida Uniformizada do Palmeiras e os primeiros anos da Mancha Verde são complementares e símbolos de experiências diversas sobre a virilidade como apresentada por Bourdieu:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. Na medida em que ele tem como sujeito, de fato, um coletivo – a linhagem ou a casa -, que está, por sua vez, submetido às exigências imanentes à ordem simbólica, o ponto de honra se mostra, na realidade, como um ideal, ou melhor, como um sistema de exigências que está voltado a se tornar, em mais de um caso, inacessível. A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga (BOURDIEU, 1999, p.64).

Nos primeiros anos da TUP, a concepção de virilidade apresentava-se sob o signo do respeito mútuo nas relações internas à torcida e com seus adversários. A figura, os ideais e os discursos de Wanderley Matheus Rodak são confirmações do desejo de uma atuação torcedora em que os valores morais estivessem acima da rivalidade clubística.

“A mais vibrante” tinha em sua civilidade e na performance torcedora da arquibancada, seus norteadores; porém, os jovens que acorriam à torcida organizada trouxeram consigo novas formas de pensar. Assim, velhos e novos valores se entrelaçavam na experiência dos

41 PALMEIRAS bate Cruzeiro; torcidas ‘guerreiam’ no estádio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24/10/1988, p. D8.

42 Ibid.

43 TORCIDAS provocam o terror nos estádios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25/10/1988, p.16.

44 Ibid.

líderes dos anos 1980, Marcelo Lima, longevo presidente da TUP.

Nessa composição entre os valores de paz fundantes da torcida e as concepções de uma vanguarda de jovens que cresceram em uma cidade cada dia mais perigosa, a violência ocupou espaço central. Para essa vanguarda torcedora, retomar o respeito perdido era defender o direito do palmeirense de andar com a camisa do seu clube de cabeça erguida pela cidade - sem temer a humilhação de corintianos ou santistas - era o imperativo de uma geração que não vislumbrava mais a solução através do diálogo.

A briga, meio de angariar esse respeito que beneficiaria toda a comunidade palmeirense, também não era destituída de valores ou respeito. O uso de armas de fogo ou armas brancas era uma excepcionalidade, pois o desejo era somente subjugar o adversário e não o matar; assim, mesmo na briga, havia o respeito pela existência humana. Como relembra Marcelo Lima:

Brigava, brigava mesmo, bati mesmo, bati muito mesmo, apanhei também, mas nunca a gente foi covarde, nós da turma nunca “deixava” ninguém bater até a morte, muito menos roubar o tênis. Mas era uma briga de... de momento, não que se arrastava para a vida do dia a dia (LIMA, 2015, p.6).

Na experiência desses novos líderes de torcida, na década de 1980, os conflitos estavam enredados em uma complexa teia de sentidos, pois brigava-se para proteger o direito de todo palmeirense demonstrar publicamente sua afeição pelo time; mas a briga poderia levar à morte de um companheiro e deixar sequelas na comunidade. O caso do assassinato do manchista Cléo e as marcas desse evento na comunidade palmeirense reforçam a sensação de que as obrigações impostas pela virilidade são antes de tudo um pesado fardo.

(...)o Cléo provocava os caras, os caras provocavam o Cléo. Só que o Cléo era inocente. Ele te enchia o saco, mas ele era inocente. Ele amava o Palmeiras, ele achava, como eu achava, que a gente se encontrava no meio de semana, dez cara parava ali, vinha os corintianos, nós batíamos. Porque a gente tinha que recuperar a honra do torcedor palmeirense de voltar usar a camisa, porque não usava. Não vem falar que foi só a Mancha, que é cascata. Não existe. Foi todo mundo. Isso foi o sacrifício de uma cem pessoa. Que muitos morreram, estão presos, estão desvalorizados. É uma palhaçada, na real. Coisa besta. Ficar batendo nos outros, meia noite, dando paulada na cabeça, para poder usar a camisa no outro dia. Uma puta falta de... Uma idiotice. Eu tenho até vergonha de falar esses bagulhos. (LIMA, 2015, p.22)

A vida de Cléo, seus feitos, sua trajetória em busca do respeito para a coletividade palmeirense, ao mesmo tempo em que se constituíam em expressão da honra deixaram uma carga de revolta e de vingança que traria muitos outros enfrentamentos na década de 1990.

O surgimento de novas lideranças na TUP e a escalada da Mancha Verde foram amplamente noticiados pela mídia, durante a década de 1990, por conta de incidentes violentos que tiveram seu ápice de belicosidade e de repercussão pública com a “Batalha campal do Pacaembu”. Este foi um conflito entre torcidas do Palmeiras e do São Paulo, que ocorreu ao final da partida decisiva da Super Copa São Paulo de Futebol Júnior, em 20 de agosto de 1995. O Pacaembu em reforma foi o palco do enfrentamento que acabou com a morte de Márcio Gasparin. Para Marcelo Lima (2015), “(...) a ideologia do torcedor organizado acabou naquele dia.” (LIMA, 2015, p. 18).

A política de proibições e de fechamentos de torcidas organizadas, levada a cabo pelo Ministério Público Federal, na figura do procurador Fernando Capez, obrigou a TUP e a

Mancha a buscarem subterfúgios para continuarem a existir e a angariar novos adeptos.

Após a prisão de Marcelo Lima, que não estava presente na partida, e um período de fechamento, a Torcida Uniformizada do Palmeiras pôde retomar suas atividades (LIMA, 2015). Para a Mancha Verde, as implicações foram mais graves, permaneceu mais de dois anos impedida de frequentar os estádios e com seu processo de extinção em julgamento. A torcida organizada, que dava seus primeiros passos no carnaval paulistano, encontrou no samba uma saída jurídica para a sua existência. Refundada como Mancha Alviverde, em 1997, entrou para o desfile de blocos carnavalescos na cidade de São Paulo e pôde organizar sua caravana ao Maracanã para a final do Campeonato Brasileiro entre Palmeiras e Vasco⁴⁵.

⁴⁵ MANCHA vira 'alviverde' para torcer no RJ. Folha de S. Paulo. São Paulo, 11/12/1997, p. 4-6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S.; NERY, M. B. Crime e violência em São Paulo: retrospectiva teórico-metodológica, avanços, limites e perspectivas futuras. **Cadernos Metrópoles**, São Paulo, v. 21, n. 44, p. 169-194, jan./abr. 2019.
- BARATA, R. B.; RIBEIRO, M. C. S. de A.; MORAES, J. C. de. **Tendência temporal da mortalidade por homicídios na cidade de São Paulo, Brasil, 1979-1994**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 711-718, 1999.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Petrópolis, Editora Vozes, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CORDEIRO, R.; DONALISIO, M. R. C. *Homicídios masculinos na Região Metropolitana de São Paulo entre 1979 e 1998: uma abordagem pictórica*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 669-677, 2001.
- EL PAÍS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/03/deportes/1488572872_937970.html. 03/03/2017. Acessado em 10 de janeiro de 2020.
- FLORENZANO, José Paulo. A república dos torcedores. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer** – Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer** – Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação**: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.
- SILVA, Elisabeth Murilho. **As “torcidas organizadas de futebol”**: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1996.
- STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola** – O futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo. São Paulo: Edusp, 2018.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

DEPOIMENTOS

- AQUINO, Paulo Rogério de. [Depoimento] Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas, 2014. 3h12.
- LIMA, Marcelo Moisés Moura. [Depoimento] Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas, 2015. 1h50.
- RODAK, Wanderley Matheus. [Depoimento] Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas, 2014. 1h 57.
- SANTOS, Jânio Carvalho. [Depoimento] Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas, 2014, 3h 50.

MEMÓRIAS DE UMA VIDA DEDICADA
AO ESTUDO DAS MULHERES NO
ESPORTE: ENTREVISTA COM SILVANA
VILODRE GOELLNER

NIVALDA PEREIRA COELHO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
nyvia.uneb@outlook.com

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
fefmarta@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a trajetória de vida da professora Silvana Goellner, a partir de uma entrevista realizada na cidade de Alagoinhas - BA, no dia 25 de outubro de 2019. A metodologia utilizada foi pautada na história oral, visto que possibilita um maior aprofundamento dos aspectos que marcaram a vida da entrevistada. Esses aspectos foram apresentados no decorrer deste trabalho em três momentos: (I) contextos e possibilidades da infância; (II) processo de formação acadêmica; (III) contribuições para o estudo sobre mulheres. Algumas situações vivenciadas na sua infância, como a aproximação com os esportes e a figura marcante da mãe enquanto uma mulher de luta, refletiram significativamente ao longo da sua vida, direcionando e vinculando suas escolhas acadêmicas e profissionais aos aspectos sociais. Foi possível entrelaçar os fragmentos de uma memória individual da entrevistada com memórias oficializadas perante a sociedade e que foram determinantes para sua atuação acadêmica e científica. Seu pioneirismo nas discussões sobre mulheres no esporte, bem como sua história de vida enquanto mulher e pesquisadora deixaram um legado que contribui diretamente para o campo da Educação Física, se tornando referência nesses estudos, ao registrar e dar visibilidade aos processos de luta das mulheres no esporte.

Palavras-chave: Memória; Mulheres; Esporte; História Oral.

Recebido em 27 de novembro de 2020.

Aprovado em 15 março de 2021.

MEMORIES OF A LIFE DEDICATED
TO THE STUDY OF WOMEN
IN SPORT: INTERVIEW WITH
SILVANA VILODRE GOELLNER

NIVALDA PEREIRA COELHO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
nyvia.uneb@outlook.com

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
fefmarta@gmail.com

ABSTRACT

This study aims to analyze the life history of Professor Silvana Goellner, starting with an interview which took place in the city of Alagoinhas – BA, on October 25th, 2019. The methodology used was based on oral history, as it allows thoroughly check the aspects that marked the interviewee's life. These aspects were presented during this work in three moments: (I) contexts and possibilities of childhood; (II) academic training process; (III) contributions to the study of women. Some events experienced in her childhood, such as the involvement in sports and the marking figure of her mother as a struggling woman, reflected significantly throughout her life, directing and linking her academic and professional choices to social aspects. It was possible to link the fragments of an individual memory of the interviewee to official memories before society which were a determining factor in her academic and scientific performance. Her pioneering role in discussions about women in sport has left a legacy that contributes directly to the field of Physical Education, becoming a reference in these studies by recording and making women's struggle notable in the sports.

Keywords: Memory; Women; Sport; Oral History.

INTRODUÇÃO

O surgimento de uma história exclusivamente das mulheres ainda é muito recente, surge em meados da década de 1960, devido a influências de fatores científicos, sociológicos e políticos (PERROT, 2019). Para que essa história seja escrita, faz-se necessário o uso de fontes, documentos ou algo que ajude nesse processo; isso, muitas vezes, não é possível pelo fato de essas fontes não existirem, pois não foram registradas ou simplesmente foram apagadas ao longo das circunstâncias de convívio em sociedade (PERROT, 2019).

Contudo, os estudos sobre o protagonismo das mulheres na sociedade têm sido intensificados e muitas pesquisas¹ surgiram com a finalidade de dar visibilidade à presença feminina, principalmente no meio esportivo, um espaço que por muito tempo foi negado a elas. Grosso modo, é possível inferir que, culturalmente, o meio esportivo têm evidenciado a participação e o desempenho masculino em detrimento do feminino, uma realidade que pode ser entendida no bojo de um processo maior de invisibilização na sociedade.

Um exemplo emblemático da diferença de tratamento dado à mulher no esporte pode ser verificado no estudo de Oliveira (2008) ao tratar da influência midiática. De acordo com a autora, a mídia, na maioria das vezes, não se interessa em transmitir o meio esportivo em que a mulher está inserida, nem mesmo nas modalidades em que elas têm destaque mundial. Essa situação se justificaria pelo fato de o esporte ter a imagem de ídolo vinculada aos homens.

No contexto brasileiro – em relação à presença e protagonismo das mulheres no esporte – é possível verificar também um aumento significativo no número de pesquisas sobre o assunto, e nesse espectro, destacam-se alguns nomes, entre eles o da professora e pesquisadora Silvana Vilodre Goellner².

Recentemente aposentada em sua atividade como docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Goellner, no entanto, ainda atua como ativista e pesquisadora sobre o tema das mulheres no esporte e na Educação Física. A professora pode ser considerada uma das precursoras dos estudos relacionados às mulheres no Brasil, principalmente no meio esportivo. Com uma história de vida marcada pela influência da figura materna, a trajetória acadêmico-profissional de Silvana Goellner sempre esteve vinculada aos esportes e à presença feminina nesse espaço.

Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar elementos da trajetória de vida dessa professora, tendo como fonte uma entrevista concedida por ela na cidade de Alagoinhas – BA, no dia 25 de outubro de 2019. Especificamente, buscou-se, partindo da memória dessa personagem, identificar os momentos que marcaram sua vida; abordar sua escolha profissional e seu engajamento acadêmico e político; por fim, relacionar esses elementos ao contexto histórico da Educação Física e com o campo científico e social direcionado ao estudo de mulheres no esporte brasileiro.

A abordagem utilizada foi pautada na história oral, entendida enquanto uma

1 Cf. Goellner e Ramos (2018); Moraes (2012); Kessler, Costa e Pisani (2020); Goellner e Kessler (2018); Altmann e Fernandes (2014).

2 Silvana Vilodre Goellner nasceu na cidade de Carazinho no Rio Grande do Sul. É licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, doutora em Educação pela UNICAMP e Pós-Doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Aposentou-se no cargo de professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em maio de 2019. Goellner relata sua história de vida, abordando, em sua fala, momentos marcantes da sua trajetória.

metodologia de pesquisa e também de constituição de fontes que podem ser utilizadas no estudo da história contemporânea. Através desse método, é possível que haja um maior aprofundamento investigativo a partir dos momentos que marcaram a vida das personagens históricas, relacionando-os com outros fatos e acontecimentos sociais contidos em fontes de outra natureza, em especial, mas não exclusivamente, as escritas (ALBERTI, 2005).

Os estudos baseados nessa metodologia de pesquisa possibilitam ao pesquisador um contato diferenciado com a história, isso porque se utiliza da memória enquanto meio para chegar aos resultados. Para Bosi (2003), através das fontes orais, muitas classes silenciadas pela história oficial tomam a palavra, podendo expor individualidades, pontos de vistas contraditórios e perfis culturais, tais como usos e costumes, aspectos que a história baseada em documentos oficiais muitas vezes não consegue alcançar.

A partir de elementos presentes na entrevista com Goellner, concomitantemente a referências contextuais dos momentos citados por ela, foram discutidos aspectos relacionados a sua formação acadêmico-científica e as questões de gênero na Educação Física. Nesse sentido, o presente artigo está dividido em três momentos. Inicialmente, fizemos uma breve apresentação sobre o contexto e as possibilidades que marcaram a infância da professora. Em seguida, foram abordadas as discussões que envolveram a Educação Física durante sua formação acadêmica e, posteriormente, falamos sobre a importância e a contribuição da sua trajetória para o estudo das mulheres. Por fim, tecemos as considerações finais do presente estudo.

“EU SEMPRE TIVE UMA INFLUÊNCIA ESPORTIVA”: CONTEXTOS E POSSIBILIDADES DA INFÂNCIA DE SILVANA GOELLNER

Silvana Vilodre Goellner nasceu em 1963, na cidade de Carazinho, no Rio Grande do Sul (RS), onde passou toda sua infância. No ano de 1982, mudou-se para Santa Maria, no mesmo estado, onde cursou Educação Física na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ingressa no mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, assim que defende sua dissertação em 1992, sai o resultado de aprovação no concurso que prestou para essa mesma instituição. No ano de 1993, muda-se para Porto Alegre - RS e começa a atuar como docente na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da UFRGS, onde permanece até a sua aposentadoria no ano de 2019.

Em meados de 1968, aos cinco anos de idade, sofreu a perda do pai em um acidente aéreo. Isso ocorreu devido a uma falha técnica que provocou a queda do avião pilotado por ele, causando uma grande tragédia para a população de Porto Alegre na época. O episódio traumático serviu para fortalecer os laços entre Silvana Goellner e sua mãe, que, a partir desse momento, assumiu as responsabilidades diante da desestruturação familiar. A figura da mãe em sua vida teve um significado muito marcante, de garra e determinação, despertando sua atenção para as questões que lhes dizem respeito. No período em que houve a tragédia com seu pai, tiveram o suporte dos avós, já que as circunstâncias da mãe não eram tão favoráveis - estava com duas crianças pequenas e grávida da terceira.

Primogênita e única mulher entre os três irmãos, Silvana traz em seu relato a imensa alegria vivenciada na infância, na companhia deles. Uma infância típica de cidade pequena,

em que havia bastante tempo para brincadeiras, na maioria das vezes, relacionadas a esportes como a natação, futebol, pingue-pongue e voleibol. Isso fez com que ela estivesse sempre ligada ao esporte, como pode ser observado em seu relato: “Eu sempre tive uma influência esportiva [...] a gente jogava junto assim, jogava de tudo um pouco, então eu sempre tive uma vida muito esportiva”³.

Em sua entrevista, percebe-se que as relações estabelecidas com o meio esportivo durante toda a infância foram cruciais para suas escolhas na vida adulta, buscando sempre maiores aproximações com as atividades que envolviam suas práticas cotidianas com grupos de amigos.

As referências de Silvana quanto aos anos em que estava no ensino básico denotam o perfil de uma aluna muito presente na escola e isso ela justifica ao fato de a cidade ser muito pequena. Mesmo tendo aulas apenas em um turno, voltava no turno oposto para auxiliar os professores, como uma espécie de aluna voluntária. Algo que fazia muito nessas situações era participar dos times de outras turmas, principalmente voleibol, que embora ela gostasse muito de jogar, não havia times femininos, por isso sempre jogava com os meninos. Ao questionarmos a presença de preconceitos ou algo do tipo ela relata:

Não! Porque não tinha interesse. De handebol tinha feminino, mas de voleibol, que era o que eu jogava, não tinha. E quando tinha não era tão potente como eu queria que fosse. Como eu jogava, eu sempre fui muito alta jogava sempre com os meninos.⁴

Outra lembrança marcante para Silvana foram as idas ao clube da cidade para nadar com o seu grupo de amigos. Passavam o dia todo sem ir em casa nem para almoçar, já que levavam as marmitas exatamente para aproveitar mais o tempo. Ao longo do seu depoimento, nota-se que essa relação construída com os esportes ajudou a criar uma inclinação para a atuação em projetos de extensão universitária durante a graduação.

No término do segundo grau,⁵ ainda em Carazinho, nossa entrevistada realiza a sua escolha profissional, decide ingressar na Universidade e começa a cursar Letras na UFRGS, sua intenção inicial era se tornar Tradutora Intérprete. No entanto, no primeiro ano de curso notou que não era bem aquilo que queria, que poderia estudar inglês fora do país em outro momento. Como sempre foi muito livre para fazer suas escolhas, decidiu mudar para o curso de Educação Física, inicialmente na cidade de Passo Fundo, próxima a Carazinho, e, posteriormente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que na época era referência nesse curso curso. Por fim, realizou novamente o vestibular e ingressou na turma de 1982.

Os anos da graduação, mais especificamente os vivenciados como discente do curso de Educação Física da UFSM, foram cruciais para sua formação social e política, já que foi nesse período que Silvana teve contato com o diretório acadêmico da universidade e pôde fazer parte de organizações e movimentos que nele eram desenvolvidos.

Embora Silvana tenha vivenciado uma infância em meio a um contexto social e político de grandes restrições no país - período da ditadura civil/militar (1964 -1985) -, isso não afetou diretamente sua vida naquele momento. O fato de morar em uma cidade pequena, do

3 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores, em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

4 Ibidem.

5 Etapa de ensino atualmente denominada de Ensino Médio e regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394, de 31 de dezembro de 1996.

interior, talvez tenha feito com que as notícias e as medidas de repressão chegassem até ali em menores proporções.

No entanto, a infância vivida no interior não limitou o seu olhar para as questões nacionais, pois, à medida que o tempo foi passando, sua sensibilidade para as questões sociais do país foram se desenvolvendo de forma a atingir o seu ápice durante a vida universitária, marcando a sua maneira de dialogar com o efervescente campo intelectual da Educação Física, na década de 1980.

A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE SILVANA E O “RACHA” NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Embora a entrevistada evidencie momentos felizes, de brincadeiras e diversão na sua infância em meados da década de 60, vale ressaltar que naquele momento, o país iniciava o período da ditadura militar, marcado por muitas mortes, repressões e perseguições em todos os setores da sociedade, inclusive na educação. No entanto, ela não tinha essas percepções no momento em que tudo acontecia, isso só foi acontecer durante as aulas de história, quando já estava no segundo grau. Dessa forma, começou a estudar a ditadura militar que estava acontecendo no Brasil e que naquele momento, prestes a entrar na graduação, em meados da década de 80, já estava chegando ao fim.

Mesmo não percebendo diretamente os reflexos do que ocorria em sua época, Silvana Goellner relembra os jogos da copa do mundo de futebol de 1970, que assistiu ao lado de toda a sua família. Naquele momento, o futebol já tinha um papel político e social muito grande. Pereira (2012)⁶, traz questões importantes acerca da utilização do futebol e do sucesso da seleção daquele ano para a promoção do governo, que não economizou no investimento à seleção canarinho. O futebol tinha todos os holofotes e tirava a atenção do regime ditatorial que a população brasileira estava vivendo (PEREIRA, 2012).

Quando entrou no curso de Educação Física, Goellner já estava mais consciente sobre o regime militar e não demorou muito para fazer parte do Diretório Acadêmico. Nessa mesma época, o país passava pelo movimento das Diretas Já⁷ e começaram discussões dentro do curso, referentes à sua relação com as ciências biológicas e as ciências humanas, denominado por Silvana como um “racha” na Educação Física, que até então possuía uma vertente epistemológica predominantemente biológica. Sobre sua passagem pelo Diretório Acadêmico e essa série de acontecimentos a depoente relata:

[...] mesmo quando eu estava morando em Carazinho, eu era muito ligada nas coisas assim, eu vi que tinha algum desconforto, um conservadorismo que me incomodava. Mas só fui perceber, quando eu entrei no diretório acadêmico, quando a gente estava passando pelo movimento pelas eleições diretas, o “assassinato” do Tancredo que naquela época a gente tinha a plena convicção que tinha sido assassinado. Na Educação Física com aquele “racha” que tinha naquele período, então Santa Maria foi palco de debates maravilhosos. Como era referência e Santa Maria é uma cidade muito militarizada, tem uma Base Aérea do lado da

6 Neste estudo intitulado *Pra Frente Brasil: Ditadura militar, identidade e copa de 70*, a autora busca retratar o período violento da ditadura e as relações estabelecidas com o futebol enquanto papel político e social na coletividade a partir da leitura de dois filmes: *Pra frente Brasil* e *O ano que meus pais saíram de férias*. Para mais detalhes, ver: Pereira (2012).

7 Movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, ocorrido entre 1983 e 1984. A possibilidade de eleições diretas para a Presidência da República no Brasil se concretizaria com a votação da proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso. Entretanto, a Proposta de Emenda Constitucional foi rejeitada, frustrando a sociedade brasileira. Ainda assim, os adeptos do movimento conquistaram uma vitória parcial em janeiro do ano seguinte quando Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral.

universidade, a gente convivia com um polo de esquerda e um polo de direita muito claro, a gente vivenciava muito isso, e no diretório a gente teve a chance de ter o Lino Castellani indo a Santa Maria⁸.

Os fragmentos de memória presentes na fala da entrevistada possibilitam uma reflexão acerca de alguns aspectos. Um deles se refere à morte de Tancredo Neves, candidato à presidência em 1985 e que, perante a história oficial, embora tenha sido eleito, não chegou a tomar posse devido a problemas de saúde, que, posteriormente, o levou à morte por complicações cirúrgicas. No entanto, o depoimento de Silvana chama atenção para a existência de outras memórias não oficializadas que entram em disputa com a história oficial e que entendem esse contexto como um atentado político que resultou no assassinato de Tancredo Neves.

O procedimento metodológico da história oral prevê, entre outras características, a cautela e a vigilância que os pesquisadores(as) precisam ter no que diz respeito às produções da memória construídas pelos entrevistados(as); as versões dos fatos podem não corresponder necessariamente com as versões históricas oficiais, contudo, estas são construções cognitivas que os(as) entrevistados(as) acreditam ter ocorrido, portanto, são representações produzidas no tempo presente.

Segundo uma matéria divulgada pelo site do jornal *O Globo*⁹, essa ideia tomou força após declaração do general Newton Cruz de que Paulo Maluf, adversário de Tancredo em 1985, teria proposto um golpe caso seu oponente fosse eleito. Nesse sentido, embora as notícias oficiais vinculassem a morte de Tancredo a problemas de saúde, memórias marginalizadas foram surgindo em oposição.

Outro aspecto presente nos depoimentos de Silvana trata-se do ideário de “racha” na Educação Física que, segundo ela, envolveu discussões de grande relevância para a construção da sua história e do seu processo de formação docente. As relações políticas nesse meio eram evidentes e “[...] as pessoas mais ligadas a esquerda eram das áreas humanas”¹⁰, se tornando um marcador para a sua própria trajetória acadêmica, deixando de lado as questões do treinamento esportivo e físico e se aproximando dessas novas discussões presentes na cidade de Santa Maria - polo de um grupo de pessoas que se tornaram referência na área de Educação Física relacionada às ciências humanas.

Ao ser questionada acerca da influência do currículo para sua aproximação com as discussões voltadas à área de humanas, a professora relata que não estavam consolidadas no currículo da instituição nem mesmo ligadas a professores. Para a entrevistada, essa construção foi determinada pela conjuntura vivenciada naquele momento, principalmente com sua ligação aos movimentos sociais. No seu relato abaixo, podemos notar de forma mais detida como as ações organizadas pelo diretório acadêmico contribuíram para esse contexto:

No currículo não tinha, eu acho que o que foi determinante foi a conjuntura da época, que era ir pra rua, era a morte do Tancredo, era a Diretas Já, o nascimento do PT no nas cidades do interior, os movimentos contra o aumento da passagem do ônibus dos estudantes, a

8 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

9 RELEMBRE as teorias da conspiração sobre a morte de Tancredo Neves. In: *O Globo*.

10 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

reivindicação da moradia estudantil. Então foi esse movimento digamos assim formador do que sou. Professores, eu tive alguns professores que influenciaram bastante a minha formação, mas não eram digamos, abertamente de esquerda, eram sensíveis a várias questões.¹¹

Embora tenha construído uma trajetória de importantes discussões relacionadas às ciências humanas, foi possível notar em seus relatos que Goellner sempre esteve muito ligada a disciplinas técnicas da formação em Educação Física. Foi monitora e estagiária no laboratório de biomecânica, monitora do laboratório de aprendizagem motora, fez atividade voluntária com a terceira idade e também foi monitora de natação. Isso acontecia exatamente devido ao contexto em que estavam vivenciando, a Educação Física era totalmente voltada a áreas técnicas e, em meio a esse cenário, Silvana participava de discussões e debates sem se ausentar das práticas oferecidas pelo currículo da UFSM vigente no momento, como relata a seguir:

[...] bem aquele momento que a gente discutia a formação dos currículos, a gente estava saindo de um currículo que era absolutamente voltado para as questões mais técnicas, tecnicista da Educação Física e estávamos participando de outras discussões.¹²

Outro fato de grande influência em sua trajetória enquanto pesquisadora foi o contato com alguns professores durante sua graduação, a saber: Ingrid Becker, Rainer Hildebrandt, José Francisco Silva Dias e Marta de Salles Canfield. A entrevistada relatou que Ingrid Becker lecionava ginástica, mas o fazia de uma forma diferente, ela via a prática para além dos aspectos competitivos; já o professor Rainer Hildebrandt, outro professor da área ginástica, veio da Alemanha para o Brasil nos primeiros anos da década de 1980, como professor visitante do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM. Hildebrandt, foi o proponente do que veio a se tornar no Brasil a “Concepção de Aulas Abertas na Educação Física”¹³, um método considerado inovador para o período e de grande importância para a história da Educação Física, sendo utilizado e estudado na atualidade.

O livro de Hildebrandt, inclusive, foi publicado durante sua estadia na UFSM como professor da turma de Silvana Goellner. As aulas desenvolvidas por ele eram totalmente diferenciadas, fundadas na teoria crítica da Escola Alemã de Frankfurt, que, naquele período, influenciou diversos professores brasileiros no chamado Movimento Renovador da Educação Física (MREF)¹⁴. Sobre essas aulas a entrevistada traz o seguinte relato:

[...] a gente tinha aulas em uma floresta, um mato que tinha do lado dos prédios da Educação Física; a gente elaborava os materiais para as aulas, era todo um processo novo de aprender o movimento, para explorar as capacidades de movimentação, foi o céu! Tanto é que no livro do Rainer que ele publicou no Brasil, que se chama Concepções Abertas no Ensino da Educação Física, aparecem várias fotos da minha turma de graduação, da gente fazendo as atividades.¹⁵

11 Ibidem.

12 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

13 A Concepção de Aulas Abertas na Educação Física foi desenvolvida por Hildebrandt e Laging (1986), é um estilo metodológico em que professores e alunos preparam juntos as aulas e estabelecem os objetivos a serem atingidos. Para maiores informações sobre essa concepção, consultar a obra: HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. Concepções abertas ao ensino da educação física. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

14 Segundo Machado e Bracht (2016), pode ser entendido como um movimento que foi capaz de transformar pressupostos que orientavam a Educação Física na década de 80, os quais eram voltados para a aptidão física e esportiva.

15 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

O professor José Francisco Silva Dias ou “Juca”, como é chamado por Silvana Goellner, lecionava Gerontologia. No período em que nossa entrevistada cursava a graduação, esse professor iniciou um projeto com idosos em Santa Maria no qual, posteriormente, Silvana se tornou bolsista voluntária. O contato próximo entre Silvana e o professor Juca através desse projeto deixou uma influência positiva em trajetória acadêmica. Outro nome citado por Silvana foi o de Marta Canfield, sua professora de estágio na área de desenvolvimento motor. O trabalho de Canfield enfatizava a dimensão pedagógica da Educação Física e foi justamente com ela que Silvana publicou seu primeiro artigo científico. O contato com professores inspiradores e a conjuntura política vivenciada por Goellner durante sua formação demonstram o quanto o momento histórico lhe ofereceu possibilidades e de certa forma norteou a sua trajetória profissional, conforme veremos.

“O TEMA TEM QUE CORRER NA VEIA”: A IMPORTÂNCIA E A CONTRIBUIÇÃO DE SUA HISTÓRIA DE VIDA PARA O ESTUDO DAS MULHERES

Durante a entrevista, Goellner relatou que ao se inscrever no curso de Educação Física sua intenção era ser treinadora de Voleibol, já que era um dos esportes que praticava, a ideia de ser professora não passava por sua cabeça. Porém, no primeiro semestre do curso, acabou se envolvendo com o diretório acadêmico e começou a ter outras visões sobre o que realmente queria.

Ao finalizar sua graduação na UFSM, cursou uma especialização em Pesquisa Curricular, ainda naquela instituição. No período em que se especializava, foi aberto o primeiro curso de mestrado de Ciências do Movimento Humano da UFRGS, no ano de 1989. Ao ter conhecimento disso, Silvana se candidatou e conseguiu fazer parte da primeira turma, dedicando sua pesquisa ao estudo da história da Educação Física com foco no método ginástico francês. Seus estudos deram origem a dissertação intitulada *Método francês no Brasil: da caserna a escola*, posteriormente publicada. Durante a entrevista, a pesquisadora relatou que pretende republicar essa pesquisa de forma atualizada com um olhar crítico sobre o atual contexto político¹⁶ e social, marcado pela exigência de disciplina e ordem dentro do ambiente escolar. Ainda que tenha sido elaborada há décadas, essa discussão assume um lugar de relevância perante a sociedade atual.

Quando estava cursando o mestrado na UFRGS teve início a primeira gestão petista à frente da prefeitura de Porto Alegre. Esse fato resultou em um convite para que Silvana atuasse na coordenação dos centros comunitários da cidade, o que nossa entrevistada prontamente aceitou. Pouco tempo depois, já com o diploma de mestra em Educação Física nas mãos, Silvana participa de dois concursos, um para História da Educação Física na UFRGS e outro na área de ginástica na UFPel, em Pelotas - RS. Sendo aprovada em primeiro lugar nos dois certames, sua opção foi assumir a cadeira na UFRGS no ano de 1993, de onde só se desligou efetivamente em 16 de maio de 2019, devido ao processo de aposentadoria.

Seu doutoramento foi realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

¹⁶ Com a ascensão de Jair Messias Bolsonaro à presidência, houve um retrocesso nas políticas sociais e ambientais implementadas pelos seus antecessores. Exemplo desse retrocesso é o nível de desmatamento que teve um aumento de 29,54% em relação ao ano anterior, bem como a crescente consolidação de parcerias entre unidades escolares e polícia militar, instituindo unidades escolares cívico-militares.

no ano de 1996, três anos após sua entrada para o corpo docente da ESEF-UFRGS. Foi justamente no doutorado que Silvana começou a trabalhar com aquele que se tornaria o tema de maior destaque em sua carreira acadêmica, a temática das mulheres, em suas palavras: “[...] em 1996 eu saí pra fazer o doutorado na UNICAMP, fiz na Faculdade de Educação já trabalhando mais especificamente com o tema das mulheres”.¹⁷

Silvana inicia seus estudos sobre gênero com o desejo de estudar mulheres do esporte, mas como na época havia poucos nomes na área, decidiu iniciar sua pesquisa pela nadadora Maria Lenk. Sua motivação era guiada pelo fato de que Lenk possuía uma trajetória com uma série de momentos marcantes, como o fato de ter sido a primeira mulher a assumir o cargo de diretora da Escola de Educação Física e Desportos – EEFD da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, além de ter sido participante da primeira turma de Educação Física de professores civis, dentre outros aspectos. No entanto, ao aprofundar nos estudos, não achou interessante manter o protagonismo para quem já se constituía parte da história oficial. Foi então que decidiu dar visibilidade a outras mulheres e começou a pesquisar a Revista Educação Physica, como aponta:

Na verdade, eu ia trabalhar com a história da Maria Lenk (da nadadora), meu projeto inicial foi a história da Maria Lenk. Mas quando eu comecei analisar um pouco e tive acesso a ela e a alguns documentos, eu vi que protagonizar a Maria Lenk era invisibilizar outras mulheres porque não era só a Maria Lenk. Focar só nela era meio que reproduzir uma história oficial de novo, e eu não queria fazer isso. Daí eu comecei a procurar as mulheres e eu resolvi analisar esta presença na primeira revista de Educação Física que circulou no Brasil. Que imagens de mulheres passavam ali? Daí trabalhei com essa lógica das mulheres e do esporte.¹⁸

Ao pesquisar as imagens presentes na Revista Educação Physica, começou a perceber questões relacionadas às representações higienistas. Sobre esse fato, Goellner afirma:

E comecei a olhar as imagens dessa revista e comecei a perceber que tinha ali uma representação muito higienizada das pessoas, sobretudo das mulheres. Então as imagens que a Revista Educação Physica trazia eram imagens nazistas mesmo, que eu só fui descobrir quando tive a “sacação” de olhar aquilo em outras fontes. As mulheres que apareciam na Revista que eram sempre lindas, loiras, sorridentes. E pensei: de onde vem essas imagens? Não eram imagens brasileiras, de pessoas do Brasil. Eu consegui perceber duas grandes influências, uma era o cinema americano que estava entrando na América Latina e as imagens mostravam coreografias, as imagens de ginástica, por exemplo, eram todas coreografadas. A outra era uma estética ‘racializada’, com inspiração na Alemanha nazista.¹⁹

Para a professora, algo marcante para o estudo das imagens da Revista Educação Physica foi quando conseguiu o livro de Leni Riefenstahl²⁰ contendo fotografias que divulgavam a estética nazista. Através desse livro, constatou-se que muitas das imagens presentes na revista estavam relacionadas ao nazismo. Nesse momento, foi possível perceber, na fisionomia da professora, que aquilo foi uma grande descoberta que contribuía para o entendimento de diversos fatores sociais:

17 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

18 Ibidem.

19 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

20 Cineasta alemã, representante dos ideais da estética nazista.

Eram imagens publicadas em textos que falavam sobre a Educação Física nos Estados Unidos mas aparecia uma praça na qual se enxergava uma suástica. Muitas das imagens eram da própria Leni mas seu nome nunca aparecia. A Revista também fez a divulgação do livro do Hitler, *Mein Kampf*, publicava textos que ressaltavam a importância da Educação Física desenvolvida na Alemanha nazista.²¹

Sem perder o viés histórico, Goellner finaliza o doutorado, retorna para a UFRGS e se junta ao Centro de Memória do Esporte dessa instituição, vindo a desvincular-se da coordenação apenas no ano de 2019. As discussões e levantamentos de dados históricos realizados por ela se tornaram de grande importância para o processo constitutivo da Educação Física no campo das Ciências Humanas.

O envolvimento com a história da Educação Física se deu desde a sua pesquisa de mestrado, no entanto, esse caminho foi se estreitando para algo mais específico, relacionado à presença da mulher no meio esportivo e às contribuições históricas deixadas por elas nesse campo. Ao questionar como se deu essa forma um tanto particular de estudar a história da Educação Física, ela se recorda de sua relação com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)²², que lhe deu condições para criar meios de discutir a história pelo viés que já vinha lidando.

O CBCE realiza a cada dois anos um evento denominado Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE)²³ e foi em um desses eventos, mais especificamente em Florianópolis no ano de 1999, que Silvana ajudou a criar um Grupo Temático (GT) de memória, já que não poderia criar o de história por ser disciplinar. Embora o GT fosse de memória, ela e outros idealizadores sabiam que nesse grupo teriam condições para discutir a história. O tema do evento naquele ano foi a questão do corpo, o que se tornou uma ótima oportunidade para debater sobre as questões das mulheres e promover importantes discussões acerca do corpo feminino.

Essas discussões foram levantadas também na própria UFRGS, como pode ser visto a seguir: “[...] no nosso programa, na UFRGS, dentro da subárea Representação Social do Movimento Humano eu fazia sempre uma discussão de gênero, o campo do esporte e das práticas corporais”.²⁴

Nessa sua trajetória de estudos sobre a história das mulheres eram necessários editais que auxiliassem nas pesquisas. Houve momentos em que as respostas a essas solicitações consideravam o tema como não tendo tanta relevância. Nesses casos, a professora rebatia justificando seus pedidos com o fato da carência de fontes nessa área e que seus estudos poderiam auxiliar nesses aspectos. Essa foi uma das mais importantes formas de conseguir

21 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

22 O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que agrega pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, possui representações em vários órgãos governamentais, é ligado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento.

23 É o evento científico nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado a cada dois anos, está entre os principais do país. Além disso, são realizados periodicamente congressos estaduais e/ou regionais, bem como encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos, sempre de elevada importância e contando com ampla participação da comunidade acadêmica.

24 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

esses editais e promover contribuições significativas para a Educação Física e o campo de discussões de gênero.

Embora tenha se dedicado a falar sobre a presença de mulheres de maneira bem ampla nos esportes, Silvana se recorda de momentos específicos de aproximação com a história das mulheres no futebol. O interesse surgiu quando o Ministério do Esporte a convidou para fazer uma discussão sobre gênero no Programa Segundo Tempo²⁵ e ela começou a observar uma série de fatores que envolvia aquele projeto:

[...] 30% das pessoas que participavam das atividades eram meninas; 70% eram meninos. Quando eu vi estes dados do Segundo Tempo eu perguntei se havia uma política de inclusão de meninas para tentar reverter esse quadro. Porque muitas das atividades aconteciam no horário em que elas estavam em casa ajudando a cuidar dos irmãos mais jovens ou assumindo as tarefas domésticas, portanto, tinha que pensar o horário diferente ou ainda que tipo de atividade estava sendo ofertada. “Por que as meninas não estão aderindo ao Programa?” eu perguntei. Eu fazia muito essa crítica e me convidaram para fazer uma fala sobre as questões de gênero. Esta fala foi bem sucedida, eu a fiz em todos os eventos de formação que o Programa Segundo Tempo fez nas diversas regiões do país.²⁶

Questões como essas são importantes para o processo reflexivo acerca de situações presentes em nosso cotidiano. As mulheres passam por dificuldade de inserção nos diferentes espaços da sociedade, como o meio esportivo, o mercado de trabalho, atividades de lazer, dentre tantas outras limitações decorrentes da visão histórica das obrigações familiares que lhes são impostas socialmente.

Outra situação específica para o processo de envolvimento com os estudos de mulheres no futebol partiu também de um convite do Ministério do Esporte para participar, no Rio de Janeiro, de um evento que pretendia discutir empoderamento de meninas por meio do futebol. Nesse evento, havia meninas de diversos países, reunidas por meio de uma conversa informal conduzida pela professora Silvana e por duas jogadoras de futebol profissional, a Aline Pellegrino e a Caitlin Fisher. A primeira, atuante por muito tempo na seleção brasileira e a segunda jogadora dos Estados Unidos, que veio tentar uma vaga no Santos Futebol Clube.

Nesse mesmo evento, Goellner percebeu que entre ela e as duas jogadoras havia muitas ideias em comum e, pouco depois, começaram a dialogar sobre as questões de gênero no futebol a partir de um projeto desenvolvido pelas jogadoras, denominado Guerreiras Project²⁷.

Foi a partir desse contato com Aline Pellegrino, no evento sobre empoderamento, que Silvana começou a coletar informações que, futuramente, se transformaria em um trabalho sobre a história desta e de outras jogadoras como a Sissi²⁸; o trabalho de Goellner teve grande importância para o processo de visibilidade da presença feminina no futebol (e no sistema

25 O Programa Segundo Tempo (PST) padrão é desenvolvido pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social, da secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania, o qual visa oferecer atividades de múltiplas vivências esportivas para estudantes de diversas faixas etárias, no contraturno escolar. O programa é dividido em três vertentes: Padrão – crianças e adolescentes de 6 a 17 anos; Paradesporto – pessoas com deficiência a partir de 6 anos de idade; e Universitário – discentes de universidades.

26 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoinhas/Bahia.

27 Esse coletivo foi criado em 2010 e é formado por atletas, artistas, acadêmicos/as e ativistas que desenvolvem oficinas, pesquisas, performances e exposições visando estimular a justiça de gênero e empoderar mulheres no esporte e fora dele.

28 Cf. Goellner (2019).

segregativo em geral), além de se estender a outros esportes.

Todo esse percurso acadêmico e científico de envolvimento com estudos de mulheres é resultante dos contextos vivenciados por Goellner durante sua infância; o fato de ter sido criada pela mãe e vê-la, mesmo fragilizada, assumir toda aquela responsabilidade de cuidar dos filhos e do sustento da casa, a influenciou veementemente na vida pessoal e profissional. Relacionado a isso, na época que iniciou a graduação, a Educação Física era comandada por médicos e por militares e a figura das mulheres não era muito presente, isso a incomodava exatamente por ter sido criada com uma referência feminina.

Portanto, abordar questões de gênero é muito mais que falar sobre mulheres, “Primeiro o tema tem que correr na veia.”²⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma perspectiva de estudos direcionada à história de vida da professora Silvana não foi uma tarefa simples, sua trajetória foi estabelecida em meio a muitos contextos importantes tanto para ela como para toda sociedade. Traçar essa análise permitiu um novo olhar sobre seus estudos que hoje são discutidos dentro da área de Educação Física, evidenciando suas contribuições científicas de um ângulo diferente, a partir das suas escolhas, contextos e possibilidades.

Ter vivenciado a perda do seu pai na infância se tornou algo marcante durante toda a vida, o que refletiu em suas escolhas quando adulta. O papel de sua mãe diante da família desestruturada fez com que surgisse uma representação da figura feminina vinculada à força, à luta e à determinação. Esse fator contribuiu para sua escolha de estudar questões relacionadas às mulheres. Seus estudos se voltaram para os aspectos sociais e políticos que envolvem a área de Educação Física, bem como os estudos sobre gênero, percebendo a mulher pouco evidenciada na sociedade.

Vale ressaltar que a formação acadêmica dessa professora aconteceu em um momento marcante para a Educação Física; surgiram muitas discussões que se tornaram essenciais para o seu processo de consolidação nas áreas sociais e humanas. Isso ocorreu diante a conjuntura social e política vivenciada no país em meados da década de 1980, período final do regime militar, em que muitos professores se sentiram incomodados com a forma com que o governo nacional tratava a Educação Física, construindo novas linhas de debates que iam de encontro a utilização dessa disciplina como um meio de manipulação social.

Esse cenário se tornou fundamental para que Silvana construísse uma trajetória de debates e discussões científicas no campo das ciências humanas, voltando seu olhar para as questões referentes às lutas das mulheres por visibilidade e por reconhecimento, principalmente, no meio esportivo. Seu pioneirismo e história de vida enquanto mulher e pesquisadora deixaram um legado que atinge desde seus/suas orientandos(as) até outros alunos(as) e pesquisadores(as), que se inspiram em sua trajetória acadêmica, científica e social. Essas contribuições atingiram diretamente o campo da Educação Física, se tornaram referência nos estudos de mulheres, além de terem auxiliado na difusão de debates e problemáticas afins.

29 Entrevista concedida por Silvana Vilodre Goellner aos autores em 25 de outubro de 2019, na cidade de Alagoínhas/Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALTMANN, H.; FERNANDES, S. C. Mulher e esporte: palavras iniciais sobre os desafios ao ensino na escola. **POIÉSIS**. Unisul, Tubarão, v.8, n.13, p. 126 - 140, Jan/Jun 2014.
- ANJOS, L. A.; JORAS, P. S.; RAMOS, S. S.; GOELLNER, S. V. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista estudos feministas**, v. 26, p. 1-12, 2018.
- BRASIL. Ministério da Cidadania. **Segundo Tempo**. Última atualização em 15 de agosto de 2019. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/segundo-tempo>. Acesso em: 12 maio 2020.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.
- GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, p. 31-38, 2018.
- GOELLNER, S. V. Sissi, a Imperatriz: entrevista com Sisleide Lima do Amor. **FuLiA / UFMG**, v. 4, p. 117, 2019.
- HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas ao ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.
- KESSLER, C. S.; COSTA, L. M. da; PISANI, M. da S. (Org.). **As mulheres no universo do futebol**. Editora UFSM, Santa Maria – RS, 2020.
- MACHADO, T. S.; BRACHT, V. O impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 849-860, jul./set. de 2016.
- MORAES, E. V. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- OLIVEIRA, C.S. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Campo Grande, 2008.
- PEREIRA, C. K. **Pra Frente Brasil: Ditadura militar, identidade e copa de 70**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Comunicação: Especialização em Jornalismo Esportivo, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94461/000913882.pdf?sequence=1>. Acesso: maio 2020.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Corrêa. 2.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Projeto História, 1997.
- RELEMBRE as teorias da conspiração sobre a morte de Tancredo Neves. In: O Globo. Matéria disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/relembre-as-teorias-da-conspiracao-sobre-morte-de-tancredo-neves-23057397>. Acesso em: 30 out. 2021.

FORTE ORAL

GOELLNER, Silvana Vilodre. [Entrevista cedida aos autores/pesquisadores]. Alagoinhas-BA, 25 de outubro de 2019.

TURNENE SUAS CONFIGURAÇÕES:
UMA ABORDAGEM SOBRE O
COMPONENTE ORGANIZACIONAL
DAS SOCIEDADES DE GINÁSTICAS NO
SUL DO BRASIL (1870 – 1920)

ALICE BEATRIZ ASSMANN
Universidade do Estado de Minas Gerais
alice.assmann@gmail.com

ESTER LIBERATO PEREIRA
Universidade Estadual de Montes Claros
ester.pereira@unimontes.br

JANICE ZARPELLON MAZO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
janice.mazo@ufrgs.br

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender a organização das Turnvereine (sociedades de ginástica) em diferentes localidades do estado do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1870 e 1920. Para tanto, estabeleceu-se um diálogo entre o campo da História do Esporte e da Educação Física, sob a égide de pressupostos advindos da História Cultural. A interpretação do fenômeno do associativismo em torno do Turnen, no Rio Grande do Sul, é norteada pelos conceitos de figuração e redes de interdependência, a partir dos escritos de Norbert Elias. Em relação ao método que viabilizou esta pesquisa, além da revisão bibliográfica, foram coletados e analisados indícios em documentos impressos. Evidenciou-se que as sociedades de ginástica se destinavam, inicialmente, à prática do Turnen. No final do século XIX, constatou-se a instauração de, aproximadamente, 15 sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul, as quais apresentavam uma organização análoga. Formou-se uma rede de relações, com normas específicas de filiação, com códigos de comportamento e sentimento que eram compartilhados pelos associados em uma relação de interdependência e constante tensão. A organização é um dos alicerces para a composição de uma “boa sociedade” do Turnen.

Palavras-chave: Clubes; Ginástica; *Turnen*; História do Esporte.

Recebido em 26 de novembro de 2020.

Aprovado em 11 março de 2021.

TURNEN AND ITS
CONFIGURATIONS: AN APPROACH
TO THE ORGANIZATIONAL
COMPONENT OF GYMNASTICS
SOCIETIES IN SOUTHERN BRAZIL

ALICE BEATRIZ ASSMANN
Universidade do Estado de Minas Gerais
alice.assmann@gmail.com

ESTER LIBERATO PEREIRA
Universidade Estadual de Montes Claros
ester.pereira@unimontes.br

JANICE ZARPELLON MAZO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
janice.mazo@ufrgs.br

ABSTRACT

This research aims to understand the organization of Turnvereine (gymnastics societies) in different places in the state of Rio Grande do Sul, between the 1870s and 1920s. Therefore, a relationship was established between the field of History of Sport and Physical Education, under the aegis of assumptions arisen from Cultural History. The interpretation of the phenomenon of associations around Turnen, in Rio Grande do Sul, is guided by the concepts of figuration and interdependence networks, based on the writings of Norbert Elias. In relation to the method that made this research feasible, besides bibliographic review, evidence was collected and analyzed in printed documents. It became evident that the gymnastics societies were initially related to the practice of Turnen. At the end of the 19th century, about 15 gymnastics societies were established in Rio Grande do Sul. All of these entities had a similar organization. A relation network was formed, with membership rules, with behavior coding and feelings that were shared by members in an interdependence relation and constant tension. The organization is one of the foundations for the constitution of a “good society” of Turnen.

Keywords: Clubs; Gymnastics; Turnen; History of Sport.

INTRODUÇÃO

Os primeiros clubes de *Turnen* (ginástica), organizados em território brasileiro, encontram-se fortemente relacionados ao processo de colonização alemã, estabelecida, principalmente, no sul do país, em meados do século XIX. Tais espaços, além de promoverem atividades de sociabilidade e de lazer, atuavam como elemento representativo de uma identidade cultural alemã (MAZO, 2003). A leitura de um tempo passado, em alusão a esse contingente europeu, que deixou seu país de origem com o intuito de encontrar melhores condições de vida no Brasil, assinala, também, narrativas relacionadas a práticas culturais marcadamente germânicas, que, paulatinamente, foram sendo desenvolvidas em locais do Rio Grande do Sul (RS), habitados por imigrantes alemães e por seus descendentes.

No que se refere às associações esportivas teuto-brasileiras, pode-se inferir, a partir das evidências encontradas neste estudo, que as primeiras começaram a se formar no estado, a partir de meados do século XIX, quando imigrantes adquiriram certa estabilidade econômica (ROCHE, 1969). Além disso, “já se havia providenciado para que não faltasse a instrução por meio das escolas e a vida religiosa através das igrejas” (CENTENÁRIO..., 1952, p. 229). Dentre as associações esportivas fundadas no Rio Grande do Sul, destacamos, neste estudo, aquelas voltadas à prática cultural do *Turnen*.

O termo “associação”, empregado aqui, atua como elemento central de nossas discussões, pois representa uma coletividade de pessoas que se reúnem por objetivos em comum (BOUDON, 1990). Dessa forma, a expressão “associação esportiva” é compreendida como um agrupamento de indivíduos que se reúnem em torno de uma ou mais práticas esportivas (SILVA; MAZO, 2015). Vale ressaltar que a participação em uma associação era voluntária, mas, muitas vezes, dependia da aprovação do grupo, principalmente por parte dos dirigentes. A decisão do grupo com relação ao novo associado era atravessada pelos desígnios conscientes ou inconscientes, relacionados aos códigos da interação social; às dependências recíprocas com os demais sujeitos pertencentes àquele grupo; às sociabilidades e ao lazer; à construção de símbolos e de representações, dentre outros. Diante dessas considerações, o objetivo desta pesquisa é compreender a organização das *Turnvereine* (sociedades de ginástica) em diferentes localidades do estado do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1870 e 1920.

A justificativa desta investigação está centrada no entendimento do *Turnen* enquanto uma prática cultural física e esportiva capaz de representar, simbolicamente, uma identidade e, de tal modo, poder ser caracterizado como um patrimônio cultural imaterial. O conceito de patrimônio imaterial torna-se pertinente por abarcar os “saberes que passam de uma geração para outra, como as formas de cultivar e as maneiras de produzir”, ou seja, o idioma, manifestações e expressões, locais de convívio, encontros, sociabilidade e “encanto” (VOGT, 2008, p. 14). Assim, o patrimônio imaterial congrega manifestações importantes para a permanência e para a identificação da cultura de um grupo.

Para além do exposto, buscamos estabelecer um diálogo entre o campo da História do Esporte e da Educação Física, sob a égide de pressupostos advindos da História Cultural, empregando, especialmente, as “noções teóricas” de prática cultural, representação cultural, identidade cultural e imaginário social. Em diálogo com tais pressupostos, a interpretação do fenômeno do *Turnen*, no Rio Grande do Sul, será norteadada pelos conceitos de figuração e

redes de interdependência, a partir dos escritos de Norbert Elias. As redes de interdependência (ELIAS, 2008) do *Turnen*, em clubes do Rio Grande do Sul, na perspectiva da História Cultural, não são um dado objetivo; pelo contrário, são, historicamente, produzidas pelas práticas (políticas, sociais, discursivas) articuladas¹.

A fim de alcançar o objetivo proposto e de compor uma narrativa historiográfica acerca da figuração do *Turnen* no RS e suas redes de interdependência (ELIAS, 1997; 2001), foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações a respeito do fenômeno estudado e coletados indícios em documentos impressos. A análise dos documentos impressos foi realizada seguindo os passos de catalogação, análise e cotejamento das informações, seguindo as orientações de Bacellar (2010), Luca (2010), Farge (2009) e Ginzburg (1989).

AS PRECURSORAS TURNVEREINE NA PAISAGEM SUL-RIO-GRANDENSE

As *Turnvereine*, compreendidas enquanto associações esportivas, destinavam-se à prática do *Turnen*. A primeira sociedade de ginástica do estado do Rio Grande do Sul emergiu no dia seis de novembro de 1867, na capital Porto Alegre, chamada *Deutscher Turnverein de Porto Alegre* (Sociedade Alemã de Ginástica de Porto Alegre). Em consonância ao nome, no período inicial que precedeu sua fundação, somente a prática da ginástica era oferecida e, dois anos após, o tiro ao alvo também foi incorporado, passando a chamar-se *Deutscher Turn - und Schützverein* (Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro ao Alvo), conforme Silva (1997). No entanto, em 1876, ocorreu a divisão dessa sociedade, separando os atiradores dos praticantes de ginástica. Estes últimos ramificaram-se em outros dois clubes, no ano de 1887: a *Deutscher Turnverein* (Sociedade de Ginástica) e o *Turn-Klub* (Clube de Ginástica). Todavia, em abril de 1892, os ginastas se unem novamente e surge a *Turnerbund* (Liga de Ginástica) (SILVA, 1997); nos tempos atuais, é conhecida pela sigla SOGIPA que, por extenso, significa “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867”, nome adotado no ano de 1942 (MAZO *et al.*, 2012).

A Liga de Ginástica de Porto Alegre – *Turnerbund* – parece ter impulsionado o estabelecimento da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo, quando, em 1880, dois ginastas oriundos de Porto Alegre foram até a cidade vizinha a fim de realizar uma apresentação de ginástica nas barras. Entretanto, essa primeira tentativa não obteve sucesso imediato para estabelecer uma entidade voltada para o *Turnen* (RAMOS, 2000). Tal episódio foi ocorrer somente cinco anos mais tarde, a partir da criação da *Leopoldenser Turnverein* (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo), fundada por imigrantes e descendentes de alemães, no primeiro dia de setembro de 1885 (MÜLLER, 1986). Essa associação, segundo Levien (2011), para além da prática cultural física e esportiva, visava reunir a comunidade local de São Leopoldo, cidade considerada o berço da colonização alemã no estado. A finalidade de congregar a comunidade teuto-brasileira foi se consolidando aos poucos; no começo do século XX, em 1908, a entidade contava com “121 sócios ordinários, 5 sócios extraordinários, 17 senhoras do grupo feminino de ginástica (Damenriege), 22 homens do grupo de ginástica masculino (Männerriege), 33 moças e 34 rapazes” (MÜLLER, 1986, p. 62).

Após dois anos da inauguração da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo, em 1887, foi fundada a *Deutscher Turnverein de Montenegro* (Sociedade Alemã de Ginástica de Montenegro)

¹ Cf. Burke (2005); Chartier (2000).

pela iniciativa de Albert Petry e Georg Geissner. A associação iniciou suas atividades com 17 sócios e, no final do século XIX, já contava com 78 associados, evidenciando seu crescimento (WIESER, 1990). No princípio, a prática da ginástica, juntamente com outras atividades sociais e culturais, impulsionou o desenvolvimento e consolidação da associação. Parte desse desenvolvimento é atribuído à figura de Robert Perterson, destacado pela entidade como “ginasta treinado na Alemanha” e “determinado” *Turnwart* (FESTSCHRIFT, 1929). Durante o seu mandato como *Turnwart*, para além da prática da ginástica, a *Turnverein São João de Montenegro* estabeleceu um Time de Futebol (*Fussballriege*), em 1904 (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929).

Na última década do século XIX, outras sociedades de ginástica foram estabelecidas. Em 1891, a *Deutscher Turnverein Lomba Grande* (Sociedade de Ginástica de Lomba Grande). Anos depois, no dia 15 de setembro de 1893, na cidade de Santa Cruz do Sul, originou-se a *Turnverein Santa Cruz* (Sociedade de Ginástica de Santa Cruz). Essa associação, segundo Weis (1998) foi “criada com fins sociais, culturais e esportivos”, proporcionando “a educação do corpo” (WEIS, 1998, p. 37). Segundo o Livro Comemorativo da VII Festa da Ginástica (*Festschrift von der VII Turnfest*), datado de 1929, essa associação descende de uma sociedade anterior, a *Deutsche Turnverein von Santa Cruz*, da qual foram usados como modelos os estatutos para a nova entidade (TURNVEREIN SANTA CRUZ, 1929). A associação de Santa Cruz, assim como outras entidades do Rio Grande do Sul, como a *Turnerbund* de Porto Alegre, também oferecia a prática do canto.

No ano seguinte, em 1894, foi instalada a sociedade de ginástica de São Sebastião do Caí. Segundo a narrativa escrita do esboço de um livro (do qual não se tem notícias da publicação), datado de 1938, a criação da sociedade de ginástica foi estabelecida durante uma aula de *Turnen*; isso ocorreu em 1894, na casa de Adolf Oderich, para seus filhos, Carlos e Max, e aos amigos Adolf Trein, Hermann Kehrwald, Alfred e Hermann Wageck, August e Leo Girardi e Rudolf Dauber. Era uma tarde de domingo, ao ar livre, e escutavam as lições de Antonio Correa Filho, um antigo artista de circo que, com seu tambor, realizava saltos e malabarismos. Segundo a narrativa, “esses esportes pareceram como mágica” aos olhos dos jovens meninos. Contudo, foi Carlos Dexheimer que “revelou a “mágica” da Gymnastica” – aos moldes alemães – ao grupo. Dexheimer morou em São Leopoldo e, nesse período, conheceu a ginástica na *Turnverein* local. Os jovens fundaram, então, um clube com um nome peculiar para os modelos da época, chamado *Sociedade Gymnastica Internacional*. Como a sociedade necessitava de um *Vorturner* (monitor de ginástica), Dexheimer se lembrou do amigo e colega Eduard Kuminsky que, em São Leopoldo, conheceu como *Vorturner der Knabenriege* (monitor da Turma de Meninos) e que, em Porto Alegre, era conhecido como *Geraeterturner* (ginasta de aparelhos) no *Turnklub Germania*. Com o aceite do convite de Dexheimer, Kuminsky embarcou, no dia 13 de setembro de 1896, no navio “Monarcha”, rumo a São Sebastião do Caí, sendo eleito II *Turnwart* do clube, coordenando as atividades ginásticas da sociedade.

Ainda no ano de 1894 foi fundada a *Turnverein Novo Hamburgo* (Sociedade de Ginástica de Novo Hamburgo) pela iniciativa de um pequeno grupo de teuto-brasileiros, a saber: Fritz Eckert (presidente); Carl Wandermann (vice-presidente); Peter Wolf (*Turnwart*); Fritz Brutschin (secretário); Adalbert Diefenthaler (tesoureiro); Edmund Wolf (*Zeugwart*) (TURNVEREIN NOVO HAMBURGO, 1929). Vale mencionar que “*Zeugwart*” refere-se

à pessoa responsável pelos equipamentos. Na mesma localidade de Novo Hamburgo, dois anos depois, em 1896, outra sociedade de ginástica foi fundada: a *Turnverein Hamburgberg* (Sociedade de Ginástica de Hamburgo Velho) pela iniciativa de 44 “*deutsche Männer*” (homens alemães)².

A *Sociedade Gymnastica Internacional* não é encontrada na literatura com a nomeação de Sociedade de Ginástica de São Sebastião do Caí. Seu nome foi apagado da memória. A sociedade que recebe o prestígio dessa instituição é a *Deutscher Turnverein* de São Sebastião do Caí, com data de fundação oficializada em 15 de junho de 1898. De acordo com o referido relato, a *Deutscher Turnverein* é um desmembramento da *Sociedade Gymnastica Internacional*. Essa dissolução parece estar associada a conflitos internos entre os dirigentes quanto aos códigos que deveriam ser apropriados e difundidos pela entidade. Diante desse desequilíbrio, Kuminsky e Dexheimer fundaram uma nova associação: a “*Deutscher Turnverein*”, que, de pronto, filiou-se à *Turnerschaft* (DIE TURNERISCHE..., 1938).

No final do século XIX, quando já havia certa quantidade de sociedades de ginástica em diferentes localidades do Rio Grande do Sul, foi instituída a *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul), em 20 de outubro 1895, pela iniciativa de J. Aloys Friederichs³, então presidente da *Turnerbund* de Porto Alegre. Essa entidade foi organizada com o intuito de integrar as sociedades de ginástica, incrementar a organização de novas e, provavelmente, difundir práticas e representações culturais étnicas. Participaram da fundação dessa entidade, além da *Turnerbund*, as sociedades de ginástica de São Leopoldo, Lomba Grande, Novo Hamburgo, Santa Cruz e Campo Bom (GESCHICHTE..., 1929).

Consta, no Livro Comemorativo da VII Festa da Ginástica, de 1929, que também foram convidadas as sociedades de Taquara e Villa Germânia (Candelária), no entanto, representantes dessas entidades não compareceram na reunião (GESCHICHTE..., 1929). A *Turnverein Villa Germania* (Sociedade de Ginástica de Vila Germânia), segundo evidências encontradas no jornal *Kolonie*⁴, foi criada no mesmo mês e ano da Federação de Ginástica, por teuto-brasileiros da localidade, hoje chamada de Candelária (IN VILLA GERMANIA, 1985). A nova associação contou com mais de 50 sócios fundadores, ficando a direção composta por Franz Moser na presidência e Richard Kellermann como vice-presidente. Consta, na mesma nota, o desejo de um deslumbrante futuro e o lema dos ginastas expresso em termos no idioma alemão: *Frisch* (puro), *Fromm* (devoto), *Fröhlich* (alegre), *Frei* (livre) (*Ibid.*).

Embora existisse uma entidade que visava confederar as demais entidades coirmãs e

2 Fritz Siegel, Jacob Leyser Filho, Albert Krug, Adolf Kirch (que dois anos antes também fundou a *Turnverein de Novo Hamburgo*), Heinrich Gärtner, Arthur Rech, Arthur Kremer, João Döring Filho, Fritz Müller, Leopold Lanzer, Reinhold [?], Carlos DDumer, Reinhold Franzen, Gustav Kampf, Heinrich Kunz, Alfons Bender, Leopold Schmitt, Peter Mentz, Carl Spohr, Carl Klein Filho, Balduin Fischer, José Fr. Gerhardt, Rudolf [Rurper], Henrich Bender, Paul Kirchner, Leopold Ebling, Adam Steigleder, Heinrich Widle, Wilhelm Müller, Leopold Diefenbach, Engel Filho, Leopold Bauer, Samuel Dietschi, Fritz Gerhadrt, Wilhelm Rech, Fritz Strassburger, Julius Poschetzky, Jorge Knewitz, Waldemar Krause e Wilhelm Ludwig (TURNVEREIN HAMBURGO VELHO..., 1929).

3 Jacob Aloys Friederichs foi presidente da *Turnerbund* até 1929. Devido ao seu empenho na propagação do *Turnen* e de seus ideais, foi considerado o *Riograndenser Turnvater* (pai da ginástica no Rio Grande do Sul) (SILVA, 2006).

4 O *Kolonie*, publicado a partir do ano de 1891, segundo Weschenfelder (2010), foi “o primeiro jornal editado em língua alemã no interior do Rio Grande do Sul, a ser considerado um veículo forte, talvez até pelo fato de já na sua criação ter um grupo de idealizadores com condições de união em torno da causa do jornal” (WESCHENFELDER, 2010, p. 49). No período de sua criação, começavam a circular jornais voltados a grupos étnicos específicos (ASSMANN, 2015).

comandar o movimento *Turnen* no RS, nem todas as sociedades de ginástica eram filiadas à *Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul) (FESTSCHRIFT, 1929). Dentre essas, mencionamos a Sociedade de Ginástica de Pelotas, fundada no dia sete de julho de 1896. No ato de fundação, conforme nota publicada no jornal *A Opinião Pública* (1896), reuniram-se “alguns moços alemães e de origem alemã” e “amadores de ginástica alemães e oriundos desta nação”, conforme veiculou o *Correio Mercantil* (1896). O espaço que comportou tal momento foi o salão da Sociedade Filhos do Trabalho, onde continuariam a ocorrer as reuniões da nova entidade. Com o nome de *Pelotense Turnerschaft*, foi eleita a diretoria da entidade, conforme segue: presidente – Otto Müller; vice – Antônio Tilscher; 1º secretário – Gustavo Müller; 2º secretário – Theodoro Bulselmeier; tesoureiro – Willi Spanier; 1º mestre de ginástica – Eduardo le Coultre; 2º mestre de ginástica – Christian Grutzmann. Além disso, comissões foram organizadas para a elaboração dos estatutos, evidenciando a importância dada a tal documento. Segundo a reportagem, alistaram-se, na sociedade de ginástica, 40 pessoas no ato de sua fundação (SOCIEDADE GINÁSTICA, 1896). Dentre os exercícios ginásticos desenvolvidos pelo mestre, encontramos indícios de práticas executadas nas barras paralelas, trapézio e anéis. Vale mencionar que, em Pelotas, além de uma instituição própria, a ginástica foi inserida em um clube de Tiro ao Alvo já existente na cidade desde o ano de 1876 (MÜLLER, 2010).

Além das associações supramencionadas, outras *Turnverein* mantinham atividades no estado, como em Estrela, fundada no ano de 1907 (KILPP, ASSMANN, MAZO, 2014) e outras sociedades de ginástica localizadas em Lajeado, Vera Cruz, Erechim, Cachoeira, Ijuí, Venâncio Aires, Arroio do Meio e Cruz Alta⁵. O estudo de Tesche (2005), relativo à comemoração do centenário da imigração alemã (1824-1924), identificou a criação de 47 associações esportivas voltadas à prática do *Turnen* no Rio Grande do Sul. De forma a apresentar quantitativamente as sociedades de ginástica de RS, conforme recorte temporal deste estudo, listamos, abaixo, 35 sociedades, desde a precursora até a última, criada na década de 1920. O quadro elaborado por Assmann (2019) resultou de informações de Wieser (1990), Mazo (2003), Mazo *et al.* (2012) e de outras encontradas em documentos impressos.

FIGURA 1 – INVENTÁRIO DAS SOCIEDADES DE GINÁSTICA DO ESTADO (1870-1920)

Clube	Local	Data de fundação
1. <i>Turnerbund</i>	Porto Alegre	06/11/1867
2. <i>Leopoldenser Turnverein</i>	São Leopoldo	01/09/1885
3. <i>Turnverein São João do Montenegro</i>	Montenegro	06/03/1887
4. <i>Club Gymnastico Rio-Grandense</i>	Porto Alegre	Década de 1880
5. <i>Deutscher Turnverein Lomba Grande</i>	Lomba Grande/ Novo Hamburgo	04/02/1891
6. <i>Turnverein Santa Cruz</i>	Santa Cruz do Sul	15/09/1893
7. <i>Sociedade Gymnastica Internacional</i>	São Sebatião do Caí	1894
8. <i>Turnverein Neu-Hamburg</i>	Novo Hamburgo	11/07/1894

9. <i>Turnverein Campo Bom</i>	Campo Bom	Anterior a 1895
10. <i>Deutscher Turnverein Villa Germania</i>	Candelaria	10/1895
11. <i>Deutscher Turnverein</i>	Taquara	1895
12. <i>Deutscher Turnverein</i>	Campo Bom	1895
13. <i>Turn Club Germania Porto Alegre</i>	Porto Alegre	1895
14. <i>Turnverein Hamburgerberg</i>	Hamburgo Velho/ Novo Hamburgo	22/06/1896
15. <i>Turnverein Pelotas</i>	Pelotas	12/07/1896
16. <i>Sociedade Rio Branco</i>	Cachoeira do Sul	04/08/1896
17. <i>Lageadenser Turnverein</i>	Lajeado	1896
18. <i>Deutscher Turnverein</i>	São Sebastião do Caí	15/06/1898
19. <i>Turnverein Jahn Santa Maria da Boca do Monte</i>	Santa Maria	05/04/1903
20. <i>Turnverein Estrella</i>	Estrela/Teutônia	30/05/1907
21. <i>Turnverein Sapyranga</i>	Sapiranga	1907
22. <i>Turnverein Cachoeira</i>	Cachoeira	05/01/1908
23. <i>Turnverein Gut Heil Neu-Wüttemberg</i>	Panambi	01/03/1913
24. <i>Turnverein Gut Heil Ijuhy</i>	Ijuí	15/11/1914
25. <i>Turnverein Jahn</i>	Lajeado	19/06/1915
26. <i>Turnverein Germania Station Sander</i>	Três Coroas (?)	11/1915
27. <i>Turnverein Riotal</i>	Entre Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires	1916
28. <i>Turnverein Villa Thereza</i>	Vera Cruz	Anterior a 1916
29. <i>Turnverein Deutsche Eiche</i>	Arroio do Meio	Anterior a 1920
30. <i>Turnverein Erechim</i>	Erechim	Anterior a 1920
31. <i>Turnverein Germania</i>	Cruz Alta	Anterior a 1920
32. <i>Turnverein Cruz Alta</i>	Cruz Alta	04/10/1925
33. <i>Turn- und Athletenverein Barra do Ribeiro</i>	Barra do Ribeiro	Anterior a 1920
34. <i>Sociedade Navegantes São João</i>	Porto Alegre	06/06/1927
35. <i>Sociedade General Osório</i>	Osório	10/07/1927

Fonte: Elaborado por Assmann (2019).

A seguir, apresenta-se, na Figura 2, o mapa do Rio Grande do Sul do ano de 1900, no qual foram localizadas as associações de ginástica do estado (destacadas em laranja) fundadas no período demarcado deste estudo.

FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DAS SOCIEDADES DE GINÁSTICA, FUNDADAS NO PERÍODO DE 1870-1920, NO MAPA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



Fonte: Elaborado por Assmann (2019) a partir do mapa do ano de 1900, do IBGE.

A partir da comparação entre a figura apresentada acima e o mapa apresentado por Brum Neto e Bezzi (2008), podemos observar a relação entre as sociedades de ginástica e sua localização na geografia do estado do Rio Grande do Sul - em espaço social demarcado pelo viés cultural “alemão”. As autoras distinguem quatro regiões culturais “considerando a herança cultural mediada pela descendência e as relações que se estabelecem entre cultura-códigos-identidade [...], de acordo com a principal etnia formadora dos municípios que o compõem” (BRUM NETO; BEZZI, 2008, p. 142). Assim, a região 2 consiste no espaço definido em virtude da presença étnica alemã. As autoras também abordaram as “ilhas culturais” que, por sua vez, constituem “uma unidade territorial com origem étnica distinta das que se situam no seu entorno” (*ibid.*). Além das regiões culturais, é possível observar que, também nas ilhas culturais alemãs, encontram-se sociedades de ginástica. Nessas composições, imigrantes e descendentes de alemães organizaram-se em sociedades de ginástica, estabelecendo formas organizacionais associativas, em que produziam e reproduziam representações culturais étnicas, códigos de comportamento e sentimento que deveriam ser partilhados, destacando-se o *Turnen*.

O *TURNEN* E A CONFIRMAÇÃO DA TEIA ENTRE AS SOCIEDADES DE GINÁSTICA

No Rio Grande do Sul, por meio das composições culturais e sociais do *Turnen*, formou-se uma rede de relações, com normas específicas de filiação, modos peculiares de comportamento, apreensão e consciência particulares de sentimentos e valores. Através da produção e da manifestação de representações, tais códigos sociais foram exteriorizados e interiorizados pela “boa sociedade” do *Turnen*. Segundo Norbert Elias (1997), uma “boa sociedade” constitui um tipo de formação, “como círculos de convivência social entre pessoas ou famílias que pertencem a esses complexos institucionais” e que assume posição de poder e autoridade na figuração (ELIAS, 1997, p. 56)⁶. Figuração e “boa sociedade” não são sinônimos, mas conceitos complementares, no sentido de que a “boa sociedade”, nos termos de Elias (1997), seria o grupo de estabelecidos (*established*), o grupo dominante nas relações de poder de uma figuração. Trata-se de um coletivo que se reconhece como a “boa sociedade” em comparação aos demais grupos e indivíduos que conformam seus elos sociais. Essas relações e apropriações foram possibilitadas por meio de estruturas associativas, organizadas nos diferentes locais onde foram instituídas sociedades de ginástica por teuto-brasileiros, no sul do Brasil; a partir delas, emergiram representações de uma “boa sociedade” do *Turnen*, que buscava legitimar-se enquanto “alemã” no Rio Grande do Sul.

Nesses espaços, e por meio desses espaços, a “boa sociedade” do *Turnen* buscava afirmar uma identidade étnica que deveria embasar o *habitus*⁷ de cada indivíduo que compunha a rede. Os códigos de sentimento e comportamento que eram ou deveriam ser partilhados pelos indivíduos que faziam parte dessa figuração se davam a partir das manifestações expressas pelo próprio grupo da “boa sociedade” do *Turnen*. A despeito das manifestações que produziam elos afetivos relacionados a um grupo específico, cabe ressaltar que o presente estudo busca compreender a estrutura associativa.

Ao serem vislumbradas enquanto estruturas associativas, as sociedades de ginástica do RS, cujos dados foram encontrados nessa pesquisa, eram organizadas, com algumas variações, hierarquicamente, em presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretário, primeiro e segundo tesoureiro, primeiro e segundo guarda de esportes (*Turnwart*)⁸, mestres (monitores, instrutores e professores) de ginástica e práticas esportivas e delegados⁹. Ressalta-se que algumas associações não possuíam um espaço físico próprio, especialmente nos primeiros anos de atividade, realizando seus exercícios, eventos sociais e reuniões em espaços alugados

6 As figurações são redes de unidades de indivíduos que influem reciprocamente uns sobre os outros, em um processo permanente de equilíbrio de tensões, sempre móveis e dinâmicas. Nessa contextura entrelaçada, os indivíduos ocupam posições sociais e se encontram inseridos em relações, as quais existem de forma socialmente interdependente (ELIAS, 2001).

7 As posturas, os modos de pensar e agir, as metas, os valores, as condutas, os códigos compartilhados e interdependentes definem o *habitus* dos indivíduos, os distinguem e os legitimam em determinada coletividade (ELIAS, 2001). O *habitus* é fluante, dinâmico, muda, acumula-se com as experiências, mas é sedimentado socialmente. Em cada grupo de pertencimento, existem determinados códigos de comportamento “no convívio social e de expressão de sentimento” (ELIAS, 1997, p.39).

8 Ao Guarda de Esportes ou *Turnwart* era incumbida a organização dos treinos e campeonatos de ginástica junto à associação, bem como o controle e manutenção dos equipamentos e do salão de ginástica. Por vezes, em sociedades de ginástica do RS, o *Turnwart* também parece atuar como instrutor de ginástica.

9 Cf. FESTSCHRIFT...(1929); Levien (2011); Assmann (2015).

ou emprestados¹⁰. Os mestres, instrutores, monitores (*Vorturner*) e professores (*Turnlehrer*) de ginástica e de outras práticas esportivas eram aqueles que ministravam as aulas para os alunos.

Os associados também eram diferenciados por meio de nomenclaturas específicas, a saber: a) *Zahlende*: sócios ativos, ou seja, sócios pagantes e praticantes de ginástica¹¹; b) *Turner*: praticantes de ginástica; c) *Turnschüler*: aluno de ginástica, podendo referir-se aos iniciantes e mais jovens na prática ou aos alunos das escolas que participavam da ginástica nos clubes; d) *Ehrenmitglied*: sócios honorários que, se utilizarmos a mesma lógica de sociedades de atiradores, era uma categoria destinada àqueles que prestaram “excelentes” serviços para o clube, não tinham obrigações para com a associação e podiam aproveitar todos os direitos e honras da mesma (ASSMANN, 2015); e) *Vereinsveteran*: veteranos da sociedade que, segundo Pimentel (1945), foi criada em 1910, voltada para os idosos; f) *Vereinsgönner*: patronos; g) *Damen*: mulheres; h) *Zöglinge*: iniciantes/ novatos/ aprendizes que, segundo o relatório anual da *Turberbund* (1917, p. 10), referiam-se aos alunos de ginástica com idades entre 14 a 17 anos; i) *Turnlehrer*: professor de ginástica certificado por um diploma; j) *Vorturner*: monitores de ginástica, que faziam curso específico para tal categoria e podiam, então, ministrar aulas de ginástica.

Para além das variações relacionadas à categorização supracitada, é possível que outras nomenclaturas possam ser encontradas. Nesse caso, assinala-se a necessidade de investigações sobre associações situadas em localidades no interior do estado. Acerca da *Turnerbund* de Porto Alegre, foi possível estabelecer as categorias e o número de associados dos anos de 1904 a 1913, a partir dos relatórios anuais da associação. O quadro abaixo apresenta as informações obtidas por meio da pesquisa.

10 As sociedades de São Leopoldo, Montenegro, Santa Cruz do Sul, Estrela e Pelotas, foram instaladas, primeiramente, em lugares emprestados ou locados à associação até que locais próprios fossem construídos (WIESER, 1990; LEVIEN, 2011; KILPP, 2012; ASSMANN, 2015).

11 Em 1896, de acordo com uma tabela confeccionada para o periódico alemão *Monatsschrift für des Turnwesens* e apresentada no livro de Wieser (1990), a *Turnverein Santa Cruz*, por exemplo, contava com 105 membros, dentre os quais 62 sócios ativos.

FIGURA 3 - SÓCIOS DA *TURNERBUND* (1904-1913)

Sócios / Ano	1904	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
<u>Ehrenmitglieder</u>	8	8	7	7	6	6	6	6	6
<u>Ehrevorturner</u>	-	-	-	-	-	1	1	1	1
<u>Vereins-Veteran</u>	3	3	3	3	4	6	6	5	5
<u>Vereinsgönner</u>	2	2	2	2	2	5	6	6	5
<u>Zahlende</u>	382	400	464	493	520	561	599	671	683
<u>Zöglinge</u>	20	18	30	25	19	16	16	38	38
<u>Damen</u>	43	52	44	40 (Frauen und Mädchen)	30 (Frauen und Mädchen)	26 (Frauen und Mädchen)	23 (Frauen und Mädchen)	28 (Frauen und Mädchen)	21 (Frauen und Mädchen)
<u>Auswärtigen und beurlaubten*</u>	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	464	483	530	570	581	621	657	755	759

*Em licença.

Fonte: Elaborado por Assmann (2019), a partir de informações coletadas nos relatórios anuais da *Turnerbund*.

As sociedades de ginástica estavam organizadas em departamentos e grupos. Cada departamento tinha sua diretoria e atendia a uma modalidade (esgrima, futebol, punhobol, entre outras) ou a um público específico (novatos, senhores, damas, entre outros); para participar de uma sociedade de ginástica, era necessário ser aceito no grupo. Alguns indícios sugerem que a decisão pelo aceite ou não de um novo membro era realizada através do sistema de *Ballotagem*, evidenciado, também, em associações teuto-brasileiras voltadas para outras práticas, como o tiro, o bolão e a cavalaria¹². Esse sistema consistia em uma votação na qual “quem era a favor da entrada do novo sócio, depositava em uma “caixinha” uma bola branca, quem era contra, depositava uma bola preta. [...] O maior número de bolas brancas significava a aprovação do novo sócio, de bolas pretas, o veto” (ASSMANN, 2015). Logo, a pertença à “boa sociedade” do *Turnen* estava condicionada aos interesses e às expectativas do grupo. As evidências sugerem que a seleção deveria atender para os códigos e valores compartilhados, como a língua, os símbolos, as formas de portar-se e um conjunto de representações culturais que elegiam aqueles que poderiam fazer parte do “nós-unidade” ideal.

Aos interessados em participar da *Turnerbund*, por exemplo, era necessário assinar e entregar um pedido formal à entidade, afirmando estar ciente acerca das disposições estatutárias básicas e das finalidades e objetivos da sociedade, conforme consta em documento que se propunha a tal fim¹³. Ainda, o requerente a associado deveria ser recomendado por um membro do conselho da sociedade de ginástica e outro nome já associado ao mesmo. Outras requisições do documento referiam-se ao endereço residencial e ao endereço para cobrança, possivelmente, da mensalidade. As sociedades de ginástica analisadas aqui cobravam taxas para a filiação do novo associado e um valor mensal à entidade, o que sugere a necessidade de certo recurso financeiro por parte daqueles que integravam ou pretendiam integrar-se a essas instituições. Em relação aos associados, é destacado um quadro majoritário de teuto-

brasileiros, comerciantes e pequenos industriais, ativos partidariamente na sua localidade¹⁴. Segundo Kilpp (2012), os primeiros sócios da sociedade de ginástica de Estrela eram pequenos burgueses industriais, seus funcionários mais graduados, bancários, hoteleiros, religiosos e professores.

Dentre os sócio-fundadores da *Deutsche Turnverein* Porto Alegre estavam comerciantes, artesãos, donos de estabelecimentos industriais e professores de ginástica. Cabe salientar a participação de *Brummers*¹⁵ na organização dessa entidade, destacando-se: Alfred Schütt e Whilhem Ter Brügggen (HOFMEISTER, 1987). Para Roche (1969), por meio da apologia ao germanismo, os *Brummers*, chegados ao RS a partir de 1850, foram personagens decisivos na organização de sociedades teuto-brasileiras. Tesche (2011) corrobora essas afirmações e complementa:

como liberais, na vida associativa propugnavam pela aconfessionalidade das associações, atuando nelas e por meio delas com o objetivo, juntamente com os colonos, e também entre eles, de preservar o *Deutschtum* - germanismo. (TESHE, 2011, p. 93).

Quitza (2016), no entanto, problematiza tal determinação e, mesmo concordando com a importância desse contingente de imigrantes ao associativismo, assevera que “este movimento esteve muito mais ligado a condições de desenvolvimento urbano, tendo se desenvolvido inicialmente em áreas citadinas para, posteriormente, aparecerem áreas coloniais de características mais rurais” (QUITZAU, 2016, p. 56). Nas páginas seguintes, a autora (QUITZAU, 2016, p. 79) vincula “geração de 48”¹⁶ à criação de associações e à emergência e manutenção de uma cultura germânica. Tal argumentação merece um olhar mais atento, principalmente no que se refere à busca por indícios em localidades ainda não abordadas na literatura.

Outra característica encontrada em algumas sociedades de ginástica do estado é a presença de membros fundadores jovens e pertencentes a uma elite local. Segundo Kilpp (2012), em Estrela, a sociedade de ginástica foi fundada em 1907 por “jovens da elite teuto-brasileira” e por dois caixeiros viajantes luso-brasileiros. Silva (2005b), do mesmo modo, se refere à *Turnerbund* como principal instituição esportiva e social da “elite teuto-brasileira de Porto Alegre” (SILVA, 2005b, p. 308). Os estudos de Vogt (2006) e Assmann (2015) também demonstram que a *Turnverein* de Santa Cruz do Sul era um espaço frequentado e mantido por uma elite local.

Em São Leopoldo, também foi constatada a presença, minoritária, de membros descendentes de etnias divergentes da teuto-brasileira, como a luso-brasileira, desde o primeiro ano de funcionamento da *Leopoldenser Turnverein* (LEVIEN, 2011). Segundo Levien (2011), “com certeza, os novos sócios eram da relação de amizade de algum sócio, já que a cidade era pequena e muitos se conheciam; o que determinava era fazer parte da elite leopoldense”

14 Cf. Ramo (2000); Kilpp (2012); Assmann (2015).

15 Brummer é a denominação dada aos ex-combatentes que lutaram na guerra contra a Dinamarca pela libertação dos ducados de Schleswig e Holstein na Alemanha, em 1848 e 1849. Após o término do embate, foram contratados para atuar ao lado do Brasil na Guerra contra Rosas, da Argentina. Assim, em 1851, chegou, ao Brasil, um contingente de 1.800 mercenários. Depois de quatro anos de serviço e terminada a campanha contra Rosas, foram desincorporados e receberam lotes nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, conforme o acordado em contrato (TESCHE, 2013).

16 Quitza (2016) chama de “geração de 48”, “o grupo de imigrantes que começa a chegar a partir de meados do século XIX, composta por indivíduos com significativo envolvimento político, inclusive nos levantes populares de 1848” (QUITZAU, 2016, p. 56).

(LEVIEN, 2011, p. 39). No entanto, em ambas as entidades, o idioma oficial era o alemão, em documentos e nos demais indícios encontrados¹⁷. Essa é, de fato, uma característica apontada por todos os estudos que tratam das *Turnvereine* no Rio Grande do Sul, no período que antecede a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Em fins do século XIX, segundo Assmann e Mazo (2017), poderiam ingressar, como ginastas associados na *Turnverein Santa Cruz*, jovens a partir dos 15 anos de idade; enquanto que, em São Leopoldo, era necessário ter 17 anos para ingressar como novo membro da associação (LEVIEN, 2011). Contudo, nota-se que participavam de aulas de ginástica em clubes de algumas localidades, também, alunos de escolas. Logo, crianças também eram contempladas com essa prática e, talvez, com outras não referidas, seja nas dependências dos clubes ou nas dependências escolares.

Além das aulas de ginástica, propriamente, as *Turnvereine* do Rio Grande do Sul também promoviam outras atividades. Segundo Soares (2009), as sociedades de ginástica proporcionavam momentos de entretenimento através de “inúmeras atividades culturais e entre elas estavam as *festas oficiais das associações de ginástica*” (SOARES, 2009, p. 155). Dentre essas atividades, salientamos, abaixo, aquelas que aparecem de forma recorrente: a) *Deutsche Turnfest*: festas e torneios estaduais de ginástica; b) *Gauturnfest*: festas e torneios regionais de ginástica; c) *Preissturnen* ou *Wettturnen*: torneios de exercícios ginásticos, geralmente locais, com distribuição de prêmios ao final; d) *Stiftungfest*: festas de aniversário da entidade; e) *Jahnfeier*: festividades em comemoração ou lembrança de Friederich Ludwig Jahn; f) *Ausflug*: passeios ao ar livre com apresentações e exercícios ginásticos; g) *Fahrtturnen*: excursões para diferentes locais, geralmente, mais longas que os passeios; h) *Schauturnen*: apresentações para exibição dos exercícios ginásticos à comunidade; i) Outros eventos sociais: teatros, bailes e churrascos. Ademais, torneios preparatórios eram promovidos por determinadas sociedades de ginástica, como em Santa Cruz do Sul, em decorrência dos eventos disputados com entidades coirmãs (TURN-VEREIN, 1896). Esses eventos e festividades, muitas vezes acompanhados por torneios de ginástica e por apresentações culturais, eram momentos importantes de sociabilidade e de fortalecimento dos “laços étnico-culturais entre os sujeitos que se identificavam com essa comunidade” (LEVIEN; RIGO, 2013, p. 173). Para Pfister (2011), “festas do *turnen* eram e são manifestações dos objetivos, valores e desempenhos do movimento do *turnen*” (PFISTER, 2011, p. 58).

Além dos momentos de interação entre os clubes de ginástica, também foram observadas a comunicação e a proximidade com associações voltadas a outras práticas esportivas, culturais e sociais, em uma mesma localidade. Como, por exemplo, o compartilhamento de festividades com sociedades de atiradores e de canto em Santa Cruz do Sul (ASSMANN, 2015); a concessão de espaços, como o salão da *Turnerbund* para festividade do clube de ciclismo da capital (RADFAHRER..., 1903); o empréstimo das dependências do clube de atiradores de São Sebastião do Caí para as aulas de *Turnen* da sociedade de ginástica local (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO, 1929); ou, ainda, a participação de associados que pertenciam e circulavam em diferentes entidades teuto-brasileiras, entre outros. Assmann (2015) propõe que, através do contato com outras entidades, as associações reconfiguravam representações e apropriavam-se de novas práticas.

¹⁷ Cf. Levien (2011); Kilpp (2012); Assmann (2015).

Nesse panorama, Quitzau (2016) destaca a significativa participação da imprensa periódica, evidenciando desde os jornais cotidianos até as publicações internacionais e nacionais específicas das sociedades de ginástica. Dentre esses, o *Deutscher Turnzeitung*, periódico oficial da *Deutsche Turnerschaft*, na Alemanha, pode ser destacado como meio de comunicação entre as entidades (QUITZAU, 2016) e de compartilhamento de representações culturais étnicas e códigos de comportamento e sentimento; informações sobre a *Deutscher Turnerschaft* ou a *Turnerbund* de Porto Alegre são encontradas, por exemplo, em publicações do jornal *Kolonie*, veiculado em Santa Cruz do Sul e arredores (TURNVEREIN, 1906), corroborando a compreensão de existência de uma rede entre sujeitos e instituições teuto-brasileiras no Rio Grande Sul. Informações acerca da *Deutscher Turnerschaft*, da Alemanha, disponibilizadas à população de Santa Cruz e região, através do jornal *Kolonie*, foram compiladas a partir do relatório anual dessa mesma entidade, o qual foi recebido pela sociedade de ginástica local e compartilhado com o periódico (*Ibid.*). Cabe ressaltar que foram encontrados, nesse mesmo jornal, registros de outras sociedades de ginástica do estado, como São Leopoldo, Candelária, São Sebastião do Caí. Os periódicos¹⁸ também divulgavam as novas práticas incorporadas pelos clubes de ginástica. Ao longo dos anos, além da ginástica, a sociedade de Porto Alegre incorporou o tiro ao alvo, a natação, a esgrima, o bolão, o atletismo, o futebol, o tênis, dentre outros esportes (MAZO *et. al.*, 2012)¹⁹.

Acerca das práticas esportivas que começavam a despontar como possibilidades no cenário porto-alegrense dos primeiros anos do século XX, a *Turnerbund* assumia uma posição favorável, mas com a ressalva de enaltecer, em primeiro lugar, o *Turnen*. No relatório de 1907 dessa entidade, nota-se que o esporte (*Sport*) retirava “forças juvenis” da sociedade; todavia, essa constatação era considerada apenas uma perda parcial, pois essa prática também se ocupava do cuidado e do exercício saudável do corpo. Segundo o texto, ambos se associavam muito bem e, assim, o esporte poderia ser recomendado. Para aqueles que consideravam a prática do *Turnen* um exagero, presumindo realizar exercícios suficientes junto ao trabalho profissional, o texto contestava: “esse engano precisa ser refutado”. O discurso prossegue argumentando sobre os benefícios do *Turnen* aos trabalhadores, que, além do exercício corporal, também eram favorecidos pelo “refrescar da mente” e, relembrando uma frase de W. Schultz, proferida na festividade da 5ª *Deutsche Turnfest*, finaliza: “*Turnen* um meio de formação da alma”²⁰ (JAHRES-BERICHT, 1908, p. 3).

A partir dos dados apresentados, podemos depreender que a construção de sedes e de espaços de jogos e práticas esportivas próprios era uma preocupação para muitas sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul. Uma sede própria poderia significar, aos códigos daquela contemporaneidade, ascensão social - por estar, muitas vezes, ligada às elites -, legitimação de uma posição na “boa sociedade” e um espaço para localizar-se e ser localizada. A estrutura associativa aqui descrita, bem como suas particularidades, fazia parte da arquitetura de uma

18 No acervo da SOGIPA, também podem ser encontradas cópias impressas de periódicos, com registros relatados, também, por membros vinculados à própria sociedade.

19 Assim como na *Turner-Bund*, a sociedade de ginástica de Estrela também passou a oferecer práticas esportivas: primeiramente, o bolão; após, nos anos de 1930, o basquetebol e o voleibol e, posteriormente, o futebol (WEIS, 1998; KILPP; ASSMANN; MAZO, 2014). Para Kilpp (2012), a manifestação de novas práticas esportivas e de procedência anglo-saxônica na *Turnverein Estrela*, na década de 1930, significou uma forma de resistência ao momento de repressão às representações identitárias teuto-brasileiras.

20 “*Turnen ein Bildungsmittel des Geistes*”.

figuração em cujo cerne estava o *Turnen*, as relações, apropriações e valores que tal prática cultural mobilizava. Esta figuração apresentava-se como uma “boa sociedade”, com códigos de comportamento e sentimento que eram compartilhados pelos sujeitos em uma relação de interdependência e de constante tensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a organização associativa das sociedades de ginástica, no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1870 e 1920. Foram evidenciadas características semelhantes na figuração das sociedades de ginástica no estado. Também constatou-se que o *Turnen* é a prática precursora no estabelecimento de um *habitus* ginástico alemão nas/pelas sociedades de ginástica, no Rio Grande do Sul, no recorte temporal determinado (1870-1920). Notou-se, ainda, que, em algumas sociedades, a prática do tiro ao alvo foi incorporada posteriormente.

No que concerne aos fundadores das sociedades de ginástica, identificou-se exclusivamente, a presença de homens e que a maioria dos sobrenomes remetiam à identificação teuto-brasileira. Percebe-se que as mulheres, principalmente aquelas casadas (senhoras), passam a ocupar mais espaço nas sociedades de ginástica, no princípio do século XX, por meio das sessões de ginástica. No entanto, antes disso, é provável que elas circulassem em alguns eventos sociais, acompanhando seus maridos ou seus pais, no caso das mulheres solteiras, nomeadas senhoritas.

As sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul, ao serem consideradas como entidades e instituições, eram ordenadas, com poucas variações, de forma hierárquica. Assim, a diretoria das sociedades de ginástica era composta unicamente por homens e, da mesma forma, o elenco de cargos (presidente, vice-presidente, tesoureiro, entre outros). Além desses cargos, na estrutura associativa das sociedades de ginástica, ainda havia a figura do Guarda de Esportes (*Turnwart*), dos Mestres (monitores, instrutores e professores) de ginástica e práticas esportivas e os delegados. No que se refere aos associados, estes também eram diferenciados por meio de nomenclaturas específicas, a saber, uma categorização que, a depender da associação, poderia apresentar algumas variações.

Pode-se destacar o empenho dos associados na organização e na manutenção das sociedades de ginástica, as quais constituíram uma rede de interdependências, com suas próprias datas de fundação, muito próximas umas das outras, no final do século XIX. Com base nas fontes exploradas, podemos concluir que a edificação de sedes e espaços de jogos e práticas esportivas próprios consistia em uma preocupação para muitas sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul. Inclusive, algumas associações terminavam demonstrando dificuldades financeiras devido a essas aspirações.

Dessa forma, foi sendo constituída uma teia entre as sociedades, as quais adquiriam espaços, locais para a prática e, até mesmo, equipamentos, principalmente por meio do auxílio e contribuição dos associados. A organização associativa aqui exposta, portanto, bem como suas características, compunha a estrutura de uma figuração em cujo centro estava o *Turnen*, assim como as conexões, apropriações e princípios que essa prática cultural incitava.

Espera-se, assim, que os resultados deste estudo possam contribuir para futuras

pesquisas históricas e socioculturais sobre a gestão do esporte no Brasil, alargando o enfoque para além de aspectos relativos aos clubes de futebol. Vale lembrar que a institucionalização do futebol em clubes, não apenas no estado do Rio Grande do Sul, mas no país, é posterior a outras práticas esportivas como a ginástica, o remo e o turfe. É provável que a estrutura das sociedades de ginástica, alicerçada em tradições de distinção social, tenha favorecido o seu alastramento e consolidação no estado por, pelo menos, um século. Muitas das sociedades centenárias de ginástica continuam em funcionamento no estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Alice Beatriz; BERTOLDI, Rafaela; MAZO, Janice Zarpellon. Associações esportivas paramilitares em Santa Cruz do Sul: espaços de legitimação social e lazer (1880 - 1900). *Licere*, Belo Horizonte, v. 20, n. 4, dez/2017.
- ASSMANN, Alice Beatriz. **Figurações do Turnen no sul do Brasil: redes de interdependência em escolas e clubes (décadas 1870-1920)**. 211 f. 2019. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.
- ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. *Turnen*: para além da ginástica: configurações dinâmicas em um espaço de práticas esportivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2017, p.489-503.
- ASSMANN, Alice Beatriz. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910)**. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) -Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, Carla. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2 ed., 2010, p. 23-80.
- BOUDON, Raymond. **Dicionário de Sociologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.
- CENTENÁRIO da colonização alemã em Rio Pardiniho. **Livro Comemorativo**. Santa Cruz do Sul: Gráfica Comercial de Binz e Rech, 1952.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor (Org.). **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 133-178.
- DIE TURNERISCHE entwicklung des Turnverein Cahy, São Sebastião do Caí. **Compilação de textos**, 1938. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FACHEL, José Fraga. **Separata dos Anais do Primeiro Colóquio de Estudos Teutobrasileiros**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 30 jul. 1964.
- FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FESTSCHRIFT von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.
- GESCHICHTE der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOFFMEISTER FILHO, Carlos Bento. **Doze Décadas de História**. Porto Alegre: Editora Palloti, 1987.

IN VILLA GERMANIA. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 16 nov. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

JAHRES-BERICHT des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1908. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

KILPP, Cecília Elisa; ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. Turnverein Estrela: ginástica e esportes. **Revista Contemporânea – Dossiê História e Esporte**, ano 4, vol.2, 2014.

KILPP, Cecília Elisa. **O Turnen e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela/Rio Grande do Sul**. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado). - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KIPPER, Maria Hoppe. **Sociedades de cavalaria em área de colonização alemã** (Santa Cruz do Sul – RS). São Leopoldo: mimeog.,1967.

LEVIEN, Ana Luiza Angelo; RIGO, Luiz Carlos. Considerações sobre o “*Turnfest*” e “*Gauturnfest*” no Rio Grande do Sul (1890-1930). **Revista Didática Sistemática**, II Extremos do Sul – Edição Especial, p. 159-176, 2013.

LEVIEN, Ana Luiza Angelo. **Histórias do Turnen na Leopoldenser Turnverein** (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo). Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.

MAZO, Janice Zarpellon. **Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. Tese Doutorado. Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, Janice Zarpellon *et al.* **Associações Esportivas do Rio Grande do Sul (1867-2009): lugares e memórias**. Novo Hamburgo, RS: editora da FEEVALE, 2012. CD-ROM.

MÜLLER, Dalila. “**Feliz a população que de tantas diversões e comodidades goza**”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 338f. Tese (História). Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Sociedade Ginástica: cem anos de história**. São Leopoldo: Rotermund, 1986.

PFISTER, Gertrud. Moças e mulheres no movimento de turnen alemão – dos indícios até a República de Weimar. In: TESCHE, Leomar (Org). **Turnen: transformações de uma cultura corporal européia na América**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 51-80.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Associativismo ginástico e imigração alemã no sul e sudeste do Brasil (1858-1938)**. 242f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

RADFAHRER Verein Blitz. **A Federação**, Porto Alegre, 13 out. 1903.

RAMOS, Eloísa. **O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras – São Leopoldo 1858- 1930**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2000.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377-389, abr./jun. 2015.

SILVA, Haike Roselane da. **A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)**. 2005. 341 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b.

SILVA, Haike Roselane da. **SOGIPA: Uma trajetória de 130 anos (publicação comemorativa)**. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados Ltda, 1997.

SOCIEDADE GINÁSTICA. **A Opinião Pública**, Pelotas, ano I, 13 de julho de 1896, n. 59, p.1, c. 3.

SOCIEDADE GINÁSTICA. **Correio Mercantil**, Pelotas, ano XXII, terça-feira, 14 de julho de 1896, n. 162, p. 2.

TESCHE, Leomar. Cluster esportivo do Rio Grande do Sul – Clubes Turnen. In.: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

TESCHE, Leomar (Org). **Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 81- 108.

TESCHE, Leomar. O Séc. XIX. os Brummer e a introdução da *Turnen*/ginástica no Brasil. In.: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social**. ANPUH, 2013.

TURNERBUND. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 21 abril 1906. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNER-BUND Porto Alegre (1892-1917). **Livro comemorativo 25 anos**, Turnerbund, Porto Alegre, 1917. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

TURNVEREIN HAMBUGO VELHO ou Hamburgerberg, Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 3 maio 1906. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURN-VEREIN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 04 mar. 1896. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN NOVO HAMBURGO. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN SANTA CRUZ. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN SÃO JOÃO do Montenegro. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft

von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

VOGT, Olgário Paulo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.

WIESER, Lothar. **Deutsches Turnen in Brasilien**: deutsche Auswanderung und die Entwicklung des deutsch-brasilianischen Turnwesens bis zum Jahre 1917. London: Arena Publications Limited, 1990.

WEIS, Gilmar Fernando. **O Basquetebol em Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

UMA CULTURA CORPORAL ANÁRQUICA: A INFLUÊNCIA DO PUNK NA PRÁTICA DO SKATE

LEONARDO BRANDÃO
Universidade Regional de Blumenau
leobrandao@furb.br

GIANCARLO MACHADO
Universidade Estadual de Montes Claros
giancarlo.machado@unimontes.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a influência do punk na prática do skate através, sobretudo, de uma análise centrada em revistas de skate, publicadas durante a segunda metade da década de 1980 e de uma edição da revista Tribo, de 2001. Além das revistas, depoimentos e letras de música também serão abordados. O punk pode ser compreendido como um movimento de contestação juvenil ligado à política, à estética e, principalmente, à música e ao comportamento. Intenta-se mostrar, também, que houve uma influência do punk na prática do skate, sobretudo na modalidade street (rua), durante a década de 1980. Ainda que essa atividade corporal tenha recebido outras influências nas décadas seguintes, como o Hip Hop, tal influência permanece, embora junta a outras formas de expressão cultural, até hoje.

Palavras-chave: Skate; Esporte; História; Punk.

Recebido em 22 de novembro de 2020.

Aprovado em 8 de janeiro de 2021.

AN ANARCHIC BODY CULTURE:
THE INFLUENCE OF PUNK ON
SKATEBOARDING

LEONARDO BRANDÃO
Universidade Regional de Blumenau
leobrandao@furb.br

GIANCARLO MACHADO
Universidade Estadual de Montes Claros
giancarlo.machado@unimontes.br

ABSTRACT

This article aims to analyze the influence of punk on the practice of skateboarding, above all, through an analysis focused on skate magazines published, especially, during the second half of the 1980s and on an edition of Tribo Magazine, 2001. Besides magazines, testimonies and lyrics will also be covered. Punk can be understood as a movement of youth contestation linked to politics, aesthetics and, mainly, music and behavior. This research will also emphasize the influence of punk on the practice of skateboarding mainly in the street modality, during the 1980s. Although this body activity has received other influences in the following decades, such as Hip Hop, the influence remains, even though coexisting with other forms of cultural expression, until today.

Keywords: Skateboarding; Sport; History; Punk.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a influência do punk no desenvolvimento da prática do skate, em especial, do skate de rua (*street skate*). O material analisado provém, na maior parte dos casos, de revistas especializadas nessa atividade, publicadas durante a segunda metade da década de 1980. Em sua parte final, faremos também uma análise com uma publicação mais recente, uma edição da revista *Tribo Skate*, publicada no ano 2001, objetivando estabelecer essa relação também com o tempo presente.

Durante a segunda metade da década de 1980, passou a existir uma clivagem mais nítida na prática do skate. De um lado, havia a modalidade vertical, praticada em rampas no formato de U (*half pipe*); de outro, o skate passou a se desenvolver nas ruas, em praças, escadarias, bordas e corrimãos. Esse “tipo” de prática esportiva foi retratado pelas revistas existentes na época, através de um discurso diferenciado, como uma espécie de “cultura corporal anárquica”, para sermos fiéis à expressão do historiador Porter (1992). Como iremos inicialmente demonstrar neste artigo, tal formação discursiva vinha com influências do punk, um movimento juvenil que teve expressão no país ao final da ditadura militar, mas potencializado no período da redemocratização. Além disso, esse movimento marcou bastante o imaginário e o comportamento de diversos outros grupos juvenis, abrindo “o caminho para a manifestação, atuação e a construção de novas identidades” (BENEVIDES, 2008, p. 235).

BREVE NOTA SOBRE A HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO PUNK

Embora a data e o local de nascimento do movimento punk sejam discutíveis, não há dúvidas de que ele se apresentou ao mundo, no final da década de 1970, como um movimento de protesto musical, social e estético, oriundo do circuito anglo-americano. Nos termos de Sousa (2002) – autor de uma dissertação de mestrado sobre o assunto – os punks seriam coletividades juvenis que, como uma espécie de desdobramento da contracultura das décadas de 1960 e 1970, podem ser inseridos em uma “tradição de resistência e insubordinação contra a ordem estabelecida ao longo do século XX” (SOUZA, 2002, p. 77). Mas se há continuidades, há também rupturas. Como apontou Gallo (2010), embora haja pontos de contato entre o punk e outras formas de expressão juvenil – como a dos beatniks, por exemplo – é preciso lembrar que os punks se expressaram contra a maioria dos movimentos juvenis até então existentes, sobretudo contra o movimento hippie. De acordo com a autora,

O punk, ao invés de apresentar-se como continuidade com um suposto movimento de jovens anterior, se reporta a ele essencialmente como ruptura, mesmo reconhecendo tributo a certas matrizes consolidadas na geração anterior, em música, em literatura e comportamento. Descrente dos valores do amor, da amizade e da esperança, dos quais se tornaram incrédulos pela própria força avassaladora do capitalismo na sua versão neoconservadora, assumiam em revanche, uma atitude violenta e irreverente (GALLO, 2010, p. 287).

Na Inglaterra, o movimento surgiu em uma época em que o país atravessava um período de estagnação econômica e de desemprego, o que resultou em míseras expectativas de vida para a classe trabalhadora e, em consequência, para seus filhos. O’Hara (2005) assevera que o punk inglês foi, em grande parte, um movimento composto por jovens brancos da classe

operária desprivilegiada e sem grandes perspectivas de vida.

Segundo Oliveira (2011), no Brasil, o movimento punk teve seus primeiros sinais de vida no final da década de 1970, no contexto da ditadura militar. Em suas palavras, foi em uma “época de intensa repressão a manifestações culturais, sociais e políticas com teor rebelde/contestador, que surgiram as primeiras bandas nacionais entre 1977 e 1978: Condutores de Cadáver, AI-5 e Restos de Nada” (OLIVEIRA, 2011, p. 133). No entanto, foi somente a partir do ano de 1982, quando um projeto de abertura política no país já estava em andamento, que esse movimento começou a ter uma maior expressão, sobretudo na cidade de São Paulo. Conforme a perspectiva de Brandão (2004),

Em 1977 o país recebia apenas algumas informações sobre esse movimento, em sua maioria pela grande imprensa e por discos importados. Eram informações que, geralmente, deixavam a impressão de mais um modismo. O número de punks era pouco representativo. No país, o movimento apenas tomou corpo em 1982, principalmente nas periferias das grandes cidades, apresentando grupos como Lixomania, Inocentes, Olho Seco, Ratos de Porão, entre outros, alheios aos grandes meios de comunicação (BRANDÃO, 2004, p. 110).

Importante lembrarmos que, nessa época, o modelo de desenvolvimento capitalista adotado pela Ditadura Militar, após os breves anos da euforia do “milagre econômico”, começava a resultar em uma grave crise financeira e em um endividamento externo (FICO, 2015, p. 81). Essa crise levou o país, ao longo desses anos de transição para a democracia, a conviver com altas taxas de inflação, com um enorme endividamento (tanto externo quanto interno) e com uma grande concentração de renda. Embora não haja estudos comparativos sobre a emergência do movimento punk na Inglaterra e no Brasil, existem alguns indícios para pensarmos, como afirma Souza (2002), que tanto o punk inglês quanto o brasileiro desenvolveram-se a partir de um quadro de desorganização econômica. Esse aspecto “estimulou a união de jovens excluídos dos benefícios sociais em torno de um mesmo movimento” (SOUZA, 2002, p. 61).

Foi nesse contexto, marcado, por um lado, pelo início da abertura política e, por outro, pelo agravamento da crise social, que os punks começaram a estruturar mais claramente uma cena musical no país, em que foram elaborados festivais e gravações em áudio. De acordo com o Brandão (2004),

Os punks brasileiros [...] gravaram seu primeiro disco, uma coletânea chamada Grito Suburbano, em 1982, reunindo grupos como Inocentes, Olho Seco e Cólera, pelo selo independente Punk Rock. No mesmo ano, os punks conseguiram realizar o controverso festival “O Começo do Fim do Mundo” (no Sesc Pompéia, em São Paulo), chamando a atenção da polícia e dos meios de comunicação para esse movimento de jovens, em sua maioria, suburbanos (BRANDÃO, 2004, p. 130).

Embora tenhamos notícias de muitas brigas no interior do movimento punk, no início da década de 1980, bem como entre os punks de São Paulo e os do ABC paulista, é fato que elas foram gradualmente sendo diluídas¹. Assim, seria um equívoco interpretarmos tal fenômeno pelo viés da violência juvenil, pois para além dele, o punk é algo intrinsecamente ligado à música. Sendo assim, é possível afirmar que ele foi uma forma de resistência às expressões musicais em voga no período e, em particular, uma resistência ao rock progressivo – visto

¹ Acerca disso, ver o vídeo documentário *Botinada: a origem do punk no Brasil*, dirigido por Gastão Moreira e lançado pela ST2 vídeo, em 2006.

como um “desvirtuamento” do rock tradicional. Sobre esse ponto em particular, a antropóloga Caiafa (1989) escreveu que, no punk rock,

O som é muito simples, e muito rápido. Basicamente percussivo, com vocal violento. Contra a complicação do “rock progressivo” que se fazia na época, o punk rock é o uso imediato do instrumento. Produzir intensidade e lançar um desafio – essa a contundência do punk – e fazer isso com o mínimo. O punk surgiu então num momento em que a extrema complexidade de elaboração e execução fazia do rock uma obra de muitos anos de trabalho (as etapas de progresso e maturação) e muito dinheiro para comprar os mais sofisticados equipamentos (CAIAFA, 1989, p. 09).

O que chamamos de punk, portanto, não existe como um movimento social independente da cena musical. Além disso, segundo O’Hara (2005), a maioria das letras de punk rock aproximava-se do anarquismo² ou eram escritas sob sua influência. Isso, portanto, significava questionar o conformismo social, a submissão à autoridade e ao governo.

De fato, no Brasil, muitas bandas surgidas na década de 1980 diziam-se anarquistas. Evidentemente, nem todos os punks brasileiros tinham esse discernimento, muitos entravam para o movimento ou curtiam as bandas somente pela energia das músicas ou pelo fato de poderem pertencer a um grupo. No entanto, como afirmou O’Hara (2005), mesmo que muitos punks não fossem versados em história e teoria do anarquismo, havia entre a maioria a “crença formada em torno dos princípios anarquistas de não ter um governo oficial ou governantes” (O’HARA, 2005, p. 74).

O PUNK DAS REVISTAS DE SKATE

Neste tópico, iremos abordar a relação do punk com o skate, tomando como base de análise, revistas publicadas sobre essa prática, durante a segunda metade da década de 1980, em especial as revistas: *Yeah!*, *Overall* e *Skatin*³. Nosso interesse está em verificar como elas associaram o skate a esse movimento e de que modo, ao divulgarem essa manifestação em suas páginas, colaboraram para que se formassem interpretações sobre o esporte (e sobre os skatistas), estranhas ao domínio puramente esportivo. Todas essas três revistas podem ser tidas como “mídias de nicho”, isto é, publicações extremamente segmentadas e direcionadas a um grupo em específico (THORNTON, 1996).

Em uma entrevista publicada em janeiro de 1988, pela revista *Yeah!*, com Clemente, vocalista de uma banda punk chamada Inocentes, ele afirmava que os membros de sua banda eram “absolutamente contra o Fascismo” e que a Anarquia era um ideal com a qual simpatizavam (YEAH!, 1988, p. 52). Além disso, Clemente também dizia ter acompanhado o PT (Partido dos Trabalhadores) desde sua criação por acreditar nele como o partido “menos corrupto de todos”. Ao final da entrevista, o cantor ainda recomendou aos seus leitores que lessem *1984*, de George Orwell (YEAH!, 1988, p. 52).

Na primeira edição da revista *Skatin*, de 1988, outro integrante dessa mesma banda, chamado Tonhão⁴, dizia que “o skate saiu da rua, como a gente” e afirmava que o paralelo existia porque ambos tinham que “fugir da polícia” (SKATIN’, 1988, p. 65). De fato, como apontou o skatista Guto Jimenez, um dos articulistas da revista *Yeah!*, havia sim uma relação entre o skate e o punk – relação essa que começou nos Estados Unidos e depois ocorreu no Brasil. Ademais, ele atesta que essa identificação também ajudou na diferenciação entre o skate e o surfe. Segundo seu depoimento,

Nos EUA, surgiu o movimento musical do punk hardcore, de música rápida e ignorante, que caiu imediatamente no gosto dos skatistas. Somente uns 5 anos depois é que a surfistada começou a curtir um som mais punk, por assim dizer; antes os surfistas ouviam bandas de

hard rock, reggae e os primeiros sons identificados como “surf music”. O skate punk surgiu pra marcar a diferença entre as tribos⁵.

Outros depoimentos que serão demonstrados ao longo deste artigo também insistem nessa relação de proximidade entre a prática do skate (especialmente o skate de rua) com o punk. Além dos depoimentos, nas publicações especializadas nesse tipo de atividade, que surgiram durante a segunda metade da década de 1980, havia constantemente referências a diversas bandas punks, tanto nacionais quanto estrangeiras. Havia a transcrição de letras de músicas punks, resenhas de discos, fotografias de shows e comentários a respeito da interação entre o punk e a prática do skate. Além disso, tanto as estampas das roupas (principalmente das camisetas) quanto dos grafismos existentes na parte inferior das pranchas de skate (shapes), passaram a ostentar uma simbologia punk, nas quais desenhos de caveiras, demônios ou animais ferozes buscavam traduzir a radicalidade e a agressividade desse novo modo de praticar o skate nas ruas (AGUIAR, 2012).

Dessa forma, skatistas que gostavam de ouvir bandas desse gênero musical podiam encontrar um elo com as novas manobras de skate, que passaram a se desenvolver e, com elas, ocupar cada vez mais o espaço urbano. De fato, o tom frenético e a atmosfera de caos que muitas bandas de rock e punk rock assumiam nos riffs de guitarra, nos ritmos da bateria ou na velocidade do contrabaixo provocavam uma sensação de agito e de movimento corporal que incitavam a prática do skate. Como escreveu João Gordo, vocalista da banda Ratos de Porão, para uma coluna da revista *Yeah!*, intitulada *Street Noise*, “só quem ama esse barulho entende a energia transmitida, uma total violência sonora, um jeito maluco da juventude dos anos 80 se exprimir, um vício que arrebanhou milhões de jovens do mundo todo” (YEAH!, 1988. p. 65).

Caiafa (1985), antropóloga que, no início da década de 1980, realizou uma série de etnografias com punks e skatistas, relata o que presenciou: “é muito som, sem parar, as pessoas em volta ouvindo e vendo as manobras [...] e já nem é mais rock, é punk-rock [...], cada vez mais veloz no som e na intensidade” (CAIAFA, 1985, p. 75). De forma similar à Caiafa, o skatista Fábio “Bolota” escreveu que,

O que fez o skate se tornar popular de verdade foi a roupagem do punk-rock que se incrustava nos praticantes de todo o mundo. No Brasil não foi diferente. Sai o estilo freak-heavy-metal-cabeleira-surf e entra o estilo agressivo eu-quebro-tudo-mesmo do punk-rock. Quem virou a mesa de fato, ninguém arrisca dizer, mas a mesa foi totalmente virada. Calça descolorida e rasgada, com a camiseta da banda preferida e um bracelete de pontas. *Skate or Die! Skate and Destroy! Go Skate or Go Home*, ou qualquer frase de efeito estavam ecoando em cada quarteirão. Marcando muito bem essa atitude, o 2º Campeonato Brasileiro de Guaratinguetá foi um desfile de punks e simpatizantes. A cidade foi invadida por alfinetes e penteados que iam do moicano ao espigado ou pintado. Essa atitude começou a incomodar os moradores da pacata cidade, e logo após eles entraram em guerra contra os skatistas (BOLOTA, 2000, p. 33).

É interessante percebermos, como apontou Fábio “Bolota”, que essa guinada do skate - do imaginário da praia, sol e surfe para o do punk “urbanóide” - no qual São Paulo, mais que o Rio de Janeiro, aparece ser o centro de invenção. O surfe não permite isso, pois depende do mar e do dia claro, é muito solar e quase restritivamente solar. Já o punk, que vinha com todo esse espírito de contestação, irreverência e rebeldia deu o tom, a estética e o ritmo da prática do skate de rua ao longo da segunda metade de 1980. Possivelmente, o entrelace de ambas as formações culturais deu forças e coragem para que os skatistas deixassem de se aventurar

somente por locais como ladeiras ou praças e passassem, em uma apropriação que carregava um bom tom de transgressão. Um fato que explica isso é a utilização de outros equipamentos urbanos, tais como corrimãos, escadas e bancos como um meio de expressão e de expansão de suas subjetividades.

Nos Estados Unidos (EUA), essa fusão (do punk com o skate) vinha sendo retratada (e também estimulada) pelas mídias de nicho direcionadas ao skate, especialmente pela revista *Thrasher* (PHELPS, 2006, p. 20), que teve seu primeiro número publicado em janeiro de 1981. Não é errado afirmarmos que as publicações voltadas ao skate que surgiram no mercado editorial brasileiro tinham como referência tanto essa quanto algumas outras revistas existentes nos EUA. Essas revistas aludiam a tais publicações em suas páginas⁶. Essa referência à cena norte-americana é importante para sabermos que a associação entre o skate e o punk não foi um acontecimento singular do Brasil; essa união tratada aqui foi algo que fez parte de um contexto em que a revolução cultural juvenil, que envolveu diversos países ocidentais, já interagira mesmo sem os recursos da Internet.

De volta ao caso brasileiro, é preciso lembrar que a revista *Yeah!* surgiu com o intuito declarado de “ajudar o esporte e fazer nascer as bases sólidas para seu desenvolvimento” (YEAH!, 1986, p. 7). No entanto, paradoxalmente, ao também declarar-se como uma revista de “arte e contracultura jovem” – e assim reservar um grande espaço para as manifestações musicais, especialmente àquelas advindas do punk, mas também abrangendo outros gêneros do rock, como a *New Wave*, o *Heavy Metal* e o *Thrash*. Assim, acabou se constituindo como um espaço ambivalente de opiniões sobre o skatismo, ora o associando ao “esporte”, ora o articulando a formas de expressão surgidas nos embates e desdobramentos da contracultura juvenil.

Embora tal associação tenha sido algo corriqueiro nessas publicações, nem sempre ela foi aceita de forma homogênea. Pois há uma nuance nessas representações que merece ser inicialmente sublinhada e que diz respeito a uma diferença no modo como ela foi recebida pelos próprios skatistas. Ao analisarmos de forma minuciosa essas mídias, podemos compreender que aqueles que praticavam o skate em pistas – ou geralmente os que estavam buscando através dos campeonatos a consolidação de uma carreira e/ou sua inserção no profissionalismo –, tomavam certa precaução na identificação imediata com o punk. Às vezes, esses indivíduos chegavam até mesmo a rejeitar essa relação estabelecida, acreditando que ela poderia ser negativa para a imagem do skate como um “esporte”.

Como exemplo do que estamos afirmando, podemos observar que para Jun Hashimoto, skatista profissional e praticante em pistas, essa relação entre o skate e o punk não seria de toda correta. Para ele, a prática do skate requeria muita concentração e preparo físico, sendo que “essa visão de que ser um skatista é sair horrorizando, destruindo e arrebando todo mundo na rua é furada!!!” (OVERALL, 1985, p. 07). Quando lhe fora perguntado sobre como estruturar de maneira saudável e coerente o skate no país, o skatista respondeu da seguinte forma:

A imagem do skate no Brasil está totalmente deturpada e infelizmente faz juz (*sic*) a essa deturpação. O skate por aqui está obrigatoriamente ligado ao Punk, a (*sic*) ANARQUIA, a (*sic*) desordem, as (*sic*) drogas. Tenho certeza que essa imagem é unilateral e quem está mais em contato com os skatistas sabe que tudo isso é mentira!!! Não há nada mais saudável e relaxante que uma *session* de skate. O skate exige muita concentração, criatividade, preparo físico e mental... para se andar bem você tem que estar bem. Também é necessário que haja mais campeonatos e estamos trabalhando para isso (OVERALL, 1985, p. 07).

É possível observar que essa associação com o punk produziu tensão entre os próprios skatistas (principalmente entre aqueles que praticavam em pistas e/ou inseriam-se na organização dos campeonatos). Além da *Overall*, também na revista *Yeah!*, encontramos depoimentos críticos sobre isso. Em sua primeira edição, o skatista Marcelo Neiva, do Rio de Janeiro, se pronunciou afirmando que repudiava “a ideia de colocar o skate como um esporte de punks. É agressivo e radical, mas longe de ser punk” (YEAH!, 1986, p. 21). No entanto, na edição seguinte, um morador de Brasília/DF retrucava dizendo: “eu discordo do Marcelo Neiva, pois o Punk tem alguma semelhança com o Skate. A relação é tão perfeita que música e esporte parecem ser uma coisa só” (YEAH!, 1986, p. 14).

De modo geral, observamos que os skatistas que praticavam em pistas (como era o caso de Jun Hashimoto e Marcelo Neiva) buscavam certa precaução em assumir a identidade de skate punk ou não gostavam mesmo de serem identificados dessa forma. Em outros casos, notamos que havia a necessidade, entre os skatistas, de especificar o que seria essa associação. Nas palavras do skatista Antonio Machado Junior, por exemplo, “skater punk não é um skatista que é punk, nem um punk que é skatista, mas sim um skatista que o dia inteiro fala, anda ou pensa em skate”⁷.

Em sua segunda edição, a revista *Overall* inaugurou uma seção chamada “S.N.I.”, ou seja, “Skate Nacional Informação”, com o intuito de interrogar os principais skatistas do Brasil sobre assuntos em voga no momento. Com os dois primeiros skatistas entrevistados, Marcelo Bertolin e César Dinis Chaves, ambos cariocas e praticantes de skate em pistas, o tema da ligação com o punk foi levantado. No entanto, a partir das respostas abaixo, nota-se que eles também possuíam certa cautela concernente a essas relações, temendo que a imagem de vandalismo – geralmente associada ao punk – viesse a estigmatizar skatistas como eles, cujo envolvimento, afirmavam, se dava por “amor ao esporte”⁸.

Nas palavras de Marcelo Bertolin, “Punk, como todo movimento de protesto, tem suas particularidades. Pena que os brasileiros definam punk como quebra-pau e vandalismo. Pois uma das consequências é a má impressão que sobra para o skatista” (OVERALL, 1986, p. 34). Na mesma linha de raciocínio, Chaves advertia:

Skate-punk é um conceito que precisa ser revisto. Um cara que está fundo no seu esporte, anda o máximo possível, lê tudo que pode a respeito, se veste skate, ouve, sonha, respira skate...este é um skate-punk! E não um cara fantasiado, dizendo ser mau, que come criança e quebra tudo. Este não é um skate-punk e sim um babaca. Anarquia não é quebrar. É skate! Um lance sem regras, limites... só atitude. Anarquia no intelectual e socialismo no material. Esse é o espírito do skate-punk. E como diz Jello Biafra (vocalista da banda californiana de punk rock, chamada Dead Kennedys): Punk não é culto religioso. Punk é pensar por si. Você não é hardcore porque usa cabelo espetado, quando um macaco babaca mora na sua cabeça (OVERALL, 1986, p. 35).

Ao analisarmos essas revistas, concluímos que o punk no Brasil foi algo muito associado ao vandalismo e, por mais que muitos skatistas curtissem bandas surgidas dessa cena musical e sofressem essa influência, alguns temiam que tal associação viesse prejudicá-los enquanto “esportistas”. De fato, embora o skate estivesse passando por um processo de esportivização, ele não era reconhecido socialmente como um esporte do mesmo modo que o vôlei ou o futebol, por exemplo. Mesmo assim, muitos skatistas desejavam “viver” do skate, ter patrocínios,

⁷ Cf. *Overall*, número especial: “pôster”, 1986, p. 36.

⁸ De acordo com o skatista Marcelo Bertolin, “Andar de skate para mim significa ser fã deste esporte; o chamado amor pelo esporte” OVERALL, 1986, p. 34.

ganhar dinheiro, premiações e assim tornarem-se profissionais conhecidos e respeitados, tais como eram muitos dos esportistas tradicionais. Para tais objetivos, classificar o skate como um “esporte” era o caminho mais fácil, rápido e, também, o melhor modo de se fazerem aceitos e compreendidos perante outros atores sociais, como empresários e patrocinadores.

As revistas de skate partiam desse discurso, a maioria das páginas era dedicada à cobertura dos campeonatos, à divulgação das classificações através de um ranking, das fotografias com as melhores manobras realizadas nos eventos etc. No entanto, ainda que alguns skatistas fossem reticentes às articulações do skate com o punk, não nos restam dúvidas de que elas fizeram do punk (e também de outras manifestações musicais ligadas ao rock “pesado”) uma pedra angular em praticamente todas as suas edições, complexificando a condução do skate para além do domínio *stricto sensu* do esporte.

CRIANDO PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

A revista *Yeah!* contava com colaboradores *free lancer* (oriundos da cena musical paulistana) para desenvolver as resenhas dos discos punks, como o João “Gordo”, vocalista da banda Ratos de Porão, ou mesmo o baterista da banda Titãs, Charles Gavin. Em seu primeiro número, por exemplo, em uma seção chamada “Cotonete”, essa revista chegou a elencar as 10 principais bandas estrangeiras e nacionais que seriam interessantes para que os skatistas ouvissem ao praticar o skate. Observamos, pelos nomes das bandas¹⁰, que todas circulavam no universo do rock (principalmente do new wave e do punk rock), sendo outros estilos musicais, que tanto movimentaram a juventude nas décadas anteriores, como MPB, Disco ou a Bossa Nova, formações culturais já estranhas ao universo do skate.

A skatista paulista Mônica Polistchuk, por exemplo, dizia em entrevista publicada nessa mesma edição que gostava de praticar skate ao som de bandas como “Dead Kennedys, The Cure, Legião Urbana e Ira!”. Tendo o rock e o punk rock como referências, o skatista Guto Jimenez, que ocupava um espaço de articulista nessa mesma publicação, explicava que,

A música que acompanha os skatistas choca os que não estão acostumados. Tem que ser espontânea, ter uma batida rápida e um ritmo dançante, para que nas *sessions* [...] os praticantes do esporte mais radical da Terra possam debulhar e colocar toda a sua adrenalina nas manobras [...] Evidentemente, a resposta dos skatistas a “sons” do tipo Absyntho, Roupas Nova e outras merdas, é um brado a todo pulmão: FUCK OFF! (YEAH!, 1986, p.42).

Como podemos observar, se a *Yeah!* pretendia construir “as bases sólidas para o esporte” – como expresso em seu primeiro editorial – ela também mandava um “*Fuck off*” para todos que ouviam músicas românticas ou, nas palavras de Guto Jimenez, “merdas” como os conjuntos musicais “Roupas Nova” e “Absyntho”. Assim, ao desprezar tudo aquilo que fosse estranho ao universo musical dos skatistas, essa revista assegurava certa coesão aos mesmos, reforçando o aspecto coesivo dessa atividade e a fundamentando na partilha de valores, lugares e ideais. Ao mesmo tempo, ao fazê-lo, assumia e atribuía a si mesma um papel normativo, estabelecendo parâmetros para a definição sobre quem era e quem não era membro.

As primeiras edições retrataram mais as bandas de rock e punk rock, como Plebe Rude, Garotos Podres, Replicantes e Capital Inicial, geralmente enfatizando o fato de que alguns membros dessas bandas andavam ou já haviam praticado skate. Dinho Ouro Preto,

vocalista da banda Capital Inicial, por exemplo, afirmava ter sido skatista no final da década de 1970, quando morava na Europa (YEAH!, 1986, p. 58). Já os integrantes da banda de punk rock Grinders diziam que o “skate é o esporte mais urbano e o que mais tem a ver com o Punk” (YEAH!, 1986, p. 48). Nessa mesma linha, em entrevista com a banda de punk Cólera, um dos integrantes, chamado Redson, deixava a seguinte mensagem para os fãs: “Ande de skate, que é um tesão” (YEAH!, 1987, p. 54).

No livro *A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil* (2000), é relatado que o skatista paulista Maurício “Shit” foi um dos integrantes da banda Os Inocentes, gravou dois dos maiores clássicos do punk rock nacional: “Garotos do Subúrbio” e “Pânico em SP”. Bandas como Grinders, Lobotomia e Coquetel Molotov contavam com skatistas entre seus músicos. Em outras cidades fora do eixo Rio-São Paulo, como em Porto Alegre, alguns skatistas fizeram parte da formação inicial da banda Replicantes; e em Brasília, o skatista “Podrão” formou a banda Detrito Federal, sendo que uma de suas músicas, chamada “Desempregado”, foi bastante tocada em algumas rádios no país (JIMENEZ, 2000, p. 97-98).

Talvez seja desnecessário lembrarmos que revistas direcionadas a outras práticas corporais – tradicionalmente tidas como esportes – não costumavam exibir em suas páginas manifestações culturais de contestação juvenil nem grafismos que remetiam a uma estética punk. Elas não noticiavam bandas de punk rock ou de heavy metal, por exemplo, após o resultado do “Paulistão” ou do Mundial de Fórmula 1. Em quaisquer jornais, o “Caderno de Esporte” geralmente trazia, tão somente, assuntos relacionados ao tema, como notícias dos campeonatos e treinos, partidas de vôlei, basquete etc. Raras vezes misturavam esporte com formas de expressão provenientes da contracultura.

Paulo Anshowinhas, o editor da revista *Yeah!*, explica que tal associação era feita porque este “tipo” de música (rock, punk rock, metal, new wave etc) era algo existente e corriqueiro no universo do skate; essas canções estavam presentes como trilhas sonoras em quaisquer eventos dessa atividade, o que influenciou a moda, o comportamento e a atitude dos skatistas. Nas palavras do próprio Anshowinhas,

O skate começou um namoro com a música no final dos anos 70, com o new wave e o punk rock. Em 1977, era a época que os Sex Pistols estava em ascendência, Exploited, GBH, e também bandas como Devo, B-52 e tudo o mais. E o skate era intimamente ligado, principalmente com uma banda chamada Devo, que tinha essa influência porque colocou em seus cliques um pessoal andando de skate, que era o Freedom of choice, e a música tem muito a ver com este movimento do skate. E aqui no Brasil havia essa importação cultural e social desse movimento californiano, que trouxe essa cultura musical, que era colocada nos eventos, campeonatos que aconteciam. Cada um escolhia uma música como trilha sonora, e a trilha sonora era punk rock, new wave, e isso refletia no próprio comportamento do jovem. Comportamento expresso nas roupas que utilizavam, nos tênis quadriculados, pintados à mão, customizados, a coisa do silver tape, cabelo colorido etc.¹¹

Portanto, a presença da música não é aleatória ou casual. Não se toca qualquer música, mas determinadas bandas e estilos, sobretudo aqueles já articulados com a modalidade no plano internacional. Em outro trecho do mesmo depoimento, Paulo Anshowinhas nomeia algumas das bandas brasileiras que passaram a se expressar através do punk rock e se remete a *Yeah!* como um veículo em diálogo com essas manifestações juvenis:

¹¹ Depoimento contido na tese de doutorado “Por uma história dos esportes californianos no Brasil” (BRANDÃO, 2012).

No Brasil houve um festival, chamado o “Começo do fim do Mundo”, organizado pelo Antonio Bivar, e quem era dessa época era o Kid Vinil, o Cólera, os Inocentes, os Ratos de Porão, 365, Lobotomia, eram essas as bandas que se apresentavam, e era coisa realmente visceral, gritavam, brigavam... e era esse o som daquela época, que rolava em campeonato de skate, era esse o som que era retratado pela revista *Yeah!*, que mais do que uma revista de skate, era uma revista de comportamento urbano, trazia moda, música e o skate como pano-de-fundo de todas essas manifestações artísticas¹².

Assim como a *Yeah!*, as outras mídias de skate, embora também buscassem desenvolver o skate como um “esporte”, trouxeram em suas páginas entrevistas e demais matérias sobre o punk rock e gêneros similares. No caso da *Overall*, por exemplo, lembramos que, em sua edição de número quatro, fora publicada uma entrevista com o João “Gordo”, o vocalista da banda Ratos de Porão. Na foto que ilustrava essa entrevista, João “Gordo” aparecia fazendo uma tatuagem (lembramos que, na época, a tatuagem não tinha a aceitação social que hoje começa a ter) e, em uma de suas respostas, ele dizia que seu show era uma mistura de “skatistas, metaleiros e punks” (OVERALL, 1986, p.6). Já a revista *Skatin’*, em uma de suas edições, trazia um texto sobre a relação entre o skate e a música punk, enfatizando tal relação a partir das bandas norte-americanas e dizendo existir, inclusive, um neologismo para isso: “skaterock”. No texto escrito por Zé Gonzales (que no final da década de 1990 integraria a famosa banda Planet Hemp, nacionalmente conhecida por sua campanha pela legalização da maconha), constava:

Skaterock. O que é? Quem inventou? Se foram os roqueiros que resolveram andar de skate ou se os skatistas é que foram fazer rock, não importa. Mas uma coisa é certa: muitas pedras rolaram. Skate e música caminharam lado a lado, se envolvendo cada vez mais. Assim como Steve Caballero [skatista norte-americano], que formou o grupo The Faction, muitos outros skatistas formaram suas bandas, como T.S.O.L, Black Flag, J.F.A e Big Boys entre outros. Logo saiu a primeira de várias coletâneas lançadas pela revista *Thrasher* apenas com bandas de skaterock. A tendência então era o hardcore e, com o passar do tempo, muitas outras bandas vieram e o som foi ficando mais rápido e pesado. Nessa área podemos citar bandas como Septic Death (do desenhista/skatista Pushead), Seven Seconds e Gang Green. E o que antes parecia pura brincadeira virou febre e grupos como Agent Orange, Metallica, Social Distortion e Misfits passaram a colocar seus nomes em milhares de shapes [pranchas de skate] (SKATIN’, 1990, p. 54).

Desse modo, através dessas revistas, é possível visualizarmos que a relação entre o rock (principalmente em sua vertente rápida: o punk, o hardcore, o metal etc.) foi algo noticiado porque, de fato, havia uma relação entre tais gêneros musicais e a prática do skate. Jogar uma partida de tênis ou vôlei ao som de Dead Kennedys, por exemplo, parece ter sido algo pouco exequível no universo das práticas esportivas tradicionais da segunda metade da década de 1980 e pelas décadas seguintes, mas não o era para os praticantes de skate.

O SKATE PUNK NUNCA MORRE?

Conforme evidente até aqui, a década de 1980 ficou marcada pela intensa troca de influências entre praticantes de uma atividade corporal e participantes engajados em um circuito político-musical. Através dessa relação, diversos skatistas da modalidade skate de rua (*street skate*) incorporaram não apenas a estética característica dos punks e a preferência por um estilo musical, mas também certas posturas que lhes eram intrínsecas, como rebeldia,

¹² *Ibidem*.

contestação e resistência a certas normas, valores e autoritarismos vigentes em vários âmbitos, fossem eles políticos, econômicos, familiares, culturais, religiosos, etc.

Tais posturas influenciaram os novos usos que os skatistas passaram a fazer das cidades. No entanto, ao se apropriarem das ruas, os praticantes do skate puderam estabelecer dinâmicas relacionais com outros jovens que também prezavam por toda sorte de experiências cidadinas. É o caso, por exemplo, das sociabilidades que se deram entre eles e os participantes do *Hip Hop*, universo que se consolidou em diversas cidades brasileiras na transição da década de 1980 para 1990¹³. A Rap, revista especializada no assunto, é quem atesta: “a cultura hip-hop e skate andam juntos desde sempre, por terem na rua sua maior motivação e inspiração para crescer e ser melhor cada dia mais”. As trocas que ocorreram na capital paulista são sintomáticas dessa constatação. O centro metropolitano de São Paulo comportava um *circuito* (MAGNANI, 2012)¹⁴ que aglutinava várias frentes do *Hip Hop*, quais sejam, grafite, rap e *break dance*. Os participantes transitavam e ocupavam diversos espaços públicos da região, com destaque para a Estação São Bento do metrô, a qual se situa perto de vários *picos*¹⁵ notadamente importantes para os skatistas de rua da época, como a Praça Roosevelt e o Vale do Anhangabaú. Devido a essa proximidade entre os espaços e ao contato frequente entre os jovens, havia uma confluência entre as experiências do *Hip Hop* e do skate de rua, contribuindo, pois, para ampliar o caráter multifacetado de ambos os universos¹⁶.

Nesse sentido, se o punk influenciou o skate na década de 1980, podemos afirmar também que, de igual maneira, o universo do *Hip Hop* também trouxe inspirações significativas para os skatistas no decorrer da década de 1990¹⁷. Essas inspirações podem ser constatadas a partir de diferentes aspectos, a saber: pelas gírias compartilhadas; pelas preferências musicais; pela apropriação de certos espaços e equipamentos urbanos; pela presença em eventos culturais afins; pelas estéticas de suas vestimentas; pelo manejo de certos códigos corriqueiros; pela dimensão do consumo, dentre outros. O *Hip Hop*, nessas circunstâncias, impactou sobremaneira os sentidos do skate, algo que permanece até os dias atuais¹⁸. O skatista carioca Guto Jimenez, ao refletir sobre essa estreita relação, pontua que

Se o surgimento do hip hop arrombou e subverteu o formato tradicional da música negra, o mesmo pode ser aplicado ao skate, principalmente ao *street*. Os primeiros a unirem um ao outro foram os Beastie Boys, que deixaram de ser apenas mais uma banda de hardcore para se tornarem um dos mitos do ritmo. Alguns outros que fizeram essa ponte entre o skate e

13 Há uma vasta bibliografia sobre *Hip Hop* no Brasil. Dentre tantas possibilidades, recomenda-se trabalhos pioneiros sobre esse tema, no contexto paulistano, como Silva (1998); Guasco (2001); Felix (2005); Gomes (2008).

14 De acordo com Magnani (2012), o *circuito* “é uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2012, p. 97).

15 Conforme assevera Machado (2017), *pico* é um termo nativo que designa equipamentos urbanos (bancos, escadas, corrimãos etc.) que se tornam obstáculos para realização das manobras. Também é utilizado pelos skatistas para fazer referência a espaços de encontro e sociabilidade.

16 Para uma análise detida sobre a repercussão do *Hip Hop* na Estação São Bento do metrô, em São Paulo, ver Felix (2005).

17 A relação do skate com o rap não se restringe à São Paulo. Ela tornou-se evidente em várias cidades do Brasil e do mundo que comportavam participantes de ambos os universos. Em diversas cenas do filme *Mids 90*, por exemplo, constam inúmeras referências a tal confluência: os jovens protagonistas do longa-metragem, cotidianamente, se valiam de tudo aquilo que o skate e o rap tinham a oferecer.

18 De acordo com Olic (2010), a aproximação entre skate e *Hip Hop*, na década de 1990, propiciou a criação do estilo *skate-rap*, o qual possui implicações, também, na maneira de andar de skate: os skatistas de tal estilo priorizam menos a velocidade e mais a elaboração de manobras técnicas de giro e de manobras de borda.

o hip hop foram os acelerados Das Efx, o melódico Souls of Mischief e os poderosos Ultra-magnetic MCs (JIMENEZ, 2000, p. 97).

Várias bandas e cantores de rap passaram a exprimir em suas canções, experiências caras ao skate de rua – como a valorização das ruas e da cidadania, conforme já abordado –, proporcionando-lhes cair no gosto musical dos skatistas. Guto Jimenez menciona no excerto acima algumas bandas estadunidenses, entretanto, em nosso país também tivemos, a partir da década de 1990, outros tantos exemplos; constantemente figuravam não apenas nas seleções musicais dos *DJs* que animavam sessões e campeonatos de skate, mas também nas páginas de revistas especializadas, nos vídeos e nos *cds* que, eventualmente, nelas vinham encartados¹⁹. É o caso de Racionais MC's, SNJ, RZO, Planet Hemp, Yo-Ho Delic, Funk Fuckers, Posse Mental Zulu, dentre muitos outros. Devido às fronteiras fluídas entre skate e *Hip Hop*, cabe ressaltar que algo que se tornou corriqueiro foi, inclusive, a participação de um mesmo jovem em ambos os universos. Não é à toa, pois, que muitos *rappers* começaram a andar de skate e, de igual maneira, muitos skatistas tornaram-se *rappers*. A influência se tornou tamanha de modo que o skate passou a ser constantemente reverenciado em muitas rimas de rap.

O *rapper* e skatista Black Alien, ao lado de Parteum e Kamau, que compartilham da mesma profissão, são alguns dos que enaltecem esse imbricamento através da música:

Em todas as jurisdições, só amizade, sem treita
Vou remando atrás do vento que pedi para Deus
Falou de rap e skate, então, estou entre os meus
Não tem como descrever o modo como me sinto
Quando estou com a minha gangue que usa cadarço de cinto²⁰.

Além da repercussão da música nessa relação, outro elemento a ser considerado é a vestimenta. Se na década anterior, prevaleciam roupas justas e escuras, repletas de caveiras, monstros, animais ferozes etc., a partir da década de 1990, emergiu uma nova possibilidade de se vestir e se portar: com roupas extremamente largas. Nas palavras de Jimenez, “o rap influenciou tanto os skatistas que até o chamado *skatewear* ficou muito parecido com o que os *rappers* vestem, tanto que uns vivem sendo confundidos com os outros até hoje (...)” (JIMENEZ, 2000, p. 97). Em vista disso, se não fosse pelo porte do skate, talvez fosse difícil diferenciar, pelas roupas, quem era skatista e quem era vinculado ao universo do *Hip Hop*. Marcos “ET”, em registro no livro *A Onda Dura: 3 décadas de skate no Brasil*, foi quem sintetizou o novo estilo que passou a vigorar sobretudo entre os praticantes mais jovens:

o visual estava sendo tomado por roupas cada vez mais largas com cores fortes (azul royal, laranja), os tênis de cano alto foram cortados para dar mais mobilidade aos pés, na cabeça em vez de cabelos longos, todos exibiam agora reluzentes carecas ou cabelos pintados de cores estranhas como azul, violeta, vermelho ou qualquer outra cor extravagante (ET, 2000, p. 58).

A nova geração de skatistas que surgira na década de 1990 parecia, assim, tentar uma ruptura com as experiências da década passada. Ainda de acordo com Marcos “ET” (2000), a garotada estava querendo criar um novo estilo de andar de skate, voltado apenas para eles, sem direito a veteranos, não aceitando regras predeterminadas ou qualquer tipo de intromissão.

Ao constatar a repercussão do *Rap* e, conseqüentemente, a do *Hip Hop*, ao longo da década de 1990, pode-se conjecturar que o punk havia perdido o seu espaço no universo do

skate. Será, então, que a confluência entre esses últimos foi apenas algo efêmero, fruto das condições de um dado momento? Ou teria se mantido, ainda que tenha sido escamoteada por uma nova geração de skatistas? Para responder a essas perguntas, recorreremos à *Tribo Skate*, revista criada em 1991, a qual foi uma das principais publicações especializadas de tal década (ao lado da revista *CemporcentoSkate*, que surgiu um pouco mais tarde, em 1995).

Capitaneada pela dupla César Gyrão e Fábio Bolota – este foi editor da *Overall*, revista que circulou até 1990 –, a *Tribo Skate* buscou retratar, usando suas palavras, “alvorecer uma nova era” do skate, conforme evidente em letras garrafais na capa de sua primeira edição (TRIBO SKATE, 1991), marcada, afinal, pelo protagonismo da modalidade skate de rua. A revista foi responsável por fomentar novas experiências fundamentais para o universo do skate, como a sua relação com a cidade, com o corpo, com a moda, com as novas cenas musicais, com as entidades esportivas etc. Apesar de retratar dinâmicas até então recentes, os editores, todavia, não prezaram por uma completa ruptura com o passado e com os pioneiros do skate, tal como intentado por uma nova geração de praticantes, conforme já relatado por Marcos “ET”. Uma prova disso é que não é raro encontrar nas páginas da *Tribo Skate* certas referências que enalteçam a trajetória daqueles que são considerados *olds school*, isto é, os skatistas da velha escola.

Como parte da preocupação editorial com a pluralidade de estilos tão cara ao universo do skate, dez anos após o seu surgimento, em março de 2001, a *Tribo Skate* resolveu fazer uma edição especial para tratar de um assunto que, há anos, não ganhava repercussão: o skate punk.

FIGURA 1: O SKATE PUNK



Fonte: Capa da revista *Tribo Skate*, número 66, publicada em março de 2001.

O objetivo dos redatores envolvidos com a produção da matéria visava responder a uma indagação muito próxima das que foram já feitas em parágrafos anteriores. “Skate punk:

ressurgimento ou continuidade?”, este é o título da matéria principal. Para responder ao questionamento, o redator Marcos “ET” faz uma breve reconstituição histórica daquilo que considera como a “era skate punk”, isto é, os anos entre 1979 e 1989:

Estes 10 anos não apenas tiveram o significado da identificação de alguns skatistas com o movimento punk, mas a grande transição que ocorria nos jovens desta época, que envolvia o visual e a atitude. Os skatistas pouco a pouco foram abandonando aquele visual de surfista, que desde a criação do skate vigorava entre a rapaziada [...]. A palavra radical estava sendo levada ao limite. O *street* toma forma e invade a cabeça dessa galera, que passa a dropar de muros e depois começa a saltar rampas e subir paredes... O *street* foi o grande impulsionador deste movimento dentro do skate (ET, 2001, p. 36).

Feita essa abordagem, o redator reconhece as mudanças pelas quais o skate passou após o auge da “era skate punk”, entretanto, também dá a entender que por mais que o estilo skate punk não tenha completamente desaparecido na década seguinte, ele somente começou a ganhar uma nova repercussão na transição dos séculos. Marcos “ET” (2001) acrescenta que

O skate também não para de evoluir, configurando-se como um esporte ilimitado (esporte ou não, quem vai saber?), que está sempre se recriando. No que diz respeito a manobras e estilo, é natural que seus adeptos estejam mudando e contestando, tanto que está ressurgindo pouco a pouco o estilo radical de ser, não importando-se mais com o som, mas sim com as manobras punks (ET, 2001, p. 32).

Uma virtude ressaltada pela matéria diz respeito à atitude. Havia uma tentativa de essencializar o sentido de certas ações e, em decorrência disso, algo comum a todas é a possibilidade de transgressão daquilo que se encontra instituído ou que se apresenta enquanto socialmente valorizado. Com efeito, ter atitude para um skate punk parece ser a chance de subverter a obviedade do cotidiano, perscrutar novas estéticas, colocar o corpo em risco e, não obstante, repudiar eventuais autoritarismos que venham a calhar em meio aos *rolês* pela cidade. Comportamentos, diga-se de passagem, muito semelhantes ao já propagados desde a “era skate punk”:

Ser punk skater é um estado de ser: você é o que é, procura detonar, andar muito e ir até o limite em suas manobras. O visual é seu cartão de visitas; sua atitude, a porta para uma vida melhor; e seu skate, o passaporte para a felicidade. Estes ingredientes levados ao limite da compreensão farão de você um skatista melhor e punk nas horas certas (ET, 2001, p. 39).

Independente de você estar de terno, de moicano, com a cabeça zero ou mesmo de *dreads*, o que importa de verdade é a sua atitude de ser um sujeito homem e meter a cara para fazer tudo o que estiver a fim de fazer, ignorando as leis e as regras da sociedade. Não é necessário sair de coturno quebrando tudo e todos; pois no fundo, você se sente um frango. Isso pra mim é skate punk. *Skate and destroy!* (ROGERINHO, 2001, p. 42).

Não podemos deixar de considerar que, ao buscarem definir o que é um skate punk, certos skatistas consolidaram discursos um tanto contraditórios, por vezes autoritários e preconceituosos, revelando, com efeito, posicionamentos que contradizem as suas supostas aspirações libertárias, que prezam pelo inconformismo ao que está socialmente consolidado.

Cecília “Mãe”, que fazia parte do *staff* da revista *Yeah!*, na década de 1980, também foi convidada para ser redatora da matéria sobre skate punk, publicada na *Tribo Skate*. Após um breve retrospecto do surgimento do punk, ela recupera, mais uma vez, as intensas trocas promovidas entre skatistas e punks na década de 1980, condição que lhes proporcionou o

reconhecimento enquanto “parentes próximos”. Cabe o destaque:

A rua é a maior casa do mundo. Sem tetos e paredes, abriga seres de toda espécie. O skate e o punk viviam se encontrando em lojas de discos, casas noturnas, portas de shows e se reconheceram como parentes próximos logo de cara: a mesma (anti) estética dos rasgos, rebites, buttons e preto; o mesmo som rude, visceral, grosso; ambos eram alvos constantes da violência gratuita dos policiais, professores, pais e demais autoridades incompetentes. Praticamente irmãos²¹.

A redatora, ao contrário dos outros jornalistas que contribuíram com a matéria, estava menos preocupada com o impacto do skate punk em termos corporais, isto é, com a sua repercussão nas manobras e nas maneiras de andar de skate. Por outro lado, optou por registrar o inconformismo juvenil diante de ordens vigentes e também de certas experiências cotidianas oriundas dessa confluência entre universos. Cecília “Mãe” enumera, portanto, algumas bandas, sujeitos, locais de consumo, festas e casas de show onde ocorriam formas de sociabilidade entre aqueles que se reconheciam como adeptos do estilo skate punk; ela também reconstitui suas vivências urbanas marcadas pela aproximação e distanciamento com outros cidadãos. Os seus relatos permitem constatar que havia, inclusive, um *circuito* estabelecido na região central da cidade de São Paulo que contava com vários espaços e equipamentos que eram reconhecidos como local de encontro:

Os anos 80 foram os mais generosos em termos de lugares legais. A noite começava no Ritz, boteco eleito por músicos, imprensa e skatistas frequentadores dos mesmos brechós e lojas de discos. No período pré-MTV, o Carbono 14 foi o responsável por manter a galera atualizada em termos de som e visual, através de vídeos predominantemente ingleses e alguns americanos. Eram comuns as sessões conjuntas de vídeos de skate e punk. [...] Dali, íamos para o Madama Satã dançar e escutar as coisas que tínhamos acabado de assistir. A balada era fechada no Rose Bom Bom, que servia café da manhã às corujas de plantão. Às quintas era no Anny 44 que a galera se reunia para mais vídeos e pogos²².

Como parte da matéria especial sobre skate punk, além do relato de skatistas que se autointitulavam dessa forma, também constavam na revista, ao final, entrevistas com integrantes das duas das principais bandas nacionais especializadas no estilo: Grinders e Gritando HC. A relação com o skate é evidente não apenas na identidade visual dos álbuns de ambas as bandas, mas também nas letras de suas músicas. Elencamos abaixo alguns exemplos:

Pega o skate desse gralha
Sai da pista, animal
Se você quer tesourar
Vai pra casa animal
ANIMAL!²³

Skate é adrenalina
Skate é nossa vida
Skate é anarquia
Ande de skate ou morra²⁴

Vou explodir minha rebeldia
Através da anarquia

21 Cecília “Mãe”. In: *Tribo Skate*, n. 66, março de 2001, p. 42

22 Cecília “Mãe”. In: *Tribo Skate*, n. 66, março de 2001, p. 43-44.

23 Grinders, trecho da música *Skate Gralha*.

24 Grinders, trecho da música *Ande de skate ou morra*.

A rua inteira vai parar
Quando eu começar a andar
A burguesia se trancando
E eu na calçada apavorando
Pisando nessa podridão
Vou agir de skate na mão²⁵

Destacamos, por fim, o editorial produzido por Cesar Gyrão para a edição da revista *Tribo Skate*. O editor evidencia o objetivo em recuperar o skate punk como pauta especial após algum tempo sem repercussão na mídia especializada. Em sua concepção, trata-se de uma oportunidade para problematizar certas visões estereotipadas que estavam recaindo sobre o universo do skate, como se todos os praticantes tivessem posturas, estéticas e experiências comuns. Ao relevar o seu caráter multifacetado, Gyrão coloca em xeque eventuais enquadramentos produzidos por certos meios de comunicação que consideram os skatistas como uma mera “tribo urbana”²⁶:

Ficamos putos da vida quando jornalistas da grande mídia tentam classificar todos os skatistas assim: usam bonés virados para trás, andam de calças estranhas com a cueca aparecendo e ouvem esse ou aquele estilo de música. O fato é que resolvemos encarar a tarefa de analisar uma tendência que existe há anos, que para muitos pode estar ressurgindo no formato do som que estão ouvindo ou da atitude de se comportar ou aparecer (GYRÃO, 2001, p. 14).

É possível perceber, dessa forma, que o skate punk não saiu de cena. Embora tenha perdido espaço por conta da repercussão da relação entre o skate e o *Hip Hop*, a partir da década de 1990, isso não implicou, contudo, no seu completo desaparecimento entre os skatistas. A edição da *Tribo Skate* foi, nesse sentido, crucial para demonstrar essa continuidade do skate punk para uns (sobretudo para os praticantes mais velhos) e o seu ressurgimento para outros (como os da nova geração, que passaram a descobri-lo). Afinal, conforme bradado por Marcos “ET” na matéria, “skate punk never die (*sic*)”, isto é, o skate punk nunca morre.

25 Gritando HC, trecho da música *Ande de skate e destrua*

26 Conforme Magnani (1992), a ideia de “tribo urbana” evoca mais uma metáfora do que uma categoria, possuindo, portanto, limitações do ponto de vista analítico. Pode ser tida como um ponto de partida, contudo, não é um instrumento capaz de descrever, classificar e explicar realidades heterogêneas que comumente abrange. Estamos de acordo com o autor quando propõe que “ao invés de tentar reduzir os múltiplos grupos e práticas a um suposto denominador comum, mais proveitoso seria explorar sua diversidade na paisagem urbana, procurando determinar as relações que estabelecem entre si e com outras instâncias da vida social” (MAGNANI, 1992, p. 51).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Tiago Cambará. Skate e seu design gráfico: uma breve análise. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. **Skate & skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.
- BENEVIDES, Rubens de Freitas. **Cenários modernos e pós-modernos no Brasil: juventude, política e rock and roll**. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, UnB, 2008.
- BOLOTA, Fábio. Anos 80. In BRITTO, Eduardo (org.). **A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa, 2000, p. 30-39.
- BRANDÃO, Antonio Carlos. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 2004.
- BRANDÃO, Leonardo. **Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2012.
- CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- ET, Marcos. Anos 90. In BRITTO, Eduardo (org.). **A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa, 2000, p. 56-68.
- FELIX, João Batista. **Hip-hop: cultura e política no contexto paulistano**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, USP, 2005.
- FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FORTES, Rafael; BRANDÃO, Leonardo. Anárquico, punk, “sem etiqueta”: o skate nas revistas Fluir e Yeah!. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Ano 10, vol. 10, n. 27, 2013, p. 211 – 236.
- GALLO, Ivone. Por uma historiografia do punk. In: **Projeto História**, n. 41, dezembro de 2010.
- GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip Hop**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de São Paulo, USP, 2008.
- GUASCO, Pedro Paulo M. **Num país chamado de periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, USP, 2001.
- HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo**. São Paulo: Ática, 2010.
- JIMENEZ, Guto. Skate-rock. In BRITTO, Eduardo (org.). **A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa, 2000, p. 97-98.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, USP, 2017.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisas em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?. In: **Cadernos de Campo (USP)**, v. 2, p. 48-51, 1992.
- MIDS90s. Direção: Jhonatan Rodrigues. Produção: Eli Bush *et al.* Estados Unidos da América: A24, 2018. (85 min. 25 segundos). Disponível em: <https://raplogia.com.br/mid90s-uma-grande-celebracao-ao-skate-e-tambem-ao-rap/>. Acesso em: 27 out. 2021.

- O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- OLIC, Mauricio Bacic. **Entre o liso e o estriado**: skatistas na Metrópole. Disserta o (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2010.
- OLIVEIRA, Roberto Camargo. Do punk ao hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil. In: **Temporalidades** (UFMG), vol. 3, n. 1, janeiro/julho de 2011.
- PHELPS, Jake. **Skate and destroy**: the first 25 years of Thrasher magazine. New York: Universe Publishing, 2006.
- PORTER, Roy. História do corpo. In BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992 (p. 291-328)
- RODRIGUES, Jhonatan. Mids90: uma grande celebra o ao skate... e também ao rap! Portal Rapologia. Disponível em: <https://raplogia.com.br/mid90s-uma-grande-celebracao-ao-skate-e-tambem-ao-rap/>. Acesso em 05/11/2020.
- SILVA, José Carlos Gomes. **Rap na cidade de São Paulo**: música, etnicidade e experiência urbana. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1998.
- SOUSA, Rafael Lopes de. **Punk**: cultura e protesto. São Paulo: Edi oes Pulsar, 2002.
- THORNTON, Sarah. **Club cultures**: music, media and subcultural capital. Hanover (USA): Wesleyan University Press of New England, 1996.

DOCUMENTOS

REVISTAS:

- Revista *Overall*, n. zero, 1985.
- Revista *Overall*, n. 2, 1986.
- Revista *Overall*, n. 4, 1986.
- Revista *Overall*, número especial: "pôster", 1986.
- Revista *Overall*, n. 13, 1989.
- Revista *Skatin'*, n. 1, 1988.
- Revista *Tribo skate*, número 01, 1991.
- Revista *Tribo skate*, número 66, 2001.
- Revista *Yeah!*, n. 1, 1986.
- Revista *Yeah!*, n. 2, 1986.
- Revista *Yeah!*, n. 4, 1986.
- Revista *Yeah!*, n. 6, 1987.
- Revista *Yeah!*, n. 7, 1988.
- Revista *Yeah!*, n. 9, 1988.

DISCOS:

ANDE DE SKATE E DESTRUA. [Banda]: Gritando HC. Álbum “Ande de skate e destrua”, 2000.

SKATE GRALHA. [Banda]: Grinders. Álbum “Grinders”, 1987.

SKATE NO PÉ. [Integrantes]: Black Alien, Parteum & Kamau. Álbum Babylon by Gus, vol. II, 2005.

O CAPITAL NO FUTEBOL: ANÁLISE DA MERCADORIA JOGADOR

LUCAS GIACHETTO DE ARAUJO
Universidade Estadual de Campinas
lga.giachetto@gmail.com

SÉRGIO SETTANI GIGLIO
Universidade Estadual de Campinas
sergio@fef.unicamp.br

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar, a partir da leitura da primeira seção de O Capital: Crítica da economia política de Karl Marx (2013), a questão da mercadoria no futebol, mais especificamente do jogador como mercadoria. Isso foi feito partindo da posição dicotômica – principalmente no futebol profissional – de que o jogador ocupa um lugar de duplo estatuto, sendo produtor de mercadoria e a própria mercadoria. Para isso, o artigo se utiliza do materialismo histórico dialético para compreender essa posição do jogador e da dinâmica do capital, aplicada ao futebol. Isso é feito através de uma investigação teórica sobre as categorias marxianas - o artigo apresenta dados empíricos que corroboram essa ideia. Por fim, será demonstrado como se dá a dinâmica centro-periferia do capital e como essa questão perpassa o funcionamento do esporte na forma de um aparelho ideológico, além de trazer uma proposta de como deve ser a luta do torcedor dentro do sistema.

Palavras-chave: Futebol; mercadoria; capital; jogador; Marxismo.

Recebido em 20 de novembro de 2020.

Aprovado em 16 de março de 2021.

THE CAPITAL IN FOOTBALL:
ANALYSIS OF MERCHANDISE
PLAYER

LUCAS GIACHETTO DE ARAUJO
Universidade Estadual de Campinas
lga.giachetto@gmail.com

SÉRGIO SETTANI GIGLIO
Universidade Estadual de Campinas
sergio@fef.unicamp.br

ABSTRACT

This article aims to analyze, from the reading of the first section of the Portuguese version of “Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie” by Karl Marx (2013), the commercial issue in football, especially about soccer player as commodity. It was done, starting the dichotomic position - mainly in professional soccer - in which a soccer player gets a double status, of commodity maker and as commodity. Therefore, the research uses the dialectical and historical materialism to comprehend this place of the footballer and the capital dynamic, applied to the football. In addition to a theoretical investigation of Marxian categories, this article presents empirical data that corroborates it. Finally, this research analyzes the dynamics of the center-periphery of capital and approaches the sport function as an ideological mechanism, besides bringing a proposal of how the fans struggle should be inside the system.

Keywords: Football, commodity, capital, footballer, Marxism.

INTRODUÇÃO

O futebol, como parte integrante do sistema capitalista, reflete a sua lógica dialética de acumulação e a obtenção de lucros, assim como as relações de mercado e exploração. O que seria então o lucro no futebol? Qual seria o capital futebolístico? Os títulos (troféus)? O acúmulo de dinheiro? Quais os agentes envolvidos nesse sistema? Como são as relações entre eles?

A proposta deste artigo é a de articular, a partir desses questionamentos e da leitura da primeira seção do “O Capital: Crítica da economia política” de Karl Marx (2013), uma análise da questão da mercadoria no futebol, mais especificamente do jogador como mercadoria. Partindo da posição dicotômica que o jogador de futebol possui dentro do futebol profissional, afinal ele ocupa um lugar de duplo estatuto: é ao mesmo tempo o produtor de mercadoria e a própria mercadoria. É o produtor de mercadoria quando vende a sua força de trabalho para uma equipe por meio de seu saber corporal, mas também é a materialização da mercadoria, pois ele pode ser vendido para outras equipes, que lhe desejam como um valor de uso. O resultado dessa relação dicotômica produz, por sua vez, a circulação dos atletas dentro de um sistema futebolístico ou o “rodar” conforme apontou Rial (2008) e, pode em alguns casos, ter como um dos resultados a acumulação de riquezas dentro do esporte.

Assim, como muitos outros esportes, o futebol surgiu como uma variação de jogos populares praticados com bolas. No *site* da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) é mostrado como as origens de jogos praticados com os pés são muito antigas, que pouco se parecem com o futebol praticado hoje (FIFA, s.d.). Contudo, o futebol que conhecemos atualmente é resultado da institucionalização do esporte, que se dá na segunda metade do século XIX, na Inglaterra.

A institucionalização do futebol deve ser pensada como um processo que se encaixa nos padrões da modernidade, com uma certa igualdade entre os entes participantes, que conhecem as regras e estão em comum acordo. Por isso a necessidade da criação de um “Estado esportivo”, que passa a separar o público (regras) e o privado (clubes e jogadores).

A profissionalização abre novas necessidades, como aponta Damo (2008), em que “os vínculos dos atletas com os clubes passaram a ser mediados pelas leis trabalhistas, tendo os atletas a liberdade de oferecer sua força de trabalho conforme a conveniência e as possibilidades” (DAMO, 2008, p. 145). Apesar de ser simplista e ignorar as diferentes forças de coerção que existem entre empregador e empregado, essa afirmação possibilita iniciar uma compreensão sobre o Estado Esportivo, que assim como o Estado, vai estar na lógica da mercadoria e na sua regulamentação. Isso faz com que o Estado tenha que intermediar a relação entre quem é explorado e o explorador, inserindo-se em uma espécie de neutralidade, que tem como função se distanciar de regimes pré-capitalistas, já que, sem essa mediação, seria escravidão ou servidão. Mas por que ele finge ser neutro? Mascaro (2013) aponta que o Estado é essencial dentro da lógica capitalista, pois é por meio dele que se podem realizar as trocas das mercadorias bem como a exploração da força de trabalho.

Essa compreensão do Estado nos permite entender como ele não é neutro e como o jogador de futebol profissional, assim como outros profissionais, é também uma mercadoria, que precisa ser regulamentada para a reprodução do próprio Estado esportivo. A caracterização

dos participantes desse Estado precisa de uma subjetividade jurídica, que exige dos envolvidos serem todos sujeitos de direito, que independente de sua consciência ou vontade, lhe limita suas ações dentro dos limites, que, caso ultrapassado, deve ser reprimido dentro das normas, sejam justas ou não, mas sempre em consonância com a disposição de como está dada a luta de classes (MASCARO, 2013; ALTHUSSER, 1980).

Um dos principais acontecimentos dentro do futebol foi a Lei do Passe, revogada no Brasil com a Lei Pelé. Ela tornou possível uma relação mercantil entre os clubes, que poderiam negociar os atletas como mercadorias e, quando revogada e implementada a Lei Pelé, equilibraram-se as forças entre jogadores e clubes, mesmo que ainda seja desigual essa relação.

Outros fatores são mercantilizados dentro do futebol, muitos normalmente mais rentáveis e importantes que a comercialização de jogadores. Dentre elas, se destacam a negociação dos direitos de transmissão televisivos, os patrocinadores, os ingressos e a venda de materiais do clube. Contudo, esses pontos estão ligados à tradição, como as conquistas de títulos, identidade local etc. e aos jogadores, que são vistos como *superstars*, atraindo público e consumidores, aumentando a receita das equipes (como no caso do PSG, que contratou vários jogadores reconhecidos, alavancando sua popularidade e aumentando sua receita). Uma terceira força presente é a influência estatal, como ocorreu com o Real Madrid, na ditadura franquista (CALLEJA, 2010), que traz um desequilíbrio nas forças esportivas nacionais e internacionais.

Portanto, esta pesquisa analisa o jogador de futebol como mercadoria, por conta de seu papel ímpar nas relações capitalistas existentes no futebol. Alguns pontos não são abordados nesse artigo, como a questão da especulação, por exemplo, que devem ser analisados em estudos futuros.

A MERCADORIA JOGADOR DE FUTEBOL

O jogador de futebol, dentro do futebol profissional apresenta dois papéis principais: o de mercadoria e o de força de trabalho. Esses papéis se dão por conta de sua prestação de serviço como força de trabalho, mas tendo seu “passe”¹ como algo negociável entre clubes, que o torna uma mercadoria. Quando tratado como mercadoria, o atleta pode ser visto como uma propriedade do clube, de forma que o clube possa negociar da forma que achar conveniente. Nesse sentido, há uma relação mercantil de venda/compra/troca/empréstimo entre os clubes, dentro de um mercado específico e restrito, no qual tratam os jogadores como uma mercadoria, que negociam os mesmos como acharem melhor para a obtenção de lucros. Vale lembrar que existem regras e limites para essas negociações, que o jogador deve ter consentimento para a transferência², que traz um carácter diferente para a relação da mercadoria jogador de futebol.

1 Apesar de o passe não existir mais, o tratamos aqui como a sua colocação dentro do mercado do futebol como mercadoria, que vai agregar valor conforme o desenrolar de sua carreira.

2 A questão do consentimento da negociação tem que ser entendida em uma concepção moderna de liberdade, na qual tanto quem vende a força de trabalho quanto quem a compra são sujeitos de direito. Esses sujeitos vão ao mercado e negociam, em condições de igualdade e de direito, as suas mercadorias. Não se pode negar que a força de negociação e coerção de cada um é diferente, já que quem detém os meios de produção tem o capital, enquanto o trabalhador tem apenas sua força de trabalho.

Assim, o jogador, quando vinculado a uma equipe, deve satisfazer a necessidade desta de alguma forma, tornando-se a potencial “mercadoria jogador” à forma de um valor de uso (MARX, 2013, p. 158). Esse valor de uso é subjetivo, pois cada equipe pode atribuir sua utilidade dentro das suas necessidades, sendo mais ou menos valor de uso. Marx (2013) pontua que um valor de uso, como o ar e a água, pode não ser valor, pois para serem valores, precisam ter trabalho humano aplicado; porém, esse valor também pode não ser uma mercadoria, pois algo pode ser fruto do trabalho humano e útil, mas que para tomar a forma de mercadoria, precisa ser valor de uso social. Assim, o jogador de futebol é inerentemente valor e mercadoria: valor, pois sua capacidade de jogar futebol tem inevitavelmente trabalho humano aplicado em si; e mercadoria, por gerar socialmente valor de uso para a equipe.

Os valores de uso podem ser trocados entre si, passando a ser valor de troca. Os valores de uso se igualam, desde que em proporções diferentes. Esse valor de troca é subjetivo, mas é algo que está intrínseco à mercadoria (MARX, 2013, p. 160). Para mensurar o valor de troca entre duas mercadorias, Marx afirma que em cada uma está expressa uma quantidade de trabalho humano e, quanto mais trabalho contido nela, maior seu valor, que pode ser de troca ou de uso. Esse valor não é só questão de tempo, mas também de eficiência. Assim, um jogador que tem mais idade não vai ser mais valioso do que um mais jovem, mas sua capacidade de exercer suas funções de forma mais efetiva (MARX, 2013, p. 162). Os valores de uso são definidos de forma qualitativa para cada um e expressos por formas de trabalho distintas. Mesmos valores de uso não podem se trocar, o que é impossível no futebol, pois os atletas são pessoas diferentes, que podem exercer funções semelhantes, mas nunca serão a mesma mercadoria, o que torna a troca ainda mais subjetiva.

Uma questão interessante é entender como as diferentes funções no futebol vão determinar quais jogadores são mais ou menos valiosos. Portanto, os atacantes, por fazerem uma maior quantidade de gols, que é o objetivo em uma partida de futebol, apresentam um valor maior do que os defensores. Contudo, os defensores são essenciais para a vitória de um time, tendo papel fundamental na dinâmica da equipe. Nessa perspectiva, a setorização do futebol gera uma divisão social do trabalho (MARX, 2013, p. 166), pois o trabalho é altamente especializado conforme as características individuais, tanto físicas quanto técnicas de cada jogador³. Estes, como produtores de mercadoria, formam um sistema complexo, que de forma interdependente, irá aumentar a eficiência, visando à vitória.

O trabalhador pode produzir duas mercadorias distintas como formas de um mesmo tipo de trabalho, mas independente do que produza, ambos são fruto do trabalho humano. Essa prática de produção de diferentes mercadorias tem que acontecer no capitalismo, pois vai tornar as funções como diferentes formas de trabalho, mais ou menos desenvolvidas, para que possa ser comparada a um *trabalho simples médio* (MARX, 2013, p. 169). Esse trabalho simples médio varia conforme a localidade e a época. Na mesma lógica, o jogador vale mais ou menos conforme sua função, sendo comparado sempre a uma forma de trabalho simples médio, que depende do país onde está locado esse trabalho. Como exemplo, podemos citar jogadores que apresentam maior valor por estarem em ligas consideradas maiores, mesmo que não desempenhem funções decisivas na sua equipe. Isso pode ser notado ao se comparar

³ Questões como raça, gênero, nacionalidade, orientação sexual e religião também influenciam como esses jogadores estarão inseridos no mercado, quais funções podem exercer e onde podem trabalhar.

tais equipes a jogadores decisivos em ligas menos desenvolvidas, mas de qualquer forma, nos dois casos, há o trabalho humano. Marx (2013) pontua que:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso. (MARX, 2013, p. 172)

O jogador despense sua força humana de trabalho para a produção de valor na mercadoria, que seria ele mesmo. O reconhecimento da sua força de trabalho, materializada em si, em busca da realização de um fim, vai gerar o valor de uso. O jogador transformado em mercadoria passa, por sua vez, a ter um preço dentro de um mercado específico e restrito – sistema FIFA/International Board – como muito bem ressalta Damo (2007). Ao ser transformado em mercadoria, o jogador poderá participar de um sistema de circulação por meio de um mercado de compra e venda de jogadores.⁴

A mercadoria pode se apresentar como a “soma” da sua forma natural (a cristalização do trabalho por meio do seu corpo) e sua forma de valor. Na sua forma natural, ela deve ter alguma utilidade para alguém, esse o valor de uso. Para ser a forma valor, ela precisa ser expressa em outra mercadoria para a realização da troca. Seu valor de troca está diretamente relacionado com o trabalho aplicado nela e seu tempo de produção vai modificar o equilíbrio da troca. Então, se x da mercadoria A equivale a y da mercadoria B , o tempo para produção de cada um aumentar ou diminuir vai alterar o equilíbrio da troca. Isso vai gerar a forma equivalente da mercadoria, que é a permutabilidade direta com outra mercadoria. Quanto à forma equivalente, ela vai gerar algumas peculiaridades, sendo a primeira, a transformação do valor de uso no seu oposto, o valor. A segunda é a transformação do trabalho humano concreto em abstrato e a última é a do trabalho privado em trabalho social. Contudo, ambos os lados da equação são trabalhos humanos. Por conseguinte, o passe do jogador é basicamente uma “geleia” de trabalho humano, já que nele está despendido todo o trabalho implementado pelo jogador, a fim de colocá-lo no mercado de negociações.

Um dos pontos mais interessantes do primeiro capítulo da obra de Marx é relacionado ao fetichismo da mercadoria, que pode ajudar a explicar como funciona a mercadoria dentro do futebol, de onde vem seu valor e o que isso representa.

Como ponto de partida, a mercadoria aparenta ser algo trivial, que está no dia a dia, que sempre existiu e sempre existirá. Contudo, na análise de Marx (2013), ela apresenta muitas coisas, além disso, com um caráter místico. Marx (2013) define que

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (MARX, 2013, p. 206).

Esse caráter místico não tem relação com o valor de uso da mercadoria, tampouco com o tempo despendido para sua produção, mas essa mercadoria apresenta certa característica de um trabalho social em relação a outras mercadorias. Se a produção de uma mercadoria acontece por intermediação de uma pessoa (corpo), o jogador de futebol produz sua

mercadoria por meio de seu corpo e isso o coloca em uma dupla dimensão: a de produtor e de mercadoria, ao mesmo tempo. Essa é a sua relação particular, pois produção e produto, praticamente, se fundem e fazem com que haja uma relação social deste com seu produtor, que é indissociável, como uma propriedade social e, quando relacionada com outras mercadorias, vão gerar diferentes valores. De forma mais geral, a mercadoria não é mais algo que tenha apenas valor de uso para outrem, mas passa a ganhar um valor social, representar algo não racional, composto de uma aura divina, que não pode mais ser mensurada somente pelo trabalho empregado nela.

Os produtores da mercadoria só entram em contato com outros produtores na hora da troca, que torna suas relações como relações sociais. Isto é, deixam de negociar as mercadorias apenas pelo valor de uso para o outro ou pelo tempo de sua produção. Porém, a sua relação com o outro produtor na negociação que será o determinante para sua efetivação. Assim, os trabalhos privados de cada produtor só passam a ser um trabalho social por meio da troca. Como consequência, as pessoas são reificadas e os objetos exercem relações sociais (MARX, 2013, p. 207). Quando estão na relação de troca, em seu interior, as mercadorias são equiparadas e taxadas como valores socialmente iguais. Porém, o mais importante não é essa questão, mas o fato de que os trabalhos empregados neles são tratados como valores, que dessa forma tentam eliminar seu caráter social.

Como um contraponto para simples comparação, Marx (2013) afirma que, na Idade Média, “as relações sociais das pessoas em seus trabalhos aparecem como suas próprias relações pessoais e não se encontram travestidas em relações sociais entre coisas, entre produtos de trabalho” (MARX, 2013, p. 213). Para a superação dessa lógica, a sociedade burguesa trata a produção como algo inerente à vida humana, em que esta é dominada por aquela e não o contrário, tornando outros tipos de produção como impossíveis ou subdesenvolvidos.

O JOGADOR COMO FETICHISMO

Como uma mercadoria do futebol, o jogador também vai gerar algo místico, que será mais que um simples atleta, mas uma entidade, que mais do que fazer gols, ganhar títulos ou fazer defesas, ele será um ator social dentro do esporte.

Para entender o caráter místico do jogador como mercadoria, um ponto importante é destacar a existência de forças que atravessam o esporte e vão influenciar nas questões financeiras, nas negociações e nas suas dinâmicas. Uma delas é a do torcedor com o clube e a questão da paixão, sendo esta uma relação quase que metafísica, que influencia todas as dinâmicas do futebol. Isso gera as rivalidades, a idolatria a certos jogadores, o ódio a outros, podendo mudar os rumos dos atletas nas suas negociações.

Damo (2008) aponta que o torcedor como uma entidade estaria na contramão da modernidade, já que sua relação com o clube não está baseada na circulação financeira para si, mas sim em uma relação de contrato perpétuo, de devoção à entidade. Contudo, essa expressão da esportividade não pode ser interpretada, no torcedor, como um vazio ou como fim em si, mas perpassada de diversos significados que influenciam dentro e fora das quatro linhas. Althusser (1980) aborda os aparelhos ideológicos e a criação das subjetividades, em que o esporte tem a capacidade de despertar o chauvinismo e uma retórica do inimigo,

normalizando diversas relações com o outro, seja de repressão, seja de empatia. Por fim, o torcedor não está na contramão, e sim sendo parte da modernidade capitalista e importante para sua reprodução, já que ele não pode ser entendido fora da sociabilidade e do tempo que está inserido.

A naturalização e o fetichismo da mercadoria são fundamentais para o capital. Enquanto a naturalização vai apontar que tudo tem um preço, passando a tornar tudo uma mercadoria, o fetichismo oculta pelos preços todo trabalho humano coletivo por trás da mercadoria, que permitiram que ela fosse cristalizada. Mas o que define o valor dessa mercadoria? O quanto de talento, ou melhor, para usar uma palavra nativa do mundo do futebol, quanto mais dom mais valor o jogador possuirá. O dom medido subjetivamente produz o valor de troca do atleta e será por meio da evidência e, portanto, da comprovação do dom, que o atleta circulará⁵. A fetichização da mercadoria jogador faz com que o dom se transforme na única exigência para que essa pessoa se torne um jogador. Esse processo vai ser mensurado por meio de um preço que desconsidera todas as condições sociais que existem para se ser um jogador. O valor produzido pelo jogador é tudo o que esse dom gera para a estrutura e, sua mais-valia, para usar o termo de Marx, é o excedente que não fica com o atleta, mesmo que este tenha ganhos exorbitantes, como salários e patrocínios.

Com a naturalização da mercadoria, tudo está no mercado, como o clube, o jogador e até a torcida. Dessa maneira, vemos clubes como o *Manchester United*⁶, na Inglaterra, o Bragantino⁷ no Brasil, o *Milan*⁸ na Itália, dentre tantos outros clubes que são comprados. Nesses casos, o comprador acaba levando junto as histórias do clube, os títulos, a torcida e os jogadores, e, muitas vezes, pouco se importa com o que a entidade representa, transformando o clube em um investimento financeiro ou em um brinquedo. Os torcedores passam a ser apenas consumidores, aos quais os clubes tentam cooptar e fidelizar como “torcedores”, em diversos lugares do mundo, como China e Estados Unidos, para apenas venderem produtos. Os jogadores não ficam fora disso, com constantes especulações e programas televisivos que falam sobre esse tema, durante o ano todo, e, no fim, pouco importam se é verdade ou não, o que interessa é vender a notícia e, se possível, o jogador.

Essa relação com a mercadoria possibilita o trânsito livre dela pelo mundo, enquanto limita o de pessoas. Rial (2008) afirma que os atletas brasileiros são emigrantes ou imigrantes quando jogam fora de seu país e conclui que estão de forma passageira no exterior, para poder acumular ganhos e melhorar a sua vida. No entanto, a autora não compreende que a característica de mercadoria dos trabalhadores da bola ganha forma ao circularem e que é essa a condição que permite seu trânsito. Como exemplo, podemos citar os refugiados que tentam a imigração à Europa, mas por conta de sua classe e nacionalidade não conseguem ou são deportados, enquanto jogadores dos mesmos países (ou até mesmo trabalhadores com empregos já negociados) podem circular livremente, desde que como mercadoria.

Um fator importante do futebol é a relação clube-jogador, na qual a interação social entre eles produz diferentes valores para jogadores semelhantes, a depender do clube a que é

5 Cf. Damo (2007); Giglio *et. al.*, (2008).

6 O Manchester United comprado pela família Glazer entre 2003 e 2005.

7 A empresa de energéticos Red Bull comprou o Bragantino em 2019, mudando as cores, logotipo, reformando o estádio com as cores da empresa.

8 O Milan foi vendido por Silvio Berlusconi em 2016 para um grupo chinês e depois, em 2018, para estadunidenses.

vinculado. Como exemplo, temos o caso do Kieran Trippier e do Danilo, em que ambos os jogadores foram negociados na janela de transferências de verão da Europa, no ano de 2019. Segundo o site *Transfer Markt*, os dois jogadores são comparáveis. Para facilitar, segue a tabela abaixo:

TABELA 1 – COMPARAÇÃO ENTRE TRIPPIER E DANILO, TEMPORADA 18/19, DESEMPENHO ESPORTIVO E VALOR		
	K. Trippier (TRANSFERMARKT, 2019b)	Danilo (TRANSFERMARKT, 2019a)
Idade (anos)	29	28
Nacionalidade	Inglaterra	Brasil
Partidas realizadas (jogadas/ partidas relacionadas)	38/43	22/42
Gols	1	1
Assistências	5	1
Valor de Mercado (preço) (milhões de Euros)	35	20
Valor da transferência (milhões de Euros)	22	37
Clube de origem ⁹	Tottenham	Manchester City
Clube destino	Atlético de Madrid	Juventus

Pela temporada 2018/2019, realizada por ambos os jogadores, Trippier foi melhor que Danilo, jogando mais vezes e participando de mais jogadas resultantes em gols. Contudo, esses aspectos fizeram com que o inglês fosse vendido abaixo de seu “valor de mercado” (preço), enquanto o brasileiro foi negociado por uma quantia muito acima do previsto. Como possível explicação, podemos apontar a trajetória de Danilo, que passou por grandes clubes do futebol internacional, como Santos, FC Porto, Real Madrid e Manchester City, enquanto Trippier jogou apenas no Burnley e no Tottenham, que são clubes de menor expressão. Essa comparação ajuda a evidenciar que o valor da mercadoria não está apenas no seu valor de uso ou no seu tempo de produção, mas sim na relação social presente entre o produtor e a mercadoria, que diferencia os valores presentes em cada um.

Não podemos nos esquecer das relações sociais entre as mercadorias, nesse caso, os jogadores. Danilo já jogou com alguns jogadores do elenco da Juventus, como Cristiano Ronaldo e Douglas Costa - o que pode ter influenciado na sua contratação. Mas não é esse tipo de relação social que nos interessa, e sim a que está na negociação entre Manchester City e Juventus. Danilo foi trocado com João Cancelo¹⁰, com o clube inglês pagando 30 milhões de euros mais o brasileiro, para cobrir os mais de 60 milhões de euros pelo passe de Cancelo (TRANSFERMARKT, 2019c). Tanto Danilo quanto Cancelo não são mais vistos como valores de uso, mas apenas como valores. A ligação entre os clubes ocorre por causa dos dois jogadores, não havendo uma relação social entre Manchester City e Juventus, mas sim entre

⁹ Na última transferência.

¹⁰ Decidimos não comparar o Danilo com o João Cancelo por considerar que são jogadores qualitativamente diferentes, além da diferença de idade e por jogarem em ligas nacionais diferentes.

as mercadorias ofertadas por ambos.

O que não se pode esquecer sobre as negociações é que, apesar de serem tratadas como algo impessoal, o valor está posto e quem tiver as condições materiais pode realizar a troca – mas elas não são bem assim. As relações pessoais de quem está vendendo a mercadoria são importantes para se conseguir efetuar as trocas. No futebol, isso fica evidente nas relações de empresários, de jogadores e de clubes. Os empresários agenciam muitos jogadores e os vinculam a clubes que não estão no nível deles. Por exemplo, podemos citar o caso do Douglas, que saiu do São Paulo, sendo muito criticado por ser considerado um jogador sem grandes qualidades. O jogador foi para o Barcelona e sua transação questionada pelo fato da equipe catalã ter vários atletas nessa posição e contratar um jogador de nível inferior ao do clube.

Além dos empresários, existem clubes que apresentam uma relação de amizade, o que facilita as negociações, seja de empréstimo, seja de venda. No entanto, existem clubes que apresentam uma característica oposta à apresentada anteriormente, que dificulta as negociações. Além disso, podemos traçar como as relações interpessoais, no caso os clubes e os empresários, são mais importantes do que a qualidade do produto ou do seu valor real.

O PROCESSO DE TROCA E O JOGADOR

Durante o processo de troca, alguns apontamentos feitos por Marx são interessantes para entender essa questão, como o fato de as mercadorias não se colocarem à venda, já que são objetos. Outra questão é que, apesar de, historicamente, os homens, quando queriam algo, não negociavam a troca, mas alienavam o objeto/coisa do outro através da força. Hoje, esse tipo de relação não é socialmente aceito e a obtenção de objetos só pode ser efetivada pela troca.

Dentro do futebol, essa situação é mais comum nas categorias de base e não ocorre através da retirada direta do jogador, mas por meio do aliciamento do atleta. Um caso conhecido é o do goleiro Lucão, que, em 2013, com 15 anos, jogava na Ponte Preta, mas não poderia assinar um contrato profissional por conta da sua idade; ele recebeu um convite do São Paulo para se transferir antes que completasse os 16 anos (ESMERIZ, 2013). Apesar de não ser de fato estritamente ilegal, o aliciamento é moralmente condenado pelos clubes. Assim, o fator econômico abre espaço para a amoralidade, que justifica a obtenção de vantagens sobre terceiros para o aumento do capital; como a utilização de trabalho escravo e infantil; a utilização da mídia para justificar precarização do trabalho; ou, até mesmo, a invasão de países estrangeiros, mesmo que isso leve milhares de pessoas à miséria.

A relação de troca acontece por conta de um “não valor de uso” ser passado para outrem, que se tornará um valor de uso. Marx (2013) afirma que quem faz a troca só quer alienar sua mercadoria, pouco importa se ela terá valor de uso para o outro; o autor ressalta, ainda, que essas mercadorias não se confrontam como mercadorias, apenas como produtos ou valores de uso. Já com a mercadoria jogador, os clubes formadores se importam com o valor de uso de seus atletas, desde que eles sejam vendidos para outros clubes, por conta de uma regra da FIFA que beneficia com uma porcentagem da venda para o clube formador¹¹.

11 Conhecido como mecanismo de solidariedade, ele dá aos clubes formadores 5% (de forma proporcional ao tempo que o atleta ficou no clube até os 23 anos) sobre o valor da negociação quando realizadas em outros países.

Normalmente, as trocas acontecem com o contato com comunidades estrangeiras¹². Ocorre uma necessidade de produtos estrangeiros, que faz com que uma parte da produção seja destinada para a troca. Nesse momento, seu valor de uso se desvincula do valor de troca e sua capacidade de produção vai alterar a balança de troca. Essa relação com o estrangeiro, dentro do futebol, gera uma relação de centro-periferia, onde países mais pobres e com a presença de bons jogadores passam a ser exportadores para países ricos com ligas fortes. Assim, temos uma grande quantidade de brasileiros, argentinos e uruguaios, jogando em ligas de países com menos tradição no futebol internacional¹³, jogando em ligas com maior visibilidade e, portanto, concentração financeira como Inglaterra, Espanha e França, que, apesar de estarem na centralidade do sistema, não somam metade dos títulos mundiais dos sul-americanos. Sem desmerecer as histórias dos clubes locais, que são bem mais expressivos que seus selecionados, é preciso ressaltar que os fatores financeiros extrafutebol influenciam os clubes europeus, aumentando seu capital e, conseqüentemente, torna as equipes mais capazes de trazerem jogadores melhores, um aspecto que não se vê no futebol sul-americano¹⁴. Isso muda a dinâmica do futebol na América do Sul, onde os jogadores já são revelados com a intenção da transferência; pouco importa se são bons para o clube ou não, mas se vão gerar cifras para a entidade.

Além da troca, existe a forma-dinheiro, que basicamente é uma mercadoria em que todas as outras mercadorias se baseiam para cotar seu valor em dinheiro. Os metais preciosos foram utilizados para esse fim, como o ouro e a prata. Esses metais, que muitas vezes são utilizados em artigos de luxo, não deixam de ser mercadorias e, assim como tantas outras, ele tem uma questão de signo, que é classificada socialmente. Marx (2013) ressalta que

a dificuldade não está em compreender que dinheiro é mercadoria, mas em descobrir como, por que e por quais meios a mercadoria é dinheiro” e complementa que o fetiche por dinheiro é o mesmo que o fetiche pela mercadoria (MARX, 2013, p. 227).

A questão do signo no jogador, como um artigo de luxo para o clube é algo fascinante. Grandes clubes, sejam eles europeus ou brasileiros, tendem a optar pelos craques, que vão atribuir atenção da imprensa e dos aficionados, que mais do que o valor de uso, o valor simbólico é o que se destaca nessas contratações. Como exemplo, pode-se citar “O melhor ataque do Mundo” do Flamengo, em 1995, que por conta do centenário do clube, montou um trio de ataque com jogadores badalados, composto por: Romário, melhor jogador do Mundo em 1994 e campeão da Copa do Mundo em 1994; Sávio, revelação da base do Flamengo, que seria vendido para o Real Madrid anos depois; e Edmundo, que após dois títulos brasileiros pelo Palmeiras, chega ao Flamengo como grande jogador do futebol nacional. Contudo, essa equipe não conquistou nenhum título, quase foi rebaixada no Campeonato Brasileiro, e apenas serviu como artigo de luxo para o clube da Gávea (CAPELA, 2017). Como valor de uso, pouco serviu os jogadores, já que o clube queria ganhar as principais competições

12 Aqui, nos referimos à história das trocas mercantis, quando grupos trocam seus excedentes com outros grupos, aos quais trato como estrangeiros.

13 Pensando no futebol internacional, a partir de suas seleções, principalmente sobre a Copa do Mundo da FIFA.

14 Isso pensando a relação entre Europa e América do Sul. Um ponto importante a se destacar é que dentro da Europa também existe a relação centro-periferia, assim como na América do Sul. O ponto é a escala, pois a dinâmica capitalista que produz desigualdades financeiras é evidenciada na estrutura do futebol. Em uma escala maior, a América do Sul fornece os jogadores para a Europa. É raro quando o fluxo acontece da Europa para a América do Sul.

da temporada e não atingiu seu objetivo. Isso seria comparável ao diamante, que pode ser importante para o corte de cerâmica e de outros materiais, assim como pode ser utilizado como um enfeite, com pouca utilidade, mas que simbolicamente representa um grande valor social.

A CIRCULAÇÃO DO DINHEIRO E DOS JOGADORES

Como citado anteriormente, o ouro foi o equivalente universal para equiparar as trocas, sendo a mercadoria dinheiro, que tem a função de quantificar o valor do trabalho aplicado em determinada mercadoria. E como qualquer mercadoria, o ouro também pode ter seu valor alterado e, conseqüentemente, altera o valor das mercadorias. Esse valor da mercadoria em dinheiro é denominado preço (MARX, 2013, p. 237). A forma preço tem uma característica importante, pois ela não vai necessariamente representar o valor de uma mercadoria, isto é, quantificar o valor de trabalho aplicado nela, mas que permite que coisas que não são mercadorias, como amor, honra e fidelidade, possam ser vendidas e compradas, desde que o possuidor delas coloque um preço, mesmo que isso não tenha um valor (MARX, 2013, p. 239).

A precificação das coisas gera uma necessidade de ter valor em todos os âmbitos, inclusive nos jogadores. Nesse ponto, entra o valor de mercado, que é o preço especulado para tal jogador. Esse valor de mercado é o quanto se imagina ser necessário para que determinado jogador seja vendido pelo clube. O valor de mercado não é o determinante para a troca/venda do jogador, uma vez que é preciso que o clube detentor do passe aceite, além do próprio jogador. Além do valor de mercado, existe a questão da multa rescisória, que é um valor estipulado em contrato que, caso seja pago, impossibilita o clube detentor do passe de impedir a transferência, desde que o jogador também aceite.

Um fato interessante, que incomoda os torcedores, é a precificação dos sentimentos. Alguns jogadores tratados como ídolos, com grande identificação com os clubes, são vendidos para a obtenção de dinheiro, pouco se importando com os sentimentos envolvidos no esporte. Além disso, existem também os jogadores que pouco se importam com essa questão e procuram o clube que for mais rentável para si. Caso como o do português Luis Figo, que saiu do Barcelona para jogar no Real Madrid; o clube madrilenho paga a multa rescisória e o jogador aceita ir para o maior rival (GOAL BRASIL, 2016).

É importante ressaltar que a mercadoria sempre será valor de uso e, quando posta à troca, seu valor se manifesta na forma de preço que será trocado por dinheiro. Dinheiro que passa a ter um valor signo, o qual representa certa quantidade de ouro, que também é uma quantidade de valor, intensificado com a implementação do papel-moeda (MARX, 2013, p. 270). A transformação de mercadoria em dinheiro é a primeira metamorfose da mercadoria ou venda (MARX, 2013, p. 243), que vai fazer com que o vendedor passe a ter o dinheiro e o comprador a mercadoria. Com o dinheiro, esse indivíduo que acabara de vender sua mercadoria passa a ter poder de compra e com a efetivação desta, é realizada a segunda metamorfose, em que um antigo vendedor passa a ser um comprador. Por conseguinte, o dinheiro começa a circular, os vendedores encontram compradores e os vendedores compram de outros.

Quando esse processo descrito é interrompido na primeira metamorfose, “a mercadoria é vendida não para comprar mercadoria, mas para substituir a forma-mercadoria pela forma-dinheiro” (MARX, 2013, p. 272). Esse acúmulo de capital tem a finalidade em si mesmo, já que a necessidade de compra não é imediata, passando de uma potência social para uma privada. Sobre o entesouramento, Marx (2013) pontua que:

O impulso para o entesouramento é desmedido por natureza. Seja qualitativamente, seja segundo sua forma, o dinheiro é desprovido de limites, quer dizer, ele é o representante universal da riqueza material, pois pode ser imediatamente convertido em qualquer mercadoria. Ao mesmo tempo, porém, toda quantia efetiva de dinheiro é quantitativamente limitada, sendo, por isso, apenas um meio de compra de eficácia limitada. Tal contradição entre a limitação quantitativa e a ilimitação qualitativa do dinheiro empurra constantemente o entesourador de volta ao trabalho de Sísifo da acumulação (MARX, 2013, p. 275).

No futebol, a comercialização de jogadores não é o principal para a obtenção de receita para os clubes, principalmente para os mais ricos. O comércio de jogadores, apesar de, às vezes, ajudar a equilibrar as contas, não tem a finalidade de ter um saldo positivo financeiramente. Esse comércio tem o objetivo de aumentar o desempenho, a visibilidade e outras formas de arrecadação, que são mais rentáveis que a venda de jogadores¹⁵.

Segue, abaixo, uma tabela, comparando os primeiros colocados na Premier League (PL) e no Campeonato Brasileiro de Futebol, que exemplificará o que foi citado acima:

Posição na Liga Nacional	Clube	Venda de Jogadores (milhões de €)	Compra de Jogadores (milhões de €)	Saldo de vendas (milhões de €)	Arrecadação (milhões de €)
1º PL	Manchester City (TRANSFERMARKT, 2018b)	91,35	314,50	- 223,15	684,08*
2º PL	Manchester United (TRANSFERMARKT, 2018c)	45,50	198,40	- 152,90	802,40*
3º PL	Tottenham (TRANSFERMARKT, 2018f)	103,80	121,50	- 17,70	515,44*
1º CB	Palmeiras (TRANSFERMARKT, 2018d)	19,80	8,47	11,33	156,46**
2º CB	Flamengo (TRANSFERMARKT, 2018a)	6,62	4,60	2,02	128,23**

3º CB	Internacional (TRANSFERMARKT, 2018e)	5,00	0,84	4,16	67,46**
*cotação dia 31/05/2019 (POUND STERLING LIVE, 2019b; DELOITTE, 2019) - 1£ = 1,36 €					
**cotação dia 17/07/2019(POUND STERLING LIVE, 2019a; GAZETA DO POVO, 2019) - 1€ = 4,16 R\$					

Nota-se que os primeiros colocados de ambas as ligas foram as equipes que mais investiram em contratações. Ademais, as equipes da PL não tiveram saldo positivo em relação às negociações, enquanto as brasileiras, todas conseguiram manter-se com crédito. Vale destacar também o fator da arrecadação, em que os clubes ingleses apresentam uma arrecadação muito maior do que a dos brasileiros. Ambos os pontos ajudam a entender como o Brasil é um país exportador de jogadores e a Inglaterra importadora.

A possível chave de leitura para esse fato não se explica, por exemplo, pelo número de títulos que cada seleção nacional possui. Se essa fosse a chave, o cenário seria o inverso. Trata-se, portanto, de um investimento individual, de um investimento em pessoas e não em um coletivo. Pouco importa o que acontece na seleção nacional, embora estar na seleção nacional seja uma forma mais rápida de se conseguir um reajuste no valor de mercado. O que interessa, de fato, é o desempenho individual. O que regula o mercado diante da concentração de jogadores de uma mesma nacionalidade são os órgãos reguladores que estabelecem um limite de estrangeiros para ser titular em uma equipe.

Alguns autores¹⁶ apontam que a mercadoria jogador, diferentemente de outras mercadorias, tem a questão da nacionalidade que um é um impeditivo ou regulador de sua circulação dentro do mercado do futebol. Contudo, as demais mercadorias, apesar de não terem de fato uma pátria em uma perspectiva idealizada de livre mercado, na materialidade, ela não se realiza; ao serem negociadas entre diferentes lugares do mundo, elas podem sofrer restrições para entrada em certos países, como nos embargos econômicos realizados pelos EUA com países que não estejam alinhados com suas diretrizes. Como foi o caso da Coreia do Norte, de Cuba ou da Venezuela, em que seus produtos são impedidos de circularem por nações terceiras, por conta de sua origem.

Em relação à desigualdade produzida pelo sistema capitalista, os clubes mais ricos permanecerão cada dia mais ricos, com mais visibilidade, com os melhores jogadores e disputando títulos, enquanto os menos ricos se distanciarão. Essa questão também mostra como se dá o acúmulo de capital e a sua luta sem fim, pois os clubes precisam arrecadar mais, montar elencos mais fortes, ganhar mais títulos e isso nunca será o suficiente, mesmo que já tenham ganhado todos os possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise da primeira seção da obra de Marx, percebe-se que o jogador é, dentro do futebol profissional, apenas um funcionário, um prestador de serviço, um trabalhador,

que está dentro do sistema capitalista do futebol. Apesar de sua posição como protagonista do esporte, ele serve como uma forma de os clubes arrecadarem cada dia mais, seja em títulos, seja em dinheiro.

Em relação ao valor do jogador, ele é como qualquer outro valor, uma construção social, uma vez que, além do trabalho aplicado na mercadoria, ele tem o valor signo sobre o que ele representa. O valor signo talvez seja uma das questões mais intrigantes, já que não vai ser sobre o valor de uso quanto à questão esportiva, mas sobre seu valor de uso para alienação de outros produtos para a obtenção de capital. Alguns exemplos disso são: a venda de camisas, ingressos ou até mesmo como outros jogadores dentro do elenco são influenciados, a fim de realizarem uma boa performance e, conseqüentemente, obtenção de capital.

A circulação dos jogadores e do dinheiro é muito semelhante a que acontece em outras esferas da sociedade, em que as mercadorias e o capital vão da periferia para o centro. Assim, a periferia do sistema fica como uma produtora de *commodity*, na qual vai até o centro do capitalismo para ser processada e transformada em uma nova mercadoria, que retorna à periferia como produto de consumo. Para exemplificar, esse jogador, assim como o petróleo, sai do país como um produto bruto, que poderia ser refinado no Brasil, mas que por conta do capital e de sua necessidade de centralização e circulação, é levado para outros lugares. Isso faz com que essa mercadoria circule e agregue valor, mas retorna ao país como outra mercadoria: o jogador, através de partidas na televisão ou de venda de camisas, e o petróleo como combustível. Esse novo produto, ao retornar ao país, perde suas características na construção social, o jogador não se identifica com o seu país, com o clube de origem, tampouco com seu povo; além do fato de não circular dinheiro no seu país, com camisas nacionais, ingressos etc. Portanto, o petróleo não traz empregos para o país que faz a extração, não gera imposto e não atende às necessidades do povo.

Esse movimento de circulação torna, no caso do futebol, as equipes europeias sempre mais fortes e mais ricas, pois: (i) possuem uma maior concentração de capital; (ii) compram jogadores da periferia; (iii) agregam valor a eles e os transformam em uma nova mercadoria, em um bem de consumo, que agora vai ser vendido, em todo o mundo; e (iv) estabelece uma concorrência com as mercadorias locais, seja através de camisetas, seja por transmissões. Esse movimento de circulação impede também o desenvolvimento do futebol na periferia, já que não há condições financeiras para manter os jogadores dentro das ligas locais, deixando o futebol mais fraco. Pode-se estabelecer um paralelo desse processo com o colonialismo, em que, na centralidade do sistema, se desenvolvia a indústria, na periferia, havia o trabalho escravo. Enquanto clubes gastam fortunas com jogadores medianos na Europa, muitos clubes brasileiros não têm um calendário anual, deixando uma massa de atletas desempregados.

Algumas reflexões, por meio da leitura de Althusser (1980), são importantes também para entender o papel do esporte como um dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). O futebol, por ter sua gênese na sociedade moderna capitalista, produz e reproduz os modos de produção e exploração, tanto na sua infraestrutura como nas superestruturas. A infraestrutura do futebol vai ser econômica, que tanto o esporte como a sociedade moderna vão gerir as condições materiais para que se possa fazer a manutenção de suas condições de existência e reproduzi-las, e a superestrutura são os aparatos jurídico-políticos (direito e Estado) e ideológicos, que justificam as coisas serem como são.

Na superestrutura do esporte, a criação de uma espécie de Estado Esportivo, que para o futebol são as federações e confederações, que devem gerir um esporte, conciliando os interesses e demandas de uma *burguesia esportiva*, que seriam alguns clubes, em detrimento das demais classes, como jogadores e torcedores. Assim, se cria uma separação entre a esfera pública (federações) e privada (clubes), em que o público atende ao privado, já que as federações são formadas pelos próprios clubes - por seus representantes - e por seus interesses. Esse Estado Esportivo, assim como o próprio Estado, vai utilizar seus Aparelhos de Estado (AE) para reprimir jogadores, clubes e torcedores, seja com a formulação de regras dentro de campo, de competições, seja relacionada a torcidas.

Porém, para justificarem sua existência, os AE precisam dos AIE. Aqueles podem ser divididos em três aspectos principais, dentro do esporte: o econômico, o jurídico e o informativo. Para exemplificar, no econômico, o esporte busca, assim como o capitalismo, um aumento máximo de suas conquistas e manter sua reprodução; já o jurídico tem uma de suas formas de manifestação em relação à igualdade, na qual os sujeitos de direito estão em iguais condições perante as leis do jogo/Estado, mediante punições com seu descumprimento; e o da informação, que direciona e divulga as informações conforme seus interesses. Dessa forma, a repressão, junto aos demais, normaliza a violência e criminaliza a de certos grupos - como nas torcidas organizadas no futebol e populações pobres. Essa função, como AIE do esporte, colabora em diversas instâncias para a manutenção do poder com a burguesia e naturaliza as relações estruturais.

O torcedor dentro desse processo fica como vítima, na medida em que vê seu clube cada dia mais próximo de se transformar em empresa e ser vendido para investidores; ver sua equipe dentro do estádio é cada dia mais custoso, em uma retórica de modernização, que não se justifica nem para o aumento da arrecadação para competir com outras equipes, muito menos pelo futebol apresentado. Os clubes, que poderiam ser uma forma de organização para a participação popular, principalmente aqueles fundados pela classe trabalhadora - como Ponte Preta e Corinthians no Brasil, Liverpool e West Ham na Inglaterra - estão cada dia mais longe do povo, restritos a uma elite financeira. O torcedor, agora fora do clube e dos estádios, passa a procurar a televisão, mas nem todos os jogos são transmitidos em canais abertos e, nos canais pagos, os valores são altos, além de as partidas estarem divididas em diversos serviços de transmissão. Para o torcedor, resta lutar: (i) por meios que evitem a venda de jogadores nacionais precocemente; (ii) pela popularização dos estádios, para que as transmissões nacionais sejam gratuitas e para todos; (iii) para a formação de um calendário anual para todas as equipes profissionais do país; (iv) para o aumento da participação popular dentro dos clubes; (v) para a promoção do futebol feminino etc.

Portanto, o futebol é formado dentro do capitalismo, o que faz com que haja uma tendência à reprodução de suas formas, sua ideologia etc., mas que deve ser disputado pela classe trabalhadora. Isso porque é essa classe quem faz, fez e fará esse esporte e, que em muitos momentos, foi a língua internacional do proletário, seja dentro de campo, seja nas arquibancadas. Apesar de todos seus problemas, esse esporte faz parte da cultura popular, sendo um grande símbolo da regionalidade, em que o jeito de jogar, de torcer e de cantar nas arquibancadas, carrega a história de um povo, de seus costumes e de suas tradições. Esse aspecto deve retornar ao esporte, a fim de se ressignificar e de se construir um futebol que esteja em consonância com os interesses da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.
- CALLEJA, Eduardo González. El Real Madrid: “equipo del regimen”? Fútbol y política durante el franquismo. **Esporte e Sociedade**, v. 5, p. 14, 2010.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.
- DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.
- GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José Julio Gavião. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 67-84, 2008.
- GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Kátia. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 3, p. 387-400, 2013.
- MARX, K. **O capital: contribuição à crítica da economia política**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 1.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. Boitempo Editorial, 2015.
- NICOLAU NETTO, Michel; CAVALCANTE, Sávio. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.
- TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 609-632, 2019.
- SITES CONSULTADOS
- CAPELA, M. **O fantasma “melhor ataque do mundo”**. 2017. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/blogs/mauricio-capela/o-fantasma-melhor-ataque-do-mundo/>. Acesso em: 11 dez. 2019.
- DELOITTE. **Annual Review of Football Finance 2019**. 2019. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/uk/en/pages/sports-business-group/articles/annual-review-of-football-finance.html>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- ESMERIZ, A. R. **Ponte Preta acusa São Paulo de aliciar promessa da base**. 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/ponte-preta/ponte-preta-acusa-sao-paulo-de-aliciar-promessa-da-base,bbf320125fd01410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- FIGO revela porque trocou o Barcelona pelo Real Madrid. **Goal Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.goal.com/br/news/3357/espanha/2016/09/14/27506302/figo-revela-porque-trocou-o-barcelona-pelo-real-madrid>. Acesso em: 24 out. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF ASSOCIATION FOOTBALL. **History of Football - Britain, the home of Football**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/the-game/britain-home-of-football.html>. Acesso em: 05 dez. 2019.

POUND STERLING LIVE. **Historical Rates for the EUR/BRL currency conversion on 17 July 2019 (17/07/2019)**. 2019a. Disponível em: <https://www.poundsterlinglive.com/best-exchange-rates/euro-to-brazilian-real-exchange-rate-on-2019-07-17>. Acesso em: 12 dez. 2019.

POUND STERLING LIVE. **Historical Rates for the GBP/EUR currency conversion on 31 May 2019 (31/05/2019)**. 2019b. Disponível em: <https://www.poundsterlinglive.com/best-exchange-rates/british-pound-to-euro-exchange-rate-on-2019-05-31>. Acesso em: 12 dez. 2019.

RANKING de receitas 2019: estudo revela faturamento dos clubes brasileiros. [s.d.]. In: **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/ranking-receitas-2019-faturamento-dos-clubes-brasileiros/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TRANSFERMARKT. **Clube de Regatas Flamengo - Transferências 2018**. 2018a. Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/clube-de-regatas-do-flamengo/transfers/verein/614/plus/0?saison_id=2017&pos=&detailpos=&w_s=. Acesso em: 12 dez. 19.

TRASNFERMARKT. #13 **Daniilo**. 2019a. Disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/daniilo/profil/spieler/145707>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

TRASNFERMARKT. #27 **João Cancelo**. 2019c. Disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/joao-cancelo/profil/spieler/182712>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

TRASNFERMARKT. #23 **Kieran Trippier**. 2019b. Disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/kieran-trippier/profil/spieler/95810>. Acesso em: 08 dez. 2019.

TRASNFERMARKT. **Manchester City - Transferências 17/18**. 2018b. Disponível em: https://www.transfermarkt.com.br/manchester-city/transfers/verein/281/saison_id/2017. Acesso em: 24 out. 2021

TRASNFERMARKT. **Manchester United - Transferências 17/18**. 2018c. Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/manchester-united-fc/transfers/verein/985/plus/0?saison_id=2017&pos=&detailpos=&w_s=>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TRASNFERMARKT. **Sociedade Esportiva Palmeiras - Transferências 2018**. 2018d. Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/sociedade-esportiva-palmeiras/transfers/verein/1023/plus/0?saison_id=2017&pos=&detailpos=&w_s=>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TRASNFERMARKT. **Sport Club Internacional - Transferências 2018**. 2018e. Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/sport-club-internacional/transfers/verein/6600/plus/0?saison_id=2017&pos=&detailpos=&w_s=>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TRASNFERMARKT. **Tottenham Hotspurs - Transferências 17/18**. 2018f. Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/tottenham-hotspur/transfers/verein/148/plus/0?saison_id=2017&pos=&detailpos=&w_s=>. Acesso em: 12 dez. 2019.

AJUSTANDO ESTRATÉGIAS:
A EXPERIÊNCIA COM O
BASQUETEBOL NO SPORT CLUB
MACKENZIE (RIO DE JANEIRO,
1924-1941)

VICTOR MELO

Universidade Federal do Rio de Janeiro
victor.a.melo@uol.com.br

BRUNO ADRIANO RODRIGUES SILVA

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
b.adriano_rs@yahoo.com.br

RESUMO

Em 1914, foi criada uma associação marcante na história do Méier, bairro/distrito do Rio de Janeiro: o Sport Club Mackenzie, a princípio eminentemente dedicado ao futebol. Com o passar dos anos, nessa agremiação, outros esportes passaram a ser mais praticados, sendo um deles, o basquetebol. Este artigo tem por objetivo discutir tal experiência com a modalidade da bola ao cesto, percebendo-a como decorrência de decisões administrativas adotadas, tendo em vista a manutenção de vínculos com a elite carioca, organizada em ligas esportivas prestigiosas - uma estratégia entabulada para reafirmar compromissos de contribuição com a valorização local. Para alcance do objetivo, como fontes, foram utilizados periódicos publicados na cidade. Mais do que uma reflexão sobre a ampliação da cultura esportiva da capital nacional - naquela ocasião -, trata-se de lançar um olhar para os relacionamentos estabelecidos entre as suas zonas urbana e suburbana. Portanto, intenta-se explicitar posicionamentos assumidos por certos grupos sociais para buscar inserção em um cenário citadino progressivamente complexo e em constante transformação.

Palavras-chave: História do Esporte; basquete; subúrbio.

Recebido em 8 de janeiro de 2021.

Aprovado em 8 de março de 2021.

ADJUSTING STRATEGIES:
BASKETBALL EXPERIENCES IN
SPORT CLUB MACKENZIE (RIO
DE JANEIRO, 1924-1941)

VICTOR MELO

Universidade Federal do Rio de Janeiro

victor.a.melo@uol.com.br

BRUNO ADRIANO RODRIGUES SILVA

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

b.adriano_rs@yahoo.com.br

ABSTRACT

In 1914, a remarkable association was founded in the history of Méier, a Rio de Janeiro neighborhood: the Sport Club Mackenzie, at first, evidently dedicated to football. Over the years, other sports began to be more practiced in this association, including basketball. This article aims to discuss this experience with the ball-in-the-basket modality, as a way to highlight some administrative decisions adopted in order to maintain relationship to the city's elite organized in prestigious leagues - a strategy to reaffirm agreements in order to contribute with the enhancement of the neighborhood. Periodicals published in the city were used as sources to achieve our goal. More than a reflection on the expansion of the sporting culture of the national capital - at that time -, it aims to focus on the relationships between the urban and suburban areas. Then, we intend to explain the stands which have been taken on some points by certain social groups to seek insertion in a city scenario in constant transformation.

Keywords: Sport History; basketball; suburb.

INTRODUÇÃO

De acordo com o recenseamento do Rio de Janeiro, realizado no ano de 1906, o distrito do Méier¹, parte da zona urbana da cidade, fronteira com a suburbana², possuía 34.476 habitantes. Naquele momento, os distritos urbanos possuíam um contingente populacional (621.933) maior do que os suburbanos (183.402) (BRASIL, 1907).

No decorrer do século XX, contudo, foi se invertendo tal concentração populacional. Uma das desencadeadoras dessa mudança foi a série de reformas urbanas promovidas nas décadas iniciais da centúria, com destaque para as intervenções realizadas na gestão de Francisco Pereira Passos, designado como prefeito plenipotenciário pelo presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906) (SEVCENKO, 1983).

Em diferentes distritos, principalmente nos da região central, morros foram desbastados, aterros promovidos, ruas e avenidas abertas, construídas novas edificações de inspiração europeia, a mobilidade ampliada por meio da instalação de linhas de bonde e trem (SILVA, 2019).

Intensificou-se também a regulação do uso do espaço urbano. As preocupações com as condições de saúde e higiene – claramente manifestas nas intervenções na distribuição de água e saneamento público, bem como nas ações de combate às epidemias, de um lado, incidiram no estímulo à prática de exercícios físicos, como o esporte a ginástica, de outro, serviram como argumento para a remoção violenta da habitação dos mais pobres de algumas áreas da cidade (MELO, 2009; SILVA, 2009).

Isso é, as reformas ocasionaram intensas transformações na paisagem, na arquitetura, na infraestrutura urbana, nos comportamentos dos indivíduos, enfatizando-se a disseminação de práticas consideradas civilizadas – um claro processo de adesão a parâmetros de modernidade (ABREU, 1987). Nesse cenário, desencadeou-se um processo de gentrificação das zonas central e sul.

Impedidos de seguir vivendo nas regiões consideradas nobres do Rio de Janeiro, boa parte da população mais pobre foi morar nos subúrbios, assim como gente de estrato médio, que não podia manter o padrão de vida das zonas Centro e Sul. O aperfeiçoamento dos serviços de transporte público facilitou essa maior ocupação do interior da cidade (FERNANDES, 2009).

Claramente se percebe tal processo no recenseamento de 1920. O Méier passou a contar com 57.252 habitantes (BRASIL, 1923). É relevante ressaltar que, no distrito em questão, localizado relativamente próximo da área central da cidade, passaram a morar muitos funcionários públicos civis e militares, comerciários, bem como profissionais liberais, notadamente médicos, engenheiros e advogados (MENDONÇA, 2011).

Dado seu perfil societário e em função de sua localização limítrofe, não surpreende que o Méier tenha sido representado como capital dos subúrbios (REVISTA SUBURBANA, 1918), mesmo que oficialmente integrasse a zona urbana da cidade. No distrito, algumas lideranças entabularam ações diversas no sentido de desenvolver o local, reivindicar melhorias nas

1 Até 1903, o Rio de Janeiro era dividido em freguesias, posteriormente em distritos. Oficialmente, somente em 1981, estabeleceram-se os limites oficiais dos bairros, uma noção que, todavia, já existia desde o século XIX, utilizada usualmente pelos moradores.

2 No recenseamento de 1890, a cidade foi dividida em zona urbana e suburbana (MIYASAKA, 2016).

condições de urbanidade, assim como combater estigmas que consideravam o subúrbio como uma região marcada pela desordem, incivilidade e violência (FERNANDES, 2009).

Entre outros aspectos, ajudou a reforçar a ideia de que o distrito se tratava de um lugar civilizado, a estruturação de iniciativas de sociabilidade pública dos mais distintos perfis, inclusive as de natureza associativa, tais como o Clube dos Fenianos e o Destemidos, dedicados às festas carnavalescas, bem como o Grupo Musical do Méier, promotor de concertos em espaços públicos (VIDA, 1909).

Entre as mais ativas e notáveis associações se encontravam as que tinham como motivação central as práticas esportivas, tais como o Clube Olímpico Riachuelense (GAZETA, 1885) e o Clube Atlético Boca do Mato (GAZETA, 1884), fundados ainda no século XIX, bem como o Riachuelo Futebol Clube (RIACHUELO, 1905), criado em 1905.

Naquele contexto de aumento populacional, diversificação societária e estruturação de iniciativas encaradas como sinal de modernização, foi criada, em 1914, uma associação marcante na história do Méier, ativa até os dias de hoje: o Sport Club Mackenzie. A princípio, eminentemente dedicado ao futebol, foi fundado por um grupo de jovens da elite local³, interessados em participar das ações da modalidade que se espalhava pela cidade e se organizava por meio de ligas que promoviam campeonatos cada vez mais celebrados (MELO; SILVA, 2021).

Para além do aspecto esportivo, o Mackenzie foi um clube que adotou e se empenhou em difundir parâmetros de civilização e progresso por meio da organização de bailes, festas, cerimônias cívicas, atividades de escotismo, entre outras. Essas iniciativas também eram orientadas no sentido de combater os estigmas e de valorizar o Méier no cenário citadino (MELO; SILVA, 2021).

Se o futebol preponderou nos momentos iniciais do Mackenzie, com o passar dos anos, outras modalidades passaram a ser mais praticadas, entre as quais o basquetebol, uma mudança que foi mesmo registrada nos seus estatutos⁴ e consagrou seu caráter multiesportivo.

No momento em que a agremiação do Méier começou a se envolver com a modalidade da bola ao cesto, na década de 1920, esse esporte já possuía um sensível nível de estruturação no RJ. As iniciativas ao seu redor eram promovidas por uma liga que congregava importantes clubes e organizava um campeonato regular (CANCELA, 2010; FERREIRA JUNIOR, 2008).

Nesse cenário, como se estruturou a prática do basquete no Mackenzie? Como o envolvimento com a modalidade ajuda-nos a entender alguns projetos das diretorias? Isso nos auxilia a pensar na dinâmica citadina, especificamente no que tange ao relacionamento, por meio do esporte, entre as elites de diferentes regiões do Rio de Janeiro?

Tendo em vista essas questões, este artigo tem por objetivo discutir a experiência com o basquetebol no Sport Club Mackenzie, percebendo-a como decorrência de decisões administrativas adotadas, tendo em vista a manutenção de vínculos com a elite carioca organizada em ligas esportivas prestigiosas, uma estratégia mobilizada para reafirmar compromissos de contribuição com a valorização do bairro/distrito. No debate, consideramos o conceito de “associação”, uma relação social permeada por regulamentos que são definidos e

3 Neste artigo, nos aproximamos do delineamento sociológico de Pareto (2010), para quem uma classe eleita (“élite”) se constitui a partir dos índices mais elevados no ramo das atividades profissionais que desempenham os indivíduos e os grupos sociais em uma determinada sociedade.

4 Cf. Diário (1925) e Diário (1935).

fiscalizados por indivíduos partícipes de uma razão administrativa com finalidades específicas (WEBER, 1987, p. 93).

Adotamos como recorte temporal o período compreendido entre os anos de 1924 e 1941, momento em que se estruturou o envolvimento pioneiro do Mackenzie com o basquetebol. Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados jornais e revistas publicados no Rio de Janeiro, no período em tela, tratados a partir de sua materialidade (LUCA, 2005), considerando-se as posições veiculadas como representações (CHARTIER, 1991) que nos permitem prospectar a intencionalidade das ações das diretorias do clube do Méier.

SPORT CLUB MACKENZIE: O BASQUETE COMO ESTRATÉGIA

Na cidade do Rio de Janeiro, as primeiras iniciativas mais sistemáticas envolvendo o basquete foram promovidas, nos anos iniciais da década de 1910, pela Associação Cristã de Moços (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1911); por agremiações como o América Futebol Clube (JORNAL DO BRASIL, 1914), o São Cristóvão Atlético Clube e o Sporting Club Rio de Janeiro (JORNAL DO BRASIL, 1915a); bem como por instituições escolares como o Colégio Sylvio Leite (O IMPARCIAL, 1916). Inicialmente, o “jogo da moda” (O PAIZ, 1914, p. 16) era organizado como parte de festivais esportivos (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1915).

Em 1915, houve uma primeira tentativa de maior estruturação da modalidade, um campeonato promovido pela Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, a mais prestigiosa da cidade, na qual se encontravam filiados os clubes mais imponentes, boa parte deles com sedes localizadas nas zonas Centro e Sul (JORNAL DO BRASIL, 1915b).

O *modus operandi* dessa liga procurava reafirmar a predominância econômica dessas zonas, inclusive no que dizia respeito ao poder de decisão política sobre os rumos do esporte no Rio de Janeiro (SANTOS, 2010). Essa dinâmica tinha como fundamento uma “racionalidade urbana” cujo intuito era espriar as formas de dominação (LEFEBVRE, 2008, p. 81).

No ano seguinte, 1916, o basquete foi oficialmente incorporado à Liga, sendo, contudo, considerado secundário em relação ao futebol (JORNAL DO BRASIL, 1926). O velho esporte bretão galgava maior popularidade e prestígio na cidade (PEREIRA, 2000). Assim sendo, não surpreende que, somente em 1919, a entidade tenha promovido um campeonato mais bem estruturado (JORNAL DO BRASIL, 1919) e passado a tentar exercer um monopólio sobre a modalidade, não reconhecendo, inclusive, as iniciativas da pioneira Associação Cristã de Moços (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p. 6).

Para organizar as atividades de basquete, a Liga Metropolitana instituiu um conselho específico (O IMPARCIAL, 1919) que contava com a participação de clubes como Botafogo, Fluminense, Flamengo, Boqueirão, América, São Cristóvão e a Associação Cristã de Moços (JORNAL DO COMMERCIO, 1921). Transparecia o entusiasmo com a modalidade que se tornava rapidamente apreciada na cidade e era apresentada como dotada de “qualidades excepcionais” por educar todos os “músculos do corpo” e conferir “muita inteligência”, sendo “aconselhável até mesmo às crianças e senhoritas”⁵, desde que “dentro das regras” (O

⁵ Desde o século XIX, o esporte paulatinamente se tornou um importante fórum de participação social feminina. No decorrer da centúria seguinte, o envolvimento de mulheres como torcedoras e jogadoras foi se tornando mais notável. O próprio Mackenzie, já nos seus primeiros anos de existência, foi um exemplo dessa ocorrência (MELO; SILVA, 2021).

IMPARCIAL, 1919, p. 19).

Progressivamente, um maior número de clubes aderiu ao esporte da bola ao cesto. O torneio início de 1923, por exemplo, já contou com a participação de outras agremiações: Sport Club Brasil, Tijuca Tênis, Ginástico Português, Andaraí e Vasco da Gama (JORNAL DO BRASIL, 1923). Em 1924, todavia, uma ocorrência interferiu no seu desenvolvimento – uma cisão na Liga Metropolitana. As sociedades esportivas de maior expressão fundaram uma nova entidade: a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA).

A dissensão ocorreu fundamentalmente por razões de natureza política e econômica (SANTOS, 2010). As agremiações da elite carioca buscavam estabelecer mecanismos de status e distinção, vislumbrando exercer maior poderio para mais diretamente dirigirem os rumos esportivos da cidade (SOARES, 1999).

Na ocasião, o Mackenzie já era filiado à Liga Metropolitana havia alguns anos (FUTEBOL, 1916). Migrou para a AMEA, embora sem um consenso interno (A PALPITANTE, 1924). Nessa nova entidade, a agremiação do Méier teve suas primeiras experiências melhor estruturadas com o basquete. Antes, ocorreram apenas algumas poucas iniciativas de caráter interno (JORNAL DO BRASIL, 1924).

Para o Mackenzie, desde sua fundação, fazer parte de ligas prestigiosas era encarado como ser aceito em um âmbito valorizado da cidade, uma estratégia que as diretorias vislumbravam para ampliar a respeitabilidade pública do clube, justamente por aderir voluntariamente a uma autoridade esportiva reconhecida. Tratava-se de ser uma associação de tipo “heterônoma” (WEBER, 1987, p. 96).

Tal atitude era também considerada como uma forma de exaltação das virtudes locais. Essa foi a representação expressa no discurso de comemoração dos 10 anos do clube, quando se afirmou que: “(...) tendo à frente dirigentes esforçados e cheios de vontade, conseguiu o Mackenzie impor-se a ‘grandes e pequenos’ sempre em posições de destaque” (O IMPARCIAL, 1924, p. 11). Esse lugar intermediário, similar ao do fronteiro Méier, foi constantemente buscado pela agremiação do Méier.

O problema é que fazer parte das ligas mais respeitadas significava dar conta de novas exigências, especialmente de caráter econômico e administrativo, algo bem notável no caso do futebol. A AMEA deixava isso claro a todo momento:

Nosso projeto, nesse ponto, era mais liberal que o anterior (...) pretendemos pugnar pela cultura do corpo, do espírito e da alma em todas as camadas sociais, mas exigiremos organização. Fomentaremos o preparo necessários a clubes novos, mas que nos garantam em seus programas e nas suas possibilidades administrativas normas de engrandecimento moral⁶

O presidente do Mackenzie, na ocasião, era José Soares Barbosa Junior, funcionário importante da Estrada de Ferro Central do Brasil (CORREIO DA MANHÃ, 1921). Por anos, ele empregou esforços para defender os interesses do clube junto à AMEA, em especial no que dizia respeito à necessidade de dispor de uma sede esportiva que atendesse às exigências da entidade (O IMPARCIAL, 1924). Para dar conta de tal obrigação, a agremiação do Méier adotou as mais diferentes estratégias, entre as quais, alugar espaços de outras associações, soluções, na verdade, sempre provisórias e paliativas (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1925).

⁶ Ibid.

Em relação à prática do basquete, o Mackenzie também enfrentou dificuldades administrativas. Em 1925, por exemplo, foi punido por ter faltado a uma partida do torneio início (JORNAL DO BRASIL, 1925). Logo em seguida, comunicou à AMEA que, “(...) por motivo de força maior (...)”, não poderia participar do campeonato anual (JORNAL DO BRASIL, 1925, p. 20). Nesse cenário, a modalidade perdeu espaço no clube que seguia tentando atender as necessidades do futebol e, em segundo plano, do atletismo (IMPARCIAL, 1926).

Isso ajuda a entender a falta de maiores referências nos jornais à prática do esporte da bola ao cesto no clube do Méier. Tardava a melhor se estruturar a modalidade na agremiação. Em 1928, por exemplo, o Mackenzie não disputou o “(...) encontro de basquetebol marcado com o Bangu A. C., fazendo assim a entrega dos pontos (...)”, partida prevista pelo torneio complementar da AMEA (JORNAL DO COMMERCIO, 1928, p. 7).

No ano seguinte, o Mackenzie participou mais ativamente das contendas, mas ainda incorreu em falhas, como deixar de enviar um delegado para um jogo do campeonato anual, o que resultou em uma multa imposta pela AMEA (O JORNAL, 1929, p. 10). De outro lado, melhor se estruturou seu departamento de basquete, que passou mais amiúde a convocar os jogadores para as partidas (DIÁRIO DA NOITE, 1930). Da mesma forma, árbitros vinculados à associação do Méier tornaram-se mais atuantes e reconhecidos (CORREIO DA MANHÃ, 1930). Paulatinamente, o clube administrava seus dilemas internos e percebia que o envolvimento com a modalidade poderia ser uma estratégia útil para seus intuitos.

Há que se ter em conta que o basquete era um esporte significativamente mais barato e fácil de operacionalizar do que o futebol, por envolver menor número de jogadores, por exigir instalações sensivelmente menores e menos custosas, por não estar, àquele momento, flertando com o profissionalismo como já ocorria com o ludopédio (SANTOS, 2008).

A variação do preço dos ingressos para as partidas, no decorrer dos anos 1920, é uma evidência das diferenças entre as modalidades. No início da década, em média, custava 2\$000 o bilhete mais barato para os encontros de basquete e futebol⁷. Ao final do decênio, a mesma entrada para um jogo do ludopédio passou a custar 6\$000 (JORNAL DO BRASIL, 1929, p. 14), enquanto para um da modalidade da bola ao cesto manteve-se em 2\$000 (CORREIO DA MANHÃ, 1929).

Na década de 1930, o maior investimento do Mackenzie no basquete ficou claro nas ações da diretoria presidida pelo “(...) conhecido e conceituado clínico, Dr. Dante Guarinello, mackenzista de fibra, que de certo, não poupará esforços pelo progresso do clube que tanta simpatia desfruta em nossa capital” (SPORT..., 1931, p. 13). Um exemplo foi sua participação na diretoria da AMEA propondo mudanças no regulamento, a fim de atenuar as dificuldades da agremiação que dirigia (FOOTBALL..., 1931).

Percebe-se que, a essa altura, diferentemente de outros momentos, o clube do Méier apresentava “(...) uma situação financeira bastante lisonjeira (...)” (O ANIVERSÁRIO..., 1931, p. 10), possuindo cerca de “400 sócios” que pagavam uma mensalidade de “(...) cinco mil réis, sendo que os diretores concorrem com uma mensalidade extra de trinta mil réis (...)”. Contava com uma “praça de esportes modestamente aparelhada (...)”, planejando, em breve, finalmente construir “suas quadras de tênis e basquetebol”.

A participação contínua e sistemática do clube do Méier tinha também como finalidade

⁷ Cf. Santos, 2010; Jornal do Brasil, 1920)

concretizar sua vinculação com a prestigiosa AMEA. Tornou-se regular a prática do basquete no Mackenzie em um cenário em que não parava de crescer a popularidade da modalidade no Rio de Janeiro (JORNAL DOS SPORTS, 1931). Os resultados começaram a surgir. Em 1931, foi o vice-campeão da segunda divisão do campeonato anual, atrás apenas do Olaria (JORNAL DOS SPORTS, 1931).

No ano seguinte, novo impulso teve o esporte na associação do Méier em função dos esforços de Eduardo Grota, integrante da Associação Cristã de Moços (DIÁRIO CARIOCA, 1932), como vimos, uma das instituições responsáveis pelo desenvolvimento da modalidade no Rio de Janeiro. Além de organizar um torneio interno, o Mackenzie uma vez mais participou integralmente do campeonato promovido pela AMEA (A NOITE, 1932).

Nesse mesmo ano de 1932, o Mackenzie comunicou à AMEA que, por dificuldades de cumprir o exigente regulamento, não mais participaria dos seus campeonatos de futebol (CORREIO DA MANHÃ, 1932), mantendo-se, contudo, nas contendias da bola ao cesto. Dirigido pelo funcionário público Newton Carvalho de Souza (CORREIO DA MANHÃ, 1930), o departamento de basquete ganhou visibilidade e relevância interna. A confecção de um novo uniforme para os certames – “antigamente todo branco (...) agora bonito e vistoso. Calção preto com escudo na camisa” (A NAÇÃO, 1933, p. 22) – é um indício de que a modalidade começou a receber mais recursos para se estruturar.

A essa altura, em 1933, foi criada uma entidade representativa exclusivamente dedicada à modalidade: a Liga Carioca de Basquete, perspectivada como uma alternativa às “(...) leis de arrocho da AMEA – a entidade que só acenou com um departamento autônomo quando viu fugirem as possibilidades de manterem o basquetebol acorrentado ao seu jugo politiquieiro” (JORNAL DOS SPORTS, 1933, p. 1). Passaram a integrar a iniciativa importantes clubes como o Fluminense, Vasco, América, Tijuca, Vila Isabel e Bonsucesso (JORNAL DOS SPORTS, 1933).

A agremiação do Méier logo filiou-se à Liga Carioca de Basquete (A NAÇÃO, 1933), participando de um “torneio de classificação” no qual apresentou inesperado desempenho: “Os últimos jogos provaram que todos os times merecem respeito. (...) o Vasco, em seu campo passou mal com o Mackenzie, tido até então como o armazém da pancada (...)” (JORNAL DOS SPORTS, 1933, p. 8).

Essa foi uma motivação definitiva para que o clube se envolvesse cada vez mais com a modalidade. Com isso, uma das preocupações centrais passou a ser a construção de uma quadra mais adequada, nomeando-se os:

(...) conhecidos mackenzistas Guilherme Gomes, Sylvio Fonseca e José Loureiro para a comissão pró-campo de basketball. Essa comissão já está em atividade, tanto assim que o local onde será construído o rinque já se acha nivelado. É do pensamento da referida comissão fazer inaugurar as novas instalações no próximo mês de novembro (JORNAL DOS SPORTS, 1933, p. 2).

A nova quadra foi inaugurada em dezembro de 1933. Logo em seguida, com grande festa, um celebrado torneio interno foi organizado (CORREIO DA MANHÃ, 1934). Na ocasião, “O *basketplayer* Armando Guimarães, autor da primeira cesta (...) recebeu um valioso cinto oferecido pela senhorita Onila do Amaral, 2ª secretária do departamento feminino” (JORNAL DOS SPORTS, 1934, p. 2). Gradativamente, os atletas da bola ao cesto se tornariam

ídolos do Mackenzie e do bairro do Méier.

A equipe da agremiação, a propósito, era formada por “elementos distintos (...) médicos, advogados, engenheiros e pessoas de destaque” (O JORNAL, 1934, p. 8). Tratava-se de forjar uma representação de clube de elite, algo que, de início, se manifestara no que tange ao envolvimento com o futebol (MELO; SILVA, 2021). Era clara a opção pelo amadorismo.

O debate acerca do profissionalismo pouco alcançava o basquete (GOMES, 2016). A diretoria do Mackenzie, em consonância, fazia questão de reforçar que o “(...) querido grêmio do Méier nunca mentiu ao seu passado – nasceu amadorista e continua praticando o amadorismo mais puro” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1939, p. 4). Enfatizava-se uma natureza associativa orientada “exclusivamente e continuamente” a alcançar os seus fins (WEBER, 1987, p. 105), como se não houvesse interesses outros, inclusive financeiros.

Em 1936, o 13º Clube do bairro de Madureira desencadeou um movimento para que a Liga Carioca de Basquetebol organizasse uma seção somente destinada aos subúrbios. Certamente, tinha em conta o melhor desempenho das equipes da zona urbana, bem como a busca de maior possibilidade de intervenção na entidade representativa (JORNAL DOS SPORTS, 1933).

Em 1937, foi criada uma liga de basquetebol dos clubes dos subúrbios (O RADICAL, 1937). A essa altura, no futebol, o Mackenzie já estava filiado a uma entidade da zona suburbana (MELO; SILVA, 2021), mas não faria o mesmo com a modalidade da bola ao cesto.

Não surpreende que tenha figurado nas últimas colocações de um concurso promovido por um jornal local para eleger o clube mais querido dos subúrbios (O RADICAL, 1936). Como no caso do futebol, o Mackenzie mantinha-se dúbio no tocante ao trânsito entre os arrabaldes e o Centro/Zona Sul. Apresentava-se como representante da zona suburbana, mas dialogava mais intensamente com as realizações que tinham sede na zona urbana.

De fato, o Mackenzie aumentou sua inserção na Liga Carioca de Basquete, logrando conquistas que o alçaram à divisão principal, na qual pode disputar partidas com renomados clubes da cidade, como o Tijuca Tênis, Botafogo, Flamengo e Fluminense (JORNAL DO BRASIL, 1934). Uma vez mais conseguira tomar parte em esferas esportivas de maior prestígio.

Tendo em vista essa nova inserção, novos investimentos foram promovidos no sentido tanto de construir uma quadra mais adequada quanto de melhorar a performance de sua equipe, tendo convidado como “instrutor técnico” o “(...) devotado *sportman* Luiz Soares Filho”, diretor de publicidade (JORNAL DOS SPORTS, 1934, p. 02) e “membro da comissão técnica” da Liga Carioca de Basquete (JORNAL DOS SPORTS, 1936, p. 2).

Mesmo com esses esforços, ao integrar uma divisão mais competitiva, os resultados deixaram de ser positivos, ocupando o clube, usualmente, as posições finais da classificação (JORNAL DOS SPORTS, 1935, p. 2), não poucas vezes sendo mesmo o “lanterna”. Era difícil o embate com as associações mais prestigiosas da cidade.

A Liga Carioca prosperava. Em seu balanço financeiro do ano de 1934, a entidade deu conta do sucesso de suas ações, declarando que arrecadara

[...] a respeitável cifra de Rs. 53:050\$600 [...], fato este que bastaria para atestar, de maneira eloquente, o crédito que, dia a dia, [...] dispensam todos os clubes que lhe pedem filiação [...] (JORNAL DOS SPORTS, 1935, p. 5).

De outro lado, não era fácil para as agremiações menores arcarem com os custos necessários para manterem-se ativas nas iniciativas da entidade: manutenção da quadra, aquisição de equipamentos e uniforme, despesas de transporte, além das taxas cobradas pela Liga Carioca. Em 1935, por exemplo, a inscrição no campeonato anual foi estipulada em 50\$000 (A MANHÃ, 1935).

O Mackenzie sentia as dificuldades financeiras de permanecer na Liga Carioca, mas tal envolvimento se tornou uma prioridade. A ideia era transitar por um quadro privilegiado economicamente do esporte do Rio de Janeiro mesmo que os resultados nas quadras nem sempre fossem satisfatórios. A última posição no campeonato de 1935 é uma evidência disso (JORNAL DOS SPORTS, 1936).

Em 1936, tornou-se presidente do Mackenzie o antigo diretor de basquetebol: Newton Carvalho de Souza (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1936). É possível que tal eleição seja um indicador do aumento da importância da modalidade no cotidiano do clube. Na mesma medida, pode ter se enfatizado ainda mais tal relevância, especialmente se considerarmos os esforços sistemáticos do corpo de associados para construção do “seu rink”: “acabam de ofertar cimento os sportmen Paulo Santos, Antônio Soraes Levy Melo, Alfredo Silveira e Benjamin Blume” (JORNAL DOS SPORTS, 1936, p. 2).

De toda forma, mais do que nunca em sua trajetória, o basquete tornou-se o investimento central do Mackenzie. Colocou-se em pauta a criação de um departamento autônomo para a modalidade (JORNAL DOS SPORTS, 1938), bem como se tornou mais usual homenagear seus atletas de destaque (JORNAL DOS SPORTS, 1939, p. 3). O futebol fora substituído nas preferências da agremiação do Méier.

Mesmo com as limitações econômicas, na seara esportiva, o envolvimento com a modalidade da bola ao cesto tornou-se a principal referência pública do Mackenzie (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1936). Isso ocorreu, inclusive, graças a sua presença constante em todas as ações da Liga Carioca de Basquetebol, notadamente nos torneios abertos, ocasiões que permitiam a participação ampliada dos interessados, não somente clubes filiados, mas também outras agremiações esportivas, bem como instituições escolares civis e militares (CORREIO DA MANHÃ, 1936). Em 1936, foram 47 equipes inscritas.

Destaca-se a relação estabelecida com as escolas, uma estratégia adotada pela Liga Carioca de Basquetebol para difundir a modalidade e se vincular aos temas educacionais importantes do momento. A entidade participou, inclusive, do V Congresso Brasileiro de Educação realizado no Rio de Janeiro, em 1935, ocasião na qual o esporte foi apresentado como um contributo para “(...) transformar a escola em uma referência cultural moderna, democrática, ativa e eficiente” (LINHALES, 2006, p. 95).

O discurso da diretoria do Mackenzie também estava alinhado à ideia de que a prática de esportes deveria ser balizada pela “(...) conhecida divisa ‘mens sana e corpore sano’” (JORNAL DOS SPORTS, 1934, p. 8), cuja finalidade seria o aprimoramento do “(...) espírito, instruindo e deleitando”. É importante pontuar que, desde os anos 1920, a cidade passava por novo ciclo de reformas urbanas nas quais essas dimensões, articuladas com as exigências do cenário

nacional, se tornaram mais enfatizadas (SILVA, 2009)⁸.

A associação aqui estudada, em diversas ocasiões, estimulou o envolvimento de escolares ao promover torneios “(...) entre ginásios, colégios e institutos (...)” (JORNAL DOS SPORTS, 1939, p. 3). Além de ser um investimento em sua imagem pública, uma forma de explicitar seus compromissos sociais, a diretoria encarava essas iniciativas como uma maneira de descobrir talentos e reforçar suas equipes (JORNAL DOS SPORTS, 1940).

Em 1937, momento em que assistiu grande avanço com a instalação de sua sede social definitiva na Rua Dias da Cruz, onde se encontra até hoje, bem como com o arrendamento de um terreno na Rua Magalhães Couto para a construção de outra “praça de *sports*” (O RADICAL, 1938, p. 6), o Mackenzie conquistou o campeonato complementar da Liga Carioca de Basquete (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1937).

Ainda que, no ano seguinte, esse bom resultado não se repetisse – ficou em último lugar em seu grupo no torneio principal (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1938), o clube lograva conquistar uma repercussão que tanto esperava, afinal, segundo um cronista, tratava-se aquele campeonato do único na cidade com as “características de sensacionalismo” e “proporções inéditas, em virtude do número de participantes” (JORNAL DOS SPORTS, 1938, p. 3).

A situação junto à Liga Carioca de Basquetebol, contudo, permanecia problemática. Em 1939, por exemplo, quando logrou outro bom resultado, o 2º lugar no campeonato complementar, ocasião comemorada efusivamente na sede da Dias da Cruz (JORNAL DO COMMERCIO, 1939), bem como inaugurou outra quadra para a prática da modalidade (JORNAL DOS SPORTS, 1939), seguia existindo uma pendência financeira com a entidade representativa (A NOITE, 1939).

Já sob a presidência de Carlos Lopes Guimarães (1939), comerciante do bairro e devoto *sportman*, uma nova mensalidade foi criada para a categoria de sócios aspirantes⁹, no valor de 5\$000, destinada a contratar um “preparador para os que desejavam praticar o basquetebol” (O RADICAL, 1939, p. 7). Em 1940, foi criada a equipe feminina (JORNAL DOS SPORTS, 1940) consagrando um protagonismo das mulheres que sempre fora usual na história do clube (MELO; SILVA, 2021). Àquela altura, o Mackenzie era considerado “modelar”, um diferencial no subúrbio, contando com “(...) numerosos departamentos esportivos, um bem organizado gabinete médico e seu seletivo quadro social (...)” (O IMPARCIAL, 1941, p. 15).

Em 1941, já consolidada a estratégia que confirmava certo reconhecimento no Rio de Janeiro, nas zonas urbana e suburbana, com uma missa realizada na Igreja da Candelária, bem como muitas cerimônias e atividades festivas, o Mackenzie comemorou seus 27 anos vislumbrando um futuro promissor (DIÁRIO CARIOCA, 1941). Durante décadas, no âmbito esportivo, seria reconhecido por seu envolvimento com o basquete.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou da experiência de envolvimento com o basquete entabulada no Sport Club Mackenzie, uma importante associação do distrito/bairro do Méier, localizado numa

⁸ Em diversos períodos, o esporte tornou-se, de alguma forma e em diferentes graus, motivo de atenção dos poderes públicos, tendo em conta encaminhar alguns de seus intuitos para o país. Ver, por exemplo, Drummond (2008) e Couto (2014).

⁹ Naquele tempo, havia três categorias de jogadores: oficiais, aspirantes e principiantes (JORNAL DOS SPORTS, 1939).

região fronteira entre as zonas urbana e suburbana do Rio de Janeiro. Formado por uma elite local, a agremiação buscou constantemente assumir uma função de liderança e contribuição com o desenvolvimento local.

Com o intuito de buscar maior representatividade no cenário esportivo do Rio de Janeiro, o Mackenzie sempre procurou se filiar às ligas mais prestigiosas da cidade, procedimento que se iniciou no âmbito do futebol com sua adesão à Liga Metropolitana de Esportes Atléticos e à AMEA. No que tange à prática do velho esporte bretão, todavia, o clube encontrou muitas dificuldades administrativas, o que resultou em um posterior relacionamento com entidades suburbanas.

Sua filiação à Liga Carioca de Basquetebol foi interpretada como uma possibilidade de voltar a ter representatividade no cenário citadino. Mesmo também enfrentando dificuldades de natureza administrativa e econômica, não se mostrou disposto ao envolvimento com as iniciativas eminentemente suburbanas, uma expressão da sua identidade ambígua, típica do bairro no qual se localizava e tanto buscava representar.

No caso do basquetebol, conseguiu maior sucesso do que no futebol, inclusive porque o primeiro não era tão custoso quanto o segundo. O envolvimento com a modalidade da bola ao cesto permitiu novas vinculações e projeções públicas que fortaleceram a imagem do clube, indo ao encontro de seus intuitos de transitar entre as elites da cidade do Rio de Janeiro.

Mais do que uma reflexão sobre a ampliação da cultura esportiva do Rio de Janeiro, em especial no que diz respeito ao basquete, esta pesquisa nos permite lançar um olhar para os relacionamentos entre as elites das zonas urbanas e suburbanas, explicitando posicionamentos assumidos por certos grupos sociais para buscar inserção em um cenário citadino progressivamente complexo e em constante transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987.
- BRASIL. **Diretoria Geral de Polícia Administrativa, Arquivo e Estatística**. Recenseamento do Rio de Janeiro (Distrito Federal): realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1907.
- BRASIL. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920: população do Rio de Janeiro (Distrito Federal)**. V. II, 1a Parte. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1923.
- CANCELA, Karina. **A fundação da primeira sede da Associação Cristã de Moços na América Latina e sua atuação como fomentadora da prática esportiva no Rio de Janeiro pós-republicano**. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 3, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/737/680>. Acesso em 5 jun. 2020.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010 Acesso em 16 nov. 2020.
- COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega. **O conceito carioca de subúrbio. Um rapto ideológico**. **Revista FAU/UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 8-15, 2009.
- FERREIRA JUNIOR, Rolando. **NBA, CBB E NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Curitiba: UFPR, 2008.
- GOMES, Eduardo de Souza. **O futebol vira profissão: tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LINHALES, Meily A. **A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a Historiografia da Educação Física**. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 93-110.
- MELO, Victor Andrade de; SILVA, Bruno Adriano Rodrigues da. **Estratégias do subúrbio: a experiência do Sport Club Mackenzie (Rio de Janeiro; 1914-1932)**. Projeto História, São Paulo, no prelo, 2021.
- MENDONÇA, Leandro Clímaco. **Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920**. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: UFF, 2011.
- MIYASAKA, Cristiane Regina. **Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920)**. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 2016.
- PARETO, Vilfredo. **Circulação das Elites**. In: CRUZ, M. B (org.). **Teorias sociológicas: os fundadores e os clássicos (antologias de textos)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)**. Leituras de Economia Política, Campinas, n. 13, p. 125-155, jan./jul. 2008. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L13/MALAIA_6_13.pdf Acesso em 29 out. 2020.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2010.

SILVA, José Cláudio Sooma. **Teatros da modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920**. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira da. **Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos**. Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana, Curitiba, v.11, e 10180179, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-33692019000100263&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 set. 2020.

SOARES, Antônio Jorge. **O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 1920: uma história de identidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 119-29, jan.-jun. 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/137764>. Acesso em 18 set. 2020.

FONTES

A CLASSIFICAÇÃO Final depois do retorno do Campeonato de Basketball. **Diário de Notícias**, 21 dez. 1938, p. 15.

AFINAL, vence a Força de Vontade. **O Radical**, 20 jul. 1938, p. 6.

A FORMAÇÃO da Liga Carioca de Basketball. **Jornal dos Sports**, 15 fev. 1933, p. 1.

A GRANDE festa sportiva de domingo no campo do S. Christovam. **Jornal do Brasil**. 10 jan. 1915a, p. 15.

A LIGA Suburbana de Basketball já é uma realidade. **O Radical**, 4 nov. 1937, p. 7.

A PALPITANTE Questão do Momento. **O Imparcial**. 14 de marc. 1924, p. 11.

APEZAR dos pesares. **Jornal dos Sports**, 2 fev. 1935, p. 5.

A SESSÃO cinematographica do Tricolor. **Jornal do Brasil**, 21 out. 1920, p. 11.

AS RESOLUÇÕES da Assembleia da Liga. **Jornal do Brasil**, 24 set. 1919, p. 11.

ASSOCIAÇÃO Metropolitana de Esportes Athleticos. **Jornal do Brasil**, 23 mai. 1925, p. 20.

ASSOCIAÇÃO Metropolitana de Esportes Athléticos. **O Imparcial**. 01 de março de 1926, p. 11.

A ULTIMA Rodada do Campeonato da 2 divisão da AMEA. **Jornal dos Sports**, 4 dez. 1931, p. 1.

BASKETBALL. **Correio da Manhã**, 4 fev. 1934, p. 10.

BASKETBALL. **Correio da Manhã**, 12 mai. 1929, p. 11.

BASKETBALL. **Correio da Manhã**. 12 jun. 1930, p. 08.

- BASKETBALL. **Diário Carioca**, 2 dez. 1932, p. 7.
- BASKET-BALL. **Gazeta de Notícias**, 28 dez. 1915, p. 5.
- BASKET-BALL. **Jornal do Brasil**, 30 mar. 1914, p. 1.
- BASKET-BALL. **Jornal do Brasil**, 10 out. 1924, p. 21.
- BASKET-BALL. **Jornal do Commercio**, 25 jul. 1918, p. 6.
- BASKETBALL. **Jornal do Commercio**, 27 jul. 1928, p. 7.
- BASKET-BALL. **Jornal do Commercio**, 28 set. 1919, p. 5.
- BASKETBALL. **Jornal dos Sports**, 11 ago. 1933, p. 10.
- BASKETBALL. **Jornal dos Sports**, 13 jan. 1934, p. 2.
- BASKET-BALL. **O Imparcial**, 25 set. 1919, p. 19. BASKET. **Correio da Manhã**, 16 mai. 1936, p. 12.
- BASKET. **Jornal do Commercio**, 21 ago. 1921, p. 6.
- BOA DEMONSTRAÇÃO. **Jornal dos Sports**, 4 de set. 1934, p. 02.
- CAMPEONATO de basketball do Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, 28 jan. 1915b, p. 12.
- COM O SPORT Club Mackenzie. **A Nação**. 21 de mai. 1933, p. 23.
- CRITICAS e Sugestões: o progresso do Basketball. **Jornal dos Sports**, 13 jun. 1931, p. 2.
- DIÁRIO Oficial da União, 31 mar. 1925, p. 70.
- DIÁRIO Oficial da União, 9 out. 1935, p. 52.
- ESTATUTOS da AMEA. **O Imparcial**. 29 de mar. 1924, p. 10.
- FESTAS. **Gazeta de notícias**, 28 nov. 1911, p. 5.
- FOI empossada a nova diretoria do Sport Club Mackenzie. **Gazeta de Notícias**, 14 fev. 1936, p. 11.
- FOOTBALL. **A Noite**, 24 fev. 1932, p. 11.
- FOOTBALL. **Correio da Manhã**, 3 fev. 1931, p. 10.
- FOOTBALL. **O Imparcial**, 15 mar. 1924, p. 11.
- FUNDADA desde hontem a Liga Carioca de Basketball. **Jornal dos Sports**, 11 mai. 1933, p. 3.
- FUTEBOL. **Jornal do Comércio**. 12 dez. 1916, p. 6.
- GAZETA de Notícias, 28 abr. 1885, p. 3.
- GAZETA de Notícias, 21 nov. 1884, p. 4.
- INAUGURAÇÃO da nova quadra do S. C. Mackenzie. **Jornal dos Sports**, 10 jan. 1939, p. 3.
- JARDIM Zoológico. **O Paiz**, 5 jun. 1914, p. 16.
- LAWN-TENNIS. **O Imparcial**. 10 jun. 1916, p. 9.
- LIGA Carioca de Basketball. **A Manhã**, 15 mai. 1935, p. 0.
- LIGA Carioca de Basketball. **Jornal do Brasil**, 10 de ago. 1934, p. 24.
- LIGA Metropolitana de Sports Athleticos. **Jornal do Brasil**, 15 set. 1926, p. 10.

- MACKENZISTAS. **Jornal dos Sports**, 12 mar. 1938, p. 3.
- MELHORAMENTOS suburbanos. **Revista Suburbana**, 6 jul. 1918, p. 18.
- MOVIMENTO Desportivo dos Clubs Suburbanos. **O Jornal**, 15 dez. 1929, p. 10.
- NA FEDERAÇÃO A. Suburbana. 16 abr. 1939, p. 15.
- NA LIGA Carioca de Basketball. **Gazeta de Notícias**, 12 nov. 1937, p. 9.
- NO MACKENZIE. **Jornal dos Sports**. 22 de mar. 1939, p. 04.
- NO MACKENZIE. **Jornal dos Sports**, 9 out. 1940, p. 3.
- NO SPORT Club Mackenzie. **Jornal dos Sports**, 9 ago. 1939, p. 3.
- NOTAS oficiais da AMEA. **Jornal do Brasil**, 20 mai. 1925, p. 19.
- NOVO uniforme do S. C. Mackenzie. **A Nação**, 14 mai. 1933, p. 22.
- NUMEROSAS Designações no Ministério da Fazenda. **Correio da Manhã**. 09 de jul. 1930, p. 08.
- O ANIVERSÁRIO do vitorioso Sport Club Mackenzie. **Diário de Notícias**, 15 mar. 1931, p. 10.
- O ANIVERSÁRIO do Sport Club Mackenzie. **Jornal dos Sports**, 16 mar. 1939, p. 4.
- O CERTAME da L.C.B. será disputado em três grupos. **Jornal dos Sports**, 29 abr. 1938, p. 3.
- O GRANDE macht Internacional hoje. **Jornal do Brasil**, 6 jan. 1929, p. 14.
- O INÍCIO Sensacional das atividades da Federação Atletica Suburbana. **A Noite**. 22 de abril 1939, p. 7.
- O MACKENZIE ao seu cestinha. **Jornal dos Sports**, 4 jan. 1939, p. 3.
- O MACKENZIE festeja o 27o aniversário de sua fundação. **Diário Carioca**, 14 mar. 1941, p. 9.
- O RINK do S. Club Mackenzie. **Jornal dos Sports**, 10 out. 1933, p. 2.
- OS ASSOCIADOS do Centro União dos Empregados da Central do Brasil (...). **Correio da Manhã**. 27 de fev. 1921, p. 04.
- O S. C. MACKENZIE, em seus vinte annos de existência obras meritoriais. **O Jornal**, 31 mar. 1934, p. 8.
- O S. C. MACKENZIE reintegrado em seus direitos na L. C. B. **Jornal dos Sports**, 22 abr. 1938, p. 3.
- O SPORT Club Mackenzie chama seus amadores de Basketball. **Diário da Noite**. 18 de julho de 1930, p. 06.
- O TORNEIO de perdedores e o Campeonato da 2 divisão. **Jornal dos Sports**, 30 jan. 1935, p. 2.
- POR 5:000\$000! **O Radical**, 30 dez. 1936, p. 7.
- PORQUE o Mackenzie abandonou o torneio da segunda divisão. **Correio da Manhã**, 14 ago. 1932, p. 19.
- PRO-RINK. **Jornal dos Sports**, 18 jan. 1936, p. 2.
- QUADRO Demonstrativo dos resultados do campeonato carioca de basket de 1935. **Jornal dos Sports**, 1 mar. 1936, p. 2.
- RIACHUELO Foot-ball Club. **Jornal do Brasil**. 21 de out. 1905, p. 5.
- SPORT Club Mackenzie. **Gazeta de Notícias**, 11 jul. 1925, p. 6.

- SPORT Club Mackenzie tem nova directoria. **O Jornal**, 16 jan. 1931, p. 13.
- TODOS os Sports. **Jornal do Commercio**, 11 nov. 1939, p. 10.
- TORNEIO De Basket do Sport Club Mackenzie. **Jornal dos Sports**. 18 de set. 1940, p. 03.
- TORNEIO Initium de Basketball. **Jornal do Brasil**, 22 mai. 1923, p. 15.
- ULTIMAS Suburbanas. **O Imparcial**, 13 mar. 1941, p. 15.
- UMA NOVA Mensalidade no Mackenzie. **O Radical**, 30 dez. 1939, p. 7.
- VIDA suburbana. Méier. **Revista da Semana**, 31 jan. 1909, p. 9.
- VISANDO o progresso do basket nos subúrbios. **Jornal dos Sports**, 3 dez. 1933, p. 2.

MEMÓRIAS DE “DOIS CAPOEIRAS
AOS PÉS DO BERIMBAU”:
OCUPANDO ESPAÇOS E SUPERANDO
OS DESAFIOS EM VITÓRIA DA
CONQUISTA-BA (1980-2017)

JONATAN DOS SANTOS SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
jonatandon@gmail.com

MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ
Universidade do Estado da Bahia
mmscruz@uneb.br

ISABELE PIRES SANTOS SOLER
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
beuca.isa@gmail.com

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
fefmarta@gmail.com

RESUMO

A história oral é discutida neste estudo como parte da perspectiva dialógica com as fontes orais, eixo para a constituição de questões vinculadas à memória. A existência de tensões ocasionadas pelos conflitos ao longo do processo de disseminação da capoeira em Vitória da Conquista-BA mostrou-se, como reflexo, nas lutas enfrentadas atualmente pelos Mestres Acordeon e Pantera, apontados na cidade como os principais disseminadores da capoeira nas décadas de 1980 a 2017. A memória desses conflitos possibilitou investigar o processo de disseminação da capoeira na cidade até os anos 2000. Para tanto, utilizamos como referencial teórico-metodológico os escritos de Portelli (1997) e Meihy (2010). Os resultados mostraram dificuldades relacionadas à busca de empregabilidade e sustentabilidade; desmoralização; resistência ao preconceito racial; enfrentamentos políticos; disputas de memórias; ocupação de espaço e autonomia.

Palavras-chave: Memória; Capoeira; Tensões; Conflitos; Vitória da Conquista-BA.

Recebido em 10 de novembro de 2020.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2021.

MEMORIES OF “DOIS CAPOEIRAS
AOS PÉS DO BERIMBAU”: OCCUPYING
SPACES AND OVERCOMING THE
CHALLENGES IN VITÓRIA DA
CONQUISTA-BA (1980-2017)

JONATAN DOS SANTOS SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
jonatandon@gmail.com

MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ
Universidade do Estado da Bahia
mmscruz@uneb.br

ISABELE PIRES SANTOS SOLER
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
beuca.isa@gmail.com

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
fefmarta@gmail.com

ABSTRACT

Oral history is discussed in this study as part of the dialogical perspective with oral sources, an axis for the constitution of issues linked to memory. The existence of tensions caused by conflicts throughout the disseminated process of capoeira in Vitória da Conquista-BA was reflected in struggles currently faced by the Mestres Acordeon and Pantera, considered in the city as the highest exponent in capoeira in the 80s and 2017s. The memory of these conflicts made it possible to investigate the process of dissemination of capoeira in the city until the 2000s. For that reason, we used as a theoretical-methodological framework the writings of Portelli (1997) and Meihy (2010). The results showed difficulties related to the look for employability and sustainability; demoralization; resistance toward racial prejudice; political confrontations; issues of memory; occupation of space and autonomy.

Keywords: Memory; Capoeira; Tensions; Conflicts; Vitória da Conquista-BA.

INTRODUÇÃO: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quando iniciamos este estudo sobre os conflitos e tensões envolvendo a presença da capoeira no processo de urbanização na cidade de Vitória da Conquista, não tínhamos dimensão de que as fontes orais insistiam em trazer eventos ligados à história de seus grupos em suas vivências na cidade. O diálogo feito com os Mestres abriu possibilidades de lançar perguntas que emergiram da necessidade daquele contexto.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar as tensões e disputas geradas durante o processo de disseminação da capoeira em Vitória da Conquista-BA, buscando analisar os relatos dos Mestres de Capoeira da cidade, que foram apontados como os principais disseminadores desta prática corporal nesse local, delimitando uma baliza cronológica, traçada desde a década de 1980 até os anos 2000, período segmentado pela memória dos próprios Mestres entrevistados. Entende-se que a lembrança dos conflitos estaria guardada (silenciada) na memória desses indivíduos que contribuíram nesse processo.

Para isso, utilizou-se a História Oral como método que contribuiu para a compreensão, recriação e aprendizado crítico do presente, o que possibilita conhecer as dificuldades enfrentadas e a História Oral de vida, conforme o referencial teórico-metodológico pautado nas produções de Maurice Halbwachs (2006), Alessandro Portelli (1997) e José Carlos Meihy (2010). Os dados da pesquisa foram revelados a partir de entrevistas e coleta de relatos orais, seguindo o método qualitativo, tendo os Mestres de Capoeira da cidade como protagonistas na realização desta pesquisa, são eles: Antonio Santos Ferreira Filho (o Mestre Acordeon) e Gomar Santos Novais (o Mestre Pantera).

Nesse sentido, foi eleito como lócus deste trabalho a cidade de Vitória da Conquista, localizada no interior da Bahia, “palco de uma dinâmica urbana repleta de contradições e conflitos” (FERRAZ, 2001, p. 21). Ferraz (2001) afirma que o fato de se situar em um “entroncamento rodoviário”, devido à presença da BR 116, “que faz a ligação Norte-Sul do País”, influenciou o desenvolvimento econômico da cidade, que assumiu um papel fundamental enquanto ponto de articulação entre a região Nordeste e o Centro-Sul do País, além de ser a terceira maior cidade da Bahia, com desenvolvimento intensificado “a partir da década de 1940 (...) passando a expandir a sua malha urbana num processo crescente” (FERRAZ, 2001, p. 22).

MEMÓRIA, CORPO/CAPOEIRA E HISTÓRIA ORAL

A memória é um fenômeno multimodal que possibilitou tratar a capoeira como fio condutor desta pesquisa. Utilizamos a História Oral para compreender as tensões e disputas durante o processo de disseminação da capoeira na cidade com base nos relatos orais dos Mestres que iniciaram suas trajetórias de disseminação dessa arte, a partir da década de 1980, seguindo os apontamentos de Portelli (1997). Esse autor se refere aos relatos orais como documentos do presente sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador, um presente compartilhado:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamen-

te pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16).

Para Caldas (1999), a História Oral é reconhecida por vários pesquisadores como metodologia que contribui para compreensão, recriação e aprendizado crítico do presente, que vai possibilitar que os diálogos sejam reconstruídos. Segundo Aróstegui (2006), os pesquisadores dessa área afirmam que a temática trazida por ela adentra a realidade social, alcançando os grupos marginais ou em vias de desaparecimento, discriminados, submetidos, analfabetos etc., o que permite visualizar a história por um ângulo pouco visto pelos historiadores. Meihy (2002) nos alerta sobre a confusão existente no uso dos termos: memória grupal, coletiva e social e até da própria história. Para ele, a memória é um suporte para as narrativas da história oral, mas não a história em si.

A capoeira, como objeto de estudo desta pesquisa, ofereceu oportunidades de criar diálogos entre os estudos de Meihy (2010) e outras fontes, bem como de manter o diálogo com a documentação encontrada a partir dos relatos dos entrevistados. Dessa forma, as fontes documentais vão relativizar o peso dado aos relatos (*ibid.*). As entrevistas, para Meihy (2010), devem ser a base de efetivação dos resultados para serem garantidas como método. Por isso, ele define História Oral como sendo um recurso usado para elaborar documentos, arquivamentos e estudos relacionados a experiências sociais, pessoais e grupais. É uma prática de apreensão de narrativas feitas por meios eletrônicos, destinada a recolher testemunhos e a promover análises de processos sociais do presente. Ela é precedida por procedimentos definidos em um projeto (MEIHY, 2010, p. 14).

A História Oral, neste trabalho, lança o olhar sobre os Mestres como sujeitos ativos no processo de construção da memória em torno deles. Consideram-se os aspectos ligados às diferentes classes, papéis exercidos e espaços sociais como uma metodologia interessante por levar em consideração os problemas levantados, para que a história ganhe uma nova dimensão. Embora essa área em questão, vista enquanto método, ainda mantenha tabus em relação a sua relevância e fidedignidade entre outros pesquisadores, estamos levando em consideração que, assim como os documentos construídos a partir de novas fontes e de relatos orais são passíveis de questionamentos, podemos também indagar sobre a fidedignidade de documentos oficiais credibilizados pelas fontes oficiais, por serem passíveis de dúvidas.

As narrativas dos Mestres foram coletadas a partir dos apontamentos do referencial específico dos estudos da memória, presentes no trabalho de Portelli (1997). Estabelecemos as condições visando priorizar o que os Mestres desejavam falar, ao invés de valorizarmos o que propomos pesquisar previamente. Esse procedimento favoreceu a construção das memórias em um contexto partilhado por todos os envolvidos nesse processo de disseminação.

De acordo com Tavares (2012), Capoeira é uma construção realizada a partir das matrizes civilizatórias africanas, que tem a Roda como elemento que se transforma em

espaço da vida cotidiana, materializada pela organização condensada do mundo específico da comunidade, das energias cósmicas canalizadas pela rítmica do berimbau e pelos corpos em movimento, gerando e fazendo girar o *axé* – força vital. Essa força é o sustentáculo das relações sociais existentes na Roda de Capoeira que, no seu giro, transcende o lugar físico e busca energias na ancestralidade para recarregar o corpo e preparar os participantes para a vivência na sociedade.

Para Oliveira (2006), essa retroalimentação energética é característica filosófica da cosmovisão afro-brasileira: o tempo dos ancestrais é o tempo passado e o tempo de agora. A Roda nos remete a elementos fundamentados nas bases africanas, ao permitir que o jogo aconteça, assim como a brincadeira, o canto, a dança, o toque e a luta, sendo construída no processo civilizatório dos povos negros em território denominado Brasil.

A definição de capoeira como luta, assim referenciada aqui, corrobora os entendimentos dos Mestres que deram vozes a essa dissertação e também parte da definição sobre essa prática enquanto “jogo atlético, dança e luta, brincadeira e combate, mandingueira e objetiva, malandra e vadia (...) sendo a resistência de um povo integrado à massa, é cultura, é raça, enfim é o fenômeno inacabado” (SILVA, 2003, p. 35). Historicamente, o objeto de nosso estudo é marcado pelas tensões geradas a partir de conflitos e disputas existentes na sociedade. Isso porque ela sofreu constantes alterações, pois, conforme afirma Reis (1994), consideramos o corpo como uma construção social, além de contemplar a busca incessante pela reivindicação e ampliação da participação política na sociedade brasileira.

Esse jogo é chamado por Sodré (1983) de *jogo da sedução*, cujos movimentos incessantes – cadenciados e sutis, com sua mandinga¹ – vão estruturando a estratégia de envolver o oponente sem que ele perceba, seduzindo-o para o golpe final. Um jogo de destreza e malícia em que se finge lutar, e finge-se tão bem que o conceito de verdade da luta se dissolve aos olhos do espectador e do adversário desavisado (SODRÉ, 1983).

Essa dualidade característica da capoeira luta/dança fundamentou a resistência dos povos negros em terras brasileiras, simbolizando uma estratégia cultural, um jogo de resistência estruturado na roda, que se deu a partir do processo de esportivização das práticas corporais empregadas na ideia de “civilização”, no intuito de manter o controle e as regras da vida social durante as vivências práticas (ELIAS; DUNNING, 1995). Isso contrapõe o discurso de que a esportivização não descaracteriza a Capoeira em sua essência e tradicionalidade, como afirmam os estudos de Alves e Montagner (2008) sobre os pontos positivos e negativos desse processo.

Com vista no fenômeno descrito por Cid (2018), a respeito da dualidade entre os termos “esportivização” e “culturalização” da capoeira, existe uma tensão contínua entre ambos, devido a essa arte ter sofrido o processo de criminalização à sua aceitação social, ao passo que seu processo de descriminalização se vinculou à ideia de uma prática folclórica, demarcada tipicamente como prática “genuinamente brasileira”.

Analisando e compreendendo tal arte como organismo civilizatório de povos negros a partir da diáspora forçada no Brasil, percebe-se toda uma construção fundamentada em princípios de legado africano, como a circularidade – elemento estruturante das sociedades africanas no Brasil, inter-relacionando a cultura à história com as pessoas e às estruturas de contextos sociais. Nesse processo diaspórico, o que vem para o Brasil são os valores e

¹ Pode ser traduzido como “encanto” e “malícia”.

princípios negro-africanos (OLIVEIRA, 2006), pois todos os contextos se organizam em círculos e neles vão se construindo o saber e o fazer, envolvendo a relação do ser humano com o mundo, com a terra, com a ancestralidade e com a espiritualidade (RUFINO, 2013).

O MESTRES ACORDEON E AS VIVÊNCIAS CONFLITUOSAS DURANTES A DISSEMINAÇÃO

As recordações individuais² nos dão pistas para entendermos os caminhos da disseminação da capoeira, em Vitória da Conquista-BA, no período da década de 80 e 90, e como essas experiências vivenciadas pelos Mestres de Capoeira da cidade foram importantes para manter essas memórias coletivas, como diria Halbwachs (2006). A memória do Mestre Acordeon carrega marcas de superação de momentos difíceis da vida; ao mesmo tempo em que reconhece seu legado de Mestre, reporta também a memória de quando presenciou, pela primeira vez, a capoeira nesse contexto, o que revela uma cidade com características distintas de uma realidade semelhante a uma cidade urbanizada.

Embora a década de 1970 já apresentasse locais característicos de uma cidade urbanizada, é possível perceber que o cotidiano das pessoas mantém características típicas de uma localidade rural. O relato do Mestre Acordeon chama atenção para o vaqueiro que praticava esse esporte. Ainda sobre a infância, ele relata, com muita emoção, memórias que marcaram sua passagem pela escola, destacando situações precárias desde a falta de material escolar até a infraestrutura, conforme pode ser observado a seguir:

[...] Na escola realmente eu fiquei numa situação assim muito triste porque eu queria ter acesso a uma escola que me desse alguma condição digna de respeito e quando eu ia para escola às vezes era pedido para sentar no chão, não tinha... (momento de choro e emoção) ... Aí mexe... às vezes em algum momento minha Vó falava para meu avô a importância de um estudo, em alguns momentos me incentivava, vinha saber o que eu estava passando e eu apanhava né, às vezes eu era tratado de uma forma dura... Eu não tinha cadernos bons, livros bons, lápis... Às vezes eu tinha que pegar emprestado com os colegas na sala, aí é visto hoje como “bullying”, como preconceito, mas eu sofri muita coisa dentro da escola (muito emocionado) que isso acabou levando a desistir (momento de silêncio) (informação verbal).

Essa memória nos ajuda a refletir o quanto a educação se mostrava excludente no período vivenciado por ele. Além disso, se relacionar ao preconceito está vinculado à desmoralização que sofria perante os demais colegas da escola que, na maioria das vezes, passava despercebida pelos educadores, aumentando nele, ainda mais, o desejo de não estar naquele lugar e continuar lutando, através dos trabalhos informais, como forma de ajudar nas despesas de sua família. Como ele relata a seguir, não havia oportunidades de empregos acessíveis que pudessem ajudar o trabalhador a ascender socialmente, principalmente por se tratar de um praticante de capoeira.

² É importante frisar, neste momento, que a discussão sobre recordação apresentada neste estudo trata-se da memória individual dos Mestres entrevistados, entendendo que a memória individual é o ponto de vista da memória coletiva, de acordo com Halbwachs (2006).

O Mestre Acordeon traz relatos do processo de disseminação dessa prática cultural em Vitória da Conquista, em vários locais diferenciados, a partir da sua vivência com o Mestre Zoião³:

[...] Falar da Capoeira dentro da nossa comunidade de Vitória da Conquista e ainda rodou os bairros, e aí teve o próprio local do Parque de Exposição, ele teve no próprio CSU⁴, Ginásio de Esportes, teve no “alto das Pedrinhas”, foi para o bairro Aparecida, Guarani... Não tinha tanto salões que nós temos hoje, quadras... Então quando ele montou no Edvaldo Flores, como ficou muito distante para muitas crianças, ele trouxe a proposta para o prefeito Hélio Ribeiro^{5,6}.

Assim, para ele, esse processo de disseminação foi possível devido à aproximação do Mestre Zoião com o prefeito responsável pela gestão da cidade, no início da década de 1980. O então prefeito, Hélio Ribeiro, reconhecia que a cidade tinha “*uma carência nesse desenvolvimento prático e humano da arte da Capoeira*”⁷. Com isso, o Mestre Zoião “levou o prefeito, e houve uma discussão saudável e com certeza ganhamos instrumentalização, roupas e todo atendimento”⁸.

De acordo com o Mestre Acordeon, após a passagem do Mestre Zoião pela cidade, nos anos de 1960, durante suas viagens por várias cidades no País rumo ao Sudeste, decidiu retornar a Vitória da Conquista-BA, no início dos anos de 1980, fundando uma escola de capoeira, após ter se apresentado por todo o estado da Bahia, permanecendo definitivamente na cidade, desde 1988 até falecer nos anos 2000.

No Livro *Arte da Capoeira: História e Filosofia*, de autoria do Mestre Zoião, consta que depois de ter retornado a Salvador-BA e ter encontrado incentivo de sua família para dar continuidade aos trabalhos do Mestre Bimba, o Mestre Zoião decidiu passar uma temporada na cidade de Vitória da Conquista para desenvolver um trabalho na área de caprinocultura na região e também de capoeira. Dessa forma, dedicou-se a “ministrar aulas e divulgar a Capoeira Regional” que, de acordo com Izaltino Souza Couto, filho do Mestre Zoião e autor do prefácio da obra supracitada, “era totalmente desconhecida naquela cidade, pois o município de Vitória da Conquista faz divisa com Minas, e os costumes são mais mineiros” (COUTO, 1999, p. 8-9)⁹.

Segundo o Mestre Acordeon, o Mestre Zoião era jornalista, o que facilitava fazer registros fotográficos do período histórico vivido por eles, e lamenta não ter registros da presença dos

3 Adyrolvã Anunciação Couto, nascido na cidade de Jequié-BA. É conhecido no mundo da Capoeira por ter sido aluno do Mestre Bimba, no início da década de 60, que seguiu a orientação de seu Mestre, transmitida a ele por meio de uma comunicação sobrenatural, após sua morte, quando se encontrava “em estado de sonolência”, busca “integrar”, ou “unificar as artes da capoeira Angola e Regional”. (COUTO, 1999, p. 10)

4 Centro Social Urbano-CSU.

5 José Fernandes Pedral Sampaio e Hélio Ribeiro foram diplomados, respectivamente, prefeito e vice-prefeito no dia 16 de dezembro de 1982. O vice-prefeito Hélio Ribeiro, ao assumir a prefeitura em toda ausência do titular, sempre apresentava muita autonomia. Durante os quatro meses de afastamento de Pedral da Prefeitura de Conquista, a chefia do executivo municipal foi entregue ao vice. Com a ida do prefeito José Pedral Sampaio para a Secretaria Municipal dos Transportes, assumiu definitivamente a prefeitura o vice-prefeito Hélio Ribeiro, a solenidade ocorreu no dia 12 de março de 1987, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SOUZA, 2010).

6 Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, o mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017.

7 Idem.

8 Idem.

9 Sobre este contraponto, é importante ressaltar que as memórias dos Mestres apresentadas até aqui apontam indícios de que alguns conhecimentos sobre a Capoeira Regional do Mestre Bimba estiveram presentes na cidade antes da vinda e estabelecimento do Mestre Zoião na cidade.

outros Mestres na cidade, embora tivesse vivido na mesma cidade e não os tenha encontrado em épocas mais remotas. Assim, ele acredita que a presença dessa expressão cultural na cidade realmente se deu bem antes da presença do Mestre Manuel Sarará, corroborando os relatos da trajetória de vida do Mestre Donizete¹⁰, ao trazer incógnitas a respeito da presença de capoeiristas na fazenda Bem Querere, nos seus relatos do período da infância, ao observar o vaqueiro jogando capoeira.

Por outro lado, apesar de presenciarmos episódios diferentes em um mesmo momento, Portelli (1997) afirma que “[...] embora não possamos estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância [...]” (PORTELLI, 1997, p. 29). Assim, esses aspectos são significativos se considerarmos que eles se mostram bastante presentes durante as narrativas e na própria identificação e caracterização desses Mestres, considerados como os principais disseminadores da prática da capoeira na cidade.

O Mestre Zoião foi recebido em Vitória da Conquista-BA, no início dos anos 1980, onde conseguiu adentrar em espaços e em locais como professor de Capoeira, aos quais, antes, nenhum outro capoeirista teve acesso, como o antigo colégio Edvaldo Flores, onde passou a ministrar as aulas de capoeira (COUTO, 1999). Segundo o Mestre Acordeon, isso facilitou tanto a entrada de vários alunos integrantes da classe média quanto a sua aproximação com vários outros representantes políticos, militares e outras instâncias sociais, como afirma Couto (1999):

Além de outras grandes personalidades do Estado, a exemplo do general e ex-governador Juracy Magalhães, ex-governador Dr. Régis Pacheco, do deputado e ex-prefeito Dr. Raul Ferraz, prefeito Dr. Orlando Leite, ex-prefeito Dr. Fernando Spínola, Renato Vaz Rebouças, ex-prefeito membro da Academia de Letras de Vitória da Conquista, Dr. Nilton Gonçalves, Dr. Isaías Viana de Andrade, cirurgião dentista, especializado em ortodontia e um grande poeta. Hélio Ribeiro Santos, natural de Jequié-BA, ex-funcionário do Banco do Brasil, Cursulista, membro do Rotary Clube, presidente de várias agremiações de Vitória da Conquista-Ba. (...) (COUTO, 1999, p. 9).

Assim como aconteceu em Salvador, a presença da terminologia “Desportiva” na nomenclatura de grupos se apresenta em associações de capoeira em Vitória da Conquista, com incentivo do Mestre Zoião. Essa nomenclatura utilizada durante esse período em Vitória da Conquista contribuiria para que a sociedade tivesse o mesmo olhar que se tinha para o esporte, pois na ótica social o rótulo de prática esportiva distanciava os praticantes de capoeira das tensões relacionadas ao preconceito étnico-racial e das desigualdades sociais vigentes. Ademais, essa expressão cultural era associada ao lugar que pertencia no século XIX, no Código Penal brasileiro.

[...] Ele fazia questão que você tivesse praticando o esporte, mas ele queria conhecer quem eram os responsáveis por sua pessoa, pai, mãe, avó, para ter todo esse entendimento, e falar a importância da Capoeira e como a Capoeira era, porque ali naquele período já existia o

10 De acordo com os relatos de história oral de vida do Mestre Donizete, constata-se que a capoeira foi vista pela primeira vez na cidade de Vitória da Conquista-Bahia apenas a partir das décadas de 1950 e 1960. Suas práticas eram decorrentes da dinâmica ocorrida nos “quintais” até ocupar os espaços da “rua”. Posteriormente, o final da década de 1960 foi marcado pela emergência desta prática corporal vista em um circo, como relatou o Mestre Sarará ao tratar da origem da capoeira nesta cidade. (SILVA; MARTA, 2019).

preconceito, o racismo, as diferenças e as desigualdades nos esportes, e as famílias negavam muito. Até pra gente fazer Capoeira era difícil. Meu caso mesmo, meu pai não dava muita importância, e até hoje ele respeita, mas não teve presente constantemente. Meu avô já não gostava. Ele deixava bem claro, que ele não tinha simpatia. Ele alegava atitude mesmo, a violência, o racismo. Ele achava que a Capoeira era coisa de vagabundo, de Malandro, de marginais, porque também ele assistia muitas coisas (...)¹¹

De acordo com Vieira e Assunção (2009), era preciso amenizar conflitos sociais entre os anos de 1970 e 1980 quando se tratava da capoeira, já que a ideia era convencer a opinião pública de que essa prática corporal não era “coisa de marginal”. Segundo esses autores, a capoeira ia ao encontro de toda uma corrente nacionalista que tinha como objetivo fazer dela não somente um esporte, mas a “luta brasileira”, expressão privilegiada da identidade nacional, como eles nos mostram:

No início dos anos 1970, os capoeiristas ainda tinham algo de exótico. A própria Capoeira era vista como uma manifestação cultural que buscava se afirmar como esporte, cujo lugar “natural” seriam as comunidades mais pobres e periféricas, de população predominantemente afrodescendente. Em instituições mais elitizadas, a Capoeira ainda causava estranheza e, de fato, muitas delas fechavam suas portas para essa prática. Era necessário, portanto, um grande esforço de “organização”, dando continuidade à trajetória iniciada pelos capoeiristas da primeira metade do século XX. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009, p. 10).

O relato do Mestre Acordeon e o pensamento dos autores citados nos ajudaram a refletir sobre a forma como a capoeira era vista nesse período pelas famílias conquistenses, pois ela era negada e associada, ao mesmo tempo, às práticas criminais que colocavam os indivíduos num patamar social excludente. Segundo o Mestre Acordeon, uma das contribuições que fizeram com que a capoeira fosse vista de forma menos preconceituosa perante o racismo predominante na cidade foi a implementação de aulas em vários espaços na cidade, levando a capoeira a ter maior visibilidade social, como é possível perceber em seu relato:

[...] Neste período, (anos 80) aqui já estava Mestre Zoião, Hélio Ribeiro aqui do outro lado tinha um grupo de pessoas do “Projeto Recriação”, fazendo o fortalecimento da Capoeira dentro das comunidades, e quando Zoião entra no AABB, na “Sauna Center”, no “Ginásio de Esportes”, no “CSU”, no “Tiro de Guerra”, no “Batalhão de Polícia”, no “Colégio Centro Integrado”, na “Escola Normal”, no “Edvaldo Flores”, e foi realizar um grande evento dentro do Centro de Cultura e outro dentro do “Clube Social” até chegar ao “Colégio Diocesano” e no “Colégio Padre Palmeiras”, foi com o intuito de fortalecer a Capoeira dentro da sociedade de Vitória da Conquista, levando para a sociedade de altas condições financeiras, quanto aquelas que moravam nas periferias, nas comunidades mais simples, que todos tinham direito e tem direito ao acesso da arte da Capoeira, mesmo ele lidando com algo que já é cuidadoso e que realmente ele tem uma forma de entrar pra conseguir dizer: não ao preconceito e ao racismo¹².

É possível compreender que a presença da capoeira em variados espaços na cidade também demandava discutir questões raciais na estrutura social. A luta antirracista tornou-se uma realidade na década de 1980 por meio da ocupação dos espaços na cidade para a prática da capoeira. De acordo com Almeida (2018), essa estrutura reproduz estratégias racistas no campo político, social e econômico, no intuito de discriminar pessoas ou grupos de forma

11 Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, O Mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017.

12 Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, O Mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017.

sistemática. Dessa maneira, a luta antirracista ainda tem causado enfrentamento no processo de disseminação da Capoeira na cidade, devido ao não desaparecimento do preconceito e discriminação para com os capoeiristas, conforme as falas do Mestre Acordeon relacionadas ao racismo e ao preconceito social.

O Mestre Acordeon fala sobre ações prioritárias apresentadas pelos capoeiras da cidade na construção do Plano de Ação da Igualdade Racial e ressalta que as demandas históricas da capoeira foram retiradas do plano. Essas políticas, de acordo com o Mestre, vêm sendo discutidas na cidade há dez anos e, atualmente, através do Conselho de Mestres de Capoeira da cidade, que reúne, além dos Mestres considerados os mais antigos da cidade (Mestre Manoel Sarará, Mestre Bell, Mestre Zelito), outros que compõem o novo quadro atual de mestria na cidade. Sendo assim, a finalidade desse Conselho, segundo o Mestre Acordeon, é “discutir com a gestão pública, com a Coordenação de Igualdade Racial, com a Educação e com representantes na Câmara de Vereadores para que fortaleça as ações da Capoeira na cidade, para dar mais retorno e apoio”¹³.

Mesmo cercada por tensões e conflitos no âmbito da falta de apoio à capoeira pelos governantes da cidade, entre outros, o Mestre Acordeon observa toda sua trajetória e luta para ser reconhecido e respeitado a partir de sua significância social, levando a capoeira e o nome da “Associação de Capoeira Viva Conquista”. Há a preocupação do Mestre Acordeon em dar continuidade ao processo de ampliação da prática em diferentes localidades, de modo que os professores e Mestres possam transmitir seu legado pela cidade, ainda que constituam outras formações de grupos compostos por outros nomes.

Nesse ponto, levantamos a reflexão sobre a estrutura identitária do Mestre Acordeon, trazendo um exemplo do processo de construção de um *enquadramento de memória*. A definição desse conceito surge a partir de um diálogo de Michael Pollak (1989) que delimita o enquadramento de memória como a ação de determinados grupos em defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum, definir seus pontos de referências e fortalecer o seu sentimento de pertencimento (POLLAK, 1989).

Percebemos que o processo de difusão das artes marciais na cidade, concomitantemente com o que aconteceu com a capoeira, fez com que, posteriormente, muitos capoeiristas as praticassem simultaneamente com outras lutas, ao passo que a Capoeira adquiriu outra notabilidade social, como diz o Mestre Acordeon:

[...] Hoje a gente vê o capoeirista fazendo Jiu-jitsu, fazendo judô, a gente vê o jiu-jitsu e o judô fazendo Capoeira, até chegar a nível de mundo, uma luta que tem a arte da Capoeira inclusa em seus grandes campeonatos, grandes torneios, grandes lutadores utilizando os conhecimentos e mecanismos da Capoeira. Usando a Capoeira como luta, como arte e como dança, como cultura. Então acho que a Capoeira fortaleceu vários eixos¹⁴.

Portanto, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, houve um crescimento acentuado em relação à participação das pessoas nas aulas de capoeira em Vitória da Conquista-BA, havendo “a inclusão da Capoeira na sociedade de Vitória da Conquista, e isso levou a um incentivo muito saudável, muito bacana, para os capoeiristas daquela época da prática”, como nos relata o Mestre Acordeon. Sobre esse assunto, Vieira e Assunção (2009) nos trazem pistas

13 Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, O Mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017.

14 Idem.

para ajudar a compreender aquilo que aconteceu em Vitória da Conquista-BA, ao tratar do mesmo fato na cidade de Salvador-BA. Os autores destacam que

A geração de capoeiristas que se formou a partir dos anos 1980 está, de fato, participando de uma transição fundamental na história dessa arte. Se os atuais praticantes se acostumaram a ouvir de seus mestres e professores histórias sobre perseguição, rodas interrompidas pela polícia e correrias nas praças e festas de largo, a realidade que passaram a viver é, regra geral, completamente diferente. A Capoeira tem-se inserido nas instituições e no contexto político mais amplo por muitas vias, alterando dramaticamente sua prática e seu significado. Este cenário acelerado de mudança traz novos desafios tanto para os capoeiristas quanto para o Estado e os produtores culturais. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009, p. 10).

Esses desafios citados pelos autores estão fortemente presentes nos discursos dos Mestres entrevistados, pois, ao comparar a capoeira atual de Vitória da Conquista com momentos de outrora, o Mestre Acordeon reconhece que a capoeira está sendo mais valorizada. Entretanto, é perceptível, em seu discurso, a prevalência das tensões e conflitos que possivelmente perduraram desde o período do coronelismo em Vitória da Conquista-BA nos anos de 1950. De acordo o Mestre Acordeon:

[...] hoje aqui na cidade de Vitória da Conquista ou mesmo região, eles encontram hoje uma Capoeira bem mais trabalhada, bem mais conscientizada, com mais respeito e mais valorização. Encontramos uma Capoeira em Vitória da Conquista com resistência de aceitação, com preconceito, vamos dizer assim, com perseguição de polícia e de outros seguimentos também, que ali o capoeirista não tinha o direito de ir e vir. E hoje o praticante de Capoeira em Vitória da Conquista tem o direito de se envolver com grandes encontros e batizados e eventos de Capoeira¹⁵.

Por fim, os relatos do Mestre Acordeon nos trouxeram possibilidades para perceber sua constante luta a favor dos direitos conquistados pelos capoeiristas na cidade, ao levarmos em consideração o processo de ocupação de seus espaços de apropriação, disseminação e prática. As memórias de sua trajetória de vida trouxeram marcas de lutas, tensões, disputas e conflitos estampados claramente em cada conquista feita por ele, eminentemente proporcionada através de sua escolha em ter dedicado sua vida em favor da permanência e continuidade da capoeira em Vitória da Conquista-BA.

O MESTRE PANTERA E OS CONFLITOS DURANTES AS TENTATIVAS DE ESPORTIVIZAÇÃO

Os relatos do Mestre Pantera trazem memórias da difusão da capoeira em locais não tradicionais (academias de prática de diversas atividades físicas), além de revelar os conflitos e tensões ocorridos nesse processo. O Mestre coloca em discussão os caminhos e suas adversidades na preservação da tradição dos fundamentos dessa expressão cultural; revela em seus relatos a tradição de legado africano preservado através de sua educação familiar, apontando sua casa como um dos espaços de perpetuação da capoeira, nesse caso, através de seu irmão:

[...] Neste quintal. Isso aqui era tudo aberto (aponta para o quintal). Essa casa não existia. Meu irmão que me ensinou a Capoeira. Eu comecei a fazer a Capoeira aqui. Aqui tinha um pé de abacate, um pé de banana. A gente acordava 5 horas da manhã, meu irmão me acor-

15 Entrevista concedida por Antonio Santos Ferreira Filho, O Mestre Acordeon, no dia 13 de julho de 2017

dava, eu e Nenzin e Derneval, que tá morando em São Paulo. Os outros não queriam. Zé Carlos - chamava "Padeiro" porque ele era padeiro. O Mestre dele se chamava Caranguejo. Comecei na Capoeira com 8 anos de idade. Comecei a aprender Capoeira neste quintal¹⁶.

As memórias do Mestre Pantera sobre sua infância nos trazem as consequências de uma estrutura sociocultural construída e modificada ao longo dos processos históricos (CORSARO, 2011). Entretanto, mesmo com o desenvolvimento econômico do município, sua família ainda estava inserida numa realidade que vivenciava o processo de exclusão social na cidade. Sendo assim, desde cedo, o Mestre Pantera adquire conhecimentos necessários para participar do mundo adulto, tendo a realidade da pobreza e a necessidade de trabalhar para dar continuidade aos treinamentos de capoeira. Atualmente, ele reside no Bairro Guarani, e "atravessava a cidade de ponto a ponto para ir até a academia de Manoel Sarará, no Bairro Alegria". Sem transporte público, o trajeto era feito a pé.

A desvalorização da capoeira e da figura do Mestre foi um dos assuntos tratados durante os relatos do Mestre Pantera, pois ele demonstrou que é impossível viver sem valorização financeira, dificuldades que se mostraram latentes nos relatos dos entrevistados. As possíveis causas dessa desvalorização estão apontadas para a sua origem: o processo de escravidão que os povos negros vivenciaram no Brasil e toda a ideologia forjada para justificar esse sistema; a criminalização dessa manifestação cultural desde 1890 até os anos de 1930/40; as verdades construídas em torno de sua descriminalização, sustentadas pelo discurso de símbolo de identidade brasileira, no período do Estado Novo.

O processo de criminalização da capoeira, de acordo com Silva e Marta (2016), concretizou a proibição da prática nas ruas e monitorava e perseguia os capoeiristas por meio de dispositivos disciplinares para criminalizar e punir. Dessa maneira, em 1890, logo após a abolição da escravatura, a capoeira foi considerada uma prática criminosa, enquadrada no Código Penal (CP) e demais Leis, Posturas e Decretos. O Art. 402 do CP de 1890, que trata "Dos Vadios e capoeiristas", proibia:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor de algum mal; Pena – de prisão celular de 2 a 6 meses. (REGO, 1968, p. 292).

Paralelo a isso, os estudos de Silva e Marta (2017) discutiram sobre as "verdades" no século XIX, pautados nas obras de Michael Foucault, que mantiveram a capoeira como uma prática criminalizada, sendo considerada uma doença moral proliferada na cidade. A estrutura social, vista a partir da lógica higienista europeia, propagava as práticas de ginástica como profilaxia para regenerar a "raça", nesse caso, os negros. Assim, tendo em vista que a sociedade buscava disciplinar esses corpos, esses autores consideram que o século XX abarca conflitos promovidos pelo ideal de civilização do comportamento social dos capoeiristas e, concomitantemente, a padronização de suas práticas corporais, ao ponto de esportivizá-las.

Costa (2013) explica que os exercícios físicos, no século XX, tiveram grandes influências da ginástica europeia, entre elas, a francesa, a alemã e a sueca. Emergem daí discursos que contribuíram para que Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, institucionalizasse a capoeira

¹⁶ Entrevista concedida por Gomar Santos Novais, o Mestre Pantera, no dia 19 de julho de 2017.

como “ginástica genuinamente brasileira”, sendo “um movimento que se valia da valorização e nacionalização da cultura” (COSTA, 2013, p. 46).

Essa desvalorização é explicada na obra dedicada à Capoeira Regional, de Hélio Campos (2009), ao dizer que

[...] os estudiosos, em sua maioria, são unânimes em atestar que a capoeira sofreu uma forte resistência durante toda a sua trajetória, advinda do processo brasileiro de escravidão e, sustentada pelo racismo e pelo preconceito, é entendida como uma atividade de negros, malandros, vadios, marginais e desocupados. (CAMPOS, 2013. p. 108).

Essa desvalorização tem levado os capoeiristas para outros países, em busca de melhores condições de vida, onde a essa manifestação cultural está ganhando novos adeptos e sendo difundida rapidamente em nível mundial. Essa valorização também tem garantido a sustentabilidade desses capoeiristas. Segundo Falcão (2005), nos últimos anos “consta-se a saída de um expressivo número de brasileiros para o exterior em busca de melhores condições de sobrevivência contribuindo, efetivamente, com o processo de expansão da Capoeira no mundo” (FALCÃO, 2005. p. 112). O processo de disseminação se configurou com a abertura de novos espaços, que fizeram com que a capoeira se inserisse em academias de ginástica, junto com diversas práticas corporais, como nos conta o Mestre Pantera:

[...] da Sauna Center eu passei dá aulas lá na Atlético Máster. Eu conheci Sérgio Magalhães que é o Diretor da FTC¹⁷. Se você conversar com ele... Pantera trabalhou contigo? Conheci Sérgio Magalhães na Sauna Center era um professor de Educação Física, tava começando a carreira. Ele era professor de Educação Física, fez o mestrado, doutorado dele. Ele mais três colegas abriram uma academia – a Atlético Máster e me convidou pra ser professor de Capoeira... Não tinha outro professor de Capoeira lá¹⁸.

São nesses espaços que a capoeira se depara com os desafios e enfrentamentos das tensões e conflitos colocados em questão, já que, de acordo com o Mestre Pantera, a discussão dos valores tradicionais da roda “entrou em conflito com a presença e influência da mídia”, especialmente, da programação televisiva de alcance nacional, revistas e no cinema, gerando, assim, uma maior visibilidade dessa expressão cultural.

Assim como aconteceu com outras práticas corporais, como as artes marciais orientais, a capoeira passou por um processo de massificação por influência do processo de mercadorização das práticas corporais, dos meios de comunicação de massa (cinema, televisão e revistas) e do processo de esportivização. Essa massificação das práticas corporais, como aconteceu com as artes marciais e outros tipos de atividade física, ginástica e esporte foi influenciada, segundo Marta (2004), pela divulgação em “matérias jornalísticas sobre os benefícios da atividade física, nas novelas difusoras de padrões de beleza estética, no jornalismo esportivo e nos filmes de ação patrocinados pela indústria de cinema norte-americana” (MARTA, 2004, p. 5).

Entretanto, o Mestre Pantera traz consigo tensões e conflitos gerados em torno dos fundamentos da tradição da capoeira a respeito das graduações mencionadas, já que não havia uma preocupação em “ganhar dinheiro”, e sim em seguir as etapas coniventes aos períodos preparatórios para culminância de seu evento realizado anualmente. Devido a isso, ele lembra que havia grupos de capoeira que aumentaram a frequência na realização desses eventos,

17 Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC.

18 Entrevista concedida por Gomar Santos Novais, o Mestre Pantera, no dia 19 de julho de 2017.

permitindo, assim, a diminuição do tempo de cumprimento desses estágios de formação.

Por um lado, isso possibilitou, de acordo com os Mestres entrevistados, que os alunos se aproximassem da capoeira e dos benefícios que ela proporciona mediante sua prática. Por outro lado, esse novo sistema de graduação alimentou a conjuntura do mercado, transformando-se em um símbolo que garantiu a ostentação do poder, sendo que “para passar de uma graduação para outra, o aluno deve pagar” certa quantia estabelecida pelo Mestre, como aparece nas análises dos estudos de Silva (2003):

[...] tudo isto é fruto de um modelo político que se apoia na hierarquia padronizada por diplomas e, na capoeira, por cordões ou cordéis, ou seja, parece que, em grande número, os capoeiristas treinam em prol de cordões mais elevados que lhes garantam um respeito que às vezes não foi conquistado, mas comprado, como se o cordão fosse tudo na capoeira. (SILVA, 2003, p. 132).

Esse discurso é reforçado ainda mais quando Vieira (1998) relata as críticas de alguns Mestres de Capoeira, os quais afirmam que os mestres que se apropriam dessas práticas “estão se vendendo”. Sobre esse fato, ele ainda diz:

Atualmente, a exemplo do que se faz nas lutas orientais, o capoeirista é submetido a um exame a cada mudança de corda e, para isso, paga uma taxa fixada por cada academia. Em alguns casos, os exames – geralmente de periodicidade semestral – acabam se transformando em significativa fonte de renda para os mestres de capoeira. (VIEIRA, 1998, p. 115).

A partir do que Vieira (1998) traz nesse fragmento, podemos perceber que cresce cada vez mais o número de grupos de capoeira que “gradua” os alunos em um curto intervalo de tempo. Desse modo, a causa que leva ao aumento desses grupos pode estar relacionada à representação de seu grupo em outros espaços que tenham esses eventos festivos de capoeira, assim como acontece nos eventos esportivos. Consequentemente, há um aumento, tanto da quantidade de alunos formados, quanto da de representantes de grupos de capoeira nas “competições” durante a realização desses eventos, através de exhibições de golpes, acrobacias e etc. Dessa maneira, ao estarem mergulhados nessa lógica de mercadorização, é possível que esses mestres não tenham acompanhado os elementos que compõem o universo do processo de aprendizado, trazido a partir da temporalidade contida nos princípios do reconhecimento da mestria, como nos mostra Abib (2004):

[...] diz uma cantiga de capoeira que ‘só o tempo te faz mestre’, e isso implica que o mestre de capoeira seja alguém que possua, além da capacidade e habilidade na prática do jogo, muita experiência de vida. O reconhecimento como *mestre*, se dá então naturalmente, por parte da comunidade da qual ele faz parte (...). O título de mestre só tem legitimidade, quando atribuído pelo grupo social ao qual representa, que, em última instância, é quem delega autoridade às suas lideranças. (ABIB, 2004, p. 135. Grifos do autor).

A capoeira, vista por essa ótica de mercadoria vai se perdendo no mundo da técnica, ao analisarmos que, nos dias de hoje, a formação de um Mestre de Capoeira se resume em apenas cumprir etapas durante uma suposta formação para alcançar o “mestrado”, mesmo possuindo pouca idade. Sobre isso, Vieira (1998) reforça:

atualmente, na maioria das escolas, o grau de mestre identifica simplesmente um nível de hierarquia dos cordéis de capoeira. As federações e a confederação de capoeira estabelecem critérios objetivos para a obtenção do título. Em algumas academias o capoeirista pode che-

gar a mestre em dois ou três anos, mesmo sem ter a experiência de ensinar a luta. (VIEIRA, 1998. p. 114).

Essa “antecipação” do tempo de aprendizagem, através da “formação” precoce do “capoeira”, resulta na negação das matrizes que geraram a capoeira e, ao mesmo tempo, na reafirmação do uso de métodos de ensino em que os “jovens” mestres ou professores acabam extrapolando ou cometendo atrocidades nas aulas de capoeira.

Para tanto, buscamos nas análises da dissertação de Marta (2004) as implicações do capitalismo na disseminação e difusão das artes marciais, em São Paulo, através da utilização dos argumentos da estética e da saúde. Segundo esse autor, esse processo de disseminação construiu um ideal de corpo e estética que se consolidou na “indústria do fitness”, transformando as artes marciais em produto de mercado, algo semelhante ao que aconteceu com a capoeira. Sendo assim, torna-se mais um produto a ser ofertado pelas academias aos clientes que, motivados pela estética do corpo, como explica Alves e Montagner (2008), buscaram na capoeira não a sua complexidade de gestos, ritos, história e musicalidade, mas sim um corpo trabalhado e bonito, propiciado pela exigência do treinamento (ALVES; MONTAGNER, 2008).

O processo de transformação da capoeira em mercado também foi estudado por Araújo (2008), resultando em sua dissertação intitulada “A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX”. De acordo com esse pesquisador, com o afastamento da capoeira dos locais abertos e públicos (praças, ruas) e das periferias, situando-se em ambientes fechados, se dá o início da relação de troca, motivada também pelas necessidades econômicas. Isso, por sua vez, está relacionado à discussão de Araújo (2008) sobre a visão social que se tinha sobre o praticante de capoeira, que antes era tido como “malandro” e passa a ser considerado “desportista”. Nessas circunstâncias, a capoeira se insere “na imensa coleção de mercadorias da sociedade capitalista e, como tal, passa a ter de se submeter aos interesses daqueles que viriam a consumi-la” (ARAÚJO, 2008, p. 36).

Percebe-se, conforme explica Batista (2014), a utilização das construções civilizatórias negras para a produção de imagens exóticas, carregadas de estereótipos para estruturar formas de atrativos turísticos do Estado, transformando os saberes dos povos negros em produtos a serem consumidos. Nesse sentido, a cultura local, centro das atenções, se torna um objeto altamente comercializável e explorável no mercado do turismo, tornando-se parte integrante da imagem pública da Bahia (BATISTA, 2014).

A tentativa de construir um trabalho de capoeira nas academias teve um período curto. Nesse período, o Mestre Pantera nos diz que ganhou dinheiro que lhe possibilitou a compra de uma casa, sendo uma remuneração mensal que recebia pelos seus serviços prestados nos espaços citados em seus relatos, o que deixou de acontecer nos anos seguintes. A remuneração fixa e periódica não acontece em espaços próprios.

Assim, o Mestre Acordeon vive de forma semelhante às condições financeiras do Mestre Pantera. Essa situação nos leva a comparar aquelas vividas por vários outros Mestres de Capoeira consagrados, como nos lembra Silva (2017), ao dizer que “apesar do fortalecimento político-econômico da Capoeira, que os mestres das primeiras academias empreenderam, nos deparamos com o fato de grandes nomes dessa prática terem morrido em situação financeira

precária” (SILVA, 2017. p. 68). Ainda conforme análises realizadas por Silva (2017), essa situação reflete a face mais perversa da relação entre o capitalismo e a classe trabalhadora. E mesmo a eminente “ascensão social e cultural da Capoeira baiana não favoreceu a conquista de direitos sociais básicos a inúmeros mestres” (SILVA, 2017, p. 69).

Depois de passar por diversas localidades durante seu processo de disseminação, além de enfrentar vários conflitos, seja pelo fato de ter dado aulas em troca de acesso a uma sala de aula para que pudesse “treinar” sua turma de capoeira em turnos opostos, falta de apoio financeiro, custeio mensal de aluguel e outras despesas fixas, o Mestre Pantera, hoje, tem ajuda e motivação dos seus alunos.

Portanto, à medida que essa prática foi se espalhando pela cidade, foi notável a necessidade de se formarem novos capoeiristas capacitados para assumirem os locais de práticas para o ensinamento de novos praticantes. Ou seja, no intuito de fazer “germinar” outros núcleos de práticas compostos por professores e contramestres advindos da mesma fonte de conhecimento, que, nesse caso, está referida na sede do Movimento Cultural Consciência Negra.

Por fim, temos a capoeira enquanto uma memória refletida através do marco guardado pelo Mestre Pantera. Os relatos orais apresentados por ele sobre as suas experiências adquiridas durante a sua trajetória de vida revelaram valores, interações sociais, escolhas profissionais, enfrentamentos relacionados aos conflitos e tensões trazidos a partir de suas dificuldades encontradas ao disseminar a capoeira em variados locais da cidade. Isso porque as memórias constituídas a partir de suas lutas continuam eminentes no grupo, conforme afirma Halbwachs (2006), já que seus relatos possibilitaram conceber as permanências nos traços de lembranças, logo se constituem como importantes mecanismos da memória. A memória do grupo, para ele, deve ser preservada, assim como afirma Halbwachs (2006), ao se tratar do espaço como gerador de uma memória coletiva que deve ser preservada, capaz de identificar um grupo social importante nesse processo de construção da própria identidade.

Essas possibilidades de práticas apontadas pelo Mestre Pantera se iniciam ainda em meio ao “quintal” de sua casa, estendendo-se até o “quintal” da casa do Mestre Sarará. Elas continuaram ferreamente desde a luta e resistência até chegar a outros “quintais” não habitados por capoeiristas da cidade. Assim, a capoeira “germinada” no “fundo do quintal” ganhou sua força e provocou o próprio sistema ao vê-la a partir de outro prisma, diferentemente da realidade que se apresentava na cidade de outrora.

Todavia, apesar desses novos “quintais” terem sido substituídos pelas academias e outros locais de práticas corporais, não podemos desconsiderar as dificuldades que levaram os Mestres de Capoeira a submeterem seus trabalhos aos donos desses recintos, pois a dedicação à capoeira fez com que o Mestre Pantera abdicasse de outras formas de trabalhos formais. Assim, ao buscar outra forma de ressignificar a memória da capoeira na cidade, ele marca sua presença e contribuição através dos eventos de nível nacional, os quais sempre proporcionaram a presença de grandes capoeiristas e Mestres de Capoeira renomados em todo o país desde o início dos anos de 1990.

A memória da capoeira em Vitória da Conquista-BA foi se modificando, mesmo com a permanência de disputas e conflitos de ordem identitária, hierárquica e também econômica. Portanto, foi possível identificar, a partir dos relatos do Mestre Pantera, o quanto a sua

contribuição durante o processo de difusão da Capoeira na cidade foi importante, a fim de resistir e manter viva sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a capoeira em Vitória da Conquista trouxeram a grande roda da cidade e os conflitos provocados pelas tensões e disputas durante o processo de disseminação. A partir disso, foi possível compreender: (i) a relação entre as memórias apresentadas pelos Mestres de Capoeira e as adversidades que os tencionaram através de disputas de cunho socioeconômico e étnico-racial; (ii) a superação advinda de suas trajetórias de vida desde a infância; as vivências conflituosas na escola excludente; (iii) a vida rural; a busca de empregabilidade e sustentabilidade; (iv) a desmoralização; (v) a resistência ao preconceito racial; (vi) os enfrentamentos políticos; (vii) as disputas de memórias; (viii) a ocupação de espaço e autonomia; (ix) as iniciativas que impulsionaram a disseminação da capoeira.

Por outro lado, as memórias reunidas em torno dos lugares frequentados por eles nos levaram a compreendê-los como protagonistas de um processo de lutas e resistências, que pouco foi valorizado pelo poder público e incompreendido pela sociedade da época. Esse fato impossibilitou que a capoeira tomasse maiores proporções em lugares em que deveria estar atualmente. Reconhecemos que essa prática se manteve em um jogo de “altos e baixos”, resistindo continuamente às próprias intencionalidades do mercado, da mídia e das indústrias de esporte.

Essas formas de disputas marcaram, também, a memória dessa arte na cidade através de alguns signos de legitimação da cultura negra nesse espaço, uma ação de legitimação da prática de si perante outras práticas dentro da cidade. Todos, em conjunto, são elementos que, a partir das entrevistas feitas com os Mestres, trouxeram indícios que ajudaram a pensar a memória múltipla da capoeira em Vitória da Conquista-BA durante a segunda metade do século XX, período de maior atuação desses indivíduos.

Foi perceptível nesta experiência o fato de a relação entre memória e história ser materializada durante as narrações. Isso só é possível se a entrevista se torna resultante do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo, o que faz emergir as vozes de narradores que vão se cruzando, alternando falas e lembranças, confirmando o mesmo testemunho a partir de pontos de vista diversos (PORTELLI, 2010, p. 10).

Portanto, este estudo contribuiu para outras pesquisas relacionadas ao processo de investigação sobre como as práticas corporais se espalharam por vários lugares do país e como isso impacta na sociedade atual, sobretudo na construção de memórias individuais e coletivas das populações negras. O preconceito histórico contra a prática da capoeira e a trajetória de luta dos Mestres para manterem-na viva até os dias de hoje são mazelas a serem superadas na luta antirracista.

A metodologia da História Oral foi renovadora nesta pesquisa visto que poucas pesquisas em história do esporte se aprofundam neste campo científico, dada a preferência pelos periódicos sistematizados a partir de outros métodos. As entrevistas com os Mestres coadunam-se com as temáticas recentes em torno dos conflitos recorrentes do processo exposto ao decorrer do trabalho. Conflitos esses que, mesmo silenciados historicamente,

ainda são, majoritariamente, protagonistas e sujeitos ativos no que se refere à memória esportiva enquanto legado científico e social perante futuras vozes que emergirão a partir dessas já existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 173. f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004. Disponível em: https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira_angola_cultura_popular_e_jogos_dos_saberes_na_roda.pdf. Acesso em: 20 dez. 2017.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.
- ALVES, Leonardo Prata; MONTAGNER, Paulo César. **A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias**. Conexões, Campinas-SP, v. 6, p. 510-521, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637853#:~:text=Este%20estudo%20C3%A9%20resultado%20de,e%20favor%C3%A1veis%20a%20este%20fen%C3%B4meno>. Acesso em: 19 de nov. 2017.
- ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91592/258701.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.
- BATISTTA, Iury Abreu Tavares. **Uso da imagem do negro para a promoção do turismo da Bahia**. In: III Seminário Políticas para diversidade cultural, 2014. Disponível: https://politicaparadiversidadecultural.files.wordpress.com/2014/07/spdc14_iury-abreu-tavares-batistta.pdf. Acesso em: 4 dez. 2019.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CAMPOS, Lima. **A capoeira**. Revista Kosmos, Rio Janeiro, ano 3, n. 62, mar. 2013. Disponível em: <https://itanobe.com/2013/08/17/revista-kosmos-1906/>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- CID, Gabriel da Silva Vidal. **O registro da capoeira como patrimônio cultural: usos da cultura como alargamento da cidadania nas políticas culturais**. In: II Seminário Nacional História e Patrimônio Cultural – GT História e Patrimônio Cultural – ANPUH Brasil Núcleo de Documentação, História e Memória Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Anais [...]. UFRJ, 2018. Disponível em: https://anpuh.org.br/images/ANPUH/Anais%20GT/GT%20Hist%C3%B3ria%20e%20Patrim%C3%B4nio%20Cultural/Capa_Anais_II_Seminario_GT_ANPUH_Patrimonio_fiinal_FINAL_COMPLETO.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.
- CORSARO, William. Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COSTA, Neuber Leite. **Capoeira, Política Cultural e Educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18186>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- COUTO, Adyjolva Anunciação (MESTRE ZOIÃO). **Arte da Capoeira – História e Filosofia**. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1999.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilizacion**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

FALCÃO, José Luis Cirqueira. **Fluxos e refluxos da capoeira: Brasil e Portugal gingando na roda**. *Análise Social*, Santa Catarina-PR, v. XL, n. 174, p. 111-133, 2005. Disponível: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218709063N7nVD0cp8Qb02OZ6.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2019.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. **O urbano em construção: Vitória da Conquista, um retrato de duas décadas**. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centuro, 2006.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo**. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000). 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 05 jul. 2017.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, Coleção Baiana, 1968.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **A capoeira: de doença moral à gymnástica nacional**. *Revista História*, São Paulo, n. 129-131, p. 221-235, ago-dez. 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18730#:~:text=Nesse%20artigo%20a%20autora%2C%20a,s%3ADmbolo%20C3%A9tnico%20em%20s%3ADmbolo%20nacional>. Acesso em: 9 out. 2017.

RUFINO, Patrícia Gomes. **Circularidade: Discutindo inclusão nas perspectivas da educação das relações étnico-raciais (erer) afro-brasileiras, 2013**. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/artigos/15102013/circularidade-discutindo-inclusao-nas-perspectivas-da-educacao-das-relacoes-etnicos-raciais-erer-afro-brasileiras>. Acesso em: 7 maio 2020.

SILVA, Jonatan dos Santos, MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **Capoeira e suas “verdades” não enunciadas: criminalizar para civilizar ou descriminalizar para esportivizar? In: XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**. Anais [...]. Brasília/UNB, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502841972_ARQUIVO_Artigofinallanpuh2017.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

SILVA, Jonatan dos Santos; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **“Do Quintal à Rua”: A Capoeira em Vitória da Conquista-BA na Memória do Mestre Donizete (1950/60)**. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/8065/5228>. Acesso em 22 dez. 2020.

SILVA, Jonatan dos Santos; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **“Dos Vadios e Capoeiristas” À**

Emergência do “Esporte Genuinamente Brasileiro”. In: VIII Encontro Estadual de História da ANPUH-BA. Anais [...]. Feira de Santana, 2016. Universidade Estadual de Feira de Santana. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131_ARQUIVO_artigodejonatan.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

SILVA, José Milton Ferreira da. **A Linguagem do Corpo na Capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SILVA, Sammia Castro. **Campo de saberes da capoeira cearense: um estudo sobre o Centro Cultural Capoeira Água de Beber (2002-2016)**. 2017. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21800/1/2016_scsilva.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Uma polis sertaneja, fora do eixo e fora do centro: imprensa e memória nas disputas políticas em Vitória da Conquista (1962-1992)**. 2010. 288 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

TAVARES, Julio Cesar de. **Dança de guerra, arquivo e arma: elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Os desafios contemporâneos da capoeira**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2009. (Textos do Brasil, 14: Capoeira)

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Srint, 1998.

SER TÉCNICO DA SELEÇÃO É
SER POLÍTICO? O CONCEITO
DE TREINADOR NOS JORNAIS
NACIONAIS, NAS PRIMEIRAS NOVE
COPAS DO MUNDO

FILIPE MOSTARO
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
filipemostaro@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o percurso histórico do conceito de treinador da Seleção Brasileira, durante as Copas do Mundo de 1930 a 1970. O foco desta pesquisa foi observar como as interações entre os campos esportivo e político se evidenciaram nas narrativas que projetaram um mundo, exigindo determinados atributos dos técnicos de futebol. Foi testada e confirmada a hipótese de que, na narrativa proposta por cinco jornais brasileiros, o “perfil” ideal de treinador e seu conceito atenderam aos interesses da “elite” nacional. Por mais que o conceito se alterasse, indicá-lo como modelo de “líder” foi uma constante, alterando apenas o que era exigido desse personagem a cada competição. Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, foram selecionadas todas as reportagens dos jornais que abordam o tema Seleção Brasileira. Em seguida, notícias que abordam a figura do treinador também foram analisadas, indicando qual foi o espaço e os conceitos destinados a esse personagem no mundo dos jornais. Através de uma Análise Crítica das narrativas, foram analisadas 2.351 notícias sobre a seleção, sendo que 577 abordavam o treinador.

Palavras-chave: Narrativas; treinador; Seleção Brasileira; Copas do Mundo; conceito

Recebido em 27 de outubro de 2020.

Aprovado em 13 de novembro de 2020.

IS SOCCER COACH A
POLITICIAN? THE CONCEPT OF
SOCCER COACH IN NATIONAL
NEWSPAPERS, IN THE EARLY
NINE WORLD CUPS

FILIPE MOSTARO
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
filipemostaro@hotmail.com

ABSTRACT

This article aims to analyze the historical path of the concept of soccer coach of the Brazilian football team, during the World Cups from 1930s to 1970s. It focused on to observe how the interactions between sports and political fields evidenced in the narratives that “created a world” requiring some attributes of this coach. It was tested and proved the hypothesis of which narrative proposed by five Brazilian newspapers, the model of coach and its concept were concerning interests of the national “elite”. Although the concept changed, indicating it as a “leader” model was a constant, changing only what was required from this character at each competition. From the premiere of the Brazilian soccer team to the day of the delegation’s arrival in Brazil, all reports about this team were selected. Then, news about the coach were analyzed, emphasizing what was the space and concepts related to this character in the world of newspapers. Through a Critical Analysis of the narratives, 2.351 news reports were researched, of which 577 approached the coach.

Keywords: Narratives; Coach; Brazilian soccer team; World Cups; concept.

INTRODUÇÃO

Ser técnico da Seleção Brasileira é também ser político? Partindo desse questionamento, este artigo teve como objetivo apresentar as interações entre os agentes dos campos esportivo e político evidenciadas nas narrativas sobre o técnico da seleção em cinco jornais brasileiros¹. A pesquisa é um recorte da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, em fevereiro de 2019, que analisou “qual o mundo” os jornais do *corpus* criaram ao falar sobre o treinador². Foram 2.351 reportagens analisadas, dentre as quais 577 mencionavam os técnicos da seleção, em exatos 200 dias que compreenderam as primeiras nove Copas do Mundo³ (1930 a 1970).

Acreditamos que pensar o fenômeno esportivo é também refletir sobre suas interações com outros campos para entender sua complexidade e a produção de sentidos dessas interações em outras esferas. Mais especificamente, nota-se que a Comunicação presente no futebol é poderosa: suas simbologias, interpretações, reapropriações, rituais e criação de mitos e heróis, tornam as manifestações em torno desse esporte um ponto de encontro dos imaginários sociais, de seus dilemas, de seus conflitos e congruências⁴. É, por conta de seu capital simbólico, um meio de propagação de ideologias, como Melo *et al.* (2013) interpretam. Segundo Motta (2013), a cada edição da Copa do Mundo de futebol, encontram-se “modelos ideais”, exigidos pelos jornais brasileiros dos treinadores da seleção brasileira de futebol que atendem a determinados grupos sociais, através das narrativas jornalísticas

Para se interpretar essas interações, foi testada a seguinte hipótese: o técnico da seleção brasileira de futebol seria o representante da elite nacional na narrativa sobre o país que a Copa do Mundo suscita. Buscou-se compreender qual o *habitus* (Bourdieu, 2004) exigido do indivíduo que ocupa o cargo de treinador da seleção. Ele cumpriu a função exigida pelos jornais no *frame* Copa do Mundo? Esta análise se iniciará apresentando um “mapa tático”, indicando as opções teóricas usadas nesta investigação. Em seguida, em virtude das limitações de espaço que um artigo estipula, serão apresentados os principais resultados da pesquisa que ajudarão a compreender como a interação entre campo esportivo e político, presente no *corpus*, construíram conceitos desta personagem no “mundo” dos jornais (KOSELLECK, 1992, p. 134-146).

MAPA TÁTICO

A partir do que teoriza Motta (2013), é lícito dizer que as narrativas apresentadas nos jornais sobre o objeto em questão são o “mundo” que os jornais criaram, exaltando características que a elite entendia como “fundamentais” para o “perfil ideal do cargo”. A atuação do treinador, que seria algo plural, repleta de detalhes e ressignificações é singularizada pelo “mundo dos jornais”, que reproduzem e legitimam a ideia de uma elite. De acordo

1 Foram analisados 3 jornais a cada edição da competição: *O Globo* e *Folha da Manhã/Folha de São Paulo* (1930 a 1970), fixos na pesquisa e *A Noite* (1930/1934/1950), *Diário de Pernambuco* (1938) e *Jornal do Brasil* (1954 a 1970). Todos os jornais citados estão disponíveis para acesso on-line.

2 A versão final da tese pode ser encontrada na lista de referências deste artigo.

3 Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, foram selecionadas todas as reportagens dos jornais que abordam o tema Seleção Brasileira. Em seguida, foram analisadas as notícias que abordam a figura do treinador, indicando qual foi o espaço e os conceitos destinados a esse personagem no mundo dos jornais.

4 Cf. Guedes (1998); Helal (2001); Souza (2008).

com Goffman (2012), os indivíduos que assumiram essa função no *frame* Copa do Mundo podem ter - e têm - outros atributos, porém estes ficaram “à sombra” da narrativa por não se coadunarem com o imaginário desta elite. É sabido que existem outras narrativas sobre os treinadores, entretanto, para o *corpus*, foram selecionados jornais como *Folha* e *O Globo*, por se considerar que tais veículos são reprodutores de narrativas de campos hegemônicos durante toda a sua existência, tornando sua análise decisiva e congruente aos objetivos já expostos neste trabalho. Não foram feitas interpretações *a priori*, deixando a arena de disputas, que é a narrativa sobre a Copa do Mundo, serão abordados os conceitos.

Norberto Bobbio (1992) destaca que, em uma sociedade, existe uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder. Como afirma Mosca (1975), essa minoria seria um estrato da sociedade, que cria condições para exercer esse poder em determinados campos. Esse extrato pode possuir membros de diferentes grupos e campos que se alinham, ora por submissão, ora por interesses mútuos, ora por posição estratégica para produzir, manter ou ajustar a visão de mundo que seja vantajosa para esses indivíduos e seus grupos. A elite seria o resultado das complexas interações e interesses comuns entre esses estratos, ajustados a cada contexto. Entende-se o conceito de elite, nesta pesquisa, não apenas como relações de dominantes e de dominados em cada *frame* social, mas também como uma narrativa hegemônica, expandida pelos meios de comunicação, que molda um mundo e pretende ampliar um modelo de sociedade com suas próprias regras⁵. O pensamento político brasileiro, por exemplo, passa por essa questão da elite, da formação de narrativas para definir e interpretar o Brasil, como Brandão (2007) e Souza (2015) enfatizam. Essa elite vai elaborar e fortalecer instituições sociais, como a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), por exemplo, legitimando seu poder simbólico e garantindo sua hegemonia no campo esportivo.

Neste sentido, o conceito de *habitus* de Bourdieu (2004) foi fundamental nesta análise. Esse *habitus* englobaria, por exemplo, as atitudes efetivas do indivíduo nos rituais cotidianos, que lhe darão o capital simbólico exigido pelo campo. O *habitus* foi determinante para superar uma dicotomia que poderia fornecer a impressão de que, ou o agente do campo estaria livre para suas ações, ou preso às regras de cada contexto social. Assim, a moldura social e a ação do indivíduo não são excludentes. Ou seja, o treinador pode, e fugiu em algumas oportunidades das características pretendidas pelo mundo projetado pelos jornais, como o caso de Feola em 1966, com consequências que se verá adiante. Desse modo, as práticas não são automaticamente reflexo do *habitus* e sim da interação entre este *habitus* e as circunstâncias, o contexto social, isto é, o *frame* de atuação.

Assim, para responder se os técnicos “foram políticos” no mundo dos jornais, foi possível observar como as ações dos agentes dos campos (Bourdieu, 2004) políticos e esportivos contribuíram na elaboração dos “conceitos” sobre o treinador. Ao considerarmos que tais narrativas não são ingênuas, interpretamos os conceitos sobre essa personagem

5 A narrativa funciona como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos em associação com o imaginário, por exemplo, configurando relações de poder e disputas pela interpretação de cada sentido. Como Motta (2013) destacou, existe uma série de fatores que legitimam o processo narrativo. A partir da compreensão da narrativa de Motta (2013), destacamos que o jornalismo vai elaborar o perfil dos técnicos selecionando apenas alguns atributos, o que para nós, seriam os desejados pela elite. Assim, as narrativas dos meios de comunicação que compõem o *corpus* são um dos fatores que estruturam o que chamamos de elite e não a sua totalidade. Seu papel é importante, mas não define arbitrariamente a elite. Ela é uma das variáveis nesta interação, mas não a única e, neste trabalho, foi a variável escolhida para nossa investigação.

como construções sociais que dialogam com determinados contextos. Como Koselleck (1992) destaca, o conceito ganha novas conotações de acordo com a experiência histórica: “a palavra pode permanecer a mesma (a tradução do conceito), no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente” (Koselleck, 1992, p.138).

OS PRIMEIROS MOVIMENTOS: COPAS DE 1930 E 1934

Acreditamos que a Copa de 1930 foi um capítulo importante do embate entre paulistas e cariocas pelo controle do futebol nacional. Duas entidades CBD e APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) representaram cada estado neste conflito. O principal desdobramento foi a não ida dos atletas paulistas à competição⁶.

Encontramos 90 notícias sobre a seleção, das quais 18 mencionavam o técnico. Coube ao ex-jogador, Píndaro de Carvalho, a missão de ser o treinador da seleção na primeira Copa do Mundo. Suas ações diplomáticas em eventos que reforçavam o simbolismo da competição, como um jantar com o então presidente da FIFA, Jules Rimet, por exemplo, ganharam destaque. Na narrativa predominante dos jornais, Píndaro foi também um agente do campo político, reforçando a intenção da CBD de se afirmar como entidade principal do país frente às outras federações e à FIFA. Convites a clubes internacionais para visitarem o Brasil surgem como um estreitamento das relações entre os países, destacando o futebol como objeto importante nos vínculos internacionais⁷. O jornal *A Noite*, destaca que a participação brasileira na competição se dava por manter “as melhores relações de cordial fraternidade com o país vizinho (Uruguai)” (A NOITE, 1930, p. 15).

Os três jornais (ver nota 1), ao noticiarem a derrota por 2 a 1 contra os iugoslavos, aproveitaram para destacar o conflito entre APEA e CBD. Por mais que a figura de Píndaro de Carvalho não surgisse nas explicações para a derrota, o jornal *O Globo* indicou um ponto interessante na interpretação do significado do treinador. Explicando o fracasso da equipe com a “mesquinhez” da APEA, que negou seus jogadores, o periódico reforçou que os pedidos da entidade paulista eram absurdos, principalmente o de “ser o árbitro definitivo na escalação dos nossos scratches” (O Globo, 1930, p.7). Este conflito surgiu como um ponto fundamental para nossa análise: a escolha de quais jogadores representariam a nação. Dominar e controlar esta função era poder projetar uma equipe com a maioria paulista ou carioca, sugerindo uma maior “qualidade” de determinado estado sobre o outro no campo esportivo, o que poderia ser utilizado em outros campos.

Apesar de contar com jogadores amadores e ainda não conseguir produzir uma narrativa coesa de representação nacional, entendemos que a seleção brasileira se tornou objeto de disputas entre campos que divergiam no contexto nacional. Obter a legitimidade do discurso que seriam os “reais representantes da pátria” em um esporte já consolidado como uma manifestação cultural de grande apelo popular e que se enraizava no imaginário nacional, era uma posição almejada pelos dirigentes de Rio e São Paulo⁸. Assim, o “conceito” sobre nosso objeto permeou uma posição política (participando dos eventos diplomáticos e

⁶ Para maior detalhamento dessa disputa de narrativas entre os jornais paulistas e cariocas durante a Copa do Mundo de 1930, ver: MOSTARO (2016).

⁷ Para mais detalhes sobre as relações entre CBD e as federações vizinhas, ver Sarmiento (2013).

⁸ Aqui é importante ressaltar que em nenhum momento se cogitou convocar atletas de outros estados. A ideia de que Rio e São Paulo sintetizavam a nação é evidente.

representando o país) e a função de “escalar o time titular” (FOLHA DA MANHÃ, 1930, p.1).

Quatro anos mais tarde, o conflito entre amadorismo e profissionalismo ditou as relações entre o campo político e esportivo⁹. A querela no campo esportivo se dava entre Rivadávia Corrêa Meyer¹⁰, então presidente da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) e Arnaldo Guinle, ex-presidente da CBD e figura importante no campo esportivo nacional. O campo político influenciou de maneira determinante o conflito entre esses setores e, conseqüentemente, a narrativa sobre o treinador da seleção em 1934, Luiz Vinhaes.

Durante a disputa de bastidores, a figura de Luiz Aranha¹¹ foi crucial. Souza (2008) afirma que, com influência política clara, Aranha foi convidado por Rivadávia para o quadro social do Botafogo. Aranha foi decisivo na Assembleia Geral da CBD (realizada em junho de 1933), em que foi aprovado um estatuto, contrário às posições de Guinle, decidindo que o conselho administrativo, presidido pelo próprio Aranha, teria mais poderes que o presidente da entidade. Com isso, a equipe enviada para a Itália estaria sob influência direta de Aranha.

Vinhaes teve uma participação tímida nos jornais, das 57 reportagens sobre a seleção, 11 mencionavam o “competente técnico” (A NOITE, 1934, p.8). A atuação política ficou a cargo do, considerado pelos jornais, nosso segundo treinador: Carlito Rocha, membro do Botafogo e ligado ao Aranha. Foi uma decisão claramente política e que atendia aos interesses da elite, que controlava o campo esportivo naquela ocasião. É interessante destacar que Vinhaes, apesar de estar no comando da seleção desde 1931, teve, na condição de sua “divisão de tarefas”, a permanência no cargo para a competição¹².

Mesmo com a derrota no primeiro jogo por 3 a 1 contra a Espanha, que eliminou a equipe da competição, os três jornais se preocuparam mais com a resolução da questão do profissionalismo que se desenrolava no Brasil do que com a participação do time na Copa de 1934. Para Souza (2008), a “missão diplomática” de representar o Brasil nos torneios internacionais teve no denominado “fracasso” de 1934 e na “desorganização” que culminou com o envio de duas delegações aos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, elementos determinantes nas ações que levariam o governo a interferir diretamente no esporte nacional para controlá-lo e, conseqüentemente, profissionalizá-lo. É importante ressaltar que essa profissionalização, longe de uma ideia de “livre mercado”, foi legalizada para estabelecer

⁹ Para uma melhor compreensão destes conflitos, ver: Souza (2008) e Proni (2000)

¹⁰ Segundo Souza (2008), Rivadávia foi o dirigente na conquista da Copa Rio Branco de 1932 e conseguiu a presidência da AMEA no mesmo ano, com o apoio dos clubes menores. A reação imediata dos grandes clubes que formavam o conselho fundador: Fluminense, Vasco, Flamengo, América, Bangu, São Cristóvão e Botafogo foi alegar uma diminuição na renda dos jogos por conta do número excessivo de jogos e pedir uma diminuição dos clubes no campeonato. A proposta era um torneio com os sete fundadores e apenas um dos “pequenos”. Rivadávia implementou sua proposta com 12 clubes, agradando os pequenos e Guinle informou que o Fluminense criaria uma nova Liga. Neste embate, Rivadávia tinha o apoio do Botafogo, clube que era sócio, Flamengo e São Cristóvão. Guinle contava com os demais clubes, com a CBD (presidida por Renato Pacheco) e com uma boa relação com a APEA. Em 1933, Guinle fundou a LCF (Liga Carioca de Futebol). Quatro meses depois, o Flamengo entrou para a LCF, seguido do São Cristóvão no mês seguinte, enfraquecendo o grupo de Rivadávia.

¹¹ Luiz Aranha era amigo pessoal de Vargas. De acordo com Souza (2008), com uma habilidade para a articulação política e irmão de Oswaldo Aranha (figura política destacada nos anos 1930 e ministro da fazenda na ocasião), assumiu vários cargos esportivos ao longo da carreira.

¹² Vinhaes, na época com 35 anos, tinha vencido o campeonato carioca de 1926 como técnico do São Cristóvão e foi o treinador campeão do primeiro torneio da LCF, dirigindo o Bangu em 1933. Não seria conveniente para a CBD manter no cargo o técnico que fazia parte de uma equipe da liga comandada por outro grupo político.

um limite no poder de barganha dos jogadores, que estava crescente. Assim, se indicou a formação de uma legislação que prenderia os jogadores aos clubes, através do chamado “passe” e determinava o teto salarial, combatendo a prática do “profissionalismo marrom”, que, a grosso modo, consistia em empregar jogadores nas empresas e comércio dos sócios do clube para que pudessem ser “liberados” para treinar no horário estipulado pelo clube.

Na elaboração de uma narrativa política que engendrava uma busca pela valorização de manifestações culturais descritas como “nacionais” e com grande apelo popular, como o futebol, por exemplo, a associação entre campo esportivo e político se intensificou. Para Costa (2006), a pacificação e controle do campo esportivo se tornou essencial para a projeção da seleção representar a nação. Sem conseguir conter o profissionalismo, o Brasil seguiu o modelo inglês (LEVER, 1983): a compensação da elite por aceitar jogadores profissionais foi deter o controle administrativo do futebol. O profissionalismo foi reconhecido em 1937, cessando as disputas entre federações, o que possibilitou a elaboração de uma narrativa de uma equipe “realmente nacional”, com a presença de todos os atletas considerados “os melhores”.

1938: UM MOVIMENTO-CHAVE

Consideramos que a profissionalização vai modificar o conceito de técnico no Brasil. Caldas (1990) enfatiza que a crise no modelo amador e a adoção do profissionalismo atenderam a novas demandas dos grupos que obtinham o controle no campo econômico (maior renda com os jogos), campo social (a narrativa do trabalho e disciplina como algo essencial ao avanço da nação)¹³ e política, que ao controlar tais ações, por meio dos dirigentes amadores e indicados pelo governo na CBD, teria, sob sua tutela, a escolha daqueles que melhor “representariam o de país”. O conceito de treinador, antes com papel diplomático nas competições internacionais, atendendo aos interesses da elite nacional, que dominava o campo esportivo e pregava uma visão amadora, se transformou.

Wagg (1984) sugere que no período de profissionalização do futebol na Inglaterra, a função do treinador se modifica para um mediador na luta de classes, sendo a ponte entre capital e trabalho. Foi o que também encontramos nas narrativas dos jornais brasileiros. O técnico teria o contato direto com os trabalhadores, tiraria os dirigentes da linha de frente dos conflitos e ainda seria o responsável para “organizar o time para a vitória”¹⁴. Essa posição serviria aos interesses da elite e, em caso de derrotas, seria o “culpado”, mantendo a estrutura superior a ele praticamente intacta. Essa configuração será mais clara na Copa do Mundo de 1938, tendo Adhemar Pimenta como representante da elite cultural, que disciplinaria, treinaria e levaria a nação à vitória.

Foram 256¹⁵ reportagens encontradas sobre a seleção e 71 sobre Pimenta. A distribuição das notícias foi mais personalista do que nas outras competições, focando em três pessoas: Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Adhemar Pimenta. Para nós, tal importância designada a Pimenta foi emblemática. Foi a primeira vez em nosso *corpus* que o treinador dividiu o

¹³ Aqui é importante ressaltar a Consolidação das Leis Trabalhista, durante esse período. Getúlio afirmava que “As leis trabalhistas são de harmonia social” (VARGAS *apud* GUTERMAN, 2009:71).

¹⁴ Cf. Carter (2006)

¹⁵ Acreditamos que esse volume de notícias auxiliou na construção da competição como um ritual nacional, elevando importância e o significado da Copa do Mundo nas narrativas sobre o país. Por esses aspectos interpretamos a competição como o nascimento da ideia “país do futebol”.

espaço nas notícias com os atletas considerados “os melhores”. Era Adhemar quem falava à imprensa diariamente. Foi a terceira maior porcentagem em relação às notícias da seleção que encontramos no *corpus*, 27 %.

A narrativa sobre Pimenta reforçava o caráter disciplinador do técnico e sua função na formulação de estratégias para a vitória, como este trecho ilustra: “preparador, organizador e orientador da equipe: Pimenta” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938, p.5). A ideia de disciplinar os atletas era uma preocupação de Vargas: “O presidente Getúlio Vargas acompanhou no rádio, do Palácio Guanabara, todas as fases do jogo Brasil-Polônia, mostrando entusiasmo pela vitória do selecionado e pela maneira como os craques nacionais souberam acatar as decisões do juiz” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938, p.1). Não seria leviano associarmos a narrativa de um grande líder na seleção com a narrativa de um grandioso comandante decantada pelo Estado Novo. Aliás, foi a primeira vez em nossa investigação que o termo “comandante” foi usado para se referir ao treinador da seleção. O técnico Adhemar Pimenta “convocaria” os atletas e não os chamaria para integrar a seleção. Para Souza (2008), os sentidos de convocação, semelhantes aos do campo militar¹⁶, indicam uma relação vicinal entre tal campo e o esportivo, nesse contexto. Atendendo aos interesses da elite na época, a “maneira militar” era posta como a correta para ensinar e disciplinar. O conceito de treinador dialoga com o contexto, posicionando Adhemar como um representante das forças políticas que constituíam o Estado Novo.

1950 E 1954: O REFORÇO DA DISCIPLINA

A criação do Conselho Nacional do Desporto (CND), em 1941, simbolizou a efetivação do controle do esporte nacional pelo Estado e também revelou a importância simbólica que o esporte alcançava ao ser inserido no campo político de forma oficial. Com a ideia de controlar e disciplinar em voga, o CND seria dirigido por uma comissão de cinco membros escolhidos diretamente por Vargas. Tal ação indica que a elite da época estaria presente nas decisões que envolviam esse fenômeno cultural. Portanto, a posição de disciplinador do conceito de “técnico” da seleção se manteve nas narrativas dos jornais durante as Copas de 1950 e 1954.

Sediar a competição entrou no imaginário nacional como o “passaporte” para a Modernidade. O campo esportivo se associou a outros campos, como econômico, político, social e midiático nesse processo narrativo. A atmosfera encontrada nos jornais *A Noite* e *O Globo* era de que a vitória na competição concretizaria esse “avanço” da nação. A organização e disciplina eram os atributos mais enfatizados nessa narrativa e dialogavam diretamente com o campo político. Nesse viés, Flávio Costa, técnico da seleção, vai agrupar tais virtudes exigidas pela elite.

Encontramos 176 reportagens sobre a seleção e 47 que mencionaram Flávio Costa. *O Globo*, cumprindo seu papel de projetar o mundo da CBD, enfatiza que as atitudes da entidade com a competição foram corretas, elogiando a disciplina e autoridade de Flávio Costa:

Primeiro credenciando um treinador e, depois, outorgando ampla autoridade e esse treinador, para fazer a escolha dos elementos. Flávio Costa foi o nome apontado pela unanimidade.

¹⁶ Carter (2006) destaca que o modelo “sargento do exército” para o treinador também foi visto na Inglaterra, implantando uma estrutura de administração similar ao das forças armadas. Nesse sentido, a experiência no controle de um grande grupo de homens foi levada para o campo esportivo. As figuras “sargentões”, que gostam de fazer as coisas do seu jeito, através do autoritarismo verbal, foi amplamente explorada também no futebol. A “gestão pelo medo” se tornou institucionalizada em grande parte no futebol britânico, influenciando a formulação da ideia do “boss” (chefe). Ideais de coragem e lealdade ao clube passam a ser mais exigidas como o “amor à pátria” e o “amor à camisa”.

de das consciências. E conseqüentemente aceito. Mas uma vez empossado, também Flavio começou a agir, estabelecendo um amplo e criterioso programa de atividades (O GLOBO, 1950, p.1).

No quadrangular final, Flávio dividiu as atenções com Ademir e Zizinho. Seu papel de porta-voz, ao dar entrevistas diariamente, se torna mais nítido. As notícias sobre os treinos foram mais frequentes no *corpus*, confirmando a ideia de organização e disciplina. A vitória de 7 a 1 sobre a Suécia impulsionou o capital simbólico de Flávio. No dia seguinte, o entrelaçamento campo político e esportivo se torna evidente. O jornal *O Globo* foi mais “romântico” ao anunciar que o treinador brasileiro seria candidato a vereador:

- E a política?
- Custei mais aceitei a lembrança de minha candidatura.
- A vereador ou deputado?
- A vereador.
- Por que partido?
- Pelo Partido Trabalhista
- Quando começa a fazer propaganda?
- Já comecei. Comecei ontem, falando num comício realizado na Praça 7 (O GLOBO, 1950, p.10).

O treinador já havia começado a campanha, utilizando a atmosfera da competição para catapultar sua influência para o campo político¹⁷. A *Folha da Manhã*, no parco espaço que destinava à seleção, também noticiou, no caderno de política, que “Flávio é candidato a vereador, pelo Distrito Federal” (FOLHA DA MANHÃ, 1950: 7).

O imaginário de consolidação de um “país grande” através do futebol é negado com a vitória do Uruguai¹⁸. Entretanto, como membro da elite, Flávio foi visivelmente poupado nos jornais investigados, mantendo o conceito de disciplina sobre o treinador. *A Noite e O Globo* não criticaram o treinador: “Flavio ia e vinha, animando um e confortando outro. Estava pálido, estava triste, mas senhor de si” (O GLOBO, 1950, p.12). Mas isso não significa que seu imaginário de organizador e disciplinador que a seleção e a narrativa da elite consideravam como necessidade era compreendido por outros setores como o “correto”. Sua derrota na eleição para vereador sinaliza alguns caminhos interpretativos¹⁹. O quase vereador e quase campeão do mundo esbarrou na derrota “inimaginável” que seu planejamento não previu e sua disciplina não suplantou.

Se a vitória não veio dentro do campo de jogo em 1950, no campo esportivo ela aconteceu. Sarmiento (2013) considera que o sucesso da organização da Copa de 1950 reposicionou o Brasil no campo esportivo mundial. No Congresso da FIFA, realizado no Brasil durante a competição, Luiz Aranha foi indicado como vice-presidente da entidade. O Brasil conseguiu estabelecer uma nova correlação de forças no continente, reduzindo a hegemonia uruguaia e argentina. A disciplina/organização foi o argumento mais utilizado para explicar esse sucesso no campo esportivo e fortaleceu a atuação política da CBD.

17 No *O Globo*, depois da vitória do Uruguai, encontramos essas duas manchetes: “Gighia para senador; Obdulio Varela para presidente da republica” da *United Press*. Não seria apenas no Brasil que o simbolismo do esporte ultrapassaria o seu campo e invadiria outras esferas.

18 Destacamos aqui alguns trabalhos que analisam os impactos dessa derrota na narrativa de desenvolvimento nacional: Cf. Perdígão (1986); Araújo Moura (2010); Brinati (2016).

19 Em nosso *corpus*, não encontramos críticas duras a Flávio Costa. Isso não quer dizer que elas não existiram. O que ficou claro para nós é que no material coletado, Flávio foi poupado das críticas.

Depois de chegar tão perto da concretização de uma narrativa de “melhores do mundo” e todos os reflexos em outros campos que o título poderia proporcionar, vencer a Copa do Mundo passou a ser a “grande missão” dos dirigentes da CBD. Para isso, elaborar uma narrativa que explicasse a derrota em 1950 se torna fundamental. A CBD investiu em um nacionalismo que recuperaria a moral “abalada”, com a pregação de uma doutrina quase que militar de “tudo ou nada” pelo time, que esteve presente nas narrativas dos jornais durante a competição. Começar “tudo do zero”, com a “pátria acima de tudo”, incluindo a camisa, foi a escolha da CBD. E “mudar tudo que tá aí” começava com a escolha do treinador. O técnico do Fluminense, Alfredo “Zezé” Moreira, foi amparado pelos dirigentes e fez uma reformulação no elenco, com jovens talentos dos times de Rio de Janeiro e São Paulo. Mais uma vez, evidencia-se a solidificação desse eixo como o “resumo” do país.

Sarmiento (2013) destaca que a CBD conseguiu uma verba federal de Cr\$ 8 milhões para que a equipe se preparasse durante quatro meses para a competição. A entrevista de Zezé, um dia antes da estreia, indica a preocupação com a parte física e moral dos atletas. “Antes de mais nada, acredito acima de tudo no estado atlético e moral dos nossos homens. São capazes de dar um pedaço de suas próprias vidas para obter um triunfo honroso neste certame”²⁰. A reportagem sobre o treinador termina reforçando a disciplina e como os atletas supostamente haviam a incorporado: “É uma brava gente que dá gosto dirigir, aconselhar, pedir sem exigir, porque não se é preciso ir além de um pedido normal” (O GLOBO, 1954, p.1). No dia do primeiro jogo contra o México, a *Folha da Manhã* ressalta o poder disciplinador de Zezé ao destacar os jogadores como “pupilos de Zezé Moreira”. Essa associação remete ao estilo “sargento da família”, descrito anteriormente.

Foram 152 reportagens sobre a seleção e 45 menções a Zezé Moreira. Foi a segunda maior proporção de notícias sobre o treinador em relação à seleção no *corpus*: 29%. Analisando a narrativa dos três jornais, inferimos que salvar, reforçar e ampliar o papel da elite era fundamental nessa ressaca e desconfiança com o mito “país do futebol”. Após a eliminação nas quartas de final, as manchetes destacaram: “A calamitosa atuação do árbitro, em benefício dos húngaros, influi decisivamente no resultado – 4 a 2, um placar que não reflete o desenvolvimento da peleja” (FOLHA DA MANHÃ, 1954, p.8). “Não perdemos para a Hungria: fomos apenas derrotados por Mister Ellis” (JORNAL DO BRASIL, 1954, p.17). Os jornais associaram a derrota às ações desleais de membros que deveriam cuidar da idoneidade do jogo: o juiz. O projeto da CBD havia sido positivo e só perdeu por “má sorte”. Seu representante precisava ser exaltado e, no mundo dos jornais, foi. A narrativa sobre Zezé foi, em linhas gerais, positiva. Ele foi um membro da elite nesse campo, disciplinando os atletas e elevando a moral de “seus pupilos”²¹.

1958 A 1970: "NÃO ATRAPALHE NOSSO TALENTO"

Para Guterman (2009), a busca por uma modernização do país, com o governo de Juscelino Kubitschek, teve na construção da nova capital, Brasília, o resumo do lema de seu mandato: “50 anos em 5”. Proni (2000) pontua que é possível estabelecer um paralelo entre

20 Cf. O Globo, 15/06/1954:1.

21 É importante citar outras narrativas que não aparecem em nosso *corpus*, indicando como a Copa do Mundo é uma arena de disputas. Uma delas foi divulgada pela própria CBD, que explicava a derrota com uma suposta diferença entre europeus (coletivos e disciplinados) e os latinos (individualistas e imprevisíveis) (Sarmiento, 2013). Apesar de não surgir de forma clara nos jornais pesquisados, as questões moral e racial também foram postas em outras narrativas como justificativa para a derrota.

esses “anos de ouro” da seleção com a vida econômica e política da nação. Tivemos, por exemplo, os primeiros passos do “modelo econômico de gestão” do futebol no Brasil. João Havelange assumiu a presidência da CBD em 14 de janeiro de 1958 e implantou um modelo empresarial na estrutura da instituição. A ideia de renovação era clara: “a centralização da gestão esportiva sai de cena para dar lugar a um novo conjunto de gestores, com táticas e objetivos nitidamente distintos” (SARMENTO, 2013, p. 108).

Para auxiliá-lo nesse processo, Havelange nomeou Paulo Machado de Carvalho, dono das rádios Panamericana e Record, além da TV Record, como “chefe” da delegação que iria à Suécia. Carvalho era um agente que detinha um capital simbólico importante nos campos político, esportivo, social e midiático. Essa circulação amistosa influenciou diretamente a cooperação entre os agentes desses campos na formulação da narrativa encontrada nos jornais sobre a seleção brasileira, nas Copas de 1958 e 1962. O que inferimos nessa movimentação, é que o agente não está imóvel em determinada esfera, ele pode exercer influência em mais de um campo, como Carvalho exercia. Assim, a formatação dessa elite se dá nessas interações entre indivíduos que atuam nos campos.

Paulo Machado era visto no mundo dos jornais como um “empresário de sucesso” que forneceria o que faltava à seleção. As narrativas midiáticas destacaram que jamais o Brasil havia se planejado e se preparado tanto para uma competição. Foi Paulo quem escolheu Vicente Feola como treinador. O “perfil ideal” estipulado para o treinador naquela ocasião seria de alguém que aceitaria a interferência externa de uma elite que agora fazia parte da “comissão técnica” e faria a “gestão” direta do “trabalho de equipe”. Em suma, no “mundo dos jornais”, Havelange e Carvalho foram os homens fortes, ao passo que Feola se tornou o coadjuvante. Porém, vale destacar, com muito menos “cartaz” que os jogadores. Esse trecho do jornal *O Globo* mostra como a relação CBD e poder político era intensa: “o presidente JK está radiante com o seu colega João Havelange pela vitória do Brasil, confirmando suas declarações de que o Brasil avançaria 50 anos em cinco anos, durante seu governo” (O GLOBO, 1958, p.17). O mundo criado é da relação visceral entre representante da nação e representante da seleção.

Logo no primeiro dia de análise, encontramos uma narrativa no jornal *O Globo*, que elabora uma nova compreensão do papel do treinador nessa conjuntura:

Deve-se esclarecer ao público, que não é o técnico que escala sozinho a equipe, embora, de um modo geral, venha prevalecendo a sua opinião. Os outros, frise-se, na pior das hipóteses tem colocado o seu aval nas recomendações de Feola e se na vitória final ou parcial não estiver no “script”, tenham certeza os leitores de que a responsabilidade está dividida entre Feola mesmo, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, José de Almeida e Hilton Gosling, com ligeiras sobras para o chefe Paulo Machado de Carvalho e alguns de seus colaboradores diretos (O GLOBO, 1958, p.3).

Interpretamos como uma defesa dessa “nova gestão”, inclusive ao destacar a importância dos jogadores se adaptarem a um “bem maior” e de enquadrar Feola como o “homem certo no lugar certo”. A *Folha*, em seu editorial logo após o título, destaca:

O resultado final de domingo teve ainda o mérito de revelar que somamos ao apego brasileiro ao futebol e às inegáveis habilidades individuais dos nossos atletas, outros fatores indispensáveis de triunfo: disciplina, conjunto e boa organização. Sabe-se que a improvisação, o estrelismo e a rebeldia sacrificaram, numerosas vezes, as nossas aspirações ao título mundial (FOLHA DA MANHÃ, 1958, p.1).

Nessa linha, enfatizar que a imposição do talento nacional só foi possível por conta da organização da comissão (vinda da elite) foi a “arma” dessa elite ao adaptar sua narrativa a algo inegável e reconhecido pelos outros países: o talento. Feola teve 85 menções das 401 reportagens sobre a seleção. Os três jornais o destacaram Feola como aquele que era “paciente” e deu as condições para os jogadores “jogarem seu melhor futebol”. Feola foi exatamente o “modelo ideal” que a elite pretendia, “jogando o jogo político”, proposto pelos agentes do campo, como o seu “chefe” Paulo Machado de Carvalho. O conceito de treinador dialoga com a exaltação do talento e emerge a ideia de que sua principal função era não atrapalhar esse talento. Em resumo, a narrativa sobre a Copa de 1958 exaltou a disciplina e organização da comissão técnica, inaugurando uma ideia de “modelo empresarial” com pessoas especializadas em cada setor, colocando Feola à sombra de dois dirigentes.

Todavia, como já ressaltamos, Havelange e Paulo Machado de Carvalho também ficaram à sombra do talento do jogador brasileiro. Essa “Nova Era” colocou o jogador maior que o treinador. A estreia na seleção de Pelé e Garrincha consolidou esse imaginário de tal modo que o “país do futebol” ganharia suas maiores referências e duas faces de uma moeda extremamente valiosa ao capital do campo futebolístico. A simbologia do futebol na nação como espaço para a disputa de imaginários e narrativas teria, com Garrincha e Pelé, a sua “Era de Ouro”. Vencer três Copas em quatro disputadas levou a “organização” para os bastidores, que ainda apareceria ser um atributo da elite, mas focou os holofotes no “talento incomparável” do brasileiro.

Quatro anos depois, a estrutura se manteve e esse conceito foi reforçado. Porém, por motivos de saúde, a CBD escolheu Aimoré Moreira para substituir Vicente Feola. Aimoré era ex-goleiro de futebol e, na ocasião, era técnico da seleção paulista. Irmão de Zezé Moreira, Aimoré já havia treinado a seleção por um período entre as Copas de 1950 e 1954, mas sem sucesso. Aimoré seria alguém já inserido no meio e próximo aos dirigentes da CBD. As menções a Aimoré Moreira indicaram a menor proporção do nosso *corpus*. Em 1930, por exemplo, tivemos 20 % das notícias sobre a seleção mencionando o treinador da seleção, 19 % em 1934, 27 % em 1938, 26 % em 1950, 29 % em 1954, 20% em 1958 e 13 % em 1962. No mundo criado pelos jornais, Aimoré perdeu para a comissão técnica. A ideia de que o treinador não deveria atrapalhar o talento foi clara nos jornais pesquisados.

Se a narrativa vitoriosa foi, novamente, a do talento nacional, coube aos jornais repetirem a ideia de comissão técnica competente. Das 377 notícias sobre a seleção, Aimoré foi citado de em 51. O mundo dos jornais também deixou claro seu papel enfraquecido frente ao “chefe”:

o treinador brasileiro Aymoré Moreira declara que somente hoje, antes da partida, escalará seu conjunto. As informações do preparador nacional, todavia, são contestadas pelo chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho que informou aos jornalistas que não haverá modificações no quadro (FOLHA DE SÃO PAULO, 1962, p.13).

As manchetes indicam que quem escalava os jogadores era a comissão: “Comissão quer lançar Amarildo e Belini” (O GLOBO, 1962, p.12). Aimoré foi uma sombra frente aos dirigentes que foram objetos constantes dos holofotes midiáticos. Novamente, as figuras de Carvalho e Havelange foram mais exaltadas durante o bicampeonato. Sarmiento (2013) ressalta que uma parte dos jornalistas reconhecia a porção de responsabilidade da CBD

nas conquistas, explicando-as com a junção talento-estrutura. Dizer que essa elite não tinha nenhuma participação nas conquistas do esporte era perder sua posição em um campo tão importante na elaboração simbólica do que seria o país.

Para Fico (2014), no período seguinte, entre Copas, o país sofreu um golpe militar. Manter o controle na disputa do campo esportivo era fundamental em uma conjuntura de acirramento entre grupos sociais. Os conflitos internos no campo político fizeram com que Paulo Machado de Carvalho deixasse o cargo²². Para substituí-lo, o próprio Havelange acumulou funções e se tornou o chefe da delegação. Vencer a Copa na Inglaterra e conquistar definitivamente a Taça Jules Rimet, era uma arma política decisiva para Havelange chegar à presidência da FIFA e implantar o seu modelo de gestão na entidade.

Vicente Feola retornou ao comando da seleção em uma Copa com uma responsabilidade enorme no mundo projetado pelas narrativas. No dia da estreia contra a Bulgária, a *Folha* indica esse favoritismo: “A equipe brasileira manteve sua condição de preferida dos apostadores como a maior candidata ao título” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1966, p.1).

Com a eliminação na primeira, fase as narrativas direcionaram os holofotes para a comissão e para Feola. O “fracasso” de quem teria que organizar, disciplinar e manter a “ordem”, algo diretamente ligado ao pensamento dos apoiadores do golpe militar, não poderia ser anexado ao “modelo ideal” dessa elite, que comandava o país na ocasião. Sendo assim, o treinador, que vinha tendo uma queda nas últimas competições quanto a sua importância nas vitórias, se tornou “o” culpado pela derrota. Feola apareceu em 42 das 217 reportagens sobre a seleção, chegando a 19 %. Para a narrativa dos jornais, a causa da derrota seria o treinador não ter “entendido” as mudanças do futebol mundial, ter preparado mal os jogadores e não definido o time titular, o que contribuiu para que eles estivessem confusos em campo. Aqui, encontramos a confirmação da proposição de Wagg (1984): na busca por resultados, o treinador de futebol seria o culpado imediato pela derrota, deixando a estrutura acima dele intacta.

Paralelamente a isso, o então ministro da Justiça, Viana Filho, ao divulgar a nova lista de cassados no âmbito do serviço público estadual e municipal e ser questionado se Feola estava na lista, disse: “não está, mas deveria estar, pois técnico, como Peru, se mata de véspera” (JORNAL DO BRASIL, 1966, p.20). O tom sombrio, como as ações militares na época, sancionava uma violência simbólica contra o treinador que quase ocorreu efetivamente. Essa tensão e uma “caça” aos culpados chegou ao técnico e a seus familiares. No dia 20 de julho, reportagens da *Folha* e do *Jornal do Brasil* destacam que a esposa de Feola passou a atender chamadas telefônicas ameaçadoras após o fim da partida. A casa seria apedrejada se não estivesse “guardada por dois policiais” (*ibid.*).

No mundo dos jornais, Feola, que fora “político” em 1958, se tornou “inimigo” após a derrota na Inglaterra²³. Sarmiento (2013) afirma que Havelange e membros da comissão técnica de 1966 passaram a ser acompanhados por membros do SNI (Serviços Nacional de Informações). Após a Copa, havia uma pressão de deputados, com apoio do setor militar, para se abrir um inquérito que explicasse a derrota na Inglaterra e exigisse retratação pública dos jogadores e da comissão. A busca

22 Para melhor compreensão da saída de Paulo Machado de Carvalho do cargo, ver: Sarmiento (2013).

23 Com toda a expectativa criada para o tricampeonato, perder não se encaixava no *frame* sobre a seleção. Assim, o mundo dos jornais “descarta” Feola. A derrota decretava que ele não tinha mais o *habitus* e perfil necessário para o cargo. A pesquisa completa, que pode ser encontrada no link da nota 1, indica que das nove competições analisadas, 1966 foi a que o treinador teve o maior volume de notícias negativas (14).

por “culpados” chegava a esse extremo, além de indicar qual o simbolismo da seleção e da competição no imaginário dessa elite. Sarmiento (2013) ainda destaca que era uma ideia crescente entre os agentes da SNI que o poder mobilizador do futebol obrigava um monitoramento constante do órgão em sua gestão.

Para esse monitoramento, foi criada a Comissão Seleccionadora Nacional (Cosená). A Cosená²⁴ definia os assuntos da seleção como escolha do treinador e convocações. Sua formação refletia o embate entre campos para regular a seleção nacional. Com a pressão da derrota em 1966, Paulo Machado de Carvalho voltou a exercer sua influência. Mendonça Falcão, presidente da Federação Paulista de Futebol e deputado estadual entre 1951 e 1969, logo após a derrota em 1966, já indicava em reportagem do *Jornal do Brasil* que, em 1970, Paulo Machado seria o “chefe” novamente. Essa corrente política bancou Paulo como o presidente da comissão. Com os resultados “fora do esperado”, Havelange conseguiu, em 1969, rearticular suas forças dentro do campo esportivo e dissolver a comissão. Faltando pouco mais de um ano para a Copa, Havelange escolheu o jornalista João Saldanha para ser o treinador da seleção.

Saldanha teve uma experiência como treinador do Botafogo em 1957, sendo campeão estadual com um time que teria jogadores importantes na seleção campeã na Suécia, entre eles, Garrincha, Didi e Zagallo. Saldanha era um simpatizante declarado do PCB (Partido Comunista Brasileiro), o que provocava um evidente embate com os membros da ditadura militar. Para nossa hipótese, seria uma rica análise ver um “comunista” comandar a seleção em uma competição que seria palco de intensos debates sobre o país. Entretanto, Saldanha não chegaria até a Copa no cargo. As histórias sobre a demissão indicam um emaranhado de argumentações que, pela atmosfera do país, interpretamos da seguinte forma: ele não era o “homem ideal” da elite, na busca pelo tricampeonato. Para Guterman (2009), iniciou-se uma ideia, frequentemente abordada pelos jornais de que o clima entre jogadores e Saldanha não era agradável. Dando eco a essa declaração, o então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, disse que o clima na seleção era prejudicial à ordem no país.

Havelange tentava blindar Saldanha com a argumentação de que o então treinador tinha forte apoio popular e bons resultados dentro de campo. Entretanto, duas derrotas e um empate deram os subsídios necessários para, baseado nos resultados e no “temperamento forte” do treinador, demiti-lo. Enquanto uma nova comissão recheada de militares era formada, Saldanha afirmou que o motivo de sua saída seria um pedido do então presidente Emílio Garrastazu Médici, para convocar o atacante Dario, o “Dadá Maravilha”. A frase de João: “Você escala seu ministério que eu escalo a seleção” ganhou contornos históricos e indicou o patamar que o cargo de treinador de futebol atingira na sociedade. Saldanha, o popular “João Sem medo”, não se encaixou no “modelo ideal” e acompanhou a Copa no banco dos jornalistas, enquanto Zagallo assumiu a equipe.

A ditadura tinha como proposição “arrumar a casa”, “acabar com a bagunça” e “disciplinar

24 De acordo com Sarmiento (2013), essa comissão tinha dirigentes de federações subordinados a lideranças políticas nacionais ou representantes de militares e passaram a exercer uma pressão constante sobre a seleção.

o país”²⁵. Pela primeira vez um militar chefiou a delegação: Brigadeiro Jerônimo Bastos. Com toda essa efervescência entre campos a preparação, disciplina e treinamento vão aparecer com a maior intensidade no *corpus*. Interpretamos que a exaltação à comissão e sua preparação considerada moderna se harmonizou com o pensamento da elite nacional, simbolizada naquela conjuntura pelos militares²⁶. Se o tricampeonato viesse para coroar o “país do futebol”, como veio, era necessária uma maior “fatia do bolo” para a elite na “explicação” da conquista. Interpretamos que a presença desta elite foi metaforizada na preparação amplamente abordada de forma positiva no mundo dos jornais. Foram 625 notícias sobre a seleção, 207 sobre Zagallo, o que caracterizou 33 % do total das matérias. Foi o maior percentual do *corpus* e o maior volume de notícias, impactados, em nossa interpretação, pela transmissão televisiva.

O papel de Zagallo foi de auxiliar os atletas na conquista e representar a preparação e organização da comissão. Porém, acreditamos não ter sido apenas por este motivo o alto número de citações ao treinador. Zagallo era, ao lado de Pelé, o único remanescente das duas conquistas anteriores. No mundo dos jornais ele era o treinador competente, o ex-atleta apaixonado pela seleção e exaltador de seu simbolismo, além de ter atributos que se coadunavam ao modelo pretendido pela elite na época. Assim, em 1970, surgiu também uma personagem que foi recorrente nos *frames* Copa do Mundo, inclusive protagonizando embates interessantes com a própria imprensa. Com a conquista, Zagallo efetivou seu capital simbólico no campo esportivo, fato que o proporcionou participar de comissões técnicas em mais quatro competições (1974,1994,1998 e 2006) sendo o indivíduo que mais vezes “comandou” a seleção nas 21 Copas do Mundo. O “técnico do tri” foi um dos fios condutores no ápice da narrativa sobre o “país do futebol” e vai iniciar a nova era dos treinadores em 1974, com a “obrigação” de valorizar essa moeda no “grande mercado” que Havelange, como presidente da FIFA, transformaria a competição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, nossa preocupação foi compreender o processo narrativo projetado pela elite através dos jornais, que elaborou o aspecto simbólico da figura dos técnicos, no *frame* Copa do Mundo. Consideramos que a ideia desse personagem como um líder dialogou diretamente com o contexto político. Por mais que o conceito se alterasse, indicá-lo como modelo de “líder” foi uma constante, alterando apenas o que era exigido a cada competição. As interações de nosso objeto com o campo político indicaram como essa elite teve o controle da CBD durante esses 40 anos investigados.

Das 2.351 reportagens analisadas no *corpus*, o treinador foi citado em 577: 1930 (90/18), 1934 (57/11), 1938 (256/71), 1950 (176/47), 1954 (152/45), 1958 (401/85), 1962 (377/51), 1966

25 O governo se empenhava em campanhas ufanistas como “Brasil, ame-o ou deixe-o” e construía uma narrativa de que o país estava no “rumo certo”, enquanto aumentava a repressão aos grupos que lutavam pela volta da democracia. Vimos nos jornais imagens de membros da ditadura comemorando as vitórias da seleção e manchetes como essa “Médici participa do entusiasmo do povo” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1970, p.1). A declaração do ministro Jarbas Passarinho resume como o governo tentava moldar o imaginário e inserir a conquista como algo diretamente associado à nação, e conseqüentemente, ao governo: “o tri é afirmação nacional” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1970, p. 6).

26 Já ressaltamos que a interação entre os grupos que formam o que estamos denominando como elite é repleto de conflitos. Nesta conjuntura, Fico (2014) resalta cisões internas que indicavam uma falsa “unidade militar”.

(217/42) e 1970 (625/207)²⁷. Por mais que as menções e citações a esses indivíduos oscilassem entre 33 % (1970) e 13% (1962), o conceito de técnico na “realidade social” emoldurada no “mundo dos jornais” percorreu caminhos que se ajustaram a determinadas conjunturas, mas sempre cumprindo o papel desejado pela elite nesse jogo narrativo, confirmando a nossa hipótese. Escavar a superfície das notícias nos indicou a existência de um princípio gerador desse *habitus*: o imaginário dessa elite.

A própria profissionalização, que modificou o conceito de treinador, foi um ato carregado de influência direta do campo político. As ações profundamente entrelaçadas entre a entidade e os governos em diferentes contextos foram nítidas: a missão diplomática nas primeiras Copas, passando pela criação do CND por Getúlio, que nitidamente exerceria o papel disciplinador no esporte, até as mensagens dos presidentes, que buscavam capturar o capital simbólico das conquistas no campo esportivo para o campo político em 1958 e 1962, por exemplo. Os agentes de ambos os campos se associavam em seus gestos e na formulação do “perfil”, que seria exigido nos jornais. Na ditadura militar, o campo esportivo também foi entendido como questão nacional, fazendo com que agentes desse campo fizessem parte da comissão em 1970 e recebessem uma parcela significativa da “explicação” da vitória nos jornais. Dirigentes de clubes comumente manobram suas atuações e influência nos campos esportivo e político, saltando dos cargos dos clubes para cargos políticos, como vimos na posição de Mendonça Falcão, presidente da Federação Paulista de Futebol e deputado estadual, por exemplo, e pode ser visto até os dias atuais. A “tradição” da recepção dos governantes aos jogadores e comissão e, principalmente, no encontro entre os dois “comandantes”, treinador e político, exemplifica essa interação duplamente amistosa e cooperativa. Com a simbologia que o futebol e, principalmente a seleção, adquiriram no período estudado, manter as relações amigáveis com essa esfera se torna um ingrediente fundamental para que os jornais mantenham uma imagem “positiva” do treinador.

O ser político era um fator importante no “perfil” projetado para o técnico. Saldanha foi “político de menos” e Zagallo “político demais”? Na conjuntura pré Copa de 1970, independente das qualidades exigidas no campo esportivo de cada um, eles jogaram o jogo político de diferentes formas, exemplificando como essa interação não só sustentava as ações do treinador, como também as tutelava. Assim, o “ser treinador” nas relações com a política, também se torna um “ser político”, no sentido de captar as movimentações desses dois campos e manejar seu capital simbólico, com o objetivo de se manter no cargo pelo maior tempo possível, se cercando de proteção, no caso de derrotas, e de uma concessão a determinados agentes do campo político de uma parcela considerável da vitória quando ela ocorria.

²⁷ O primeiro número entre parênteses expressa a quantidade de notícias sobre a seleção e o segundo, as reportagens sobre o treinador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A NOITE. Rio de Janeiro, 24 mai – 30 mai, 1934.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 05 jun – 12 jul, 1938.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 13 jul – 30 jul, 1930.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 24 jun – 23 jul, 1950.
- ARAÚJO DE MOURA, Gisella. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 4ª ed. Brasília: EDUnB, 1992.
- BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2007.
- BRINATI, Francisco. **Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014**. Curitiba: Prismas, 2016.
- CALDAS, Waldenyr. **Pontapé Inicial**. Ibrasa, 1990.
- CARTER, Neil. **The football manager: a history**. Routledge, 2006.
- COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Os gramados do catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945)**. In: SANTOS, Ricardo Pinto e DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Memória Social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 05 jun – 12 jul, 1938.
- FICO, Carlos. **Além do golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar**. 3ªEd. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 24 mai – 30 mai, 1934
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 30 mai – 19 jun, 1962.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 13 jul – 30 jul, 1930.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 05 jun – 12 jul, 1938.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 24 jun – 23 jul, 1950.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 15 jun – 04 jul, 1954.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 07 jun – 04 jul, 1958.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 12 jul – 26 jul, 1966.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 03 jun – 25 jun, 1970.
- GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. Annablume, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Trad. Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. EdUFF, 1998.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, construção da derrota e o mito do herói**. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 30 mai – 19 jun, 1962.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 15 jun – 04 jul, 1954.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 07 jun – 04 jul, 1958.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 12 jul – 26 jul, 1966.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 03 jun – 25 jun, 1970.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>>. Acesso em: 23 Jan. 2017.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. In: Record. Rio de Janeiro, 1983.

MELO, Victor Andrade de. et al. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

MOSCA, Gaetano. **História das doutrinas políticas desde a antiguidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Os técnicos, os campos e as Copas: Imprensa, narrativas e o imaginário da elite cultural do futebol**. Disponível em: http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15579. Acesso em: 09 out. 2021.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Paulistas x Cariocas: as Batalhas Narrativas nos Jornais durante a Copa de 1930**. In: IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia 2016, 2016, Niterói. IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia 2016. Niterói: ALCAR, 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 24 mai – 30 mai, 1934.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 30 mai – 19 jun, 1962.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 13 jul – 30 jul, 1930.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 05 jun – 12 jul, 1938.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 24 jun – 23 jul, 1950.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 15 jun – 04 jul, 1954.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 07 jun – 04 jul, 1958.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 12 jul – 26 jul, 1966.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 03 jun – 25 jun, 1970.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Rio de Janeiro: L & PM Editores, 1986.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Anablume, 2008.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

WAGG, Stephen. **The football world: a contemporary social history**. Harvester Press, 1984.

O FUTEBOL DE DOMINGO:
A PRÁTICA DO ESPORTE EM
UNIÃO DO OESTE E IRATI –
SANTA CATARINA, ENTRE AS
DÉCADAS DE 1960 A 1980

SAMIRA MORETTO
Universidade Federal da Fronteira Sul
samira.moretto@uffs.edu.br

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO
Universidade Federal da Fronteira Sul
claudia.risso@outlook.com

RESUMO

A colonização iniciada no Oeste de Santa Catarina no século XX contribuiu para a organização da sociedade e, posteriormente, para sua permanência em determinadas regiões. Cada grupo social que ali se alocou passou a formar comunidades que abrigavam redes de relações, as quais iam desde a divisão de tarefas cotidianas até organizações mais complexas que envolviam vários atores. Dessas atribuições cotidianas, surgiram também as práticas de atividades de lazer, em especial o futebol - que se tornou facilitador frente às dificuldades e desafios cotidianos encontrados. O objetivo deste artigo é analisar as práticas do futebol nos atuais municípios de União do Oeste e Irati – no oeste de Santa Catarina, entre as décadas de 1960 a 1980. Para atingir esse objetivo, foram analisadas, através do viés da História social, as seguintes fontes: entrevistas, iconografia, periódicos regionais, entre outros. Pode-se perceber que nessas comunidades formadas por migrantes e imigrantes de origem europeia, o futebol era considerado a prática de lazer coletiva e narrada pelos moradores como atividade que vinha para contribuir nas organizações e na manutenção das práticas cotidianas dos grupos que habitam o Oeste de Santa Catarina.

Palavras-chave: Futebol; Oeste de Santa Catarina; Lazer; Colonização.

Recebido em 27 de setembro de 2020.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2021.

THE SOCCER ON SUNDAY: THE
PRACTICE OF SPORT IN UNIÃO
DO OESTE AND IRATI –
SANTA CATARINA, BETWEEN
THE 1960S AND 1980S

SAMIRA MORETTO
Universidade Federal da Fronteira Sul
samira.moretto@uffs.edu.br

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO
Universidade Federal da Fronteira Sul
claudia.risso@outlook.com

ABSTRACT

The colonization initiated in the west of Santa Catarina, in the 20th century, contributed to the organization of society and, subsequently, for its permanencies in certain regions. Each social group that allocated there began to form communities, which joined to network relations, which showed itself as division of daily tasks and the most complex organizations involving several actors. From these daily attributions also came the practices of leisure activities, especially soccer- which became a facilitator facing the difficulties and daily challenges found. This article aims to analyze soccer practices currently in União do Oeste and Irati- in the west of Santa Catarina, between the 1960s and 1980s. To achieve this goal, it was analyzed through the bias of Social history, the following sources: interviews, iconography, regional journals and so on. It can be realized that in these communities formed by migrants and immigrants of European origin, soccer was considered the practice of collective leisure and narrated by the residents as an activity that came to contribute to the organizations and the preservation of the daily practices of the groups that live in the west of Santa Catarina.

Keywords: Soccer; West of Santa Catarina; Leisure; Colonization.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as práticas do futebol nas comunidades residentes nos atuais municípios de União do Oeste e Irati – no oeste de Santa Catarina – entre as décadas de 1960 a 1980¹. As questões que nortearam este trabalho foram as seguintes: de que forma/maneira as famílias de colonos e seus descendentes se organizaram para a prática do lazer no Oeste de Santa Catarina (SC)? Como o futebol se tornou atividade de destaque nas práticas de lazer nesses municípios e afetou outras práticas sociais das comunidades envolvidas?

O futebol adquiriu ao longo do século XX um significado agregado a outras manifestações culturais no país, como: musicalidade, culinária, literatura, religiosidade entre outros. Assim, o:

processo de associação do futebol a uma ideia de “brasilidade” se iniciou a partir da popularização dos maiores clubes, bem como pela institucionalização de disputas entre selecionados nacionais, a realização das Copas do Mundo a partir de 1930 permitiram que, a cada quatro anos, se vislumbrasse uma disputa onde as mais diversas nacionalidades estariam sintetizadas nas cores ostentadas em camisas e bandeiras. (FRAGA, 2014, p. 19-20).

O historiador Gerson Fraga, em seu livro *Uma triste história de futebol no Brasil*, traz questões discorridas por Benedict Anderson sobre o fato de uma comunidade ou grupo, muitas vezes se formar por pessoas que não possuem pleno conhecimento a respeito de quem são os outros participantes do mesmo grupo. Porém, muitas vezes, adotam um conjunto semelhante de ícones com o qual se identificam e estabelecem relações de cunho pessoal. Fraga questiona “porque as seleções nacionais de futebol (assim como de outros esportes, dependendo do local) são pródigas em ocupar tal espaço?” (FRAGA, 2014, p. 188). O pesquisador conclui que as nacionalidades e os nacionalismos são, antes de tudo, artefatos culturais de um tipo peculiar, dotados de historicidade e que se legitimam através do apelo emocional coletivo que despertam. Assim, o futebol alia questões além da prática de esportes, como também está presente na formação de elementos de nacionalidades e de nacionalismos.

Desta forma, o futebol ganhou popularidade em grandes centros e, também, em locais onde os desenhos da nacionalização foram traçados de formas distintas. Para entender como o futebol ganhou representatividade entre os migrantes e imigrantes - descendentes de europeus ocuparam o Oeste de Santa Catarina - é necessário retroceder ao início do século XX para entender esse processo de ocupação da região.

O governo do Estado concedeu terras devolutas a algumas companhias colonizadoras as quais ficaram encarregadas por dividir os lotes para serem vendidos aos colonos. O interesse do Estado era incentivar a vinda de migrantes como forma de garantir a legitimidade de posse da região que havia sido disputada anteriormente tanto pela Argentina, quanto pelo estado do Paraná. Os migrantes que colonizaram a região correspondiam a descendentes italianos e alemães, que em sua maioria, saíram do estado vizinho do Rio Grande do Sul por falta de terras agriculturáveis. Assim, foram fundados os municípios de União do Oeste e Irati – na região Oeste do estado de Santa Catarina.

A região havia sido palco de disputas internacionais entre Brasil e Argentina, e posteriormente, foi agente motriz na Guerra do Contestado (1912-1916). Tais disputas foram intensas e tiveram consequências efetivas na formação e na constituição social, política

e administrativa da região oeste catarinense. Essas disputas explicam a presença dos caboclos e indígenas que habitavam essas terras antes da vinda dos colonos. Segundo Valentini (2015), diversos fatores podem ser relacionados à ocupação da região contestada, referindo-se à estrada de ferro e às serrarias instaladas no local, o que acarretou em “profundas mudanças sociais, culturais e principalmente econômicas” (VALENTINI, 2015, p. 236).

Assim, a ocupação dessa região está ligada aos hábitos e ao cotidiano dos moradores que se estabeleceram naquele local e aos grupos que ali estavam, antes da vinda dos migrantes e imigrantes. Dessa forma, é possível entender a importância do futebol na relação entre moradores locais. Sendo necessário, também para essa compreensão, descrever e analisar as estruturas familiares e o processo migratório.

AS ESTRUTURAS FAMILIARES E OS MIGRANTES EM UNIÃO DO OESTE E IRATI

O Oeste catarinense, antes da chegada dos grupos de migrantes e imigrantes, era habitado por indígenas e caboclos. À medida que os teutos e ítalos avançavam nas terras do Oeste, os caboclos, quando não eram integrados no mercado de trabalho, eram expulsos e empurrados para fora da fronteira econômica do local (NODARI, 2009, p. 60). A região, mesmo com a presença dos caboclos e indígenas, foi identificada como sem habitantes, por esses grupos não terem a posse legal da terra. Nesse período, era reproduzido nas falas dos governantes do Brasil e do Oeste de Santa Catarina, o discurso em torno da necessidade de acionar:

os mais corajosos para a tarefa de efetivar tal projeto de ocupação dessas áreas que eram vistas como desertas. Nelas os colonos brancos, descendentes de italianos, alemães e poloneses, na maioria das vezes, apareciam como “ideais” para tal finalidade. (RADIN, 2009, p. 162).

Imbuídos por esses ideais, houve um incentivo governamental para que sucedesse o agenciamento de companhias colonizadoras, acarretando no aumento de grupos de migrantes para a região Oeste, entre os anos de 1920 e 1960. Em sua grande maioria, famílias e indivíduos de diferentes etnias saíram do Rio Grande do Sul em direção ao Oeste catarinense. Essas pessoas, por consequência de sua organização e manutenção cultural do lugar de origem, fizeram com que, na prática, o Oeste de Santa Catarina relembresse uma parte do ex-Estado. Gertz (2011) afirma que:

populações descendentes desse processo deram origem a migrações internas e à colonização de novas áreas, muitas vezes, sem que daí resultasse uma configuração social, política, cultural, religiosa totalmente diferente daquela que a originou (GERTZ, 2011, p. 243).

As práticas de ocupação e reintegração cultural que também ocorreram em União do Oeste e Irati, mesmo a colonização sendo um pouco mais tardia, foram comparadas a outros locais da região Oeste do Estado. Os primeiros anos de colonização incidiam na organização familiar e na organização das atividades econômicas e domésticas. As famílias buscavam realizar atividades que englobassem os diferentes membros do núcleo familiar, assim como buscar alternativas para melhorar a convivência com os moradores que estavam inseridos nesse espaço e com os migrantes recém-chegados.

A comunidade de Irati permaneceu por aproximadamente três décadas como integrante

à cidade de Quilombo, sendo somente no início da década de 1990 “elevado à categoria de município com a denominação de Irati, pela Lei Estadual n.º 8.529, de 09/01-1992, desmembrado de Quilombo” (IBGE, 2016). É lícito ressaltar que com a criação do município, seu nome Irati foi designado como o atual nome da cidade, no lugar de Barra Grande. Em consonância com a lei citada acima, o site da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC, na lei nº 8.528, de 09 de janeiro de 1992 afirma que com o “Art. 1º Fica criado o Município de Irati, desmembrado do Município, de Quilombo, constituído pela área territorial do Distrito do mesmo nome”².

A principal atividade econômica presente nesses municípios era a agricultura voltada para subsistência e o mercado local. Essas práticas propiciavam as diversas interações sociais e culturais. Sendo assim, é possível analisar também as interações entre etnias de diferentes grupos que habitam os dois municípios. Considerando que os grupos aprendam a conviver com o diferente e incorporam outras expressões culturais, “a etnicidade está sendo (re) inventada, continuamente, em reação às realidades que se apresentam e se modificam tanto dentro do próprio grupo como na sociedade anfitriã.” (NODARI, 2009, p. 109). O mesmo ocorreu com os moradores dos municípios União do Oeste e Irati/SC, surgindo novas formas de convivência, reinventadas pelas necessidades e renegociações. Importante demarcar que além das negociações, havia conflitos, porém, aqui dar-se-á ênfase as (re)negociações.

Além das atividades comunitárias, havia uma necessidade de estruturação dentro dos núcleos familiares. Ter uma família, seja de pais e filhos, seja de irmãos, tios e parentes próximos era necessário para que o trabalho no seu amplo sentido se tornasse eficiente e produtivo. Isso porque um indivíduo somente pouco realizava, em meio a tantas tarefas a serem executadas nesta região onde o ambiente natural de floresta e mata fechada prevalecia em sua existência. Possuir uma família numerosa era normal e de extensa valia para que todos contribuíssem para estabelecerem-se na nova morada, uma vez que “nos primeiros anos estabelecidos nas colônias, seja por ocasião da imigração ou das migrações posteriores, o trabalho familiar é apresentado como redobrado.” (RENK, 2006, p. 86). Por uma questão de necessidade, todos se sujeitavam às tarefas diárias da família.

Nessa esfera de possibilidades e desafios, o elemento cultural identifica e define as ações realizadas pelos migrantes e colonos. Algumas características de organização eram comuns a esses grupos migrantes, podendo ser demarcadas como sociedades paternalistas, principalmente no que diz respeito às relações sociais do trabalho, conforme o modelo familiar “o patrão é o pai, os operários são os filhos” (CORRÊA, 2011, p. 89). Segundo o que afirma Sevcenko (1998):

As condições específicas dos imigrantes levaram sua vida privada, na dimensão familiar, a ter uma carga emotiva e funcional muito forte. A família não só era o ponto de apoio básico e muitas vezes único na terra de recepção, como ainda representava um extenso elo, abrangendo os que emigravam e os que ficaram na terra de origem. (SEVCENKO, 1998, p. 34)

Além da sua própria família, a presença de outros colonos migrantes, caboclos e indígenas, também atribuía sentido em continuar com os afazeres na região. A vida em sociedade acabava por facilitar a permanência no novo ambiente. Assim, diversas culturas

2 SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Legislação Estadual. (lei nº 8.528/1992).

com suas mais variadas formas de vida, de socialização e interação com o meio e com outras pessoas se estabeleceram e definiram suas características enquanto grupos sociais em adaptação e transformação.

As famílias estabelecidas nas terras catarinenses elaboraram estratégias de trabalho, de lugar para instalar a moradia, espaço para criar animais, para plantar e ainda encontraram meios de se divertirem, considerando o espaço natural em que estavam inseridos. Desta forma, as fronteiras étnicas, de acordo com os momentos históricos, mantinham-se, apagavam-se, reforçavam-se ou mesmo desapareciam. Devido a isso, “novas identidades foram criadas e as existentes exigiam uma renegociação contínua, fazendo com que outras redefinições sobre o que é ser brasileiro surgissem” (NODARI, 2009, p. 106). Nesse contexto, também as práticas do futebol torneavam as práticas e relações entre os grupos da região.

O LAZER EM SUAS ESFERAS

De acordo com Gomes (2003) “o lazer é, assim, uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto histórico e social no qual é desenvolvido” (GOMES, 2003, p. 79). É importante considerar que tanto os grupos ítalos e teutos, quanto indígenas e caboclos traziam consigo costumes e tradições passados de uma geração a outra. Para leitura das dimensões culturais, alguns bens tornam-se patrimônios, outros permanecem apenas na lembrança, concretizando os valores de cada grupo social. Os pertences de ontem já não atendem à demanda de hoje; e o que fica, acaba apenas por manifestar práticas de uma existência. Algumas fontes contribuem para tais percepções, como as fotografias. Burke (2004) afirma, em relação às imagens, que:

Em outras palavras, os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos. [...] Elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam. Seu testemunho é particularmente valioso em casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos [...] (Burke 2004, p. 233).

Dessa maneira, as fontes utilizadas estão associadas umas às outras. As fontes orais, escritas, fotográficas colaboram mutuamente para a ocorrência de sua inter-relação no estudo e entendimento deste artigo. Foi necessário relacionar as fontes, os fatos, as circunstâncias de vida, o ambiente, as relações pessoais, os sentimentos e o que diz respeito aos sujeitos envolvidos. É necessário também pensar num conjunto de informações interligadas entre si. História se faz, ou melhor, se constitui em uma contínua e determinante conexão. Ao evidenciar os bens materiais e tudo o que faz parte desta relação de migração, colonização, imagem, cultura e história, salienta-se o valor das etnias italianas, teutos brasileiras, caboclas e indígenas presentes na região.

Pessoas com seus mais diversos desejos e sonhos integram o desenvolvimento da região a partir de suas ações e atividades desempenhadas para garantir as suas necessidades. O trabalho, as relações familiares, as amizades, o lazer e até mesmo as dificuldades enfrentadas acabam por transformar a região colonizada e colonizadora desses sujeitos. Segundo Mascarenhas (2005):

[...] as manifestações de lazer e divertimento, bem como o arranjo espacial decorrente des-

sas práticas, permitem a formação de redes de sociabilidade que orientam a produção de determinadas territorialidades [...] (MASCARENHAS, 2005, p. 29).

As características próprias de cada cultura não podem ser rejeitadas. Todos, independentemente do que fizeram, de quanto tempo permaneceram no local, fazem parte do que hoje serve de investigação. O lazer, como objeto principal, vai além daquilo que é específico de cada cultura, contempla o que não se apaga facilmente, gera emoção e pertencimento.

O FUTEBOL COMO LAZER, ESPORTE E INTERAÇÃO

Considerando o todo do que foi abordado até o momento, pode-se perceber a intensa relação dos indivíduos que faziam parte do ambiente que estava se formando na região de União do Oeste e Irati/SC. As práticas de esportes, dos anos 1960 a 1980, podem ser consideradas como mais um fator a agregar nas relações econômicas, culturais e sociais provenientes da interação entre os migrantes, indígenas e caboclos. Foram diversas as influências que definiram a estrutura das comunidades que se constituíram entre aqueles indivíduos, tendo o futebol como foco. Segundo Fraga (2014), o futebol se caracteriza como um instrumento de afirmação de identidades, capaz de ser confundido e se confundir com a própria nação e seu povo.

De acordo o que enfatiza Gomes (2003), “o lazer é, assim, uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto histórico e social no qual é desenvolvido” (GOMES, 2003, p. 79). Portanto, é válido considerar que itálos, teutos, indígenas e caboclos da região possuíam sua cultura com valores e práticas já desenvolvidas e estruturadas, servindo de base para o que realizavam no seu dia a dia. O lazer, em especial a prática do futebol - esteve vinculado a essas ações, conforme os seus costumes e tradições passados de uma geração para outra.

Em meio a tantas atividades desenvolvidas, havia um espaço para a ocorrência de diversões e formas de descontrair. O esporte poderia acontecer a qualquer instante, sem planejamento, com os recursos que detinham no momento, partindo de desafios, pequenas brigas, enfim, em aspectos naturais. Era nas atividades do cotidiano em que a grande parte do divertimento acontecia e “era mais divertido que agora”³, no relato de Carlos Da Silva, na época, morador de Linha Barrinhas/Jardinópolis, hoje residente de Irati/SC.

Porém, a prática que ganhava destaque e aparecia em todos os relatos dos entrevistados era o futebol, com jogos realizados entre times de comunidades diferentes. Com uma organização dos próprios colonos, esse divertimento era fortemente presente e exigia muita dedicação dos integrantes dos times, com o comprometimento em participar das competições e também das famílias que acompanhavam o jogador.

Cabe mencionar aqui que os jogos de futebol na época estudada eram, muitas vezes, competições amadoras. Os times deslocavam-se para outras comunidades para disputar a partida de futebol acompanhados por suas torcidas e por familiares, como pode ser observado na imagem 01.

³ Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati/SC. Entrevistador(a): Claudia Valmorbidia Risso.

IMAGEM 01 – TORCIDA PARA O JOGO DE FUTEBOL – 1987 SUL BRASIL.⁴



Fonte: Acervo pessoal família da Valmorbida.

Carlos da Silva, morador e jogador de Jardinópolis, relata que a maioria se deslocava de “caminhão só de soalho e nois (*sic*) ia em cima, não sei como ninguém caia (*sic*) aquela época.”⁵ Já Terezinha M. Novello afirma existir outro meio de locomoção: “No começo era o trator e o carretão depois, [...] não tinha alguém com caminhão que nem tinha ali pra baixo, ninguém tinha caminhão. Juntava o time e as guria (*sic*) que iam pra fazer torcida e só. E o pai que nem, que ia levar com o trator.”⁶

Os campeonatos analisados através do relato de Carlos Da Silva aconteciam em toda região, pois os times se deslocavam para “Sul Brasil, Modelo, nós ia (*sic*) no Samambaia [...] dai nós ia (*sic*) na Linha Uru.”⁷ Tanto homens, quanto mulheres jovens integravam a torcida, que também acompanhava os times visitantes (CATALAN *et al.*, 2017, p. 523).

Os times eram formados por diferentes grupos étnicos. O futebol, segundo os entrevistados, era a diversão de maior entusiasmo pelos participantes das quatro linhas. Mesmo sendo jogadores amadores, muitos deles possuíam uma carteirinha que comprovava o pertencimento a determinado time de futebol, como podemos observar nas imagens 02 e 03.

4 Familiares e amigos na torcida pelo time de futebol aos fundos da fotografia, na época pertencente ainda a Modelo/ SC.

5 Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

6 Teresinha Maria Movello, 54 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

7 Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

IMAGEM 02 - CARTEIRINHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PERTENCIMENTO A UM TIME DE FUTEBOL - COMUNIDADE PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE SUL BRASIL.



Acervo pessoal: Claudiomir Valmorbidia

IMAGEM 03 - CARTEIRINHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PERTENCIMENTO A UM TIME DE FUTEBOL⁸



Acervo pessoal: Carlos da Silva

Pelo fato de o futebol ser um esporte muito difundido na região, no período estudado,

⁸ O jogador era residente da comunidade de Linha Barrinhas do município de Jardinópolis, mas era jogador do município de Modelo.

havia muitos times, como pode ser observado na tabela 01. Além dos times da sede dos municípios de Irati e União da Vitória, havia times do interior que participavam dos campeonatos, gerando, assim, maior competitividade e disputa.

TABELA 01 - TIMES MAIS ATUANTES DA REGIÃO DE IRATI E UNIÃO DO OESTE NAS DÉCADAS DE 1960 A 1980

Nome do time	Localidade que representava
Esporte Clube Santos	Irati/Sede
Esporte Clube Industrial	Irati/Sede
Esporte Clube Cruzeiro	Linha Flor/Irati
Esporte Clube Grêmio	Linha Conceição/Irati
Esporte Clube Internacional	Linha Sete de Setembro/Irati
Esporte Clube Fluminense	Linha Barra Escondida/Irati
Esporte Clube Portuguesa	União do Oeste/Sede
Esporte Clube Grêmio	Linha Bonita/União do Oeste
Esporte Clube Santos	Linha Alto Santa Teresinha/União do Oeste
Esporte Clube Rural Flamengo	Linha Santo Antônio do Meio/União do Oeste
Esporte Clube Internacional	Linha Quatro Konder (hoje Linha Adolfo Konder)/ União do Oeste

Fonte: RISSO, 2018.⁹

Segundo os quatro entrevistados (SILVA; FILIPI; RISSO; MOVELLO)¹⁰, os campeonatos aconteciam nos finais de semana e duravam até três meses. Havia uma média de 12 a 15 times inscritos no campeonato. Então, faziam-se grupos de disputa em que os clubes com maior número de vitórias permaneciam. Nas eliminatórias dos campeonatos, eram realizados cruzamentos de jogos entre os quatro melhores times, para definir os finalistas do campeonato que eram dois times. Esses dois clubes jogavam no campo do time que se classificava para a final. O vencedor ficava com o primeiro lugar, considerado o campeão do torneio. Muitas vezes, não havia premiação, somente o prestígio para o time/clube e o lugar que este representava. Às vezes, havia premiação para os times que ganhavam o primeiro lugar como: uma taça, medalhas, um terneiro (um boi de porte menor, ainda pequeno) ou até mesmo prêmio em dinheiro. Também aconteciam torneios de curta duração, que iniciavam e terminavam no mesmo final de semana. Geralmente havia classificação até o terceiro lugar, tanto nos torneios, quanto nos campeonatos, que se estendiam por mais tempo. Cada comunidade indicava também alguém para ser juiz – que não apitava o jogo do próprio time.

As partidas de futebol propiciavam relações e diversão, não apenas para os jogadores. A moradora da região, dona Filipi (2018), relata que o deslocamento para assistir aos jogos acontecia inclusive “de cavalo, a pé. Tinha torcida, saía (*sic*) briga também muitas vezes”¹¹.

9 Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

10 Síntese das informações contidas nas entrevistas de: Carlos Da Silva, 65 anos. Entrevista, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso; Gema Santa Catarina Filipi, 71 anos, Entrevista 09 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso; Teresinha Maria Movello, 54 anos. Entrevista, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso; e Wolmyr José Risso, 60 anos. Entrevista, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

11 Gema Santa Catarina Filipi, 71 anos, 09 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso

A expectativa por um jogo ou competição, muito frequente nas comunidades e entre elas, permanecia nos ares antes e depois das partidas. A colonização implantada na região trouxe várias consequências no âmbito cultural seguidas de incorporação de outros costumes e socializações que geravam essa diversão coletiva. Segundo o que afirma Catalan *et al.* (2017), “esses times estavam longe de terem uma profissionalização, mas traziam a identidade de suas comunidades” (CATALAN, *et al.* (2017, p. 523).

Em decorrência disso, aqueles que constituíam a sociedade local possuíam uma organização para além do jogo em si. Havia uma preocupação com o fardamento do time de futebol e sua identificação enquanto clube esportivo de uma determinada região. O campo de futebol era essencial para a prática esportiva, sendo um espaço não muito estruturado para este fim, geralmente “num potreiro [...] não tinha máquina pra fazer, aproveitava o espaço que dava”¹², tendo a presença da bandeira e da bola local enfatizando a prática do futebol pelas pessoas. Conforme conta Wolmyr José Risso, nas comunidades bem como no campo de jogo, havia:

Três coisas que se preocupa muito com as comunidade (*sic*) quando foram formada [...] era a igreja, o cemitério e o campo, se não tivesse campo não era comunidade, tinha que ter o campo, aí alguém doava o terreno.[...] O primeiro campo foi feito a muque, arrancado as árvore (*sic*), os toco (*sic*), feito o campo e nunca me esqueço quando foi no ano setenta e dois a gente conseguiu uma rede da trás da trave, foi a maior alegria do mundo [...]. (RISSO, 2018)¹³

A identificação era muito importante dentro de um clube de futebol, pois apesar de toda a diversão envolvida, existia também a rivalidade entre os times. Logo, o uniforme era essencial para distinguir e marcar a identidade dos grupos esportivos. Nas imagens 04 e 05, verifica-se o conjunto que se constituía uma equipe: jogadores (de linha e de gol), treinador ou técnico, juízes, uniformes, bola e destaque também para as meias todas iguais, enfatizando ainda mais o pertencimento a um determinado time.

12 Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

13 Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

IMAGEM 04 - TIME DE FUTEBOL DE 1975, COLONOS DO OESTE CATARINENSE.¹⁴



IMAGEM 05 - TIME DE FUTEBOL EM MEADOS DE 1965, COLONOS DO OESTE CATARINENSE.¹⁵



Fonte: João Tessaro.¹⁶

Ademais, inseridos nesse contexto esportivo da época, a comunidade ou os locais de jogos poderiam ser rodeados de vegetação sem muitas moradias entorno, mas o espaço para o campo de jogo do futebol era sempre reservado e bem cuidado, prevalecendo a paisagem como reguladora do espaço em que estava inserido esse contexto.

14 Linha Tarumanzinho, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

15 Linha Santo Antonio do Meio, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

16 Residente e colonizador da região oeste de Santa Catarina: Linha Santo Antonio do meio, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

Ainda, os jogadores faziam questão de retratar o seu time bem uniformizado dentro do campo. O gosto pelo esporte era incentivado e presente na vida das crianças, geralmente filhos ou com algum parentesco próximo de quem já era jogador. Na imagem 06, logo abaixo, há mais um exemplo da constante presença de jogadores de futebol com seu time representando uma região ou um clube.

As regiões são diferentes, mas a intenção de pertencer a essa conjuntura do esporte era frequente em todos os lugares. Cada localidade formava seu grupo e passava a compor uma das diversões na época de início da colonização da microrregião de Chapecó, envolvendo várias pessoas das comunidades, seus familiares e interessados nesse tipo de entretenimento. No relato de Wolmyr José Risso, o entrevistado afirma que “a gente fazia intercâmbio, jogava com o pessoal de Coronel Freitas, Jardinópolis, União do Oeste ou lá em Modelo, Serra Alta, depois eles vinham devolver.”¹⁷

IMAGEM 06 - TIME DE FUTEBOL NO FINAL DA DÉCADA DE 1960, COLONOS DO OESTE CATARINENSE.¹⁸



Fonte: Irene Forti.¹⁹

Nas fotografias aqui apresentadas, pode-se observar que a postura dos jogadores é composta sempre na mesma organização e há aquele que apoia a mão na bola. Podemos, ainda, diferenciar quem é jogador de linha e quem é o goleiro do time pelo fato de o uniforme ser diferente dos demais. Além disso, também há a presença de um sujeito não uniformizado, caracterizando-se como o responsável por coordenar a equipe que joga. Além disso, é relevante mencionar que essa forma de entretenimento se destinava a todas as pessoas que desejassem participar, jogando ou assistindo, ajudando na organização do time ou apenas ficando na reserva, sendo bom jogador ou intermediário. Embora houvesse dificuldades financeiras, eventualmente, até mesmo para adquirir os uniformes, além da falta de profissionalismos,

17 Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbidia Risso

18 Município de Irati. Na época pertencente à Quilombo.

19 Residente e colonizador da região oeste de Santa Catarina: Irati. Na época pertencente ao Município de Quilombo.

os entrevistados relatam que o importante mesmo era pertencer a um time de futebol que representasse a comunidade ou o município. Como afirma Teixeira (2009), o esporte, nesse sentido, não se restringia a praticantes dotados de habilidades motoras, com o intuito de estabelecer uma seleção entre os esportistas e os não esportistas, passando a ser, a partir daquele momento, um elemento acessível a toda população, independentemente do estágio de capacidade física em que se encontravam os indivíduos.

Por fim, percebeu-se que o futebol se tornou fundamental para a permanência e relação entre os grupos que habitavam a região. Esse esporte - como objeto de estudo do presente artigo - ocupou espaço nas vivências sociais de diferentes grupos que se instalaram na região e encontraram nessa prática esportiva, um elo nas práticas de negociação e readaptações frente às diferenças culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reocupação dos atuais municípios de Irati e União do Oeste culminou com a vinda de migrantes com ascendência, principalmente, relacionada aos povos teutas e itálos, que passaram a se relacionar entre si e com os grupos de indígenas e caboclos que ali estavam e resistiram às ocupações. Estes enfrentaram dificuldades e necessitaram se adaptar frente às condições naturais e às diferenças culturais. Para além das práticas de trabalho, que normalmente eram desenvolvidas pelos núcleos familiares, as atividades econômicas, religiosas e as práticas de esportes serviram como uma conexão entre os grupos, para além de seu ambiente com os familiares.

Dentre as possibilidades, estava o futebol, prática muito frequente e que apresentava destaque na memória dos entrevistados. Como relatado no texto, dependia somente da vontade dos participantes para tudo acontecer, na forma de competição ou apenas por brincadeira. Em razão disso, o futebol se destacou e servia também como uma possibilidade de definir a identidade local, em relação ao regional ou às particularidades das famílias. Isto é, uma comunidade era representada por um time e fazia-se questão de terem marcas identitárias, como uniforme e as carteiras dos respectivos times.

Diante dos empecilhos e das possibilidades, a prática do futebol sobressaiu dentre os esportes desenvolvidos pelos moradores da região estudada. Mesmo estando distante dos grandes centros, com recursos limitados e sem grande infraestrutura, o esporte se consolidou e até os dias atuais é uma prática recorrente dos habitantes de Irati e de União do Oeste. Nessa região, o futebol se caracterizou como uma prática criadora de um elo em relação à identidade brasileira, para grupos descendentes de imigrantes europeus. Funcionou, também, para agregar os migrantes aos grupos ali existentes, como descendentes de indígenas e caboclos. O futebol de domingo foi além da função esportiva, traçando laços e identidades que permanecem até os dias atuais na memória e na prática social da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989. *Apud* FRAGA, W. **Uma triste história do futebol no Brasil: o Marañão- nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950.** Passo Fundo: Meritos, 2014.
- BRASIL. **Legislação Estadual.** Lei nº 8.528, de 09 de janeiro de 1992. Disponível em: http://leis.ale.sc.gov.br/html/1992/8528_1992_lei.html Acesso: 02 ago. 2017.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: imagem e história.** Bauru: EDUSC, 2004.
- CATALAN, Gesélio; CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene. Esporte em Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz;
- CORRÊA, Maurício Ghedin. **O futebol e o paternalismo de fábricas na cidade do carvão: Criciúma-SC, 1950-1970.** Criciúma-SC. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/historia/article/view/1101/0>. Acesso em 02/09/2020.
- DA SILVA, Carlos. Entrevista, 07 fev. 2018. **Irati SC.** Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.
- DRUMOND, Maurício. **O esporte nos estados novos de Salazar e Vargas (1933-1945): um estudo comparado.** São Paulo. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300406759_ARQUIVO_ARTIGOANPUH2011-MauricioDrumond.pdf. Acesso em 06 set. 2020.
- FILIPI, Gema Santa Catarina. Entrevista 09 fev. 2018. **Irati SC.** Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.
- FRAGA, W. **Uma triste história do futebol no Brasil: o Marañão- nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950.** Passo Fundo: Meritos, 2014.
- GERTZ, René. A colonização no período republicano–segunda fase. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Org.). **Releituras do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Livro-Digital.pdf>. Acesso em 09 out. 2017.
- GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964).** Belo Horizonte, 2003. 322 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-5NVJWV>. Acesso em 24/01/2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Irati.** Santa Catarina. Histórico. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/irati.pdf>. Acesso em 25/07/2017.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: Usos sociais e historiográficos. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2012. P.29-60.
- MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer.** São Paulo, 2005. 320 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física. 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274935/1/Mascarenhas_Fernando_D.pdf. Acesso em 24 jan. 2018.
- MOVELLO, Teresinha Maria. Entrevista, 07 fev. 2018. **Irati SC.** Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

- NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009.
- RENK, Arlene Anelia. **A luta da erva**: um ofício étnico no Oeste Catarinense. Argos, 2006.
- RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos**: histórias plurais. Chapecó: Argos, 2017, p. 521 - 546.
- RISSO, Wolmyr José. Entrevista, 13 fev. 2018. **Irati SC**. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.
- SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Legislação Estadual. (lei nº 8.528/1992). Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1992/8528_1992_lei.html. Acesso: 20 ago. 2017
- SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**, vol. 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio (organizador) . Companhia das Letras, 1998.
- TEIXEIRA, Sérgio. **O esporte para todos**: “Popularização do lazer e da recreação”. Urbelândia/MG. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/756/697>. Acesso em 08 set. 2020.
- VALENTINI, Delmir; WITTE, Gerson; CARBONERA, Mirian; SALINI, Ademir Miguel; ONGHERO, André Luiz (Orgs). **Revelando o Contestado**: as fotografias na história do centenário da guerra. Chapecó: Argos, 2015.
- WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense** – A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Argos: Chapecó. 2006.
- WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ENTRE O AMADORISMO E O
PROFISSIONALISMO: A VÁRZEA
E AS TRANSFORMAÇÕES DO
FUTEBOL NA CAPITAL MINEIRA
NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO
Fundação Getúlio Vargas
raprajao@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende abordar a conformação de um circuito competitivo do futebol de várzea, em Belo Horizonte, associado a processos que foram fundamentais para a estruturação do meio esportivo no Brasil. Ao utilizar como fonte os debates de um jornal com estreitas ligações com a vertente mais popular dessa modalidade atlética, são examinadas oposições e interseções durante o desenvolvimento da expressão amadorista da prática e a consolidação de sua versão espetacularizada. Passada mais de uma década da regulamentação do pagamento de salários aos jogadores, observava-se a constituição de um mercado incipiente, incapaz de gerar rendas suficientes para a manutenção de um sistema de dedicação integral e exclusiva dos atletas. O cenário dos anos 1940 e 1950 na capital mineira ajuda a compreender como a definição dos circuitos de várzea e do futebol de espetáculo foi um processo longo, que teve na oficialização do profissionalismo, em 1933, apenas um de seus capítulos. Várias disputas seguiam em aberto naqueles tempos, quando as fronteiras entre os dois universos eram ainda muito indefinidas.

Palavras-chave: Futebol amador; profissionalismo; Belo Horizonte.

Recebido em 17 de setembro de 2020.

Aprovado em 11 de março de 2021.

BETWEEN AMATEURISM AND
PROFESSIONALISM: THE VÁRZEA
AND THE TRANSFORMATIONS OF
FOOTBALL IN THE CAPITAL OF MINAS
GERAIS IN THE 1940S AND 1950S

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO
Fundação Getúlio Vargas
raprajao@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to discuss the conformation of a competitive circuit of the amateur football in Belo Horizonte in relation to processes which were fundamentals to the structuring of sport business in Brazil. When using journal issues as source with close relations of the most popular line of these athletic practices, oppositions and intersections are examined during the development of the amateurism and the consolidations of its use as entertainment. More than a decade went by since the regulation of the payment of wages to the football players, may be observed the incipient increase in market, unable to generate proper income to maintain a system of fulltime and exclusive dedication to the athletes. The panorama in the capital in 1940s and 1950s propitiates understand how the definition of the várzea's circuit and football as entertainment was a long-term process, which had in the professionalism officialization, in 1933, just one of its chapters. Various competitions were pending in those days, when the boundary between the two universes was very tenuous.

Keywords: Amateur football; professionalism; Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

No ano de 1956, o *Diário da Tarde*¹ publicou entre os meses de maio e julho uma série intitulada “Radiografia do profissionalismo mineiro” na qual traçou um panorama da situação de nove dos dez clubes integrantes da divisão profissional da *Federação Mineira de Futebol* (FMF). As reportagens diagnosticavam a situação empregatícia dos atletas, com um balanço daqueles que reuniam ou não condições de se dedicarem exclusivamente à prática esportiva. Conforme informado no primeiro episódio dedicado ao *Vila Nova*, da cidade de Nova Lima:

O regime remunerado em Minas apesar de ter sido adotado há vinte e três anos (desde 1933), continua incipiente, mal compreendido, quase falso. A rigor, dentre os nossos clubes profissionais, apenas dois (Atlético e América), agem de forma a serem considerados verdadeiramente profissionais, muito embora algumas poucas restrições. Os craques de Lourdes e da Alameda são integrados no regime com suas obrigações afetas somente ao clube que os contrataram, sendo mínima a percentagem daqueles que não fazem do futebol o seu meio de vida. Alvi-negros e alvi-verdes estão sempre dando exemplo de aquisições fora do Estado, buscando nomes que provoquem a curiosidade do público, com folhas de pagamentos vultosas, enfim, demonstrando adotarem, de fato, o regime que abraçaram.

Os demais, adotam (*sic*) um misto de profissionalismo e amadorismo marrom, representando este último critério na providência de garantir para os seus “profissionais” empregos que variam entre o comércio, a indústria, o funcionalismo municipal, estadual e federal, colocações que venham possibilitar a permanência deste ou daquele valor.²

O argumento da matéria de abertura seria evidenciado a cada episódio com a demonstração de diferentes arranjos desenvolvidos pelos clubes para garantir o sustento de seus atletas. A existência de agremiações em cidades com instalações fabris permitia a manutenção de jogadores-operários, que se desdobravam entre a atividade industrial e a prática futebolística. Tal situação se verificava nos casos do *Vila Nova* de Nova Lima, associado à *Companhia Morro Velho*³, do *Siderúrgica* de Sabará, próximo à *Companhia Siderúrgica Belgo Mineira*⁴, do *Asas de Lagoa Santa*, baseado na fábrica de aviões existente ali⁵ e do *Metalusina* de Barão de Cocais, com relações com a usina metalúrgica local.⁶

Quanto às equipes belo-horizontinas do *Cruzeiro* e do *Sete de Setembro*, o que se observava era a manutenção de uma rede de apoio e de tráfico de influências, suportada pelos associados dos clubes, que permitia que atletas assumissem postos de trabalho no comércio local e em repartições públicas, com flexibilidade para se dedicarem aos treinamentos⁷. No caso do *Sete de Setembro*, a condição empregatícia de seu elenco levou a agremiação a transferir seus exercícios para o período noturno, de modo a não prejudicar o expediente regular dos

1 O *Diário da Tarde* era ligado aos *Diários Associados*, fundado por Assis Chateaubriand. Periódico vespertino, de perfil mais popular em relação ao coirmão *Estado de Minas*, o *DT* se dedicava, principalmente, à cobertura de temas esportivos, policiais e do cotidiano da capital mineira. Por vários anos, manteve colunas dedicadas a essa vertente específica do futebol, com destaque para aquela denominada Notas da Várzea.

2 RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 25 de maio de 1956.

3 Cf. *Ibidem*.

4 Cf. RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 30 de maio de 1956.

5 Cf. RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 22 de junho de 1956.

6 Cf. RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 28 de junho de 1956.

7 Cf. RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 7 de junho de 1956; RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 13 de junho de 1956.

jogadores⁸. O novato *Democrata*, de Sete Lagoas, que até tinha seis profissionais integrais, dependia de uma “caixinha” sustentada por alguns de seus diretores.⁹

Nessa perspectiva, somente duas agremiações da divisão profissional da FMF tinham a maioria de seus atletas com dedicação exclusiva à preparação e às partidas: *Atlético* e *América*, ambas da capital mineira. Apenas essas custeavam seus elencos diretamente, em boa parte com rendas geradas por suas próprias atividades.

O quadro traçado pelas reportagens do *Diário da Tarde* indica um profissionalismo que não era autossustentável. Passadas mais de duas décadas da formalização da remuneração de atletas no futebol belo-horizontino, equipes tradicionais, com estádios próprios, como *Cruzeiro* e *Sete de Setembro*, dependiam de arranjos similares aos anteriores a 1933¹⁰. Tal situação não era exclusiva do meio esportivo mineiro, como revela, por exemplo, o relato de Rui Campos, meia do *São Paulo* e da *Seleção Brasileira* nos anos 1940 e 1950, prestado ao *Museu da Imagem e do Som de São Paulo*, dentro do projeto “Memórias do Futebol”, que comenta a conciliação, durante toda sua carreira, entre cargos no governo do Estado de São Paulo e a condição de atleta.

A identificação de um meio profissional em busca de consolidação na metade dos anos 1950 chama a atenção para o fato de que o processo de constituição do futebol como espetáculo rentável e autossustentável prolonga-se por várias décadas. Apesar da importância do reconhecimento do regime de remuneração de atletas a partir de 1933, o qual não se efetivou simultaneamente em todas as regiões brasileiras, tal marco faz parte de um fenômeno de duração mais longa que não se encerra nele, como bem destaca Arlei Damo:

O primeiro dá conta de que o ano de 1933, embora sirva como referência, não pode levar a crer que o acordo entre as agremiações paulistas e cariocas tenha modificado radicalmente o que quer que seja, muito menos que tenha reverberado de modo idêntico em todas as partes do Brasil. A profissionalização dos pés-de-obra é paralela ao processo de espetacularização do futebol e este é matizado, entre outros fatores, pela urbanização, pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, incluindo-se a invenção do jornalismo especializado. Por tais motivos, a espetacularização do futebol no Brasil é um processo inacabado e diversificado, embora tenha se consolidado um circuito nacional, a partir dos anos de 1970, do qual faz parte a elite clubística. (DAMO, 2005, p. 171)

Nesse sentido, é possível pensar o reconhecimento da profissionalização dos atletas como parte do fenômeno mais abrangente de criação de um *circuito* do futebol de espetáculo em diferentes cidades brasileiras. A possibilidade da cobrança de entradas e da geração de um mercado de consumo voltado para o fomento de disputas futebolísticas remonta ao início do século XX, momento ainda embrionário da modalidade no Brasil (Cf. GAMBETA, 2013; SANTOS, 2010). A constituição de uma elite de clubes que capitaneou esse processo, especialmente, por meio das entidades dirigentes e que concentrou o poder de definir as condições para o ingresso no *circuito* que se consolidava pôde ser observada desde a fase

8 Cf. O SETE NÃO PODE AMARRAR-SE MAIS À MENTALIDADE AMADORISTA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 2º caderno, 17 de julho de 1958.

9 Cf. RADIOGRAFIA DO PROFISSIONALISMO MINEIRO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 28 de junho de 1956.

10 Há vasta bibliografia que documenta a prática de remuneração de atletas de futebol antes de 1933, em cidades das diferentes regiões brasileiras, em um arranjo conhecido como amadorismo marrom, que envolvia variadas táticas para garantir benefícios financeiros a jogadores que oficialmente eram apresentados como não profissionais. Para um panorama desse cenário ver: GOMES; PINHEIRO, 2015.

inaugural dessa prática atlética.

Dessa forma, a distinção de uma série de agremiações ou de tipos de agremiações que estariam apartadas de um *circuito* que se estabelecia remonta à própria estruturação do *campo esportivo* nas diferentes cidades. A oposição entre clubes profissionais e amadores que consagraria tal separação não seria instituinte dessa segregação, mas sim um desdobramento do fenômeno de bases anteriores. Essa separação, como será demonstrada neste texto, em diversos momentos vivenciou situações tênues, a exemplo da condição semiprofissional que as equipes da principal divisão da *Federação Mineira de Futebol* (FMF) experimentavam na década de 1950.

A opção pela categoria *circuito* para distinguir, de um lado, o amplo universo de práticas desenvolvidas por equipes integrantes de um meio esportivo formal e informal aderente ao futebol amador, e de outro, aquele associado à versão espetacularizada do jogo, baseada na comercialização de ingressos e em outras formas de mercantilização, se dá, em especial, a partir do diálogo com dois autores, Mauro Myskiw e Arlei Damo.

Em sua tese, Mauro Myskiw desenvolveu estudo etnográfico com times de Porto Alegre entre os anos de 2009 e 2011. Durante seu esforço de delimitação do objeto de pesquisa, o autor rapidamente percebeu a diversidade de situações em que o termo *várzea* era utilizado, às vezes representando um lugar – *na várzea* –, às vezes algo, uma coisa – *a várzea* (Cf. MYSKIW, 2012, p. 28). Para auxiliar seu esforço de análise, o pesquisador recorreu à categoria *circuito*, proposta pelo antropólogo José Guilherme Magnani, que se refere a um conjunto “(...) que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários (...)” (MAGNANI, 2008, p. 45). A partir dessa demarcação, Myskiw conseguia circunscrever um grupo de práticas e espaços que se diferenciavam de outras expressões futebolísticas vivenciadas em Porto Alegre.

Ao considerar a diversidade de expressões que essa modalidade esportiva experimentou e experimenta, Arlei Damo cunhou em sua tese a categoria *futebóis*, com a identificação do que chamou de diferentes matrizes futebolísticas: espetacularizada, comunitária, bricolada e escolar (DAMO, 2005, p. 36-44). Mais recentemente, ao revisitar o debate, o autor comentou sobre a melhor adequação da noção de *circuito*, ainda que a partir de uma referência diversa da utilizada por Mauro Myskiw:

A noção de matriz deu mais a ideia de um sistema do que de processo ou de fluxo. Tivesse a oportunidade de reescrever a proposta, provavelmente substituiria “matriz” por “circuito”, inspirado na utilização deste termo por Viviana Zelizer (2005) ao tratar da diversidade de mercados no espectro do capitalismo, porque o termo sugere uma ideia de fluxo – no caso da formação de jogadores poderia ser pensado como um fluxo de praticantes, de técnicas corporais, de modos de governo, de dinheiro, afetos e assim por diante. A noção de Zelizer ajudaria a pensar que as práticas atinentes à formação e atuação profissionais fazem parte de um circuito específico, uma espécie de mainstream, vistas como legítimas do ponto de vista da estética e da eficácia. (DAMO, 2018, p. 49)

Em ambas as referências, os enquadramentos buscam lidar com a diversidade das expressões futebolísticas por meio de noções de descontinuidade e fluidez. Da mesma maneira, pressupõe-se um reconhecimento social que permite que comunidades internas e externas a essas práticas as percebam como conjunto, um universo, que, neste caso, seria denominado

de a *várzea*¹¹, mesmo que não goze de uma estrutura fixa e contínua.

A construção dessa ideia ou desse espaço simbólico que viria a ser identificado em BH como a *várzea* local possui uma historicidade que abarca múltiplos eventos que resultaram na configuração que tal *circuito* assumiu na capital mineira. Foi em diálogo com as reconfigurações do meio esportivo nacional e regional, com a dinâmica do mercado e do mundo do trabalho, com as transformações da cidade, com as expressões culturais populares e com as estratégias de controle e de luta política que essa expressão futebolística foi se moldando e reinventando na experiência cotidiana dos seus adeptos.

Para se passar ao exame dos embates que cercavam a constituição de um *circuito* da *várzea* no final da década de 1940, período abordado por este texto, faz-se necessária uma pequena digressão sobre os antecedentes da disputa institucional em torno da condução do futebol amador na capital mineira.

A OFICIALIZAÇÃO DO FUTEBOL AMADOR

Como apontado antes, a formação de uma elite de clubes que lideraram a formação de um *circuito* do futebol de espetáculo, os quais assumiram o controle sobre as entidades diretas e impuseram limites à participação das demais agremiações em suas competições, refere-se ao período inaugural da modalidade em diversas cidades brasileiras. São inúmeras referências às separações de equipes com a fundação de ligas alternativas para driblar as vedações impostas pelos grupos hegemônicos nos meios esportivos¹². Nessa medida, a segregação de agremiações originadas da associação de trabalhadores braçais, de negros, de pobres e de moradores de áreas suburbanas foi observada desde as primeiras décadas da prática no país.

No caso de BH, observou-se a organização de clubes de futebol em bairros populares poucos anos após a criação das agremiações mais tradicionais. Em 1910, – ou seja, apenas dois anos depois da fundação do *Atlético*, a primeira associação a se consolidar na cidade – surgiu no bairro operário do Barro Preto, o *Yale Athletic Club* (RIBEIRO, 2018, p. 70). Em 1913, registrava-se a existência de equipes em bairros suburbanos como Floresta e Lagoinha (RIBEIRO, 2018, p. 79). Ainda segundo Ribeiro (2018), com um número limitado de times na cidade, alguns mais bem estruturados como o *Yale* participaram das primeiras edições da competição da *Liga Mineira de Sports Athleticos (LMSA)*, o que perdurou até o início dos anos 1920.

A médio prazo, a tendência foi a de acomodação das equipes suburbanas na principiante segunda divisão da *Liga Mineira de Desportes Terrestres (LMDT)*. No campeonato de 1928, por exemplo, além de *Atlético*, *América*, *Cruzeiro* – então, *Palestra Itália* – e *Sete de Setembro*, apenas outros dois clubes belo-horizontinos, ambos do bairro da Lagoinha, *Fluminense* e *Guarani*, integravam a primeira divisão ao lado do *Vila Nova*, de Nova Lima e do *Alves Nogueira*, de Sabará. As demais associações da capital mineira concentravam-se na divisão inferior¹³.

11 Outra referência digna de nota à utilização da noção de *circuito* da *várzea* encontra-se na obra de Gilmar Mascarenhas, que estabelece a comparação entre um circuito corporativo (fabril e comercial) e um do futebol de *várzea*, para abordar caminhos da popularização da modalidade nas cidades brasileiras. Cf. MASCARENHAS, 2014, p. 98.

12 (Cf. GAMBETA, 2013; PEREIRA, 2000; SANTOS JUNIOR, 2014; SOUZA, 2018; SOUZA; CAPRARO, 2015, p. 235-263)

13 Cf. ASSIS, Anatólio Alves de. Recordações de BH do passado, do “footing” ao “football”. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 23 de julho de 1981, p. 9.

Estrutura semelhante era observada no início da década de 1930 (MAYOR, 2017, p. 166).

Conforme Lage e Medeiros (2014), a distinção representada na organização da liga local se expressaria na passagem ao profissionalismo. Inicialmente, apenas *Atlético*, *América* e *Palestra Itália* aderiram à regulamentação da remuneração de atletas dentre os clubes belo-horizontinos em 1933. O *Sete de Setembro* se articulou com outras entidades para a criação de uma liga amadora, mas terminaria por ingressar no novo regime no ano seguinte (MAYOR, 2017, p. 214-216). Assim, as demais equipes da capital mineira passaram a se mobilizar para organizar disputas entre as que seguiram no amadorismo.

Os anos que se seguiram foram de tentativas de criação de entidades dirigentes capazes de agregar os clubes que se mantiveram ligados à expressão amadora da prática futebolística, como rememorou uma matéria do *Diário da Tarde*:

(...) Surgiu, então sob os auspícios do DIÁRIO DA TARDE, numa iniciativa brilhante de Menotti Mucelli, cuja memória reverenciamos, a primeira liga de amadores da capital – L.A.F. (Liga Amadorista de Futebol. *sic*) (...) Posteriormente, apareceu o D.A. (Departamento Amadorista), entidade prestigiada pela então Liga de Futebol de Belo Horizonte ou Liga Mineira de Desportos Terrestres, que se transformou, posteriormente, na Federação Mineira de Futebol.¹⁴

Uma narrativa parecida é apresentada na tese de Sarah Soutto Mayor, que igualmente aponta para o movimento de criação de uma entidade responsável pelas disputas amadoristas atrelada à estrutura institucional responsável pela organização das agremiações profissionais, no caso, a *Liga de Futebol de Belo Horizonte* (LFBH) (MAYOR, 2017, p. 217). Essa tendência de subordinação seria consolidada na década seguinte, mais especificamente em 1942, como parte de um fenômeno maior de remodelação esportiva nacional.

O início da década de 1940 foi um momento central para a estruturação da política esportiva nacional, a qual se expressou, principalmente, na edição do Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Tal legislação, além de criar o *Conselho Nacional de Desportos* (CND), ao qual se subordinava toda a rede de entidades diretivas do setor, estabeleceu outras orientações para o desenvolvimento das modalidades atléticas no país, reproduzindo a mesma lógica de unicidade que se via no controle das associações sindicais¹⁵.

Sob o novo regime, cabia ao CND a regulamentação da organização e das práticas esportivas no país, o que ocorria por meio de uma série de normativas do órgão, que tinha por objetivo complementar as diretrizes gerais apresentadas no Decreto-Lei 3.199/41 (BRASIL, 1941). Foi sob essa prerrogativa que o conselho estabeleceu em outubro de 1942 que: “Numero 13 – Cada Federação manterá um Departamento de Futebol Amador, com Organização própria, dirigido por um delegado por escolha do presidente (...)”¹⁶. Seguindo a imposição do órgão superior federal, em 16 de dezembro de 1942, foi instalado o *Departamento de Futebol Amador* (DFA)¹⁷ como parte da estrutura da *Federação Mineira de Futebol* (FMF), entidade criada em 1939 (MAYOR, 2017, p. 217).

No intuito de se recuperar os antecedentes da constituição de uma estrutura oficial

14 Um pouco da história do futebol amador de Belo Horizonte. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 16 de maio de 1956, p. 8.

15 Cf. LINHALES, 1996; SOARES, 2015; SOUZA, 2008.

16 “DEIXEM CÔRTEZ TRABALHAR”. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 18 de julho de 1956, p. 8.

17 DFA – LEGENDA DO AMADORISMO DE BELO HORIZONTE. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 9, 3º caderno, 12 de dezembro de 1956.

do futebol amador da capital mineira, deve-se, por fim, pontuar a criação de um órgão disciplinar a partir da configuração da Justiça Desportiva, pelo CND, em 1945. Em seu arranjo institucional, duas instâncias atuavam em âmbito estadual, o *Tribunal de Justiça Desportiva* (TJD) e a *Junta Disciplinar Desportiva* (JDD), esta dedicada à expressão amadora do esporte (SOARES, 2015, p. 285-286).

É, portanto, a partir desse cenário, com a estruturação de uma organização oficial da várzea local por meio do *Departamento de Futebol Amador* (DFA) e de uma instância disciplinar, a *Junta Disciplinar Desportiva* (JDD), que constatou-se os embates em torno da constituição de um *circuito* que articulasse as equipes de futebol amador em BH. Nesse contexto, variados interesses estavam em disputa. No presente artigo, esse processo será examinado sob a perspectiva das oposições entre um futebol de espetáculo, ainda em desenvolvimento, com dificuldades de estabelecer um regime autossustentável que garantisse o pagamento de atletas para a dedicação integral ao esporte e um meio varzeano que transgredia os limites do regime amadorista em que havia sido lançado.

ENTRE O AMADORISMO E O PROFISSIONALISMO

Em 1948, o profissionalismo coordenado pela FMF tinha alcance limitado, o campeonato local contava apenas com sete equipes, quatro delas da capital, além do *Siderúrgica* de Sabará, do *Metalusina* de Barão de Cocais e do *Vila Nova* de Nova Lima, todas cidades situadas a um raio de 100 quilômetros de Belo Horizonte. No ano anterior, a entidade diretiva mineira organizou o que chamou de *I Campeonato Estadual de Futebol*, desdobramento da realização do *I Campeonato do Interior*, promovendo um certame entre agremiações das diferentes ligas municipais e regionais. Como forma de incremento da modalidade em Minas Gerais, a presidência da federação propunha a criação, a partir de 1949, da 2ª divisão profissional, para o que esperava arregimentar “clubes da Capital, de eficiência técnica comprovada e, possivelmente, associações das cidades vizinhas”¹⁸.

Como citado anteriormente, desde ao menos o início da década de 1920, as disputas do então campeonato da cidade envolviam a participação de clubes da capital mineira e de localidades vizinhas, como Nova Lima e Sabará. A adesão de agremiações às ligas que hegemonizaram o futebol de espetáculo em Belo Horizonte até a regulamentação do profissionalismo envolvia a presença de cerca de duas dezenas de equipes, separadas em duas divisões. Com o advento do regime oficial de remuneração de atletas, considerável parcela das associações abdicou da disputa do principal torneio local, que em sua nova versão, contou entre os belo-horizontinos apenas com *América*, *Atlético* e *Palestra Itália*, com a adesão do *Sete de Setembro*, a partir de 1934 (MAYOR, 2017, p. 216).

Nessa medida, diversas agremiações que, embora não gozassem de protagonismo na principal liga belo-horizontina compunham o mais prestigiado torneio local, a partir do advento do profissionalismo, passaram a atuar num circuito diverso, associado à várzea, onde outros tantos times já desenvolviam pequenos certames e se organizavam de maneira autônoma. Com boa estrutura material, mantendo campos e sedes próprias e com um corpo de sócios contribuintes razoável, tais clubes viviam o impasse de arcar com os custos do regime oficializado de remuneração de atletas ou de seguirem no amadorismo, talvez sem a mesma

¹⁸ EM 49, A CRIAÇÃO DA II DIVISÃO DA F.M.F. *Diário da Tarde*. p. 4 e 5, 20 de dezembro de 1948.

visibilidade garantida pelo esporte de espetáculo. Por outro lado, com um número restrito de participantes, o campeonato mantido pela Federação Mineira de Futebol mostrava-se incapaz de ocupar parcela considerável do calendário de seus participantes, demandando a ampliação do quantitativo de concorrentes.

Liderada por um político com estreitas relações com o futebol, o prefeito Otacílio Negrão de Lima, ex-atleta e dirigente do América, a municipalidade procurava intervir com o objetivo de incrementar o espetáculo esportivo local, para o que organizou um plano de apoio à profissionalização de equipes da capital mineira, que consistia no seguinte:

Faz três meses que o futebol amador viveu um período de intensa expectativa, com as demarches para a escolha de dois clubes inscritos no Departamento de Futebol Amador a fim de preencherem o quadro da primeira categoria da Federação Mineira de Futebol.

Depois de prolongadas conversações de exames das documentações apresentadas pelos clubes, depois de uma serie infundável de exigências que deveriam ser satisfeitas pelos grêmios amadoristas, os membros da comissão encolhida (*sic*), em reuniões sucessivas, ponderando todos os requisitos oferecidos pelos candidatos á ascensão, optaram pela elevação do Tremedal e do Terrestre á categoria profissional.

Vencida, portanto, a primeira fase das providencias que se prendiam ao estudo e apreciação das condições que poderiam oferecer os clubes para a sua promoção ao profissionalismo, estava a segunda parte, qual seja a da construção das praças de esportes para os que fossem elevados. O trabalho da comissão presidida pelo saudoso vereador Alvaro Celso de Trindade, se desenvolveu dentro do mais rigoroso critério, sendo atendidos todos os requisitos exigidos ao fim das continuadas reuniões, pode a comissão chegar, com a brevidade esperada, á colimação do fim a que estava sendo pretendido. (DIÁRIO DA TARDE, 1948, p. 5).

Com vistas a atender a necessidade de ampliação das equipes na divisão da FMF, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) encampou a missão de financiar a profissionalização de duas equipes vinculadas ao DFA. Como relata o trecho, foram selecionados o *Terrestre*, do bairro da Lagoinha¹⁹, e o *Tremedal*, do Carlos Prates²⁰. Ambas as agremiações, para além da boa estrutura, tinham destacada atuação na política esportiva local. Uma reportagem do Diário da Tarde (1956) recordava que, até aquele ano, apenas dois diretores do DFA não tinham saído das fileiras do *Tremedal* (DIÁRIO DA TARDE, 1956, p. 8 e 9).

Para além do peso político envolvido na escolha, é interessante perceber como o plano de profissionalização passava pela necessária construção de uma praça de esportes para cada uma das entidades, com financiamento municipal. Conforme Santos (2010), nesse momento, boa parte da sustentabilidade do futebol de espetáculo baseava-se na cobrança de ingressos para as disputas esportivas. Portanto, era fundamental a existência de um estádio próprio para garantir a transição das agremiações amadoras ao novo regime.

Em um contexto de profissionalismo em processo, a estrutura de um clube varzeano de elite pouco se diferenciava da de uma agremiação da liga principal de segundo escalão. O

19 A Lagoinha é um dos bairros de ocupação mais precoce na nova capital mineira. Integrante da Sexta Seção Suburbana, na divisão proposta pelo plano original, acolheu boa parte dos operários e trabalhadores braçais, nacionais e estrangeiros, que atuaram nos primeiros anos de Belo Horizonte. Também ficou marcada como área comercial e boêmia da cidade, especialmente até os anos 1960. Foi berço de importantes clubes, como *Guarani*, *Fluminense*, *Pitangui*, *Lagoinha* e o próprio *Terrestre*. Cf. ARREGUY; RIBEIRO. Regional Noroeste, 2008.

20 Originado da subdivisão de terrenos da Colônia Agrícola Carlos Prates e com população operária, o bairro formado às margens do Córrego do Pastinho, aos poucos ganhava ares de classe média, impulsionado pela canalização do curso d'água e pela abertura da Avenida Pedro II. Cf. ARREGUY; RIBEIRO. Regional Noroeste, 2008.

Tremedal, que, em 1956, vangloriava-se de ser a mais organizada entidade do amadorismo, ostentava “(...) séde (cedida pelo Governo do Estado), onde faz funcionar, com brilho, uma Escola Infantil. Está construindo vestiários e quadras para volei e basquetebol”²¹.

Apesar do anúncio da PBH sobre a incorporação de dois clubes da capital na liga principal da FMF, o que gerou o pedido de desligamento de *Terrestre* e *Tremedal* dos quadros do DFA²², a entidade diretiva estadual parecia ter um plano diverso, com a divulgação da criação de sua 2ª divisão profissional que, além das duas agremiações citadas, comportaria os belo-horizontinos *Fluminense*, *Santa Teresa* e *Pampulha*, e os interioranos *Pedro Leopoldo* e *União Itabirito*²³. O “rebaixamento” das duas equipes selecionadas pela municipalidade deu início a um impasse, uma vez que elas não mais teriam a possibilidade de se envolver em competição com os principais times locais, o que frustrava consideravelmente a visibilidade, o prestígio e as previsões de arrecadação com venda de ingressos que esperavam. Frente a isso, o presidente do *Tremedal* rejeitava a proposta de integrar uma divisão inferior²⁴.

A persistência da querela, incluindo o recuo da PBH em relação ao financiamento da construção dos estádios²⁵, fez com que a ideia de uma 2ª divisão profissional esfriasse e que a sua implantação para o ano de 1949 não vingasse. Em 1950, o debate seria retomado, com a indicação do sucesso alcançado pelo campeonato de acesso no estado de São Paulo. Contudo, a resistência de muitas equipes do interior mineiro de aderirem ao regime profissional era apresentada como motivação principal da dificuldade de implantar tal iniciativa²⁶.

O tema da incorporação de equipes do *circuito* varzeano nas competições masculinas adultas da FMF, seja com a ampliação de vagas na divisão de elite, seja com a criação de uma 2ª divisão persistiria nos anos 1950. Em 1952, o DFA anunciava que escolheria duas agremiações as quais teriam apoio para a profissionalização²⁷, proposta que não teve maiores desdobramentos. Da mesma maneira, a questão da 2ª divisão era retomada, com nova indicação de um fracasso²⁸. Não havia demonstrações de força daquele regime para permitir sua expansão.

Um dos principais desafios enfrentados pelos clubes da divisão principal da FMF era garantir uma sequência de partidas com bons públicos que permitissem arrecadação suficiente para arcar com os custos inerentes ao profissionalismo e ampliar seus elencos, oferecendo espetáculos ainda mais atraentes. Essa preocupação mobilizava as agremiações que, em 1950, formularam uma proposta para contornar a crise que se impunha:

O desinteresse do publico pelos jogos do atual certame tornou-se evidente. Aos poucos, os apaixonados vão fugindo dos estádios, observando-se esta verdade através da reduzida

21 A INFLUENCIA DO TREMEDAL NO AMADORISMO DE B. HORIZONTE. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 8 e 9, 5 de janeiro de 1956.

22 TREMEDAL E TERRESTRE DESISTIRAM DO CAMPEONATO DO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL AMADOR. **Diário da Tarde**, 5 de outubro de 1948, , p. 4, Belo Horizonte.

23 SERÁ CRIADA A SEGUNDA DIVISÃO DE PROFISSIONAIS. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 2 de dezembro de 1948, p. 5.

24 Cf. EXPLICA O SR. HELIO MOSCI. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 21 de dezembro de 1948, p. 5.

25 Cf. TERRESTRE E TREMEDAL NA “BERLINDA”. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte 19 de janeiro de 1949, p. 5.

26 Cf. A CRIAÇÃO DA 2ª DIVISÃO DE PROFISSIONAIS. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte., 23 de maio de 1950, p. 4.

27 Cf. Dois clubes amadoristas para a divisão de profissionais. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 29 de março de 1951, p. 5.

28 Cf. CONDENADA AO FRACASSO A 2ª DIVISÃO DE PROFISSIONAIS. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 31 de março de 1952, p. 8.

receita até agora apresentada quando cerca de dez rodadas já foram levadas a efeito. Sentiu-se a necessidade urgente de se tomar providências para o retorno de grandes públicos aos espetáculos futebolísticos, a fim de impedir a derrocada do “association” montanhês. E foi por isso que, por iniciativa dos próprios clubes, se reuniu ontem á noite o Conselho Divisional da Federação Mineira de Futebol, na sede daquela entidade. (...)

Aproveitando a presença do sr. Constantino Siqueira, representante dos clubes amadoristas junto á FMF entenderam-se os membros do Conselho Divisional com o objetivo de que se possa organizar entre os mais expressivos grêmios amadoristas, um certame extra, o qual seria disputado nas preliminares dos jogos profissionais.

As partidas entre os aspirantes passariam a ser realizadas aos sábados, de acordo com o que se projetou. (...)

Segundo estamos informados, os clubes entre os quais seriam escolhidos os que participariam do campeonato extra são os seguintes:

Santa Teresa, Fluminense, Tremedal, Parque Riachuelo, Terrestre, Ferroviário, Vila Concordia, Inconfidência, Indústrias Reunidas e Horizonte Têxtil.

Trata-se de agremiações que indiscutivelmente desfrutam de grande popularidade no cenário do futebol amador da cidade. (...)

Espera-se que os clubes saibam corresponder á iniciativa, que lhes proporcionará inúmeras vantagens. Teriam eles, além de fornecimento gratuito de bola pela FMF, juízes sem qualquer ônus.

Receberiam, ainda, uma quota de 50 centavos em cada ingresso do espetáculo de que tomassem parte (DIÁRIO DA TARDE, 1950, p. 5).

Ao aproveitar-se da popularidade dos varzeanos, os clubes profissionais queriam ampliar seus públicos e, ao mesmo tempo, eliminar disputas concorrentes que direcionavam parte dos torcedores para as beiras dos campos de terra espalhados pela cidade. Como avaliava o Diário da Tarde (1950):

Entre as inúmeras causas da quebra de renda nos espetáculos futebolísticos em Belo Horizonte, a programação dos jogos do certame amadorista no mesmo horário em que se realizam os jogos do certame profissional, sempre foi encarada como das mais danosas (DIÁRIO DA TARDE, 1950, p. 4).

Em troca de alguns benefícios, os integrantes da principal divisão da FMF buscavam incorporar tradicionais equipes do *circuito* amadorista. Em reunião no final de setembro de 1950, as entidades filiadas ao DFA apreciaram a proposta dos profissionais que era ligeiramente diferente da citada acima, uma vez que a quota de 50 centavos incidiria tão somente sobre as entradas das gerais e não sobre todos os ingressos, como noticiado no início daquele mês. Após avaliação e discussão, as agremiações varzeanas optaram pela rejeição e argumentaram que:

vêm sofrendo [prejuízos] com essa questão das rendas, pois é sabido que, tempos atrás, percebiam a importância de 10 centavos por ingresso vendido nos estádios de Belo Horizonte, ajuda essa que foi posteriormente cortada (DIÁRIO DA TARDE, 1950, p. 11).

À recusa dos integrantes do DFA, seguiram-se ameaças de represálias dos clubes profissionais, segundo noticiado pelo *Diário da Tarde*:

A medida tomada pelos clubes amadoristas deverá sofrer represálias por parte dos clubes profissionais. Acham estes que os pequenos clubes não querem cooperar no soerguimento do futebol amador, campanha a pouco iniciada e que visa levantar o nível técnico e financeiro do nosso futebol (...)

Não se justifica a atitude dos pequenos clubes, mormente em se sabendo que a campanha não visa a interesses secundários, mas tão somente à melhoria do futebol mineiro. Diante disso, os clubes profissionais não mais cederão os seus estádios para partidas ou festivais amadoristas, bem como não lhes farão outras concessões, conforme apuramos nos altos círculos da F.M.F. (DIÁRIO DA TARDE, 1950, p. 11).

O episódio do torneio extra de equipes amadoras é revelador das contradições enfrentadas pelos dois *circuitos* em BH, em inícios dos anos 1950. Enquanto as equipes profissionais se esforçavam para encontrar uma forma rentável e sustentável para o espetáculo esportivo na capital mineira, as agremiações varzeanas buscavam garantir benefícios de sua subordinação a um regime oficial, capitaneado pelo DFA, mas articulado a uma vasta estrutura burocrática, que permitisse o acesso a recursos variados que suportassem suas atividades cotidianas. Em um contexto de baixa capacidade de produção de disputas absorventes pelos clubes da primeira divisão da FMF, até mesmo um *circuito* de várzea que gozava de pouco prestígio e visibilidade entre os veículos de comunicação locais poderia representar uma ameaça, dada a sua popularidade e o acesso franqueado aos inúmeros jogos que se desenrolavam nos finais de semana.

A falta de controle de entrada de público nas partidas varzeanas não permite dimensionar o contingente mobilizado nos jogos²⁹, mas a preocupação das equipes profissionais com a concorrência de jogos amadores era um tema de relativa recorrência. Em 1963, por exemplo, a tentativa de abarcar esses torcedores teria feito com que as partidas principais do *Campeonato de Belo Horizonte*, torneio extra proposto pelo *América* para preencher o calendário dos clubes, tivessem seus dias alterados, como informado a seguir:

A exemplo do que ocorre em São Paulo, por ocasião do certame paulista, os clássicos seriam efetuados às quintas-feiras, a fim de proporcionar aos adeptos do futebol varzeano, cujos espetáculos são realizados aos domingos, a oportunidade de assistir às partidas mais importantes do “Campeonato de Belo Horizonte”³⁰.

A não cobrança de ingressos nas disputas amadoristas ocorria, inclusive, por questões materiais, já que boa parte dos campos utilizados não dispunha de fechamento que pudesse garantir o controle de público e a instalação de uma bilheteria. Contudo, em algumas ocasiões, houve tentativas, por parte das equipes e do DFA, de realizar a venda de entradas para jogos do *circuito* varzeano. Eram momentos em que um dos principais elementos distintivos em relação a um *circuito* do futebol de espetáculo era tensionado.

A comercialização de ingressos para partidas amadoras pressupunha a sua transferência para algum dos estádios da capital mineira, a maioria deles ligada às entidades profissionais, mas também exigia uma excepcionalidade da contenda, que deveria ser um jogo da fase mais aguda do campeonato do DFA³¹, um clássico entre equipes populares no *circuito*³² ou uma partida interestadual³³. A baixa ocorrência de pelepas com ingressos pagos indica que essa era

29 Em 1963, o *Diário da Tarde* estimou uma média de 3 mil torcedores por jogo durante rodada do campeonato do DFA, o que ao todo significaria mais de 20 mil espectadores. Cf. ROSARIO E S. FRANCISCO VENCERAM OS LIDERES NO SETOR VARZEANO. *Diário da Tarde*, 25 de novembro de 1963, p. 4, 2º caderno, Belo Horizonte.

30 “Campeonato de Belo Horizonte” pode evitar a inatividade de 7 clubs. *Diário da Tarde*, 24 de dezembro de 1963, p. 8. 2º caderno, Belo Horizonte.

31 Cf. Encerramento do Super-Campeonato. *Diário da Tarde*, 6 de abril de 1950, p. 5, Belo Horizonte.

32 Cf. A nova programação do festival amadorista. *Diário da Tarde*, 13 de maio de 1950, p. 5 e 7, Belo Horizonte.

33 Cf. MINEIROS COMEÇAM GANHANDO: 2 X 1. *Diário da Tarde*, 9 de dezembro de 1958, p. 5. 2º caderno, Belo Horizonte.

mais uma oportunidade de rendas esporádicas do que uma estratégia de sustentabilidade para os clubes.

Dessa forma, a realização de partidas que, em regra, eram de entrada franca em campos abertos ao público representa uma diferença importante entre um *circuito* de várzea e um *circuito* do futebol de espetáculo. Clubes amadores tinham suas rendas menos baseadas na mercantilização dos jogos e mais ligadas ao fomento por grupos de apoiadores ou ao acesso a verbas públicas. Tais variações são mais relevantes como marcas distintivas desse conjunto de agremiações do que a remuneração de seus atletas que, como será demonstrado a seguir, era tendência presente nas duas expressões dessa modalidade esportiva em BH.

A ideia da “várzea como celeiro de craques” era especialmente forte nos anos 1940 e 1950. Não eram raros os casos de transições de atletas que no mês anterior estavam em disputas do *circuito* amadorista e, de repente, ingressavam nas fileiras das equipes da divisão profissional da FMF. Reportagens sobre jogadores que despontaram em pequenas agremiações da cidade e que vieram a alcançar fama em clubes do futebol de espetáculo eram recorrentes³⁴. A pouca força do meio esportivo local era representada, inclusive, pela perda de talentos varzeanos para concorrentes cariocas³⁵.

A possibilidade de se garimpar craques no *circuito* amadorista vislumbrada pelas agremiações profissionais e a atuação de membros da imprensa na organização esportiva belo-horizontina proporcionou um interessante caso no final dos anos 1949: a criação de uma equipe de várzea do *Clube Atlético Mineiro*. A proposta partiu do técnico Chico Trindade, que já teria experimento, com sucesso, a fórmula no *Cruzeiro*, quando revelou sete bons jogadores para o elenco profissional³⁶. Na nova empreitada, foi escalado o veterano cronista Mario Batista, o “Matista”, para organizar o time que disputaria os campeonatos do DFA³⁷. A estreia atleticana aconteceu em um festival organizado por seu diretor esportivo, evento que previu a cobrança de ingressos³⁸. Novos exercícios foram realizados pela equipe varzeana do *Atlético*, retratada numa dessas ocasiões.

34 Cf. ANO AUREO DO AMADORISMO. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 14 de dezembro de 1948, p. 5..

Os grandes clubes pouca chance oferecem ao “cracks” varzeanos. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte 31 de janeiro de 1949, p. 6; Cf. Flôr de Minas, uma forja de “cracks”. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 6 de março de 1952, p. 6; Atletas amadores se transferem para o profissionalismo. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte 4 de setembro de 1952, p. 5; Cf. COM ARMAS E BAGAGEM... **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 20 de abril de 1953, p. 6; Vermelho recrutará elementos da várzea. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 29 de janeiro de 1955, p. 9; Cf. O CRUZEIRO REMOÇA O SEU ELENCO. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 26 de maio de 1955, p. 8.

Cf. O AMADORISMO E SUAS COISAS. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 1º de fevereiro de 1957, p. 8.

35 Cf. “Blitzkrieg” contra o futebol mineiro. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 7 de março de 1952, p. 6.

36 Cf. O ATLÉTICO DISPUTARÁ NA VARZEA. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 1949, p. 5.

37 Cf. O Atlético na várzea. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 1949, p. 4.

38 Cf. O ATLÉTICO NA VARZEA. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte. 15 de março de 1949, p. 5.

EQUIPE DE VÁRZEA DO *CLUBE ATLÉTICO MINEIRO*.



O ATLETICO NA VARZEA — Na foto acima, vemos o valeroso quadro varzeano do Atlético, que, sob a orientação de Mario Batista, vem brilhando no nosso amadorismo

Fonte: *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 5, 3 de maio de 1949.

Com os jogadores vestidos com uniformes semelhantes aos da equipe principal do clube, ladeados por seu diretor técnico, “Matista”, que aparece no canto esquerdo da imagem, de perfil, usando um terno, a composição da foto se distingue dos demais registros dos “onze” profissionais pela paisagem. Ao fundo não se ergue a estrutura de um estádio, se não que um cenário urbano, vista tão comum de espaços de jogo provisórios apropriados pelas agremiações de bairro em seu esforço de manter suas atividades e conduzir suas disputas.

A aventura varzeana do *Atlético* não prosperou como se esperava. A filiação ao DFA nunca se efetivou. Notícias esparsas davam conta de disputas pontuais pela cidade. Em 1952, ressurgiu o projeto, com a condução da seleção de atletas pelo então técnico do time principal, Yustrich³⁹. O *América* teria sinalizado intenção semelhante, com a criação de um departamento amadorista⁴⁰. Depois de aparições ocasionais⁴¹, a passagem do *Atlético* pela várzea chegou ao fim em 1953, com alegações de despesas ao clube sem atendimento das finalidades⁴².

De toda maneira, tal experiência evidencia permeabilidades entre os *circuitos* de várzea e do futebol de espetáculo pouco concebíveis nos dias atuais, proporcionadas por um contexto

39 O ATLETICO VAI COMPETIR NO SETOR VARZEANO. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 6, 8 de abril de 1952.

40 NOTAS AMADORISTAS. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 5, 17 de outubro de 1952.

41 PAU DE ARARA. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 6, 28 de novembro de 1952.

42 Notas da varzea. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 7 e 11, 2 de junho de 1953.

de incipiente profissionalismo⁴³. Nesse período, não era raro que muitas equipes da divisão principal da FMF mantivessem amadores em seus times titulares. Em 1955, um caso inusitado chegou ao *Tribunal de Justiça Desportiva* local:

Com o recurso do America, pleiteando o ponto perdido no prélio contra o Asas, sob a alegação de que o clube de Lagoa Santa incluiu em sua equipe seis amadores, poderá agitar o futebol mineiro e transformar-se como ocorreu no caso Atlético x Vila, em uma longa e demorada “batalha judicial”. (...)

O Asas na última sabatina incluiu em sua equipe os jogadores: Pireco, Teles, Helio, Gilberto e Ferreira registrados na Federação Mineira de Futebol como amadores. Também Saquarema que já requereu sua reversão ao amadorismo, mas não teve o seu processo despachado, participou da luta.

O recurso do América baseia-se no fato de que, sendo o certame de profissionais, não poderia o Asas disputar uma partida oficial com a maioria de seus jogadores pertencentes à classe inferior. (...)

Em 1948, quando era presidente da entidade o sr. Mario Gomes, a entidade mineira dirigiu-se à CBD consultando sobre a inclusão de amadores em quadros que participem de certames profissionais. A “ecclética” respondeu que era permitida a participação de amadores, cabendo as federações regionais, fixar o número de quantos poderiam jogar. Encaminhando o assunto ao Conselho Divisional, ficou assentado que poderiam intervir seis elementos amadores em cada equipe. (DIÁRIO DO TARDE, 1955, p. 9).

Vale lembrar que para fins de inscrição junto à FMF, o atleta precisava definir a sua condição, se amadora ou profissional, sendo possível a alteração a qualquer tempo, processo denominado reversão⁴⁴. Como apontou a série de reportagens “Radiografia do profissionalismo mineiro” - citada no início deste artigo - boa parte das equipes era composta por jogadores que se desdobravam entre a prática esportiva e uma segunda colocação, não sendo interessante para muitos manterem vínculo empregatício com uma agremiação que não fosse a fonte principal de seu sustento.

A situação dos clubes profissionais era limitada em meados dos anos 1950. Com baixas rendas, não conseguiam manter seus quadros de atletas. Segundo diagnosticou o presidente do *Cruzeiro*, Eduardo Bambirra, em 1956, em entrevista ao *Diário da Tarde*:

A solução para Minas, onde existe um “semi-profissionalismo”, com ordenados baixos (os clubes não podendo exigir muito dos atletas) e com rendas baixas (os clubes não podendo pagar muito aos atletas), seria a existência de um ambiente de melhor compreensão e entendimento entre os dirigentes e atletas, no sentido de proporcionar bons espetáculos ao público. É necessário ainda que cada clube tenha outras fontes de renda, porque quando o quadro falhar, existe o dinheiro para se conseguir a melhora necessária. O *Cruzeiro* resolverá seu problema com a construção da sede social, que será uma fonte de renda segura a amparar o futebol nas horas difíceis. (DIÁRIO DA TARDE, 1956, p. 13)

Nesse contexto, a participação em uma equipe da primeira divisão da FMF não significava uma segurança empregatícia para o atleta ou uma perspectiva de progressão na carreira. Ao que parecia, suas escolhas levavam em conta, em muitos casos, ganhos de curto prazo ou perspectivas de atuação em outros ramos onde tivessem mais estabilidade. Dessa

43 Talvez, o recente processo de profissionalização do futebol de mulheres permita algumas aproximações com o contexto desse período.

44 Ainda hoje, existe a figura da reversão de atletas. No atual *circuito* de várzea de Belo Horizonte é muito comum a presença de atletas que, durante o primeiro semestre, atuam em competições amadoras, especialmente o campeonato do DFA e que, no segundo semestre, fazem a reversão ao profissional para atuarem no módulo II do campeonato mineiro, que corresponde à 3ª divisão da FMF.

forma, as agremiações com mais visibilidade no *circuito* do futebol de espetáculo não tinham, necessariamente, uma vantagem concorrencial na contratação de jogadores.

Caso exemplar foi o dos atletas Ramos e Xavier que atuavam, respectivamente, por *Atlético* e *Metalusina* e que se transferiam, em 1950, para o *Fluminense*, equipe varzeana. A reportagem do *Diário da Tarde* questionava a escolha dos dois futebolistas que sabidamente retiravam seus proventos do esporte e preferiram se afiliarem a um clube do regime amador⁴⁵. Outro episódio de repercussão foi o do atleta Amorim, originário da várzea, que, em 1951, havia assinado contrato com o *Sete de Setembro*, integrante da divisão principal da FMF e que recuou de sua decisão, para seguir no elenco do *Pitangui*, agremiação integrante do DFA, alegando que era mais bem pago atuando pela associação do bairro da Lagoinha⁴⁶.

A oferta de vantagens financeiras pelos clubes de várzea era um tema relativamente recorrente nas páginas do *Diário da Tarde*. Falava-se abertamente sobre a atribuição de salários a treinadores, a exemplo dos contratos firmados entre Hemetério Chaves e o clube do *Renascença*⁴⁷, do bairro homônimo⁴⁸. Pagamentos em dinheiro por vitórias, popularmente conhecidos como “bichos”, também eram citados em notas do periódico⁴⁹.

Em alguns momentos, o jornal aprofundava o debate do tema, com acusações contra o falso amadorismo ou “marronismo”, inclusive em outras modalidades⁵⁰. Tais inferências poderiam se originar de entrevistas com integrantes de agremiações que se sentiam prejudicados pela prática⁵¹ ou da apuração dos próprios repórteres. Segundo coluna do *Diário da Tarde*:

Os clubes amadoristas da capital atravessam uma fase angustiada, tendente a agravar-se. É que a condição de futebol amador, na pura acepção da palavra, já não existe em Belo Horizonte. Campeia a deslealdade entre os clubes, cujos jogadores não se veem mais na obrigação de adquirir o seu próprio material esportivo. Ninguém mais está cioso de que precisa auxiliar seu clube a viver, a progredir. Cuida-se, agora, tão somente, de zelar pelos seus próprios interesses, deixando-se de ser um jogador de futebol “amador”, para transformar-se em um misto de “amador-profissional”, condicionando as suas atuações, nas pejejas esportivas, aos “cruzeirinhos” que receber como gratificação para a assinatura de uma inscrição. (...) Mas como sanar esse mal? Problema difícil, mas que não pode ficar sem estudos. E esses estudos devem ser iniciados pelo próprio Departamento de Futebol Amador. Os clubes honestos saberão cooperar. Existem casos concretos e do próprio conhecimento da entidade e dos clubes. Por que razão, pois, nunca se tem conhecimento de uma atitude do DFA? Ha pouco tempo, houve uma transação entre dois clubes da Lagoinha: O DFA sabe, os clubes sabem, os jogadores são conhecidos. Porque, então, se cruzam os braços? (DIÁRIO DA TARDE, 1949, p. 5).

45 Cf. CAMPEIA O “MARRONISMO” NO FUTEBOL AMADOR. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 5, 18 de agosto de 1950.

46 Cf. DISPOSTO A DEDITIR-SE. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 4, 4 de maio de 1951.

47 Cf. NOTAS AMADORISTAS. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 5, 7 de janeiro de 1949; NOTAS AMADORISTAS. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 5, 19 de janeiro de 1949.

48 O bairro Renascença tem estreita relação com a *Companhia Renascença Industrial*, indústria têxtil existente ali. Boa parte de sua população vinculava-se direta ou indiretamente à fábrica, incluindo o clube, mantido com apoio da empresa. Cf. ARREGUY; RIBEIRO. Regional Nordeste, 2008.

49 Cf. NOTAS AMADORISTAS. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 5, 31 de dezembro de 1948; FOAD CARAM APRESENTA: O FUTEBOL AMADOR E SUAS COUSAS. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 8, 27 de junho de 1956.

50 Cf. “MARRONISMO” NO ESPORTE DO PEDAL. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 12, 22 de fevereiro de 1952.

51 Cf. EXISTE O “MARRONISMO” NOS CLUBES AMADORISTAS. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, p. 9, 17 de agosto de 1949.

Com uma narrativa que faz lembrar os debates de quase vinte anos atrás, antes da regulação do profissionalismo, a reportagem apontava para a prática disseminada, especialmente entre as equipes filiadas ao DFA, da oferta de vantagens financeiras aos jogadores. Tal situação implicaria em uma intensa movimentação dos atletas de um clube ao outro em busca de novos “cruzeirinhos” como gratificação pela inscrição. O fluxo de desportistas entre agremiações amadoras ou vindos do interior do estado era noticiado regularmente⁵². As constantes mudanças faziam com que a imprensa qualificasse os jogadores como “aves de arribação”⁵³ ou “aves sem ninho”, insinuações de que eles se orientavam pelos benefícios que poderiam desfrutar em um novo local⁵⁴.

Para controlar as transferências, o DFA propôs a criação de um período de estágio quando da mudança de um jogador de uma equipe a outra, que poderia se estender de 6 a 12 meses⁵⁵. A decisão esbarraria no fato de a entidade diretiva não ter submetido a deliberação ao conselho divisional, sendo mantida a liberdade na movimentação de atletas⁵⁶.

A organização de uma seleção comerciária na cidade, formada por jogadores que atuavam em times de empresas do ramo, revelava como muitos atletas, vários deles inscritos por times filiados à FMF, buscavam a segurança de um emprego em outro setor, dadas as agruras do futebol de espetáculo daqueles tempos. Dentre os 17 convocados, 8 pertenciam a *América*, *Atlético* e *Cruzeiro*, sendo os outros 9 ligados a agremiações varzeanas⁵⁷. Um quadro similar se observava no time da imobiliária COMITECO que, em 1955, era povoado de figuras ligadas ou com passagem pelo profissionalismo mineiro⁵⁸.

Como demonstrou a série “Radiografia do profissionalismo mineiro”, muitos dos integrantes da divisão principal da FMF se mantinham graças à articulação com algum ramo produtivo ou alguma empresa. Tal situação seria vista, mais uma vez, no caso de uma equipe varzeana, ligada do DFA, que se tornaria a primeira equipe amadora da cidade a se profissionalizar desde 1934, ano em que o *Sete de Setembro* aderiu ao regime.

Passados os debates sobre a possibilidade de *Terrestre* e *Tremedal* aderirem à divisão profissional da FMF, uma agremiação fabril de BH manifestou seu desejo de converter-se ao regime de remuneração de atletas. Era o *Esporte Clube Renascença*, entidade vinculada à *Companhia Renascença Industrial* que, a partir de 1951, iniciou movimentação para sua migração, com expectativas de compor o campeonato de elite do futebol local no ano de 1952. A seu favor, contava o apoio da fábrica e posse de um estádio próprio, com capacidade de receber público, no qual, inclusive, já realizava partidas com cobrança de ingressos⁵⁹. Para

52 Cf. Às vésperas do jogo como Flavio dos Santos, tomou-lhe os melhores elementos. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 5, 27 de agosto de 1949; APANHADO EM FLAGRANTE. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 5, 14 de outubro de 1949; Mais uma do “player” Rodolfo. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 5, 10 de agosto de 1950.

53 Essa mesma expressão foi identificada por Rodrigo Carrapatoso de Lima, para o futebol pernambucano dos anos 1910. Cf. LIMA, 2015, p. 217-231.

54 Cf. REORGANIZAÇÃO DO JUVENIL DO SETE. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 5, 24 de outubro de 1951; Verdadeiras “aves sem ninho”. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 6, 2 de abril de 1952.

55 Cf. SEIS MESES DE ESTAGIO. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 5, 11 de maio de 1950; ESTAGIO DE ATLETAS. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 4, 23 de maio de 1950.

56 Cf. “QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO”. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 9, 31 de maio de 1950.

57 Cf. VARIOS PROFISSIONAIS NA SELEÇÃO COMERCIAL. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 3, 24 de outubro de 1952.

58 Cf. UM CLUBE, UM ESPORTE. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 11, 4 de abril de 1955.

59 Cf. RENASCENÇA X INCONFIDENCIA. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 25 de outubro de 1951, p. 5,

tanto, já havia providenciado melhorias em suas instalações e sua retirada do DFA⁶⁰.

Contra a pretensão do *Renascença* pesava a preocupação com um inchaço do campeonato profissional da FMF, considerando-se que o ingresso recente de novas equipes não havia se revertido em aumento das rendas ou da qualidade dos espetáculos⁶¹. A saída temporária encontrada pelo clube para se introduzir nas fileiras da FMF, uma vez que já se afastara do DFA, foi ingressar na competição de aspirantes da entidade estadual, reservada para atletas de até 21 anos de idade, junto com outra agremiação amadorista, o *Necaxa*. Tal decisão movimentou a elite de associações varzeanas, que passaram a pleitear o mesmo direito, sem sucesso ao fim do processo⁶².

Novas tentativas de preencher vagas de clubes desistentes do campeonato da primeira divisão aconteceriam nos anos seguintes⁶³, mas seria apenas em 1958 que a agremiação fabril finalmente ascenderia ao profissionalismo, já com a fama de ter sido bicampeã de aspirantes dos anos de 1954 e 1955⁶⁴. Para tentar custear o novo regime, a entidade desenvolvera um plano de negócios que conforme noticiado, consistia em:

O Renascença não deseja viver às expensas da Fábrica de Tecidos. Foi elaborado um plano de independência. O clube passou a explorar a loja de vendas a varejo localizada junto ao estádio e, agora, já se prepara para inaugurar mais duas lojas: uma no Horto e outra nas proximidades do Mercado. Adquirindo a mercadoria na Fábrica, a preço especial, o Renascença espera conseguir, nas vendas a varejo, o necessário para cobrir as despesas com o plantel, ao mesmo tempo que oferecerá, nas lojas, emprego aos seus profissionais (DIÁRIO DA TARDE, 1958, p. 5).

Com um elenco que, a exemplo da maioria das equipes da divisão principal da FMF, mesclava amadores e profissionais⁶⁵, o *Renascença* tentava encontrar uma alternativa de renda e de ocupação para seus atletas, pois como indicara o presidente do *Cruzeiro*, citado anteriormente, havia a necessidade de criação de novas saídas pelas agremiações, dada a escassez das verbas proporcionadas pelas bilheterias. A aventura desse time que fez a transição do *circuito* de várzea para o do futebol de espetáculo duraria até o ano de 1966, quando disputou pela última vez o campeonato mineiro de profissionais e terminou a competição na última posição.

Em 1968, era traçado um plano para o retorno da equipe à divisão principal. A passagem pelo profissionalismo havia deixado o clube em difícil crise financeira, com pressões da fábrica, que retirara o apoio ao projeto. A nova presidência que assumira, tentava sanar dívidas e projetava novas formas de arrecadação com torneios esportivos e bailes carnavalescos nas

60 Cf. O RENASCENÇA QUER INGRESSAR NO FUTEBOL PROFISSIONAL. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 9 de novembro de 1951, p. 4.

61 Cf. ASAS E PAISSANDÚ INCLUIDOS NA DIVISÃO DE PROFISSIONAIS. *Diário de Tarde*. Belo Horizonte, 10 de junho de 1952, p. 4.

62 Cf. Vários clubes do DFA querem disputar o certame de aspirantes. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 10 de junho de 1952, p. 5; E O CAMPEONATO DE AMADORES? *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 3 de junho de 1953, p. 8.

63 Cf. RENASCENÇA E BELA VISTA (SETE LAGOAS), OS CANDIDATOS À VAGA DO METALUSINA. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 1954, p. 9; Esta noite o Renascença decidirá seu ingresso ou não no profissionalismo. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 27 de dezembro de 1954, p. 9.

64 Cf. RENASCENÇA – O PRIMEIRO TIME DE B. HORIZONTE A PROFISSIONALIZAR-SE. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 2º caderno, 10 de maio de 1958, p. 6.

65 Cf. RENASCENÇA – O PRIMEIRO TIME DE B. HORIZONTE A PROFISSIONALIZAR-SE. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 10 de maio de 1958, p. 6.

dependências da agremiação⁶⁶. O *Renascença* nunca voltaria ao profissionalismo, mas seguiria por décadas atuando no *circuito* varzeano local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clubes como o *Tremedal*, o *Terrestre*, o *Pitangui* e o *Fluminense*, dentre outros similares, constituíam a elite do meio amadorista local. Agremiações do tipo integraram o segundo escalão dos torneios de futebol de espetáculo antes da oficialização da remuneração de atletas, em 1933, e se transferiram para o *circuito* de várzea desde então. Em alguns casos, poderiam rivalizar com as equipes profissionais na contratação de um jogador, mesmo que não arrecadassem com a realização de suas partidas. Seu funcionamento estava baseado em lógicas de não mercantilização do jogo, com mecanismos tradicionais de financiamento, por meio de doações de patronos locais, além de arrecadações de seu corpo de sócios e de eventuais recursos públicos.

Essa elite varzeana não se baseava apenas em tradição. Seus integrantes se renovavam, ainda que a lógica de sua constituição seguisse a mesma fórmula. Um exemplo dessa atualização foi a criação do *Rosário*, equipe capitaneada e patrocinada pelo empresário do ramo de restaurantes Rosário Scotelaro, com longa trajetória no amadorismo local⁶⁷, e que replicava o sistema de arregimentação de atletas que viviam na fronteira entre o amadorismo e o profissionalismo⁶⁸. Caberia a ela o protagonismo do *circuito* da várzea nos anos 1960, quando conquistaria títulos do DFA em sequência e se tornaria o conjunto mais prestigiado da cidade.

Lançadas ao amadorismo, menos por sua vontade e mais pelas contingências impostas, a partir de 1933, pela regulamentação do regime de pagamento de salários aos jogadores, tais agremiações não renegavam a oferta de benefícios financeiros aos seus atletas. Contudo, sem a posse de estádios fechados que possibilitassem a cobrança de ingressos para as partidas, não viam condições para a migração para o *circuito* do futebol de espetáculo que, no final da década de 1940, restringia-se a menos de uma dezena de clubes da parte central de Minas Gerais.

Na outra ponta, os clubes tradicionais da cidade que desde a constituição das primeiras ligas foram capazes de hegemonizar o processo de organização do meio esportivo local, enfrentavam dificuldades para fomentar um mercado capaz de gerar renda suficiente para sustentar o profissionalismo. A escassez de público nos jogos, a baixa lucratividade das principais partidas, dada a pouca capacidade dos estádios, e a falta de embates de interesse ao longo do ano eram alguns dos motivos para a incipiência do espetáculo esportivo naqueles tempos.

Seria apenas nos anos 1960 que se observaria uma maior consolidação do *circuito* do futebol de espetáculo na capital mineira, impulsionada pela construção do estádio do Mineirão, por uma progressiva integração nacional das competições e pelo sucesso esportivo, em especial de *Cruzeiro* e *Atlético*. Ao se observar a lenta constituição de um *circuito* de várzea em BH, em especial, a partir da atuação dos clubes da elite desse universo, percebe-se que as

66 Cf. MELANE, Antônio Carlos. Minas ganha de novo o futebol do Renascença. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 13, 15 de fevereiro de 1968.

67 Cf. NOVA FASE PARA O ITAUNENSE. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 5, 1º de fevereiro de 1949.

68 Cf. LIMA, Veiga. COLUNA DA VÁRZEA. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 2, 2º caderno, 22 de outubro de 1964; LIMA, Veiga. COLUNA DA VÁRZEA. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, p. 9, 6 de novembro de 1964.

tensões entre profissionalismo e amadorismo, assim como começaram sua história muito antes de 1933, da mesma forma não foram terminadas naquele momento. O processo de configuração do espetáculo futebolístico se estendeu por todo o século XX, sendo que essa oposição entre os regimes de remuneração foi resignificada, ao longo das décadas, em diálogo com o fenômeno de mais larga escala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (coord.). **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Nordeste**. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983, p. 136-153.
- BRASIL. **Decreto-Lei 3.199/41**. In: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, Arlei. **Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política**. FuLiA/UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set.-dez. 2018.
- DIÁRIO DA TARDE. **A influência do Tremedal no amadorismo de B. Horizonte**. Belo Horizonte, p. 8 e 9, 5 de janeiro de 1956.
- DIÁRIO DA TARDE. **O sete não pode amarrar-se mais à mentalidade amadorista**. Belo Horizonte, p. 6, 2º caderno, 17 de julho de 1958.
- DIÁRIO DA TARDE. **Radiografia do profissionalismo mineiro**. Belo Horizonte, p. 8, 4 de julho de 1956.
- DIÁRIO DA TARDE. **Terrestre e Tremedal**. Belo Horizonte, p. 5, 2ª edição, 13 de dezembro de 1948.
- GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (org.). **Olhares para a Profissionalização do Futebol: Análises Plurais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole**. In: MAGNANI, José Guilherme C; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008, p. 12-53.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2014.
- MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- LAGE, Marcus Vinicius Costa; MEDEIROS, Regina de Paula. **Aspectos sociológicos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930**. Esporte e Sociedade, Niterói, ano 9, n. 23, p. 1-14, mar. 2014.
- LIMA, Rodrigo Carrapatoso de. **Aves de arribação – o processo de “importação” de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro (1915-1920)**. In: GOMES; PINHEIRO, 2015, p. 217-231.

- LINHALES, Meily Assbú. **A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos.** 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.
- MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre.** Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola, as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921).** Rio de Janeiro: Drible de Letra/Multifoco, 2018.
- SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí.** Rio de Janeiro, Multifoco, 2014.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934).** Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947).** São Paulo: Annablume, 2008.
- SOUZA, Glauco José Costa. **“Adiantam-se bastante nos subúrbios”: o desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- SOUZA, Jhonatan Uewerton; CAPRARO, André Mendes. **“Mercadorias postas em leilão”: tensões sociais no prematuro processo de reconhecimento do profissionalismo no futebol paranaense.** In: GOMES; PINHEIRO, 2015, p. 235-263.
- SOARES, Jorge Miguel Acosta. **Justiça desportiva: o Estado Novo entra em campo (1941-1945).** 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- WITTER, José Sebastião; MEIHY, José Carlos Sebe Bom e. **Futebol...Futebol.** In: Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982, p. 71-86.

“RACISMO À BRASILEIRA” NO
FUTEBOL RIO-GRANDINO: NOTAS
SOBRE A LIGA ESPORTIVA RIO
BRANCO (1926 – 1930)

CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ
Universidade Federal de Pelotas
christianfmackedanz@gmail.com

LUIZ CARLOS RIGO
Universidade Federal de Pelotas
rigoperini@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetivou analisar a emergência da Liga Esportiva Rio Branco (1926–1930) em Rio Grande e problematizar o papel desempenhado por ela na cultura futebolística da cidade. Trata-se de uma pesquisa histórica e documental, cujo corpus empírico é composto por jornais diários e semanais que circulavam na cidade de Rio Grande no período de existência da Liga. Os resultados indicam que a Liga Esportiva Rio Branco constituiu-se predominantemente por agremiações esportivas que não eram aceitas na Liga Rio-Grandense. O estudo também assinalou a existência do Sport Club Rio Negro, agremiação esportiva fundada em 1919 que teve papel de destaque no futebol e em outras atividades culturais da população negra rio-grandina da época. Concluiu-se que, além de ser um locus que congregou clubes operários, clubes de bairro e clubes afrodescendentes, a Liga Esportiva Rio Branco representou uma possibilidade para os futebolistas negros e operários consolidarem-se no futebol rio-grandino.

Palavras-chave: Futebol; Racismo; Pesquisa Histórica; Jornais.

Recebido em 28 de setembro de 2020.

Aprovado em 15 de março de 2021.

"RACISM IN THE BRAZILIAN
WAY" IN RIO GRANDE SOCCER:
NOTES ABOUT RIO BRANCO
LEAGUE (1926 – 1930)

CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ
Universidade Federal de Pelotas
christianfmackedanz@gmail.com

LUIZ CARLOS RIGO
Universidade Federal de Pelotas
rigooperini@gmail.com

ABSTRACT

This article aimed to analyze the Rio Branco Sports League (1926–1930) arising in the city of Rio Grande and discuss its role in the city's football culture. The empirical corpus of this historical research was composed by daily and weekly newspapers, which circulated in Rio Grande City during the existence of the League. The results indicate that Liga Esportiva Rio Branco was composed by sports associations which were not accepted by Liga Rio-Grandense. The study also pointed to the existence of Sport Club Rio Negro, a sports association founded in 1919, which played a prominent role in soccer and other cultural activities of the Rio Grande black population at that time. Therefore, besides it can be considered a locus that gathered workers clubs, neighborhood clubs and Afro-descendant clubs, Rio Branco Sports League also represented a possibility for black football players and workers to consolidate themselves in the Rio Grande football.

Keywords: Football; Racism; Historical Research; Newspapers.

INTRODUÇÃO

Rio Grande é um município localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul (RS). Nos últimos anos, a principal atividade econômica da cidade esteve centrada no porto, atingindo o quarto lugar no ranking de movimentação de contêineres do Brasil em 2016 (AGÊNCIA BRASILEIRA DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS *et al.*, 2017, p. 33). Atualmente, no futebol profissional, a cidade conta com três clubes em atividade: o Sport Club São Paulo, o Football Club Riograndense e o Sport Club Rio Grande. Em 2021, o Sport Club São Paulo está na Divisão de Acesso do campeonato estadual, enquanto os outros dois disputam a Segunda Divisão do futebol gaúcho¹.

A cidade é reconhecida pelo pioneirismo e pela longevidade de seus prédios, instituições, clubes etc. Ela ostenta o prédio mais antigo, ainda em utilização, do Rio Grande do Sul, a Igreja de São Pedro, fundada em 1755 (TORRES, 2006, p. 55-64). Segundo Loner (1999), durante as duas primeiras décadas do século XX, Rio Grande também foi uma referência industrial do estado, principalmente no ramo têxtil com as Fábricas Rheingantz de tecidos.

Esse protagonismo industrial contribuiu também para um pioneirismo futebolístico, exemplificado pelo Sport Club Rio Grande, o clube de futebol em atividade mais antigo do Brasil. Fundado em 19 de julho de 1900, o Sport Club Rio Grande ajudou a difundir o futebol em RS, sendo protagonista da primeira partida de futebol da cidade de Pelotas, em 1901, de Bagé, em 1902. Em 1903, realizou um jogo demonstrativo na cidade de Porto Alegre que contribuiu para a criação do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (RIGO, 2004).²

O pioneirismo do futebol rio-grandino não ficou restrito apenas ao Sport Club Rio Grande. Correia *et al.* (2020) evidenciaram que, já nas primeiras décadas do século XX, Rio Grande vivia uma efervescência futebolística. Em um estudo feito a partir do Jornal Echo do Sul, os autores localizaram um total de 47 agremiações futebolísticas da cidade de diferentes proveniências, citadas ao menos uma vez nesse jornal entre os anos de 1900 e 1916.³ Entretanto, muitas dessas agremiações futebolísticas, principalmente aquelas constituídas predominantemente por pobres e/ou negros, não eram aceitas na principal liga da cidade, a Liga Rio-Grandense de Futebol, algo que se assemelha ao ocorrido no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.⁴

Pereira (1998), ao tratar das condições que clubes deveriam atender para pertencer à Liga Metropolitana de Foot-Ball (fundada em 1906 na então capital do Brasil, Rio de Janeiro), salienta que era necessário: a) Pagar 50\$000 (50 mil réis) anuais e 30\$000 de mensalidade; b) Possuir campo com dimensões regulamentares; c) Ter seu nome proposto por dois clubes já filiados; e d) Ser admitido pela diretoria. Em 1907, é alterado o estatuto dessa liga,

1 Em comparação ao Campeonato Brasileiro de Futebol, a Divisão de Acesso corresponde à Série B e a Segunda Divisão à Série C.

2 Há anos a cidade cultua esse pioneirismo futebolístico, como ilustra uma passagem feita em um jornal da cidade no ano de 1933, noticiando que: “a relação dos clubes mais antigos do Brasil é: 1893 – S. Paulo Athletico (SP); 1897 – Rio Cricket Association (RJ); 1898 – Mackenzie (SP); 1899 – Internacional (SP) e Germania (SP); 1900 – Paulistano (SP) e Rio Grande (RS). [...] Não existindo mais os 6 clubes que figuram nos primeiros lugares, verifica-se que o nosso ‘veterano’ é o clube mais antigo” (JORNAL RIO GRANDE ESPORTIVO, 1933, p. 2).

3 Um exemplo dessa cultura futebolística presente no município no início do século XX é o Esporte Clube Esperança, um clube amador localizado no distrito de Povo Novo, cerca de 25 Km distante do centro da cidade, fundado em 1913 e que permanece em atividade hoje em dia (MACKEDANZ; RIGO, 2015a).

4 Cf. Pereira (1998) e Santos (2018).

transformando-a em Liga Metropolitana de Sports Atléticos e criando restrição à participação de esportistas profissionais e de apostas. Em maio do mesmo ano, é enviado um ofício aos clubes associados comunicando que a diretoria “resolveu por unanimidade de votos que não serão registradas como amadores nesta liga as pessoas de cor.”⁵

Em Porto Alegre, registros apontam para uma postura similar ao que ocorria no Rio de Janeiro. Ao acessar os regulamentos da Liga Porto Alegrense de Futebol, no ano de 1911, as exigências requeridas para os clubes ingressarem na Liga eram: a) Pagar 220\$ (220 réis) para inscrição e 60\$ (60 réis) anuais como mensalidade; b) Possuir campo com dimensões legais; c) Ter amplas comodidades para os times visitantes (SANTOS, 2018, p. 87–91).

Todavia, o estado do Rio Grande do Sul singulariza-se e chama a atenção também pela existência de ligas de futebol constituídas majoritariamente por agremiações formadas por futebolistas negros. Tal característica pode ser vista na Liga Nacional de Foot-Ball Porto-Alegrense, fundada em 1920 em Porto Alegre⁶, e a Liga José do Patrocínio, fundada em 1919 na cidade de Pelotas.⁷

Na cidade de Rio Grande, também há indícios da existência de uma liga alternativa, a Liga Esportiva Rio Branco, todavia, os estudos que tratam da historiografia do futebol da cidade de Rio Grande não fazem menção a ela⁸. A única menção direta à Liga Esportiva Rio Branco encontrada em pesquisas acadêmicas foi na tese de doutorado de Loner (1999). Essa tese trata-se de uma pesquisa sobre as organizações dos operários e/ou dos negros nas cidades de Pelotas e Rio Grande e não sobre futebol especificamente.

A exclusão dos futebolistas negros dos principais clubes e ligas de futebol no começo do século XX, bem como a resistência desses futebolistas ao constituírem clubes e ligas alternativas, representa os efeitos das ideologias racistas da sociedade brasileira naquele momento histórico. Somente “depois da Segunda Guerra Mundial, e principalmente na década de 1950, que, no Brasil, o discurso intelectual — hegemônico — do branqueamento sofreu questionamentos sérios” (HOFBAUER, 2006, p. 261). Antes disso, estavam muito presentes na sociedade os discursos racialistas do século XIX, os quais enfatizavam uma inferioridade biológica dos afrodescendentes.⁹

Se o Brasil fosse comparado com outros países que também se utilizaram da exploração do trabalho escravo, é possível notar certas peculiaridades do caso brasileiro. Por exemplo, conforme Damatta (1981; 1997), no Brasil, não foram criadas leis segregacionistas no período

5 Cf. Pereira (1998) e Santos (2010).

6 Cf. Mascarenhas (1999) e Santos (2018). Santos (2018) realizou uma extensa pesquisa empírica que revelou novas informações sobre as ligas e os clubes negros do futebol porto-alegrense. Não houve apenas uma liga composta por clubes negros nas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre, mas várias. Alguns clubes negros como o Sport Club Rio Grandense e o Fuss-Ball 20 de setembro, após não terem sido aceitos na Liga Porto Alegrense de Futebol em 1911, participaram da fundação da Liga de Foot-Ball Sul-Americana, que congregava clubes formados por operários e/ou negros. Anos depois, em 1920, esses e outros clubes negros fundaram a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense. Depois dela, outras duas ligas ainda foram criadas ao longo da década de 1920 com a participação de vários desses clubes negros, a Associação dos Amadores de Futebol e a Associação Sportiva de Futebol.

7 MACKEDANZ, C. F.; SILVA, D. V. da; RIGO, L. C. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919–1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. Projeto História, São Paulo, v. 70, pp. 235-260, jan./abr., 2021.

8 Cf. Ramos (2000), Cesar (2012) e Lima (2014). Apesar do estudo de Correia *et al.* (2020) seguir uma perspectiva histórica diferente dos demais, principalmente por não estar focado no protagonismo dos clubes profissionais da cidade, o recorte temporal do estudo (1900 a 1916) não abarcou a fundação da Liga Rio Branco (1926).

9 Cf. Ortiz (1985) e Schwarcz (1995).

pós-abolição como nos casos estadunidense e sul-africano porque, no Brasil, a população afrodescendente já estava em uma posição inferior na sociedade a partir da própria estrutura social.

“Racismo à brasileira” é o termo utilizado por Damatta (1997) para conceituar algumas especificidades do racismo no Brasil. O autor pontua que enquanto nos EUA operou-se a lógica de “iguais, mas separados”, no Brasil, a lógica do “diferentes, mas juntos” era mais comum, assim como a de “um lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar” (DAMATTA, 1981, p. 83).

Essa correlação entre racismo e desigualdade social, guardadas as devidas especificidades, esteve presente no processo de exclusão dos jogadores negros dos principais clubes de cada cidade. Isso pôde ser visto, especialmente, na era do amadorismo, na medida em que esses futebolistas não tinham condições de arcar com as demandas econômico-futebolísticas para atuar nesses clubes. A desigualdade social também foi utilizada para legitimar a exclusão dos clubes majoritariamente compostos por pessoas negras, das ligas principais de cada cidade, pois estes não conseguiam atender às exigências estruturais e econômicas dessas organizações.

Atentar-se para essas particularidades apontadas por Damatta (1981; 1997) a respeito do racismo brasileiro, não denota um grau menor desse preconceito em relação a outros países. Adorno (1995), Guimarães (2004) e Hasenbalg (2005) são alguns autores que ressaltam a extensão e a intensidade do racismo no Brasil. Assim, não é possível tratar episódios de discriminação racial como casos isolados, pois

[...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 15).

Nessa perspectiva, o objetivo principal deste estudo foi analisar a emergência da Liga Esportiva Rio Branco em Rio Grande no ano de 1926 e problematizar o papel que ela desempenhou ao longo da sua existência (1926–1930) na cultura futebolística da cidade.

Considerando as especificidades do estudo, sobretudo a sua delimitação temporal, realizou-se uma pesquisa histórico-documental que teve como suporte empírico jornais rio-grandinos e pelotenses. A utilização de jornais pressupõe que a investigação lida com uma fonte histórica que traz consigo “interpretações do acontecido” (FRAGA, 2004, p. 22), desse modo, o jornal estabelece “uma relação circular com o real: ao mesmo tempo que dá exteriorização a um determinado discurso criador de significados, também encontra-se atrelado ao que é possível dizer” (ESPIG, 1998, p. 277). Assim, recomenda-se que o uso dessa fonte seja feito de maneira “meticulosa”, “exaustiva” e até mesmo “enfadonha” (ELMIR, 1995, p. 21).

Os clubes que constituíram a Liga Esportiva Rio Branco tinham em comum o fato de serem clubes pouco famosos (infames)¹⁰ no cenário do futebol rio-grandino da época, o que fez com que os acontecimentos futebolísticos da liga fossem de pouco interesse para alguns jornais da cidade. Atento a isso, o *corpus* empírico da pesquisa centrou-se nos jornais rio-grandinos *Echo do Sul* e *O Tagarella*.

10 Em *A Vida dos Homens Infames* (2009), Foucault utiliza o conceito de infames para referir-se a criminosos não famosos, indivíduos desconhecidos sobre os quais havia escassos registros e cujas vidas costumavam ser contadas em poucas linhas. Utiliza-se, aqui, portanto, tal conceito foucaultiano para se referir aos clubes de futebol que tiveram sua existência ignorada pela historiografia futebolística rio-grandina.

A escolha pelo jornal *Echo do Sul* deu-se por ele, segundo Loner (1999), ser considerado um jornal de oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense — o qual governava o Estado do Rio Grande do Sul à época — e que destinava um espaço significativo às notícias do operariado organizado. Já o jornal *O Tagarella* foi selecionado por, de acordo com Santos (2003), tratar-se de um periódico que, similar ao jornal *A Alvorada*, da cidade vizinha, Pelotas, dedicava um espaço significativo para a cobertura de temas concernentes à cultura afrodescendente, como bailes, blocos de carnaval, espetáculos teatrais, jogos da Liga Esportiva Rio Branco¹¹, registros fotográficos de pessoas negras da cidade etc.¹²

A busca no jornal *Echo do Sul* compreendeu o período de janeiro de 1926 a dezembro de 1931, abarcando todos os anos de existência da Liga Rio Branco, e no *O Tagarella*, abrangeu todos os exemplares de 1929 a 1933, disponibilizados para consulta pública. Também foram consultados e utilizados na pesquisa exemplares avulsos dos jornais *A Lucta*¹³, *O Tempo*¹⁴ e *Rio Grande Esportivo*, todos da cidade de Rio Grande.¹⁵

CRIA-SE A LIGA RIO-GRANDENSE DE AMADORES E A LIGA ESPORTIVA RIO BRANCO

O último censo do IBGE (2011) apontou que em Rio Grande havia 16.834 pretos e 21.406 pardos de um total de 197.228 habitantes e parte dessa presença da população afrodescendente é uma herança do período escravagista, visto que Rio Grande recebeu escravizados até o ano de 1850. Para Torres (2008), mão de obra escrava foi utilizada principalmente em obras urbanas, na plantação e venda de hortaliças e nos serviços domésticos, como amas de leite etc. Conforme Loner (1999), após a abolição, os negros foram inserindo-se nas indústrias da cidade como operários, além de desenvolverem suas próprias práticas de sociabilidade e alguns ocuparem cargos em Ligas Operárias.

Algumas agremiações futebolísticas pioneiras de Rio Grande estavam vinculadas à população branca de classe média, média alta e da elite da cidade - como foi o caso do Sport Club Rio Grande -, mas nos anos seguintes começam a surgir outros clubes representativos da população afrodescendente e da classe operária. Havia também agremiações híbridas que entrecruzavam mais de um componente de representatividade. Em 1916, algumas dessas agremiações - identificadas com as elites, a classe média, os imigrantes e os operários -

11 A ampla cobertura que o jornal *O Tagarella* dedicava ao futebol da Liga Esportiva Rio Branco é mais um indício dos fortes vínculos dessa liga com a população afrodescendente da cidade.

12 Alguns indícios de uma afinidade étnico-racial desse jornal com a população afrodescendente da cidade são o seu estilo editorial e gráfico, o *layout* da capa e os subtítulos que se assemelham ao jornal *A Alvorada*, de Pelotas. Além disso, o diretor-fundador, Coriolano Benício, e o gerente, Tobias Xavier eram negros (*O TAGARELLA*, 03/05/1931, p. 1 e p. 8).

13 Cf. *A LUCTA*, 2º semestre 1926, 2º semestre 1927 (BRG); números (1924-1935) 25, 115, 174, 247, 843, 892, 893, 894, 896, 902, 917, 1367, 1569, 2271, 2283, 3004 (CDH).

14 Cf. *O TEMPO*, 2º semestre 1926 (BRG); números 39, 48, 50, 51 (1909), 105 (1913), 183 (1919), 24; 217 (1920), 43 (1926), 61 (1934), 222, 232; 266; 274 (1935), 183 (1936), 59; 249 (1937), 18; 23; 38; 135; 145 (1938), 24; 246 (1939), 41; 44; 45; 46; 47; 49 (1940), 40; 193 (1941), 198 (1944), 211 (1945), 157; 167; 232 (1946), 76; 127 (1947), 77; 243 (1948), 297; 434 (1949), 658; 725; 736 (1950), 64; 89 (1952), 197 (1954), 24; 161; 291; 308 (1955), 2; 86; 112; 144; 167; 425 (1956), 13; 65; 161; 167 (1957), 32; 110; 117 (1958), 14; 205; 254; 256; 292; 299; 312; 324; 353; 360 (1959), 31; 101; 181; 182 (1960) (CDH).

15 A relação dos semestres e as edições pesquisadas se encontra na lista de referências deste artigo.

fundaram a Liga Rio-Grandense de Futebol¹⁶, a primeira da cidade.¹⁷

Semelhante ao ocorrido em outros centros futebolísticos dessa época, a Liga Rio-Grandense de Futebol também foi palco de vários tensionamentos político-futebolísticos, entre os quais um ocorreu já no ano de sua criação, em fevereiro de 1916. Segundo o *Echo do Sul* (1916), na ocasião, o Sport Club Rio Grande abandonou o cargo de secretário da Liga Rio-Grandense de Futebol por discordar de alguns itens do estatuto, os quais foram alterados após a diretoria da liga ceder às exigências do referido clube¹⁸. O jornal ainda afirma que, em protesto a essa decisão, o Sport Club União Fabril e o Sport Club Cruzeiro anunciaram o seu desligamento da entidade¹⁹, todavia, passado algum tempo, os dois clubes voltaram a fazer parte da liga.²⁰

Portanto, para Correia (2014), em 1916, faziam parte da Liga Rio-Grandense de Futebol as seguintes agremiações: na primeira divisão, Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo, Sport Club União Fabril, Sport Club Internacional, Sport Club São Pedro e Football Club Riograndense; na segunda divisão, Sport Progresso, Sport Club Nacional, Sport Club União Brasil e Sport Club Cruzeiro do Sul.²¹

Novos atritos aconteceram durante o campeonato de 1916 quando um recurso do Sport Club Rio Grande, relativo à escalação de um jogador irregular pelo Football Club Riograndense, foi aceito pela Liga Rio-Grandense de Futebol, resultando na perda de pontos do confronto. De acordo com o *Echo do Sul* (1916), o fato levou a outras reclamações por parte de alguns clubes e à decisão do Sport Club Cruzeiro do Sul de desligar-se novamente da liga.

Os recorrentes tensionamentos político-futebolísticos ocasionaram uma gradual diminuição do número de clubes na Liga. Assim, segundo O Rebate (1922), em 1922, somente cinco agremiações - Sport Club Rio Grande, Gal. Osório, Luzitano, S. Pedro e União Brasil - continuavam na Liga. Posteriormente, em 10 de abril de 1925, alguns clubes que faziam parte da Liga Rio-Grandense de Futebol mudaram seu nome para Liga Rio-Grandense de Amadores. Constam como clubes fundadores dessa Liga: Foot-Ball Club General Osório, Sport Club Rio Grande, Football Club Riograndense e Sport Club São Paulo. A ata de criação da entidade faz alusão aos já mencionados tensionamentos existentes na época:

O Sr. Presidente declarou que em virtude da desorientação entre os clubes filiados, no ano passado a efusão das Ligas não pode realizar o fim a que estava destinada, ficando a Liga sem o domínio moral para efetuar o campeonato devido as dificuldades surgidas entre os clubes, e nesta data sendo desejo dos quatro clubes principais desta cidade intensificar novamente

16 Era comum que os jornais se referissem à liga com a palavra “futebol” em inglês, ou seja, “Liga Rio Grandense de Foot-ball”.

17 Cf. Loner (1999), Correia, (2014) e Correia *et al.* (2020).

18 Infelizmente, os jornais não explicam o teor do referido artigo.

19 Essa informação é importante porque o Sport Club Cruzeiro será um dos fundadores da Liga Esportiva Rio Branco, como verá, a seguir.

20 Segundo Mackedanz (2016), apesar dos tensionamentos político-futebolísticos da época estarem presentes na Liga Rio-Grandense de Futebol, alguns indícios demonstram que, ao menos em seus primeiros anos, ela foi uma liga menos excludente que a Liga Pelotense de Futebol (LPF), da cidade vizinha Pelotas, como ilustra o acontecimento de 1916 com o Sport Club Colombo, da cidade de Pelotas, que em um gesto de protesto retirou-se da LPF e disputou o campeonato de 1917 pela Liga Rio-Grandense

21 Apesar de o Sport Club São Pedro, o Sport Club União Brasil e o Sport Club Cruzeiro do Sul estarem disputando competições organizadas pela Liga Rio-Grandense de Futebol em 1916, essas agremiações são as únicas que não estão representadas na mesa diretora daquele ano.

o Foot Ball local, de acordo entre os mesmos fica definitivamente reorganizada a efusão das mesmas com a denominação de “Liga Rio Grandense de Amadores”.²²

Torneio Início²³ da Liga Rio-Grandense de Amadores de 1926 incluiu seus quatro clubes fundadores mais o Foot Ball Club Padeiral e o Sport Club União Fabril (ECHO DO SUL, 1926, p. 2). No dia 29 de julho, há uma notícia referente à expulsão de três jogadores do Football Club Riograndense da Liga Rio-Grandense de Amadores (A LUCTA, 1926, p. 2)²⁴.

No dia seguinte, o jornal *A Lucta* noticiou a realização de uma reunião para organizar uma competição para clubes não filiados à Liga Rio-Grandense de Amadores (A LUCTA, 1926, p. 2). Embora a reunião tenha ocorrido no dia 1º de agosto de 1926, a notícia sobre a fundação da Liga Esportiva Rio Branco²⁵ circulou nos jornais da cidade somente dezesseis dias depois, destacando que faziam parte da recém-criada liga: “Cruzeiro, Bangú, Democrata, Rio Negro, Andarahy e L. Verde” (RIO GRANDE, 1926, p. 02). No dia 22 de agosto, a Liga Esportiva Rio Branco começou suas atividades com um torneio no campo do General Osório (ECHO DO SUL, 1926, p. 1)²⁶.

No domingo seguinte, 29 de agosto, começaram os jogos da primeira competição organizada pela Liga Esportiva Rio Branco: “[...] no campo do Minas Geraes, os clubes Democrata e Cruzeiro. No campo do Rio Negro, este e o Lomba Verde”²⁷ (ECHO DO SUL, 1926, p. 2).

Segundo *O Tempo* (1925), parte do significado político da Liga Esportiva Rio Branco está expresso no seu próprio nome, uma referência ao Barão de Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, que gozava de considerável prestígio na cidade, como ilustra a estátua de bronze erguida na Praça 7 de Setembro em sua homenagem. Como se vê em Carneiro (1980), o Barão de Rio Branco, depois conhecido como Visconde de Rio Branco, foi quem sancionou a Lei do Ventre Livre (1871), que concedia liberdade para os filhos de escravas que nascessem a partir da sua promulgação. A atuação do Barão de Rio Branco em favor da lei foi tão significativa que ela ficou conhecida como Lei Rio Branco.²⁸

22 Jornal *O Tempo* (1950) cuja página não foi identificada.

23 Nos jornais, a grafia usada na época era “Torneio Initium”. Porém, no texto, optou-se por atualizar a grafia para “torneio início”. Trata-se de um formato de competição muito utilizado na época e que, atualmente, ainda é realizado no futebol amador. Consiste em um torneio realizado em um único dia, no sistema eliminatório, com a participação de todos os clubes do campeonato e que precede o campeonato anual, de pontos corridos.

24 Os jornais não comentaram os motivos da expulsão dos jogadores da liga. Entretanto, é relevante destacar que a expulsão e a não aceitação de alguns jogadores era uma prática utilizada por determinadas ligas. No Rio de Janeiro, dois episódios ganharam maior visibilidade: um envolveu o Bangú Athletic Club, que em 1907 abandonou a Liga Metropolitana de Sports Atléticos após esta deliberar que não aceitaria jogadores negros (PEREIRA, 1998, p. 63-70); o outro ocorreu em 1924 e envolveu o Club de Regatas Vasco da Gama, que se retirou da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos após esta vetar doze de seus jogadores pelo fato de eles não cumprirem exigências relacionadas ao amadorismo, às condições socioeconômicas e à alfabetização dos futebolistas (SANTOS, 2010, p. 319-331; HELAL & TEIXEIRA, 2011, p. 77-88).

25 Era comum nos jornais a referência às ligas com a palavra “esportiva” em uma grafia aproximada do termo em inglês, ou seja, “Liga Sportiva Rio Branco”, por exemplo.

26 Também noticiado no jornal *A Lucta* (17/08/1926, p. 2; 18/08/1926, p. 3; 21/08/1926, p. 2) e, de forma bem mais tímida, no jornal *Rio Grande* (21/08/1926, p. 2).

27 Segundo o jornal *Rio Grande* (1926, p. 03), o jogo entre Lomba Verde e Rio Negro aconteceria, na verdade, no campo do Lusitano.

28 Como uma alusão a esse episódio, algumas instituições vinculadas à comunidade afrodescendente também passaram a denominar-se Rio Branco. Na cidade de Santa Maria, por exemplo, em 1924, existia um clube negro de futebol chamado Rio Branco (SANTOS, 2018, p. 173).

OS CLUBES

A partir das notícias futebolísticas publicadas no jornal *Echo do Sul*, é possível concluir que a primeira edição do campeonato organizado pela Liga Esportiva Rio Branco, em 1926, contou com dez agremiações: Sport Club Andarahy, Sport Club Bangú, Sport Club Bento Gonçalves, Sport Club Brasil, Sport Club Cruzeiro, Sport Club Democrata, Lomba Verde Foot Ball Club, Grêmio Sportivo Minas Geraes, Sport Club Progresso, Sport Club Rio Negro.²⁹

No ano de 1927, saíram do campeonato o Sport Club Bento Gonçalves e o Grêmio Sportivo Minas Geraes e ingressaram o Sport Club Internacional e o Grêmio Sportivo 15 de Novembro.³⁰ No ano de 1928, saíram o Sport Club Andarahy, o Lomba Verde Foot Ball Club e o Grêmio Sportivo 15 de Novembro, mas o Sport Club Bento Gonçalves retornou (ECHO DO SUL, 1928, p. 2). Assim, o campeonato de 1928 contou com oito agremiações, número que se manteve em 1929 e 1930, com a singularidade de que em 1929, o Sport Club Bangú não participou, mas houve o retorno do Sport Club Andarahy. Em 1930, se afastou o Sport Club Bento Gonçalves, mas incluiu-se o Fortaleza Foot Ball Club.³¹ A seguir, serão apresentadas algumas considerações sobre cada uma dessas agremiações.

O Sport Club Andarahy tratava-se de uma agremiação cujo nome foi inspirado no Andarahy Athletico Club da cidade do Rio de Janeiro, o qual ficou conhecido pelos fortes vínculos que tinha com o futebol fabril e por acolher jogadores negros. Essas marcas clubistas também acompanharam a fundação de outras agremiações em outros lugares com esse mesmo nome, como foi o caso do Sport Club Andarahy de Rio Grande³².

Indícios assinalam que o Sport Club Andarahy foi fundado em outubro de 1923, pois no dia 12 de outubro de 1928, o jornal *Echo do Sul* noticiou que, em comemoração à passagem do quinto aniversário da sua fundação, o Andarahy jogou contra o Sport Club Vasco da Gama (ECHO DO SUL, 1928, p. 4). O Sport Club Vasco da Gama não participou de nenhum campeonato organizado pela Liga Rio Branco, mas em 1926, antes da fundação da Liga Rio Branco, o Sport Club Vasco da Gama disputou dois amistosos contra o Combinado Rio Branco, um selecionado constituído por jogadores dos diferentes clubes que, nos meses seguintes, viriam a criar a Liga Esportiva Rio Branco.³³

O Bangú Foot-Ball Club, de Rio Grande, também parece ter o nome inspirado em um time do Rio de Janeiro, o qual foi fundado em 1904, junto a uma fábrica de tecidos. Na historiografia do futebol brasileiro, o Bangu Athletic Club do Rio de Janeiro é reconhecido

29 *Echo do Sul*, 05/10/1926, e p. 2; 09/11/1926, p. 1.

30 *Echo do Sul*, 02/04/1927, p. 03; 20/06/1927 e p. 5; 24/08/1927, p. 5

31 Cf. O Tagarella, 12/05/1929, p. 2; 16/06/1929, p. 2; 23/06/1929, p. 3; 07/07/1929, p. 3; 30/04/1930, p. 2; 13/07/1930, p. 2.

32 A imprensa rio-grandina mantinha relações com a imprensa carioca e os acontecimentos futebolísticos do Rio de Janeiro eram reproduzidos em Rio Grande, como ilustra a passagem do jornal *Echo do Sul*: “Caso de ‘preconceito de cor’ no Rio de Janeiro. A AMEA estaria vetando o clube Andarahy por ter atletas negros” (ECHO DO SUL, 1926, p. 4).

33 *Echo do Sul*, 04/05/1926, p. 6 ; 18/05/1926, p. 4. Indícios assinalam que o Sport Club Vasco da Gama foi um clube vinculado à etnia portuguesa da cidade, que aceitava futebolistas negros. Seu nome provavelmente fora inspirado no Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio Janeiro, agremiação que em 1923, venceu o campeonato do Rio de Janeiro com uma equipe que incluía futebolistas pobres e negros. Segundo Santos (2003), mesmo que existam algumas controvérsias sobre o caráter mais ou menos progressista das posições assumidas pelo Vasco da Gama em 1923, o episódio constituiu-se como uma marca na historiografia do futebol brasileiro.

como um dos primeiros clubes brasileiros a ter jogadores negros e operários no seu plantel.³⁴ A escolha do nome Bangú para o clube rio-grandino provavelmente se deu por alguma afinidade às marcas sócio-históricas do clube carioca, como apontam alguns vestígios, como a viagem que o clube fez à cidade de Pelotas, em 1940, para jogar amistosamente contra o Football Club Vencedor (O TAGARELLA, 1940, p. 3). Para Mackedanz (2016), essa agremiação era constituída predominantemente por operários negros e que disputava a Liga José do Patrocínio. Meses depois, os dois clubes voltaram a se enfrentar em Rio Grande, ocasião em que o Bangú Foot Ball Club organizou um baile para recepcionar o clube pelotense coirmão (O TAGARELLA, 1940, p. 2).

Poucas foram as matérias encontradas que fizeram alguma referência ao Sport Club Brasil. Em 1927 e em 1929, ele é mencionado nos jornais com o nome de Sport Club Brasil³⁵, no entanto, em 1926, é citado como Grêmio Sportivo Brasil (ECHO DO SUL, 1926, p. 2). De acordo com Rigo (2004), a utilização dessa última nomenclatura aponta para a possibilidade de ter sido um clube que se inspirou no time da cidade de Pelotas, Grêmio Esportivo Brasil, fundado em 1911, que fazia parte da Liga Pelotense de Futebol e em 1919, sagrou-se o vencedor do Primeiro Campeonato Estadual do Rio Grande do Sul.³⁶

No caso do Sport Club Cruzeiro, os indícios jornalísticos encontrados assinalam que este parece se tratar do mesmo Cruzeiro do Sul citado anteriormente por integrar a Segunda Divisão da Liga Rio-Grandense de Futebol desde a primeira edição do Campeonato Citadino, em 1916. Entretanto, a presença do Sport Club Cruzeiro na Liga Rio-Grandense nunca foi tranquila, visto que desde o começo da liga o clube protagonizou vários atritos com outras agremiações, retirando-se da competição mais de uma vez.

Correia *et al.* (2020) identificaram que o Sport Club Cruzeiro foi fundado em 1913. Em fevereiro de 1926, ele jogou um amistoso contra o Sport Club Rio Grande, clube da Liga Rio-Grandense de Amadores (ECHO DO SUL, 1926, p. 1) e nos meses de maio e junho desse mesmo ano, jogou outros dois amistosos, um contra o Sport Club União Democrata e outro contra o Sport Club Andarahy, clubes que integrariam a futura Liga Esportiva Rio Branco³⁷. Ou seja: o Sport Club Cruzeiro (do Sul)³⁸ foi uma agremiação que participou das duas ligas (Rio-Grandense e Rio Branco) e manteve relações futebolísticas com agremiações de ambas.

O Sport Club Democrata, que também é citado em alguns jornais da cidade como Sport Club União Democrata, foi fundado em 1912 por indivíduos de classe média (CORREIA *et al.*, 2020) e, para Echo do Sul (1926), antes da criação da Liga Esportiva Rio Branco, disputava

34 Cf. Antunes, 1994; Pereira, 1998.

35 Cf. ECHO DO SUL, 1927, p. 2; O TAGARELLA, 01/05/1929, p. 3.

36 O G. E. Brasil ficou conhecido pela incorporação relativamente precoce de futebolistas negros em seu plantel: Babá em 1917, Gradim e Ivo em 1925 e Fruto em 1929. Esse pioneirismo fez com que, nas décadas de 1920 e 1930, ele fosse apelidado de “Clube dos Negrinhos da Estação” por sua incorporação de futebolistas negros e por seu estádio localizar-se, na época, ao lado da estação férrea da cidade (MACKEDANZ; GILL; RIGO, 2015b, p. 1-16). Nos últimos anos o G. E. Brasil tem disputado a série B do Campeonato Brasileiro e a Primeira Divisão do Campeonato Estadual.

37 Cf. ECHO DO SUL, 11/05/1926, p. 5; ECHO DO SUL, 12/06/1926, p. 2. Como curiosidade, tem-se o registro de que existia na cidade de Novo Hamburgo/RS, vizinha à cidade de Porto Alegre, outro clube com este mesmo nome, Sport Club Cruzeiro do Sul, fundado em 1922, constituído por futebolistas negros e com sede situada em um bairro que se chamava “África” (SANTOS, 2018, p. 177).

38 Há nos jornais rio-grandinos anúncios frequentes do serviço de transportes da Sociedade de Navegação Cruzeiro do Sul Limitada (ECHO DO SUL, 1928, p. 3). Assim, provavelmente o Sport Club Cruzeiro (do Sul) tenha sido uma agremiação vinculada aos trabalhadores da Sociedade de Navegação Cruzeiro do Sul.

amistosos com outras agremiações como o Grêmio Sportivo Minas Geraes e o Sport Club Cruzeiro (ECHO DO SUL, 1926, p. 5). No encerramento do campeonato de 1927, o jornal *Echo do Sul* (1927) fez referência ao clube como Sport Club Democrata, mas o jornal *A Lucta* (1927), ao noticiar o mesmo episódio, refere-se ao clube como Sport Club União Democrata³⁹.

A única informação encontrada nos jornais consultados afirma que o Grêmio Sportivo 15 de Novembro se tratava de uma agremiação localizada na Vila Fronteira, no município de São José do Norte⁴⁰. A saber, São José do Norte é um município localizado entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, há apenas cinco quilômetros de Rio Grande em uma travessia de balsa⁴¹.

De acordo com o *Lucta* (1924), o Sport Club Internacional foi outro clube que fez parte da Liga Rio-Grandense. Correia *et al.* (2020) identificaram tratar-se de uma agremiação multiétnica, fundada em 1912 por imigrantes descendentes de alemães, ingleses e portugueses. Provavelmente, as mudanças que ocorreram nos Regimentos da Liga Rio-Grandense. A partir de 1925, forçaram a exclusão do clube dessa liga, aproximando-o da Liga Rio Branco. Em 1926, um ano antes de filiar-se à Liga Rio Branco, o clube cedeu o seu campo para a realização de jogos dessa competição, um indicador da aproximação que havia entre o clube e a Liga Rio Branco (ECHO DO SUL, 1926, p. 2).

O Lomba Verde Foot Ball Club, segundo os indícios encontrados, seria uma agremiação de bairro. Antes de ingressar na Liga Rio Branco, o clube aparece noticiado nos jornais da cidade como Villa Verde Foot Ball Club, como ocorreu, por exemplo, na notícia referente ao amistoso contra o Democrata, em julho de 1926 (ECHO DO SUL, 1926, p. 5).⁴²

Fundado em 1910, o Sport Club Progresso teve a comemoração dos seus 18 anos noticiada no jornal *Echo do Sul*, em outubro de 1928 (ECHO DO SUL, 1928, p. 5). Correia *et al.* (2020) identificaram tratar-se de uma agremiação vinculada a proprietários do comércio. Assim como o Sport Club Cruzeiro, o Sport Club Progresso também fez parte das primeiras edições da Segunda Divisão da Liga Rio-Grandense de Futebol (CORREIA, 2014, p. 68-74) e também mantinha relações futebolísticas com agremiações pertencentes às duas ligas. Certos eventos culturais organizados pelo Sport Club Progresso eram noticiados no jornal *O Tagarella* (1930), um indício de afinidade e aproximação com a comunidade negra da cidade.

O Sport Club Rio Negro foi fundado em 1919, como indica o baile comemorativo de seu 13º aniversário realizado em 14 de janeiro de 1933 (O TAGARELLA, 1932, p. 1). Em 1922 foi anunciada a eleição de nova diretoria do clube, sendo Romualdo da Silva Santos o primeiro secretário e Carlos da Silva Santos o representante do clube. A família de Carlos Santos era de Pelotas e seu avô, Manuel da Conceição da Silva Santos, foi um dos fundadores do jornal abolicionista *A Voz do Escravo*, em 1883. Conforme Santos (2018), Carlos Santos (1904–1989) foi líder operário e posteriormente tornou-se deputado estadual e federal. Ele também é considerado o primeiro governador negro do estado, ainda que tenha assumido este cargo apenas interinamente.

39 As buscas feitas nos jornais não possibilitaram identificar qual a nomenclatura correta da agremiação, tampouco se em algum determinado momento ocorreu uma mudança no nome do clube ou algo similar.

40 ECHO DO SUL, 08/01/1926, p. 5; 30/01/1926, p. 2.

41 Maiores considerações sobre São José do Norte, ver: MACHADO; RIVERA (1992).

42 Atualmente, tem-se registro da existência de um outro clube de futebol denominado Esporte Clube Vila Verde, situado na Ilha dos Marinheiros. Cf. Timesdors (2017).

A presença de um importante líder negro na diretoria do clube e a divulgação da ata de eleição da diretoria do clube de 1922, no jornal de imprensa negra *O Exemplo*, da cidade de Porto Alegre (SANTOS, 2018, p. 180-181), evidenciam um alto grau de pertencimento étnico-futebolístico do Sport Club Rio Negro em relação à população afrodescendente.

O Sport Club Rio Negro realizou várias excursões para participar de jogos amistosos em outras cidades com clubes também identificados com a comunidade afrodescendente. Em 1930, o time viajou para a cidade de Bagé (a aproximadamente 250 quilômetros de Rio Grande) para jogar contra o Sport Club Juvenil no dia 27 de julho de 1930, como anunciado antecipadamente pelo jornal *O Tagarella* (1930) e no ano seguinte, em 1931, ele viajou para a cidade de Pelotas (a aproximadamente 60 quilômetros de Rio Grande) para enfrentar o Sport Club Universal e o Sport Club Juvenil (*O TAGARELLA*, 1931, p. 3)⁴³.

A presença de lideranças políticas negras na diretoria, as excursões futebolísticas para jogar contra clubes de outras cidades, também vinculados à população afrodescendente, e o simbolismo do próprio nome evidenciam que o Sport Club Rio Negro foi um dos clubes representativos da população afrodescendente rio-grandina de maior expressão do período.

Nessa época alguns jogos de futebol faziam parte de uma festa ou tarde esportiva e cultural que envolvia várias outras atrações além do futebol. Um exemplo da importância cultural das tardes esportivas organizadas pela Liga Esportiva Rio Branco está expresso na divulgação do encerramento do campeonato de 1927, quando um anúncio no jornal *Echo do Sul* destacou que: “para o local correrá bondes de 15 em 15 minutos e a entrada custará 1\$000, sendo facultada ao belo sexo” (*ECHO DO SUL*, 1927, p. 1).

Para Loner (1999), o Sport Club Rio Negro também realizava ações em parceria com associações recreativas bailantes, teatrais e carnavalescas, existentes na época e que eram vinculadas à população negra. Por exemplo, em 1929 o Sport Club Rio Negro organizou um sarau teatral baseado em textos do escritor José de Alencar que foi apresentado pelo Grêmio Lírico Dramático Filhos do Trabalho⁴⁴ (*O TAGARELLA*, 1929, p. 2). No ano seguinte, promoveu um concurso entre os cordões carnavalescos⁴⁵ da cidade, vencido pelo Clube Cultural Estrela do Oriente⁴⁶ (*O TAGARELLA*, 1930, p. 3), e o clube também realizava bailes nas sedes/salões do Clube Cultural Estrela do Oriente (*O TAGARELLA*, 1939, p. 2) e do Rancho Carnavalesco Braço é Braço⁴⁷ (*O TAGARELLA*, 1930, p. 2).

Não foram encontradas informações suficientes nos jornais consultados para tecer

43 O Sport Club Universal e o Sport Club Juvenil eram duas agremiações pertencentes à comunidade afrodescendente da cidade de Pelotas e ambos tiveram uma atuação destacada junto à Liga de Futebol José do Patrocínio. Indícios apontam que Sport Club Juvenil — provavelmente o clube negro de maior tradição do futebol pelotense — foi fundado em 1908 (Cf. MACKEDANZ, 2016; RIGO 2004), desse modo, há possibilidade de o Sport Club Juvenil de Bagé ter se inspirado no Sport Club Juvenil de Pelotas.

44 Segundo Loner (1999), agremiação teatral negra que se manteve em atividade entre 1919 e 1939.

45 Além do Sport Club Rio Negro, outros clubes também mantinham relações com os cordões carnavalescos, como é o caso do Sport Club Progresso (*O TAGARELLA*, 1930, p. 5). Aliás, essa aproximação com o carnaval parece ter sido uma marca da Liga Rio Branco, como evidencia a participação da banda do Clube Cultural Estrela do Oriente na tarde desportiva, que comemorou o aniversário de dois anos da liga (*ECHO DO SUL*, 1928, p. 3).

46 Clube carnavalesco negro fundado em julho de 1926 (LONER, 1999, p. 126-128).

47 Associação carnavalesca criada em 1920 por negros carvoeiros e foguistas da Marinha Mercante. Há registro de sua existência até 2007.

maiores considerações sobre as agremiações Bento Gonçalves⁴⁸, Minas Geraes e Fortaleza. As notícias que faziam alguma referência direta a essas três agremiações costumavam somente referir-se a datas, aos adversários e, às vezes, aos resultados dos jogos da Liga Esportiva Rio Branco.

OS CAMPEONATOS

As competições organizadas pela Liga Esportiva Rio Branco seguiram uma estrutura padrão: o Torneio Início, que acontecia em um único dia no formato eliminatório, e um campeonato de pontos corridos no qual todas as agremiações enfrentavam-se e, no final, havia novamente um torneio no formato eliminatório para definir o campeão.

Na primeira edição da Liga Esportiva Rio Branco, em 1926, o Sport Club Andarahy foi o vencedor do Torneio Início (ECHO DO SUL, 1926, p. 2) e o Sport Club Cruzeiro venceu o campeonato (ECHO DO SUL, 1927, p. 2). Em 1927, o Sport Club Democrata venceu o Torneio Início e o campeonato⁴⁹. Em 1928, o Sport Club Internacional venceu as duas competições⁵⁰ e em 1929, foi a vez do Sport Club Rio Negro conquistar o Torneio Início e o campeonato (O TAGARELLA, 1929, p. 1).

O campeonato de 1930 foi marcado por um triste acontecimento. No dia 6 de julho daquele ano, no jogo entre o Sport Club Internacional e Sport Club Cruzeiro, aos 20 minutos do primeiro tempo, dois torcedores discutiram e um acabou sendo assassinado com uma facada⁵¹. Na semana seguinte, o jornal Echo do Sul divulgou na íntegra o mandado de prisão referente a esse acontecimento (ECHO DO SUL, 1930, p. 4).

Após esse trágico episódio, não foram encontrados nos jornais da cidade mais registros da continuação do campeonato de 1930, tampouco de novas edições nos anos seguintes, deixando a impressão de que o episódio do assassinato pode ter contribuído para o término do campeonato organizado pela Liga Esportiva Rio Branco.

Três anos depois, em 16 de março de 1933, funda-se na cidade a Liga Sportiva João Pessoa. Nota-se que entre as agremiações fundadoras dessa liga estão o Fortaleza Foot Ball Club, o Sport Club Rio Negro e o Sport Club Progresso, três agremiações que pertenciam à Liga Rio Branco. Além dessas três, também faziam parte da nova liga o Grêmio Sportivo General Portinho, o Alliança Futebol Club e o São Raphael⁵². Todavia, a Liga Sportiva João Pessoa⁵³ parece ter sido uma liga efêmera, pois nos anos seguintes não foram encontrados nos

48 Em Porto Alegre, também havia um clube de futebol vinculado à comunidade negra, o qual se chamava Sport Club Bento Gonçalves. Em 1922, o clube contratou o jogador Bastinhos (João de Araújo Bastos) do Sport Club Juvenil, clube negro pelotense e no mesmo ano excursionou para Cachoeira do Sul e, em 1924, para Pelotas e Rio Grande, a fim de realizar amistosos com clubes da comunidade negra dessas três cidades (SANTOS, 2018, p. 175-176). Assim, há a possibilidade de que o clube Bento Gonçalves de Rio Grande tenha sido fundado inspirado no Sport Club Bento Gonçalves de Porto Alegre.

49 Cf. ECHO DO SUL, 1927, p. 1; A LUCTA, 1927, p. 2; ECHO DO SUL, 1927, p. 1.

50 Cf. ECHO DO SUL, 16/04/1928, p. 1; ECHO DO SUL, 10/09/1928, p. 5.

51 Cf. ECHO DO SUL, 07/07/1930, p. 3; 08/07/1930, p. 4.

52 Cf. RIO GRANDE ESPORTIVO, 27/03/1933, p. 4; 08/05/1933, p. 2.

53 Além da presença de agremiações oriunda da Liga Rio Branca, não foi possível identificar se havia ou não outras afinidades político-futebolísticas entre a extinta Liga Rio Branco e a nova Liga Sportiva João Pessoa, cujo nome, provavelmente, é uma referência ao paraibano João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Este foi eleito presidente (equivalente ao atual cargo de governador) da Paraíba em 1928 e assassinado em 1930. Esse acontecimento é considerado uma das causas da Revolução de 1930, a qual levou Getúlio Vargas à presidência do Brasil.

jornais da cidade outros registros referentes a ela⁵⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos teóricos realizados por DaMatta (1981; 1994; 1997) e Guimarães (2005) contribuem para a compreensão das práticas racistas discursivas e não-discursivas presentes em diferentes cidades brasileiras em distintos momentos históricos. Neste estudo, essas pesquisas funcionaram também como uma ferramenta teórica que ajudou a problematizar as estratégias de resistência ao racismo nas práticas futebolísticas e culturais utilizadas pela população afrodescendente da cidade de Rio Grande, nas primeiras décadas do século XX.

Especificamente no caso do futebol rio-grandino, foi possível notar que, de forma velada - através de exigências infraestruturais ou por meio dos altos valores das taxas cobradas - a Liga Rio-Grandense de Futebol, fundada em 1916, excluía uma série de agremiações futebolísticas da cidade, parte das quais, portanto, acabou criando a Liga Esportiva Rio Branco. Assim, de 1926 a 1930, a Liga Rio Branco aglutinou uma série de agremiações que, apesar de não terem as mesmas proveniências e pertencimentos, tinham em comum o fato de não serem aceitas na Liga Rio-Grandense de Amadores.

Desse modo, guardadas as devidas singularidades de cada liga, é possível dizer que a Liga Esportiva Rio Branco representou para o futebol rio-grandino algo similar ao que representaram outras ligas alternativas em outras cidades, como foi o caso, por exemplo, da Liga de Foot-Ball José do Patrocínio para o futebol pelotense investigada por Mackedanz (2016), da Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense para o futebol porto-alegrense, como afirma Santos (2018) e também as Ligas Suburbanas de Futebol para o futebol carioca, como está em Pereira (1998).

Todavia, com o presente trabalho, pode-se concluir que a Liga Rio Branco não se constituiu como uma liga exclusiva de clubes de futebolistas negros, como parece ter sido a Liga José do Patrocínio e a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense. A Liga Esportiva Rio Branco incorporou agremiações que possuíam um forte vínculo com a população afrodescendente e que se caracterizavam como os típicos clubes de negros da época. Isso pode ser visto no caso, principalmente, do Sport Club Rio Negro e do Bangú Foot Ball Club, mas que incluiu também agremiações que possuíam outros componentes identitários, como os clubes de operários do futebol fabril e os clubes de bairro.

Por fim, especificamente sobre a resistência ao racismo nas práticas futebolísticas da época, além da atuação da Liga Esportiva Rio Branco, evidencia-se a existência de alguns clubes que deram consistência futebolística à liga, como foi o caso, principalmente, do Sport Club Rio Negro e do Bangú Foot Ball Club. De acordo com Mackedanz (2016), essas duas agremiações assemelhavam-se a clubes negros de futebol que existiam em outras cidades do Rio Grande do Sul, como o Sport Club Juvenil de Pelotas e o Sport Club Rio-Grandense de Porto Alegre, como afirma Santos (2018). Além de participarem das disputas locais, esses clubes desenvolveram fortes afinidades com clubes negros de outras cidades gaúchas e, frequentemente, realizavam excursões futebolísticas para jogar amistosos contra eles.

O Sport Club Rio Negro, especialmente, destaca-se por ser uma agremiação que não

54 Em 1941, há registro da existência de um clube de futebol denominado Sport Club João Pessoa (O TAGARELLA, 1941, p. 3).

restringia sua atuação às práticas futebolísticas. Em parcerias com outras associações culturais negras da cidade existentes na época, o Sport Club Rio Negro promovia e ajudava a organizar bailes, saraus teatrais e atividades carnavalescas, atuação que extrapolou o futebol, tornando-o uma instituição importante para a história das práticas culturais afrodescendentes na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, n.43, 1995, pp.45–63.
- AGÊNCIA BRASILEIRA DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS; FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO; CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Anuário Estatístico Aquaviário**. 2017. p.33. Disponível em: <http://portal.antaq.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Apresentação-do-Anuário-Estatístico-2016.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (Orgs.). **Retratos de Foucault**. 1.ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000. pp.117–137.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**. São Paulo, n.22, pp.102–109, 1994.
- BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE (BRG). Centro de Documentação Histórica Hugo Pereira das Neves, FURG (CDH)
- CARNEIRO, E. A Lei do Ventre-Livre. **Afro-Ásia**, Salvador, n.13, pp.13–25, 1980.
- CESAR, W. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (Corag), 2012.
- CORREIA, J. M. **Os Vínculos Clubísticos e as Lógicas do Jogo: um Estudo sobre a Emergência e o Processo de (des) elitização do Futebol na Cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- CORREIA, J. M.; FREITAS, D. da S.; KNUTH, A. G.; RIGO, L. C. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v.42, n.1, 2020.
- DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, R. **Antropologia do óbvio**. *Revista USP*, São Paulo, n.22, pp.10–17, jun./jul./ago. 1994.
- ECHO DO SUL. 1º e 2º semestre 1926, 1º e 2º semestre 1927; 1º, 2º semestre 1928; 2º semestre 1930 (BRG).
- ELMIR, C. P. **As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica**. Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS, Porto Alegre, n.13, 1995.
- ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIV, n.2, dez. 1998.
- ESPORTE CLUBE VILA VER DE RIO GRANDE/ RS. In: Timesdors. Disponível em: <https://timesdors.blogspot.com/2017/11/vila-verde-de-rio-granders.html>. Acesso em: 12 mar. 2020).
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 7.ed. Lisboa: Nova veja, 2009.

- FRAGA, G. W. **Branços e Vermelhos**: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal *Correio do Povo* (1936-1939). 2004. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FRAGA, G. W. “**A derrota do Jeca**” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950. 2009. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol. [online]**, São Paulo, v.47, n.1, pp.09–43, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 abr. 2021.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- HASENBALG, C. “Mobilidade social, desigualdade de oportunidades e raça”. In: HASENBALG, C. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. pp.207–232.
- HELAL, R.; TEIXEIRA, J. P. V. **O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições**. Revista de ciências sociais, Fortaleza, v.42, n.1, pp.77–88, jan./jun. 2011.
- HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- LIMA, F. G. **Singularidade do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), Pelotas, 2014.
- LONER, B. A. **Classe Operária – Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Orgs). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004. pp.121–163.
- MACHADO, M. E. S.; RIVERA, M. R. P. (Orgs.). **São José do Norte**: terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.
- MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). 2016. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- MACKEDANZ, C. F.; RIGO, L. C. Memórias do Futebol Comunitário: o caso do E. C. Esperança do Povo Novo. **Revista Didática Sistemica**, v. esp., pp.257–263, 2015a.
- MACKEDANZ, C. F.; GILL, L. A.; RIGO, L. C. Os afrodescendentes e o futebol pelotense no pós-abolição (1925-1938). **Estudios Históricos (Rivera)**, v.15, pp.01–16, 2015b.

- MASCARENHAS, G. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**, Porto Alegre, v.11, pp.144-161, 1999.
- OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense**: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942). Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.
- ORTIZ, R. “Memória coletiva e sincretismo: as teorias raciais do séc. XIX”. In: ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.
- O TAGARELLA. Anos 1929-1933 (Ano I: 1 – 26; 31 – 32; Ano II : 1 – 21; Ano III: 1 – 3; 6; Ano IV : 1 – 3; Ano XII : 60); 1938 (1 – 5); 1939 (6 – 38); 1940 (39 – 67); 1941 (64 – 66; 68) (CDH).
- PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (doutorado) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PERNANBUCO. **Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090804102835/http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/links/JoaoPessoa.html>. Acesso em: 21 set. 2020.
- RAMOS, M. G. **Sport Club Rio Grande**: centenário do futebol brasileiro. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.
- RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora UFPel, 2004.
- RIO GRANDE ESPORTIVO. 1932 (outubro a dezembro), 1933, 1934, 1935 e 1936, 1939, 1940 e jan/mar/1941 (BRG).
- RIO GRANDE. In: Prefeitura do Rio Grande. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- RIO GRANDE. 2º semestre 1926 (BRG).
- RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- SANTOS, J. A. dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Editora UFPel, 2003.
- SANTOS, J. A. dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.
- SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHWARCZ, L. K. M. Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil. In: VILLAS BOAS, G.; GONÇALVES, M. A. (Orgs.). **O Brasil da virada do século**: o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- STÉDILE, M. E. A. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- TORRES, Luiz Henrique. A Catedral de São Pedro. **Biblos**, Rio Grande, v.18, pp.55-64, 2006.
- TORRES, L. H. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **Biblos**, Rio Grande, v.22, n.1, pp.101-117, 2008.

OS ANOS INICIAIS DO FUTEBOL FEMININO EM SANTA CATARINA: SILENCIAMENTOS E RESISTÊNCIAS

FELIPE MATOS
Scientia Consultoria Científica
felipematos@hotmail.com

RESUMO

Apesar do amplo desenvolvimento quantitativo e qualitativo do campo de estudos da História do Esporte e do Lazer em todo o Brasil, ainda há uma lacuna historiográfica sobre trabalhos que tematizam as décadas iniciais do futebol feminino no estado de Santa Catarina. O presente artigo investiga os espaços ocupados e os papéis desempenhados pelas mulheres no futebol em Santa Catarina ao longo do século XX, prática esportiva que foi por quase quarenta anos proibida por decreto-lei. Tal ação marginalizou a modalidade e retardou o seu desenvolvimento. Constata-se que a prática do futebol feminino no estado esteve em sintonia com o que ocorria nos grandes centros urbanos do país, com o futebol sendo visto como um esporte masculino e masculinizante, reservando papéis periféricos às mulheres. O futebol feminino era considerado algo exótico e esteve permanentemente associado aos discursos de fragilidade, de masculinização dos corpos e às diferenças estabelecidas hierarquicamente entre os gêneros. A prática buscou se desenvolver como atividade educativa e recreativa, foi coibida e estabeleceu estratégias de resistência para continuar sendo praticada até poder se estruturar em suas diversas manifestações profissionais e de lazer.

Palavras-chave: Futebol Feminino; História do Esporte; Relações de Gênero.

Recebido em 3 de setembro de 2020.

Aprovado em 3 de maio de 2021.

THE EARLY YEARS OF WOMEN'S FOOTBALL IN SANTA CATARINA: SILENCES AND RESISTANCES

FELIPE MATOS
Scientia Consultoria Científica
felipematos@hotmail.com

ABSTRACT

Despite the wide quantitative and qualitative development of the field of studies on the History of Sport and Leisure throughout Brazil, there is still a historiographic gap about works that deal with the early decades of women's football in the state of Santa Catarina. That article investigates the spaces occupied and the roles played by women in soccer in Santa Catarina throughout the 20th Century, a sports practice that was prohibited for about forty years by decree-law, which marginalized the modality and delayed its development. It can be verified that the practice of women's soccer in the state was in sync with what was happening in the large urban centers of the country, with soccer being seen as a symbol of masculinity in the sport, reserving peripheral roles for women. Women's football was considered something exotic and it was permanently associated with the discourses of fragility and masculinization of the bodies and with the differences established hierarchically between the genders. The practice aimed to develop as an educational and recreational activity, it was restrained and established resistance strategies to continue being practiced until it could structure itself in its various professional and leisure manifestations.

Keywords: Women's Football; Sport History; Gender Relations.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, com a consolidação das discussões em torno da História Cultural, abriu-se um leque de possibilidades do fazer historiográfico e do diálogo com outras ciências que permitiu aos historiadores e historiadoras ampliarem sua visão dos temas e dos objetos a serem problematizados, a fim de se ter uma maior compreensão das trajetórias dos homens e mulheres no tempo (BURKE, 2010, p. 8). No esteio dessa renovação dos estudos historiográficos, as pesquisas no campo da História do Esporte e do Lazer no Brasil se expandiram de forma quantitativa e qualitativa, atraindo um número crescente de pesquisadores, fomentando a criação de Núcleos e Grupos de Pesquisa nas universidades. Em consequência disso, incrementou-se a produção bibliográfica sobre o tema, estimulando a realização de eventos acadêmicos diversos, tornando-se um efervescente campo de investigação, com predomínio dos estudos sobre o futebol (FIGOLS, 2018, p.13).

No entanto, em Santa Catarina, apesar de um crescente interesse acadêmico acerca da história do futebol praticado pelos diversos gêneros, os estudos abordando as primeiras décadas da prática do futebol feminino ainda são incipientes - além de ser um recorte temporal pouco explorado na história regional. Justifica-se a necessidade de um número maior de trabalhos que elejam os anos iniciais da prática esportiva e tematizem o desenvolvimento de uma modalidade que por muito tempo esteve à margem do profissionalismo e da legalidade. Afora a relevância historiográfica e social do tema, indo além da mera elaboração de uma narrativa histórica sintética, o objetivo do artigo é demonstrar que a prática do futebol feminino em Santa Catarina (SC) esteve em sintonia com o que ocorria nos grandes centros urbanos do país. O futebol vem sendo visto como um esporte generificado (masculino) e generificante (masculinizante), reservando papéis periféricos às mulheres.

Esta pesquisa se desenvolveu tendo como principais fontes o uso de jornais e periódicos impressos, haja vista o papel fundamental dos jornais na divulgação e popularização do futebol, sendo que os primeiros escritos sobre o futebol foram produzidos por jornalistas e cronistas esportivos (FIGOLS, 2018, p.15). Como será percebido ao longo do texto, por diversas vezes nestes periódicos as atletas foram alvo de metáforas associadas aos papéis esperados para serem desempenhados pelas mulheres, com a linguagem associada a termos que evidenciavam noções de fragilidade, estética, sexualização e feminilidade.

A escrita sobre um esporte permeado por contornos de invisibilidade e de silenciamento requereu a utilização de entrevistas, produzidas tanto pelo autor quanto por terceiros, numa abordagem qualitativa de análise das narrativas. Tais narrativas revelam o cotidiano, as sociabilidades, as representações e processos particulares específicos de cada informante (CHIZZOTTI, 2003).

A perspectiva analítica adotada ao longo do trabalho priorizou estudos que investiram na análise e desconstrução das noções de identidades essenciais de gênero, de inclinação pós-estruturalista, como os trabalhos de Judith Butler e Joan Scott. Sobre as relações entre gênero e esporte, destacamos as contribuições de Silvana Goellner e demais autoras e autores referenciados.

A PRESENÇA FEMININA NOS ESPORTES NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Alinhado com os anseios dos novos tempos do alvorecer republicano, em que teorias higienistas e eugenistas de melhoramento da raça estavam em ascensão, o remo foi a modalidade esportiva que mais se desenvolveu nos primeiros anos do século XX na capital catarinense, se tornando uma prática cultural de grande notoriedade numa cidade-ilha que vivia com intensidade suas sociabilidades marítimas. Neste período, desejava-se a construção de um novo homem para um novo tempo, robusto, com energia e vitalidade, como deveria ser o novo regime, personificado na figura do *sportsman*, cuja valorização buscava afastar os indivíduos da indolência, dos vícios e das doenças (SARTORI, 2013, p.44).

Os clubes de remo movimentavam a vida social não apenas de seus praticantes, mas de uma camada ampla da população que passou a se identificar com as agremiações formando o corpo das suas torcidas, que ocupavam o cais de Florianópolis nos dias de competição. Mais do que qualquer outro esporte até então, o remo transformava a prática esportiva em um espetáculo organizado em clubes que disputavam campeonatos entre si, criando relações de sociabilidade e de identidade entre os *sportsmen* e seus aficionados.

Não à toa o substantivo era masculino - não há nos jornais da época a expressão *sportswomen*. A prática de esportes por mulheres ainda era restrita e, eventualmente, até uma exótica atração de espetáculos circenses. Em 1899, o público florianopolitano pôde presenciar apresentações do Circo Pery, fundado pelo artista Manoel Pery, proprietário de uma afamada companhia luso-brasileira de equitação e ginástica. Nesse espetáculo, se apresentavam ginastas como Francisca e Theresa de Azevedo, além da *écuyère* brasileira Aristotelina Pery, com seu número de equitação (O ESTADO, 1899, p.1).

A prática feminina era tolerada em atividades que não colocassem em risco os conceitos vigentes de feminilidade, como a elegante patinação. No dia 16 de março de 1915 foi inaugurado na rua Felipe Schmidt, em Florianópolis, o Rink Catharinense, um salão da patinação de propriedade do empresário Júlio Toldo, permitindo também a presença de mulheres:

Não se diga que é destinado somente aos jovens; as gentis patricias também lá encontrarão lugar para a patinação, pois, o operoso proprietário, para esse fim, contratou dois professores, de ambos os sexos, para, em horas previamente marcadas, ensinarem àquelas pessoas que quiserem dedicar-se a esse proveitoso e útil esporte (O DIA, 1915, p.1).

Às mulheres foi reservado o horário vespertino, de segunda a sábado. A professora contratada foi Katharina Huber, filha de André Huber, alfaiate e atleta do Florianópolis Futebol Clube. Mas, se as mulheres não podiam frequentar o salão em outros horários, não havia fiscalização ou limites para as atividades masculinas. Segundo um jornal da época, durante o horário destinado às mulheres costumeiramente via-se "(...) diversos marmanjos, que, por obra e graça do proprietário do Rink, são chamados 'professores de patinação', apesar de, com raras exceções, não passarem de simples aprendizes do belo esporte" (O IMPARCIAL, 1916, p.2).

O jornal O Imparcial também denunciou o Rink por supostamente proibir a entrada de negros e praças em seu salão (O IMPARCIAL, 1916, p.1). Tal acusação foi negada por seu proprietário, mas sustentada pelo jornal (O IMPARCIAL, 1916, p.5). Vale registrar os nomes de algumas das frequentadoras do espaço, que estiveram entre as pioneiras da patinação em

Florianópolis: Noêmia Gevaerd, moradora da rua Felipe Schmidt, onde mantinha uma escola de bordados; Auta Lima, filha de José Pedro de Lima, funcionário dos Telégrafos; as irmãs Brandina e Mary Simmonds (Foto 03), filhas do engenheiro inglês Edward Simmonds; Adelina Vela, então aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus e, posteriormente, membra do Clube Soroptimista de Florianópolis dentre outras (O DIA, 1916, p.3).

O modelo de modernização urbana em voga restringia os espaços e as práticas femininas, pois possuía uma organização familiar e social pautada no patriarcado. Essa desigualdade de gênero era garantida e regulada por lei. O Código Civil brasileiro (CC/1916) regulava funções e tarefas de homens e mulheres, reafirmando valores conservadores: o divórcio era proibido, aos homens cabia exercer a autoridade perante a lei e a desobediência feminina poderia acarretar em consequências judiciais (FREITAS et al, 2019, p.66).

No início do século XX, as mulheres se destacaram no mundo esportivo local como torcedoras, não apenas assumindo uma postura passiva, de mera contemplação dos esportes, mas exercendo importante papel na promoção dos clubes de remo. As mulheres compareciam às competições estimulando os atletas, batizavam os barcos, tornavam-se madrinhas esportivas, cantavam os hinos, vestiam roupas especiais com cores e símbolos de seus clubes, formavam blocos de carnaval das torcedoras, recepcionavam equipes adversárias. Ademais, as mulheres promoviam eventos para celebrar e arrecadar fundos em prol das instituições, inclusive para a construção de suas sedes sociais (REPÚBLICA, 1921, p.4).

Essas torcedoras eram, em grande parte, mulheres jovens, filhas das “famílias tradicionais” relacionadas às elites econômicas e políticas da cidade, sendo frequentemente representadas nos jornais como “gentis senhorinhas da sociedade”. Na década de 1910, a grande rivalidade no remo da capital era entre o Clube Náutico Riachuelo e o Clube Náutico Francisco Martinelli, ambos fundados em 1915. As equipes contavam com um grupo fiel de torcedoras organizadas, mas que não remavam, nem se envolviam com a direção administrativa dos clubes.

FIGURA 1: TORCEDORAS DO CLUBE NÁUTICO RIACHUELO, EM 1919



Fonte: reprodução Revista Ilustrada, nº04.

FIGURA 1: TORCEDORAS DO CLUBE NÁUTICO FRANCISCO MARTINELLI.



Fonte: reprodução revista Ilha Verde, s/n.

O Clube Náutico Francisco Martinelli contava com um grupo de torcedoras apelidadas de “Martinellinas” ou “Martinellistas”, que organizaram quermesses para a promoção do clube e arrecadação de fundos (O DIA, 1918, p. 4). A líder das Martinellinas foi Dora Pederneiras, filha de Nicolau Pederneiras, engenheiro, diretor da Companhia Metropolitana e da Colônia Nova Veneza. Dora residia com sua família na rua Bocaiúva, área nobre da cidade. Ela era membra do Círculo Católico de Florianópolis, sendo reconhecida como uma

“dama de caridade”, participando de diversas campanhas assistenciais a favor da Igreja, da Cruz Vermelha, das vítimas da Guerra do Contestado, entre tantas outras causas enobrecedoras. Segundo o *Gazeta do Comercio* (1916), também foi membra do Rose Club, um clube de mulheres pertencentes ao “high-life florianopolitano” que organizava *soirées* dançantes, saraus literários e musicais sob a direção do maestro Álvaro Ramos. Em relação ao Clube Náutico Riachuelo, as torcedoras utilizavam os salões do Clube Doze de Agosto para organizar tardes de chá, domingueiras e concertos em prol do clube (*O DIA*, 1918, p.3). Além disso, organizaram o Festival das Torcedoras do Riachuelo, com recitação literária e apresentações musicais entre outras atividades (*O DIA*, 1918, p.1).

Além de Florianópolis, em outras cidades do estado também havia a organização de torcedoras em prol dos seus clubes de preferência. Como exemplo, pode-se citar a cidade de Laguna, onde o Club de Natação e Regatas Lauro Carneiro possuía amplo apoio feminino, com atuação de torcedoras oriundas das camadas mais abastadas da sociedade. Em Itajaí, as torcedoras do Clube Náutico Marcílio Dias, fundado em 1919, arrecadavam fundos para fins beneficentes, como na campanha em auxílio aos flagelados pela seca na região Nordeste brasileira (*REPÚBLICA*, p.2, 1920).

A prática de outros esportes era mais comum no interior dos colégios. Uma das modalidades permitidas às mulheres nas escolas foi o basquete, embora com adaptações nas regras que o diferenciava da modalidade masculina (*GUEDES*, 2009, p.22-23). Em 1919, em Florianópolis, os grupos escolares Silveira de Souza e Lauro Müller organizaram um campeonato interescolar de basquete feminino, em celebração a Independência do Brasil (*REPÚBLICA*, p.1, 1919). A educação física feminina na Primeira República adaptou-se em relação às novidades trazidas pelas disciplinas da Psicologia e Puericultura, preocupadas em manter as mulheres com saúde para a geração de filhos saudáveis. Para as mulheres, os esportes eram permitidos, mas, segundo os preceitos vigentes, apenas aqueles que não pudessem “masculinizá-las” com o aumento de músculos e agressividade, ou que não ameaçassem o controle mental considerado delicado do “sexo frágil”. O foco do debate centrava-se nos usos que as mulheres poderiam fazer de seu próprio corpo. Sob a justificativa da proteção da maternidade, transformou-se o corpo feminino numa questão de Estado (*FRANZINI*, 2005, p. 321).

FOOTBALL, ESPAÇO PARA “GENTIS TORCEDORAS”

Entre os homens, a partir da década de 1910, o futebol passou a ter maior apelo. Comparado ao remo, o futebol tinha muitas vantagens para se popularizar: poderia ser praticado num campo ou nos vários terrenos baldios, de chuteiras ou descalço, bastava ter uma bola. Mesmo na ausência da pelota, o esporte poderia ser praticado com uma laranja caída, com uma bola feita de meia ou com um jornal amassado. Era um esporte europeu, carregado de marcas civilizatórias, praticado por uma elite e que introduzia uma série de expressões de língua inglesa em sua terminologia. Contudo, o esporte não levou muito tempo para ganhar as ruas, ajudando a tensionar barreiras sociais e raciais entre seus praticantes, quer nas arquibancadas oficiais, quer nos campos de várzea.

Os primeiros clubes de futebol foram surgindo em todo o estado, como o Brazilian

Foot-Ball Club (Florianópolis - 1911) e o Itajaiense Foot-Ball Club (Itajaí - 1911). Alguns clubes de remo formaram os seus próprios times de futebol, como os clubes náuticos Riachuelo e Martinelli (Florianópolis) e Marcílio Dias (Itajaí). Essa aproximação incentivou parte dos torcedores e torcedoras do remo a migrarem para o futebol. Os times começavam a arregimentar a cada partida uma audiência crescente, fidelizando simpatizantes a partir da popularização das regras do jogo, dos uniformes, chuteiras e bolas.

O futebol conseguiu aliar o lúdico ao pragmático, a seriedade à diversão, a força bruta à habilidade e o esporte à paixão. No entanto, não incluiu as mulheres como praticantes. Tal qual o remo, o futebol era uma prática masculina e masculinizante. Desde sua fundação, em 1904, a Fédération Internationale de Football Association não reconheceu a existência de uma modalidade feminina, o que só aconteceria formalmente na década de 1980. Nesses anos iniciais, coube às mulheres apenas o espaço extracampo. Em 1919, quando Riachuelo e Martinelli deixaram momentaneamente os remos de lado e entraram no gramado para disputar uma partida de futebol amistosa - em benefício do Clube Sportivo Florianópolis - o jornal. O jornal O Estado registrou a presença das “renitentes torcedoras de foot-ball”, numa partida em que o *sportman* Alfredinho (Alfredo Silva), então atleta do Americano Futebol Clube, do Rio de Janeiro, defendeu as cores do Martinelli (O ESTADO, 1919, p.2).

A menção às torcedoras de futebol nos jornais foi se tornando frequente. Em 25 de fevereiro de 1919, na cidade de Tubarão, uma soirée dançante no Clube 7 de Julho reuniu dois grupos de torcedoras do Club Sportivo Barriga Verde e do Hercílio Luz Football Club, fantasiadas com as cores das agremiações para disputar um concurso carnavalesco. As torcedoras continuavam a serem descritas como gentis senhoritas da elite (O DEVER, 1919, p. 3). Em Itajaí, as torcedoras do Marcílio Dias organizavam piqueniques como forma de confraternização (O SPORT, 1919, p.2). A mesma ação foi feita pelas torcedoras do Football Club Rio Branco, do bairro Coqueiros, em Florianópolis (REPÚBLICA, 1921, p.3). Em Tijucas, ficou a cargo das torcedoras do Brazil Football Club a organização de festivais para arrecadar fundos para a agremiação (O PONTO, 1920, p.2). As torcedoras também organizavam festas nos salões locais para recepcionar os sportmen adversários que chegavam à cidade para disputar amistosos (O PONTO, 1920, p.1). Em Lages, as torcedoras do Sport Club Cruzeiro - um dos poucos clubes a contar com uma seção esportiva feminina, com mulheres atletas dedicadas ao tênis e ao basquete - receberam com um chá-dançante a delegação esportiva do Serrano (REPÚBLICA, 1923, p.1).

Essa cortesia entre clubes percebida na análise dos jornais da época era comum especialmente nos amistosos intermunicipais, num período em que o futebol ainda carregava um acentuado ar aristocrático de distinção social, com grande concorrência entre a juventude das elites locais. Os hábitos cortesios, o cavalheirismo, a etiqueta e os protocolos de civilidade eram valorizados antes, durante e depois das partidas, com as mulheres exercendo importante papel nesse teatro social, sendo a “gentileza” uma palavra de ordem repetida exaustivamente nos relatos jornalísticos. Quando o clube Brazil, de Tijucas, foi disputar um amistoso contra o Sport Club Brusquense, em Brusque, o jornal O Ponto destacou que a equipe foi recepcionada pelas “gentis torcedoras” do time local (O PONTO, 1920, p.2). Em Biguaçu, a atuação das torcedoras do biguaçuense Football Club foi elogiada pelo jornal República pela “forma gentil” que receberam os jogadores da equipe do Cruzeiro Football Club, do bairro Praia Comprida,

de São José: “como é hábito da distinta elite daquela encantadora vila” (REPÚBLICA, 1921, p.2).

Quando a torcida feminina não comparecia aos jogos de futebol, a sua ausência também era registrada nos jornais, como ocorreu na ocasião de um amistoso entre os times do Riachuelo e do Ginásio Catarinense, em Florianópolis:

E o que mais notamos no último match desses dois teams, sobretudo, foi a falta das lindas torcedoras, que perderam uma excelente ocasião de vibrarem de entusiasmo pelas cores preferidas de seus corações. Que o encanto, o entusiasmo, o aplauso e a torcida das moças de Florianópolis, não falem a esse match, são os desejos nossos e dos jogadores (REPÚBLICA, 1920, p.2).

A partir da década de 1920, os ecos das conquistas femininas tornavam a sua presença cada vez mais frequente na vida social das cidades, inclusive no ambiente esportivo, ainda que essa mudança tenha privilegiado inicialmente as mulheres das camadas mais abastadas, em práticas que não ameaçavam a noção de feminilidade em voga.

UM FUTEBOL DE MULHERES: AÇÕES PIONEIRAS

Independentemente dos discursos hegemônicos e a despeito das convenções sociais, os esportes “seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram à sua prática” (GOELLNER, 2006, p.93). No ano de 1929, a passagem do Circo Irmãos Queirolo por SC ficou marcada por uma de suas atrações: um jogo de futebol de mulheres, em que elas vestiam as camisas de Avaí e Figueirense, os dois clubes de futebol mais populares da capital e as duas maiores rivalidades locais. Estabelecido no Brasil desde 1910, o Circo Irmãos Queirolo chegou a Florianópolis pelo pacote Itaquera, em novembro de 1929, montando seu pavilhão na Praça General Osório, popularmente conhecida como Campo do Manejo. Curiosamente, este foi o mesmo local tradicionalmente apontado como o da realização do primeiro jogo oficial de futebol masculino na cidade, em 14 de agosto de 1910, entre os alunos do Colégio Catarinense e um combinado de paulistas e cariocas.

O circo possuía uma equipe de 79 artistas que se apresentava sob uma lona impermeável, cujos anúncios publicitários nos jornais locais asseguravam que era capaz de comportar até quatro mil pessoas. Há o registro de ao menos uma partida de futebol feminino disputada por “oito gentis senhorinhas” representando Avaí e Figueirense, realizada em 09 de dezembro de 1929 (O ESTADO, 1920, p.6). No Circo Queirolo houve também uma partida entre os times Tamandaré e Adolfo Konder, mas sem a indicação de se tratar de times masculinos ou femininos (REPÚBLICA, 1929, p. 3).

A “espetacularização” do futebol protagonizado por mulheres já fazia parte das atrações do circo dos Irmãos Queirolo desde 1926. Com a eterna necessidade de renovação de repertório e a demanda por novidades, o jogo de futebol feminino era uma carta na manga, pois chamava a atenção da audiência não acostumada a ver mulheres jogando futebol. Investia-se nas rivalidades locais, com as artistas utilizando as camisas dos clubes de futebol das cidades em que se apresentavam, além do fato de não necessitar-se de grandes investimentos de tempo para a preparação, resumindo-se a dois jogos de camisa, sem a necessidade de decorar falas ou grandes investimentos no cenário.

Por ser um jogo e um espetáculo, as atrizes jogadoras do circo se apresentavam maquiadas,

o que contribuía para não colocar em suspeição as noções de feminilidade arraigadas na sociedade. Bonfim (2019) afirma que, embora a atração do futebol feminino apostasse na diversão do público provocada pela anormalidade da situação e reforçasse a estigmatização da imagem das mulheres jogadoras como algo exótico, o futebol circense foi também um investimento num simbolismo subversivo para os padrões da época e colocou em pauta a possibilidade de mulheres exercerem o futebol.

A massificação do futebol masculino no Brasil - que resultou na sua profissionalização, em 1933 - fez com que o esporte se transformasse numa expressão cultural nacional. Com o profissionalismo surgiram ídolos oriundos de camadas populares, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, dois atletas negros que despertaram a identificação com uma parcela da população marginalizada. A máquina de propaganda do Estado Novo colocou o futebol na pauta nacional ao utilizá-lo como ferramenta política. O futebol invadiu os jornais, mas também foi tematizado em livros, peças teatrais e filmes. Na capital catarinense, foi encenada no Cine Theatro Paramount (no interior do Teatro Álvaro de Carvalho), pela Companhia Sper, da atriz Margarida Sper, a peça "Futebol em família", escrita por Antônio Faro e Silveira Sampaio, numa matinê dedicada "às gentis senhorinhas e exmas. famílias" (REPÚBLICA, 1931, p.8). Era uma comédia familiar em que um rapaz discutia com o seu pai por este não aceitar que ele prosseguisse com a carreira de jogador de futebol. Por fim, o filho torna-se jogador do Fluminense e ganha dinheiro suficiente para custear as despesas de um curso de Medicina, pacificando os dois mundos: a possibilidade de se tornar um profissional do futebol sem estar à margem da sociedade e o apelo ao bacharelismo e ao prestígio de cursos socialmente admirados e hierarquicamente considerados superiores, como a Medicina.

A "febre do futebol" na década de 1930 teve o seu auge durante a Copa do Mundo de 1938, quando a seleção nacional conquistou um inédito terceiro lugar. Alguns meses após o fim da Copa foi criado, em Florianópolis, o time Infantil Feminino Lyra Tennis, fundado em outubro de 1938 por Mimi Bosco Galliani e Nicolina da Silva Velloso Rodrigues, que realizava seus treinos e jogos no Estádio Adolfo Konder, o campo da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres.

O Infantil Feminino nasceu no interior do Lira Tênis Clube, espaço elitista, fundado em 1926 a partir da fusão da Sociedade Lyra e do Tennis Club Florianópolis. Na memória histórica da cidade, o Lira foi por muito tempo associado às elites descendentes de imigrantes, atraindo famílias com sobrenomes como Busch, Malburg, Brüggemann, Voigt, Möellmann, Searles e Sainsbury, em oposição ao Clube Doze de Agosto, que a partir do Estado Novo agregou nomes simpatizantes da oligarquia Ramos. A sede do Lira que em 1938 já estava localizada num amplo lote entre as ruas Tenente Silveira e Felipe Schmidt não possuía campo de futebol, justificando, assim, a escolha do estádio Adolfo Konder, principal campo da cidade, para a prática do futebol infantil feminino.

Maria Paulina "Mimi" Bosco Galliani nasceu em 17 de abril de 1889 e faleceu em 12 de abril de 1990, em Florianópolis, tendo se casado com o comerciante José Galliani. Ao se pesquisar nos jornais do período, constata-se que Mimi comandou, em 1939, trinta e nove bandeirantes do núcleo Anita Garibaldi (O ESTADO, 1939, p.6). Não foi possível averiguar se esse envolvimento com as bandeirantes já havia iniciado antes da prática do futebol, mas, o bandeirantismo - ramo feminino do escotismo e mais um espaço em que

as mulheres exerceram novos papéis na comunidade - seguia valores morais cristãos e tinha uma orientação educativa. Isso pode ter contribuído para que a prática do futebol por meninas pudesse ocorrer, numa época em que havia certo consenso em torno da necessidade de se realizar trabalhos educativos através de novas técnicas de ensino, envolvendo moral e civismo, preceitos de higiene e disciplina do corpo. Foi em 1938 que o Interventor Nereu Ramos criou o primeiro curso de formação de professores para a Educação Física de SC, um curso com duração de seis meses, realizado em Florianópolis, do qual os professores saíam habilitados para lecionar a disciplina nas escolas de todo o estado (BOMBASSARO & VAZ, 2000, p.114-115).

A outra fundadora do time feminino foi Nicolina Velloso (Foto 04), nascida em Ouro Preto, Minas Gerais, filha de Manoel Pedro da Silva e de Virgínia da Silva. Nicolina morava no Rio de Janeiro e era órfã de pai e mãe quando se casou, em 1924, com Agapito Velloso Rodrigues, um carioca do bairro Madureira. No registro de casamento consta sua data de nascimento como sendo 10 de outubro de 1903. No entanto, segundo declaração do neto de Nicolina (VELLOSO FILHO, 2020), essa data provavelmente não é a verdadeira, pois teriam falsificado os seus documentos para que ela pudesse se casar ainda menor de idade. Os jornais de Florianópolis registram a sua data de aniversário como sendo 10 de dezembro (O ESTADO, 1935, p.6).

Após o casamento, Nicolina e Agapito se mudaram para Florianópolis. Ela era dona de casa e deu à luz a quatro filhos. Ele trabalhou inicialmente como oficial da Força Pública, posteriormente como funcionário da Delegacia Fiscal e, por fim, como topógrafo do Serviço de Patrimônio da União. Apaixonado por futebol, o marido de Nicolina envolveu-se com os clubes locais atuando como técnico e dirigente, colaborou por décadas com a Federação Catarinense de Futebol (antiga Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres) como membro do conselho fiscal, do quadro de árbitros e como tesoureiro. De acordo com Velloso Filho (2020), em 1938, ano em que Nicolina fundou a equipe infantil feminina, Agapito havia sido contratado pela Liga Florianopolitana de Futebol para ser o zelador do estádio Adolfo Konder, residindo em uma casa ao lado do campo com sua família. Ou seja, para ministrar as aulas de futebol para as meninas, Nicolina só precisava caminhar alguns metros em seu quintal.

O Infantil Feminino Lyra Tennis possivelmente teve vida efêmera, a julgar pela exiguidade de informações e de menções encontradas nos jornais da época. No próprio Lira Tênis Clube, atualmente, não se encontra dados sobre a criação do time. A prática do futebol feminino, entretanto, continuou a se expandir no país. No Rio de Janeiro, surgiram tantas equipes femininas que a Federação Atlética Suburbana organizou o seu primeiro campeonato em 1940, com Leônidas da Silva sendo convidado para ser o técnico da equipe do Império. No time do Casino Realengo, a centromédio Targina começava a ganhar fama como a melhor jogadora do futebol brasileiro. A goleira Filhinha, do Esporte Clube Brasileiro, era apelidada de “o Batatais dos campos femininos”, em alusão ao afamado goleiro do Fluminense (O ESTADO, 1940, p.2).

FIGURA 3: AS PATINADORAS MARY E BRANDINA SIMMONDS, EM 1916.



Fonte: Acervo do autor.

FIGURA 4: NICOLINA DA SILVA VELLOSO RODRIGUES, EM 1938.



Fonte: acervo de Nilo Velloso Filho.

À medida que se popularizava, aumentavam as críticas ao futebol feminino em discussões que foram reproduzidas nas páginas dos jornais catarinenses. O jornal *O Estado*, dirigido pelo jornalista Altino Flores, prócere do Figueirense Futebol Clube, saiu em defesa do futebol feminino, admoestando as críticas recebidas pelo esporte, embora apelasse para que se executasse um futebol sem “excessos”:

(...) Não admira que se insurjam contra o futebol feminino, se até há ainda quem condene o futebol dos homens. Vozes que não devem encontrar eco, sobretudo, quando as próprias autoridades do país se empenham em revigorar, por meio da educação física, a mocidade brasileira de ambos os sexos (...). Deixem-nas jogar futebol, se elas quiserem e puderem. Basta velar pela pureza desse futebol evitando excessos (*O ESTADO*, 1940, p.3).

O jornal *A Notícia*, de Joinville, reproduziu um texto de Salathiel Campos, jornalista negro e militante, membro fundador da Frente Negra Brasileira (SOUZA, 2018), defendendo a prática do futebol feminino e expondo as relações de poder e masculinidade presentes na discussão:

É o ciúme que desperta a veleidade masculina. Certo de que a exibição de força é um espetáculo que embasbaca e a sua superioridade está mais ou menos patente (...), o homem vê fugir-lhe essa supremacia diante da capacidade feminina e sente-se diminuído em seu valor, se reconhecer que era apenas aparente a força demonstrada na prática do futebol (*A NOTÍCIA*, 1940, p.7).

Como destacou Salathiel Campos, o futebol praticado por mulheres desafiou a esperada subordinação feminina, arraigada em fortes padrões de feminilidade que o futebol parecia subverter. Com as mulheres ocupando espaços e desempenhando papéis antes exclusivos aos homens, a “sua liberdade começava a fazer afronta aos costumes da época” (GOELLNER & KESSLER, 2018, p. 34). Esse avanço feminino sobre o futebol provocou uma reação que foi uma demonstração de força e de poder masculino: a publicação do Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941, redigido sob forte influência dos discursos higienistas e religiosos,

que buscavam legitimar os valores sociais conservadores. O art. 54 do decreto deliberava a proibição da prática de desportos considerados incompatíveis com as condições de “natureza” feminina (BRASIL, 1941).

Os argumentos levantados para justificar a proibição apontavam para uma defesa da proteção à fertilidade feminina, que poderia ser ameaçada pela violência esportiva. As mulheres teriam ossos mais frágeis, menor massa muscular, um coração menor, pulmões menos apropriados, um sistema nervoso que poderia abalar-se com mais facilidade, uma anatomia menos propensa aos esforços físicos, menos glóbulos vermelhos e inúmeros outros motivos postos em discussão na busca por uma cientificidade legitimadora da repressão. Na realidade, buscava-se inibir a subversão de se ter mulheres adentrando em espaços tipicamente masculinos (SOUZA et al., 2019, p.284).

Em SC, esportes como basquete, vôlei, bolão, tênis e atletismo continuaram sendo praticados por mulheres por não representarem uma ameaça aos códigos de feminilidade vigentes ou por terem sido adaptados em busca de uma readequação às possibilidades fisiológicas e sociais a que o corpo feminino estava autorizado. O decreto-lei, no entanto, desarticulou em todo o país a crescente organização feminina em equipes e campeonatos de futebol que começavam a ganhar corpo.

A RESISTÊNCIA EM CAMPO: FUTEBOL EM TEMPOS DE PROIBIÇÃO

Mesmo com as dificuldades e limitações impostas pelo Decreto-Lei 3.199, as mulheres continuaram a entrar em campo. O ano de 1951 tornou-se outro marco para o futebol de mulheres em Santa Catarina, pois foi quando houve, em 02 de junho de 1951, a realização de uma partida entre dois quadros adultos no estádio da Federação Catarinense de Desportos, em Florianópolis, fato que foi destacado pela imprensa da época como algo até então inédito no Estado (O ESTADO, p.4, 06 jun. 1951).

Tratou-se de uma partida amistosa entre as equipes Tiradentes (Foto 05) e Amazonas, ambas do Rio Grande do Sul, que excursionavam pelo sul do país realizando jogos exibições. As duas equipes surgiram em 1950, em Porto Alegre, organizadas pelo departamento esportivo do Grêmio Esportivo Renner, que mantinha uma equipe de futebol masculina participando dos campeonatos oficiais sul-rio-grandenses com relativo sucesso. Os jogos em Porto Alegre atraíram interesse do público, o que fez com que fossem organizadas excursões das equipes femininas pelo interior do estado em jogos exibições. Em 22 de outubro de 1950, as equipes duelaram em Caxias do Sul, no estádio da Quinta dos Pinheiros. O Amazonas venceu o Tiradentes por dois a zero, numa partida que arrecadou Cr\$26.400,00 nas bilheterias, o que foi considerado pela imprensa local “uma soma apreciável” (O MOVIMENTO, 1950, p.5). Antes de desembarcarem em Florianópolis, Amazonas e Tiradentes haviam jogado em Curitiba, onde a partida teria arrecadado mais de cem mil cruzeiros (LUME, 1951, p.5).

Em Florianópolis, a exibição dos quadros femininos foi contratada pelo Paula Ramos Esporte Clube, que mantinha uma equipe masculina de futebol, além de outras atividades esportivas em sua sede social. A cobertura do jornal O Estado deixou transparecer que o evento foi um sucesso de público, atraindo grande audiência:

(...) a pejeja, pelo seu ineditismo em nosso Estado, tomou conta das atenções do público,

fazendo com que o estádio da rua Bocaiúva [Estádio Adolfo Konder] ficasse superlotado e a renda atingisse a importância de 60 mil cruzeiros, segundo os nossos cálculos, representando recorde de bilheteria (O ESTADO, 1951, p.4).

Apesar da expectativa causada, a partida não transcorreu conforme planejado. Marcada para ter início às 15h30min, o jogo foi iniciado às 17h30min, ao escurecer, devido ao atraso do avião que conduzia as duas equipes. Como o estádio não possuía iluminação para jogos noturnos, foram jogados apenas quinze minutos, tendo o restante do jogo sido realizado na manhã do dia seguinte, com entrada franca. Na crônica esportiva, as mulheres atletas foram apresentadas como “Evas” – em referência à primeira mulher criada por Deus a partir das costelas do primeiro homem, segundo a tradição judaico-cristã. Ademais, as jogadoras foram descritas com pouca técnica e potência nos chutes, mas com destaque para características femininas como “vivacidade, graça, ritmo”; a atleta Virgínia, média do Tiradentes, recebeu destaque por fazer “algumas habilidades com a pelota mais parecendo do sexo forte do que do fraco” (O ESTADO, 1951, p.4).

Após o término da partida na manhã de domingo, dia 03 de junho de 1951, as equipes partiram imediatamente para Blumenau, onde, no mesmo dia, disputaram outro jogo, no campo do Grêmio Esportivo Olímpico. As jogadoras foram aguardadas com grande expectativa e atraíram interessados de muitas localidades vizinhas: “o espetáculo de logo mais constitui uma novidade para os blumenauenses. Nunca assistimos aqui, e constitui na verdade coisa muito rara, a exibição de moças praticando futebol” (LUME, 1951, p.5). Desta vez, o Amazonas venceu por 4 a 2. O jornal Lume destaca, ainda que “para se ter ideia da multidão presente, basta apontar a arrecadação financeira verificada: Cr\$42.000,00” (LUME, 1951, p.5).

Verifica-se que o Decreto-Lei 3.199 não proibiu explicitamente a prática do futebol feminino, embora o enquadramento implícito do futebol como desporto considerado incompatível com a “natureza feminina” revelasse que já havia na sociedade concepções generalizadas de que ele não era uma prática feminina (BRASIL, 1941). A redação do art. 54 do Decreto-Lei dizia apenas que caberia ao Conselho Nacional de Desportos baixar instruções às entidades desportivas do país sobre os esportes que não deveriam ser praticados por mulheres. Como o Conselho demorou para realizar tal tarefa oficialmente, acabou proporcionando uma brecha jurídica para que jogos femininos de futebol continuassem não apenas ocorrendo - em alguns casos até com mandados de segurança obtidos na Justiça - como adquirindo alguma popularidade em modalidades como o futebol de salão feminino, que ganhou adeptas no Brasil a partir da década de 1950 (SILVA, 2015, p.12).

Em 1959, o Conselho Nacional de Desportos, através da atuação de seu vice-presidente, Manoel Maria de Paula Ramos e de seu assessor jurídico, Samuel Sabat, aumentou a repressão ao esporte, reafirmando explicitamente a proibição do futebol feminino, inclusive o de salão, através do parecer interno nº163-57 (O ESTADO, 1959, p.6). O assunto foi tema de coluna do jornalista Paulo da Costa Ramos, no jornal O Estado, de Florianópolis, que escreveu uma defesa do futebol feminino, ainda que em tom jocoso, em que se nota os anseios pela estilização dos corpos, na expectativa de se ver atletas a performar em campo a feminilidade para deleite do público masculino:

Mas, será que o senhor é tão ingênuo ao ponto de ainda não ter descoberto que o que menos se faz numa partida de futebol feminino é jogar o dito? (...) O único perigo que correm as moças, durante os 90 minutos regulamentares, é o de serem atacadas pela assistência, entusiasmada com os seus driblings, perdão, eu queria dizer suas pernas. (...) Porque, sr. Paula Ramos, o povo está ficando cansado das pernas tortas de Garrincha, e de vez em quando uma Vera Regina na ponta direita para variar, não faria mal a ninguém... (O Estado, 1959, p.3).

Na década de 1960, mulheres desportistas ganharam popularidade nacional, como a tenista Maria Esther Bueno. Contudo, o futebol feminino permaneceu marginal, com outros esportes ganhando espaços no lazer e como possibilidade competitiva. Embora os jogos continuassem a ser realizados, a proibição condenou a prática ao ostracismo, impossibilitou o desenvolvimento físico e técnico das atletas, barrando totalmente qualquer possibilidade de surgimento de um processo de profissionalização das jogadoras, da organização de clubes ou entidades femininas.

A coibição também robusteceu a representação do futebol como um microcosmo masculino, que não comportava a participação de mulheres em espaços de poder, dentro e fora de campo, nos gramados ou no comando técnico de equipes, na direção dos clubes ou na arbitragem, tendo consequências inclusive no afastamento da presença feminina nas arquibancadas. A insistência para que formas de masculinidades e feminilidades fossem rigidamente estabelecidas como opostas afirmou a existência de normas para os gêneros e para as performances de gênero. O que se apreende é um modelo discursivo hegemônico da inteligibilidade do gênero definido oposicional e hierarquicamente (BUTLER, 2003, p.16). A partir da fixação da supremacia masculina, legitimaram-se regimes normativos que legislaram sobre as vidas das mulheres, categorizando-as socialmente e estabelecendo o que deveria ser permitido ou esperado delas.

UM NOVO COMEÇO: O PERÍODO PÓS-PROIBIÇÃO

A partir da revolução cultural da década de 1960, houve uma maior emancipação sexual que colocou a discussão da liberdade feminina na agenda pública de debates, embora tenha igualmente ocorrido uma maior sexualização da imagem da mulher. Foi um período em que as mulheres conquistaram uma fatia do mercado de trabalho e os movimentos feministas avançaram. No futebol, houve a institucionalização de uma Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino, que apoiou a realização do primeiro Campeonato de Futebol Feminino de seleções, realizado na Itália, em 1970, sem a participação do Brasil.

Esses avanços contribuíram para recolocar o futebol feminino em pauta na imprensa brasileira. Há registros de jogos femininos sendo realizados antes mesmo do fim oficial da proibição, no interior de escolas, em atividades festivas oficiais do calendário de eventos municipais, em eventos beneficentes. Em 1967, durante as celebrações do cinquentenário do município de Joaçaba, foram organizadas duas equipes compostas de torcedoras do Cruzeiro Atlético Clube (Foto 06) e do Grêmio Esportivo Comercial (Foto 07) para a disputa de um clássico beneficente realizado no Estádio Oscar Rodrigues da Nova.

Na capital do estado, o futebol de mulheres ressurgiu em 1971, no interior das escolas, reunindo equipes de instituições como o Colégio de Aplicação da UFSC e a equipe do

Colégio Coração de Jesus, organizada pelo professor Marc Aurélio Krieger, participando de competições pioneiras, como o campeonato organizado pelo Lagoa Iate Clube, em setembro de 1971 (O ESTADO, 12/9/1971). Alunas do Instituto Estadual de Educação organizaram partidas para arrecadar fundos para o Movimento Pró Estudante Necessitado (O ESTADO, 25/6/1971). Neste mesmo ano, na cidade de Joinville, as normalistas do Colégio Celso Ramos organizaram uma partida de futebol para levantar verbas para o pagamento da sua formatura no estádio do Caxias Futebol Clube (O ESTADO, 25/5/1971).

No município de Canoinhas, o futebol feminino entrou na agenda de comemorações da celebração do Dia da Independência, com as estudantes do Colégio Estadual Santa Cruz Cadernos de História, v. 22, n. 37, p. 237-258, 2021 251 Felipe Matos disputando uma partida contra as colegas do Colégio Comercial, no Estádio Benedito Therézio de Carvalho Júnior. Isso ocorreu como preliminar de um jogo entre a seleção masculina municipal e o Caxias Futebol Clube, de Joinville (CORREIO do Norte, 1975, p.6). O mesmo ocorreu no ano seguinte, quando as estudantes atuaram na preliminar de um jogo entre a seleção masculina do município e o então recém fundado Joinville Esporte Clube, novamente durante a celebração do Dia da Pátria (CORREIO do Norte, 1976). Ainda em 1976, no município de Palmitos, equipes femininas (Foto 08) faziam a preliminar dos jogos entre a equipe local masculina do Esporte Clube Recreativo Palmitos e algum adversário visitante (KLÜSER, 2019, p.22).

FIGURA 5: A EQUIPE DO TIRADENTES QUE SE APRESENTOU EM FLORIANÓPOLIS E BLUMENAU, EM 1951, EM PARTIDAS CONTRA O AMAZONAS.



Fonte: Acervo de Adalberto Jorge Klüser.

FIGURA 6: EQUIPE COMPOSTA POR TORCEDORAS DO CRUZEIRO ATLÉTICO CLUBE, DE JOAÇABA, EM 1967, ORGANIZADA PARA JOGO BENEFICENTE.



Fonte: Acervo de Antônio Carlos Pereira.

FIGURA 7: EQUIPE FEMININA DO GRÊMIO ESPORTIVO COMERCIAL, DE JOAÇABA, EM 1967.



Fonte: Acervo de Antônio Carlos Pereira.

FIGURA 8: FUTEBOL FEMININO NO MUNICÍPIO DE PALMITOS, EM 1976.



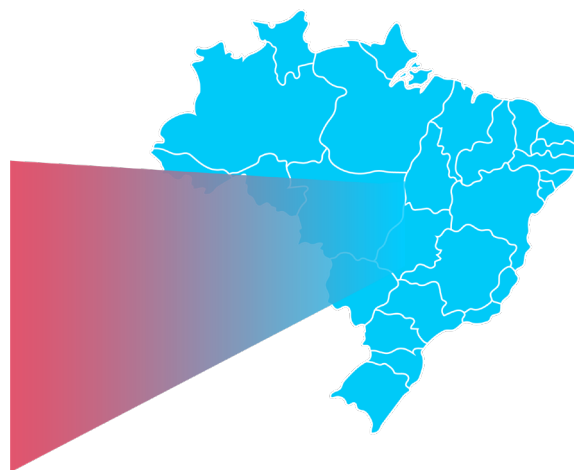
Fonte: Acervo de Adalberto Jorge Klüser.

A proibição ao futebol feminino só foi extinta oficialmente em 1979 por interferência do Diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Mammed. Ele inscreveu quatro mulheres trocando seus nomes por masculinos na comunicação feita ao Conselho Nacional de Desportos, garantindo que elas participassem do Campeonato Sul-Americano de judô de 1979. Conforme Silva (2003), quando Mammed retornou ao Brasil, teve que prestar contas ao Conselho sobre o seu ato, mas o impacto causado pelas medalhas conquistadas pelas mulheres na competição fez com que, no mesmo ano, a entidade decidisse permitir a prática de esportes conforme condições estabelecidas pelas entidades internacionais de cada desporto.

A liberação não significou qualquer tipo de incentivo por parte de políticas públicas para o engajamento feminino nos esportes naquele momento, mas foi uma grande conquista, por retirar os entraves jurídicos para a sua prática. De acordo com Silva (2003), no caso do futebol, a primeira legislação regulamentadora surgiu apenas em 1983, a partir do interesse do Governo Federal em se inserir no cenário das competições internacionais. Até então, nesse período entre a liberação e a regulamentação, o futebol feminino só pôde ser praticado como forma de lazer, sem a possibilidade de profissionalização. Em SC, na década de 1980, surgiram as primeiras equipes de futebol feminino por todo o estado (Quadro I).

Os desafios, no entanto, continuavam grandes. A desigualdade de gênero estava estruturada dentro das próprias instituições superiores de ensino. No curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina ingressavam anualmente oitenta novos alunos, com metade das vagas reservada para as mulheres que, no decorrer do curso, poderiam exercer as mesmas atividades que os homens, exceto o futebol: a modalidade era exclusiva para os homens, apesar da crescente divulgação do futebol feminino (JORNAL DO BETO, 1983, p.7).

QUADRO 1: LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE EQUIPES FEMININAS DE FUTEBOL EM SANTA CATARINA, COM A REGIÃO E UM ANO DE REFERÊNCIA DE SUAS ATIVIDADES.



Fontes: CORREIO DO NORTE, 06 set. 1975; CORREIO DO POVO, 19 a 25 jan. 1980; acervo de Adalberto Klüser; AÇÃO ESPORTIVA, 1983; DIÁRIO CATARINENSE, 02 fev. 1997; RSSF Brasil.

Na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, a situação era diferente, já que foram as alunas do curso da sua Escola Superior de Educação Física, em Florianópolis, que serviram de base para um dos principais times de futebol feminino deste período pós-regulamentação, a equipe do Ação Esportiva (Foto 09). O time foi fundado em 1983 pela empresa Central de Promoções e Propaganda Ltda., que editava a revista Ação Esportiva, sobre esportes em Santa Catarina e a revista Encontro, um guia turístico e informativo sobre o estado. A intenção do grupo empresarial era montar uma equipe de futebol feminino e promover jogos em estados como o Rio Grande do Sul e em países como Uruguai e Argentina, locais de origem de um grande fluxo de turistas com destino a Santa Catarina. Conforme se encontra na Ação Esportiva (1983), durante os jogos, seriam distribuídos exemplares das duas revistas, além de outras formas de divulgação do potencial turístico do estado. Suas partidas também foram preliminares de jogos masculinos como o amistoso entre a Seleção de Brasília e um combinado Avaí/Figueirense, em prol das vítimas das enchentes em Santa Catarina, no Estádio Orlando Scarpelli.

Tanto o presidente da Ação Esportiva, Amadeu B. Gonçalves, quanto o seu diretor de futebol, o jornalista Ignácio Girardi, pouco entendiam sobre futebol feminino e sequer conheciam jogadoras que pudessem defender o time que pretendiam criar. Foi através da professora de Educação Física Gladys da Rosa que o elenco foi montado. Ela arregimentou alunas da Escola Superior de Educação Física da UDESC sob o comando do técnico e preparador físico Jairo José Assumpção, formando uma forte equipe, que em seus sete primeiros jogos obteve seis vitórias e um empate, com 57 gols marcados e 3 sofridos. Esses números superlativos demonstram tanto a qualidade do elenco da Ação Esportiva quanto a diferença de patamar entre os times, escancarando o desnível técnico que o mínimo de investimento numa equipe com uma comissão técnica restrita a um técnico e a uma massagista era capaz de produzir. De acordo com a Ação Esportiva (1983), grande parte do elenco já atuava junto nos campeonatos estudantis interfases da UDESC.

Na década de 1980, também nasceu um dos mais longevos times de futebol feminino do estado, a Associação Esportiva Scorpions, atualmente filiada à Liga Josefense de Futebol, à Federação Catarinense de Futebol e à Confederação Brasileira de Futebol. A Associação foi fundada em 01 de outubro de 1989 no bairro Flor de Nápolis, em São José, com equipes

de futebol de campo, Futebol 7, beach soccer e futsal. Sem um local adequado para realizar os seus treinamentos, elas utilizavam as quadras públicas de areia da Avenida Beira Mar, de São José, o que não as impediu de se tornarem uma equipe extremamente competitiva, conquistando diversos títulos em torneios e competições das ligas de futebol amador da região da Grande Florianópolis, torneios estaduais e nacional, estreando em 2007 na 1ª Copa Brasil de Futebol Feminino e na 1ª Liga Nacional de Futebol de Campo, disputada no Rio de Janeiro, que rendeu a uma de suas atletas uma convocação para a seleção brasileira sub-17 (ASSOCIAÇÃO..., 2020).

Na década de 1990, houve um grande impacto no esporte com a realização da primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA (1991) e a inclusão da categoria nas Olimpíadas de Atlanta (1996), aumentando a exposição da parte mais visível do futebol feminino nacional, a Seleção Brasileira. Embora com todas as dificuldades e uma crônica falta de investimentos quando comparada à milionária seleção masculina nacional, esses grandes eventos proporcionaram alguma estruturação do futebol nacional e a busca por atletas em diversas regiões do país, com a atuação de olheiros.

Esse crescimento culminou com a formação da Seleção Catarinense de futebol, em junho de 1993. Na ocasião, a Federação Catarinense de Futebol, então presidida por Delfim de Pádua Peixoto Filho, transferiu a responsabilidade de montar a equipe à Liga Josefense de Futebol, de São José, presidida por Orivaldo Leal, que havia se tornado uma referência no futebol feminino por organizar campeonatos que reuniam equipes de todo o Estado, não apenas do município. Conforme o Diário Catarinense (1994), após alguns meses de trabalho, a Seleção disputou, em janeiro de 1994, o campeonato brasileiro de seleções, sob o comando do técnico Balduino (João Carlos da Silva, ex-atleta de Avaí e Figueirense, professor de Educação Física na UDESC), tendo como equipe base atletas oriundas da equipe da Scorpions.

Outro destaque da década de 1990 foi a região Oeste catarinense, que em 1997 contava com 32 times em atividade, participando de competições estaduais e nacionais, com destaque para a equipe da Associação Chapecoense de Futebol, organizada em 1993, então considerada a “seleção do oeste”. O time era treinado por Paulo César Pompermayer e reunia mulheres atletas de diversos municípios, como Chapecó, Tunápolis, Modelo, Nova Itaberaba, Novo Horizonte, além de cidades sul-rio-grandenses próximas, como Nonoai, Alpestre e Entre Rios. Embora atrelada ao maior time profissional da região, o time feminino não tinha patrocinadores e para reunir as atletas para um simples treinamento era uma grande dificuldade. Havia quem necessitasse se deslocar até 200 km para chegar a Chapecó. As passagens de ônibus eram pagas com doações, realização de jantares e promoções para a arrecadação de fundos. A situação melhorou um pouco a partir de 1997, quando o clube conseguiu providenciar alojamento para vinte e quatro atletas, com o auxílio da prefeitura municipal de Chapecó (DIÁRIO CATARINENSE, 1997, p.62).

Em seus primeiros quatro anos de existência, a Chapecoense realizou cerca de 160 jogos, perdendo apenas dois, sendo um deles para a Seleção Gaúcha. As atletas mantinham profissões diversas fora do futebol. Muitas delas eram agricultoras, que aspiravam chegar até a Seleção Brasileira, repetindo os passos de Marlisa Wahlbrink, a Maravilha, goleira da Seleção Brasileira participante do Mundial de 1999, das Olimpíadas de 2000 e 2004. Apesar de ser nascida em Constantina, no Rio Grande do Sul, Wahlbrink ganhou tal apelido por

ter sido criada no município catarinense de Maravilha, 80 km de distância de Chapecó, onde trabalhou na roça ao lado de oito irmãos, até decidir sair de casa para estudar em Porto Alegre, onde iniciou a carreira de atleta ao passar numa peneira no Cruzeiro, em 1994:

Como meus pais não tinham condições de dar brinquedos para todos os filhos nos períodos da Páscoa, Natal, eles sempre davam uma bola e todo mundo adorava jogar futebol. Desde pequena, desde que eu me lembro, jogava futebol em casa. Quando a gente mudava de uma residência para a outra, a primeira coisa que a gente arrumava era um campinho de futebol para poder jogar, que era o nosso divertimento. Então fui crescendo. Todos da família, as mulheres, eu tenho uma irmã, também jogava bem, eu sou a mais nova das moças. (...) Na escola, enquanto eu estudava, sempre jogava futebol, era a única menina que ficava no meio dos meninos. Jogava futebol ao invés de jogar vôlei, porque diferenciava, os meninos jogavam futsal e as meninas jogavam vôlei. Mas, eu sempre estava junto com os meninos, então, comecei a me destacar. Mas, mesmo assim a gente não tinha uma perspectiva, nem imaginava jogar futebol em nível nacional (WAHLBRINK, 2014, p.1-3).

A história de cada time feminino surgido no período pós-proibição poderia render belos ensaios de micro-história. Por exemplo, em Florianópolis, na Praia do Santinho, o time Estrela do Mar foi criado por Marta Hendler Mesquita, em 1996, quando ela tinha 41 anos (Foto 10). Nascida no interior de Torres, no Rio Grande do Sul, Marta gostava de jogar futebol desde criança com os irmãos, mas abandonou a prática na adolescência devido ao preconceito que sofria. Segundo Mesquita (2020), quando era aluna da Escola Técnica, ela participava de jogos organizados por sua professora de Educação Física no campo do Grêmio Esportivo Torrense, mas a professora foi coagida e ameaçada de demissão caso continuasse a estimular as garotas a jogarem futebol. Em 1996, quando residia em Florianópolis, ela sentiu que os tempos haviam mudado, juntou a filha mais velha, duas noras, mais algumas amigas e criou uma equipe para participar de amistosos e de pequenos torneios de verão disputados na praia.

A trajetória da Estrela do Mar é uma síntese das condições dos times femininos nesse período inicial pós-proibição, em que mulheres entravam em campo, sobretudo, graças a iniciativas de indivíduos e de grupos que se voltaram contra as limitações e sanções sofridas por essa prática esportiva. O time de Marta enfrentou grandes dificuldades até para conseguir um espaço para jogar e treinar. Somente após muita negociação com os dirigentes da associação do bairro, conseguiu a autorização para usar o campo local. Ela gostava de jogar na linha, mas virou a goleira da equipe, inspirada em Meg (Margarete Maria Pioresan), arqueira da Seleção Brasileira, na época, ainda em atividade aos quarenta anos.

Quem se destacava no Estrela do Mar era a zagueira Quelen Hendler Mesquita, filha da fundadora. Em 1997, aos 15 anos de idade, ela sonhava em defender a Seleção Brasileira. Em depoimento ao jornalista Luiz Cláudio Freitas, do Diário Catarinense (1997), Quelen apontou o maior obstáculo para a concretização de seu sonho: “Eu e minhas amigas estamos atrás de uma escolinha de futebol para meninas na Capital, mas simplesmente não existe por aqui. Que estímulo vamos ter?” (DIÁRIO CATARINENSE, 1997v, p.61).

FIGURA 9: UMA FORMAÇÃO DA EQUIPE DO AÇÃO ESPORTIVA, EM 1983.



Fonte: Acervo de Antônio Carlos Pereira.

FIGURA 10: MARTA MESQUITA (A 4ª EM PÉ, DA ESQUERDA PARA A DIREITA) E AS JOGADORAS DA ESTRELA DO MAR, EM 1997.V



Fonte: Acervo de Adalberto Jorge Klüser.

Muitas mulheres daquele tempo devem ter se questionado da mesma maneira que Quelen, diante das dificuldades para se desenvolver como atleta e atingir um nível de profissionalismo que só seria possível, em SC, no século XXI, com o desenvolvimento de equipes como a Sociedade Esportiva Kindermann, clube em que diversas atletas com passagens pela Seleção Brasileira atuaram. Recuperar essas histórias individuais e coletivas, criar narrativas, organizar dados, explorar as representações, as subjetividades, as estratégias de opressão e de resistência que permeiam a história do futebol de mulheres no Brasil é uma forma de dar visibilidade a uma prática esportiva que por décadas ficou subjugada a tantas formas de silenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de suas limitações, este artigo apresentou subsídios para a realização de um variado leque de investigações que possam envolver a história das mulheres nos esportes, difundindo o conhecimento, compilando informações dispersas e organizando uma narrativa sobre a qual poderão ser elaborados trabalhos comparativos e críticos, nos mais variados campos do saber. Ao contrário do que a lacuna historiográfica possa inadvertidamente indicar, Santa Catarina possui uma longa e significativa história das mulheres no futebol, repleta de experiências impactadas pelos discursos sobre um esporte considerado "impróprio" para o corpo feminino.

De acordo com Moreira & Prado (2019), futebol aparece como uma prática social generificada e generificante, a sofrer com interferências diretas dos dispositivos de gênero e sexualidade existentes no país. Numa sociedade em que as relações sociais foram "fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos" (SCOTT, 1995, p.14), houve um investimento para assegurar que o futebol se tornasse um microcosmo predominantemente masculino de forma arbitrária e hierárquica. Tal investimento, embora tenha marginalizado as práticas esportivas femininas e retardado o seu desenvolvimento pleno, não foi bem sucedido totalmente, haja vista as práticas de resistência que possibilitaram a permanência feminina como *player* expressivo desse universo da bola.

Conforme Goellner (2006), por sua trajetória, não é exagero dizer que o futebol feminino é um ato de rebeldia, uma afronta às diversas relações de poder, que nunca pensaram

o futebol como espaço das mulheres. Essa luta diz respeito a todos que enxergam no futebol uma possibilidade de transformação social e aos que desejam que sua popularidade no país esteja de mãos dadas com a sua diversidade, na busca por uma sociedade mais democrática e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA SCORPIONS. **Sobre nós**. Disponível em: <https://futebolfemininoscorpions.webnode.com.br/sobre-nos>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BOMBASSARO, Ticiane. & VAZ, Alexandre F. **Sobre a formação de professores para a disciplina Educação Física em Santa Catarina (1937-1945): ciência, controle e ludicidade na educação dos corpos**. Educar, Curitiba, n. 33, p. 111-128, 2009.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação de Mestrado (História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 2019.
- BRASIL. **Decreto-Lei N° 3199, de 14 de abril de 1941**. In: Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 1941, p. 7652.
- BRASIL. **Lei n° 3.071, de 1° de janeiro de 1916**. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 jan. 1916. Seção 1, p.133.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo, Editora da UNESP, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. In: Revista Portuguesa de Educação, Braga, ano/vol. 16, n. 2. p. 221-236, 2003.
- FIGOLS, Victor de Leonardo. **O lugar do futebol nos simpósios da associação nacional de história (Anpuh): um balanço de 1961 a 2017**. In: Revista Hydra. V. 3, nº 5. dezembro de 2018.
- FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. In: Revista Brasileira de História, 25(50), 315-328. 2005.
- FREITAS, A. L.; BORBA, B. L. de et al. **O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres**. In: Corpoconsciência. Cuiabá-MT, vol. 23, n. 02, p. 63-74, maio/ago., 2019.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. **A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade**. In: Revista USP, v. 117, n. 1, p. 31-38, abr. 2018.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. In: Pensar a prática, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.
- GUEDES, C.M. **Mulheres à cesta: o basquetebol feminino no Brasil (1892-1971)**. São Paulo: Miss Lily, 2009.
- KLÜSER, Adalberto Jorge. **Era Uma Vez no Oeste**. A trajetória profissional do Palmitos. São José: Despertando Talentos, 2019.
- LEAL, Daniel. **O sucesso por trás dos números: por que o futebol de mulheres não para de bater recordes de audiência?** In: Ludopédio, São Paulo, v. 137, n. 60, 2020.
- MESQUITA, Marta Hendler. **Entrevista**. Entrevista concedida ao autor. Florianópolis, 01 set. 2020.

- MOREIRA, M. de F. S., PRADO, V. M. do, & CAVALEIRO, M. C. **Quando o futebol é de mulheres:** suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. In: Ensino Em Re-Vista, 26 (2), 524-546, 2019.
- SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport:** o remo na ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2013.
- SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil para a análise histórica.** In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Giovana Capucim. **Futebol feminino:** proibido para quem? uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação. In: Anais Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.
- SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista:** entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado em História). USP, São Paulo, 2015.
- SOUZA, Bruno Jeuken. **Salathiel Campos:** esporte e política (1926-1938). Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.
- SOUZA, Larissa Medeiros de; MAUX, Ana Andréa Barbosa & REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. **Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol.** In: Revista da Abordagem Gestáltica, 25 (3), p. 282-293, 2019.
- VELLOSO FILHO, Nilo. **Entrevista.** Entrevista concedida ao autor. Florianópolis, 19.ago.2020.
- WAHLBRINK, Marlisa. **Depoimento de Marlisa Wahlbrink [Maravilha].** Projeto Garimpando Memórias. CEME-ESEF-UFRGS: Porto Alegre, 2014.

PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO
DA NATAÇÃO: TEMPO, ESPAÇO E
BUROCRATIZAÇÃO EM COMPETIÇÕES
NO LITORAL DE FORTALEZA
(DÉCADAS DE 1920-1940)

NARA ROMERO MONTENEGRO
Universidade Estadual de Campinas
nararomerom@hotmail.com

RESUMO

A natação, como modalidade esportiva, foi precedida por práticas como banhos de mar e o nado. Embora locomover-se na água fosse uma atividade que permeou inúmeras sociedades em diversos tempos históricos, a natação como prática competitiva, institucionalizada e burocratizada é uma invenção dos tempos modernos. Para Norbert Elias e Eric Dunning (1992), o processo de esportivização caracteriza-se pelas transformações de diversos jogos e atividades em esportes modernos, regulamentados por regras universais e escritas, além de serem sustentados por aparatos burocráticos e institucionais. No contexto brasileiro, mais especificamente no litoral da cidade de Fortaleza, a natação como modalidade esportiva, refinada por uma técnica e com intuito competitivo, viveu importante parte do processo de esportivização na primeira metade do século XX. Este artigo tem como objetivo analisar esse processo na natação no contexto do litoral cearense, entre as décadas de 1920 e 1940, evidenciando as manifestações nesse sentido, os agentes e as entidades envolvidas, bem como aspectos relativos à institucionalização do espaço litorâneo e à burocratização e racionalização da prática da natação no mar. Como fontes, foram mobilizados periódicos que circulavam na imprensa, no período e exerciam função essencial na dinâmica e desenvolvimento da prática esportiva da natação.

Palavras-chave: Natação; esporte moderno; litoral; Fortaleza.

Recebido em 23 de novembro de 2020.

Aprovado em 12 de maio de 2021.

MODERN SWIMMING
PROCESS: TIME, SPACE AND
BUREAUCRATIZATION IN
COMPETITIONS ON THE COAST
OF FORTALEZA (1920S-1940S)

NARA ROMERO MONTENEGRO
Universidade Estadual de Campinas
nararomerom@hotmail.com

ABSTRACT

The swimming, as a modality, was preceded by practices such as sea bathing and other types of swimming. Although moving into the water was an activity that was performed in many societies in different historical times, swimming as a competitive, institutionalized, bureaucratic practice is an achievement of modern times. According to Norbert Elias and Eric Dunning (1992), the modern sport process is characterized by the change of different games and activities into sports, regulated by universal and written rules, besides it is supported by bureaucratic and institutionalized aspects. In the Brazilian context, specifically on the coast of the city of Fortaleza, swimming as modality, supported by a technique and with a competitive aim, it experienced an important part of this process in the first half of the 20th century. This article aims to analyze this process in swimming, in the context of the Ceará coast, between the 1920s and 1940s, highlighting the manifestations in this direction, the agents and institutions involved, as well as aspects related to the institutionalization of the coast, the bureaucratization and rationalization of the swimming at sea. The sources used were periodicals that circulated in the press in that time, which played an essential role in the dynamics and development of swimming as a sport.

Keywords: Swimming; modern sport; coast; Fortaleza.

INTRODUÇÃO

Analisar historicamente a natação, modalidade esportiva moderna, é antes entender o espaço no qual ela se inseria e as práticas que a antecederam nesses espaços. No começo do século XX, eram poucas as piscinas presentes em cidades brasileiras e, banhar-se com finalidades lúdicas, terapêuticas ou higiênicas era uma prática realizada sobretudo em águas abertas, rios, mares, lagoas¹. Além disso, os conhecimentos de uma técnica racionalizada, controlada, treinada de locomover-se no meio aquático eram ainda distantes, portanto, embora sempre se tenha praticado o nado, a natação tal como a conhecemos é resultado de um processo de esportivização.

A expressão esportivização ou desportivização, empregada por Elias e Dunning (1992), refere-se ao processo de transição de práticas de divertimento e passatempos em esporte². Os autores remontam aos Jogos Olímpicos da Antiguidade para evidenciar as rupturas que diferenciam as práticas desse período ao que hoje se conhece por esportes. Como importantes características dos esportes modernos, ausentes em práticas anteriores, apontam: a codificação dessas práticas; maior regulamentação e uniformidade; presença de regras escritas sujeitas a revisões; horários e calendários anteriormente estabelecidos e orientações de justiça e de igualdade nas probabilidades iniciais da disputa.

Analogamente, outros autores, como Gutmann (1978) e Bourdieu (2003) reiteram e complementam essas características, sublinhando, por exemplo: i) a universalidade e especialização das regras; ii) a racionalização e quantificação da prática sob a égide da cientificação, como os treinamentos cada vez mais sistematizados e o registro dos *records* e marcas; iii) o secularismo, caracterização da prática como laica diferenciando o esporte moderno dos jogos da Antiguidade; iv) o aparato da burocratização, isto é, a regulamentação da prática via instituições centralizadoras e “oficiais”.

A estrutura do esporte moderno, portanto, demanda uma série de dinâmicas, agentes, instituições que só seria possível em uma estrutura social capaz de conceber tais mecanismos (ELIAS; DUNNING, 1992). No cenário brasileiro, mais especificamente no contexto do litoral cearense, estruturas modernas que participam do processo de esportivização das práticas surgem e consolidam-se, principalmente, na primeira metade do século XX, a partir da década de 1920.

Este artigo tem como objetivo analisar esse processo na natação, do contexto do litoral cearense entre as décadas de 1920 e 1940³, evidenciando as manifestações nesse sentido, os agentes e as entidades envolvidas, bem como aspectos relativos à institucionalização do espaço litorâneo e à burocratização e racionalização da prática da natação no mar.

De acordo com Melo (2012), esporte e imprensa estabeleceram uma relação bem próxima na sua constituição e promoção. O esporte se propagou com auxílio da imprensa e esta se promoveu ainda mais com as notícias esportivas, que operavam dentro de uma dinâmica rotineira de informações. Nesse sentido, as fontes mobilizadas foram periódicos que circulavam na imprensa do período e exerciam função essencial na dinâmica e desenvolvimento da prática esportiva da natação; dentre eles, a revista *Ceará Ilustrado*, que foi bastante importante na formação de uma sociabilidade praiana, e os jornais *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias e Correio do Ceará*, veículo que organizava e publicitava as provas ao lado dos

clubes (MONTENEGRO, 2020).

O ESPAÇO INSTITUCIONALIZADO, UM NOVO LITORAL

Ao tomar como objeto o processo de constituição da natação como esporte, outro aspecto imprescindível, sem o qual esse processo não seria possível, foi a formação da praia como espaço moderno. Até o início do século XX, o litoral da cidade de Fortaleza, assim como de outras cidades da costa brasileira, não se caracterizava como espaço de sociabilidade⁴. O litoral era sobretudo associado às suas funções portuárias, pesqueiras e militares, sendo seu imaginário fortemente vinculado àquilo que Corbin (1989) denominou como *território do vazio*, um lugar que despertava sentimentos de medo, solidão e incivilidade, expressos nos elementos de uma natureza selvagem e inóspita, nos vagalhões, tempestades e ventanias.

A cidade de Fortaleza teria crescido de costas para o mar, edificações e casas eram erguidas com suas faixadas na direção sul da cidade, e os fundos no sentido do litoral. Pescadores já habitavam as regiões litorâneas, entretanto, para maior parte da população os mar, as areias, os coqueirais eram uma paisagem sempre presente, mas relativamente distante. No final do século XIX e início do seguinte, discursos terapêuticos vão atribuir a esse local um novo sentido, recomendado para cura e tratamento de doenças respiratórias, tuberculose, histerias. Já na década de 1920, as primeiras casas de famílias de elites, cafés, restaurantes, igrejas, clubes sociais e esportivos são construídos, dentre outras edificações que iriam tornar, progressivamente, o litoral em um lugar intrinsecamente associado à vida cidadina. Ações de melhoramento urbano da região em que se inserem condições de transporte, estradas, bondes, segurança e iluminação pública, socorro a banhistas se tornam presentes, culminando inclusive com a campanha de titulação da praia nas cercanias do centro mais urbanizado da cidade⁵.

A bem sucedida campanha em 1925, de oficializar o título de *Praia de Iracema*, novo nome que substituiria o antigo, *Praia do Peixe*, sintetizou a transição operada nesse espaço. De um litoral que, segundo a nota da revista *Ceará Ilustrado*, “exhala tanta maresia e tão intenso fartum de visceras de garôpa expostas ao sol” (CEARÁ ILLUSTRADO, 1925), em direção ao novo, ao juvenil e ao moderno, sugerido pelo mesmo impresso:

Parece que, com a mudança do feio nome de Praia do Peixe, a mais formosa marinha cearense, encanto da nossa sociedade elegante, está adquirindo um desusado movimento nestes últimos dias. Ranchos de namorados felizes e sorridentes confundem os seus arrulhos com o marulho das ondas: automóveis buzina: ouvem-se risadas e canções. (...) Influencia do novo nome... (CEARÁ ILLUSTRADO, 1925, p. 228).

O litoral, portanto, deixava de ser o *território do vazio* e passaria a fazer parte dos lugares públicos da cidade de Fortaleza, como ruas, praças e parques, um ambiente por excelência de sociabilidade, de encontros de grupos sociais distintos, do divertimento, do prazer e da contemplação. Nos finais de semana, famílias, amigos e namorados se reuniam nas areias, banhavam-se e refrescavam-se nas águas salgadas do litoral. O medo, entretanto, ainda percorria o imaginário litorâneo. Afogamentos eram recorrentes e nadar, como sugere Corbin (1989), é inicialmente uma batalha, um esforço, um combate contra a submersão, “a convicção de que é preciso antes de mais nada sobreviver justifica esta “prática violenta e ativa”. (CORBIN, 1989)

Dessa forma, o ato de nadar era considerado uma grande façanha, verdadeiro ato de heroísmo e, sobretudo, de sobrevivência, tanto em relação a si como aos outros banhistas. Notas de afogamentos eram bastante comuns nos jornais, desde as notícias mais trágicas àquelas de amenos desfechos, narradas com lances gloriosos:

A senhorita Lydia Lemos, figura de destaque na sociedade carioca fora arrastada pela correnteza, ficando na iminência de ser tragada. Todos os banhistas contemplavam a cena, mas nenhum dispunha-se a salvar a senhorita Lydia. De repente, todas as vistas voltaram-se para um jovem que nadava em direção daquela senhorita. Todos da praia acompanhavam com grande interesse o desfecho daquele lance de heroísmo. Com esforços inauditos o jovem banhista conseguiu salvar a senhorita Lydia Ramos. (...) Os jornais põem em destaque a bravura dos cearenses que «com o mesmo stoicismo com que afrontam a secca, afrontam as iras de Neptuno». (CORREIO DO CEARÁ, 1932, p.1).

Descrito como um ato arrojado, reflexo da valentia do povo cearense, que enfrentaria bravamente as suas duas impiedosas naturezas - a seca e o mar -, a nota atribui ao episódio conotações marcadamente de afirmação de uma identidade regional. O nado ia ganhando um *status* específico, ligado à sobrevivência, à intrepidez e força masculina, uma técnica de desfrute seguro e divertido do banhar-se nas águas e, progressivamente, uma técnica competitiva orientada por uma eficiência racionalizada. Em todo caso, os sentidos dessas práticas - o nado e especialmente a natação competitiva - só puderam ser concebidos dentro da estrutura de um litoral moderno, e iam sendo por ele moldados, à medida que novos elementos, agentes e dinâmicas se inseriam naquele cenário.

A CONSTITUIÇÃO DA BUROCRATIZAÇÃO ESPORTIVA: INSTITUIÇÕES, CLUBES E IMPRENSA

Um importante sinal de institucionalização do espaço litorâneo e das práticas que nele se instauravam foi o movimento bem-sucedido que sugeria a instalação de postos de socorros para os banhistas. Se na década de 1920, a praia passou a ser frequentada para além de seus antigos habitantes, pescadores e portuários, os afogamentos se faziam cada vez mais frequentes e a imprensa passou a sensibilizar-se com essa causa. Depois de inúmeras notas trágicas, no ano de 1929, foi instalado o posto de socorros no litoral de Fortaleza, serviço que contribuiu com a legitimação do estilo de vida litorâneo, em que preservar, cuidar, salvar significava valorizar e impulsionar o hábito dos banhos, agora merecedor dos cuidados da secretaria da polícia e segurança pública. Ao mesmo tempo, representava também uma regulamentação da prática, com indicações de locais e horários apropriados para banhos, dentre outras regulamentações (MONTENGRO, 2020).

O concurso para os socorristas consistia em uma prova de natação, tendo quatro candidatos se apresentado e identificados como “velozes e fortes nadadores” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1929, p.1). Com a difusão dos banhos de mar, portanto, passou a ser demandada uma profissão - os socorristas - antes inexistente, em que nadar era habilidade essencial. A relação entre as práticas dos banhos de mar, o nado e a natação iam se estreitando e aproximando, afinal de contas, nas palavras de Corbin (1989), “O temor permanente do afogamento, avivado pela convicção de que o homem não consegue flutuar nem nadar naturalmente, comanda a arte da natação.” (CORBIN, 1989, p. 88). Melo (2015) também

sugere essa mesma relação entre a vulgarização dos banhos de mar e o desenvolvimento do hábito da natação no Rio de Janeiro, nesse momento que se pode considerar inicial da prática. Em Porto Alegre, a natação teria ainda se atrelado à prática do remo, modalidade que também se dava em meio aquático e nadar poderia tornar-se uma necessidade de segurança para seus praticantes (ASSMANN; SILVA; MAZO, 2014).

Nesse sentido, nadar ganhava múltiplas dimensões e passava a ser uma necessidade, um status, um divertimento, uma atividade terapêutica e higiênica, introduzindo-se em instituições, sobretudo nos clubes esportivos litorâneos. No final da década de 1920, o primeiro clube esportivo praiano, *O Náutico*, é inaugurado no litoral, contando apenas com a instalação de uma guarita. Na década de 1930, o *Ideal Clube* se juntaria às areias e, posteriormente, na década de 1940, o *Praia Clube* e o *Jangada Clube* também (MONTENEGRO, 2020).

Embora, possivelmente, desafios e provas já fossem realizados, os clubes esportivos foram peças-chave na reunião de nadadores, formando grupos, na realização de treinamentos e, juntamente com a imprensa, na realização de campeonatos. Ainda que a *Federação Cearense de Natação*, efetivamente, só tenha se formado em 1958, a burocratização ficou a cargo de outras instituições. Segundo Guttman (1978), são instituições burocráticas esportivas aquelas responsáveis por decidir, sistematizar e anunciar as regras da modalidade de forma universal. Além disso, elas podem ter outras funções, como estabelecer relações com outros níveis de competências (por exemplo, a nível internacional, nacional ou regional) e detém o controle dos *records*. De acordo com o autor, as formas mais refinadas na burocratização esportiva são as Federações e Entidades com finalidade única de amparar burocraticamente as modalidades. No caso de Fortaleza, a burocratização estava a cargo, sobretudo da imprensa e dos clubes, o que evidencia que a modalidade natação encontrava-se em processo de esportivização e, por isso, não se pode considerar como esporte moderno de uma forma categórica, e sim como processo em transcurso de efetivar-se⁶.

No final da década de 1920 e início da década seguinte, as primeiras manifestações sistematizadas da prática da natação em formato de competição na cidade de Fortaleza se esboçavam. As provas eram realizadas em contextos festivos, como nos aniversários do clube *Náutico*, paralelamente a provas de outras modalidades e de jogos lúdicos. Isso ocorria, também, em formato de desafio, em que um nadador normalmente de outra cidade ou estado, desafiava os mais famosos nomes da natação local. Não havia um calendário predeterminado, tampouco um percurso, podendo as provas acontecerem nos mais diversos períodos do ano e em variadas distâncias. A organização das provas se dava de uma forma quase espontânea. A imprensa desde cedo intermediava a comunicação entre os vários agentes (competidores, clubes, estado, público), mas outros aspectos das provas eram decididos no momento de sua realização. (MONTENEGRO, 2020).

Em junho de 1931, para celebrar seu aniversário, o *Náutico* promoveu um evento com várias provas, dentre elas: corridas de curta e longa distância, lançamento de peso, corrida de saco, basquete, quebra-pote, cabo de guerra, salto em extensão, corrida da maçã

⁶ Assim como em Fortaleza, em outras cidades, esse processo de esportivização parece ter sido também tortuoso, não uniforme. Assmann, Silva e Mazo (2014), indicam que inicialmente a burocratização da natação em Porto Alegre ficou sob tutela do remo. De forma similar deu-se no Rio de Janeiro, associando-se às práticas aquáticas (MELO, 2015). Em Fortaleza, como evidenciou Montenegro (2020), o remo não era uma prática ainda difundida quando a natação ganhou adesão dos clubes, tendo, aquela, que encontrar outras formas de entidades reguladoras.

e provas de natação. A comemoração misturava jogos populares (como os já citados) com esportes (basquete, natação, modalidades do atletismo). As disputas da natação constavam na programação como últimas provas do evento. Frequentemente, em eventos esportivos, as últimas provas eram aquelas consideradas mais aguardadas, sendo, portanto, aquelas que geravam mais entusiasmo. Compendo o encerramento do evento, as provas de natação foram divididas em três categorias, sendo caracterizadas pelo *Correio* como os *novíssimos*, os *novos* e os *medalhões*, esboçando-se uma regulamentação, todavia ainda com tímido rigor. (CORREIO DO CEARÁ, 1931, p.5).

No final da década de 1920 e começo da década de 1930, a natação nas praias, além de ter sentido utilitário, técnica de sobrevivência e salvamento, ia estruturando-se aos poucos como prática competitiva. Alguns nomes de *sportmen* aparecem com certa constância, formando uma reputação em torno deles. Treinos já passavam a ser convocados pelos clubes, sobretudo pelo *Náutico*. A constituição do público também se formava, a imprensa convocava a comparecer nos dias de provas autoridades, associações, corporações sociais e esportivas (MONTENEGRO, 2020).

A participação das mulheres ainda era tímida, mas não inexistente; constantemente, no noticiário, destacava-se a presença delas como público. Em 1931, inclusive, verificou-se a presença de uma mulher como juíza de percurso de uma prova de natação, a “senhorita Mary Galeno de Satana” (CORREIO DO CEARÁ, 1931, p.3).

Ao longo da década de 1930, as competições iam ficando cada vez mais estruturadas, principalmente a partir de 1933, quando o *Náutico*, com o apoio do jornal *Correio do Ceará*, instituiu o *Campeonato Cearense de Natação* (CORREIO DO CEARÁ, 1933, p. 6). Esse evento ocorreu no final do mês de dezembro e algumas de suas características eram ainda oscilantes, como a quantidade de participantes, o número de provas e suas respectivas distâncias. Enquanto isso, algumas provas promovidas por outros clubes e instituições continuavam acontecendo em outros períodos do ano.

FIGURA 1 - EUCLIDES, CAMPEÃO CEARENSE DE NATAÇÃO



Fonte: Correio do Ceará, Fortaleza, p.7, 20/12/1937.

A imagem acima (Figura 1) retrata momentos após o final da prova do *Campeonato Cearense de Natação*, de 1937. O nadador vencedor, Euclides, é carregado pelo público, compondo uma cena de congregação, na qual é possível identificar outros nadadores, crianças e um grupo de espectadores, torcedores e burocratas da competição. No texto que acompanha a imagem, termos de intensa carga entusiasmada produzem a áurea festiva, esportiva, através de uma narrativa épica. O nadador, o *arrojado bombeiro*, e o público, caracterizado como uma *numerosa assistência*, se reúnem naquela *sensacional prova*.

Os nadadores vencedores iam se repetindo nas publicações, tornando-se personalidades. Mesmo com a dificuldade de visibilidade das provas nos mares, mesmo dentre as vigorosas braçadas, era possível identificar alguns dos *sportmen* por especificidades técnicas, produzindo certas individualidades dos personagens do espetáculo esportivo, como se verá a seguir: “O seu salto foi o mais belo, e ele conservou-se em primeiro lugar até a metade do percurso.” (CORREIO DO CEARÁ, 1937, p.8); também em: “embora não espere colocar-se em um dos 3 primeiros lugares, com certeza irá conquistar muitos admiradores devido o belo estilo de seu nado;” (CORREIO DO CEARÁ, 1937, p.7); e, por fim, em: “tanta velocidade exige, sem duvida, grande técnica e pericia no difícil esporte das águas” (CORREIO DO CEARÁ, 1937, p.7).

Os nadadores, na sua maioria, eram sócios dos clubes, bombeiros ou membros de instituições militares. Embora, posteriormente, membros das elites, como os nadadores da família Gentil, tenham se destacado nas provas de natação, a difusão da prática e suas provas agregaram competidores de baixa e média camadas, inclusive, pescadores, que se engajaram nas provas.

Enquanto tivessem grande intimidade com os mares, os jangadeiros não logravam

grandes conquistas nas provas de natação. A conquista mais destacada verificada foi uma 4ª colocação de Francisco Roque de Paula da colônia de pescadores do Mucuripe (Z-2), em 1937 (CORREIO DO CEARÁ, 1937, p.7). Apesar do apoio na nota do *Correio do Ceará* em relação à participação dos jangadeiros, a inclusão desses grupos na lógica esportiva, de treinos, sistematizações, racionalização do tempo e espaço não era simples. A possível falta de acesso aos treinos ou a falta de tempo para dedicar-se à prática, já que a natação nesse período ainda era totalmente amadora, dificultava a inserção desses grupos sociais no cenário esportivo competitivo que vinha se desenvolvendo. Nessa mesma prova de 1937, por exemplo, dois pescadores que haviam se inscrito, perderam a largada por chegarem atrasados, sugerindo que certos códigos do esporte moderno e da vida moderna ainda não haviam sido completamente incorporados por todos os grupos.

RACIONALIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO: O TEMPO E O ESPAÇO NA NATAÇÃO

A partir, principalmente, da década de 1940, a natação e suas competições seguem a orientação a qual, segundo Eric Dunning (1992), tem sido dominante no esporte: a tendência de crescente competitividade e a busca por resultados. Ainda que o profissionalismo não tenha caracterizado a prática da natação em Fortaleza, no período recortado, sendo, portanto, predominantemente amadora, havia uma crescente seriedade em torno da prática. Algo similar à estrutura da configuração esportiva, caracterizada pelo autor, parecia estar montada naquele contexto. Havia indivíduos que competiam e cooperavam em uma rivalidade mais ou menos amigável; agentes de controle, tais como árbitros, juizes de partida e chegada; espectadores, diferenciando os participantes do público. Outras características do esporte moderno, apontadas por Guttmann (1978), como secularismo, igualdade de oportunidades, especialização de regras, racionalização, a formação de uma estrutura burocrática e a quantificação também se estabeleciam.

A *Prova Heroica*, realizada no litoral de Fortaleza, a partir da década de 1940, tornou-se a uma das principais manifestações dessa configuração esportiva moderna no litoral cearense. Se nos anos de 1940 e 1941, a prova ainda não estava bem definida, caracterizada por duas competições de distâncias curta e longa, nos anos seguintes, passa a ser instituída como uma prova de longa distância de 5.000 metros, realizada sempre no mês de março e definitivamente denominada de *Prova Heroica* (MONTENEGRO, 2020). A criação de um calendário, a sazonalidade da prova, isto é, o dispositivo cronológico, como denomina Vigarello (2001), permitia a comparação de resultados, orientava a atenção para seus melhoramentos, sendo, portanto, expressão do progresso, valor dominante na modernidade.

Na década de 1940, as provas tiveram dezenas de competidores. A rivalidade entre os nadadores, mediada pela imprensa, era disposta em grupos, manifestando a função socializadora do esporte. O entusiasmo crescente da juventude com a natação evidenciava-se pela participação de muitas crianças e jovens, os “mosquitos”, “candidatos-mirins” ou “mignon” atletas, como eram chamados pela imprensa; os jovens nadadores entre 10 e 16 anos, não só competiam nas *Provas Heroicas* de 5.000 metros, como conquistavam frequentemente as melhores colocações⁷.

7 Cf. Correio do Ceará, 10 fev. 1940, p.6; Correio do Ceará, 14 fev. 1940, p.6.

A participação e conquistas dos pequenos nadadores eram intrigantes. Como foi possível que crianças e jovens entre 10 e 16 anos, em uma prova de resistência, se sobressaíssem em relação aos nadadores mais velhos e experientes? O que possibilitou que João Gentil Junior, para citar o exemplo mais marcante, com apenas 12 anos, vencesse nadadores jovens e adultos?

No caso específico de João Gentil Junior, o maior campeão da *Heroica* no período recortado, havia o fato de que o garoto pertencia a uma família da elite fortalezense e muito envolvida na cena esportiva da cidade. Seu pai, João Gentil, era banqueiro e seus irmãos mais velhos também competiam nas provas de natação, além de outras competições de atletismo, futebol, xadrez, dentre outros, demonstrando um envolvimento mais amplo e a disposição da família em relação à moda esportiva (BARROSO, 2004).

Considerando uma hipótese mais geral que englobe os outros nadadores e vencedores, para além da especificidade da família Gentil, é provável que esses jovens assimilassem com mais desenvoltura alguns aparatos da modernidade progressivamente incorporados pelo esporte moderno. Isso explicaria, por exemplo, João Gentil Junior vencer irmãos e primos mais velhos, e outros pequenos nadadores de camadas médias e baixas, e, frequentemente, destacar-se nas provas. Ao falar de aparatos da modernidade, nos referimos a alguns aspectos marcantes, como a racionalidade, e conseqüentemente o uso da ciência e da técnica na realização de práticas pedagógicas, competitivas, de entretenimento, incluindo o esporte.

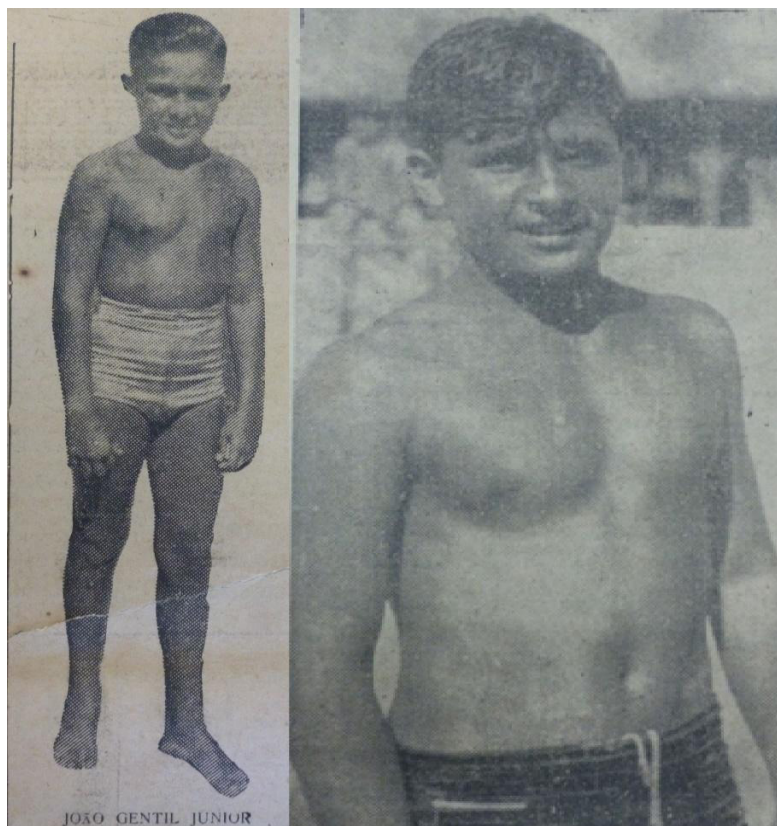
A preparação e o esforço de João Gentil Junior eram destacados nos jornais, ressaltando seu empenho ativo nos treinamentos. Apenas sua aplicação nos treinos, todavia, não era suficiente, outros fatores se manifestavam:

Utilizando-se de um estilo perfeito, submetido a um regime alimentar apropriado, Joãozinho realizou ontem um milagre que o sagrou campeão dos 1.000 metros nado livre. Para isso, também constituiu a sua excepcional constituição física. Forte, tostado de sol, o jovem nadador é bem um símbolo da nova geração que vive em contacto com o mar (CORREIO DO CEARÁ, 1940, p.6).

O “estilo perfeito” parece referir-se à técnica do nadador; o “regime alimentar apropriado” aos cuidados e racionalidades imposta inclusive nos ambientes fora da prática; a “excepcional constituição física” ao aprimoramento das capacidades físicas, que vão impulsionar seus resultados, e, por fim, “tostado de sol”, “símbolo da nova geração que vive em contato com o mar” expressa como aquele menino e sua geração pareciam estar em sintonia com as novas disposições e com o litoral.

A partir das fotografias que seguem (Figuras 2 e 3), pode-se inferir que apesar da aparência ainda infantil, João Gentil Junior incorporava bem símbolos da voga esportiva litorânea. Na primeira imagem, com apenas 12 anos de idade, em contraste com o rosto infantil, destaca-se sua postura ereta, rígida, disciplinada, símbolos bastante associados às representações esportivas do período. Na segunda fotografia, dois anos depois, portanto com 14 anos, o jovem nadador em postura mais despojada, embora mais desenvolvido em sua composição muscular, expressa mais a leveza do ambiente litorâneo. Em ambas, a pele bronzeada e a nudez esportiva - novidades para o período – passam a ser tratadas com certa naturalidade nas páginas de jornais, demonstrando o advento de uma disposição em relação à combinação esporte-litoral.

FIGURA 2 – JOÃO GENTIL JUNIOR AOS 12 ANOS E FIGURA 3 - JOÃO GENTIL JUNIOR AOS 14 ANOS



Fonte: Correio do Ceará, 17/02/1940, p.3 (Figura 2).

Fonte: Correio do Ceará, 13/07/1942, p.4 (Figura 3).

Se para os adultos do período a praia talvez fosse ainda uma novidade, para a geração de João Gentil Junior, na década de 1940, pode-se dizer que a praia já se afirmava como espaço de sociabilidade importante na cidade de Fortaleza. A própria ideia de que havia uma nova geração, que se caracterizava pela proximidade com o litoral, deixava explícito que havia mesmo uma ruptura na relação estabelecida com o ambiente praiano entre os jovens nadadores e os competidores mais velhos.

Os aparatos da modernidade invadiam as dinâmicas que envolviam a natação, especialmente as *Provas Heroicas*. À medida que as edições iam passando, buscava-se a implementação de mais regras e especificações nos regulamentos. Para exemplificar, há a substituição do apito pelo tiro, por ser mais audível, para indicar a largada em 1940 (CORREIO DO CEARÁ, 1940); o aumento da quantidade de juizes e organizadores em 1942 (CORREIO DO CEARÁ, 1942, p.2); a implementação da idade mínima e máxima e a padronização dos uniformes (calções e tocas), indicando inclusive as cores e o local preciso do número de inscrição na perna direita, em 1944 (CORREIO DO CEARÁ, 1944, p.3); a mudança do transporte dos atletas até a largada por terra, não mais pela água, para evitar enjoos, a partir de 1946 (CORREIO DO CEARÁ, 1946).

Cada vez mais citavam-se técnicos ou diretores de educação física, profissionais

responsáveis pela sistematização e racionalização das práticas esportivas. A preocupação com a alimentação passava a ser reconhecida como incontornável na performance dos participantes da *Heroica*. Dizia-se que alguns atletas possuíam “consciência náutica”, algo que parece expressar adaptação e conhecimento sobre a dinâmica da natureza marinha, o tamanho, o quebrar e a direção das ondas. A natação competitiva no mar exigia muito mais que força e resistência; a fala do nadador Balalaika é emblemática nesse sentido: “tenho confiança nos meus músculos, entretanto reconheço que não se vence a Heroica com facilidade” (CORREIO DO CEARÁ, 1942, p.3). O elemento tático, a prudência, a agressividade e o momento de manejá-los precisariam ser bem calculados, como reiterava outro nadador:

Agora tenho mais experiencia da prova. A' primeira vez que competi, não pude calcular a saída. Dei tudo no começo o que prejudicou o meu tempo. Na 2ª “Prova Heroica”, com os ensinamentos que aprendi, a minha tarefa será mais fácil. Não me impressionarei com o arranco inicial, poupando energias para o momento decisivo da competição (CORREIO DO CEARÁ, 1941, p.5).

O comércio e produtos começam a se aproximar da prática, insinuando sem, contudo, consolidar uma profissionalização. Além de medalhas, a partir da década de 1940, os melhores colocados passavam a ganhar também, como prêmios, artigos de lojas, aos quais queriam associar-se a certos símbolos que a *Prova Heroica* remetia. Nos jornais, a publicidade explorava também o caráter cada vez mais sistematizado e técnico da prática, relacionando-o ao seu produto. A publicidade da empresa norte-americana *Gillette* (Figura 4) é, inclusive, bastante pedagógica. Através de imagens e de descrições escritas, demonstra estilos de nados: peito, costas e livre.



Fonte: Correio do Ceará, 23/02/1942, p.2.

O melhor desempenho, como sugere o texto da publicidade, é consequência do desenvolvimento da técnica e de sua base científica. “Não fosse esta technica, baseada em observações scientificas, e jamais teria sido possível a melhora constante dos “records” conseguidos nas competições desse salutar sport”. Da técnica da natação, transita-se até a técnica de barbear-se em casa, no discurso que tem como égide a universalidade da ciência: “Os methodos scientificos offerecem sempre vantagens sobre os processos rotineiros”. O final arrebatador evidencia o que há de comum entre o ato de nadar e de barbear-se com uma lâmina em casa: “Seja um homem de sua epoca: adopte methodos progressistas” (CORREIO DO CEARÁ, 1942, p.2). Mais uma vez, a natação como prática pertencente a um novo período, como uma atividade moderna, por isso ancorada na ciência, na técnica e na racionalidade.

A publicidade da marca de relógio suíça *Mido Multifort* estabeleceu também uma relação direta entre seu produto e a prática da natação, tendo como elo essencial a modernidade. Na imagem (Figura. 5), vê-se um sujeito nadando, portando, um relógio, símbolo bastante característico da modernidade.

FIGURA 5 - PUBLICIDADE DA *MIDO MULTIFORT*

— O RELÓGIO QUE ACOMPANHA
TODAS AS ATIVIDADES HUMANAS



**Impede a penetração da água e da poeira
porque é **IMPERMEÁVEL****

VERDADEIRA maravilha do gênio moderno, MIDO-MULTIFORT pode ser usado, sem o menor prejuízo para o seu bom funcionamento, durante os exercícios de natação, no banheiro ou sob a chuva. Além dessa qualidade, MIDO-MULTIFORT reúne ainda outras vantagens excepcionais. Poupa tempo ao seu possuidor porque é automático. Dá corda a si mesmo, aproveitando o movimento natural do braço. Resiste à ação da electricidade porque é antimagnético, e à ação dos ácidos porque é inoxidável. Possui 17 rubis, o que lhe assegura uma precisão duradoura, e representa o máximo de perfeição até hoje alcançada na categoria dos relógios automáticos. Apresentado em elegantes modelos de ouro, aço inoxidável ou folheado, tanto para senhores quanto para cavalheiros, tendo a garantia de suas qualidades gravada na própria caixa, MIDO-MULTIFORT é o relógio que V. pode usar a qualquer momento e sob as mais variadas circunstâncias porque foi feito especialmente para acompanhar o dinamismo da vida moderna. Limitada quantidade de relógios à venda.

- 1 - IMPERMEÁVEL.
- 2 - INOXIDÁVEL.
- 3 - PARA-CHOQUES.
- 4 - LUMINOSO.
- 5 - PRECISO.
- 6 - ANTI-MAGNÉTICO.
- 7 - AUTOMÁTICO.

Mido
MULTIFORT
Relógio Suíço com 17 rubis



Fonte: Correio do Ceará, 22/05/1944, p.2.

Além de “verdadeira maravilha do mundo moderno”, o anúncio enaltece ainda uma qualidade mais inovadora do relógio: sua impermeabilidade, característica que possibilitava “ser usado, sem o menor prejuízo para o seu bom funcionamento, durante os exercícios de natação [...]”. O interesse na consulta do dispositivo cronológico ao nadar demonstra como o tempo havia se tornado não só um regulador absoluto dos compromissos da vida urbana mas também aquele que é capaz de medir com precisão a duração da atividade esportiva, a velocidade média do nadador e as possibilidades de superação de recordes. O relógio era, por excelência, como anuncia a publicidade, um instrumento capaz de “acompanhar o dinamismo na vida moderna” (CORREIO DO CEARÁ, 1944, p.2).

A preocupação com o tempo é um dos aspectos definidores para diferenciar a prática da natação competitiva e o simples ato de nadar. Para Vigarello (2001), o controle quase obsessivo do dispositivo temporal esportivo encontra sentido na regularidade das competições. O tempo é um mecanismo de comparação. A ascensão da preocupação com sua medição, a ideia de tempo vigiado e confrontado foram determinantes nas “Disposições técnicas tomadas para ganhar segundos” (p.239), portanto, decisivas no desenvolvimento de uma sensibilidade, bastante presente no esporte moderno, no aperfeiçoamento constante e no progresso⁸.

Havia um desejo declarado, nas *Provas Heroicas* da década de 1940, de que as marcas dos anos anteriores fossem superadas na edição vigente. Os jornais, ao divulgarem os resultados, além de estabelecerem comparações entre os nadadores, o faziam também entre os tempos de edições anteriores, dando a ilusão de que uma competição com o passado seja possível, como analisou Guttman (1978)⁹; quando conseguiam, enaltecia-se o senso de desenvolvimento esportivo e de progresso, como no seguinte trecho: “Todos os atletas classificados, cuja duração de percurso foi apurada, sobrepujaram a marca passada de João Gentil, credenciando desta maneira a IV Heroica superior a III.” (CORREIO DO CEARÁ, 1943, p.4).

Contudo, em alguns casos, principalmente quando o tempo estava chuvoso e as ondas eram mais revoltas, os nadadores não conseguiam superar as marcas anteriores. A regularidade e o controle rigoroso do tempo, inevitavelmente, iriam exigir também a estabilidade do espaço; orientação que se seguiu nos anos seguintes, principalmente no final da década de 1940 e durante 1950, com a construção de piscinas nos clubes, produzindo um novo formato para essa prática, ainda mais controlada, rígida e estável. As piscinas não iriam decretar o fim das *Provas Heroicas* nem de outras competições no mar. No entanto, é a partir desse marco que a natação se subdivide, especializando provas, sobretudo de velocidade nas piscinas, com uma variedade de estilos de nado e, por outro lado, as grandes provas de resistência nos rios e mares, as quais, hoje, convencionou-se chamar de natação em águas abertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parte do processo de esportivização da natação em Fortaleza deu-se entre as décadas de 1920 a 1940. Se antes desse período nadar era uma prática voltada à sobrevivência, à diversão,

8 Medeiros (2021), em pesquisa sobre competições aquáticas em que se incluem natação e o remo discute de forma bastante acurada a importância do dispositivo temporal e seu controle cada vez maior nas competições, nos rios de São Paulo.

9 No original: “What is a record in our modern sense? It is the marvelous abstraction that permits competition not only among those gathered together on the field of sport but also among them and others distant in time and space” (GUTTMANN, 1978, p.51-52).

à terapêutica, nesse intervalo de tempo, outros sentidos foram agregando-se sem, contudo, que os anteriores deixassem de existir.

No começo do século XX, a modernização do litoral, evidenciada pela instalação de estabelecimentos, residências, instituições, obras de transporte, converteu progressivamente esse espaço em parte essencial da sociabilidade urbana. A natação amparou-se em diversas dessas mudanças para sustentar novas dinâmicas que a tornaram competitiva, treinável, racionalizada, portanto, esportivizada.

Nesse processo, destaca-se o papel dos clubes sociais e esportivos como importantes meios de captação e de reunião de nadadores, bem como no movimento de racionalização da prática, caracterizada pelo controle de tempo e espaço e o desenvolvimento de uma ideia de treinamento. Na ausência de federação da modalidade no período, juntamente com os clubes esportivos, a imprensa exercia função burocrática, sendo responsável pela organização dos eventos e campeonatos, desde a inscrição, passando pela publicidade até a premiação.

De forma gradual, com o passar dos anos, as provas de natação no litoral de Fortaleza tornavam-se cada vez mais esportivizadas, isto é, mais amparadas pelas instituições, mais regulamentadas e específicas, mais quantificadas, enfim, operando dentro da lógica do esporte moderno caracterizada pelos autores Elias (1992) e Guttmann (1972). Esse processo, entretanto, não se esgota no período recortado. As competições de natação no litoral cearense ainda deixavam a desejar, devido, sobretudo, às condições irregulares dos mares, no sentido da racionalização e progressão tão representativas no esporte moderno. Esse cenário seria tensionado com a inicial aparição de piscinas nos clubes e, conseqüentemente, com o exercício de outras formas de natação competitiva, tornando ainda mais plurais as possibilidades dessa prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife, PE: Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.
- ASSMANN, Alice; SILVA, Carolina; MAZO, Janice. A natação em piscinas nos clubes da cidade de Porto Alegre (décadas de 1930 e 1940). *Kinesis*, v. 31, p. 05-21, 2014.
- BARROSO, Francisco de Andrade. **O Benfica de ontem e de hoje**. Fortaleza: LCR, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Como se pode ser desportista? Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século- Edições, Sociedade Unipessoal Ltda, 2003, p.181-203.
- CORBIN, Alain. História dos tempos livres: o advento do lazer. Coautoria de Julia Csergo. Lisboa: Teorema, 2001. cap.6, p.229-262.
- CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.
- DANTAS, Eustógio W. C. **Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral**. 2ª Ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- DEVIDE, Fabiano; VOTRE, Sebastião. Primórdios da natação competitiva feminina: do 'páreo elegância' aos Jogos Olímpicos de Los Angeles. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 34, p. 217-233, 2012.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. cap. VII, p.299-325
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Revisão de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994.
- FREITAS, Gustavo. **Práticas de divertimento no Cassino/RS em meados do século XX: a produção de um outro espaço no encontro com os infames**. 141p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. 2014.
- GUTTMAN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York, NY: Columbia University Press, 1978.
- HOLLANDA, Bernardo; Melo, Victor (org.). **O Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras: FAPERJ, 2012.
- MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. **Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949)**. 2021. 264p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2021.
- MELO, Victor Andrade de. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890). *Revista de História* (São Paulo), n.172, p.299-334, jan-jun, 2015.
- MONTENEGRO, Nara Romero. **A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946): novos modos de se educar e de se divertir**. (160 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2020.
- MORAES, Claudia. **A educação do corpo à beira-mar: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro

de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1840-1940)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí, SP: Paco, 2013.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. **Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema**. 2001. 176f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016.p.205-238.

FUTEBOL SIM, MAS NÃO SÓ: A PRESENÇA DAS LUTAS EM PERIÓDICOS DA CIDADE DE SALVADOR (1912 – 1935)

LUCAS OLIVEIRA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
lucasoliveirajs@gmail.com

JONATAN DOS SANTOS SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
jonatandon@gmail.com

ISABELE PIRES SANTOS SOLER
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
beuca.isa@gmail.com

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
Universidade Estadual de Santa Cruz
fefmarta@gmail.com

RESUMO

O presente estudo buscou investigar a presença dos esportes de combate no início do século XX, na cidade de Salvador-BA, tendo como fonte os periódicos de grande circulação (jornais). Nesse percurso, parte-se da hipótese de que analisar a visibilidade de uma determinada manifestação corporal é, em última análise, adentrar os meandros da cultura brasileira, lançando luz sobre as contradições e conflitos impressos em fontes e registros presentes nas páginas dos jornais. No caso da cidade de Salvador, embora, a princípio, não tenha sido incorporada como um esporte de combate, a exemplo das lutas de origem oriental ou o boxe, a Capoeira era assunto corriqueiro nos jornais. Nesse sentido, apresenta-se aqui uma pesquisa exploratória qualitativa que teve como objetivos: investigar possíveis relações de conflitos e interferências no processo de desenvolvimento e construção do cenário esportivo baiano das lutas; verificar o papel dos agentes nesse processo. Utilizando os termos de busca “capoeira”, “boxe”, “luta” e “lutas”, realizamos uma pesquisa nas duas principais coleções de periódicos: “Hemeroteca Digital” e “Biblioteca Pública do Estado da Bahia”, bem como uma leitura detalhada das notícias relacionadas, analisando-as de acordo com os estudos de Norbert Elias e Tânia Luca. Os resultados demonstraram uma influência da mídia (imprensa) para legitimar o futebol como um esporte popular. Por outro lado, os esportes de combate foram relegados a um segundo plano ao longo das publicações, devido ao processo modernizador e às suas ambivalências em um contexto de sofisticação comportamental.

Palavras-chave: Periódicos; Futebol; lutas.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aprovado em 8 de abril de 2021.

SPORT YES, BUT NOT ONLY: THE PRESENCE OF THE FIGHTS IN PERIODICALS OF THE CITY OF SALVADOR (1912 - 1935)

LUCAS OLIVEIRA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
lucasoliveirajs@gmail.com

JONATAN DOS SANTOS SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
jonatandon@gmail.com

ISABELE PIRES SANTOS SOLER
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
beuca.isa@gmail.com

FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
Universidade Estadual de Santa Cruz
fefmarta@gmail.com

ABSTRACT

This study aimed to search for the presence of fighting sports at the beginning of the 20th century in the city of Salvador-Bahia. As source, it was used in the high circulation periodicals (newspapers). This path starts from the hypothesis that to examine the value of a specific body expression is, after all, to analyze Brazilian culture in depth in order to highlight the contradictions and the conflicts which are presented in newspapers. In the case of Salvador city, although it has not been established as a fighting sport yet, as Martial arts or Boxing, Capoeira had been a recurrent issue in the newspapers. Then, it was shown here as qualitative exploratory research that had the goal: to investigate possible relationships between conflicts and interferences in the process of development and construction of the sportive scenario of fighting in Bahia; and to verify the role of these agents in this process. Using the search terms “Capoeira”, “Box”, “Fight” and “Fights”, a research in the two main journal collections was made: “Digital Newspaper Library” and the “Public Library of the State of Bahia”, as well as a detailed reading of related news, analyzing them under the aegis of Norbert Elias and Tania Luca studies. The results ratified media influence (press) to change football (soccer) into a popular sport. On the other hand, Fighting Sports was put aside during the publications by the Modernization process and its ambivalence in the behavioural sophistication context.

Keywords: Journals (Periodicals); Football (Soccer); Fighting.

INTRODUÇÃO

A cidade de Salvador na primeira metade do século XX fora balançada pelo *foot-ball* e grande parte da população assumiria o esporte como espetáculo e prática. No entanto, as distinções das práticas se davam na relação dicotômica entre o futebol praticado pelas elites e o futebol praticado entre “garotos e vadios” (SANTOS, 2012; ROCHA JUNIOR, 2013). Nesse sentido, para entendermos determinados processos civilizatórios, nos apoiamos em Elias (1994), tendo em vista que os periódicos marcavam o futebol como mais uma possibilidade para que a capital baiana pudesse engendrar na civilização e a modernidade em seu *corpus* social. Entretanto, não só de futebol vivia a capital baiana, inúmeras práticas esportivas como turfe, atletismo, basquete, regatas e as lutas eram práticas noticiadas de forma correntemente nos periódicos. Nesse sentido, Luca (2005) nos auxilia a fim de possibilitar algumas vias para a análise e seleção das notas dos jornais. As lutas em cena eram o Jiu-jitsu, Boxe, Luta livre, Luta greco-romana, que aparecem fortemente, sobretudo, após a criação do *Club Athletico Bahiano* no ano de 1915.

É necessário nos situarmos em relação a como se configurava a capital do estado no período em questão. Para isso, Milton Santos (1959), no que se refere às dimensões demográficas, aponta que a cidade de Salvador encontrou um amortecimento populacional, referindo-se assim à não expansão em seu volume demográfico nos anos de 1900 a 1940. No início do século XX, a capital baiana contava com uma população de aproximadamente 200 mil pessoas, chegando, em 1940, a 290 mil habitantes. Nesse sentido, a curva não se altera consideravelmente numa escala ascendente, como ocorria em outros estados. A Bahia, no século XIX, ocupava o segundo lugar em relação às cidades com maior população, sendo ultrapassada por São Paulo no século XX (BARBOSA, 1923; SANTOS, 1959).

Entretanto, números constantes no anuário da Bahia em 1935 revelam que a população de Salvador chegava a 368 mil habitantes, desse modo, os números se apresentam muito díspares quanto à exatidão da população da capital baiana¹. Ao analisar os dados, outros municípios baianos, segundo o Anuário Estatístico de 1935, com maior densidade demográfica depois de Salvador eram as cidades de Santo Amaro, com 119 mil habitantes, e Feira (crendo ser a cidade de Feira de Santana), com 109 mil habitantes. Com relação à divisão territorial da cidade de Salvador, esta era dividida em 24 distritos, sendo 12 urbanos e 12 suburbanos, assim denominado.

Segundo Santos (1959), a economia do estado era notoriamente cacaeira, o que, infelizmente, não permitia acumulação de capitais em prol da cidade, cujo porto concentrava toda a exportação para o estrangeiro. Dessa forma, enquanto as demais capitais caminhavam para uma industrialização de forma mais acelerada, os esforços da capital baiana ainda continuavam tímidos, delimitando-se “ao papel de porto e cidade comercial”, como aponta

¹ Ao que se refere à produção agrícola da Bahia, os dados encontrados no Bahia Atravéz Cem anos: Notas estatísticas”, de Mario Barbosa (1923), mostram a produção de vários insumos como couro, açúcar e o cacau, sendo a do cacau a seu maior expoente. De acordo com o arquivo, a produção cacaeira chegava próximo a 60 mil toneladas, alcançando a porcentagem de 88%, sendo essa superior a toda a produção do país nos anos de 1920. O estado da Bahia era apontado como o segundo maior produtor de cacau do mundo nos anos vinte, com 66.883 toneladas, ficando atrás somente da Costa do Ouro (território atualmente pertencente ao país de Gana) com 133.900. A Bahia ainda tinha outros produtos de exportação como fumo e açúcar.

o autor. Segundo Barbosa (1923), o desenvolvimento industrial da Bahia não acompanhava o desenvolvimento agrícola. No que se refere à curva demográfica descendente, o autor aponta que o amortecimento no ritmo de crescimento demográfico está ligado aos fatores mencionados acima, como também à mudança do fluxo migratório.

Segundo Santos (1959), em relação aos processos modernizantes, “na segunda metade do século XIX, o Estado da Bahia estaria na vanguarda quanto ao desenvolvimento ferroviário do Brasil” (SANTOS, 1959, p.44). Tais processos começaram a surgir com relação à cidade de Salvador com a chegada do automóvel em 1901 e a instalação do bonde elétrico nos anos seguintes. Outros aspectos modernizantes e de uma tentativa de abandono da estrutura rural aparecem nos anos de 1910, em que ruas começam a ser alargadas, a exemplo das ruas da Misericórdia e Avenida Sete, na Cidade Alta. Dez anos mais tarde, retificações nas ruas da Cidade Baixa também ocorreram como, por exemplo, na rua Conselheiro Dantas e Portugal. A construção de novos edifícios começa a despontar por ali, incluindo-se até tímidos arranha-céus. O elevador Lacerda, inaugurado nos anos de 1870, passa por reformas nos anos de 1928, utilizando no seu funcionamento a eletricidade².

A delimitação temporal compreende as duas passagens sob o governo da Bahia do Governador J.J. Seabra (1912-1916 e 1920-1924), personagem de destaque no cenário da cidade, que fomentou alterações significativas nos processos modernizantes³ e de urbanização na cidade. Os anos de 1919-20 marcariam a consolidação do esporte bretão em solo baiano. Um grande expoente disso seria a construção do Campo da Graça, em 1920, considerado, na época, um marco de modernização desejado para a cidade de Salvador. Pode-se inferir que a capital baiana estava a construir um *habitus* esportivo (ROCHA JUNIOR, 2013; JUNIOR; ESPÍRITO SANTO, 2011; SANTOS, 2012) no qual as práticas esportivas não estavam centradas somente nas camadas mais abastadas mas também faziam parte de um cotidiano popular dos menos favorecidos, fazendo, assim, ressignificações para melhor proveito frente às limitações estruturais de espaços e equipamentos.

Em meio a esse contexto, as lutas estrangeiras se apresentam como um elemento a mais no processo de construção do ambiente citadino que se queria marcado pelos signos do moderno. O boxe seria o primeiro a aparecer, à primeira vista, não totalmente relacionado a esse ideário, o que já nos dá a ideia de um processo não linear de incorporação das lutas. Pelo menos é o que podemos depreender ao nos depararmos com a nota de 27 de janeiro de

2 Ao retratar outros divertimentos e acessos para além do esporte, a cidade de Salvador nos anos de 1920-30, como lista o Anuário Estatístico da Bahia de 1935, contava com 48 bibliotecas, 7 cinemas, sendo eles: O Cinema Alliança, Excelsior, Glória, Calçada e São Joaquim, Casa St. Antônio, Cine S. João (Plataforma). Marcam até a primeira metade do século XX o citadino rural e urbano imbricados, o caso de Salvador é um caso isolado. Assim como em outras capitais, onde a união entre um mundo rural e urbano se cruzam, se alimentam, seja nas formas de comercialização, divertimentos e urbanização.

3 Os autores Amaral e Dias (2020), ao falar do entretenimento urbano e mercado em Minas Gerais, mostram a transição do século XIX para o XX, permeada de símbolos europeus, entre eles os aspectos “modernizantes”, que em Minas se configurou através do teatro, cinema, circo, bailes, carnaval, piqueniques, esportes, espetáculos de música e clubes recreativos. Estes lugares trouxeram a ideia de modernização e civilização. Para além de considerar esses aspectos apenas nos grandes centros, os autores mostram esses fatos percorridos também pelo interior do país. Tudo isso visto enquanto símbolo de sofisticação do comportamento social vinculado à ideia de modernidade. As cidades que não pertenciam ao título de grande centro, fora da faixa litorânea, tendiam, de acordo com o imaginário brasileiro, a reproduzirem as influências culturais materializadas no comportamento advindo desses centros urbanos. As elites, segundo os autores, não se reduziram a essa reprodução, sendo o lazer um atributo comercializado nas cidades de caráter rural, pouco urbanizadas.

1913, publicada pelo periódico *O Diário de Notícias*, quando informou que “este jogo nunca se popularizaria aqui, porque o brasileiro tem em geral a índole mansa e uma reputação instintiva por tudo que lhe cheira a violências e a sangue” (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1913). Em outra margem, porém não tão distante, como lembra Rego (1968) e Da Costa (2006), o Decreto n.º 487, de 11 de outubro de 1890 (Código Penal Brasileiro), no seu Art. 402, a capoeira é descrita como crime de vadiagem. A essa prática, inicialmente, os periódicos destinariam aparições nas colunas policiais, pois sua proibição e criminalização, através de Decretos e Posturas, favoreciam o poder soberano que institucionalizou (SILVA; MARTA, 2017).

No que se refere à gênese da capoeira, Rego (1968) relata que haveria aí uma junção, em razão de a capoeira ser afro-brasileira e servir como mecanismo de resistência e luta por parte de seus praticantes (PASTINHA, 1988; VIDOR, 2013). Há ainda a ideia do seu surgimento das maltas e sua prática nas praças do mercado de aves, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda sobre a gênese, Columá (2013) relata uma gênese indígena devido “a origem do nome *caapuera* em tupi-guarani” (COLUMÁ, 2013). Essas três possibilidades encontram-se presentes no dossiê da capoeira (BRASIL, 2007). Entretanto,

(...) adotamos a versão que melhor explica a origem da capoeira como manifestação de canto, dança e jogo, tendo em vista que as diversas pesquisas referenciadas afirmam que os africanos escravizados trouxeram consigo costumes e crenças de sua terra natal e, no solo brasileiro, criaram essa manifestação corporal. (FRANÇA, 2018, p. 21).

Em meio a tantas suposições a esse respeito, a que mais nos parece pesar seria a de uma capoeira afro-brasileira, estruturada e aperfeiçoada em solo brasileiro. Nesse sentido, Assunção (2014) afirma que seus praticantes sofreram durante a Primeira República. De acordo com o autor, ela foi reconhecida por intelectuais brasileiros desde o final do século XIX e início do XX como o único esporte genuinamente nacional, sendo Bimba e Pastinha, os organizadores dos estilos modernos de capoeira: a Regional e a Angola. Assim, os estudos sobre a origem da capoeira são compreendidos a partir das políticas de dominação-escravidão, que proporcionaram a emergência de debates, os quais subvertem o sistema que regia a relação de poder para incutir na memória oficial a ideia de que a história positivista deveria ser a referência dominante. O processo civilizador no Brasil trouxe como resultado reflexões a respeito da produção de conhecimentos científicos, contrapondo tudo que foi pensado a partir da transmissão e legitimação de histórias constituídas conforme o poder na época (SILVA; MARTA, 2017).

Dessa maneira, para compreendermos a articulação entre os processos modernizantes, as lutas, os jornais e a cultura baiana, investigamos as possíveis relações de conflitos e interferências que influenciaram o desenvolvimento e construção do cenário esportivo⁴ baiano das lutas; ademais, pesquisamos com base nos periódicos, os agentes que contribuíram e tiveram protagonismo nesse processo.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, realizada a partir da análise dos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital e na Biblioteca Pública do Estado da Bahia. O critério para seleção das notas no domínio Hemeroteca digital deu-se por meio dos termos: *capoeira*, *box*, *luta e lutas*. Os periódicos utilizados para a pesquisa foram *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *Diário de Notícias – A manhã*, *O Imparcial*. Na

4 O termo “esportivo” é usado nos estudos sobre sociologia do esporte nas obras de Bourdieu (1983).

Gazeta de Notícias, o período analisado foi de 1912 a 1914, contando com 251 edições, e com 3 ocorrências para o termo “Capoeira”, 6 ocorrências para “box”, 30 ocorrências para “lutas” e 219 para “luta”. Foram encontradas 2 ocorrências para “capoeira”, 9 para “box”, 144 para “luta” e 24 para “lutas”. Em *O Imparcial*, o período foi de 1930 a 1935, contando com 241 edições. Nele foram encontradas 10 ocorrências para o termo “capoeira”, 55 para “box”, 272 para “luta” e 80 para “lutas”. A análise dos dados se deu a partir das leituras detalhadas das notícias relacionadas e posteriores transcrições delas. Foram analisadas 1.109 edições no total.

Em virtude disso, a segunda seção deste artigo apresenta e discute a capital baiana como lócus do processo de urbanização ocorrido nas duas primeiras décadas do século XX. Salvador tinha nos jornais o termômetro para aferir a presença dos esportes na cidade como forma de monitorar a capoeira praticada nas ruas, visando impor o processo civilizatório trazido nas leis e decretos que proibiam essas práticas corporais.

“A PHASE DO PROGRESSO” X “O MEIO DA RUA”

O título se refere aos dados de algumas notícias veiculadas pelos jornais, no período de 1910-20, que remetem a processos sociais, os quais Elias (2006) define como par conceitual indicador de sentido que determina “oposições e tensões estruturais no interior de um movimento processual em cada época considerada” (ELIAS, 2006, p. 29). Esse processo ocorria na capital baiana, que celebrava um momento em que vários esportes entrariam em cena, como basquete, atletismo, turfe, polo aquático, futebol e as lutas, os quais ganhavam ainda mais força no cenário baiano, começando a se estruturar e a se constituir, assim, uma nova fase para esses desportos.

No entanto, ao falarmos de outro espectro, “a rua”, espaço da capoeira, os periódicos relatam algumas denúncias que pareciam ferir a ordem pública, transgredindo, assim, a ideia de progresso⁵ pretendido para determinado nicho da sociedade soteropolitana⁶. Na sexta-feira, 18 de outubro de 1912, o periódico *Gazeta de Notícias* faz menção, em sua coluna policial, a duas prisões de vendedores de doces que jogavam capoeira entre uma venda e outra, segue a nota: “Os Menores Manoel dos Reis e João Bendicto, vendedores de queimado, foram presos ontem [sic] por estarem jogando capoeira. Ficaram recolhidos ao xadrez da estação policial da rua do Maciel de Baixo” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1912, p. 1).

A nota chama atenção não apenas por causa da repressão à capoeira, mas pelo nome de um dos menores, Manoel dos Reis, o que nos faz supor que esse poderia ser Bimba, ainda menor de idade – algo que não pode ser confirmado devido à escassez de informações da nota.

⁵ Essa ideia de progresso também apareceu de forma análoga aos acontecimentos que decorreram na cidade de Divinópolis entre os anos de 1890 a 1920, em que, de acordo com Amaral e Dias (2020), as reformas arquitetônicas ocorridas na cidade nesse período eram enunciadas na imprensa com exaltação; isso acontecia pelo fato de atribuir esse feito ao processo “milagroso” em decorrência da chegada do progresso, mesmo contendo uma densidade demográfica rarefeita e marcada por ser uma cidade com características rurais. Ainda assim, a elite local quis ostentar a cidade como lócus de modernidade e civilização ao promover as práticas de lazer e os símbolos do nacionalismo e progresso, que na maioria delas requeria pecúnia, e consequentemente selecionava seus adeptos, como acontecia nas grandes cidades, afetando as regiões próximas.

⁶ Em 1890, a prática da capoeira era vista como prática criminoso prevista no código penal, instituído através do Decreto 847, intitulado “Dos Vadios e capoeiristas”: Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor de algum mal; Pena – de prisão celular de 2 a 6 meses (REGO, 1968, p. 292).

O que se sabe, segundo Reis (2000), é que Bimba, aos 13 anos, começara a aprender o ofício de estivador, mantendo-se lá até os 27 anos e que “foi no cais do porto que começou a aprender capoeira com Bentinho, capitão da Companhia de Navegação Bahiana” (REIS, 2000, p. 101). Dois anos à frente, outra nota semelhante nos chama a atenção em *A Notícia*; no texto, indica-se que era comum encontrar, entre os vendedores de balas, aqueles que jogavam/lutavam a capoeira, desta vez não se relata a prisão de alguém, mas registra-se um acidente.

Um Vendedor de <ballas> de assucar encorpado
Antonio Pereira do Santos, é um desse muitos vendedores de ballas, de inumeras qualidades essenciais. Como os seus distinctos colegas. Antonio tanto vende como brinca.
Hontem na ladeira do Aquidaban, encontrando um colega, resolveu jogar um pouco de capoeira no que é mestre. Em um dos seus rapapés aconteceu cahir porem com infelicidade porque foi em cima de um caco de garrafa, que produziu-lhe um ferimento na coxa esquerda. No hospital, recebeu os necessários curativos (A NOTÍCIA, 1914, p. 4).

Ainda era o ano de 1914, o *Club Athletico Bahiano* ainda não tinha sido criado, e o futebol seguia em ascensão em terras baianas; em sentido inverso, o espaço destinado às lutas, nos periódicos, eram as colunas de denúncias, como pode ser observado. O jornal *A Notícia*, na quarta-feira, 4 de novembro de 1914, revela que as lutas ainda não tinham sido incorporadas ao *habitus*⁷ da sociedade baiana e que a prática, por parte dos entusiastas pelo esporte, necessitava de um espaço adequado:

Na calçada do Bomfim disputavam o box João Araujo e Ranulpho Ormundo Leal. Esse gênero de “sport” não agrada aos civis e por isso o de n. 27 foi obrigado a interromper a sua viagem, num bonde da “Ligth”, para impedir a continuação do “sport”, recolhendo os dois ao xadrez da estação dos Mares, á disposição do subdelegado respectivo. (A NOTÍCIA, 1914, p. 2)

Outra nota do mesmo periódico revela um fato ocorrido há um mês na *Rua da Misericórdia*, quando *João Francisco Alves e Jeronymo Xavier da Costa* foram levados à prisão por praticarem o *Box* em via pública (A NOTÍCIA, 1914, p. 3). Tais notícias refutaram nosso pensamento inicial de que as denúncias feitas ao jornal acerca das lutas só se destinariam à capoeira, por ser essa uma luta de matriz africana e “descivilizada”. Em estados brasileiros de cultura diferente à baiana, como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, Caratti (2016) relata algo semelhante nos anos de 1910 e coloca em questão que repreensões semelhantes podem ter relação com a cor dos praticantes, no caso negros⁸. Contudo, o autor afirma ainda que não é possível precisar tal fato, sendo que os moldes de como eram praticados poderiam ter forte impacto nesse sentido, “sem luvas, sem regras, e com ânimos a flor da pele”, o autor ainda coloca outro ponto: “é no mínimo interessante que o jornal retrate o pugilismo desta maneira, exatamente no mesmo ano das proibições da exibição de fitas de boxe no Brasil” (CARATTI, 2016, p. 7).

Portanto, as práticas de lutas de origem estrangeira, em solo baiano, despertavam a atenção dos desportistas e entusiastas pelos esportes e/ou novidades. O periódico *Gazeta de Notícias*, em 2 de julho de 1914, relatava que o Cinema São João vinha alcançando grande

7 A gênese do conceito de *habitus* é trabalhada por Bourdieu (1989).

8 Silva e Marta (2017) discutiram essa questão para dizer que as culturas africanas e indígenas resistiram às tentativas de inferiorização do negro, no Brasil, desde o processo escravocrata, no qual seguiu como dominante a ideia de superioridade das raças. Nesse sentido, a cor da pele seria o critério de civilização da sociedade durante os séculos XIX e XX. Os estudos de Quijano (2005) corroboraram o assunto ao se referirem ao escurecimento da pele, pois a cor mostrava posições subalternas e representava o modelo global enquanto padrão.

público e que “O symphatisado sportman pátrio Floriano Peixoto continua a deleitar a plateia do S. João, com seus exercícios de box e luca romana”, mostrando que uma parcela da população começaria a consumir as lutas como espetáculo e que, conseqüentemente, poderia ter interesse pela prática. Contudo, fazia-se necessário ultrapassar um obstáculo que vinha gerando conflitos: “o problema consistia em saber como habilitar as pessoas para a experiência de uma total excitação agradável [...] sem atingir riscos sociais e individuais para os outros e para si próprio” (ELIAS, 1985, p. 95). É nesse sentido que o *A Notícia*, na segunda-feira, em 1º de setembro de 1915, relatava a fundação do *Club Athletico Bahiano*, que se propunha a

cultivar os exercícios de Jiu-jitsu, luca brasileira, box, luca romana, esgrima e exercícios militares, gymnastica sueca e finalmente todo o exercício para desenvolvimento physico. Com exceção do foot-ball e regatas. As cores adoptadas são rôxo e branco. Este club está organizado nos moldes de seus congenes da America do Norte, sendo a sua sede provisória no Clolyseu no Polytheama. [...] (A NOTÍCIA, 1915, p. 3)

Em consonância com as ideias de Bourdieu (1983) entre a prática das classes populares e a prática das classes abastadas, bem como busca distinguir a relação com o próprio corpo, como dimensão privilegiada do *habitus*. Os espaços como o *Cinema S. João* e outros semelhantes foram palcos para as disputas das lutas⁹ e também mais tarde o Parque da Bôa Vista¹⁰.

No entanto, a respeito da capoeira, vale lembrar que se legitimou no cenário nacional após o artigo “A Capoeira”, publicado em 1906 na Revista Kosmos (REIS, 1994). Moura (SOARES, 2002) em entrevista cedida à “Revista da Semana” e Raul Pedreira no artigo “A Defesa Nacional”, ambos em 1921, defendem a capoeira no sentido de enquadrá-la nas práticas de exercício físico, visando ser aceita pela sociedade. Essa ideia reflete o quanto o mundo esportivo tentou nacionalizar a capoeira por meio de publicações em jornais, como ocorreu durante a reportagem publicada no jornal “Rio Sportivo” escrita por Adolfo Morales De Los Rios filho (SOARES, 2002).

Os estudos de Santos Júnior (2020) sobre as diversões nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro nas três primeiras décadas do século XX mostram um “subúrbio” composto por disputas por legitimidade nos espaços da cidade. A dança marcou o processo civilizatório nas relações sociais contidas na elite da capital carioca em contraste com aquela praticada nos subúrbios, que promovia a integração dos trabalhadores originários de vários âmbitos. Com isso, foi possível fazer uma analogia com a cidade de Salvador-BA neste mesmo período, o que nos ajudou a pensar a lógica da cidade enquanto espaço de totalidade e a dialética plural existente entre a capital baiana e outros espaços situados fora do contexto da vida urbana¹¹.

As cidades (capitais), nesse período, se mostravam elitistas, racistas e desiguais, se analisarmos esses dados que ilustram os serviços urbanos, trabalho e habitação, já que a forma de apropriação da cidade era marcada pelos conflitos decorrentes dessa exclusão. De acordo com Santos Júnior (2020), a exclusão também é resultado de um processo de promoção de

9 Cf. Gazeta de Notícias, 2 de Julho de 1914, Ed. 00117, p.1; A Manhã, 21 de abril de 1920, ed.00013, p.7.

10 (O Imparcial, 25 de outubro de 1935, Ed. 01492, p.7; Idem, 31 de outubro de 1935, Ed. 01498, p.7).

11 O autor mostra que as diferenças se davam nos valores dos ingressos cobrados nos diferentes lugares, tornando difícil o acesso das camadas populares às agremiações elitizadas. Estes rótulos de “moralidade” se estendiam, segundo Santos Júnior (2020), “à cor, profissão ou nacionalidade” ao mesmo tempo em que os estatutos indicavam que qualquer pessoa poderia “fazer parte”, na condição de apresentar sua faixa etária, profissão e comprovação de onde residia. Ao final, o estatuto mostrava que esta condição de participação só se dava às pessoas de “cor branca”. Quem não o fosse, seria indesejado.

instituições de sociabilidade nas quais produziam a “cultura associativa” em detrimento dos interesses coletivos apregoados na cidade. Esses elementos reforçaram ainda mais a distinção entre classes. Essa elite era detentora de bens, terras e títulos e evitava a presença dos trabalhadores pobres que dividiam o mesmo espaço da “aristocracia suburbana”¹².

A imprensa também contribuiu para que o futebol, oriundo desses espaços, estivesse distante de ganhar legitimidade social, ao mostrar a violência potencialmente descontrolada dos jogadores e das torcidas, seguida do anúncio das prisões ocasionadas por esse “descontrole”. Os estigmas de violência na modalidade estavam atribuídos à classe que não se enquadrava na modernidade desse período anunciado nas pesquisas de Santos e Júnior (2020). A pobreza estava associada à criminalidade, a doenças epidêmicas e à potencialização da violência, reforçada e enunciada pela imprensa.

A próxima seção trata de inserir o futebol nesse diálogo com as demais práticas, por entendermos que esse esporte ganhou espaço nas imediações de notícias e legitima a fase “progressista” através do processo civilizatório, o qual acompanhou, segundo Adorno (2000), ações anticivilizadoras refletidas sobre o corpo e propiciando violência.

“NÃO É SÓ FUTEBOL A GRANDE ATRAÇÃO”

Equilíbrio. Seria essa a palavra que aparentavam esperar os periódicos com relação à veiculação das lutas nos jornais (O IMPARCIAL, 1935, p. 7). Poderíamos considerar também isso como um exemplo do esforço de mostrar sintomas de civilização na cidade. A imprensa, desarticulada da realidade, publicava ideias de modernização em suas notas editoriais e reprovava as manifestações oriundas das camadas populares. Essas ideias de modernização apareciam nos conceitos de nacionalidade, identidade cultural, tradição e modernidade (SANTOS JÚNIOR, 2020)¹³.

O espaço cedido às notícias e disputas ainda não era em extensão proporcional ou significativa se levarmos em consideração o cedido ao futebol. Pôde-se perceber também que a atenção de um determinado público não era voltada somente para o futebol e que as lutas vinham conquistando seu espaço. Prova disso é o que revela, em nota, *O Imparcial*, na sexta-feira, 25 de outubro de 1935:

Não é somente de “foot-ball” que attráe a atenção do publico assistente
É digno de nota o progresso em vários ramos do esporte, actualmente, entre nós. Podemos assegurar que não é somente o “foot-ball” o “great-attracion” do mundo esportivo bahiano. Desde quando chegou a esta capital, o já conhecido lutador Ricardo Nibbon, que nossos “sportmen” conhecem novas modalidades de lutas, ate então desconhecidas. Jiu-jitz”, lucta livre e “catch-as-catch can” foram introduzidas por esse athleta. [...] (O IMPARCIAL, 1935, p.7).

Além de relatar que as lutas de origem estrangeira já tinham um espaço cativo de certo público – e que grande público se fazia presente –, não foi possível identificar, no contexto da cidade de Salvador, a diferença entre esse público e qual seria a finalidade de sua participação: apostar, lutar ou somente o papel de espectador. Outro fato que merece atenção é o nome de Ricardo Nibbon como introdutor do Jiu-Jitsu, aluno de George Gracie, criador do *Jiu-jitsu* brasileiro. O nome de Ricardo aparece de forma recorrente nas notícias dos anos 30.

Falando ainda sobre o início dos anos 1930, período marcado pelo desenvolvimento

do Integralismo, quando era favorável maior incursão das culturas no processo de (res)significação da identidade brasileira, as possibilidades seriam música, artes e as modalidades esportivas que auxiliariam nesse sentido (ALVES, 2008; HOLLANDA, 2011). Um fato que se faz necessário citar, mencionado por Alves (2008) é que Hugo Aranha era proprietário d'*O Imparcial* e integrante do núcleo Integralista de Salvador, assim é possível supor que a veiculação de notícias teria “um pé” no movimento; algumas notícias, nesse sentido, eram recorrentes. Em decorrência disso, a notícia de 18 de julho de 1935, pelo *O Imparcial*, fazia menção a um *Grandioso Festival Integralista*, promovido pelo núcleo integralista e organizado no *Campo da Estrada da Liberdade*, onde teriam lugar o boxe, a luta greco-romana, uma demonstração de capoeira feita pelo mestre Bimba e seus alunos e uma partida de futebol.

No mesmo ano, a edição de número 1.492 do mesmo periódico relatava “A sensacional luta”, que ocorrera pela primeira vez em solo baiano, a ser realizada no *parque Bôa Vista*; essa seria uma demonstração de ‘catch-as-catch-can’ – luta livre – que, nas palavras do *Imparcial*, “teve enorme assistência e justos aplausos”. Os atores dessa luta seriam André Jansen e Ricardo Nibbon, que “demonstraram conhecimento do difícil esporte e além de uma coragem inaudita (...) A assistência que compareceu a luta, inclusive senhoras, aplaudiu bastante os lutadores” assim demonstrava em nota *O Imparcial*, na sexta-feira, 25 de outubro de 1935 na página 7. Ademais, André Jansen era goleiro do Botafogo, campeão carioca de capoeira e luta livre – segundo *O Imparcial* – e estava de passagem por Salvador em uma das viagens pelo seu clube de futebol e que, sabendo do desafio, aceitou enfrentar Ricardo Nibbon. Entretanto, a baiana não era tão pacífica, por mais que em outros estados a capoeira viesse alcançando um espaço significativo, com relatos de diversas lutas em ringues, ela, o boxe, jiu-jitsu e outras artes marciais se enfrentavam independente da diferença de estilos (DA COSTA, 2006, p. 93; CAIRUS, 2012, p. 44; LISE, 2014, p. 61).

Esse pensamento foi produzido pelos governantes no intuito de valorizar, nesse período, as práticas reproduzidas no contexto norte-americano ao invés daquelas oriundas na Europa. Esse projeto imperialista incidiu sobre a cultura, política, economia e foi mantido pelos “emissários da nação”, visto nas publicações de revistas, jornais e opúsculos. Em Salvador, o que se observou, por exemplo, em “*O Imparcial*”, foi a presença da capoeira não entre as lutas de caráter esportivo, mas sim em meio às denúncias de vadiagem e perturbação da ordem pública, como se pode ver a seguir:

Com vistas á policia

A molecada intranquiliza o Tororó

O bairro do Tororó, dantes tão sossegado e procurado por tantas famílias justamente por essa razão, está hoje completamente transformado. [...]

Todos os dias e a todas as horas podem se colher ali flagrantes vergonhosos. Grupos enormes de desocupados em luctas, capoeiragem e jogo de bola, perturbam o socego e o transito. Muito mais grave do que isso. Porem, é a escandalosa ausência de moral que preside a esses ajuntamentos condenáveis. [...]¹⁴

Como corrobora Reis (1994), a capoeira já havia se institucionalizado, conquistado espaço através do mundo e que, mesmo assim, seu valor simbólico e cultural não era reconhecido por uma parcela dos baianos. Identificou-se ainda que na Bahia não fora simples a aceitação desse esporte, e que o Mestre Bimba, no ano de 1936, usaria o espaço dos ringues para fortalecer a capoeira, desafiando qualquer lutador de qualquer estilo a enfrentá-lo. Nesses desafios, ele

14 Trecho retirado da edição do jornal *O Imparcial*, em 6 de novembro de 1935.

e seus alunos obtiveram diversas vitórias (CAPOEIRA, 2000; PIRES, 2002; BUNESE, 2006; ASSUNÇÃO, 2014).

Ao analisar o processo de surgimento da capoeira regional, Mello (2008) questiona seu distanciamento das práticas populares, em que é perceptível descrever as variadas formas de como um processo civilizador opera quando se tenta modernizar essas práticas para que a capoeira fosse reconhecida como “cultura nacional”. Todavia, inserir a capoeira nesse código de aceitação social, contexto performático de uma sociedade civilizada, traduz o que Elias (1994) fala sobre o aumento de pressão de uma autoridade central que incide sob as pessoas com vista a seguirem condutas. Essas formas de controle seguem impulsionadas de forma inconsciente. Esses dispositivos de controle apareciam sob a égide do poder disciplinar, vigente no projeto governamental da Era Vargas.

Capoeira (1999) e Reis (2000) mostram como a capoeira regional carrega resquícios de lutas orientais – o Jiu-jitsu e o Judô – e manifestações de folguedos de matriz africana (o batuque) e pontuam o quanto a capoeira foi perdendo sua essência ancestral ao deixar permitir a presença de movimentos de contato físico (REIS, 2000). Essas novas possibilidades de prática foram intensificando o olhar social sobre a presença de “violência” e “descontrole”, já que isso aparecia inconscientemente e incentivou o Mestre Bimba a restringir a prática aos lugares fechados, na promessa de que esses impulsos seriam controlados com ajuda de regras instituídas a partir de uma metodologia de ensino. Assim, “esse controle é parte de um processo civilizador”, em vista de que a “sociedade exige e gera um padrão específico de controle emocional” (ELIAS, 1994, p. 199).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O par conceitual apresentado na ideia de progresso e civilização qualifica o processo de esportivização na medida em que os séculos XIX e XX fizeram com que as lutas, tidas como práticas corporais, alavancassem as relações de conflitos e interferências, no cenário esportivo em Salvador-BA, referentes às lutas. Os protagonistas desse cenário resistem aos conflitos por meio da capoeira que os fizeram reconhecê-la enquanto patrimônio da humanidade, mesmo enfrentando a discriminação racial, os agentes foram subversivos ao processo civilizatório.

Diante do exposto, infere-se que a capital baiana, apesar do choque inicial, soube acomodar as lutas de origem estrangeira em seu processo civilizatório e que, mesmo com a ascensão da capoeira Regional e Angola, na Era Vargas, em vários estados brasileiros e até no exterior, o seu próprio berço demoraria a aceitá-la como parte integrante do seu *ethos*. Nesse sentido, nos apoiando em Chartier (1990), entendemos que “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, produzem estratégias e práticas sejam elas sociais, ou políticas que tendem exercer sobreposição de poder e legitimar ou não escolhas e condutas” (CHARTIER *et al.* 1990, p. 140).

Silva (2018), que analisa a capoeira no interior do estado, mostra que a “Capoeira como organismo civilizatório de povos negros seria um elemento estruturante inter-relacionando, cultura, história e contextos sociais no Brasil” (SILVA, 2018, p. 83). As lutas de modo geral, nesse processo, seriam um fator importante para estruturação do processo civilizador e do *corpus* social baiano, trazendo muito mais do que simplesmente a prática pela

prática, mas as mais variadas disputas de poder, a saber, sociais, políticas ou culturais.

Por ter simbolizado uma ameaça social, a capoeira se tornou “representatividade nacional”, com o auxílio das publicações dos periódicos, ao invés de ser tirada de cena, já que se encontrava nas ruas, assumindo o papel de criminalidade e clandestinidade. Portanto, a rua foi entendida como espaço de práticas corporais vivenciadas pelos afrodescendentes, ao mesmo tempo em que a ideia de progresso forçava esses sujeitos a estarem em locais fechados. Esses fatos ampliaram as tensões no contexto social vigente e estampavam essas contradições nos periódicos de notícias, assim como nas punições estabelecidas perante as leis em vigor desde o século XIX, as quais foram incisivas, sobretudo entre os capoeiristas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ALVES, Cristiano Cruz. O Integralismo e sua influência no anticomunismo baiano. **Antíteses**, v. 1, n. 2, p. 407-438, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/1859/1639>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Entretenimento urbano e mercado de diversões em Minas Gerais. In: **Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 75-110.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA 1935. Directoria do Serviço de Estatística do Estado, 1936, v. 1935. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000339/anuario1935ba/anuario1935ba.pdf>. Acesso em: 1 maio 2021.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v21n1/0104-5970-hcsm-S0104-59702014005000002.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- BARBOSA, Mario Ferreira. **A Bahia através dos anos**. Notas estatísticas. Bahia, 1923. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000053/00128/00128000.pdf>. Acesso em: 1º maio 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**, v. 3. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. **Questões de sociologia**, p. 136-153, 1983. Disponível em: http://www.academia.edu/download/58755830/WM-Como_e_posssivel_ser_esportivo_P._Bourdieu20190331-82963-1ru0yzc.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf. Acesso em: 8 fev. 2019.
- BUNESE, Rodrigo Fernando **Capoeira: uma análise dialética**. 2006. 35 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2006. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48489/MONOGRRAFIA%20RODRIGO%20FERNANDO%20BUNESE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- CAIRUS, Jose. **The Gracie Clan and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu: National Identity, Culture and Performance, 1905–2003**. 2012. Tese (Doctor of Philosophy Ph.D.) – York University, Canada, 2012. Disponível em: http://www.academia.edu/download/38726851/FGS_COPY_PDF.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CARATTI, Jônatas Marques. “Quando o boxe era caso de polícia”: Espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922). **Vozes, Pretérito**

& **Devir: Revista de História da UESPI**, v. 5, n. 1, p. 220-241, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/viewFile/111/130>. Acesso em: 12 fev. 2019.

CHARTIER, Roger *et al.* A história cultural. Entre práticas e representações. **Difel**, Lisboa, v. 1, p. 12-220, 1990. Disponível em: https://www.academia.edu/download/50078981/3_Roger_Chartier_-_A_historia_cultural_entre_praticas_e_representacoes.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.

COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas; DA SILVA TRIANI, Felipe. Resenha do livro “Capoeira uma herança cultural afro-brasileira”, escrito por Elisabeth Vidor e Letícia Reis, Editora Selo Negro, 2013. *Movimento*, v. 21, n. 4, p. 1123-1128, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115343227021.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

DA COSTA, Lamartine P. *et al.* Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. **Atlas do esporte no Brasil [Internet]**, Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 21-39.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação no lazer**, v. 1, p. 101-138, 1992. Disponível em: https://www.academia.edu/4894091/A_busca_da_excitacao_norbert_elias_e_eric_dunning. Acesso em: 9 jan. 2019.

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios**: 1 – Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. v. 1. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1994. p. 63. Disponível em: http://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS_Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf. Acesso em: 17 jan. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANÇA, Ábia Lima de. **Capoeira & educação**: produção do conhecimento em jogo. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26945>. Acesso em: 17 jan. 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da “brasilidade” esportiva. **Artelogie**, n. 1, p. 1-12, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3719624>. Acesso em: 9 jan. 2019.

JUNIOR, Coriolano Pereira Rocha; DO ESPÍRITO SANTO, Fernando Reis. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). *Movimento*, v. 17, n. 3, p. 79-95, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115321322005.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2018.

LISE, Riqueldi Straub. **Entre direitos, cinturas avante, chaves de braço e rabos de arraia**: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929). 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/DISSERTACAO/2014/Dissertacao%20Rickeldi%20Straub%20Lise.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MELLO, D. F. A capoeira no contexto do Estado Novo: Civilização ou Barbárie? *Movimento & percepção*, Espírito Santo do Pinhal, SP, v.9, n.13, Jul./Dez. 2008.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá**: três personagens da capoeira baiana. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Tocantins, 2002. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf. Acesso em: 7 fev. 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Editora Itapuã, 1968.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. A capoeira: de “doença moral” À “gymnástica nacional”. **Revista de História**, n. 129-131, p. 221-235, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18730>. Acesso em: 16 fev. 2019.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

ROCHA JUNIOR, *Coriolano Pereira* da. Esporte e Modernidade no Rio de Janeiro e Salvador: Um Estudo Comparado. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 2, n. 1, p. 99-116, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9140>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SANTOS, Henrique Sena dos. “DESASTRES MATERIAIS, DESORDENS MORAIS”: O “FOOTBALL DE VAGABUNDOS” NAS RUAS DE SALVADOR, 1905-1920. **Record: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 1, p. 79-75, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/708>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. Diversões nos arrabaldes da capital irradiante. In: DIAS, Cleber. **Depois da Avenida Central**: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 47-74.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959. p. 56-63. Disponível em: https://www.academia.edu/download/58818161/O_Centro_da_Cidade_de_Salvador_.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA, Jonatan dos Santos. **“Capoeira não pede bênção a coronel”**: os Mestres e a Memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA (1950-2000). 2018. 240f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) –Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, 2018. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2019/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-Jonatan-dos-Santos-Silva.pdf>. Acesso em: 23 de fev. 2019.

SILVA, J. S, MARTA, F. E. F. “Dos Vadios e Capoeiristas” À Emergência do “Esporte Genuinamente Brasileiro”. Anais eletrônicos do VIII Encontro Estadual de História da ANPUH-BA. Feira de Santana, 2016. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131_ARQUIVO_artigodejonatan.pdf. Acesso em: 18 de mai. 2021.

SILVA, Marcelo Moraes; MELLO, Diego Fernandes. A capoeira no contexto do Estado Novo: Civilização ou Barbárie? **Movimento & percepção**, Espírito Santo do Pinhal-SP, v. 9, n. 13, p. 1-17, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=171>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: EDUNICAMP, 2002.

VIDOR, Elisabeth; REIS, Leticia Vidor de Sousa. **Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2013.

NA PONTA DA CHUTEIRA HAVIA
UM FUZIL: ADRIANO IMPERADOR,
O PERCALÇO DA EUFORIA À
CRIMINALIZAÇÃO

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA
Universidade Estadual de Montes Claros
jefferson.aleff@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho propõe-se a discutir a criminalização da pobreza e seus efeitos no proibicionismo de entorpecentes, assim como, sua relação com o extermínio de jovens negros nas periferias brasileiras. Cabendo aos meios de comunicação um papel de mediador ou de catalisador desse processo. Para isso, se utilizará da especialidade da Micro-história, a fim de tomar a figura do futebolista Adriano Imperador e suas relações extracampo com a imprensa e sua comunidade natal, como problematização primordial. Nesse sentido, este trabalho procura compreender o processo histórico e social da criminalização da pobreza e seu entrelaçamento com a política punitivista e um recorte racializado.

Palavras-chave: Violência urbana; criminalização da pobreza; Adriano Imperador; Micro-história.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aprovado em 5 de fevereiro de 2021.

THERE WAS A RIFLE NA
PONTA DA CHUTEIRA:
ADRIANO IMPERADOR, THE
MATTER OF EUPHORIA TO
CRIMINALIZATION

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA
Universidade Estadual de Montes Claros
jefferson.aleff@yahoo.com.br

ABSTRACT

This paper aims to discuss the criminalization of poverty and its effects on the prohibition of narcotics, as well as its relations with the extermination of young black people in the Brazilian outskirts. In this process, means of communication act as a mediator or a catalyser. For that, it will anchor in the specialty of microhistory, in order to talk to the figure of the soccer player Adriano Imperador and his relationships out of the fields with the press and his birthplace as a primary problematization. Therefore, this work aims to understand the historical and social process of the criminalization of poverty and its intertwining with punitivism and its racialized profile.

Keywords: Urban violence; criminalization of poverty; Adriano Imperador; microhistory.

*Fica facinho assim, e a mentalidade ai te define
quando gente igual eu só serve
se tiver Fazendo gol pelo seu time [...]*
Rashid

Que Deus perdoe essas pessoas ruins.
Adriano Imperador

INTRODUÇÃO: ENTRE OS GRAMADOS E AS TELAS DA MÍDIA, A DIVIDIDA EXPLOSIVA ENTRE FUTEBOL E POLÍTICA

Na preparação para a Copa do Mundo de 2018, uma foto de um jogador chamou atenção e abalou a imprensa mundial e, principalmente, a mídia desportiva inglesa: Raheem Sterling, atacante do Manchester City e da Seleção da Inglaterra. Mais precisamente, a foto postada pela camisa sete em sua rede social¹ trouxe um símbolo tatuado em sua perna direita, era um rifle M16. Na época, um tabloide britânico elevou a fotografia a um nível sensacionalista, alegando que o jogador teria “atirado na própria perna”, dando a ideia de que o jogador apoiaria o armamento, causando polêmicas em grupos desarmamentistas do país. Com a repercussão da imagem, diversas pessoas vieram a público pedindo que o atleta fosse cortado da seleção, pois, seria uma má influência para as gerações que se espelhavam no jogador.

O jogador teve que ir às redes sociais para se explicar sobre a foto e o acontecido, que, para o futebolista, tinha um significado especial. Como seu pai tinha sido morto por uma arma de fogo e não teve a oportunidade de acompanhar a trajetória do filho no mundo futebolístico, o jogador então, teria feito a tatuagem como homenagem. Esta foi, então, uma forma de mostrar ao pai que a única arma na qual tocara para “matar” seria sua perna direita. Desse modo, o atleta ressignificou, dentro do mundo simbólico do futebol, o que seria uma tragédia familiar ao dar-lhe uma conotação de triunfo profissional.² Esse caso demonstra que a relação entre imprensa e jogadores de futebol nem sempre é amistosa. Ainda mais, quando envolve temas sensíveis ligados à política.

Fora do eixo principal do mundo da bola – a Europa –, na América latina e, em especial, no Brasil, essa relação entre futebol e política se misturam pelas telas midiáticas a tal ponto de caracterizar o Brasil como uma “pátria de chuteiras”³ e construir a identidade do país. De acordo com a historiografia, percebe-se a participação de políticos no mundo do futebol e a força da imprensa em construir narrativas que reforcem estereótipos sobre o mundo da bola especialmente na seleção brasileira. O caso emblemático desse processo é o esforço do então presidente Getúlio Vargas (1937-45) em associar a imagem da seleção brasileira como símbolo nacional, a ponto do próprio presidente se colocar como torcedor, mas também, claramente com fins políticos⁴, sendo um deles, a integração nacional. Em uma época de

1 STERLING, Raheem Shaquille. “**When you’re training and realised you ain’t post on the gram in couple days**”. Instagram, 2018.

2 Esporte.ig. **Com tatuagem de arma, Raheem Sterling causa polêmica na Inglaterra.**

3 Referência à frase de Nelson Rodrigues sobre a característica marcante da sociedade brasileira. Cf. *O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional (2019)*, escrito por Guilherme Silva Pires de Freitas e Luiz Gonzaga Godoi Trigo.

4 FREITAS, Guilherme Silva Pires de. TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **O processo do futebol como elemento da identidade nacional.** FuLiA / UFMG, v. 4, n. 3, set. Dez., 2019 – FUTEBOL E POLÍTICA.

afirmações nacionalistas mundiais, era preciso desenhar a imagem do país como potência e Vargas viu no futebol uma das ferramentas para atingir esse objetivo.

Se por um lado a política se apropriou do futebol para somar dividendos, a imprensa também o fez para somar visibilidade, tendo em vista a massificação do esporte futebolístico do país. A grande marca desse processo seria a divulgação do conceito de “futebol arte” cunhado especialmente por influência de Gilberto Freyre, que analisava a maneira criativa de jogar futebol no Brasil devido à negritude e à mestiçagem. De acordo com Marques e César (2018), essa ideia de futebol arte – plástico, na verdade - são momentos pontuais que não correspondem à realidade do futebol praticado no país, mas que são amplificados pela mídia esportiva e pelos demais meios de comunicação como sendo características inatas dos jogadores brasileiros. Ao reforçar essa ideia de futebol arte, a mídia consegue captar visibilidade e agregar valor de mercado a si mesma com apelos publicitários que passam a enxergar no futebol um potencial, forma de associar suas marcas a jogadores, a times e à seleção.

Não obstante, há o papel da imprensa desportiva na construção desse imaginário do que é o futebol brasileiro e da participação política ao se apropriar do futebol para construir a imagem do que é o Brasil. Esses aspectos não se excluíram, pelo contrário, se convergiram um retroalimentando o outro, e ambos foram assentados sobre influência de Gilberto Freyre, que ao escrever seu livro *Casa grande e Senzala (1933)*, concedeu aporte teórico ao governo nacionalista getulista e, ao mesmo tempo, o antropólogo ampliou sua ideia para o futebol brasileiro, sendo esse esporte a prova cabal de sua tese sobre a identidade do Brasil, ideia essa que a imprensa ajudou a construir ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo em que revela grandes jogadores negros, oriundos da população empobrecida e favelada, que brilham em solo brasileiros e europeus, o mesmo Brasil consegue, porém, ser líder em extermínio em massa de jovens provenientes dessas comunidades. É nesse cenário contraditório, em termos, que este trabalho procura percorrer. Para isso, se tomará como objeto de pesquisa aquele que já foi uma estrela do futebol brasileiro e mundial, um carioca, negro e favelado, tido por muito tempo como grande sucessor da consagrada camisa nove da seleção brasileira. Um jovem promissor desde as categorias de base, exaltado pela sua força física, presença de área e um chute preciso de canhota. Seu nome é Adriano, que logo iria ganhar o codinome de Adriano Imperador – em referência ao governante romano.

Enfim, este artigo pretende abordar a vida extracampo de Adriano Imperador e sua relação com a comunidade que, tomando-o como fio condutor para pensar relações sociais no Brasil, que vão além da própria vida do jogador. Por exemplo: a criminalização da pobreza, sobre um projeto construído que sedimentou a figura do traficante, especialmente, o morador de periferia como inimigo desumanizado a ser abatido e sem passividade de luto. Então, esse estereótipo recai sobre toda população favelada e periférica. Áreas historicamente marginalizadas e tratadas como potencialmente suspeitas e perigosas. Destaca-se aqui o papel

participativo da imprensa jornalística⁵ em noticiar e comover a opinião pública reforçando esses estereótipos e de retroalimentar todo um imaginário social construído sobre as comunidades, principalmente, caso alguém conhecido esteja envolvido, como foi o caso do jogador Adriano, ao ser fotografado com os supostos traficantes.

Sendo assim, a problemática desse trabalho é compreender de que maneira foram construídas historicamente as táticas de criminalização da população favelada e periférica e, também, de que forma os jornais cariocas *O dia* e *Meia hora*, contribuíram para a legitimação dessa política. O elo, portanto, é a figura do desportista Adriano Imperador, assim como o próprio jogador respondeu a essa imprensa, ao fazer uma leitura da própria vida. Teremos como horizonte a ser buscado, os seguintes objetivos: demonstrar como os meios de comunicação - neste caso, os jornais impressos - têm um papel importante na construção da imagem do inimigo na sociedade; problematizar a falta de um debate mais profundo sobre tráfico de drogas e suas implicações na sociedade, como o extermínio de pessoas em áreas historicamente criminalizadas e empobrecidas, e como, também, a utilização da imagem do esportista Adriano Imperador como catalizador dessa política de legitimação do extermínio.

Este trabalho se sustenta com a seguinte justificativa, procura contribuir para o debate sobre a história do esporte demonstrando como as linhas que separam os atletas do futebol são tênues quando o assunto envolve temas sensíveis ligados à política. Além de discutir o papel da mídia quando utiliza a imagem de um astro do futebol para reforçar caricaturas já existentes na sociedade brasileira. Para um melhor rigor científico e técnico, esta pesquisa buscou apoiar-se, especificamente, na Micro-história. Essa abordagem permitiu reduzir o objeto de pesquisa, para que, a partir dele, pudesse se pensar em toda uma série de relações macro. Nesse caso, a figura de Adriano Imperador servirá para pensar uma relação maior de criminalização da população periférica na sociedade brasileira.

Portanto, o recorte histórico deste artigo será entre 2010 a 2017, em que as polêmicas do jogador tiveram notoriedade. Não obstante, também será necessário contextualizar toda uma história da criminalização e proibicionismo para melhor suporte do tema. Em suma, pretende-se demonstrar que nem mesmo um jogador de futebol, no país com mais estrelas no peito, pode escapar da criminalização, independentemente de quantos títulos conquistados, ou mesmo, o nome que tenha feito no cenário internacional futebolístico. Seja Adriano ou Imperador, não dá para vencer um adversário que antes de olhar para suas conquistas, enxerga a sua origem como um sinal de degeneração.

A CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA

Com a massificação do futebol a partir da segunda metade do século XX, houve a oportunidade de vários jovens moradores de áreas empobrecidas ascenderem com a prática

⁵ Neste caso iremos trabalhar com os jornais carioca: *O Dia*, e também, *Meia Hora*. Ambos jornais destacaram fotos sensacionalistas do jogador Adriano em suas capas que inclusive reverberam em imprensa de maior circulação como a revista *Isto é*, como também, no jornal *Correio24horas*. É digno de nota, que outros trabalhos já foram feitos com o mesmo fim, analisar como a imprensa retrata os jogadores e faz a mediação com o público. Destacamos aqui o trabalho da dissertação intitulado: *A construção e desconstrução das narrativas midiáticas de idolatria futebolísticas: um Estudo de caso sobre Adriano, o "Imperador" (2016)* do autor Lucas Lopes Albuquerque Bastos. Neste trabalho, Bastos (2016) analisa como se deu o processo da criação do mito do Herói na figura do futebolista Adriano, e logo depois, como essa mesma imagem ruiu, principalmente entre a relação conturbada entre o jogador e a imprensa carioca. Para isso, ele faz um balanço crítico de dois jornais: o *Globo* e *Extra*.

esportiva. Ou seja, para se driblar as dificuldades impostas pela sociedade capitalista e competitiva, a carreira de jogador de futebol era vista por muitos como uma escalada para melhores condições de vida, assim como, para a realização profissional. O antropólogo Roberto da Matta em seu texto *Futebol: ópio do povo x justiça social* (1982), chama atenção justamente para esse ponto. Como a prática futebolística brasileira ganha contornos muito maiores para além do esporte, o antropólogo chega a dizer que o futebol é uma metáfora da própria vida. Ou seja, como o Brasil institucionalizou a desigualdade e a naturalizou transformando o país em um circuito fechado e hierarquizado, além de ser uma máquina de reproduzir privilégios, as pessoas das classes populares têm menor chance de ascender por vias institucionais. Cenário esse que muda com o futebol e será por ele que a horizontalidade irá sobrepor-se à hierarquia moldada no país.

É no futebol que a classe popular tem a consciência de que pode por meios individuais fazer valer seu esforço e, com isso, ser valorizada e, portanto, enxergada, contudo a sociedade brasileira que pela desigualdade construída, não permite ou dificulta esse aspecto. Da Mata (1982) reforça esse argumento ao comparar a prática esportiva nos países anglo-saxões (Estados Unidos e Inglaterra). Por lá, o futebol é visto como uma forma de trazer a coletividade a uma civilidade que foi constituída de forma individualizante, no Brasil acontece o contrário, o esporte coletivo é individualizado e isso se dá porque é no futebol que esse jogador que sai da classe popular vai ser percebido. É também por meio do futebol que o jogador pobre aparece e pelo qual pode infiltrar essas barreiras impostas e conquistar o sucesso e reconhecimento, diferentemente do que acontece na sociedade institucional brasileira.

Essa visão de superação de barreiras e da institucionalidade desigual se consagrou após os triunfos da seleção brasileira nas Copas de 1958, 1962 e 1970 e com elas, jogadores negros e mestiços em destaque, como o caso de Didi, Garrincha e Pelé⁶. É na copa de 1970 que acontece a consagração da seleção brasileira no cenário mundial, nesse mesmo período, o país vivenciava um regime de exceção (1964-1985) e estava em seu auge, para além da conquista do mundial, passava para aquilo que seria conhecido como “milagre econômico brasileiro”. O Brasil chegava à marca de crescimento econômico de 13% ao ano. Entretanto, essa prosperidade não abrangia a população plenamente. No mesmo ritmo que o país crescia economicamente, a pobreza se alastrava e, junto com ela, a explosão das periferias nas grandes cidades.

Com o crescimento das cidades e a explosão das periferias, a violência urbana e sua escalada de homicídios começavam a fazer parte do cenário brasileiro. Essa violência nas periferias se dará principalmente pelo proibicionismo das drogas. Isso não quer dizer que a classe média e alta não fossem atingidas, mas pela lógica de combate, a periferia era o alvo principal. É importante destacar que a política proibicionista ganhará contornos mundiais

⁶ Para Da Mata (1982), trabalhando com o conceito de dramatização a Copa de 1970, foi a consagração do super homem negro, diferente da Copa de 1950, no episódio conhecido como “Maracanazo”, em que a culpa pela perda na final da Copa do mundo do Brasil fora atribuída a jogadores negros como Bigode, Juvenal e, especialmente, o goleiro Barbosa, que por falhas individuais, a seleção brasileira, mesmo com a vantagem do empate, perdeu a partida e o título. De acordo com o antropólogo, a derrota na Copa de 1958 foi lida pelos meios de comunicação da época como uma prova da inferioridade da nação e pelos seus cidadãos, principalmente, mestiços e negros. Esse seria o destino inevitável da nação. Diferentemente, a Copa de 1970, que seria uma vingança nacional contra esse destino imposto à nação brasileira e essa vingança seria pelos pés do super negro Pelé, redefinindo a noção de raça e sendo coroado como Rei do futebol.

pelo papel estadunidense, que no auge da guerra fria, o presidente americano declarou que o inimigo número um da América não eram os soviéticos e, sim, os entorpecentes, e, nesse sentido, estava declarada a guerra às drogas. É relevante pontuar que a história do proibicionismo é relativamente recente, começando com a tentativa fracassada de cerceamento do álcool nos Estados Unidos (EUA), durante as décadas de 1920 e 1930. O que estava por trás do proibicionismo era o controle sobre o crescente processo migratório dos EUA, sobretudo de escoceses e ingleses que tinham a fama, na época, de consumirem muita bebida alcoólica. Isto é, desde o começo, a preocupação central do proibicionismo não era com os malefícios que o álcool poderia causar e, sim, com uma estratégia de conter um aumento populacional de imigrantes indesejados⁷.

Essa estratégia foi incorporada no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, em que alvos novamente eram os imigrantes, dessa vez os latinos e a população negra americana. Como bem explicou o secretário de segurança do governo Nixon, John Ehrlichman. Ele demonstrou como a política de guerras às drogas serviu como instrumento para estigmatizar e para prender ativistas que vinham abalando a sociedade judaico-cristã branca. O secretário do presidente americano, John Ehrlichman, revelou que

A campanha de Nixon em 1968, e a Casa Branca de Nixon depois disso, tiveram dois inimigos: a esquerda antiguerra e os negros. Entendem o que estou dizendo? Sabíamos que não podíamos tornar ilegal ser contra a guerra ou negros. Mas ao fazer o público associar os hippies à maconha e dos negros com heroína, e depois criminalizar fortemente ambos, poderíamos perturbar essas comunidades. Poderíamos prender seus líderes, invadir suas casas, romper suas reuniões e vilipendí-los noite após noite no noticiário da noite⁸

Sendo assim, o governo ditatorial brasileiro, alinhado com o a política ideológica americana, passou a adotar o proibicionismo e, com ele, a sua lógica de combate às drogas. Como visto, o proibicionismo estava associado indiscriminadamente à política racista. Não se fazia uma guerra contra drogas e, sim, uma guerra contra as pessoas. Nessa espiral de violência, vai ser nas periferias que os problemas relacionados ao tráfico de drogas se fará mais presente, seja no combate policial, seja nas rixas entre facções em disputa pelo território para a distribuição do varejo de drogas. Dessa forma, além do empobrecimento e da violência que acometiam a periferia, o proibicionismo das drogas desaguando no tráfico precarizava ainda mais vida dos moradores.

O caso exemplar de todo esse processo entre empobrecimento e violência é o objeto do nosso estudo, o ex-jogador Adriano, que nasceu em 1982, na Vila Cruzeiro, umas das comunidades do Rio de Janeiro. Filho de um casal de classe baixa, o pai office boy e mãe revisora de uma fábrica de roupas. Antes de Adriano nascer, já passavam problemas financeiros, tendo como prato principal, por bastante tempo, macarrão com farinha, água e sal. A família do jogador tinha intimidade com o mundo do futebol, o pai organizava campeonatos de futebol na comunidade, e a mãe atuava como atacante em times amadores na favela da penha. Adriano, desde pequeno, conviveu com a violência, presenciou um dos vizinhos ser morto por arma de fogo, além de presenciar o pai ser baleado com um tiro na cabeça em um tiroteio. A bala ficou alojada na cabeça de Almir (pai de Adriano), que sobreviveu, mas, conviveu com a bala alojada na cabeça durante sua vida, tendo o médico o proibido de jogar futebol pela lesão.

Proibição essa que não foi acatado por Almir, que continuou a praticar o esporte⁹.

Como demonstrado, a história da infância do ex-jogador, se mescla com o período que atravessava o país, convivendo com a violência, pauperização e dificuldades financeiras. Devido a isso, a mãe de Adriano teve que trabalhar dobrado e com hora extra em seu serviço habitual, além de vender doces em feiras para aumentar a renda familiar. Fazia isso, também, para pagar as passagens de ônibus para Adriano conseguir frequentar a escolinha de futebol do Flamengo¹⁰.

Não obstante, o governo ditatorial militar brasileiro (1964-85) chega ao fim nos 1980, deixando como herança, uma forte inflação, uma desigualdade brutal - ligada a uma modernização caótica e conservadora¹¹ -, um empobrecimento gradual da população e uma explosão das periferias nas grandes cidades. Isso, também, era devido aos processos migratórios, especialmente, do nordeste para o sudeste. O Brasil, portanto, no seu processo de redemocratização adota como novo projeto de governabilidade o Estado Neoliberal. Essa forma de governo, de acordo com a criminalista Thais Almeida (2018), tinha como objetivo reduzir o raio de ação do Estado, isso porque, para grupos dominantes da época, a intervenção estatal era excessiva, causava ociosidade e burocracia, além de dificultar a livre iniciativa privada e a meritocracia. Como política, o Neoliberalismo pregava corrigir os excessos, inclusive em políticas públicas e na flexibilização de direitos trabalhistas. O Brasil passando por esses graves problemas se une ao projeto político e econômico Neoliberal, que naquela altura, parecia corrigir os problemas advindos, no campo econômico, de 24 anos de ditadura militar, em que era preciso redesenhar o papel do Estado.

Além do fato de a política neoliberal trazer consigo a visão de um Estado mínimo, ela carregou em seu interior uma onda conservadora e moralista nos costumes, reforçando o aspecto individualista desse novo modelo econômico e social, que se associa com a ideia do proibicionismo. A redemocratização do Brasil e a transição para o Estado neoliberal provocaram um estrangulamento das condições de vida das pessoas mais pobres, aumentando ainda mais o desemprego, pauperização e uma ascendência de criminalidade violenta. Para esses problemas o próprio neoliberalismo apresentava a solução, a sua outra face o: Estado Penal. Esse Estado Penal seria atuante nessas pessoas desviantes desse novo modelo político e econômico. Para ficar mais claro, pessoas desviantes seriam aquelas que não tinham poder de consumo e eram enxergadas a par dessa nova sociedade, que prezava a maximização do indivíduo e, conseqüentemente, dentro da visão meritocrática e neoliberal, caso não conseguisse vencer a pobreza, logo seria um mau trabalhador e, sendo assim, um potencial

9 Cf. JUNIOR, Janir. **Mundo cão: pobreza, violência e morte marcam infância de Adriano: Aos oito anos, o jogador presencia assassinato na Vila Cruzeiro, depois, vê seu pai ser baleado na favela e, aos 10, quase morre ao contrair sarampo.** In: Globo. Rio de Janeiro, 2012a

10 Cf. JUNIOR, Janir. **Adriano: da favela a Milão, morte do pai, assassinato e chantagens: Imperador aponta perda de Mirinho, em 2004, como divisor de águas em sua trajetória, mas esconde tragédia às vésperas da Copa de 2006.** In: Globo. Rio de Janeiro, 2012b.

11 SANTOS. Milton. **A urbanização Brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

delinquente¹².

Com essa nova política neoliberal de maximização do indivíduo, e o Estado penal como modelo punitivista, o esquadrinamento da população mais pobre se agravou, acentuando ainda mais as desigualdades. Um exemplo a ser citado é o caso da Polícia Militar, que foi treinada para perseguir militantes comunistas e oposicionistas do regime durante a ditadura, foi redirecionada e reorganizada para combater o tráfico de drogas dentro do modelo proibicionista, sendo as periferias os grandes alvos das operações policiais. Naquele período, o papel da mídia, especialmente o tipo de jornalismo que ficou conhecido como populismo penal, foi fundamental para legitimar e mobilizar a opinião pública nessas excursões policiais. Com a crescente violência urbana, o perfil vitimado pela polícia enquadra-se como agentes propulsores da violência no Brasil e os policiais como heróis destinados a combater esse crime e os criminosos. O traficante periférico e favelado de entorpecentes foi enquadrado e sua imagem como inimigo da nação foi ampliada pelo populismo penal. Nesse sentido, a criminalização da pobreza associava todo morador da periferia a um suposto criminoso ou traficante, reforçando a suspeição generalizada sobre a população periférica e ainda pior, legitimando o extermínio nessas áreas.

Orlando Zaccone demonstra em seu livro *Indignos de vida (2015)* como essa forma de extermínio foi naturalizada. Polícias sobem morros e executam pessoas, forjam cenas do crime, quando não, assassinam deliberadamente suspeitos com tiros na nuca, costas e até mesmo nas palmas da mão, um sinal de que a vítima estava tentando se proteger. Após esses assassinatos, são os próprios policiais que geralmente são as únicas testemunhas do crime, enquadram a atividade como “autos de resistências”, que seria quando os suspeitos reagiram contra a abordagem policial. O ministério público arquiva o caso, seja porque as vítimas já possuem passagem pelo sistema criminal, seja por morar em área propícia ao tráfico de entorpecentes. De acordo com Zaccone (2015), há uma legitimação do extermínio que tem pela ponta os agentes militares, mas que se estende até o ministério público, que arquiva o caso sem de fato investigar, como se o fato de a pessoa ter passagem ou morar em um local marginalizado fosse suficiente para ter a vida exterminada pelo Estado. Isso demonstra como a política neoliberal e seu Estado penal operam culpabilizando os mais pobres e nunca a pobreza, e que instigados pelo proibicionismo de cunho racista, forjou a guerras às drogas, que não combate às drogas e sim, as pessoas. No caso do Brasil, essa imagem ficou límpida, transformando o traficante periférico em inimigo da nação, que pode ser morto sem o processo de luto, e não apenas ele, pela criminalização da pobreza todo e qualquer morador da periferia, que tendo sua morte

12 É importante destacar que essa ideia de criminalização da pobreza já se fazia presente no Brasil, como destaca historiador Sidney Chalhoub (1996). No início do século XX, ao trabalhar as transformações urbanas do Rio de Janeiro e a demolição do cortiço cabeça de porco demonstra como o pensamento liberal circulante na época influenciou a criação de medidas autoritárias contra a população mais vulnerável e habitante de cortiços. O discurso preponderante na câmara municipal e nos jornais impressos era o de que se as pessoas moravam naqueles determinados locais (cortiços) seria porque não se esforçaram o bastante. Portanto, não trabalharam o suficiente para sair daquela situação, sendo assim, maus trabalhadores e preguiçosos. Ou seja, eram ociosos e dados ao vício da vagabundagem, ao qual produziria malfeitores e bandidos. Os pobres se materializavam como uma potencial classe perigosa para o tecido social brasileiro, que estava se constituindo de modo republicano e assalariado. Para o historiador, a criminalização da pobreza se fez presente para culpar os pobres pela situação que se encontravam e tendo como dispositivo a ideia de suspeição generalizada sobre os moradores que moravam em áreas empobrecidas, especialmente, os negros e mestiços. Suspeição essa que se estenderia ao longo do século XX e XXI.

atribuída ao pelo Estado é tido como traficante¹³ ou como um potencial suspeito.

Após toda uma construção sócio-histórica da criminalização da pobreza, é necessário demonstrar como a mídia atua dando publicidade, legitimação e mobilizando a sociedade civil para práticas genocidas nas favelas brasileiras, que ganham contornos maiores quando associam a imagem de um jogador de futebol à imagem do traficante. Percebe-se, assim, uma busca maiores holofotes e nenhum compromisso com a realidade complexa da segurança pública. Esse discurso também é rebatido pelo próprio jogador Adriano Imperador, que demonstra uma periferia além da criminalização.

DA EUFORIA À CRIMINALIZAÇÃO

Adriano Leite Ribeiro nasceu em 1982, na comunidade chamada Vila Cruzeiro, uma localidade pertencente ao Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Ele teve uma infância pobre e carente. Talentoso, Adriano conseguiu subir nas categorias de base e se destacou, sendo convocado para as categorias de base da Seleção Brasileira, tendo como companheiros, jogadores que futuramente iriam se destacar no futebol mundial, como Ricardo Izecson, conhecido como Kaká, e Júlio Baptista. Sua profissionalização efetivada no Flamengo foi meteórica, logo saiu vendido para Internazionale de Milão. Todavia, em seguida, foi emprestado ao Parma, outro clube italiano, pela temporada 2002/03, e voltou para o clube de Milão, destacando-se pelos gols e conquistando títulos. Naquele time, ganhou o apelido que vai caracterizá-lo, a torcida o chama de Imperador, uma referência por ser homônimo de Adriano (76-138 d.C.), o imperador romano.

Além de ganhar a Itália, Adriano Imperador conquistava o cenário internacional, substituindo a consagrada camisa 9 da seleção brasileira, nas Copas América e das Confederações. Em 2004, com uma Seleção alternativa de jogadores, Adriano fez o gol de empate no último minuto dos acréscimos, levando o Brasil às penalidades, das quais saiu vitorioso. Já na Copa das Confederações, o jogador foi o artilheiro e o melhor jogador da competição, ambos os títulos conquistados sobre o maior rival da Seleção Brasileira, a albiceleste. A euforia de ambas as conquistas de virada improvável, nos últimos segundos, e na outra final, com um futebol de gala e com gols decisivos, Adriano recebeu os holofotes na mídia em nível global, além de se consagrar como um dos melhores futebolistas daquela época.

Entretanto, enquanto vivia uma ótima fase, em 2004, seu pai faleceu. Portanto, Adriano não conseguiu lidar com tamanha perda, uma vez que foi um fato determinante para que o atleta desenvolvesse uma depressão profunda. Doença que o acompanhou por anos, levando-o a ter problemas com álcool, o que era frequente nessa etapa. Voltando ao Brasil, em 2008, tentando reconquistar o bom futebol, o jogador conquistou dois títulos no Campeonato Brasileiro: um com o Flamengo e outro pelo Corinthians, sendo, no time carioca, artilheiro do campeonato. Contudo, polêmicas extracampo começam a afastar o jogador dos gramados, além de uma vida conturbada, como falta de treinos, excesso de peso para um jogador de futebol e lesões.

O comunicólogo Lucas Bastos (2015) trabalha a relação entre o jogador Adriano e a

¹³ É conveniente destacar que aqui o caso do pedreiro Amarildo e da própria Marielle Franco, casos amplamente divulgados, que tiveram a imagem ligada ao tráfico de drogas apenas por morarem em áreas criminalizadas e marginalizadas, algo que não é verídico. Assim, legitimando o extermínio.

imprensa desportiva. De acordo com o pesquisador, o itinerário percorrido dos meios de comunicação remontam a tradição do Herói, ou seja, de um nascimento e de um infância difícil, a conquista do objetivo almejado, que seria o reconhecimento do futebol europeu e também, ao retorno apoteótico à seleção brasileira, reforçando a idolatria ao personagem futebolístico. Entretanto, essa relação se estremeceria a partir de 2010, com o jogador atuando no Brasil, e , principalmente, com sua vida extracampo e a convivência do futebolista com a comunidade de origem, a Vila Cruzeiro.

Em 2010, o jornal carioca *O Dia* estampou, na edição daquele dia, a seguinte manchete: *Adriano suspeito de ligação com bando que derrubou helicóptero da polícia*, além frase impactante, o jornal apresentou duas fotos do jogador: em uma, ao lado de um amigo, Adriano apareceu empunhando armas; a outra imagem destacava que o Imperador estava fazendo os símbolos C e V com as mãos, logo, interpretaram como as insígnias do Comando Vermelho, uma das poderosas facções criminosas no Brasil. A defesa de Adriano rebateu as acusações do jornal, dizendo que estariam sendo vítimas de extorsão, até apontaram as fotos como antigas, datadas de 2007, nas quais o jogador apareceu com armas, só que não seriam reais, e sim brinquedo de *paintball* e o que seu amigo segurava era um abajur quebrado¹⁴. Os símbolos feitos com as mãos pelo jogador seriam meramente uma brincadeira entre amigos, e a foto tirada em momento de descontração, sem quaisquer implicações e apoio à facção criminosa.

Adriano, já afastado dos gramados, voltou a ser o holofotes da mídia 7 anos depois dessa polêmica. Em 2017, o jornal *Meia Hora* postou uma foto do jogador abraçado com um traficante conhecido como Rogerinho 157, cujo título era *Que Deus perdoe essas pessoas ruins*. A legenda do noticiário era mais sensacionalista ainda, onde se é possível ler: *O traficante Rogério 157, atual Imperador da Rocinha, posa ao lado de um amigo*. O ex-jogador tentou se defender, dizendo que ele tira foto com quem quiser e que queria processar o veículo de informação por divulgar tal foto, até porque sentia-se perseguido, pois essas pessoas (leia-se jornalistas) não o deixavam em paz¹⁵.

Porém, a resposta mais contundente do ex-jogador se deu em 2019, quando foi entrevistado pelo jornalista e apresentador Pedro Bial, no programa *Conversa com Bial*. O futebolista fez um balanço da sua carreira profissional e vida pessoal. E é nessa conversa que é possível explorar a relação entre Adriano e a imprensa esportiva. No começo da entrevista, ao rememorar sua infância e relação com a comunidade carioca, mais do que a coerência do seu discurso, o que nos chamou atenção foram as divergências vistas na fala do jogador.

Adriano Imperador entrou em contradição em duas falas, extremamente importantes sobre as motivações à vida do crime dentro da comunidade. Em um primeiro momento, disse que se não tivesse uma estrutura familiar adequada, poderia ter se extraviado para outros caminhos, dando a entender que tinha um potencial direcionamento à vida no crime. Foi possível entender pela fala do Imperador que existem condições no nível macro que agem sobre o individual e que por ter uma família estruturada, ele teve uma base, uma rede de solidariedade que o permitiu seguir a carreira e o sonho de ser um futebolista. Mais à frente, ao ser questionado sobre quantos amigos ele teria perdido na vida do crime na sua comunidade

14 Cf. Correios24horas, Jornal publica foto do jogador Adriano com metralhadora. Empresário de Adriano diz que jogador foi vítima de extorsão.

15 Cf. Esporteig, Adriano Imperador aparece ao lado de traficante da rocinha em foto e desabafa.

natal, o ex-futebolista disse que foram muitos, mais de “quarenta” ou “cinquenta”¹⁶. O que lamentava muito, só que a escolha dessa vida criminoso seria uma decisão dos próprios indivíduos.

Uma contradição em termos, se por um lado, foi a família que deu a ele a rede de sustentabilidade que o permitiu seguir sua carreira, Adriano dá a entender que sem ela, poderia seguir outros caminhos, ou seja, não foi apenas uma decisão individual e sim uma estrutura que o livrou da vida no crime, mas, ao falar dos amigos mortos diz que foi uma escolha individual se esquecendo dessa rede de proteção que o livrou. Sem tomar conta, Adriano também reproduz a ideia neoliberal de maximização do indivíduo e do Estado penal punitivista, de que pessoas que se envolvem na vida do crime, se direcionaram por vontade própria, selando o seu destino, ou seja, aquela ideia neoliberal pela qual o indivíduo, e apenas ele, é responsável por suas decisões e que os obstáculos externos devem ser vencidos com trabalho árduo.

Adriano, ao apenas lamentar a morte dessas pessoas, deixou escapar que essas pessoas foram mortas e sem possibilidade de luto, já que escolheram este caminho. Em outros termos, naturalizando o extermínio, como se fosse comum perder dezenas de amigos em um curto período de tempo, e não um processo de violência extrema. Ainda que durante a entrevista tenha deixado claro que o fato de ter uma família estruturada o livrou e deu base para que ele conseguisse o sucesso e a vitória profissional¹⁷.

Em outro questionamento, ao falar de uma moto de luxo, dada a um traficante, e de ter colocado no presente o nome da mãe de um procurado da polícia, Adriano Imperador se contrapôs a essa ideia do comerciante de entorpecente ser um monstro. Humanizando o traficante, o jogador afirmou que “ele cresceu comigo, é meu amigo e eu dei um presente a ele, até onde sei, não é crime dar um presente. O que ele faz da vida dele não é um problema meu”¹⁸. Adriano questiona o ódio que a imprensa tem em relação a esse caso, pelo fato de o suposto traficante ser amigo dele. Imperador vai de encontro a esses julgamentos, exaltando aquilo que a imprensa demoniza e transforma em monstro na sociedade.

Ao analisar todo esse enfrentamento entre Adriano e a imprensa, levanta-se a ideia de suspeição, que se intensifica quando capas de jornais utilizam a imagem do jogador juntamente com comerciantes de entorpecentes para ganhar publicidade, reforçando o estereótipo do negro perigoso, associando a imagem do traficante favelado como perigo eminente a toda uma sociedade civil. Sendo o próprio, encarnação do mal, desumanizando-o fator esse fundamental para o extermínio. Essa criminalização só é possível devido a um tipo específico de imprensa que eleva a questão da violência e criminalidade a um nível sensacionalista. Isso ocorre pelo fato de esses tipos de mídias estarem mais preocupadas em chocar a opinião pública para vender jornais e ganhar publicidade do que necessariamente propor uma discussão séria e

16 CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Adriano Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, outubro, 2017a.

17 Para José D’Assunção Barros (2007), o historiador que se propõe a trabalhar com a especialidade da Micro-história utiliza fragmentos da fonte proposta para buscar significados. Em suas fontes, pode-se encontrar elementos contraditórios, falseamentos, silenciamentos, incongruências e intenções diversas, que se desdobram sobre o objeto analisado. Assim sendo, essa abordagem trabalha de modo a reduzir a escala de observação, a fim de maximizar o tecido social, observando a história que os homens produzem, bem como seu efeito dela sobre si próprios, principalmente, a luta e disputa da própria história pelos homens que a fazem.

18 CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Rafael Amaral França. Rio de Janeiro, outubro, 2017b.

comprometida sobre a problemática da violência e do tráfico de drogas. Como bem salientou Thais Almeida (2018),

No contexto de agente socializador, a mídia compromete a cidadania daqueles que consomem cultura apenas a nível de produção de massa, pois propaga um discurso maniqueísta essencial para manutenção da sua ampla esfera de proliferação ao simplificar os acontecimentos sociais em binômios que se contrastam: a norma vs. a contra norma; a vítima vs. o delinquente. Assim, promove-se a espetacularização da vida real através de um “jornalismo propagandista”, reduzido a nível de folhetim. (ALMEIDA, 2018, p.27).

Almeida (2018) demonstrou como uma parte da imprensa se converteu em um populismo penal midiático, o qual não tem interesse, de fato, em uma discussão profunda com a segurança pública e apenas utiliza jargões do senso comum, notícias e capas sensacionalistas para espalhar o medo na sociedade. Sociedade essa que, na verdade, é violenta, mas que, com esse medo – endossado pela mídia - exacerba a própria realidade. Já que aqueles que são mostrados como violentos e perigosos para a sociedade são os que mais são chacinados.

Um exemplo disso encontra-se na própria trajetória do jogador Adriano, em 2006. Segundo o site *Globo* (2012), antes do mundial na Alemanha, o atleta foi a uma boate com os amigos, no Rio de Janeiro, e, após a festa, em uma batida policial, um dos amigos do Imperador optou por fugir da polícia e acabou sendo baleado e morto. Esse fato abalou o jogador profundamente. Ou seja, os que são mostrados como potenciais violentos, na verdade, são os maiores vitimados.

Sendo assim, ainda de acordo com Thais Almeida (2018), aqueles que são demonstrados como a essência da violência, com efeito, são os alvos da violência, como demonstram os mapas de violência e fóruns de segurança pública, nos quais um jovem negro pode ter até três vezes chances de ser assassinado do que um jovem branco, no Brasil. Essa violência, como demonstrado, tem cor e classe social. A criminalista explica que

Assim, há uma real instrumentalização dos corpos marginalizados apenas quando conveniente ao discurso propagado, mas nunca quando contrariando a versão maniqueísta que vende jornal. O corpo pobre e marginal só é apresentado na mídia como estatística de violência ou como perpetuador da violência, mas nunca como resultado da violência estrutural, de forma que a mídia omite a trajetória do marginalizado, ao mesmo tempo que se utiliza de sua imagem para justificar medidas punitivistas contra o próprio. (ALMEIDA, 2018, p.27).

Conforme Almeida (2018), esse tipo de jornalismo em específico não se baseia em critérios científicos, tampouco em comprovação de dados de como se dá a escalada da violência e quais caminhos ela percorre até chegar ao periférico/favelado. Além do mais, esse campo midiático induz a população em geral a perceber a criminalidade como algo localizado em um grupo preciso e não como um sistema capitalizado e disseminado em outros setores da sociedade. Esse tipo de discurso produzido pelo populismo penal midiático inflama a sociedade civil, ao receber essas informações sensacionalistas, as processa e, como resposta, pede mais punitivismo como solução para o problema. Mesmo que esse punitivismo contrarie os dados científicos, serve como justificativa para vender notícias, cabendo ainda aos políticos oportunistas a utilização dessa fração da violência como um todo, a fim de se eleger e governar, baseados em uma falsa realidade. Essas autoridades com um orçamento limitado destinam verbas e recursos para finalidades distintas daquilo que a realidade diz, causando, assim, males mais profundos na sociedade que a própria violência, ou pior, reforçando a própria violência

que eles tanto dizem combater¹⁹.

Para entender o porquê e como foi possível utilizar as imagens dos traficantes como monstros e associá-las à figura do jogador. A filósofa estadunidense Judith Butler (2015) esclarece como acontece esse processo de enquadramento sobre quem deve viver e sobre quem merece morrer. Para isso, a autora tomou como base o próprio corpo como objeto político historicamente construído, codependentes de outros corpos e com significados sociais. A filósofa demonstrou, por exemplo, de que maneira o atentado em 11 de setembro foi construído através dos meios de comunicação, em que se estruturou um luto nacional em relação às perdas de vidas americanas, mas, apenas àqueles que eram de fato americanos, esquecendo-se dos trabalhadores ilegais. Desse modo, o estabelecimento da comoção foi diferente para as demais vidas, enquanto que para uns foi confirmado o luto, para outros, nem mesmo a memória de suas vidas foram postas na questão nacional.

Fato semelhante acontece no Brasil, em que os corpos marginalizados estampam capas de jornais como a encarnação do mal e, conseqüentemente, direcionam a opinião pública para o extermínio desses mesmos jovens. Para Judith Butler (2015), isso só é possível devido ao fato de que existem vidas que não foram vividas, sendo assim, não são passíveis de luto. Em outras palavras, as perdas de algumas pessoas se tornaram indiferentes, isto porque essas vidas nem foram consideradas como tal, ou seja, para toda uma sociedade essas vidas nunca existiram²⁰ e, sim, são vistas como ameaças. Nesse sentido, a autora afirma que

Quando uma população parece constituir uma ameaça direta à minha vida, seus integrantes não aparecem como “vidas”, mas como uma ameaça à vida (uma representação viva que representa a ameaça à vida) [...] Aqueles que matamos não são completamente humanos, não estão de todos vivos, o que significa que não sentimos o mesmo horror e a mesma indignação diante da perda de suas vidas que sentimos com a perda das outras vidas que guardam uma semelhança nacional ou religiosa com a nossa própria. (BUTLER, 2015, p.69).

Para compreender como esse processo de vidas é passível de luto, foi possível observar na própria entrevista concedida no programa *Conversa com Bial*, mas dessa vez, um familiar de Adriano Imperador foi quem esclareceu esse processo e, novamente, nas entrelinhas, pode-se perceber o desenvolvimento da negação do luto e, até mesmo, da dignidade da vida humana. A fala foi do primo de Adriano, Rafael Amaral França disse que a maior obra do jogador para a família seria justamente o fato de o Imperador ter tirado todos eles da comunidade “isso já paga tudo o que ele fez pra gente”²¹. O que esse discurso revela é que o jogador, ao retirar a família da favela de Vila Cruzeiro, devolveu a dignidade da pessoa humana, tal como o direito à vida. Já que as pessoas que moram naquele local vivem sob constante ameaça de morte, seja por confronto, seja pela geopolítica do tráfico e facções ou pelo Estado, que atua em duas frentes para o extermínio da população, sendo elas: (i) atuações de grupos militares

19 O professor Gabriel Feltran (2019), em artigo publicado no fórum de segurança pública, faz uma análise dos dados de violência que vigoraram no Brasil nos últimos anos. Feltran argumenta que o Estado brasileiro, com a política punitivista e de encarceramento em massa, trabalha no sentido de reforçar as facções criminosas. Tendo em vista toda a dinâmica de recrutamento que essas facções fazem dentro dos presídios para se protegerem e se organizarem dentro das engrenagens do mundo carcerário, a outra face disso, e um controle que vem de dentro para fora dessas mesmas organizações criminosas que vão ditar para seus discípulos os caminhos a seguirem fora das grades.

20 Jesse Souza (2009) também defende a ideia de que o Brasil não homogeneizou o status de vida a todos os brasileiros, como fizeram os países de primeiro mundo. Por isso, para toda a sociedade, existe a naturalização da morte de pessoas marginalizadas, por que, no entendimento dos brasileiros, essas vidas perdidas, na verdade, nunca foram vidas de fato.

21 CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Rafael Amaral França. Rio de Janeiro, outubro, 2017.

e suas excursões em becos e vielas; (ii) na sua completa ausência de garantidor de direitos e de políticas públicas. Além disso, as pessoas que vivem em comunidades convivem com o estereótipo, que foi construído historicamente, de que são pessoas inábeis e propensas ao crime. Ademais, quando são chacinadas têm uma dupla morte, já que além da morte física, existe a morte social, na qual as relacionam a traficantes que, para a sociedade brasileira, não são passíveis de luto²².

Paralelamente a isso, essa criminalização e estigmatização não ocorrem com os empresários que construíram verdadeiros impérios e conglomerados de bebidas alcoólicas, bebidas que fazem tanto mal quanto outras drogas - tanto é que foram proibidas nos estádios de futebol no Brasil²³ e até mesmo o próprio jogador Adriano fez uso problemático, no momento em que estava em depressão. Não se questiona o comerciante, e, sim, o jogador, por beber em demasia. Um processo que ocorre ao contrário, quando se fala de outros entorpecentes, acusando os traficantes pretos e pobres como a encarnação do mal, a serem abatidos por disseminarem drogas, que trazem malefícios para a sociedade. Para os empresários é concedido, até mesmo, o patrocínio da Seleção Brasileira e de times de futebol²⁴, isso demonstra que a decisão do que é lícito e do que não é, muitas vezes é mais uma questão política do que necessariamente uma preocupação com o indivíduo e com a sociedade em questão. E essa decisão tem muito mais a ver com um projeto de extermínio do que com o de segurança ou o de saúde pública.

Dessa forma, o cientista social Orlando Zaccone (2015) traduz a política de guerra às drogas. Para o autor, o combate tem ao mesmo tempo uma irracionalidade e uma racionalidade que funcionam de formas complementares. Na primeira, se faz uma política de combate às drogas em que se tem como base a proteção da vida, mas executa-se uma guerra que mata mais do que as drogas. Já, na segunda, a racionalidade, que está justamente em promover um extermínio étnico e social das populações empobrecidas favelada e periférica, utiliza-se os modelos punitivistas como um elemento justificador do processo. Tendo a mídia, com seu populismo penal, seu grande catalisador, que ao invés de esclarecer todo esse conjunto, o oculta e o silencia, além do fato de exibir a imagem do jogador para reforçar o estereótipo e, conseqüentemente, reiterar esse projeto de extermínio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi possível compreender o processo sócio-histórico da criminalização da pobreza, seu entrelaçamento com a política punitivista e seu recorte racializado. Ao fazer um balanço da construção do Estado Neoliberal, foi observado como a política do Estado penal atuou nas chamadas guerras às drogas e, portanto, os denominadores desse combate recaíram sobre a população mais pobre, nas periferias dos grandes centros, não porque lá existiriam maiores quantidades de drogas, mas, sim, porque o projeto de punitivismo foi criado com o fim de legitimar o extermínio.

Entretanto, ao se trabalhar com a Micro-história, foi selecionada a figura do futebolista

22 BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

23 Uol. **Lei da Copa deve mudar Estatuto do Torcedor para liberar cerveja em estádio.** São Paulo, 2011.

24 SÁ, Sylvia de. Ambev quer fazer da Brahma a cerveja do futebol. *In: Mundomarketing.* Rio de Janeiro, 2010.

Adriano Imperador. É a partir da imagem do futebolista que é nítido perceber uma trama social já existente. Esta pesquisa depositou um olhar micro sobre um caso, no qual se intentou encontrar a situação macro, com maior clareza e minuciosidade. Apesar de conquistar o mundo e da euforia da imprensa, com futebol de alta performance. O ex-jogador conseguiu ser alvo da mesma imprensa por destacar sua amizade com aqueles que foram considerados pela sociedade brasileira como a encarnação do mal a ser abatido. Utilizaram a imagem do jogador como trampolim para suas notícias rasas e superficiais sobre a violência que acomete o Brasil, que, devido ao populismo penal, mais atrapalha que, de fato, ajuda na resolução do problema da segurança pública.

Adriano surge como exemplo e prova da ideologia liberal de que se pode vencer todos os adversários se tiver esforço, inclusive: pode vencer o trauma de ver, ainda criança, o pai baleado na cabeça e conviver com a bala alojada, a perda de dezenas de amigos, as dificuldades financeiras para treinar durante a infância e adolescência. Além do fato de ver a mãe trabalhando dobrado para sustentar o filho e a casa. Vencidos todos eles, conseguiu ser aplaudido e tido como referência àqueles que vieram da mesma condição. Entretanto, cruzam-se os braços para enxergar que naquilo que dizem ser dificuldade, é, na verdade, uma violência sistematizada e institucionalizada que acomete moradores das comunidades. Localidades onde o corpo do homem negro é exposto, propenso à violência, mas nunca vítima dessa violência, que é focalizada, historicamente, sobre essa população.

Por fim, o futebol se apresenta como afirma o antropólogo Roberto da Matta (1982), como uma “metáfora da vida” (DA MATTA, 1982, p.56). Assim, percebe-se como o Brasil, enquanto nação, elege com euforia os “matadores artilheiros” em campo, como no caso do jogador Adriano, mas ao mesmo tempo são criminalizados devido às suas origens, tornando toda a população favelada, periférica, “matável” e sem passividade de luto. Se é no futebol e, especialmente, na seleção brasileira que é possível tornar-se aquilo que gostaria-se de ser, uma pátria vitoriosa e em harmonia social e, principalmente, racial, é na realidade que se encontra, de fato, o Brasil, um país desigual, violento e com os mais vulneráveis e diversos no futebol. Os pretos não são vistos como glória ou símbolo da expressão nacional, e, sim, como possíveis criminosos e suspeitos tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Thaís Salvador Heitor de. **Populismo penal na época do Espetáculo: como vieses cognitivos motivam políticas** públicas criminais. FGV-Rio, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/28252/THA%C3%8DS%20SALVADOR%20HEITOR%20DE%20ALMEIDA%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 25 ago. 2020.
- BARCELOS, Caco. **Rota 66: A história da polícia que mata**. In: Record. Rio de Janeiro, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. **Sobre a feitura da Micro-história**. In: Opsi, vol.7, n9, julho-dezembro, 2007.
- BASTOS, Lucas Lopes Albuquerque. **A construção de idolatria futebolística: um estudo de caso sobre Adriano, o "Imperador"**. UFF- Rio, 2016.
- BICUDO, Hélio Pereira. **O Brasil Cruel e sem maquiagem**. São Paulo: Moderna, 1994.
- BORTOLOZZI, Flavio; HANSEN, Thiago; MOTTA, Felipe. **A História do proibicionismo**. In: SoundCloud, 2017. Podcast. 02h10min: 25s. Disponível em: <https://soundcloud.com/salvo-melhor-ju-zo/smj-48-historia-do-proibicionismo>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5639899/mod_resource/content/1/Quadros%20de%20Guerra%20-%20Judith%20Butler.pdf. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CESAR, Nathaly Barbiery Marcondes. Marques, José Carlos. **O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada**. Fuli/UFGM, V.3, n.p., maio-ago. 2018- sobre copas do mundo.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Adriano Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, outubro, 2017a.
- CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Rafael Amaral França. Rio de Janeiro, outubro, 2017b.
- CORREIOS 24 HORAS. **Jornal publica foto do jogador Adriano com metralhadora. Empresário de Adriano diz que jogador foi vítima de extorsão**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jornal-publica-foto-do-jogador-adriano-com-metralhadora/>. Acesso em: em 07 set. 2010.
- DA MATTA, Roberto. **Futebol: ópio do povo x drama de justiça social**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 1, 4, p. 54-60, nov. 82.
- DUVERNAY, Ava. **A 13º Emenda**. In: Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80091741?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cb0267196-658f-4f73-b914-fbc2e4cb3fbe-34055151%2C%2C>. Acesso em: 20 ago. de 2020.
- ESPORTEIG. **Adriano Imperador aparece ao lado de traficante da rocinha em foto e desabafa**. Fonte: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/2017-09-23/adriano-imperador-rocinha-traffic.html>>. Acessado em 07 set. 2020.
- ESPORTEIG. **Com tatuagem de arma, Raheem Sterling causa polêmica na Inglaterra**. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/copa-do-mundo-2018/2018-05-29/raheem->

[sterling.html](#). Acesso em: 24 set. 2021.

FELTRAN, Gabriel. **Homicídios no Brasil: um esboço para um modelo de análise**. Fórum de segurança Pública, 2019.

FILHO, Orlando Zaccone D'Elia. **Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos da cidade do rio de janeiro**. Rio de Janeiro: RENAVAM, 2015.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **O processo do futebol como elemento da identidade nacional**. FuLiA / UFMG, v. 4, n. 3, set. Dez., 2019 – FUTEBOL E POLÍTICA.

GAZETTA ESPORTIVA. **Copa América de 2004 salva pelo Imperador**. Fonte: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/copa-america/copa-america-de-2004-salvo-pelo-imperador/>. Acessado em 07 ago. 2020.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. In: Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

JÚNIO, Janir. Adriano: da favela a Milão, morte do pai, assassinato e chantagens. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2012/09/traumas-da-favela-milao-morte-do-pai-assassinato-e-chantagens.html>; Rio de Janeiro, 2012a. Acessado em 20 mar. 2021

JÚNIOR, Janir. Mundo cão: pobreza, violência e morte marcam infância de Adriano. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2012/09/mundo-cao-pobreza-violencia-e-morte-marcam-infancia-de-adriano.html>. Rio de Janeiro, 2012b. Acessado em 20 mar. 2021.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana**. In: Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2013.

MEDICE, João Henrique. **Adriano é campeão, artilheiro e o melhor da Copa das Confederações**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/06/29/ult59u94620.jhtm>. Acesso em: 07 set. 2020.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: https://professor.ufrgs.br/dagnino/files/santos_milton_a_urbanizacao_brasileira_1993.pdf. Acesso em: 24 set. 2021.

SÁ, Sylvia de. **Ambev quer fazer da Brahma a cerveja do futebol**. In: Mundomarketing. Disponível em: <https://www.mundodomarketing.com.br/reportagens/mercado/14335/ambev-quer-fazer-da-brahma-a-cerveja-do-futebol.html>. Acesso em: 19 set. 2020.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. In: UFMG. Belo Horizonte, 2009.

STERLING, Raheem Shaquille. **When you're training and realised you ain't post on the gram in couple days**. Instagram, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjS93neFGDg/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

UOL. **Lei da Copa deve mudar Estatuto do Torcedor para liberar cerveja em estádio**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/08/17/lei-da-copa-deve-mudar-estatuto-do-torcedor-para-liberar-cerveja-em-estadio.htm>. Acesso em: 19 set. 2020.

A NOVA ROTA ECONÔMICA DO FUTEBOL: MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E "O SONHO CHINÊS DAS TRÊS COPAS"

RAUL DE PAIVA OLIVEIRA CASTRO
Universidade Federal do Rio de Janeiro
raulcastro13@hotmail.com

RESUMO

Poucos estudos na historiografia dos esportes têm conferido a devida atenção ao crescimento econômico chinês e a sua relação com as práticas corporais institucionalizadas. Portanto, pretende-se contextualizar a trajetória dos esportes nos países socialistas e analisar a importância das Olimpíadas de 2008 para a China, a fim de entender melhor a recente ascensão do futebol no país. Logo, o objetivo central deste estudo foi elucidar o chamado "sonho chinês das três Copas do Mundo": voltar a disputar um Mundial, sediar esse megaevento esportivo e vencê-lo no futuro. Para cumprir tal proposta, foram utilizadas algumas reportagens da imprensa esportiva e documentos oficiais da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), da Associação Chinesa de Futebol (CFA) e da República Popular da China (RPC), conferindo ênfase ao *Plano de desenvolvimento do futebol chinês a médio e longo prazo (2016-2050)*. Observa-se como se deu a elaboração desse ousado planejamento estatal e de que maneira tem ocorrido uma forte aproximação entre os chineses e a entidade máxima do futebol mundial para realizá-lo. De acordo com o *Plano*, através do "socialismo com peculiaridades chinesas" surgirá o "futebol com características chinesas", fundamental para um maior intercâmbio político, econômico e cultural do país. Assim, a China encara com muita seriedade a realização desse projeto baseado nas estratégias encabeçadas pelo Estado, juntamente com a participação da iniciativa privada.

Palavras-chave: História econômica do futebol; Megaeventos esportivos; FIFA; Socialismo; China.

Recebido em 1 de outubro de 2020.

Aprovado em 27 de abril de 2021.

THE NEW ECONOMIC ROUTE
FOR FOOTBALL: SPORTING
MEGA-EVENTS AND "THE
CHINESE DREAM OF THE THREE
WORLD CUPS"

RAUL DE PAIVA OLIVEIRA CASTRO
Universidade Federal do Rio de Janeiro
raulcastro13@hotmail.com

ABSTRACT

There are few studies in the historiography of sports which have focused on the Chinese economic boom and its relationship with institutionalized bodily practices. Then, this paper aims to contextualize the path of sports in socialist countries and to analyze the importance of the 2008 Olympics for China, in order to comprehend the current rise of football in the country. Therefore, the main goal of this study is to elucidate the well-known: "Chinese dream of the three World Cups": to start to compete for a prize in a World Cup again and to host this sporting "mega-event". To fulfill the proposal, some news reports were used, from the sports press and official documents from the International Football Federation Association (FIFA), the Chinese Football Association (CFA) and the People's Republic of China (PRC), to give emphasis to the *Chinese football development plan in the medium and long term (2016-2050)*. It can be noticed how this audacious government plan was prepared and how a strong relationship between the Chinese and the most important corporation of world football has taken place to carry it out. According to the *Plan*, "football with Chinese characteristics" will emerge through "socialism with Chinese peculiarities", which is fundamental for a greater political, economic and cultural exchange in the country. Therefore, China faces this project very seriously based on the strategies headed by the State together with the participation of the private sector.

Keywords: Economic history of football; Sports mega-events; FIFA; Socialism; China.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma inquietação acerca do surpreendente desenvolvimento do futebol chinês nos últimos anos. Intenta-se, portanto, apresentar a imersão econômica agressiva da China, que confirma a tendência de mercantilização desse esporte: i) transações bilionárias de jogadores; ii) aumento de patrocinadores; iii) investimentos em categorias de base; iv) incremento da indústria esportiva etc. Para explicá-la, busca-se entender as razões desse súbito investimento asiático em um jogo que até então eles nunca haviam demonstrado grande interesse.

Ficou evidente a importância do presidente Xi Jinping, um entusiasta do futebol, que encabeçou o discurso do “sonho chinês”. O mandatário fixou como obsessão a ideia de rejuvenescimento da nação através do futebol e estabeleceu três metas ousadas a realizarem-se em um curto período de tempo: participar, sediar e conquistar uma Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA. Para tanto, foi redigido pelo governo chinês um *Plano de desenvolvimento do futebol chinês a médio e longo prazo (2016-2050)*, que poderá ser visto ao final deste artigo. O *Plano* é dividido em metas de curto (2020), médio (2030) e longo prazo (2050).

Ademais, esta pesquisa se vale de variados tipos de fontes primárias e secundárias, tendo em vista o caráter recente dos acontecimentos. Dessa forma, foram utilizadas reportagens publicadas em português na imprensa esportiva ou disponíveis na internet (haja vista a dificuldade de acesso aos documentos originais escritos em mandarim). Pretendeu-se relacionar, também, os Documentos oficiais traduzidos da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), da Associação Chinesa de Futebol (CFA) e da República Popular da China (RPC). A bibliografia secundária compreende primordialmente textos em português de história política e econômica do esporte, além de algumas poucas obras chinesas encontradas e traduzidas.

O presente artigo propõe-se a dialogar, sobretudo, com os mais recentes trabalhos oriundos da história econômica do esporte, cuja revisão bibliográfica¹ foi primordial para elucidar inúmeras questões. Em que pesem os avanços nas pesquisas, é lícito pensar que o campo esportivo ainda pode permear outras áreas do conhecimento. Essa já é uma característica marcante da historiografia dos esportes e objetiva-se contribuir com esse debate. Nesse sentido, a forma pela qual o futebol tem sido mobilizado no âmbito das relações internacionais é vista pelos principais estudiosos da área como uma “das mais promissoras possibilidades de estudo da história do esporte”, (MELO *et al.* 2013, p. 74).

É possível observar na sociedade - nos últimos anos - um momento de grandes transformações da geopolítica e economia mundiais, que geram implicações de ordem científica e tecnológica, dos blocos de poder, dos recursos humanos, dentre outras. Segundo Frank (1993), essas alterações seguem a noção de ciclos hegemônicos do sistema mundial, que podem ser elencados, cronologicamente, da seguinte maneira: ciclo holandês (séculos XVI e XVII); ciclo genovês (até o final do século XVII); ciclo inglês (século XVIII); ciclo estadunidense (a partir da Segunda Guerra Mundial).

Este último ciclo consolidou os EUA durante a Guerra Fria como a potência que

¹ Em razão disso, foram listados alguns trabalhos de história econômica do esporte que motivaram e contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento da nossa pesquisa: (CHARLE, 2012); (EDELMAN, 1993); (ROSS, 2014); (SANTOS, 2012); (SCOTT; WALKER; MISCALL, 2015); (SURDAN, 2015); (SZYMANSKI, 2015).

impactava o sistema mundial e, em alguma medida, persiste até hoje, ainda que com certas dificuldades. Em outras palavras, os norte-americanos teriam estabelecido uma hegemonia de média duração, devido às suas condições econômicas favoráveis, bem como aos seus instrumentos políticos sofisticados e à sua elevada capacidade tecnológica e militar.

No entanto, a partir da Conferência de Bandung, em 1955, com o surgimento dos países não alinhados e o bloco do terceiro mundo, os norte-americanos começaram a enfrentar alguns desafios que culminariam no deslocamento recente da centralidade econômica do Ocidente para o Oriente, bem como no estreitamento da relação sul-sul. Ou seja, o mundo vem assistindo, pelo menos desde os últimos quinze anos, ao crescimento asiático (especialmente da China, através do seu modelo econômico capitalista com forte interferência do socialismo estatal) e às sucessivas crises do capitalismo estadunidense, que anunciam um momento de declínio do referido processo hegemônico norte-americano. Segundo Gunder Frank (2005):

Com o fim da guerra-fria em 1989 e o subsequente declínio da Rússia como um sério competidor imediato, assim como o declínio durante os anos de 1990 da fama do Japão como número um, duas outras regiões, Estados e poderes entraram na disputa. Um foi os Estados Unidos, cujos sucessos e expectativas pareciam ter declinado depois de 1970, mas que foram retomados nos anos de 1990; e mesmo assim como um Tigre de Papel. O outro foi a Ásia Oriental, apesar da sua crise após 1997, e especialmente a China - o Dragão de Fogo. (FRANK, 2005, p. 125).

A título de exemplo, dados publicados em 2014 pelo FMI têm colocado os chineses à frente dos norte-americanos no ranking das maiores economias mundiais (cálculo realizado pelo PIB, medido em dólar, ajustado ao poder da economia local e não em valores absolutos). Ademais, a projeção da inglesa PwC, para 2030, é de manutenção da China em primeiro lugar e, em 2050, da Índia, superando os EUA no segundo lugar.

Além disso, a tendência em longo prazo é dos países do chamado sul global ocuparem sete das dez primeiras posições no ranking e também ocorrer um deslocamento do Norte/Ocidente para o Sul/Oriente. Isso já pode ser constatado pelo fato de que os países desenvolvidos vêm estagnando ou decaindo economicamente, enquanto os emergentes asiáticos não param de crescer (China e Índia, cerca de 7% ao ano, por exemplo). Prova disso é o acelerado desenvolvimento do mercado interno chinês, que impulsiona várias atividades, como se verá depois no caso do futebol:

As mudanças nos padrões de consumo ocorrem em todos os segmentos. Houve a introdução de novos hábitos alimentares (com efeitos significativos sobre o consumo de carnes e cereais), de novos bens industriais, tanto os da base tecnológica anterior (como automóveis) quanto os intensivos em TI (telefones celulares, computadores), e de novos serviços de apoio a essas transformações (telecomunicações, rodovias), como os decorrentes da elevação da renda pessoal, como turismo, alimentação fora da residência etc. (MEDEIROS, 2008, p. 94).

Nesse sentido, Frank (1993) aponta que é necessário ampliar-se a visão acerca do sistema-mundo, rompendo com a concepção eurocêntrica e adotando uma visão “humanocêntrica”. Nesta, há uma reconstrução da história como um todo, que não esteja necessariamente ligada ao Ocidente, pensada através de redes e interações com sistemas. Este é um forte argumento para se compreender a emergência da Ásia contemporânea e a rapidez desse crescimento, tendo em vista que já existiam mecanismos internos que explicavam essa ascensão.

É necessário, ainda, de acordo com Santos (1993), pensar esses territórios para além do espaço físico, mas também através das estruturas de organização do espaço mundial, como os blocos econômicos, por exemplo. Um desses novos agentes que vem atuando no campo esportivo por meio dos megaeventos é o bloco conhecido como BRICS.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul fazem parte de um acordo criado informalmente em 2006 e oficializado com a primeira cúpula em 2009 (ainda sem a África do Sul, que só entrou em 2011). Na intenção de coordenar reuniões e de construir uma agenda de cooperação multissetorial, o grupo se alargou e se solidificou ao longo dos anos. Com isso, seu crescente poderio de economias em desenvolvimento e o seu caráter de países grandes e populosos têm influenciado a geopolítica global por meio dos princípios de não interferência, igualdade e benefício mútuo.

Uma observação importante é que, em 2014, das dez maiores economias do mundo, cinco pertenciam aos países do BRICS. Nesses locais, percebe-se ainda uma gama de características em comum, tais como: desenvolvimento urbano recente; centros de modernização tecnológica; economias com forte interferência estatal; promoção de atividades culturais e esportivas; adoção de parcerias público/privadas; centros regionais de projeção dos interesses nacionais externamente etc.

Nota-se, então, que o cenário internacional está mudando mais rapidamente do que a nossa capacidade de entender essas dinâmicas e o esporte tem sido encarado como um poderoso instrumento de afirmação hegemônica. Não à toa, os países do BRICS têm sido escolhidos recentemente pela FIFA e pelo COI para sediar os principais megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, especialmente).² Conforme definição de Maricato (2014): os megaeventos esportivos ocorrem nas cidades, onde o processo de acumulação capitalista acontece de maneira acelerada, e nos últimos anos preferencialmente em países emergentes. Isso porque o enfoque dado historicamente pelo bloco às ações de infraestrutura (um dos pilares da Nova Rota da Seda chinesa, por exemplo), coadunou-se com as exigências de transformação urbanística, impostas pelos organizadores dos referidos torneios, na intenção de garantir conforto e segurança aos participantes. Para realizar os investimentos necessários, o Estado se coloca como o protagonista das obras e operações imobiliárias, juntamente com a parceria da iniciativa privada. Como resultado, cria-se um ambiente vigiado e espetacularizado, que servirá aos interesses do show midiático planetário.

Em que pese o seu referido caráter globalizante, os megaeventos esportivos também são momentos singulares nas trajetórias dos Estados nacionais, marcados por relações de dominação e protagonizados por agentes com interesses diversos. No âmbito futebolístico, é nítida uma interferência cada vez maior da FIFA, entidade supranacional, que dita as normas sem a menor preocupação em atingir diretamente a soberania dos países-sede. Os governos aceitam prontamente tais intromissões, "em benefício de determinados grupos", demonstrando enorme submissão a interesses externos que violam os direitos de ocupação dos espaços citadinos.

Entende-se, portanto, que por meio da divulgação de um sistema de regras racionais,

² Estão listados a seguir, em ordem cronológica, os principais megaeventos esportivos dos países BRICS (2008-2018): 2008 - Olimpíadas de Verão (China); 2010 - Copa do Mundo (África do Sul); 2014 - Copa do Mundo (Brasil) e Olimpíadas de Inverno (Rússia); 2016 - Olimpíadas de Verão (Brasil); 2018 - Copa do Mundo (Rússia).

pela defesa da tradição e pela existência da burocracia, a FIFA se resguarda institucionalmente perante os governos, as federações nacionais, seus patrocinadores e os torcedores. Logo,

Sua governança de fato é complexa, pois ao mesmo tempo em que sua administração é majoritariamente exercida por agentes privados, garantindo um distanciamento de entes públicos, **se faz necessário o exercício do lobby político** para angariar financiamento público para a realização de seus eventos e desenvolvimento da sua organização (RODRIGUES, 2015, p. 73. Grifos nossos).

Por meio da chamada “governança global”,³ a entidade se vale da estratégia conhecida como *soft power*, na qual molda as atitudes dos governos, influenciando-os e persuadindo-os a aprovar uma série de leis que favoreçam-nos. Para tal, a própria FIFA não emprega a força física, mas conta com a aquiescência dos comandos locais, utilizando táticas de convencimento. Assim, através da exploração simbólica e midiática de um dos maiores eventos esportivos do planeta, a Copa do Mundo, a entidade penetra nas legislações dos países-sede, adaptando-as a seu modo.

Acredita-se, então, que o recente interesse da China pelos megaeventos esportivos está inserido em um contexto mais amplo de aproximação da FIFA com os países do BRICS. É muito simbólico que África do Sul (2010), Brasil (2014) e Rússia (2018) tenham sido escolhidos como sedes do Mundial em sequência, por exemplo. Isto é, as economias emergentes vêm utilizando a Copa do Mundo e as Olimpíadas para mostrarem seu poderio, ainda que também sejam reveladas suas fraquezas.

Nas palavras de Rodrigues e Júnior (2018): “geopolítica e futebol se tornaram universos inseparáveis” (RODRIGUES; JÚNIOR, 2018, p. 29). Ao utilizar estratégias como o *soft power* (poder de influência) e o *nation branding* (nação como marca), o governo chinês, tão criticado por sua postura política fechada, visa mostrar uma imagem positiva do país perante a opinião pública internacional. Sendo assim, veremos que o futebol foi elencado como um dos principais motores desse empreendimento. Antes, porém, será proposta uma breve reflexão sobre o papel dos esportes em contextos socialistas.

A RELAÇÃO DO SOCIALISMO COM OS ESPORTES DE ELITE NA CHINA

Geralmente, quando se fala em história econômica dos esportes, logo se pensa na sua inserção dentro do sistema capitalista. Contudo, a experiência chinesa impele a olhar com cuidado para o seu caso específico. Certo é que, mesmo nos países socialistas, não houve uma ruptura com o chamado “projeto esportivo” (invenção do capitalismo inglês), de modo que o caráter competitivo permaneceu inalterado. Isso porque outras atividades cotidianas também se encaixaram nessa lógica de esportivização, que pressupõe o individualismo, o ranqueamento e a espetacularização.

³ “A partir de então, surge o cenário da governança global. Divergem os teóricos que a consideram um fenômeno empiricamente observável, daqueles que a subscrevem como um programa político, de sorte que os estudos sobre governança global costumam sobrepor ordens analíticas e normativas (ROSENEAU, 2000, p. 21-22). O conceito de poder nesse âmbito também não é consensual. Porém, a conceituação mais aceita é a de que o poder é a habilidade de obter os resultados desejados e, diretamente, a habilidade de influenciar os outros para obtê-los (NYE, 2004, p. 1-2), podendo ser por meio de coerção, indução e cooptação. A partir disso, Nye (2004) divide o poder em dois tipos: o *hard power* (coagir e induzir) e o *soft power* (cooptar). Esses conceitos, inicialmente, foram utilizados visando a sua utilização pela figura dos Estados, mas aplicam-se a diversos atores no cenário internacional” (PIZARRO, 2017, p. 3).

Em vista disso, o historiador do esporte João Malaia Santos, segundo Edelman (1993), entende que se pode usar os mesmos teóricos do capitalismo para se estudar o desenvolvimento esportivo no socialismo, porém conferindo atenção a quatro particularidades deste último: (i) quem seriam as classes dominantes; (ii) como se comportaria a massa de consumidores; (iii) a falta de incentivo dada ao esporte-espetáculo nas escolas e (iv) os objetivos da mídia estatal e privada.

Em um dos poucos trabalhos acadêmicos que analisam historicamente a ascensão dos esportes em contextos socialistas, Robert Edelman (1993) aponta que nessas sociedades existiam várias possibilidades de práticas corporais institucionalizadas feitas para espectadores, apesar de todas as diferenças presentes dentro da extinta URSS. Interessante, neste sentido, a confrontação do tratamento dado às artes e ao futebol, no contexto autoritário do stalinismo:

O estabelecimento, em 1934, da doutrina artística conhecida como "realismo socialista", restringia os tipos de filmes, arte, literatura, teatro e música que poderiam ser apresentados. Os homens e mulheres que faziam produtos da cultura de massa agora tinham que se conformar com uma censura cada vez mais estrita. Muitas carreiras foram encerradas e vidas arruinadas. Em comparação, *o futebol de maneira muito mais consistente proporcionou uma performance relativamente honesta, que permitiu aos fãs emoção e liberação emocional*. No meio do medo do período de expurgo, o futebol, diferentemente de muitas artes, foi capaz de reter o núcleo moral de sua atratividade humana. *Isso não quer dizer que o futebol fosse um oásis dos apolíticos*. O Partido sempre procurou usar um fenômeno tão popular para seus próprios fins. Pode-se até dizer que existe uma abordagem "realista socialista" do jogo que enfatizaria os valores oficiais que o Estado queria ensinar através do esporte. *No entanto, as atrações do jogo eram tão grandes e sua espontaneidade fundamental, tão inevitável que o Estado nunca o mobilizou totalmente como uma ferramenta de domínio e controle*. (EDELMAN, 1993, p. 62-63. Grifos nossos).

Percebe-se, então, que o stalinismo não foi capaz de manipular o futebol da mesma forma que fez com as outras artes, ainda que buscasse controlar as competições e os atletas. Certo é que o governo não conseguiu conter as torcidas e, quanto mais incerto o resultado do jogo, mais adeptos a modalidade conquistava. As competições locais chegaram a estabelecer um público considerável, mas foram os jogos internacionais que atraíram mais espectadores e uma atenção diferenciada da imprensa. No tocante à atuação dos veículos de comunicação, além dos anúncios das partidas, também promoviam críticas às atitudes do governo em relação ao desenvolvimento dos esportes, ainda que isso acontecesse dentro dos limites de um regime autoritário.

Assim, na União Soviética, mesmo tentando promover um esporte de participação, eles acabaram esbarrando no alto rendimento, principalmente para competir com os EUA, nos ditos torneios internacionais (conforme igualmente se verá mais à frente para o caso da China atual e sua obsessão pela Copa do Mundo). Pode-se dizer, então, que a partir da década de 1950, a URSS iniciou uma chamada "sovietização dos esportes", ainda que ali, essa prática não tenha sido encarada sob a ótica do tempo livre e da capacidade de lidar com os sonhos, como é o caso do modelo capitalista tradicional.

Nesse mesmo período, mais especificamente em 1949, a China tornava-se comunista, através de uma Revolução liderada por Mao Tsé-Tung. Com apoio dos camponeses, o Partido Comunista Chinês (PCC) organizou o Exército Popular de Libertação e tomou o poder, instaurando a República Popular da China (RPC). Nas palavras do líder:

Na contradição em que a China se encontrou reduzida ao estado de semi colônia, o imperialismo ocupa a posição principal e oprime o povo chinês, enquanto a China, de país independente, transformou-se numa semi colônia. A situação, porém, há de modificar-se fatalmente. Na luta entre as duas partes, a força do povo chinês, força que cresce sob a direção do proletariado, há de transformar inevitavelmente a China de país semi colonial em país independente, enquanto que o imperialismo será derrubado, e a velha China transformada inevitavelmente numa China nova. (TSÉ-TUNG, 1975, p. 547).

Entretanto, já na década de 1970, as experiências maoistas levaram a sociedade chinesa a uma fase de aumento da pobreza, atraso econômico e terror ideológico. Após a morte de Tsé-Tung, em 1976, o PCC, liderado por Deng Xiao Ping, retomou o projeto das Quatro Modernizações, voltado aos seguintes setores: agricultura, indústria, ciência e tecnologia e defesa do país. Somado a isso, a China estabeleceu, no âmbito esportivo, uma chamada “estratégia olímpica”. Assim, houve uma mudança da mentalidade esportiva (foco no esporte de elite e na competitividade) e surgiu a necessidade de recuperação da autoestima e do orgulho patriótico (reforçar a imagem de uma nação poderosa).

Dessa forma, com a bem-sucedida campanha da delegação chinesa nas Olimpíadas de 1984, em Los Angeles, o governo intensificou os investimentos nos esportes de alto rendimento, a fim de potencializar os resultados geopolíticos e sociais daquele evento. Contudo, o fracasso nos Jogos Olímpicos seguintes (Seul, 1988) suscitou questionamentos acerca da estratégia utilizada, notadamente direcionada à preferência pelos esportes de elite em detrimento dos de massa, fato esse que forçou o governo a admitir a necessidade de reformas.

Tendo em vista o que foi colocado acima, percebe-se que nos anos 1990 ainda existia um planejamento voltado para os esportes de elite, porém elaborado de maneira mais sustentável. Isso ocorreu devido a uma série de fatores: maior combinação com o setor educacional; melhoria nas estruturas físicas e administrativas; desenvolvimento dos esportes de massa (visava a uma política esportiva e de saúde pública) e aumento da participação do setor privado.

Logo, acompanha-se um desempenho crescente do país entre os Jogos Olímpicos de 1992 a 2000 (quando a China alcança o 3º lugar geral). Isso contribuiu para o presidente Jiang Zemin reconhecer oficialmente o chamado *Jugou Tizhi*, isto é, deixar claro o valor político do sucesso esportivo ao afirmar que todo o país apoiava o esporte de elite. Nesse contexto de euforia, Pequim foi eleita em 2001 a sede das Olimpíadas de Verão de 2008, favorecendo ainda mais o investimento esportivo.⁴ O grande intuito era superar a hegemonia dos EUA nos Jogos a serem disputados em casa, bem como aproveitar a oportunidade de passar uma nova visão sobre si mesma para o mundo:

Com investimento recorde de US\$ 43 bilhões, a China recebeu a 29ª edição dos Jogos Olímpicos precisamente às 8 horas, 8 minutos e 8 segundos do dia 8 do mês 8 do ano de 2008. Obviamente o culto ao número 8 não foi mero acaso. É um número que para a cultura chinesa significa sorte, prosperidade. De fato, a chegada das Olimpíadas internacionalizou a

4 Curioso notar, ainda, uma semelhança entre a China e o Brasil, nesse quesito. Em 2015, a delegação brasileira alcançou o 3º lugar no ranking dos Jogos Pan-americanos, ficando atrás apenas dos EUA e do Canadá. Essa honrosa posição teve a ver com o fato de o Brasil ser o país latino-americano que mais investiu em esportes (dados da Forbes de 2015 apontaram que os gastos do governo giraram em torno de 840 milhões de dólares). Outra questão importante foi o recebimento dos principais megaeventos esportivos em um curto espaço de tempo (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016). Em suma, percebe-se como essa “fórmula do sucesso” se repetiu nos dois países: gastar dinheiro com esportes próximo a período de megaeventos significa um retorno simbólico relevante para a nação.

cidade, a dotando de melhor infraestrutura viária. Os Jogos anunciaram uma "nova China", moderna e tecnológica.⁵

Já na cerimônia de abertura, um megaevento simultaneamente esportivo e político, os chineses destacaram o seu papel no sistema mundial ao contarem a própria história como se fosse a da humanidade inteira. Ressaltaram-se, ali, três aspectos importantes: (i) o papel decisivo da tecnologia; (ii) o paralelo entre a tradição e a modernidade e (iii) a escrita da história propriamente dita. Para simbolizar tais elementos, salientou-se a contraposição entre a Velha e a Nova Rota da Seda.

O termo "Rota da Seda" foi criado no século XIX pelo geógrafo alemão Ferdinand Von Richthofen e designava os antigos laços comerciais entre a Europa e a Ásia. Em 2013, a expressão foi ressignificada por Xi Jinping, segundo o qual era preciso construir "Um Cinturão, Uma Rota". Esse ambicioso projeto econômico está ligado sobretudo ao intercâmbio na área de infraestrutura, valorizando-se as semelhanças ao invés das diferenças e o compartilhamento de benefícios mútuos. Na tradição cultural chinesa, somente por meio da integração harmoniosa e pacífica entre as nações é possível alcançar a prosperidade material e espiritual. Assim, o "Cinturão Econômico da Rota da Seda do século XXI" visa abrir um novo capítulo da história mundial em termos geopolíticos, econômicos e culturais. Trata-se, pois, de uma oportunidade para a China estabelecer o protagonismo no âmbito das relações internacionais, através de uma governança global compartilhada (soft power). (XINHUA, 2016a).

Em um dos vários discursos do presidente Xi Jinping a esse respeito, ele comenta sobre as diretrizes do projeto:

Devemos perseverar no pensamento estratégico de que o desenvolvimento é o que conta e, na consideração da construção econômica como tarefa central, realizar a construção socialista nos campos da civilização econômica, política, cultural, social e ecológica, aprofundar a reforma e abertura, e promover o desenvolvimento científico, estabelecendo constantemente uma sólida base material e cultural para a materialização do sonho chinês. (XI JINPING, 2015, p. 50).

Em um contexto internacional marcado pela guerra ao terrorismo, iniciado após os ataques de 11 de setembro de 2001, nos EUA, os chineses reforçaram a questão da paz ao longo de vários momentos da cerimônia. Paralelamente, ostentaram poder, força e riqueza, demonstrando para o mundo a sua grandiosa visão imperial de civilização e propagandeando o seu pioneirismo nas tecnologias do futuro. De acordo com Uvinha (2009), responderam aos críticos da opinião pública internacional, que sempre colocaram o autoritarismo político e os problemas ambientais do país como entraves para a China receber os Jogos em outras ocasiões. Dito de outra forma, os chineses levaram o planejamento das Olimpíadas a sério e investiram pesado para que tudo saísse conforme o previsto (UVINHA, 2009).

É preciso ressaltar que, para além da importância de conquistar títulos e medalhas, o desenvolvimento do esporte chinês também tem sido enxergado como um motor da reforma política, ao alterar substancialmente o estilo de vida dos seus habitantes. Em reportagem de agosto de 2016, intitulada: "Pessoas em primeiro lugar: o desenvolvimento do esporte

⁵ Cf. Globo Esporte, 2018. Legado esquecido: dez anos depois de Pequim 2008, instalações olímpicas estão abandonadas.

na China como motor da reforma”,⁶ nota-se como essa responsabilidade estatal tem sido desempenhada com muita seriedade.

Desde que o país voltou a disputar as Olimpíadas, em 1984, o orgulho chinês nas variadas conquistas esportivas teve o seu ápice nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Verão em Pequim (2008), quando o país-sede liderou o quadro de medalhas em ambos os torneios.⁷ Aliás, nas competições para deficientes, a China tem se tornado uma potência graças aos investimentos estatais, bem como a propaganda em torno da sua valorização, cujo resultado tem sido um maior recrutamento de atletas e envolvimento do público.

Outrossim, a oportunidade de sediar esse megaevento foi encarada pelo governo como uma “ferramenta educacional”, tendo em vista o histórico preconceituoso em relação aos deficientes no país. De acordo com Guan Zhixun, professor da Faculdade de Esportes e Saúde da Zhejiang Normal University: “Isso foi uma novidade. O país não experimentou esse movimento antes, como países do Ocidente. A cultura tradicional da China via os deficientes como pessoas inúteis. Agora, os chineses começam a vê-los como pessoas que enfrentam desafios”.⁸

Nesse sentido, foi de suma importância uma instituição que nasceu pequena, visto que o movimento de pessoas com deficiência no país é recente, mas em pouco tempo desenvolveu uma estrutura expressiva (considerando o tamanho da China e o grande número de deficientes):

A Federação Chinesa de Pessoas com Deficiência, instituição semigovernamental, foi fundada em 1998 pelo filho de Deng Xiaoping (ex-líder chinês), Deng Pufang, que ficou paraplégico após ser torturado durante a Revolução Cultural, movimento sociopolítico lançado para preservar a “verdadeira” ideologia comunista. Segundo Guan Zhixun, a instituição teve papel central na melhora do desempenho da China na Paraolimpíada. A federação tem atuação em todo país, com braços regionais e locais. Por meio dela, o governo investe no atendimento às pessoas com deficiência, inclusive no treinamento de atletas e treinadores paraolímpicos. Dados de 2014 apresentados pela federação, por exemplo, mostram que naquele ano o país realizou 20 competições nacionais de esportes paraolímpicos, com a participação de mais de 6 mil deficientes. Já no nível municipal, foram promovidos 5.544 eventos, com participação de 694 mil pessoas.⁹

Após o auge do *Jugou Tizhi*, com a histórica campanha chinesa nas Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2008, esperava-se que o esporte perdesse a sua importância política, afinal de contas, o principal objetivo já havia sido alcançado. Entretanto, o que se viu foi a continuidade e um reforço desse sistema, na intenção de restaurar a “grande civilização chinesa”. Uma prova disso é o atual interesse do presidente Xi Jinping em utilizar o futebol como ferramenta para atrair investimentos e projetar o país externamente.

Além do “sonho das três Copas”, outro megaevento esportivo já está garantido na China: os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022. Dessa forma, Pequim se tornará a única

6 Cf. XINHUA PORTUGUÊS, 2016b. Pessoas em primeiro lugar: o desenvolvimento do esporte na China como motor da reforma (3).

7 Resultados da China no quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Verão (anos 2000): 3º lugar em Sydney/2000; 2º lugar em Atenas/2004; **1º lugar em Pequim/2008**; 2º lugar em Londres/2012; 3º lugar em Rio/2016. Resultados da China no quadro de medalhas dos Jogos Paraolímpicos de Verão (anos 2000): 6º lugar em Sydney/2000; 1º lugar em Atenas/2004; **1º lugar em Pequim/2008**; 1º lugar em Londres/2012; 1º lugar em Rio/2016. [Grifos nossos].

8 Cf. BRITISH BROADCASTING CORPORATION, 2016. Como a China se tornou a maior potência paraolímpica.

9 Cf. BRITISH BROADCASTING CORPORATION, 2016. Como a China se tornou a maior potência paraolímpica.

cidade no mundo a receber as edições de verão e inverno das Olimpíadas. E esse crescente interesse pelos esportes de inverno vai além da busca por medalhas. Segundo Liu Peng, diretor da Administração Geral de Esportes da China, ao se aproximar das grandes massas, “o desenvolvimento dos esportes de inverno na China pode melhorar a condição física e o estilo de vida da população”,¹⁰ isto é, servir ao povo chinês.

Somado a isso, pode alavancar a indústria de esportes de inverno direcionada a cidadãos comuns, conforme um exemplo dado por Cui Ping: “Como os chineses estão ficando mais ricos, mais e mais pessoas vão esquiar”¹¹. Em suma, de acordo com os dados apresentados pela reportagem a seguir, podemos concluir que:

"O ano de 2008 foi um marco, pois os Jogos Olímpicos deram à população uma nova visão sobre esporte", disse Song Hongfei, do grupo de marketing esportivo Wisdom Sports Group. Ele afirmou que as medalhas de ouro para grandes estrelas são ótimas, mas que o esporte também serve para ajudar as pessoas não atletas a se manter saudáveis e a se divertir. A companhia de Song organiza várias maratonas na China, onde as corridas entraram na moda. Mais de 1,5 milhão de pessoas participaram de mais de 130 delas em 2015. Fisiculturismo e outros esportes também estão em alta. Se as expectativas se confirmarem, 435 milhões de chineses praticarão esportes regularmente em 2020. Um plano publicado pelo gabinete chinês em 2014 estabeleceu como meta a produção industrial superar 5 trilhões de *yuans* por ano até 2025. O começo do plano tem sido animador. O setor de serviço da China, que inclui o esporte, respondeu por 56,9% do crescimento de 6,7% que o PIB apresentou no primeiro semestre de 2016. A China está se aproximando da meta de se tornar uma sociedade “*Xiao Kang*”, que significa “rica”, sendo que o significado literal de “*kang*” é “saudável”.¹²

Tudo começou pela educação, através do incentivo governamental ao esporte nas escolas. Preocupados com a condição física dos seus filhos, os pais apoiam tais medidas por entenderem que farão bem à saúde dos jovens. Ao passo que vem se tornando um hábito cultural, o esporte tem ganhado posição de destaque nos estudos universitários. Além disso, a China é o país que mais tem investido em ciência e em tecnologia, especialmente nas áreas de exatas e de engenharia. A tendência é aumentar, já que o governo entende ser fundamental estar à frente nas pesquisas para ditar as regras na geopolítica internacional.

Após essa breve explanação sobre a recente ascensão dos esportes na China, será abordada, no próximo tópico, uma modalidade específica, o futebol. Sendo assim, nosso objetivo é mostrar como o projeto esportivo chinês encontrou nesse jogo uma possibilidade de desenvolvimento econômico ainda maior, alcançando cifras impensáveis. Inicialmente, será apresentada a profissionalização do jogo no país e, em seguida, algumas explicações a respeito da agressiva participação financeira dos chineses na conjuntura atual do esporte bretão.

O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL COM PECULIARIDADES CHINESAS

A princípio, vale a pena dizer que durante aquele referido contexto de reforma dos esportes de elite, no início dos anos 1990, ocorreu simultaneamente a profissionalização do futebol na China. Conforme se vê em Rodrigues e Júnior (2018), pode-se elencar três fatores que contribuíram decisivamente nesse processo: (i) a criação de uma liga nacional (Super Liga

10 Cf. XINHUA PORTUGUÊS, 2016b. Pessoas em primeiro lugar: o desenvolvimento do esporte na China como motor da reforma (3).

11 Ibid.

12 Ibid.

Chinesa) semelhante às europeias; (ii) o protagonismo da iniciativa privada na administração dos clubes e na comercialização do esporte e (iii) a liderança da Associação Chinesa de Futebol (CFA) na organização do campeonato local, bem como no incentivo às categorias de base.

Nos primórdios de sua existência, a Série A da Super Liga Chinesa conseguiu um relativo sucesso financeiro e de público. Por exemplo, o campeonato obteve uma boa média de 20 mil pessoas por partida no seu primeiro ano. Ademais, as rendas empenhadas com bilheteria, publicidade, patrocinadores, direitos de transmissão etc., permitiram aos clubes uma relativa autonomia financeira. Ainda segundo Rodrigues e Júnior (2018), em apenas quatro anos, a China surpreendentemente saltou de 20 times profissionais para um total de 360, além de 1 mil jogadores registrados para uma quantia de 30 mil.

Se, por um lado, o futebol chinês alavancou nos anos 1990, por outro, alguns problemas internos e o desempenho ruim no âmbito internacional contribuíram para uma crise do futebol profissional. A título de exemplo, o selecionado nacional não se classificou para as Olimpíadas de 1996 e 2000, como também fracassou nas competições asiáticas e eliminatórias para a Copa do Mundo da FIFA de 1998.

Diante da insatisfação dos torcedores perante a baixa qualidade técnica do campeonato local, aumentaram-se as críticas quanto aos enormes salários dos jogadores e apontaram-se diversas falhas da Liga na condução das categorias de base. Além disso, no início dos anos 2000, começaram a eclodir escândalos de corrupção em todos os níveis de comando, tendo por consequência, uma perda significativa do valor de mercado, credibilidade e relevância da Super Liga Chinesa.

Somente em 2011 é que as ações de combate à corrupção começaram a surtir efeito, resultando em prisões de atletas, árbitros e até mesmo do vice-presidente da CFA, todos partícipes em algum grau dos esquemas ilegais de apostas e vendas de partidas. Após essas medidas punitivas, lideradas pelo governo chinês, a Super Liga começou a ganhar visibilidade internacional e o Guangzhou Evergrande venceu dois campeonatos continentais da Ásia. Portanto, aumentaram-se substancialmente os investimentos dos clubes e o valor de mercado dos elencos.

Outro dado importante é que, de acordo com Rodrigues e Júnior (2018), em 2017, a Super Liga Chinesa superou a tradicional La Liga Espanhola nos valores de transferências de jogadores (550 milhões de euros contra 508 milhões de euros, respectivamente). Dentre as maiores contratações de atletas, os brasileiros têm sido, recorrentemente, alvo preferencial dos chineses, por ainda serem considerados um celeiro de craques:

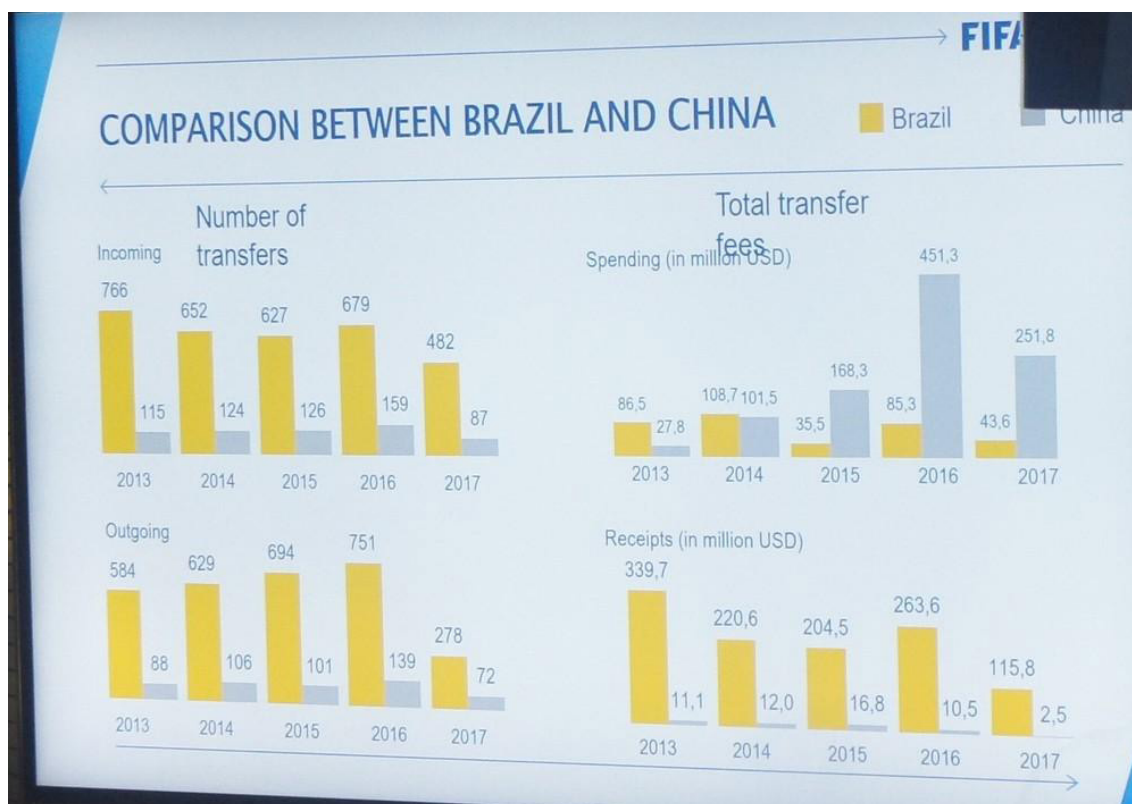
Muito dinheiro e jogadores brasileiros. A soma desses dois fatores é a estratégia usada pela China para evoluir o seu futebol desde 2013. É o que revela Kimberly Morris, chefe de Integridade e Compliance do Fifa TMS, o sistema de transferências usado por clubes de todo o mundo. Dados divulgados por ela indicam que os chineses gastaram 447 milhões de dólares só em atletas brasileiros desde 2013. Isso representa quase metade de tudo que foi gasto pelos times da China no período, que foi 997,8 milhões de dólares.¹³

O gráfico a seguir apresenta uma comparação entre o Brasil (coluna amarela) e a China (coluna cinza), e considera qualquer movimentação no mercado do futebol entre 2013 e 2017. À esquerda, há o número de transferências separado entre chegadas (acima) e saídas (abaixo).

¹³ Cf. GLOBO ESPORTE, 2017. China gastou 447 milhões de dólares só com jogadores brasileiros em cinco anos.

À direita, há a quantia em dinheiro (milhões de dólares): em cima, o total gasto e, em baixo, o montante recebido.

FIGURA 1 - COMPARAÇÃO ENTRE BRASIL E CHINA



Fonte: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/china-gastou-447-milhoes-de-dolares-so-com-jogadores-brasileiros-em-cinco-anos.ghtml>.

Após analisar os dados estatísticos acima, alguns apontamentos merecem destaque: (i) há uma relativa tendência de estabilidade das chegadas de atletas nos dois países, mas com o Brasil sempre obtendo números absolutos bem maiores que os da China; (ii) entre 2013 e 2016 observa-se uma crescente saída de jogadores brasileiros, até que em 2017 ocorre uma queda abrupta após o lançamento do Plano; (iii) o mercado chinês gastou vultosa quantia de dinheiro no período, sobretudo em 2016, porém não arrecadou tanto quanto o brasileiro. Como efeito, tamanha quantidade de recursos investidos no futebol também dilatou as dívidas dos clubes, fato que recentemente tem sido motivo de preocupação, tanto para a CFA, quanto para o governo. Dito de outra forma, os chineses gastam tal qual os europeus, porém sua arrecadação é muito menor, o que no futuro pode gerar uma perigosa bolha na economia.

Na intenção de conter esses gastos exorbitantes dos clubes chineses, em 2016, foi lançado pelo presidente Xi Jinping o *Plano de desenvolvimento do futebol chinês a médio e longo prazo (2016-2050)*,¹⁴ sobre o qual se debruçará adiante. Em termos de formatação, o documento conta com quatorze páginas e está dividido em cinco grandes seções: (i) Fundação de desenvolvimento; (ii) A ideia geral; (iii) Objetivos de desenvolvimento; (iv) A principal tarefa e (v) Políticas de apoio e medidas de salvaguarda. Cada uma dessas partes está dividida em tópicos que tratam mais detidamente sobre os assuntos, além de algumas ditas "Caixas", que funcionam como subtópicos para ilustrar a relação do 13º Plano Quinquenal do Partido

Comunista Chinês com os esportes.

Em linhas gerais, o *Plano* estabelece o “sonho das três Copas”: voltar a disputar, sediar e ganhar o Mundial até 2050. Sabe-se que, desportivamente, são metas ousadas, pois a China participou, até hoje, apenas de uma Copa do Mundo (em 2002, na Coreia do Sul e no Japão, perdeu os três jogos e não marcou nenhum gol). Além do fato de que a sua seleção não consegue ser uma potência nem mesmo no continente asiático. Porém, não se pode duvidar da capacidade de um país que leva seus planejamentos a sério, como foi visto na organização das Olimpíadas de 2008.

No *Plano de desenvolvimento do futebol chinês a médio e longo prazo (2016-2050)*, são apresentadas, detalhadamente, as atribuições da iniciativa pública e privada, capazes de garantir que esses sonhos se concretizem. Dois elementos importantes elencados no texto dizem respeito às categorias de base e ao desenvolvimento do esporte de massa. Dentre as suas principais medidas, destacam-se: (i) implementação do futebol no currículo do ensino médio; (ii) construção de campos de futebol e (iii) incentivo aos jogadores nativos em detrimento de contratações estrangeiras. Em termos estatísticos, é lícito confirmar isso quando o *Plano* ambiciona a criação de 20 mil escolas e 70 mil campos de futebol, totalizando um número de 30 a 50 milhões de jovens se dedicando regularmente à prática do esporte até 2020.

É interessante salientar, ainda, a estreita relação entre o Plano e a organização da Super Liga Chinesa. Regulamentou-se a política de taxaço das transferências, o controle do número de jogadores estrangeiros e o incentivo aos atletas abaixo dos 23 anos dentro da competição. Nele, estava estabelecido que as compras de jogadores acima do teto de 5,9 milhões de euros passariam a ser taxadas em 100% pela Associação Chinesa de Futebol. De imediato, isso acarretou uma queda acentuada de 68% no valor das transferências. Outra importante medida tomada foi a criação de um fundo de apoio às categorias de base do futebol chinês, projetando menos gastos e mais receitas com atletas no futuro.

A intenção chinesa com o Plano é desenvolver vigorosamente a indústria de serviços do futebol. Basta se verificar que o país pretende criar um mercado esportivo de aproximadamente 813 bilhões de dólares até 2025, sendo que o futebol representaria 43% desse total. Primeiramente, tendo melhores jogadores na Super Liga, as partidas de alto nível promoveriam o crescimento das transmissões televisivas, da publicidade e dos serviços de rede. Isso abriria caminho para o entretenimento de massa, estimulando internamente a produção, a circulação e o consumo dos suprimentos de futebol: roupas, lembranças, bilhetes de loteria, equipamentos, instalações, e-sports etc. Por fim, setores como agenciamento, treinamento, pesquisa, operacional e financeiro também seriam impulsionados nos bastidores desse mercado futebolístico.

Indubitavelmente, o presidente Xi Jinping é um entusiasta do futebol, mas devemos entender que a escolha desse esporte não se deu de maneira arbitrária ou despreziosa. Por se tratar do jogo mais popular do planeta, a China busca aliar o futebol à sua estratégia de acumulação, usando o chamado *soft power* (poder de influência). Em outras palavras,

O exercício do *soft power* no esporte não ocorre apenas na organização dos megaeventos esportivos. Ao aliar os mecanismos de *soft power* com as técnicas de marketing para criar uma marca (“branding”) de uma nação e assim mudar a visão da opinião pública internacional – “nation branding”. O conceito de “nation branding” também é encontrado em Peter Van Ham, mas com outra denominação. Em artigo na *Foreign Affairs*, Van Ham escreveu sobre “A ascensão do Estado marca” (“brand state”) e diz que “brand state” compreenderia a ideia

que o mundo exterior teria a respeito de um país em particular. Para Van Ham, há marcas que devido à sua imagem e reputação terminam simbolizando seus países no mundo. (RODRIGUES; JÚNIOR, 2018, p. 36).

Trata-se, pois, de um objetivo econômico e diplomático que se pauta numa intensa relação entre passado, presente e futuro. Ou seja, baseada em experiências históricas anteriores, a China também enxerga possíveis alianças comerciais (com o Irã, por exemplo, um importante parceiro para a concretização da Nova Rota da Seda) que podem ser forjadas por meio dos esportes. Além do mais, sediar e conquistar uma Copa do Mundo pode ser uma oportunidade única para reafirmar o lugar da China como uma potência global e atrair a atenção de novos investidores, comerciantes e turistas estrangeiros.

Vale a pena dizer, ainda, que todos os esforços do governo chinês foram realizados de acordo com o novo padrão de acumulação definido pela cadeia global de valor. Esta amplifica as atividades e os serviços que incrementam maior valor na produção, a saber: *marketing*, *branding* e direitos televisivos. Por exemplo, muitos times da Super Liga Chinesa são vinculados a empresas produtivas do país e o futebol auxilia na valorização das suas marcas e projeção desses clubes a nível internacional.

Outra evidente demonstração do envolvimento do capital chinês no mercado futebolístico atual tem sido o grande investimento da iniciativa privada em clubes estrangeiros, principalmente a partir de 2015. Dentre os motivos mais relevantes para tais empreendimentos, observa-se uma enorme rentabilidade financeira, a formação de um *know-how* e o avanço das categorias de base. Portanto, essa referida compra de times internacionais evidencia que as empresas chinesas estão cada vez mais buscando fontes alternativas de renda (serviços, tecnologia, inovação etc.), de sorte que o futebol possui um pouco de cada uma dessas variáveis.

Percebem-se, ainda, outras características desse modelo acumulativo trazido pelo futebol: o crescimento da renda *per capita* e do consumo doméstico. Eles não se configuram como fatores determinantes do processo em si, mas são importantes para criar condições favoráveis aos investimentos. Para tanto, é preciso desenvolver uma "cultura do futebol", na qual as famílias tenham renda suficiente para consumir esse bem de luxo (classificado economicamente desta forma por não ser indispensável à sobrevivência).

Contudo, essa missão é árdua e complexa, na medida em que a superação da força europeia no esporte exige muito mais do que simplesmente investimento e planejamento. É necessário que o governo chinês consiga propagandear o futebol como um objetivo coletivo e nacional para, definitivamente, inseri-lo na cultura local. À vista disso, o Plano estabelece "um conceito de futebol saudável, feliz e agressivo" relacionado ao "espírito esportivo de trabalho duro, progresso, unidade e cooperação"; aspectos tão característicos da sociedade chinesa. Dessa forma, pretende-se difundir o papel positivo e civilizatório do futebol, por meio do respeito às regras do jogo, a fim de contribuir para o bem da coletividade, aprimorando o sentimento de honra e orgulho nacional. A respeito da necessidade de se estabelecer uma hegemonia cultural no país, o presidente Xi Jinping proferiu o seguinte discurso:

O aumento da força branda da cultura nacional é importante para a realização dos objetivos

da luta dos dois centenários¹⁵ e o sonho chinês da grande revitalização da nação chinesa. Devemos levar a cabo a cultura socialista avançada, aprofundar a reforma do regime cultural, promover o grande desenvolvimento e o florescimento da cultura socialista, promover o vigor criativo cultural de toda a nação, promover a prosperidade integral das atividades culturais e o desenvolvimento acelerado da indústria cultural, enriquecendo constantemente o mundo espiritual do povo, acentuando incessantemente sua força espiritual e promovendo continuamente a força integral da cultura e sua competitividade, para marchar incansavelmente em direção à meta de tornar nosso país um forte país socialista na cultura (XI JINPING, 2015, p. 201).

É sabido que, desenvolver satisfatoriamente a hegemonia cultural de um esporte de massa em um país, como é o caso do basquete nos EUA, ou o futebol no Brasil, exige tempo e uma série de outros fatores que muitas vezes estão longe de serem previsíveis. Observando a própria história da criação da Liga dentro da China, vê-se um aumento da popularidade do futebol, por meio da presença maciça de torcedores nos estádios, ainda que tenha ocorrido uma série de turbulências para a competição se consolidar. E essas dificuldades são vistas até hoje, por exemplo, como uma certa resistência de as crianças chinesas praticarem o esporte por considerarem chato ou muito profissional.

Logo, torna-se ainda mais relevante verificar essa aplicação volumosa de dinheiro dos clubes na popularização do futebol, a fim de que a Super Liga tenha qualidade e consiga competir com os tradicionais times europeus. O problema é que, se não ocorrer uma promoção dos atletas de base chineses, ficarão reféns das compras de jogadores estrangeiros. Por essa razão, a atuação regulatória do governo, através do *Plano*, mostra-se fundamental nos objetivos a longo prazo, à proporção que condiciona as contratações milionárias ao investimento na formação das crianças locais.

Por fim, é relevante ressaltar, ainda, a estreita relação entre a China e FIFA, que vem se intensificando nos últimos anos. Politicamente, o presidente da Confederação Asiática de Futebol é o chinês Jilong Zhang e o secretário-geral da CFA tornou-se um dos membros do Conselho da FIFA, demonstrando a força do país nas decisões da entidade máxima do futebol. Economicamente, as empresas chinesas representam o maior volume de patrocínios das competições organizadas pela FIFA, tendo sido responsáveis por cerca de 37% do montante no Mundial da Rússia, em 2018.¹⁶ Desportivamente, a China candidatou-se como a sede do Mundial de Clubes em 2021, o primeiro a ser disputado no formato quadrienal, o que indica uma provável futura recepção da sonhada Copa do Mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a China tem intensificado, nos últimos anos, sua relação com os esportes, sobretudo a partir do sucesso na gestão do megaevento em 2008. Desde as Olimpíadas de Verão de Pequim, quando pela primeira vez o país terminou à frente dos EUA no quadro geral de medalhas, passando pela candidatura às Olimpíadas de Inverno de 2022, investiu grandes quantias em dinheiro para entrar definitivamente no rol das nações esportivas.

15 Os dois centenários referem-se, respectivamente, ao centenário de fundação do Partido Comunista Chinês, em 2021, e ao centenário de fundação da República Popular da China, em 2049.

16 “As chinesas Wanda, Hisense, Vivo, Mengniu, Yadea, Luci e Diking foram sete das 19 patrocinadoras da Copa 2018. Juntas, as sete empresas chinesas representam um aporte financeiro de US\$ 835 milhões para a competição da FIFA. Quantia que contribuiu para que o faturamento global da competição atingisse os valores de US\$ 6,12 bilhões e, assim, superasse em US\$ 500 milhões, o arrecadado em 2014” (RODRIGUES; JÚNIOR, 2018, p. 44).

Além disso, a influência global do futebol chinês tem sido vista, neste início de século, graças às compras bilionárias de times, de jogadores e de técnicos do mundo todo, impulsionada pelo crescimento econômico do país, que incentiva a participação do setor privado. Entretanto, pode ser visto que tal prática tende a diminuir por causa do início da cobrança de impostos sobre aquelas transações, o que não acontecia anteriormente.

É possível constatar, portanto, que o grande passo esportivo do governo, dado pós-Olimpíadas, foi a elaboração do *Plano de desenvolvimento do futebol chinês a médio e longo prazo (2016-2050)*, idealizado por Xi Jinping e que recebeu o aval do Comitê para a Reforma. A estratégia chinesa é influenciar a população local aficionada por futebol, assim como o resto do mundo, através das suas conquistas nos gramados. Na visão dos idealizadores desse projeto, não é aceitável que a 2ª maior economia mundial seja apenas a 82ª força no esporte mais popular de todos. Isso porque, apesar dos reconhecidos avanços, tanto os clubes quanto a seleção chinesa continuam sendo decepcionantes em termos de desempenho nas principais competições que disputam.

Em suma, intentou-se destacar, neste artigo, a trajetória dos esportes em países socialistas, a fim de evidenciar os esforços do governo chinês em promover tamanha estratégia futebolística em médio e longo prazo. Isso foi feito no sentido de contribuir para elucidar o atual cenário geopolítico e econômico do país, destacando o papel que os esportes desempenham nesse processo e, finalmente, atentando para o caso do futebol propriamente dito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Ministério das Relações Exteriores**. In: Gov. br. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>. Acesso em: 12 set. 2019.
- BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais: a longa duração**. In: **Escritos sobre a história** (2ª ed.). São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRITISH BROADCASTING CORPORATION. **Como a China se tornou a maior potência paraolímpica**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37395777>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- BRITISH BROADCASTING CORPORATION. Disponível em: http://portuguese.xinhuanet.com/2016-08/08/c_135561074.htm. Acesso em: 03 dez. 2019.
- BRUCKMANN, Monica. **Recursos naturales y la geopolítica de la integración sudamericana**. Perúmundo: Lima, 2012.
- CHARLE, Christophe. **A Gênese da Sociedade do Espetáculo: teatro em Paris, Londres, Berlim e Viena**. In: Cia. das Letras. São Paulo, 2012.
- CHINESE FOOTBALL ASSOCIATION. In: The CFA. Disponível em: <http://www.thecfa.cn/gzzg/index.html>. Acesso em 13 nov. 2019.
- DAMO, Arlei Sander. **O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica**. Razón y Palabra, Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey (México), v. 14, n. 69, jul./ago. 2009.
- EDELMAN, Robert. **A history of spectator sport in the URSS**. In: Serious fun. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.
- FEDERAÇÃO CHINESA DE FUTEBOL. Disponível: <https://es.fifa.com/associations/association/chn/news/>. Acesso em: 03 out. 2021.
- FORBES. **Brasil é país latino-americano que mais investe em esportes**. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2015/07/brasil-e-o-pais-latino-americano-que-mais-investe-em-esportes/>. Acesso em: 03 out. 2021.
- FRANK, André Gunder. **El sistema mundial de los 5000 años**, 1993.
- FRANK, André Gunder. **Tigre de papel, dragão de fogo**. Aportes, Revista de la Facultad de Economía, BUAP, ano 10, n. 29, mai/ago. 2005.
- FREITAS, Ricardo Ferreira Freitas; LINS, Flávio; SANTOS, Maria Helena Carmo dos. **Megaeventos: motores de transformação social**. Anais do XXIII Encontro Anual da Compós. Pará, p. 1-17, mai. 2014.
- GLOBO ESPORTE. **China gastou 447 milhões de dólares só com jogadores brasileiros em cinco anos**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/china-gastou-447-milhoes-de-dolares-so-com-jogadores-brasileiros-em-cinco-anos.ghtml>. Acesso em: 13 dez. de 2019.
- GLOBO ESPORTE. **Legados esquecidos dez anos depois de Pequim 2008 instalações estão abandonadas**. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/legado-esquecido-dez-anos-depois-de-pequim-2008-instalacoes-olimpicas-estao-abandonadas.ghtml>. Acesso em: 03 out. 2021.

- KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia e triunfo do espetáculo**. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MARICATO, Erminia. **A copa do mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências**. In: SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Fabrício Leal de; NOVAIS, Pedro (orgs.). Niterói: Editora da UFF, 2014.
- MATIAS, WAGNER BARBOSA. **A economia política do futebol e o "lugar" do Brasil no mercado-mundo da bola**. In: Repositório Unb. https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/78/29/07/fifastatutswebes_spanish.pdf. Acesso em: 03 out. 2021.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A China como um duplo pólo na economia mundial e a recentralização da economia asiática**. In.: LIMA, Marcos Costa (org.). **Dinâmica do capitalismo pós-guerra fria: cultura tecnológica, espaço e desenvolvimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia (orgs.). **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- OLIVEIRA, Nelma Gusmão de; VAINER, Carlos. **Megaeventos no Brasil e no Rio de Janeiro: uma articulação transescalar na produção da cidade de exceção**. In: Anpuh, 2021.
- PIZARRO, Juliano Oliveira. FIFA e o *soft power* do futebol nas relações internacionais. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2017.
- PRICEWATERHOUSECOOPERS. **24th Annual Global CEO Survey**. In: PWC. Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/ceo-agenda/ceosurvey/2021.html>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- RODRIGUES, Carlos; JÚNIOR, Emanuel Leite. **A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês**. Revista FuLiA/UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 28-50, mai./ago. 2018.
- RODRIGUES, Mariana Ramalho. **O poder institucional da FIFA como um ator não estatal na política internacional**. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.
- ROSS, J. Andrew. **A Companion to American Sport History**. In: RIESS, Steve. . Maden, EUA: Wiley Blackwell, 2014.
- SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Fabrício Leal de; NOVAIS, Pedro (orgs.). **A copa do mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências**. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- SANTOS, João. **O Monopólio dos Esportes: uma comparação da organização dos esportes comercializáveis nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil (1870-1920)**. História Econômica & História das Empresas. v. 15, n. 2, 2012, p. 47-80.
- SANTOS, Milton. **Los espacios de la globalización**, 1993.
- SCOTT, Peter; WALKER, James; MISCALL, Peter. **British working-class household composition, labour supply, and commercial leisure participation during the 1930`s**. Economic History Review, v. 68, n. 2, 2015, p. 657-682.
- SURDAN, George. **Century of the Leisured Masses: Entertainment and the Transformation of Twentieth-Century America**. The Economics of Leisure, New York: Oxford University Press, 2015.

SZYMANSKI, Stefan. **Economics and (Modern) Sports History**. *In*: The International Journal of the History of Sport, 2015, v. 32, n. 15, p. 1775-1777.

THE INTERNATIONAL MONETARY FUND. *In*: IMF. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/AREB/Issues/2016/12/31/From-Stabilization-to-Sustainable-Growth>. Acesso em: 27 set. 2020.

TSÉ-TUNG, Mao. **Obras escolhidas de Mao Tsé-Tung**, Pequim, 1975, Tomo I.

UVINHA, Ricardo. **Os megaeventos esportivos e seus impactos: o caso das Olimpíadas da China**. *Motrivivência*, ano XXI, nº 32/33, p. 104-125, jun./dez. 2009.

XI JINPING. *El sueño chino*, 2015.

O FUTEBOL E O RÁDIO: AUDIÇÃO COLETIVA, REDES NACIONAIS E O ESPORTE NA INCONFIDÊNCIA

LUIZ OTÁVIO CORREA
Universidade Federal Fluminense
lo.correa@hotmail.com

RESUMO

Este artigo pretende discutir a relação entre o rádio e o futebol. O caminho escolhido foi a História Social, observando tanto o esporte quanto o meio de comunicação nas suas relações com o seu tempo histórico e com as apropriações realizadas pelas pessoas comuns, através das práticas esportivas e comunicativas que estão imbricadas. Ao pesquisar a relação entre o rádio e o futebol, estudamos também os processos de constituição das tradições, as apropriações dos espaços urbanos e a maneira como os meios de comunicação deslocam as experiências para uma outra dimensão. Na parte final do artigo, retomamos, em outra perspectiva, a pesquisa que realizamos sobre a Rádio Inconfidência, inserindo-a em um contexto histórico mais amplo. O futebol nasce da vivência coletiva e cotidiana, como uma prática de grupos sociais, mas o rádio o transforma em um elemento de reconfiguração da própria experiência das pessoas comuns, consolidando o futebol no Brasil como um elo entre os indivíduos, nas várias mediações que realizam no seu dia a dia. Constatamos que a formação das redes para as transmissões dos jogos levou o futebol para além de sua realidade local e fez com essa prática se desenvolvesse em todo país. Assim, a população distante dos estádios podia agora se apropriar do futebol, à sua maneira, em uma relação mediada pela oralidade, proporcionada pela linguagem do rádio.

Palavras-chave: Rádio; Futebol; Rádio Inconfidência; Mediações; hegemonia.

Recebido em 28 de novembro de 2020.

Aprovado em 14 de março de 2021.

FOOTBALL AND RADIO:
AUDITIONS, NATIONAL
NETWORKS AND SPORT ON
INCONFIDÊNCIA

LUIZ OTÁVIO CORREA
Universidade Federal Fluminense
lo.correa@hotmail.com

ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between radio and football. The methodology chosen is concerning Social History, observing the sport as means of communication in their connections with their historical time and with the reception by ordinary people, through the sports and communicative practices that are linked. Researching the relationship between radio and football, we also studied the processes of constitution of traditions, the appropriation of urban spaces and the way in which the media move experiences to another dimension. In the end of this article, we resumed, from another perspective, the research we carried out about Rádio Inconfidência, linking it to a broader historical context. Football arises from collective and everyday experience, as a practice of social groups, but the radio changed it into an element of adaptation of ordinary people's experiences; it strengthens football in Brazil as a bond between individuals, in the accomplishments they carry out in their day-to-day lives. We found out that the formation of networks for broadcasts contributed to the football development and propitiated its expansion throughout the country. Therefore, the population outside stadiums began to enjoy football in their own way, in a relationship mediated by the orality provided by the language of the radio.

Keywords: Radio; Football; Rádio Inconfidência; Mediations; hegemony.

INTRODUÇÃO

A história social costuma deslocar o seu olhar para as praças, tentando ver as ações daqueles que muitas vezes não são visíveis. No caso da prática da audição do rádio, a pesquisa histórica poderia contribuir para o entendimento de como a vida dos ouvintes foi modificada pela presença desse meio eletrônico. O entrelaçamento da história do processo de audição popular das emissoras de rádio com a história do futebol pode permitir a compreensão de como a prática e o consumo desse esporte foram modificados pela presença desse meio de comunicação. A partir dessa metodologia é possível entender também como os ouvintes passaram a vivenciar, a distância, as transmissões dos jogos, imaginando o que estava acontecendo nos estádios, através da mágica oralidade proporcionada pela maneira como os radialistas construam as paisagens sonoras.

Vendo o mundo a partir da *geral*,¹ poderíamos pensar que a prática esportiva é também uma relação de apropriação e que o futebol teve as suas origens em várias mediações culturais (nas ruas, praças e portos) e não somente no monopólio excludente pretendido pelas elites europeias que formalizaram a sua inserção no Brasil (SILVA, 2006, p. 28). Este trabalho (de apropriação e construção das representações sobre “de quem” é o futebol) denota as tensões da própria noção do que é ser brasileiro. Esse processo constitui-se como uma relação dialética, que envolve outras mediações, tais como a formação social dos clubes, a presença do futebol na imprensa e, no nosso caso, a novidade da mediação pelo rádio, que se tornaria importante no Brasil, nos anos de 1930. Nesse tempo, esse meio transformou-se em um elemento da modernidade pretendida pelo regime varguista que chegou ao governo naquele ano e o futebol, tal como o samba, em um elemento da nacionalidade. Todos eles juntos denotam uma nova realidade constituída, que queria se impor como uma nova hegemonia, uma nova forma de se pensar uma forjada identidade nacional.²

O objetivo deste trabalho era, inicialmente, apresentar os resultados da pesquisa de doutoramento, que se findou a pouco, sobre a Rádio Inconfidência de Minas Gerais. Mas, ao revisitar as fontes, outras questões foram aparecendo e, dessa forma, o artigo tomou um rumo diferente do que havia sido pensado anteriormente. A proposta anterior, tinha como ponto de partida o esporte nessa emissora. A Rádio Inconfidência continua presente, mas

1 Termo que designava o local onde as camadas mais pobres eram mais presentes nos estádios por ter preço do ingresso mais acessível. Os torcedores da *geral* costumavam ser chamados de *geraldinos*, em determinados estádios.

2 O conceito de hegemonia usado neste artigo remonta à tradição gramsciana, (2017, 2004) já muito debatida e que consideramos não haver tempo para uma discussão sistemática neste artigo. Mas seria interessante dizer que procuramos entender como a hegemonia se constitui como um processo histórico, seguindo os passos de E.P Thompson (2012), bem como os meios de comunicação são responsáveis pela reorganização da vida das pessoas e dos seus modos de vida, como foi no caso da urbanização no Brasil a partir da década de 1930. Portanto, temos em mente que o conceito de hegemonia em Gramsci refere-se à construção das concepções de mundo, no jogo político do controle sobre o senso comum pelos grupos dominantes. Partimos do pressuposto de que o processo de urbanização ocorrido no Brasil durante o século XX é também um momento de reorganização dos modos de vida e que o rádio contribui para tal fenômeno, o da educação das classes trabalhadoras para a vivência nas fábricas e para a reorganização do seu lazer, momento em que o futebol se insere. Essa organização da realidade pelos grupos de poder dirigentes pressupõe a disciplinarização e controle sobre corpos e mentes (THOMPSON, 2012). Mas é também um processo aberto para subversões e conflitos, pois é feito pela ação das pessoas nos processos históricos. O futebol e o rádio são mediadores da constituição do senso comum, mas também espaços de conflitos e mudanças, como nos mostrou Euclides Couto, nas suas pesquisas (2014), no caso do primeiro elemento mediador. Portanto, o futebol e o rádio não podem ser tratados como um entretenimento vazio, mas como espaços de disputa e reverberação dos conflitos das sociedades, das classes e dos grupos de poder. Ver: Martín-Barbero (1997) e Williams (2011).

resolvemos, agora, conjugá-la ao atrelamento do futebol ao rádio, delimitando a pesquisa de 1929 a 1940. Mais do que pensar na rádio em si, pretendemos observar como as pessoas comuns foram aderindo a este esporte, à medida que ele ia sendo transmitido para todo o país, pelo rádio.

As fontes consultadas permitiram constatar que, nos anos de 1930, o futebol já era capaz de reunir multidões nas ruas, primeiro, por causa dos jogos da seleção nacional brasileira e, segundo, pelo crescimento dos clubes que se profissionalizaram naquela década. Não estamos supondo que haja uma relação de causa e efeito entre a popularização do futebol e o desenvolvimento do rádio. Entre esses elementos mediadores, existe uma rede de outros que se coadunam, um processo histórico e amplo em que a cultura tem um papel fundamental. Como nos ensinou Raymond Williams e Jesús Martín-Barbero, as relações entre os meios de comunicação e a sociedade se dão em uma relação dialética e envolvem processos de negociação amplos, que começam nas ruas, nas praças, nos bares, no lar, na vida cotidiana das pessoas. As práticas esportivas, as práticas de audição, bem como o desenvolvimento das indústrias em torno desses fenômenos foram potencializadas e deslocadas para além do local com o desenvolvimento do rádio. Mas a popularização desse esporte não se iniciou com esse meio de comunicação eletrônico, apenas foi deslocada para além do local em que se dava, ganhando outros contornos.³ Na década de 1930, alinhou-se a esse processo a chegada de Vargas ao poder, fenômeno que reconfigura o rádio e o futebol como elementos presentes na constituição da nacionalidade nas representações da brasilidade.

É preciso dizer que utilizamos recortes dos jornais da época como fontes para a nossa pesquisa. Existem raros arquivos sonoros sobre o tema e resolveu-se então ler o rádio através da sua reverberação nos jornais da época, que funcionava de maneira circular com o rádio, meio eletrônico que se firmava no Brasil no momento. Os recortes escolhidos nos jornais são os de maior circulação, mas não excluímos aqueles de pequena tiragem, quando ofereciam pistas interessantes para a nossa pesquisa. Há, logicamente, uma prevalência dos jornais do sudeste, o que denota uma limitação na pesquisa, por nós reconhecida, neste texto. Vale a pena pensar no que estava ocorrendo no resto do país, para além do eixo Rio-São Paulo ou Minas Gerais.

É necessário ressaltar a importância da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para a pesquisa, pois ela permitiu o cruzamento dos dados e das perguntas que fazíamos para este texto. Tínhamos em mente, como deve ser toda operação historiográfica, que os jornais proporcionariam observar o rádio daquela época que escolhemos, mas tanto um meio quanto o outro foram lidos de maneira crítica, inserindo-os na lógica industrial da produção de notícias, na forma que ela tomava em seu tempo.⁴

AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

A trajetória do artigo começa em 1929, quando as transmissões das partidas do futebol começam a aparecer nos jornais da época, mesmo antes da instauração do governo de Vargas.

³ Cf. AMARAL; COUTO (2019).

⁴ “O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.” (LE GOFF, 1996.)

Não procuramos fazer o trabalho de detetive para saber, por exemplo, qual foi a primeira transmissão radiofônica do futebol. Partimos do que diziam as nossas fontes consultadas, os jornais da época, quando as transmissões, portanto, ganharam importância na imprensa. Pode ser que alguma outra data anterior seja a da primeira transmissão, mas para os propósitos deste artigo, é mais relevante entender quando o futebol e o rádio começam a se tornar elementos que transcendiam os seus locais de origem para se tornarem elementos de massa e da nacionalidade.

Nas fontes que consultamos, as primeiras transmissões de futebol passam a acontecer e a reverberar nos jornais a partir de 1929. Lia Calabre (2002) apontou o ano de 1927 como a primeira transmissão realizada pelo rádio; já Edileuza Soares (1994) nos informa que as primeiras experiências de notícias sobre o futebol no rádio já começam a aparecer no ano de 1924. No entanto, Soares nos diz também que a narração pioneira, que vai marcar o início da maneira como se passaria a narrar os jogos, se dá em 1931, quando se criou um segmento, um gênero específico, quando o rádio deixou de ser um “repetidor de notícias”. (SOARES, 1994, p. 13)

Embora as transmissões ainda possuíssem um formato informativo, as notícias eram capazes de levar grande número de pessoas às ruas. Os alto-falantes colocados nas ruas para se ouvir os jogos pelos meios de comunicação de massa da época nos permitiriam dizer que, mesmo não tendo um formato de narração que conhecemos hoje, as rádios eram capazes de mobilizar a aglomeração de pessoas nas ruas; isso ocorria em várias cidades do Brasil durante os jogos da seleção nacional e também nos estaduais. Partimos da perspectiva de que as transmissões mediadas tinham um relevante impacto nas ruas e praças das cidades e que o rádio alcançava, já no final da década de 1920, públicos ampliados, sem pretender entrar na polêmica sobre o pioneirismo da primeira transmissão que, para os propósitos deste artigo, não é o mais importante.

Como exemplo desse impacto, parece ter causado uma grande expectativa a possibilidade da transmissão do jogo, pela Rádio Club do Brasil,⁵ de partidas entre clubes cariocas e agremiações internacionais, em julho de 1929,⁶ ou entre a seleção paulista e o time do Rampla Juniores, em fevereiro do mesmo ano. Segundo o relato do jornal *Diário Carioca* a irradiação realizada pela emissora resultou em inúmeros pedidos, feitos por telefone, carta, telegrama, solicitando à rádio uma nova transmissão. O jogo foi retransmitido pela Rádio Educadora Paulista⁷ e essa emissora entrou em contato posterior com a rádio carioca, relatando, já no final da década de 1920, a grande aglomeração de pessoas nos pontos de retransmissão pelos alto-falantes para acompanhar as chamadas “pugnas de football”. Como dizia o jornal do Rio de Janeiro:

uma multidão incalculável assistia em São Paulo o desenrolar da pugna descripta com fidelidade pelo speaker da rádio Club do Brasil que mereceu por isso calorosos cumprimentos. Na frente da sede da Rádio Club outra multidão formidável assistia com vivo entusiasmo o referido jogo que era transmitido à rua por possantes alto-falantes. Enquanto isso um representante da Agência Americana e outro de “La nación” de Buenos Aires transmitiam da sede

5 A Rádio Club foi uma das primeiras emissoras do Rio de Janeiro, tendo sido inaugurada em 1º de outubro de 1924. Foi pioneira nas transmissões esportivas como estamos tentando demonstrar nesse texto.

6 MAIS um goal da Radio Club do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 97, n. 179, p. 13, 27 julho, 1929.

7 Rádio que começou as suas transmissões em 30 de novembro de 1923 em São Paulo. A Rádio Club e a Educadora de São Paulo também foram pioneiras nas transmissões em rede, nas transmissões esportivas.

do Rádio Club do Brasil a descrição completa do jogo para os seus jornaes.⁸

Além do impacto nas cidades, que pode ser notado na matéria, outro indício importante pode ser detectado, que é o fato de que os meios de comunicação começavam a se entrelaçar e a reverberar uns nos outros, uma retroalimentação que iria desembocar na formação de indústrias midiáticas, mais consolidadas na década seguinte. Um outro aspecto é que as irradiações já chegavam a outros países, como nesse caso citado.

As fontes que consultamos também nos sugerem que alguns clubes de futebol demonstravam insatisfação em relação às irradiações esportivas, com receio de perder a receita que resultava da presença das pessoas nos estádios. Foi o caso, por exemplo, além de outros que encontramos, da proibição da Rádio Club de transmitir a partida entre a seleção carioca e o time italiano do Bolonha, no estádio do Botafogo. O clube não permitiu sequer a retransmissão para São Paulo, pela Rádio Educadora Paulista.⁹

Em dezembro, a Rádio Club obteve a autorização para a transmissão, pela *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), do jogo entre a seleção carioca e a paulista e, dessa forma, dizia o jornal *A Batalha*, “teremos pelo rádio o desenrolar da sensacional partida”, que poderia definir o título de campeão brasileiro do ano de 1929. A transmissão entre as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo se deu por um sistema de telefonia que mantinha os paulistas informados do que ocorria no Rio de Janeiro por ocasião do jogo, através de um sistema de alto-falantes instalados no estádio do Palmeiras.¹⁰ A informação não vinha por rádio, mas pode ser que tivesse sido retransmitida pelas rádios locais, já que era uma iniciativa da *Associação dos Chronistas sportivos* de São Paulo.¹¹

O conflito entre as emissoras e os clubes de futebol pelo controle das transmissões ligava-se ao fato de que as partidas deste esporte começavam a ser vistas como um negócio, apesar das dificuldades instituídas pelo decreto 16.557, de 1924, que limitava a publicidade nas emissoras e a comercialização dos reclames,¹² embora elas ocorressem em 1929, sendo que as próprias emissoras de rádio anunciavam os espaços publicitários nos jornais, como no evento da irradiação da partida entre as seleções paulistas e cariocas, onde pudemos constatar os valores cobrados para a publicidade nos jogos e como eram classificados na ordem de importância: “os preços para os reclames nessa irradiação especial são os seguintes: na vespéral 20\$000 por vez e no football 40\$000 por vez.”¹³

De maneira geral, as fontes consultadas indicam que as transmissões eram bem-vistas pelos jornais da época. Nesse aspecto, por exemplo, o texto do *Diário Carioca* em 1929, criticava os clubes por não permitirem que a Rádio Club pudesse realizar a irradiação da

8 A ÚLTIMA transmissão do jogo internacional de Futebol. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, n. 190, p. 4, 24 fevereiro, 1929. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093092_01/2183. Acesso em:

9 SEM fio. A noite. Rio de Janeiro, n. 6354, p. 4, 28 julho, 1929.

10 O telefone, que tinha por finalidade o uso privado, naquele momento tinha seu uso amplificado por meios de comunicação que expandiam o seu uso. O uso do meio depende das circunstâncias históricas e do seu desenvolvimento em uma situação histórica, na relação com a sociedade. (WILLIAMS, POOL, 1992)

11 IRRADIAÇÃO do jogo Rio São Paulo. *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 23727, p. 12, 4 dezembro, 1929. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_07/38852. Acesso em: 24 nov. 2020.

12 Como nos informa Lia Calabre, “O decreto-lei n.16.657 (15.11.1924) determinava que “O Governo reserva para si o direito de permitir a difusão rádio-telephonica (broad-casting) de anúncios e reclames comerciais”. (CALABRE, 2002)

13 SEM fio. A noite. Rio de Janeiro, n. 06509, p. 4, 28 de dezembro, 1929.

partida diretamente dos estádios, nem sequer para outros estados, realizando “a descrição das fases da empolgante partida internacional”. Como dizia o jornal, a negativa tinha “ordem financeira”, ou seja, o receio de que a arrecadação do certame ficasse prejudicada pela transmissão das rádios.¹⁴

O jornal defendia as irradiações, afirmando que a multidão não deixaria de “ir assistil-a para ficar em casa, ouvindo pelo rádio”. Ao contrário do que achavam os clubes, defendia o noticioso, o rádio funcionaria como um elemento propagador da prática esportiva, pois quem nunca viu uma partida, ficaria curioso por vê-la e seria, na perspectiva da nossa fonte, um “futuro expectador”. A irradiação faria, portanto, a propaganda do futebol e teria o papel “civilizador” de elevação desse esporte. Na visão do escritor do texto, o Brasil estava atrasado em relação a outros países, pois havia apenas quatro estações de broadcasting no Rio de Janeiro e que eram poucos os “amadores, que têm aparelhos em suas casas, não chegam a 70 mil para uma cidade de 2 milhões de habitantes”¹⁵.

O discurso de defesa das transmissões dos jogos pelo rádio não incluía o fato de que as emissoras e a própria imprensa começavam a ver o futebol como um negócio e que se vendia, na programação, espaços para os reclames que viabilizariam comercialmente as transmissões e pagariam os custos telefônicos da formação das redes. Mas os processos sociais e políticos que se desenvolveram durante a década seguinte iriam reforçar o argumento de que as transmissões iriam fazer propagar o futebol para além dos círculos em que eram praticados localmente, para se tornar um esporte de interesse nacional. O desenvolvimento do rádio reorganizou a experiência cotidiana dos seus ouvintes, o senso comum e os seus costumes e, concomitante com o crescimento e popularização do futebol, passaram a ser também experiências deslocadas do seu local.

O QUADRO A PARTIR DOS ANOS 1930

Durante o governo Vargas, foi se constituindo uma nova representação de Brasil, propagada pelos meios de comunicação de massa e pelos elementos mediadores presentes no processo de formatação de um novo contexto. No caso do rádio, Getúlio Vargas e os empresários brasileiros vinham, pela influência do que acontecia na Alemanha naquele momento, se articulando para criar um sistema midiático que pudesse ser capaz de controlar simbolicamente a sociedade. Havia a ideia de que se se utilizassem “corretamente” os meios de comunicação, as ferramentas para um tipo de modernização autoritária poderiam ser criadas (baseadas nas ideias de harmonia social, sem conflitos e comandada pelas elites) ao promover o envolvimento emocional das multidões. No período varguista, o meio eletrônico rádio foi usado de várias maneiras como elemento de poder, como no caso da estatal Rádio Inconfidência, ou indiretamente, como se constituíram as rádios privadas do conglomerado de Assis Chateaubriand.¹⁶

As rádios espalhadas pelo Brasil teriam, nessa perspectiva, a missão de criar as condições para a unidade nacional, em torno do Varguismo. Os meios de comunicação eletrônicos representavam a modernidade e foram usados politicamente, em uma clara manifestação do autoritarismo, sendo o rádio uma fonte de violência simbólica.

As emissoras de rádio (ou de televisão, um pouco mais tarde) cumpriam o papel de educadoras (COTA, 2016), na constituição do senso comum, quando pretendiam se constituir

como a voz do conjunto da sociedade. No entanto, elas se modificavam em razão dos contextos históricos e da negociação com a sociedade, criando, em determinadas circunstâncias, condições para a constituição de hegemonias discursivas (HALL, 2003).

Também foi nesse quadro que se deu a profissionalização do futebol. Em 1930, o futebol já era uma realidade como um fenômeno de massa (COSTA, 2006, p. 107), mas ele só se profissionalizaria em 1933 (SILVA, 2006, p. 30; AGOSTINHO, 2006, p.68). A profissionalização do esporte em Minas Gerais ocorreu também naquele ano, em que se deu a realização do primeiro campeonato profissional nesse estado (MOURA, 2012).

O futebol passou a representar um elo com o corpo nacional, integrado e sem conflitos, constituindo-se como uma comunidade nacional. (PARADA, 2006, p. 155). O esporte era capaz de aglutinar elementos da nacionalidade e tornou-se ainda mais popular naquela década de 1930 (COELHO, 2006, p. 242); esse fenômeno forjou uma nova tradição, juntamente com a música popular, com o rádio (os meios de comunicação, de uma maneira geral), uma nova legitimidade social e com todos os elementos da cultura popular daquele período, no período que se inicia com Getúlio Vargas no poder.

As teias do social se consolidam nas mediações e nesse trabalho escolhemos associar duas delas. Este artigo tem mais a levantar questões do que tentar fechá-las, na construção dos sentidos sociais do recorte temporal escolhido. Poderíamos analisar, por exemplo, como a música popular teve papel importante na construção do senso comum urbano no Brasil a partir da década de 1930, na relação entre o samba, o futebol e a nacionalidade, manifestações culturais espalhadas por todo país através das ondas do rádio. Mas vamos nos deter na construção da relação entre o futebol e o rádio nesse momento, abrindo as portas para outras possibilidades.

Como afirma Euclides Couto (2014), o rádio, na década de 1930, foi responsável pela articulação entre o torcedor, os clubes e a seleção brasileira; essa mediação faz parte de um processo histórico amplo que envolvia a construção de uma representação de Brasil pretendida pelo Varguismo. Portanto, o meio de comunicação rádio é um meio de produção social tal como é o futebol e ambos se entrelaçam no Brasil. O futebol e o rádio fazem parte, hoje, de uma indústria esportiva, mas também foram práticas sociais que antecedem o desenvolvimento da sua profissionalização, tanto da mídia eletrônica rádio quanto do esporte, sendo, depois, apropriados pelas indústrias culturais que se desenvolveram, em conjunto, nas décadas seguintes.

Por isso a importância de se estudar esses fenômenos de maneira imbricada e, mais do que isso, ver como se tornaram elementos do que passou a ser considerado como popular ao longo daquela década e das seguintes. A importância do Estado nesse processo é fato já comprovado por outros pesquisadores do assunto, mas o que queremos entender, em outro caminho, são os sentidos socialmente constituídos. Isso deve ser feito tendo em vista a relação entre o futebol, o rádio e os mediadores sociais da época, na maneira como se constituem como práticas sociais das massas e como estas ressignificam essa prática esportiva; isso é percebido, a partir das experiências mediadas pelo rádio, não somente no espaço privado, mas nas práticas coletivas de audição, como eram comuns na época.

A partir da década de 1930, depois da chegada de Getúlio Vargas ao poder, o Estado vai organizar esse processo e, tanto o futebol quanto o rádio, aliados a outros elementos

mediadores, contribuiriam para a constituição da legitimação de uma modernização autoritária que tinha como centro o próprio Estado brasileiro. O processo que se iniciava contribuiria para que o futebol ganhasse uma outra dimensão como esporte, popularizando-se como um elemento da cultura brasileira.

O indício que recolhemos, que indicava o número de 70 mil aparelhos na capital do país no ano de 1929, poderia nos permitir medir a extensão do alcance do rádio no Brasil naquele momento ou constatar um possível baixo impacto que o rádio poderia ter em relação ao número da população que o consumia naquela cidade. Mas também poderíamos pensar sobre esses dados, já que, tomando-os como supostamente corretos, não dizem sobre o alcance da audição coletiva que o rádio proporcionava nos bares, cafés ou mesmo nas casas mais abertas às visitas nas horas das transmissões dos jogos. Por exemplo, em 1930 os clubes esportivos disponibilizavam rádios para audição coletiva da irradiação dos jogos da seleção brasileira, no episódio da Copa do Mundo do Uruguai. Os clubes não eram abertos a todos, na disponibilização de tal audição coletiva, determinando um certo nível de exclusão no processo de escuta. Mas a existência desse fenômeno nos indica que as audições coletivas representavam um contingente relevante de “atingidos” pelas emissoras de rádio.¹⁷

Um outro aspecto importante é que os clubes foram se abrindo para as irradiações. Em 1931, o Botafogo, antes resistente às locuções, inaugurava seu próprio sistema de alto-falantes, que divertiriam os torcedores presentes nos estádios executando músicas, antes e durante os intervalos.¹⁸ Em 1932, a Rádio Club já transmitia as partidas do campeonato carioca de futebol entre os times do Botafogo e do Bonsucesso.¹⁹

Também é importante dizer que em outros estados as irradiações começavam a ocorrer. O primeiro indício de transmissão que encontramos em Minas Gerais foi em 1932. Naquele ano, os jogos entre o Vasco e o Athletico Mineiro eram transmitidos pela Rádio Mineira, a primeira de Belo Horizonte, e retransmitidos por algumas rádios do Rio de Janeiro, como a Rádio Guanabara.²⁰ A Rádio Mineira, fundada em 1927, parece ter sido a pioneira na transmissão de eventos esportivos nesse estado. Naquele ano de 1932, ela também retransmitia a rede que irradiava a Taça Rio Branco, em parceria com o Jornal Correio da Manhã e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, diretamente de Montevideu.²¹ A *Companhia Telefônica Brasileira* havia disponibilizado uma linha para a transmissão, por telefone, para o Brasil, através da Rádio Guanabara e da Rádio Sociedade. O sistema conectava, por telefone, a Rádio Mineira, em Belo Horizonte. Já nessa época, no centro da capital do país, foram colocados alto-falantes para a audição pública das emissoras cariocas:

O correio da Manhã e a UTB (União Telegráfica Brasileira), em colaboração com a Cia. Telegráfica Brasileira, controlados pelos cabos submarinos Italcable, organizam um serviço pelo telephone internacional, que permitirá ao público ouvir a descrição do match, feita diretamente do stadium centenário, pela estação de rádio sociedade do Rio de Janeiro.²²

Os relatos posteriores ao jogo nos informavam que o som advindo da Rádio Guanabara

17 CAMPEONATO mundial de Football. Correio da manhã. Rio de Janeiro, n.10906, p. 10, 12 de julho 1930.

18 MISCELÂNEA sportiva. Correio da manhã, Rio de Janeiro, n.11127, p. 8. 28 de março de 1931.

19 SEM fio. Correio da manhã, Rio de Janeiro, n. 11601, 2 outubro 1932.

20 SEM fio. Correio da manhã, Rio de Janeiro, n. 11601, 2 outubro 1932.

21 IRRADIAÇÃO do Match. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 11654, 2 dezembro 1932.

22 EM FRENTE ao Correio da Manhã. Correio da manhã. Rio de Janeiro, n. 11662, 11 dezembro 1932.

havia chegado de maneira límpida à Belo Horizonte através da retransmissão em rede, pela Rádio Mineira. Como no Rio de Janeiro, as pessoas foram às ruas para escutar a irradiação pelos alto-falantes e o Correio da Manhã relatava a presença de 10.000 pessoas em Belo Horizonte. O relato também dizia da audição no interior de Minas Gerais, pelo canal da Rádio Mineira. Nesse caso, a transmissão era mais uma descrição das informações e o formato de narração iria ser desenvolvido ao longo da década de 1930, até chegarmos à moderna locução de eventos esportivos.²³

IMAGEM 1- POPULAÇÃO ACOMPANHANDO O JOGO PELOS ALTO-FALANTES EM 1932.



Fonte: Correio da Manhã, 6 de dezembro de 1932

A partir de meados dos anos de 1930, seriam vários os estabelecimentos de redes, não somente para a transmissão de jogos da seleção, mas também para a dos jogos dos clubes, que ganhavam projeção para além dos seus estados, depois do processo de profissionalização ocorrido no início daquela década.²⁴ No ano de 1937, a Rádio Nacional e a Rádio Club do Rio de Janeiro, estabeleciam uma parceria para a transmissão dos jogos dos times da cidade. A formação das redes foi importantíssima neste processo de expansão do futebol para além dos limites locais e os times passavam a ser conhecidos em outros lugares também.

IMAGEM 2- ANÚNCIO DA TRANSMISSÃO DOS MATCHES



Fonte: Gazeta de notícias, 13 de agosto de 1939

O rádio estava reconfigurando o “football”, transformando-o em um esporte nacional, acompanhando o processo de modernização autoritária que ocorreria durante o período

que estudamos, os anos de 1930 e início dos 40. Mas não era somente o “football” que atraía a atenção dos ouvintes das rádios. Em 1937 várias emissoras transmitiram direto do “*Circuito da Gávea*” o “*Grande prêmio da cidade do Rio de Janeiro*” de automobilismo. Segundo os jornais da época, foi montada uma estrutura de comunicação, via telefone, que oferecia às emissoras assinantes 86 linhas diretas disponibilizadas pela *Companhia Telefônica Brasileira* para o evento, que permitiu a instalação de 115 aparelhos de telefones que serviam às rádios. A Rádio Inconfidência transmitiu o evento para Minas Gerais, bem como a Rádio Guarany de Belo Horizonte.²⁵

As representações da nação do varguismo tinham seus tentáculos sobre os elementos mediadores e o futebol tinha um papel importante (como na Copa do Mundo de 1938), quando foi usado politicamente. No dia 16 de julho daquele ano, o jornal “*Correio Paulistano*” noticiava que o presidente Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha haviam acompanhado pelo rádio a vitória da seleção brasileira sobre a Tchecoslováquia, irradiada para o Brasil pela Rádio Club do Brasil, na voz de Gagliano Neto, *speaker* da emissora.²⁶ No final do ano de 1938, a irradiação da Copa do Mundo para o Brasil havia estabelecido um novo padrão de transmissão que iria se prolongar pelos anos seguintes. A maneira informativa do início da década ia sendo substituída pelo desenvolvimento da especificidade da linguagem do rádio, como aconteceu com o jornalismo que foi remodelado pelo padrão do programa *Reporter Esso*, um pouco mais tarde. Gagliano Netto parece ter sido importante na nova maneira de se narrar um jogo de futebol, ao menos na visão de certos jornais da época.²⁷

A SEGUNDA METADE DA DÉCADA E A RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Daqui para frente, vamos falar um pouco sobre a Rádio Inconfidência, procurando observar como esse fenômeno geral que apresentamos anteriormente pôde ser notado nessa emissora. A rádio foi fundada no ano de 1936 e se inseria, a partir daquele momento, no quadro daquelas primeiras rádios brasileiras. Em Minas Gerais, numa dimensão mais regional, Benedito Valadares queria fazer da Rádio Inconfidência um elo entre a capital e o interior.

A Rádio Inconfidência fez a cobertura da Copa de 1938, dois anos depois de ter sido inaugurada e deu ênfase, nas suas reportagens, aos mineiros que faziam parte dos convocados da seleção nacional, colocando os jogadores Niginho (Leonídio Fantoni), Perácio (José Perácio Berjun) e Zezé Procópio para conversarem ao vivo com seus parentes no Brasil.²⁸ Em 15 de julho de 1938, o *Jornal do Comércio* anunciava, dessa forma, a transmissão da Rádio Inconfidência em Belo Horizonte:

O jogo de hoje do campeonato mundial será irradiado em Minas Gerais pela Rádio Inconfidência. Com viva emoção, verdadeiras multidões se aglomeram nos cafés e bares, e em todos os pontos onde há alto-falantes. O grande encontro de hoje está sendo aguardado com o máximo interesse.²⁹

A Inconfidência funcionava, portanto, como um nó aglutinador de certos eventos esportivos, como foi no caso da Copa de 1938. Um ponto interessante é que, na narrativa

25 IRRADIAÇÃO será feita em 25 emissoras. *Pequeno Jornal: Jornal Pequeno*. Pernambuco, n.133, 15 junho, 1938.

26 A IRRADIAÇÃO do jogo. *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 25226, p. 20, 5 junho, 1938.

27 O CAMPEÃO dos speakeres. *Carioca*. Rio de Janeiro, n. 145, p. 40.

28 PERÁCIO, Niginho e Zezé falarão, hoje, com suas famílias. *Jornal A Noite*. 15 julho de 1938.

29 O INTERESSE nos Estados. *Jornal do Comércio*, p. 9, 15 de junho de 1938.

construída pelo jornal, a cidade e as multidões viviam a Copa do Mundo em Belo Horizonte como um evento de grande importância, havendo uma grande mobilização popular como ocorreu em outras cidades. O futebol ganhava a dimensão da própria incorporação da nacionalidade no Estado Novo que buscava uma legitimação nos seus mediadores culturais. No texto acima, além da descrição do fato em si, buscamos entender os sentimentos daquela época e a vivência compartilhada pela nação em relação ao futebol, que foi sendo alimentado ao longo do século XX. Temos, então, um bom exemplo do enquadramento pretendido pelo Estado, propagado pelos alto-falantes das emissoras de rádio e apropriado de maneira diferenciada pela população.

Vejamos um trecho de outro jornal, que também poderia nos ajudar a compreender esse sentimento em Belo Horizonte, a partir do enquadramento do futebol como um elemento da nacionalidade, no evento transmitido pela Rádio Inconfidência:

Afim de proporcionar aos funcionarios do Estado oportunidade de acompanharem pelo rádio, as notícias da partida de hoje, do campeonato mundial de foot-ball, o governador determinou que o horário das repartições públicas estaduais, hoje, são os mesmos dos sábados, isto é, sómente pela manhã.³⁰

Em Minas Gerais, o governador Benedito Valadares fazia da Rádio Inconfidência um instrumento de poder e de conexão com o interior. A Copa do Mundo juntava-se, nesse aspecto, às transmissões das festividades da Semana Santa e das festas populares mineiras. Nesse momento, a Rádio Inconfidência chamava-se de *A Voz de Minas* e, um pouco mais tarde, ela passou a se representar como “O Gigante do Ar”.³¹

As multidões inseridas nas políticas culturais do Estado Novo, na maneira como estudou Maria Helena Capelato, tinham no Estado um ponto centralizador. Em uma dimensão regional, em Minas Gerais a Rádio Inconfidência, estatal, passou a ter um papel relevante como teria a Rádio Nacional um pouco mais tarde. É preciso lembrar que, naquele momento, a Nacional já era uma rádio muito importante que coordenava a rede composta pela Inconfidência e outras, mesmo sendo uma emissora privada.

No Rio de Janeiro, o Departamento de Propaganda e Turismo daquele estado espalhou alto-falantes pela cidade para que a população pudesse ouvir a Rádio Nacional. Em Minas Gerais, quem colocava os alto-falantes nas ruas era a emissora oficial do estado. A Rádio Inconfidência era uma organização midiática que contribuiria para a educação da nacionalidade, naquilo que unia e naquilo que representava as idiosincrasias brasileiras. A seleção era a expressão da nacionalidade, transmitida aos mineiros por aquela emissora estatal que se colocava como a “Voz de Minas”.³²

30 FECHARAM cedo as repartições. Correio da manhã. Rio de Janeiro, N.13373, p.6. 15 junho, 1938.

31 Como analisamos na tese sobre essa emissora, em alguns momentos, a rádio buscava uma autorrepresentação na qual essa se fundia ao que era ser mineiro, o que se traduzia no seu slogan desde a sua fase inicial: *A Voz de Minas*. À medida que a rádio foi ganhando potência nas décadas seguintes, a imagem da emissora passou a ser representada como “gigante”, como era na década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek. O slogan deixou de ser, paulatinamente *A Voz de Minas* e passou a ser, hegemonicamente, *O Gigante do Ar*. Duas representações da identidade, cujos significados foram forjados em contextos específicos, mas usados de maneiras diversas, dependendo momento em que se inseria. Nos anos de 1960 o departamento esportivo acresceu ao *Gigante do Ar*, a ideia de que a Inconfidência era a rádio padrão da América, ou, da maneira como era dito pelo importante jornalista esportivo Jairo Anatólio Lima: “Rádio Inconfidência, emissora padrão do continente, o gigante do ar.”

32 A questão da relação do futebol com o Estado Novo foi abordada por vários estudiosos do esporte como no caso do livro organizado em 2006 (SILVA, 2006).

No final da década foram crescendo os programas esportivos. Em 1938, a emissora oficial de Minas tinha um noticiário esportivo que ia ao ar às 19 horas e tinha 15 minutos. O programa era intercalado com músicas e vinha antes do noticiário chamado de “Jornal Falado”. A Rádio Mineira e a Rádio Club do Rio de Janeiro, por exemplo, tinham noticiosos que tinham o mesmo nome, o “Onda Sportiva”. O programa da Rádio Mineira era dirigido pelo radialista Aulo Gouvêa.³³ O programa de esportes da Rádio Inconfidência era chamado de “Noticiário sportivo” e ocupava um espaço diminuto na programação, se comparado ao Jornal de notícias, que também tinha a característica de apresentar elementos da cultura e intercalava o programa com músicas e literatura, além de assuntos religiosos.³⁴

No ano seguinte, em 1939, a Rádio Inconfidência fez parte de uma rede nacional de vinte e cinco emissoras (também lideradas pelas Rádio Nacional, a estação-chave, como era chamada na reportagem do jornal “A Noite”), que iria transmitir a Copa Roca daquele ano:

A cidade e o Brasil aguardam, dentro de pouco mais de 24 horas, o sensacional embate entre argentinos e brasileiros, em porfia do centro de foot-ball sul-americano. Não se fala em outra coisa, mesmo nos círculos mais silenciosos... É a natural curiosidade por tudo que diga respeito ao cotejo de “cracks” da pelota amanhã, no stadium do Vasco da Gama, sobrevem uma pergunta: Qual a melhor maneira de acompanhar a pugna? Sem dúvida comparecer pessoalmente ao teatro da luta. Mas nem todos poderão ter este prazer. 50 mil pessoas que compareçam na grande praça de sports de São Januário nada significam ante a população da cidade e do Brasil.³⁵

O jornalista parecia tentar justificar o fato de que a transmissão seria feita pelas emissoras de rádio. A mediação do rádio exigia a descoberta de outra maneira de experimentar o esporte, a criação de um imaginário da “pugna” através da oralidade proporcionada pelas transmissões feitas pelas ondas do rádio.

Vemos, portanto, o extraordinário alcance da iniciativa da Sociedade Rádio Nacional, alinhando em cadeia nada mais que 25 emissoras brasileiras, para a transmissão do empolgante jogo de amanhã. Oduvaldo Cozzi, o repórter que dispensa comentários relatará minuciosamente o desenvolvimento da partida, e as 25 emissoras retransmitirão sua reportagem, permitindo que qualquer brasileiro, colocado em qualquer ponto do território nacional, acompanhe o desenrolar da maior partida do football dos últimos tempos, tal o setor de alcance da cadeia de que é a estação chave a PRE-8 e que, pode se afirmar, representa a maior já reunida no Brasil.³⁶

As fontes acima não só nos apontam apenas a formação das redes nacionais de transmissão, mas também para a integração do Estado Nacional brasileiro através das ondas de rádio. A rede que detectamos era composta tanto de rádios privadas quanto de estatais, como era o caso da Rádio Inconfidência. Grande parte delas estavam no Sudeste, no interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais; também compunham a rede a Rádio Sociedade Gaúcha, de Porto Alegre, a Rádio Club de Pernambuco, a Rádio Tabajaras de João Pessoa, a Rádio Club do Ceará, a Rádio Club do Pará e outras em ondas curtas, como a Rádio Internacional, além da Rádio Club de Pernambuco que também transmitia em 49 metros, em ondas curtas.

A transmissão do jogo entre a seleção brasileira e a Polônia, realizada pela Rádio Clube do Rio de Janeiro em conexão com a rádio estatal de Minas Gerais parece ter tido significativo

33 RADIO Novidades. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, p. 3, 22 de julho 1939.

34RÁDIO. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 9 julho de 1938.

35 A COPA Roca na maior cadeia de broadcasting do Brasil! A Noite, n. 9674, 14 Janeiro 1939.

36 Op.cit.

impacto na população da capital mineira:

O povo vibrou intensamente sendo empolgado do maior entusiasmo quando foi anunciada a vitória final dos brasileiros. Cada lance do jogo era acompanhado de aplausos, num verdadeiro delírio popular. Toda população o desenrolar da sensacional partida, através da irradiação da Rádio Clube do Brasil que, em Minas Gerais foi retransmitida pela Rádio Inconfidência.³⁷

Dois anos depois, em 1940, a Rádio Inconfidência retransmitia da emissora Mayrink Veiga (a cabeça da rede das transmissões da Copa Roca), os três jogos do evento que aconteceram em São Paulo e em Buenos Aires. Esta rede também era composta pela Record de São Paulo, Rádio Difusora de Petrópolis e Sociedade da Bahia. O speaker era o já famoso Gagliano Netto.³⁸

O Estado Novo, como se sabe, soube usar o rádio a seu favor na construção de processos mediadores, tentando se constituir como uma nova hegemonia discursiva. As mediações passavam (como a nossa pesquisa anterior também demonstrou) pelas transmissões de eventos diretamente ligados ao Estado brasileiro, tanto os esportivos como os cívicos, populares ou religiosos. Também a Rádio Inconfidência realizava transmissões que eram retransmitidas nacionalmente pela rádio Nacional. O esporte passava então a compor (juntamente com a cultura e com a religiosidade), a noção de brasilidade e os sucessos da seleção nas Copas do Mundo dimensionavam positivamente o futebol na constituição da representação da nação.

A partir desse momento, a centralidade buscada pelo Estado Novo se manifestava através da seleção brasileira de futebol, ou Foot-Ball, como era chamado o esporte na época por alguns jornais. Portanto, poderíamos pensar no papel aglutinador da nação que o futebol adquiriu, por meio das rádios comerciais e estatais, como era o caso da Rádio Inconfidência em Minas. A partir da década de 1930, o rádio e futebol, assim como a música popular, passaram a ser instrumentos da construção de uma hegemonia que queria se impor naquilo que depois foi chamado de Vargasismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio é um meio eletrônico cujo uso foi pensado para o espaço privado, mas as condições dessa utilização dependeram, historicamente, do processo de desenvolvimento da sua indústria e, durante algumas décadas, as emissoras foram escutadas em praças públicas, quando essas organizavam as comemorações nos jogos da seleção brasileira, as festas populares e as festas cívicas. Nas décadas de 1930, 1940 e até mais, nos anos de 1950 e 1960, o rádio funcionou como um aglutinador das festas urbanas, interferindo veementemente nas relações de sociabilidade no espaço urbano ou conectando o mundo rural à urbanidade. O rádio também estava, portanto, direta e indiretamente no espaço público e sua linguagem oralizada, “esquentava” essa sociabilidade nas camadas mais pobres da população, nos mundos de trabalho e nos espaços de lazer.

Em relação ao futebol, as nossas fontes indicaram que podemos entender a sua construção como representação da nacionalidade na sua relação entrelaçada com o rádio, bem como o crescente processo de popularização desse esporte no Brasil. Não que o futebol fosse menos

37 O REGOSIJO nos estados brasileiros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 131, 7 junho, 1938.

38 GAZETA nos studios. *Gazetas de notícias*. Rio de Janeiro, n. 35, p. 10, 13 fevereiro, 1940.

popular anteriormente, mas ele ganhou outra dimensão através do rádio, para além da sua escuta local, criando torcedores distanciados dos estádios.

O significado do que é cultura popular se constrói historicamente, como um processo. Na perspectiva dos Estudos Culturais e da História Social, principalmente aquela que pretende ver a história a partir da cultura das classes subalternas, a cultura popular é uma construção social, marcada pelas relações materiais que permitem a criação de representações do que o povo; essas representações são utilizadas e apropriadas por grupos que podem enquadrar a cultura em uma determinada visão de mundo, como fez o varguismo, principalmente a partir do Estado Novo. (HALL, 2003; WILLIAMS, 2011; GRAMSCI, 2017; THOMPSON, 2012).

Como podemos relacionar o futebol a essa perspectiva? Em primeiro lugar, é preciso perguntar como o futebol se tornou um esporte nacional e as condições dessa construção, tendo em vista a situação histórica vivenciada pelas pessoas, no seu dia a dia e pelo contexto político do momento. O futebol se tornou uma tradição popular, inventada nas tramas das redes de poder e do controle social, como afirma Eric Hobsbawn (1984). Para isso, temos que entrecruzar o desenvolvimento desse esporte ao desenvolvimento das indústrias midiáticas brasileiras e aos outros elementos culturais que, conjugados, constituem-se como uma nova hegemonia, quando são apropriados e redimensionados por um enquadramento sobre o que se passou a ser chamado de “cultura brasileira”, a partir de 1930, pelo varguismo.

Desculpem-me um adendo aqui, nesse momento que já estamos caminhando para o fim da nossa discussão. Eu escrevo este texto no dia que Diego Armando Maradona morreu. O noticiário de hoje estimava a presença de mais de um milhão de pessoas nas ruas da capital argentina, em meio à pandemia do Covid-19, que tem matado milhões de pessoas pelo mundo. Eu, como um ator da história, também vivo o futebol mais do que tento descrevê-lo neste pequeno relato. Mas como a morte de Maradona me afeta? Que condições são criadas para que isso ocorra? Qual o papel dos meios de comunicação nesse processo? Que dimensões midiáticas ou, por outro lado, que outros tipos de mediações levaram tantas pessoas ao enterro desse que foi considerado um dos maiores jogadores de todos os tempos? Quem o elegeu dessa forma e em que condições, a ponto de se tornar tão popular?

Partimos da perspectiva de que a cultura popular é uma construção social e aos historiadores resta a difícil tarefa de tentar compreender um pouco dos sentimentos de uma determinada época, que se apresentam nos indícios que colhemos nas fontes. Maradona era uma representação desse sentimento ocasionado pelo futebol. Então, não pretendemos, ao longo do nosso tempo, apenas descrever os eventos das irradiações dos jogos, mas entender como as rádios descobriram que podiam ser populares através dessa modalidade que, cada vez mais, incorporava a atenção dos pobres.

Pudemos constatar, através de nossas fontes, que a formação das redes para as transmissões dos jogos da seleção levou o futebol para além da sua realidade local, criando uma experiência mediada para esse esporte e fazendo com ele se desenvolvesse em todo país. Liga-se a esse processo os usos realizados pelas estruturas de poder do Estado brasileiro, ao apropriarem do futebol e transformá-lo em um elemento da nacionalidade, ao tomá-lo como elemento aglutinador. Portanto, é uma relação dialética em que o Estado usa tanto o rádio quanto o futebol para a legitimação do projeto autoritário de modernização que se delineava no governo de Getúlio Vargas.

Mas, o mais importante, a nosso ver, é a maneira como as classes subalternas se apropriavam do futebol de uma outra maneira, nas ruas, nas praças, na audição coletiva através dos alto-falantes. Se aproximarmos tal vivência do nosso tempo, poderíamos pensar, por exemplo, na prática de levar os pequenos rádios para os estádios, uma simbiose entre as várias mediações que podem acontecer entre o futebol e essa pequena caixinha de comunicação chamada rádio, ainda muito presente. E aí a História Oral poderia nos ajudar muito nesse aspecto, o de desvendar essa trama da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. **O futebol no Oeste de Minas: Os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925)**. Revista Maracanã. Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-124, maio-agosto, 2019.
- A MOMENTOSA questão da irradiação das partidas de futebol. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, n. 308, p.6, 26 julho de 1929. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093092_01/3593. Acesso em: 24 nov. 2020.
- A IRRADIAÇÃO do jogo. **Correio Paulistano**. São Paulo, n. 25226, p. 20, 5 junho, 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/24373. Acesso em: 24 nov. 2020
- AZEVEDO, Lia Calabre. **A era do Rádio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2002.
- AZEVEDO, Lia Calabre. **No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil, 1923-1960**. 1v. Tese (Doutorado em História) Curso de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2002. 276 f.
- SEM fio. **A noite**. Rio de Janeiro, n. 6354, p. 4, 28 julho de 1929. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_02/26201. Acesso em: 24 nov. 2020.
- CAMPEONATO mundial de Football. **Correio da manhã**. Rio de Janeiro, n.10906, p. 10, 12 de julho de 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/2841. Acesso em: 24 nov. 2020.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. 2.ed. - São Paulo :Editora UNESP, 2009.
- CORREA, Luiz Otávio **Rádio Inconfidência, memórias e representações da nação: Mediações culturais em uma emissora estatal (1970-1991)**. Orientador: Juniele Rabelo de Almeida. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. 407 f. : il.
- COTA, Leide Mara da Conceição. **Rádio, educação e formação da identidade nacional: um estudo da rádio inconfidência de Minas Gerais (1936-1945)**. 221 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social). UFMG, Belo Horizonte, 2016.
- COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- EM FRENTE ao Correio da Manhã. **Correio da manhã**. Rio de Janeiro, n. 11662, 11 dezembro de 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/14362. Acesso em: 24 nov. 2020.
- FECHARAM cedo às repartições. **Correio da manhã**. Rio de Janeiro, N.13373, p.6. 15 junho de 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/46777. Acesso em 25 nov. 2020.
- GAZETA nos studios. **Gazetas de notícias**. Rio de Janeiro, n. 35, p. 10, 13 fevereiro de 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/422. Acesso em: 24 nov. 2020.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Vol. 2. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 2004.
- GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O jogo da narração – A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de

Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

HALL, Stuart. Da diáspora. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

IRRADIAÇÃO do Match. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 11654, 2 dezembro de 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/089842_04/14242. Acesso em: 24 nov. 2020

IRRADIAÇÃO será feita em 25 emissoras. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**. Pernambuco, n.133, 15 junho de 1938. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800643/61210>. Acesso em: 24 nov. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996. p. 538. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges.

LUGUORI, Guido; VOZA, Pascale. **Dicionário Gramsciano, 1926-1937**. Trad. Ana Maria Chiarini et al. São Paulo: Boitempo, 2017

MAIS um goal da Radio Club do Brasil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 97, n. 179, p. 13, 27 julho, 1929. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/77239. Acesso em: 24 nov. 2020.

MARTÍN-BARBERO. Jesús. **Dos meios às mediações**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997. p. 248.

MISCELÂNEA sportiva. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, n.11127, p. 8. 28 de março de 1931. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/6406. Acesso em: 24 nov. 2020.

MOURA, Rodrigo C. B. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: O futebol em Belo Horizonte na década de 1930**. In: O futebol nas Gerais. O futebol nas Gerais / Silvio Ricardo da Silva, José Alfredo de O. Debortoli, Tiago Felipe da Silva, organizadores. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2012.

O CAMPEÃO dos speakeres. **Carioca**. Rio de Janeiro, n. 145, p. 40. <http://memoria.bn.br/DocReader/830259/8791>

O INTERESSE nos Estados. **Jornal do Comércio**, p. 9, 15 de junho de 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/54707

O REGOSIJO nos estados brasileiros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 131, 7 junho de 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/84932. Acesso em: 24 nov. 2020.

PERÁCIO, Niginho e Zezé falarão, hoje, com suas famílias. **Jornal A Noite**. 15 julho de 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/54765

POOL, Ithiel de Sola. Discursos y sonidos de largo Alcance. In: **Historia de la comunicacion: de la imprenta a nuestros dias**. Raymond Willians(org.) Vol. 2. Barcelona: Bosch casa editorial. 1992.

RÁDIO. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, 9 julho de 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/55078. Acesso em: 24 nov. 2020.

A COPA Roca na maior cadeia de broadcasting do Brasil! **A Noite**, n. 9674, 14 Janeiro 1939. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/60651. Acesso em: 24 nov. 2020.

SEM fio. **A noite**. Rio de Janeiro, n. 06509, p. 4, 28 de dezembro de 1929. Disponível em: <http://>

memoria.bn.br/DocReader/348970_02/27409. Acesso em: 24 nov. 2020

SEM fio. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, n. 11601, 2 outubro 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/14090. Acesso em: 24 nov. 2020.

SILVA, Francisco Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad Editora: Faperj, 2006.

SOARES, Edileuza. **A Bola no ar: Rádio Esportivo em São Paulo**. São Paulo, Summus editorial, 1994.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 2º. Ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CADERNOS DE HISTÓRIA